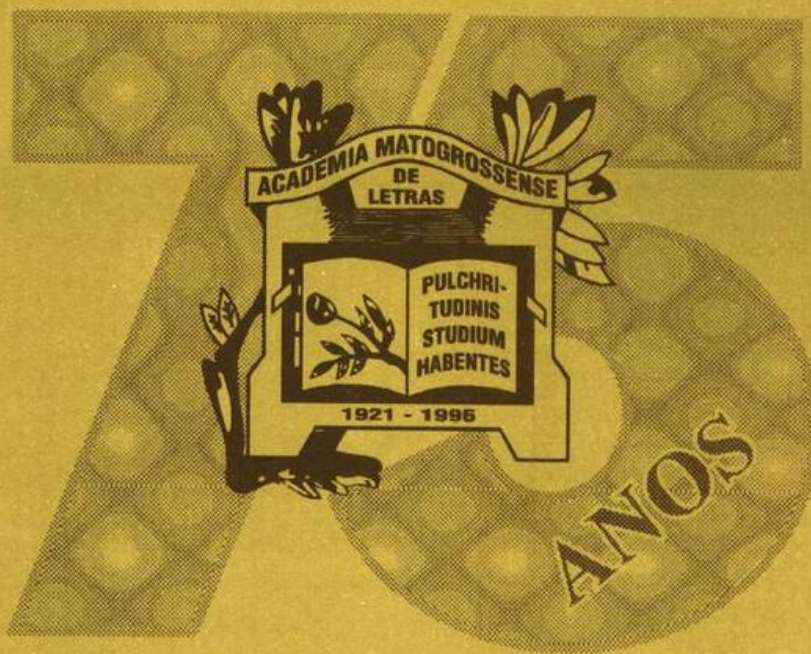


REVISTA COMEMORATIVA DO JUBILEU DE DIAMANTE
(1921-1996)

JUBILEU DE DIAMANTE



CUIABÁ - MT
1996

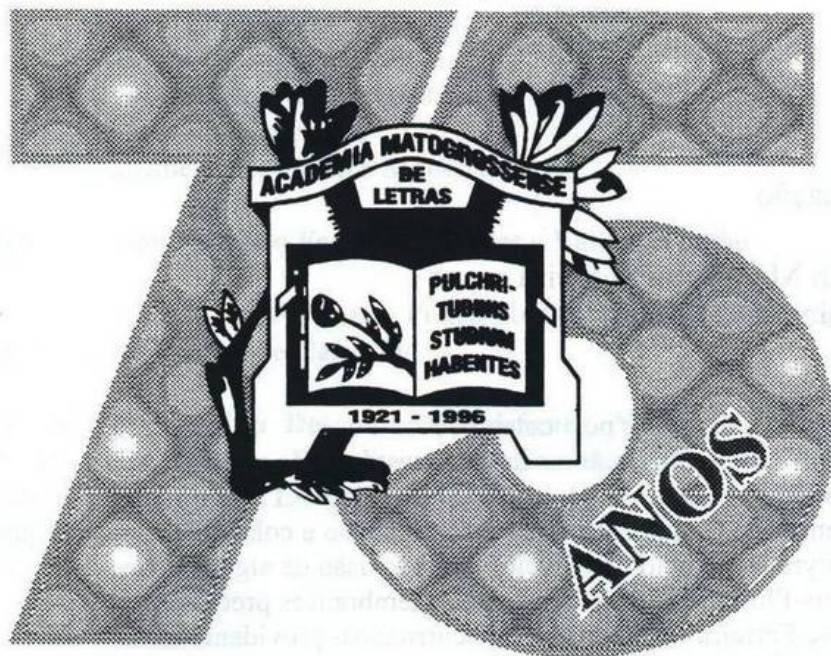
1996 /
39

REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE
DE LETRAS

ANO: 1996 - Nº Especial comemorativo dos 75 anos
da AML

REVISTA COMEMORATIVA DO JUBILEU DE DIAMANTE
(1921-1996)

JUBILEU DE DIAMANTE



CUIABÁ - MT
1996

Coordenação

Elizabeth Madureira Siqueira
Acadêmica - Cadeira nº 29

Agradecimentos especiais pela colaboração:

- A todos os acadêmicos, autores desta Revista
- Aos Acadêmicos

Lenine de Campos Póvoas - pelo empenho e colaboração nas pesquisas

Satyro Benedicto de Oliveira - pela revisão de alguns textos

Luis-Philippe Pereira Leite - pelas lembranças preciosas

José Ferreira de Freitas - pelos currículos- providenciados

Benedito Pereira do Nascimento - pelo desempenho nessa edição

Fotos: Victor Hugo Zanora - Restaurador e Artista Plástico Peruano

DIRETORIA

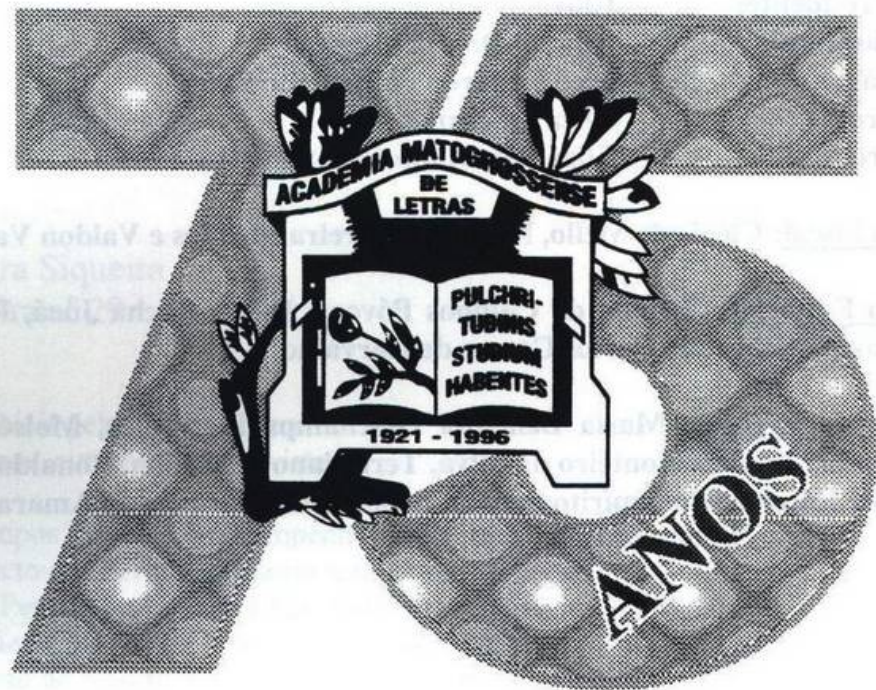
| | |
|----------------------------|--|
| Presidente: | João Alberto Novis Gomes Monteiro |
| 1º Vice-Presidente: | Satyro Benedicto de Oliveira |
| 2º Vice-Presidente: | Clóvis Pitaluga de Moura |
| Secretário Geral: | Adauto Dias de Alencar |
| 1º Secretário: | José Eduardo do Espírito Santo |
| Tesoureiro: | Nilza Queiroz Freire |
| 1º Tesoureiro: | Elizabeth Madureira Siqueira |

Conselho Fiscal: Clóvis de Mello, Natalino Ferreira Mendes e Valdon Varjão

Comissão Editorial: Lenine de Campos Póvoas, Pedro Rocha Jucá, Ronaldo de Arruda Castro, Sebastião Carlos Gomes de Carvalho

Comissão de Eventos: Maria Benedita Deschamps Rodrigues, Moisés Mendes Martins Júnior, Ubaldino Monteiro da Silva, Tertuliano Amarilha, Ronaldo de Arruda Castro, José Eduardo do Espírito Santo e Leopoldino Marques do Amaral.

JUBILEU DE DIAMANTE



SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| 1 - Prefácio - Reitoria da UFMT | |
| Profa. Luzia Guimarães - Reitora da UFMT | 7 |
| 2 - Palavra do Presidente | |
| Acadêmico João Alberto Novis Gomes Monteiro..... | 9 |
| 3 - Galeria dos Presidentes | 10 |
| 4 - Os 11 primeiros, dos 75 anos da Academia Matogrossense de Letras | |
| Acadêmica Elizabeth Madureira Siqueira..... | 15 |
| 5 - Síntese Histórica das 40 Cadeiras | 35 |
| | |
| Cadeira nº 01 - Patrono: José Barbosa de Sá | |
| <i>A Coordenação</i> | 37 |
| Cadeira nº 02 - Patrono: Joaquim da Costa Siqueira | |
| <i>Satyro Benedicto de Oliveira</i> | 43 |
| Cadeira nº 03 - Patrono: Ricardo Franco de Almeida Serra | |
| <i>A Coordenação</i> | 53 |
| Cadeira nº 04 - Patrono: Pe. José Manuel de Siqueira | |
| <i>A Coordenação</i> | 61 |
| Cadeira nº 05 - Patrono: Antônio Pires da Silva Pontes | |
| <i>Clóvis Pitaluga de Moura</i> | 69 |
| Cadeira nº 06 - Patrono: Francisco José de Lacerda e Almeida | |
| <i>A Coordenação</i> | 79 |
| Cadeira nº 07 - Patrono: Cônego José da Silva Guimarães | |
| <i>Maria de Arruda Müller</i> | 85 |
| Cadeira nº 08 - Patrono: Luis D'Alincourt | |
| <i>Moisés Mendes Martins Júnior</i> | 89 |
| Cadeira nº 09 - Patrono: Dom José Antônio dos Reis | |
| <i>Leopoldino Marques do Amaral</i> | 103 |
| Cadeira nº 10 - Patrono: Prudêncio G. Tavares da Veiga Cabral | |
| <i>Corsíndio Monteiro da Silva</i> | 111 |
| Cadeira nº 11 - Patrono: Barão de Melgaço (Augusto Leverger) | |
| <i>Antônio de Arruda</i> | 115 |
| Cadeira nº 12 - Patrono: Antônio Cláudio Soído | |
| <i>Ronaldo de Arruda Castro</i> | 123 |
| Cadeira nº 13 - Patrono: Antônio Corrêa do Couto | |
| <i>José Eduardo do Espírito Santo</i> | 135 |
| Cadeira nº 14 - Patrono: Pe. Ernesto Camilo Barreto | |
| <i>Nilza Queiroz Freire</i> | 145 |
| Cadeira nº 15 - Patrono: Joaquim Mendes Malheiros | |
| <i>Natalino Ferreira Mendes</i> | 149 |
| Cadeira nº 16 - Patrono: Antônio Augusto Ramiro de Carvalho | |
| <i>Valdon Varjão</i> | 157 |
| Cadeira nº 17 - Patrono: João Severiano da Fonseca | |
| <i>Padre Pedro Cometti</i> | 167 |
| Cadeira nº 18 - Patrono: Francisco A. Pimenta Bueno | |
| <i>Hélio Serejo</i> | 173 |
| Cadeira nº 19 - Patrono: José Vieira Couto de Magalhães | |
| <i>Vera Iolanda Randazzo</i> | 179 |
| Cadeira nº 20 - Patrono: José Estêvão Corrêa | |
| <i>Benedido Pereira do Nascimento</i> | 187 |
| Cadeira nº 21 - Patrono: Manuel Corsino Peixoto do Amarante | |
| <i>Luis-Philippe Pereira Leite</i> | 199 |
| Cadeira nº 22 - Patrono: Visconde de Taunay | |
| <i>Pedro Rocha Jucá</i> | 205 |
| Cadeira nº 23 - Patrono: Antônio Gonçalves de Carvalho | |
| <i>Tertuliano Amarilha</i> | 209 |

| | |
|--|-----|
| Cadeira nº 24 - Patrono: Aquilino Leite do A. Coutinho | |
| <i>A Coordenação</i> | 217 |
| Cadeira nº 25 - Patrono: Amâncio Pulchério de França | |
| <i>João Antônio Neto</i> | 223 |
| Cadeira nº 26 - Patrono: Joaquim Duarte Murtinho | |
| <i>Benedito Pedro Dorileo</i> | 231 |
| Cadeira nº 27 - Patrono: José Barnabé de Mesquita (Sênior) | |
| <i>Ubaldo Monteiro da Silva</i> | 237 |
| Cadeira nº 28 - Patrono: Caetano Manuel de F. Albuquerque | |
| <i>A Coordenação</i> | 241 |
| Cadeira nº 29 - Patrono: Antônio Corrêa da Costa | |
| <i>Elizabeth Madureira Siqueira</i> | 247 |
| Cadeira nº 30 - Patrono: Manuel Espiridião da C. Marques | |
| <i>Francisco Leal de Queiroz</i> | 257 |
| Cadeira nº 31 - Patrono: José Delfino da Silva | |
| <i>Adauto Dias de Alencar</i> | 261 |
| Cadeira nº 32 - Patrono: Francisco C. Teixeira de Brito | |
| <i>José Ferreira de Freitas</i> | 267 |
| Cadeira nº 33 - Patrono: Mariano Ramos | |
| <i>Lenine de Campos Póvoas</i> | 279 |
| Cadeira nº 34 - Patrono: José Tomás de Almeida Serra | |
| <i>João Alberto Novis Gomes Monteiro</i> | 287 |
| Cadeira nº 35 - Patrono: Joaquim Pereira Ferreira Mendes | |
| <i>Clóvis de Mello</i> | 293 |
| Cadeira nº 36 - Patrono: Pedro Trouy | |
| <i>A Coordenação</i> | 301 |
| Cadeira nº 37 - Patrono: Antônio Vieira de Almeida | |
| <i>A Coordenação</i> | 305 |
| Cadeira nº 38 - Patrono: Frederico Augusto Prado de Oliveira | |
| <i>Yasmin Jamil Nadaf</i> | 309 |
| Cadeira nº 39 - Patrono: Antônio Tolentino de Almeida | |
| <i>Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga)</i> | 321 |
| Cadeira nº 40 - Patrono: Pe. Armindo Maria de Oliveira | |
| <i>Sebastião Carlos Gomes de Carvalho</i> | 325 |

A Academia Matogrossense de Letras comemora, neste ano, seu Jubileu de Diamante - 75 anos de existência.

Tendo como célula-mater o Centro Matogrossense de Letras, organismo criado em 1921 e transformado em Academia onze anos depois, esta Instituição cultural representa a ancestralidade das Letras em Mato Grosso.

Composta inicialmente por um grupo de 24 intelectuais, esta Instituição estimulou a Cultura e a Literatura em nosso Estado, abarcando em seu quadro, personalidades de expressão regional e nacional, como D. Francisco de Aquino Corrêa, José Raul Vilá, Virgílio Corrêa Filho, Estêvão de Mendonça, José de Mesquita, Leovegildo Martins de Melo, Ana Luiza da Silva Prado, João Cunha, Carlos Borralho, Augusto Cavalcanti de Melo, Joaquim Gaudie de A. Corrêa, Manoel Paes de Oliveira, Lamartine Ferreira Mendes, Philogonio de P. Corrêa, D. Francisco de Aquino Corrêa, Manuel X. P. Barreto, Ulysses Cuyabano, Antônio Fernandes de Sousa, Otávio da Cunha, José M. da S. Pereira, Franklin Cassiano da Silva, Miguel Carmo de Oliveira Melo, Palmiro Pimenta, Cesário Prado e João Barbosa de Faria.

Foi essa plêiade de beletristas responsável pelas primeiras discussões intelectuais, que contribuiu para a evolução e dinamização do jornalismo regional, além de ter colaborado vigorosamente nos campos jurídico e educacional.

Durante 75 anos presidenciaram a Academia, José de Mesquita (de 1921 a 1961), Antônio de Arruda (de 1962 a 1967), Antônio Cesário de Figueiredo Neto (de 1967 a 1969), Padre Vanir Delfino César (de 1969 a 1974), Gervásio Leite (de 1974 a 1981), Lenine de Campos Póvoas (de 1981 a 1991), Clóvis de Mello (de 1991-1993) e João Alberto Novis Gomes Monteiro (de 1994 a 1996).

D. Francisco de Aquino Corrêa, arcebispo de Cuiabá, e na época Governador de Mato Grosso, foi o Presidente de Honra da entidade nascente em 1921, tendo ocupado a Cadeira de nº 4, Patrocinada pelo Padre José Manuel de Siqueira. Na sessão inaugural, ocorrida a 07 de setembro, D. Aquino proferiu um discurso monumental, no qual forneceu à Instituição a frase retirada das Santas Escrituras e que se tornou o lema identificativo do Centro e da Academia Matogrossense de Letras:

*“E pondo-vos, desde logo, sob os olhos, como em síntese gráfica, este pensamento, dir-vos-ei que, se o escudo de armas ou antes o ex-libris do novo instituto acadêmico, dar-lhe-ia por único brasão um dos símbolos heráldicos da beleza, uma rosa, por exemplo, inscrevendo-lhe em torno esta legenda sagrada: **Pulchritudinis studium habentes: Os estudiosos da beleza.***

*Tal é o mimoso verseto, que entoado há 22 séculos, na harpa solitária de um daqueles vates de Sião, pensadores e moralistas, lá naquele rincão pequenino da terra prometida, Canaã dos rios de leite e mel e das rosas que não morrem, vem ecoando, de geração em geração, nas páginas da Bíblia, como um dos mais altos elogios aos varões gloriosos que ilustraram as primeiras idades do mundo! Preocupavam-se, diz o livro santo, com o estudo da beleza em toda a sua irradiação moral e artística: **Laudemus viros gloriosos...pulchritudinis studium habentes.**”*

Em outro trecho do discurso, D. Aquino elenca os múltiplos recursos de inspiração poética existentes na região, com destaque à exuberância na natureza mato-grossense:

“Contemplai a sua natureza, esta natureza que nos sorri ainda na eclosão virginal de beleza tão encantadora que nem o cientista mais frio pode estudá-la, sem arrebatá-la, sem insensivelmente da atmosfera serena da observação para ess’outra onde revoam sonoramente as fantasias e os sonhos do poeta.”

A presente Revista Jubilar, resgata a significativa trajetória da Academia Matogrossense

de Letras - 1921/1996 -, convidando o leitor para uma visita histórico-cultural - da Cuiabá antiga à contemporaneidade - e ensejando um encontro com os acadêmicos que, com sua produção literária, garantiram aos contemporâneos a possibilidade de, ainda hoje, usufruir desse tradicional espaço cultural.

Objetivando recuperar historicamente a trajetória intelectual da Academia Matogrossense de Letras - que de 24 Cadeiras iniciais conta hoje com 40 - esta Revista comemorativa oferece ao leitor uma grande parcela da história da Literatura de Mato Grosso, levando-se em conta que durante mais de 50 anos fora esta Instituição, ao lado do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, o principal *locus* de produção intelectual e literária de nosso Estado.

Em seus 75 anos de existência, A Academia deixou-nos um significativo legado literário divulgado através de sua Revista, periódico que acompanha a vida da Instituição, oferecendo aos pósteres um retrato vivo de sua atuação no espaço intelectual de Mato Grosso.

O presente periódico brinda ao leitor com uma expressiva amostra da poética produzida pelos membros da Instituição, assim como propicia o conhecimento da trajetória de vida dos Patronos e Acadêmicos que ocuparam cada uma das 40 cadeiras constitutivas da Academia Matogrossense de Letras. Nesse retrospecto histórico-cultural, a Revista Jubilar oferece ao leitor uma gama extensa de informações, seja através dos dados biográficos e históricos pertinentes aos Patronos e aos ocupantes, seja de uma amostragem da produção poética e literária do grupo que, nascido em 1921, conta hoje com exponenciais da nossa literatura regional..

A Universidade Federal de Mato Grosso expressa o reconhecimento pelos esforços despendidos, nestes 75 anos de existência, da Academia Matogrossense de Letras em prol da evolução e dinamização da cultura mato-grossense.

Recentemente um repórter, entrevistando-me, perguntou:

- Presidente, todos os maiores vultos, da Literatura mato-grossense, estão nesta Academia?

Em retorno, dei-lhe a minha explicação:

- Foram os expoentes das Letras desta terra que, há 75 anos, fundaram a Academia Matogrossense de Letras - primitivamente nomeada Centro Matogrossense de Letras. Em sucessiva evolução, o número de Cadeiras foi aumentando até atingir as 40 vagas, que hoje temos, seguindo a Federação das Academias de Letras do Brasil. Desde aquela longínqua época da fundação, o nosso Estado vem sofrendo evolução, agora em ritmo de vertiginosa aceleração, aumentando consideravelmente em população e em órgãos voltados para a cultura: Secretarias - Estaduais e Municipais - de Cultura, Universidades, Faculdades, bibliotecas, associações de preservação cultural, fundações culturais, etc. Seria totalmente impossível, em apenas 40 vagas, abrigar todos os grandes valores que, hoje, Mato Grosso possui no campo da literatura; portanto, estaria, eu, sendo injusto e pretensioso se dissesse que **todos** os maiores valores da nossas Letras estão nesta Academia. Reconheço que muita gente com boa produção literária está fora dela, mas, se isto ocorre, a culpa não é da instituição uma vez que os seus Editais para preenchimento das Cadeiras vagas são amplamente divulgados - concorre quem quer, por achar que deve ou pode fazê-lo.

Um outro conceito que me ocorre, no momento, é o da **imortalidade acadêmica**. Humildemente, encaro-a apenas como fruto de um mecanismo seqüencial que obriga os que assumem as Cadeiras a, sempre, reverenciar a memória do seu patrono e dos ocupantes anteriores da mesma. Jamais iludi-me pensando que esta imortalidade pudesse referir-se à impossível perpetuação do corpo físico com a vida terrena ou que, de alguma forma, ela fosse gerada tão somente pelo meu valor pessoal.

Presidindo um silogeu voltado para a cultura da beleza como forma de expressão da própria alma - portanto povoado de emoções, sentimentos e musas - não poderia ficar alheio à sabedoria popular quando nos diz que "*para alguma coisa ter maior atrativo e graça sempre se faz necessário a mão da mulher*". Também sob este ângulo estou tranqüilo pois, esta publicação, teve dois valiosos toques femininos: da Magnífica Reitora da Universidade Federal de Mato Grosso, professora Luzia Guimarães - que em nome da UFMT patrocina e prefacia esta publicação - e da Acadêmica professora Elizabeth Madureira Siqueira, que tomou a cargo a edição da mesma - a estas duas beneméritas, os agradecimentos deste sodalício e de todos que ao longo dos anos, consultarem esta obra.

Fazendo um retrospecto da vida desta Academia, no seu **Jubileu de Diamante**, o presente número especial da sua **REVISTA** é dedicado ao leitor interessado em conhecer uma considerável parte do histórico da nossa Cultura; aos que almejam ocupar uma vaga nesta Casa e aos Acadêmicos atuais e futuros para que, mais amplamente, fiquem conhecendo toda a *cadeia da imortalidade* que vem se estendendo, em todas as Cadeiras, no decorrer dos setenta e cinco anos da nossa venerável Academia Matogrossense de Letras.

Acadêmico: João Alberto Novis Gomes Monteiro
Presidente da Academia Matogrossense de Letras

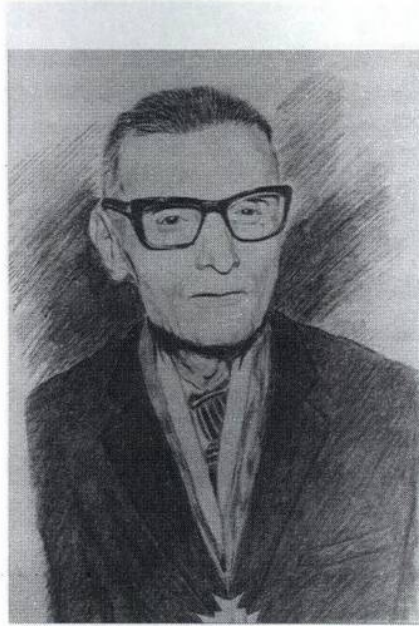
GALERIA DOS PRESIDENTES



José de Mesquita
(1921 a 1961)



António de Arruda
(1962 - 1967)



Antônio Cesário de Figueiredo Neto
(1967 - 1969)



Pe. Vanir Delfino César
(1969 - 1974)



Gervásio Leite
(1974-1981)



Lenine de Campos Póvoas
(1981- 1991)

Durante o período de 1889 a 1934, as discussões sobre a criação do Estado de Mato Grosso foram esparsas sobre a criação do Estado de Mato Grosso de escultores responsáveis por essas discussões.

No século XVIII, com a descoberta do ouro, sendo que o grande impulso veio com a abertura da navegação do rio Paraguai, que penetrou em Mato Grosso, trazendo novas idéias e, especialmente, novas idéias.

Através da Constituição de 1824, a Lei de Responsabilidade do Poder Legislativo, a Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, legislativo estadual.

O desenvolvimento das instituições regionais, mais tarde, tornou-se responsável não somente os estudos superiores em Salvador e Rio de Janeiro, mas também o conhecimento da realidade regional.

Por isso, a Geografia, os documentos e discussões que se seguiram em 1921.

Dois anos depois, em 1923, o Mato-grossense, o Mato-grossense, a 22 de maio de 1923, o embrião do Estado.

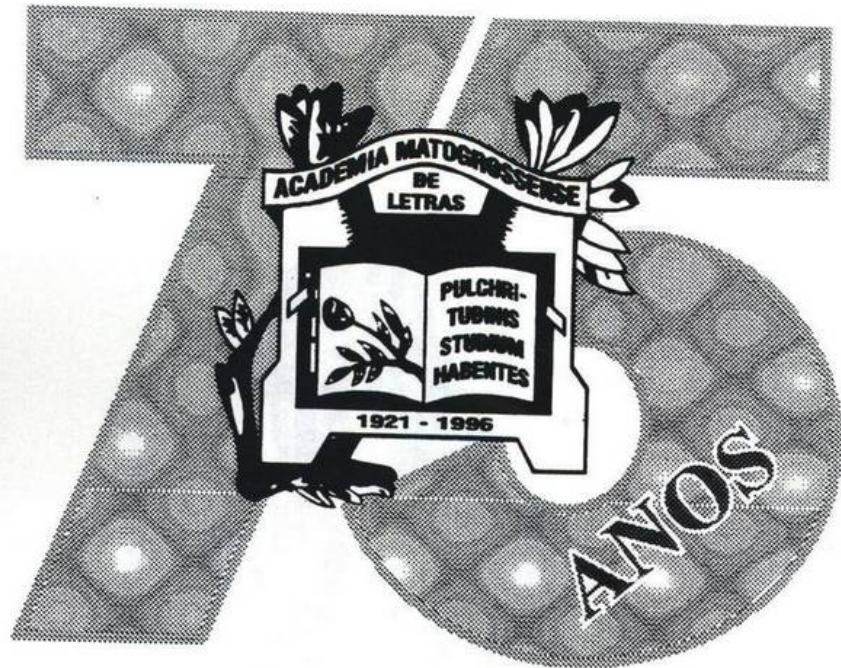


Clóvis de Mello
(1991-1995)



João Alberto N. G. Monteiro
(1995-1997)

JUBILEU DE DIAMANTE



OS ONZE PRIMEIROS, DOS 75 ANOS DE EXISTÊNCIA DA Academia Matogrossense de Letras

- a criação, constituição e vida intelectual do Centro Matogrossense de Letras -
1921-1932

Elizabeth Madureira Siqueira

Durante o século XVIII, a história de Mato Grosso esteve intimamente atrelada a questões geo-políticas, sendo que da parte cultural muito pouco conhecemos, a não ser informações esparsas sobre a existência de algumas aulas régias, a apresentação de peças teatrais e trabalhos de escultores responsáveis por grande parte do atual acervo de arte sacra.

No século seguinte, até, pelo menos, a primeira metade, reproduziu-se o cenário colonial, sendo que o grande marco de transformação regional está fincado a partir de 1870, marcado pela abertura da navegação pelo Rio Paraguai, via estuário do Rio da Prata, aquavia através da qual penetrou em Mato Grosso não somente capital e maquinaria estrangeiros, mas também novas idéias e, especialmente, novas formas de comunicação.

Atrelado a esse movimento, o sistema educacional, já institucionalizado, a partir da Constituição de 1824, através do corpo legislativo, ganhou força com o Ato Adicional (1834) e da Lei de 15 de outubro de 1827, quando a instrução primária e secundária deixaram de ser uma responsabilidade do governo central para ficar à cargo do Presidente da Província e da Assembléia Legislativa Provincial a partir de 1835, ano que marcou o início dos trabalhos legislativos em Mato Grosso.

O ensino primário, tão somente, não fora capaz de congregiar um grupo de pensadores regionais, porém, a criação dos estudos secundários iniciados pelo Seminário da Conceição e mais tarde com o Liceu Cuiabano, ensejaram o surgimento de um grupo de intelectuais responsável não somente pela formação dos jovens, mas, também, pelo seu encaminhamento nos estudos superiores junto aos centros mais avançados da época - Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Rio Grande. Estes jovens retornavam a Mato Grosso trazendo uma bagagem de conhecimentos adquiridos e desejando, naturalmente, estimular estudos e pesquisas sobre a realidade regional.

Foi esse grupo que, em 1919, o grande responsável pela fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, o qual teria como tarefa não somente resgatar e preservar a documentação histórica regional, como, também, promover, no interior da instituição, debates e discussões que fossem capazes de interferir no cenário político-cultural de Mato Grosso.

1921

Dois anos após a fundação do Instituto Histórico, esse mesmo grupo fundou o Centro Matogrossense de Letras, instituição que, após 11 anos, daria nascimento à atual Academia Matogrossense de Letras. Para a criação oficial do Centro, um grupo de 12 intelectuais se reuniu, a **22 de maio de 1921**, para articular a criação do organismo. Os componentes desse grupo embrionário, considerados Sócios Fundadores, foram:

| | |
|---------------|-------------------------------------|
| 01 | D. Francisco de Aquino Corrêa |
| 02 | José de Mesquita |
| 03 | Larapine Ferreira Mendes |
| 04 | João Barbosa de Faria |
| 05 | Estêvão de Mendonça |
| 06 | Miguel Carmo de Oliveira Mello |
| 07 | Carlos Gomes Borralho |
| 08 | Cesário da Silva Prado |
| 09 | Philogonio de Paula Corrêa |
| 10 | João Cunha |
| 11 | Virgílio Corrêa Filho |
| 12 | Franklin Cassiano da Silva |

Estes 12 membros, na mesma reunião de **22 de maio**, estabeleceram que o Centro Matogrossense de Letras seria composto de 12 Sócios Fundadores os quais, através de uma Comissão, escolheriam os 12 Sócios Efetivos, compondo, dessa forma, o quadro inicial da Instituição. Faziam parte desta Comissão José de Mesquita, Estêvão de Mendonça, Philogonio de Paula Corrêa e por Virgílio Corrêa Filho. Nessa mesma reunião, ficou ainda resolvido que o Centro poderia se constituir de ilimitado número de sócios correspondentes, indicados, através de proposta, pelos membros efetivos e/ou fundadores. Da mesma forma, ficou estabelecido que cada um dos 24 sócios deveria, obrigatoriamente, apresentar um trabalho de elogio ao Patrono da Cadeira ocupada.

Uma segunda reunião se deu, ainda em caráter preparatório, a **05 de junho** do mesmo ano, na qual apresentou-se a lista dos 12 Patronos, escolhidos pelos 12 Sócios Fundadores:

| | |
|----|------------------------------------|
| 01 | Amâncio Pulchério de França |
| 02 | Padre Ernesto Camilo Barreto |
| 03 | Francisco Catarino |
| 04 | Joaquim Mendes Malheiros |
| 05 | Joaquim Murinho |
| 06 | José Barbosa de Sá |
| 07 | Padre José da Silva Guimarães |
| 08 | José Tomás |
| 09 | Luís d'Alincourt |
| 10 | Manuel Esperidião da Costa Marques |
| 11 | José Antônio Pimenta Bueno |
| 12 | Veiga Cabral |

A estes 12 patronos, deveriam ser acrescidos mais 12, escolhidos por uma Comissão, quando o quadro dos 24 Sócios estivesse completo. Nessa mesma reunião, Estêvão de Mendonça propôs os nomes de Ulisses Cuyabano e de Ana Luiza da Silva Prado para sócios efetivos, tendo feito o mesmo José de Mesquita, apresentando Palmiro Pimenta e, Virgílio Corrêa Filho, apresentando o Desembargador Augusto Cavalcanti.

Na terceira reunião preparatória, ocorrida a **19 de junho**, tomaram posse os sócios efetivos Augusto Cavalcanti, Palmiro Pimenta e Ulisses Cuiabano, tendo ainda sido apresentados, por José de Mesquita, o nome de José Magno da Silva Pereira e, por Lamartine Mendes, o de Otávio Cunha, para integrar o quadro dos sócios efetivos. Nessa mesma reunião, foram discutidos os princípios básicos que regeriam o Estatuto do Centro Matogrossense de Letras.

Na quarta reunião preparatória, transcorrida a **03 de julho**, tomou posse José Magno da Silva Pereira, tendo, na mesma ocasião, sido propostos mais 4 nomes para compor o quadro dos sócios efetivos: por José de Mesquita, o nome de Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa; por Virgílio Corrêa Filho, o nome de Leovegildo Martins de Mello; por Cesário da Silva Prado, o nome de Raul Vilá e por Estêvão de Mendonça, o nome de Manuel Pais de Oliveira.

A posse dos três primeiros, se deu na reunião seguinte, a **17 de julho**, momento em que foi lido um ofício de agradecimento de José Raul Vilá, por ter sido indicado como sócio efetivo. Nessa mesma sessão, a sócia fundadora, Ana Luiza da Silva Prado propõe o nome de Antônio Fernandes de Souza para sócio efetivo, tendo feito o mesmo, um grupo de três sócios fundadores, apresentando o nome de Manuel Xavier Pais Barreto. Nessa mesma reunião, deu-se prosseguimento à discussão do Estatuto.

As posses de Manuel Xavier Pais Barreto, José Raul Vilá e Antônio Fernandes de Sousa se deram na reunião seguinte, transcorrida a **07 de agosto de 1921**, momento em que se completou o quadro dos 24 Sócios do Centro Matogrossense de Letras, com a designação dos mesmos por número de Cadeira e seus respectivos Patronos:

| Nº DA CADEIRA | PATRONO | 1º OCUPANTE |
|---------------|------------------------------------|-------------------------------|
| 01 | Amâncio Pulchério | José Raul Vilá |
| 02 | Antônio Corrêa da Costa | Virgílio Corrêa Filho |
| 03 | Barão de Melgaço | Estêvão de Mendonça |
| 04 | Couto de Magalhães | José de Mesquita |
| 05 | Ernesto Camilo Barreto (Padre) | Leovegildo Martins de Melo |
| 06 | Francisco Catarino | Ana Luiza da Silva Prado |
| 07 | Frederico Prado | João Cunha |
| 08 | João Severiano da Fonseca | Carlos Borralho |
| 09 | Joaquim Mendes Malheiros | Augusto Cavalcanti de Melo |
| 10 | Joaquim Murtinho | Joaquim Gaudie de A. Corrêa |
| 11 | José Barbosa de Sá | Manoel Paes de Oliveira |
| 12 | José Delfino da Silva | Lamartine Ferreira Mendes |
| 13 | José Estêvão Corrêa | Philogonio de P. Corrêa |
| 14 | José Manoel de Siqueira (Padre) | D. Francisco de Aquino Corrêa |
| 15 | José da Silva Guimarães (Cônego) | Manuel X. P. Barreto |
| 16 | José Tomás de Almeida Serra | Ulysses Cuyabano |
| 17 | Luís D'Alincourt | Antônio Fernandes de Sousa |
| 18 | Manuel Esperidião da Costa Marques | Otávio da Cunha |
| 19 | Francisco A. Pimenta Bueno | José M. da S. Pereira |
| 20 | Ramiro de Carvalho | Franklin Cassiano da Silva |
| 21 | Ricardo Franco de Almeida Serra | Miguel Carmo de Oliveira Melo |
| 22 | Veiga Cabral | Palmiro Pimenta |
| 23 | Vieira de Almeida | Cesário Prado |
| 24 | Visconde de Taunay | João Barbosa de Faria |

Nessa mesma sessão, foi eleita a **primeira Diretoria** do Centro Matogrossense de Letras, assim como aprovados seus Estatutos:

| Cargo | Ocupante |
|-----------------|---|
| Presidente | José de Mesquita |
| Vice-Presidente | Virgílio Corrêa Filho |
| 1º Secretário | Philogonio de Paula Corrêa |
| 2º Secretário | Lamartine Mendes |
| Tesoureiro | Ana Luiza da Silva Prado |
| Comissões | Redação Admissão de Sócios Festividades |

A sessão de Instalação do Centro Matogrossense de Letras se deu a **07 de setembro**, ocasião em que ~~presidiu a Mesa D. Francisco de Aquino Corrêa, tendo sido responsável~~ pela direção da sessão, Henrique Florence que, no momento, ocupava o cargo de Secretário de Agricultura do Estado. Nessa ocasião tomou posse a primeira Diretoria, tendo o discurso inaugural sido proferido por D. Francisco de Aquino Corrêa e a festividade abrilhantada com parte lítero-musical. Este importante marco da trajetória literária de Mato Grosso foi registrada oficialmente na ata que se segue:

“ATA DA SESSÃO SOLENE DE INSTALAÇÃO OFICIAL E POSSE DA PRIMEIRA DIRETORIA DO CENTRO MATOGROSSENSE DE LETRAS¹”

Aos sete dias do mês de setembro do ano de mil novecentos e vinte e um, pelas vinte horas, reunidos no salão nobre do Palácio da Instrução os sócios: D. Francisco de Aquino Corrêa, Presidente de Honra do Centro Matogrossense de Letras, Desembargador José de Mesquita, Presidente da diretoria provisória e Augusto Cavalcanti de Melo, Doutores Virgílio Corrêa Filho, Manoel Xavier Pais Barreto, Palmiro Pimenta e Barbosa de Faria, João Cunha, Major Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, Tenente-coronel Antônio Fernandes de Souza, Professores, Cel. José Magno da Silva Pereira, Franklin Cassiano da Silva, Cesário Corrêa da Silva Prado, Ulisses Cuyabano, José Raul Vilá, Dr. Otávio Cunha Cavalcanti, professora Senhorinha Ana Luiza do Prado e Philogonio Corrêa, faltando com justas escusas, os sócios Dr. Lamartine Mendes e advogados Estêvão de Mendonça e Leovigildo de Melo, e por se acharem ausentes os sócios Drs. Carlos Borralho, Oliveira Melo e Manuel Pais de Oliveira; presentes igualmente à solenidade altas autoridades, excelentíssimas famílias e cavalheiros, previamente convidados, ocupou a presidência da sessão o Exmo. e Revmo. Sr. D. Francisco de Aquino Corrêa, Presidente do Estado e Presidente de Honra do Centro, tomando igualmente assento à mesa que dirigiu a sessão o Exmo. Sr. Henrique Florence, Secretário da Agricultura, o Exmo. Sr. Desembargador José de Mesquita, Presidente da mesa provisória e o Dr. Barbosa de Faria, Secretário da mesma mesa provisória.

Aberta a sessão declarou o Sr. Presidente oficialmente instalado o “Centro Matogrossense de Letras” e empossados os sócios eleitos para os diversos cargos da sua primeira diretoria, que ficou assim constituída: Presidente Desembargador José de Mesquita; Vice-Presidente, Dr. Virgílio Corrêa Filho; 1º Secretário, Professor Philogonio Corrêa; 2º Secretário, Dr. Lamartine Mendes e Tesoureira, Professora Senhorinha Ana Luiza do Prado.

Convidados os novos empossados presentes a ocuparem os seus respectivos lugares na mesa o Sr. Secretário da Diretoria Provisória Dr. Barbosa de Faria procedeu à leitura da ata da 6ª sessão preparatória do Centro, tendo em seguida execução do programa organizado para a sessão magna inaugural, que é o seguinte: I - Hino da Independência - música - coro. II - Posse da Diretoria. III - “Centro Matogrossense de Letras” - discurso inaugural pelo Presidente de honra Exmo e Revmo. Sr. D. Aquino Corrêa, D. D. Bispo de Prusíade e Presidente do Estado. IV - Sinfonia de Guarani (Carlos Gomes) - piano a 4 mãos, pela Professora D. Maria Beatriz Mascarenhas e Senhorinha Alda de Oliveira. V - O pêndulo e o coração - soneto de José de Mesquita (do C. M. de L.) pela Senhorinha Hermínia Leite. VI - Delírio del cuore (Papine) - canto, piano e violino, pela Exma Senhora Figueira de Melo, Professora D. Maria Beatriz Mascarenhas e Sr. Ataíde de Matos. VII - A tapera - poesia de Lamartine Mendes (do C. M. de L.) pelo autor. VIII - Hino a Mato Grosso - música e coro. IX - O leão cativo - soneto de Augusto Cavalcanti (do C. M. de L.) pela Senhorinha Diná Ponce de Arruda. X - O livro da minha vida - A esperança - A morte, sonetos de Otávio Cunha (do C. M. de L.). XI - Tosca (Puccini) - piano e violino, pela Senhorinha Alda de Oliveira e Sr. Ataíde de Matos. XII - Ao cair da tarde - poesia de Ulisses Cuyabano (do C. M. de L.) pela Senhorinha Vemira Pitaluga. XIII - A noite - poesia de Franklin Cassiano (do C. M. de L.) pela Senhorinha Maria Bastos. XIV - Si tu ni aimais - canto e piano, pela Senhorinha Alda de Oliveira e Professora Maria Beatriz Mascarenhas. XV - Independência ou morte! - poesia de D. Aquino Corrêa (do C. M. de L.), pela Senhorinha Santinha Florence. XVI - Hino Nacional - música e coro.

Ao expediente foi lido um telegrama do sócio Dr. Pais de Oliveira, redigido nos seguintes termos: “Dr. José de Mesquita - Cuiabá - Muito penhorado agradeço brilhante Centro honra eleição; procurarei suprir desvalia minha inteligência por uma sincera dedicação favor ilustrado Grêmio. Abraços cordiais (assinado) Manuel Pais.

Nada mais havendo a tratar-se o Sr. presidente levantou a sessão.

¹ Revista do Centro Matogrossense de Letras, 1(1), p. 69-70. [com atualização ortográfica]

[Assinaturas] José de Mesquita, Virgílio Corrêa Filho, Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, Ulisses Cuyabano, Estêvão de Mendonça, Cesário da Silva Prado, José Raul Vilá, Manuel Pais de Oliveira, Palmiro Pimenta."

A primeira sessão de trabalho se deu a **18 de setembro**, quando tomou posse da Cadeira 11 Manuel Pais de Oliveira. Nessa mesma ocasião, o presidente, José de Mesquita ofertou à instituição, uma coleção de obras:

- MESQUITA, José de - *Poesias*;
- BILAC, Olavo - *Tarde*;
- LOBATO, Monteiro - *Urupês*;
- LOBATO, Monteiro - *Idéias de Jeca Tatú*;
- LOBATO, Monteiro - *Onda verde*;
- CAMPOS, Humberto de - *Mealheiro de Agrippa*;
- ANDRADE, Goulart de - *Numa Nuvem*;
- CEARENSE, Catulo - *Meu sertão*;
- CEARENSE, Catulo - *Sertão em flor*;
- MOREIRA, Albertino - *Vôo nupcial*.

Considerando que esta foi a primeira reunião de trabalho, foram apresentados os nomes de Rosário Congro (por Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa), Generoso de Siqueira (por Virgílio Corrêa Filho), Arlindo de Andrade (por José de Mesquita), João Cristiano Carstens (por Palmiro Pimenta), para sócios correspondentes.

Estêvão de Mendonça, sócio fundador, propôs que a instituição fizesse gestões, junto à Assembléia Legislativa estadual, para a construção de um teatro em Cuiabá, assim como o Presidente, José de Mesquita, propôs que a mesma Assembléia, declarasse o Centro como organismo de utilidade pública, e que se solicitasse, junto à Presidência do Estado, uma sala para o funcionamento da entidade. Nesse mesmo encontro, foram discutidos os artigos que deveriam compor a Revista nº 1 do Centro Matogrossense de Letras.

A segunda sessão de trabalho, se deu a **23 de outubro**, quando foram propostos e aprovados os seguintes nomes para sócios correspondentes: Humberto de Campos, Monteiro Lobato, Francisco Mariani Wanderlei, Cesarino Ramos, Rosário Congro, Cristiano Carstens, Generoso de Siqueira e Arlindo de Andrade.

Nessa mesma sessão, foi nomeada uma Comissão para exame da planta do futuro Teatro, a ser construído em Cuiabá. Da mesma forma, a Comissão que fora designada para solucionar a questão do espaço físico para funcionamento do Centro se dissolveu, por cumprimento da missão à qual fora designada, pois conseguira, junto ao governo estadual, uma sala contígua à Diretoria Geral da Instrução Pública; deliberou-se o mês de novembro para a realização de Conferências Literárias, as quais teriam por temática e elogios os Patronos das Cadeiras; igualmente, ficou decidido o envio de um telegrama para Rui Barbosa, cumprimentando-o pela passagem de seu natalício.

No mês seguinte, a **13 de novembro**, foram admitidos, como sócio correspondentes, Ítório Corrêa da Costa e Pedro Trouy.

Em **18 de dezembro**, última reunião do ano de 1921, a Comissão de Admissão de sócios aprovou a entrada, na categoria de correspondentes, de Ítório Corrêa da Costa e Pedro Trouy, sendo o primeiro de Campo Grande e o segundo de Santo Antônio do Rio Abaixo (Sto. Antônio do Leverger). Nesta mesma sessão ficou deliberada a data da segunda conferência a ser proferida por Virgílio Corrêa Filho, a qual versaria sobre o Patrono de sua Cadeira, Antônio Corrêa da Costa. Na mesma ocasião, a Comissão de Redação comunicou o lançamento, em janeiro do ano seguinte, do 1º número da Revista do Centro Matogrossense de Letras. José Raul Vilá propôs que se comemorasse, em sessão extraordinária, a morte de Olavo Bilac, o que se deu na sessão seguinte.

A quinta sessão ordinária, ocorreu a **15 de janeiro**, momento em que foi constituída uma Comissão para parabenizar Pedro Celestino Corrêa da Costa pela sua posse junto ao governo estadual. Ficou ainda estabelecido que o Sr. Benedito A. London seria o agente da Revista do CML, e marcado, para maio seguinte, a seqüência das conferências, tendo sido escalado para fazer o elogio a seu patrono Antônio Vieira de Almeida, Cesário Prado.

A **29 de janeiro**, foi realizada uma sessão extraordinária, quando foram criadas as “Horas Literárias”, reuniões intelectuais que marcarão profundamente a vida do Centro, pelo dinamismo e como espaço de expressão e divulgação das produções literárias.

A 6ª sessão ordinária deu-se a **19 de fevereiro**, quando foi discutida a organização da “Hora Literária”. A sessão ordinária seguinte, **09 de abril**, foi dedicada à montagem do Sarau lítero-musical e discutidos assuntos referentes à edição da Revista.

A **02 de julho** do mesmo ano, José de Mesquita se despede dos acadêmicos, por seguir viagem para Três Lagoas, solicitando, oficialmente, licença para tanto. Nesta mesma reunião, foi discutida a programação do Festival a ser realizado no mês de agosto.

A **15 de agosto**, o Centro Matogrossense de Letras reuniu-se extraordinariamente, para eleição da nova Diretoria, tendo sido o resultado:

| Cargo | Ocupante |
|-----------------|---|
| Presidente | José de Mesquita |
| Vice-Presidente | Virgílio Corrêa Filho |
| 1º Secretário | Philogonio de Paula Corrêa |
| 2º Secretário | Palmiro Pimenta |
| Tesoureiro | Ana Luiza da Silva Prado |
| Comissões | Redação Admissão de Sócios Festividades |

Nessa ocasião, Virgílio Corrêa Filho solicitou desobriga do cargo de Vice-Presidente, por ter que se ausentar de Cuiabá.

Na sessão ordinária de **27 de agosto**, foram lidas as condolências pelo falecimento de Leovegildo Martins de Mello (Cadeira nº 5), assim como foram propostos os nomes de Soter Caio de Araújo e de Fábio Guimarães para sócios correspondentes. Marcada, nessa ocasião, a 5ª Conferência, a ser proferida por Estêvão de Mendonça, tendo por tema o Barão de Melgaço.

Ao final da sessão, foi dada como vaga a Cadeira nº 5, deliberando-se pelo seu anúncio através de edital, com prazo de 60 dias para seu preenchimento.

A sessão de **07 de setembro**, comemorativa ao primeiro ano, foi dedicado à leitura do Relatório, pelo Presidente, José de Mesquita.

Na 10ª sessão ordinária, datada de **12 de novembro**, discutiu-se o preenchimento da Cadeira nº 5, assim como foram escolhidos os artigos que constituiriam a Revista nº 3. Nessa mesma ocasião, foram manifestados votos de congratulação a Philogonio de Paula Corrêa, por ter o mesmo representado Mato Grosso junto ao Congresso de Ensino, realizado no Rio de Janeiro.

A sessão de **01 de dezembro**, dedicada ao preenchimento da Cadeira nº 5, teve por base a proposta apresentada por Palmiro Pimenta, Miguel Carmo de Oliveira Melo, Carlos Borrvalho e João Cunha, sugerindo o nome de Ovídio de Paula Corrêa para seu preenchimento. A indicação foi plenamente aprovada.

Nessa mesma ocasião, foi lida uma carta de Estêvão de Mendonça desligando-se do Centro, posicionamento rejeitado pelo conjunto dos membros presentes.

Em **24 de dezembro**, tomou posse, na Cadeira nº 5, Ovídio de Paula Corrêa, tendo sido marcada sua posse solene para outra ocasião, momento em que o acadêmico eleito proferiria um elogio ao Patrono, Padre Ernesto Camilo Barreto. Nesta mesma reunião ficou marcada para 17 de fevereiro, do ano seguinte, a realização o 2º Festival, acompanhado da conferência a ser proferida por Antônio Fernandes de Souza, elogio a Luís d'Alincourt.

1923

O tema do referido Festival, igualmente, motivou a sessão de **22 de janeiro**.

Em **18 de março**, do mesmo ano, o Centro Matogrossense de Letras se fez representar junto aos funerais de Rui Barbosa, na pessoa de João Barbosa de Faria. Nesta mesma sessão, efetuou-se a leitura de uma carta de José Magno da Silva Pereira renunciando de seus encargos junto à instituição, cuja discussão foi adiada. Marcada para 21 de abril a posse solene de Ovídio de Paula Corrêa e resolução sobre a constituição de Benedito London como agente da Revista do Centro.

A **15 de abril**, foram declaradas vagas as Cadeiras nº 10 e nº 15, patrocinadas, respectivamente, por Joaquim Murtinho e pelo Cônego José da Silva Guimarães, motivadas pela mudança, de Cuiabá, de seus ocupantes, Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa e de Manuel Xavier da Silva Pereira. Nesta mesma sessão deliberou-se pela desconsideração do pedido de renúncia de José Magno da Silva Pereira, tendo sido designada uma Comissão para fazer-lhe uma visita objetivando removê-lo de seu propósito. Marcada a 7ª Conferência, sob o encargo de Otávio Cunha, o qual faria um elogio a Manuel Esperidião da Costa Marques, patrono de sua Cadeira.

Na sessão extraordinária, de **20 de junho**, inscreveram-se, Oscarino Ramos, à Cadeira 10 e Alcindo Camargo à 15. Ambos tiveram seus nomes aprovados, sendo que suas posses foram marcadas para 7 de setembro, tendo sido designado para recepcioná-los José Raul Vilá. Foi, igualmente, marcada sessão especial para o elogio de Otávio Cunha a Esperidião da Costa Marques.

A **15 de agosto** foi realizada outra sessão extraordinária dedicada à eleição da nova Diretoria, empossada a 07 de setembro, sendo que no momento assim ficou a mesma constituída:

| Cargo | Ocupante |
|-----------------|---|
| Presidente | José de Mesquita |
| Vice-Presidente | Virgílio Corrêa Filho |
| 1º Secretário | Philogonio de Paula Corrêa |
| 2º Secretário | Palmiro Pimenta |
| Tesoureiro | Franklin Cassiano da Silva |
| Comissões | Redação Admissão de Sócios Festividades |

Na 15ª sessão ordinária, de **23 de setembro**, foi aprovado o balancete apresentado pelo procurador Benedito London, assim como foi marcada, para 12 de outubro, o elogio que Otávio Cunha proferiria a seu Patrono, Manuel Esperidião da Costa Marques, o mesmo tendo ocorrido com Palmiro Pimenta, na sessão de 10 de fevereiro, que teve o seu elogio, a Prudêncio Giraldes Tavares da Veiga Cabral, igualmente datado.

1924

A **06 de abril** foi preenchida a Cadeira nº 6, patrocinada por Francisco Catarino, cujo eleito foi Isác Póvoas. Nessa mesma sessão foi nomeada uma Comissão para estabelecer os entendimentos, junto à Associação Literária Cuiabana, na doação de sua biblioteca ao Centro Matogrossense de Letras. Nesta mesma sessão ficou agendado para 13 de maio o próximo Festival, momento em que Palmiro Pimenta proferiria o elogio a Veiga Cabral.

Na sessão ordinária de **15 de junho** foi analisada a proposta de admissão, como sócio correspondente no Rio de Janeiro, de Alírio de Figueiredo. Foram também marcadas as datas para a Conferência a ser proferida por José Magno da Silva e a homenagem a Machado de Assis, a ser feita por Cesário da Silva Prado. Resolvidos pelo adiamento da posse de Isác Póvoas, por motivo de doença e pela constituição de uma Comissão de pêsames a D. Francisco de Aquino Corrêa, pela morte de seu progenitor.

Em sessão de **14 de julho** ficou marcada a conferência que Cesário da Silva Prado proferiria sobre Machado de Assis. Foi, nessa ocasião, aprovado um voto de louvor ao restabelecimento da paz pública, após o movimento de 1924.

Nova Diretoria foi eleita na sessão de **15 de agosto** ficando assim constituída:

| Cargo | Ocupante |
|-----------------|---|
| Presidente | José de Mesquita |
| Vice-Presidente | Virgílio Corrêa Filho |
| 1º Secretário | Philogonio de Paula Corrêa |
| 2º Secretário | Palmiro Pimenta |
| Tesoureiro | Ovídio de Paula Corrêa |
| Comissões | Redação Admissão de Sócios Festividades |

Nessa mesma sessão foi marcada a posse de Isác Póvoas, tendo, na ocasião, sido destacado para recepcioná-lo Ovídio de Paula Corrêa, assim como nomeada uma Comissão para redação do Regimento Interno do Centro e discussão sobre os preparativos para a inauguração, a **7 de setembro**, da sua Biblioteca.

Sessão especial de posse foi realizada nessa última data quando foi lido o Relatório da Diretoria anterior, assim como aprovado o projeto do Regimento Interno do Centro.

Na 21ª sessão ordinária, ocorrida a **19 de outubro**, foram propostos João de Campos Vidal e Alírio de Figueiredo como sócios correspondentes, respectivamente em Cáceres e em Três Lagoas. Nessa mesma ocasião, foram aprovadas as contas da instituição. Somente na reunião de **07 de dezembro**, Palmiro Pimenta foi substituído, como 2º secretário, por Oscarino Ramos.

1925

Na primeira reunião do ano, a **04 de janeiro**, Ulisses Cuyabano comunicou mudança de residência para Santo Antônio do Rio Abaixo (Sto. Antônio do Leverger), solicitando, na ocasião, sua transferência para sócio correspondente. Neste momento, a Cadeira 16, ocupada por ele, foi considerada, então, vaga. Nesta mesma sessão foram admitidos, como sócios correspondentes, Cleômedes de Campos e de João Campos Vidal, como também foi designada uma Comissão para organização do Festival, a ser realizado em 22 de janeiro do mesmo ano, ocasião em que João Cunha proferiria um elogio ao Patrono, Frederico Prado.

Em **08 de fevereiro** foram propostos os nomes de Xavier Marques, da Bahia, Cleômedes de Campos e de Mário de Lima (Belo Horizonte) para sócios correspondentes. Aprovação dos Estatutos. Marcada, para 14 de março, a posse de Isác Póvoas. Eleição de duas Comissões para organização do Festival, momento em que se daria boas-vindas a D. Francisco de Aquino Corrêa.

Na 25ª sessão, de **15 de março**, Antônio Cesário de Figueiredo Neto se inscreveu e teve seu nome aprovado no preenchimento da Cadeira 16, vaga pela transferência de Ulisses Cuyabano a sócio correspondente. Aprovação dos nomes de Xavier Marques e de Mário de Lima para sócios correspondentes. Informes sobre o Festival a ser realizado, momento da posse de Isác Póvoas.

Em 15 de agosto, foi eleita a nova Diretoria:

| Cargo | Ocupante |
|-----------------|--|
| Presidente | José de Mesquita |
| Vice-Presidente | Virgílio Corrêa Filho |
| 1º Secretário | Philogonio de Paula Corrêa |
| 2º Secretário | Palmiro Pimenta |
| Tesoureiro | Ovídio de Paula Corrêa |
| Comissões | Redação/Admissão de Sócios / Orçamento |

A posse dessa Diretoria se deu a **08 de novembro** do mesmo ano.

Nessa mesma sessão, foi marcado, para **12 de dezembro**, a comemoração do centenário de falecimento do Padre José Manuel de Siqueira, momento em que D. Francisco de Aquino Corrêa proferiria um elogio ao mesmo, Patrono de sua Cadeira.

Durante a 29ª sessão ordinária - **10 de janeiro** -, foi aprovado o nome de Carlos Vandoni de Barros para sócio correspondente em Corumbá, assim como designada uma Comissão de boas-vindas e recepção ao Presidente do Estado, Mário Corrêa. Nessa mesma ocasião, foram aprovadas as contas do Centro e designada uma Comissão de visita a Virgílio Corrêa Filho, levando os agradecimentos por sua valiosa colaboração junto à Secretaria Geral. Informes sobre o andamento dos trabalhos da Revista.

1926

Na sessão extraordinária de **17 de janeiro** foi aprovado o nome de Carlos Vandoni (de Corumbá) como sócio correspondente e organizada uma Comissão de boas-vindas a Carlos Borralho, em seu regresso a Cuiabá, assim como uma outra de despedida a Virgílio Corrêa Filho, por sua viagem ao Rio de Janeiro.

Na sessão de **14 de março** foi aprovado o programa de Conferências e marcada a 4ª Hora Literária, assim como o envio, à Assembléia Legislativa, de requerimento solicitando a transferência do Centro Matogrossense de Letras em organismo de utilidade pública.

Na sessão de **08 de abril** ficou resolvido pelo adiamento, de 25 de abril para **30 de Maio**, da 4ª Hora Literária, momento em que se comemoraria a morte de José Barbosa de Sá, patrono da Cadeira ocupada por Manuel Pais de Oliveira, ocasião em que o mesmo faria um elogio ao cronista e Patrono.

Nessa mesma data, foram aprovados os nomes do Prof. Francisco Ferreira Mendes (Rosário), Glicério Póvoas (Ponta-Porã), Esequiel Fraga (Araguaia) e José Bonifácio de Albuquerque (Miranda), como sócios correspondentes.

Como em todo mês de **agosto, a 15**, procederam-se às eleições da nova Diretoria:

| Cargo | Ocupante |
|-----------------|---|
| Presidente | José de Mesquita |
| Vice-Presidente | Virgílio Corrêa Filho |
| 1º Secretário | Philogonio de Paula Corrêa |
| 2º Secretário | Palmiro Pimenta |
| Tesoureiro | Ovídio de Paula Corrêa |
| Comissões | Redação Admissão de Sócios Festividades |

Essa Diretoria foi empossada a **07 de setembro**.

Em sua primeira reunião, a **05 de dezembro**, foram admitidos como sócios correspondentes: Gaspar Guimarães (Manaus), Henrique S. Rosa (Belém), Domingos Barbosa (S. Luís), Abdias Neves (Terezina), Antônio Sales (Fortaleza), Henrique Castriciano (Natal), Carlos D. Fernandes (Paraíba), Mário Sette (Recife), Adalberto Marroquim (Maceió), Cícero Sampaio (Aracaju), Elpídio Pimentel (Vitória), Múcio da Paixão (Niterói), Alcides Munhoz (Curitiba), Crispim Mera (Porto Alegre), Sebastião Fleury Curado (Goiás). Discutiu-se ainda a necessidade de suspensão das reuniões do mês de Janeiro de 1927 e nomeação de um funcionário que faria as vezes de copista e zelador. Marcada para fevereiro a próxima Hora Literária.

1927

O Centro Matogrossense de Letras somente voltou a se reunir ordinariamente a **13 de março**, ocasião em que foi dado um voto de congratulação a João Cunha pela sua posse como Secretário do Interior, Justiça e Finanças do Estado. Aprovadas as contas e decidida a realização

de um Festival lítero-musical em homenagem ao Presidente de Honra do Centro, D. Francisco de Aquino Corrêa, pelo seu ingresso como membro da Academia Brasileira de Letras.

Em **15 de agosto**, em sessão ordinária, acusou-se a recepção de cartas de agradecimento dos eleitos como sócios correspondentes, Mário Sette e Abdias Neves, e os de recusa do título por Cícero Sampaio, João Pinto da Silva.

Nessa data foi eleita a nova Diretoria:

| Cargo | Ocupante |
|-----------------|--|
| Presidente | José de Mesquita |
| Vice-Presidente | João Cunha |
| 1º Secretário | Philogonio de Paula Corrêa |
| 2º Secretário | Antônio Cesário de F. Neto |
| Tesoureiro | Cesário Prado |
| Comissões | Redação Admissão de Sócios Orçamento |

Eleição de Alírio de Figueiredo como sócio efetivo, ocupando a Cadeira nº 19, vaga pela demissão de José Magno, cuja posse ficou marcada para **10 de setembro**, e designado para recebê-lo, Antônio Cesário de Figueiredo Neto.

A **07 de setembro** ocorreu a posse da Diretoria eleita.

Na 39ª sessão ordinária, de **04 de dezembro**, foi lido um ofício de Otávio Cunha comunicando ter assumido o cargo de Chefe de Polícia e de Álvaro Pereira Jorge comunicando posse na Diretoria de Terras. Nessa ocasião foi aprovado o orçamento do Centro. Propôs-se o nome de Severino Queiroz como sócio correspondente em Três Lagoas. Marcada a "Hora Literária" para **27 de dezembro**, ocasião em que Isác Póvoas proferiria uma conferência sobre Nuno de Andrade. Resolvido o dispêndio de verba para ereção de uma estátua em homenagem a Santos Dumont.

1928

Em **05 de fevereiro** ficou aprovado o nome de Severino Ramos de Queiroz na categoria de sócio correspondente e marcado o elogio que José de Mesquita faria ao patrono Couto Magalhães. Nessa ocasião foi distribuído o nº 13 da Revista do Centro.

Em **26 de março** foi inaugurado o retrato do Padre Ernesto Camilo Barreto, Patrono da Cadeira nº 5 e ofertado pelo ocupante Ovídio de Paula Corrêa. José de Mesquita, nessa reunião, proferiu um discurso homenageando Isác Póvoas por ter o mesmo assumido a direção do Liceu Cuiabano.

Em **03 de junho** foi proposto o nome de Generoso Ponce Filho como sócio correspondente no Rio de Janeiro. Nessa mesma data ficou aprovada a realização de uma festa beneficente cuja renda seria revertida ao Hospital dos Lázaros de Cuiabá.

Em **15 de agosto** foi realizada a eleição da nova Diretoria:

| Cargo | Ocupante |
|-----------------|--|
| Presidente | José de Mesquita |
| Vice-Presidente | João Cunha |
| 1º Secretário | Philogonio de Paula Corrêa |
| 2º Secretário | Antônio Cesário de F. Neto |
| Tesoureiro | Cesário Prado |
| Comissões | Redação Admissão de Sócios Orçamento |

A posse se deu a **16 de setembro** tendo sido, nessa sessão, lido o relatório relativo ao ano anterior. Resolveu-se que a próxima Hora Literária, a qual seria dedicada à arte nova, ou seja, aos escritores da nova escola, momento em que seria proferido um elogio, por José de Mesquita, a seu Patrono, Couto de Magalhães.

Na sessão ordinária de **09 de dezembro** do mesmo ano, deliberou-se sobre a próxima literária, a ser realizada em **06 de janeiro de 1929**, ocasião em que José Vilá proferiria uma saudação ao Patrono de sua Cadeira, Amâncio Pulchério de França. Noticiou-se, também, nessa sessão, sobre o andamento da Revista nº 15.

1929

A sessão seguinte ocorreu a **17 de março**, quando foi marcada, para **17 de abril**, a próxima Hora Literária, ocasião em que José Vilá e João Barbosa de Faria, profeririam elogios a seus Patronos, Amâncio Pulchério e Visconde de Taunay.

Nessa mesma sessão foi acusado o recebimento do retrato de Frederico Prado, patrono da Cadeira nº 6, assim como da coleção de obras literárias doadas por Cesário Prado.

Em **23 de junho** foi comunicada a mudança da sede do Centro Matogrossense de Letras para o Seminário da Conceição. Nesse momento foi ainda marcada a próxima Hora Literária para 14 de julho e anunciado o andamento dos trabalhos de impressão da revista nº 16.

Como a todo **15 de agosto**, realizaram-se as eleições para a nova Diretoria:

| Cargo | Ocupante |
|-----------------|--|
| Presidente | José de Mesquita |
| Vice-Presidente | João Cunha |
| 1º Secretário | Philogonio de Paula Corrêa |
| 2º Secretário | Palmiro Pimenta |
| Tesoureiro | Franklin Cassiano da Silva |
| Comissões | Redação Admissão de Sócios Orçamento |

A sua posse ocorreu na sessão solene de **07 de setembro**.

A **01 de novembro** foi marcada nova Hora Literária, a ser realizada em **24 de setembro**. Nessa ocasião foi nomeada uma Comissão para representar o Centro Matogrossense de Letras na chegada de D. Francisco de Aquino Corrêa.

1930

Em **16 de janeiro** foi acusado o recebimento de um ofício do sócio Augusto Cavalcanti comunicando mudança de residência para o Rio de Janeiro, momento em que sua Cadeira, nº 9, foi considerada vaga. Declarada igualmente vaga a Cadeira de nº 16, pela renúncia do Prof. Antônio Cesário de Figueiredo Neto.

Na 49ª sessão, de **30 de março**, foram abertas inscrições para o preenchimento das Cadeiras de nº 5 e 15, por terem seus ocupantes transferido residências para fora de Cuiabá. Anunciado o término da impressão da Revista nº 17. Proposta de admissão, como sócios correspondentes, de Álvaro Maia (Manaus), Antônio Tolentino de Almeida (Santo Antônio do Rio Abaixo) e de Luís Feitosa Rodrigues (Corumbá).

Na sessão extraordinária de **25 de junho** procedeu-se às eleições para preenchimento das Cadeiras de nº 5, 9, 15 e 16, realizadas por escrutínio secreto, tendo sido preenchidas da seguinte maneira:

| Cadeira | Ocupante |
|---------|------------------------------|
| 5 | Nilo Póvoas |
| 9 | Francisco Ferreira Mendes |
| 15 | Maria Ponce de Arruda Müller |
| 16 | Olegário Moreira de Barros |

Marcado para **15 de agosto** a posse de Olegário de Barros e sido escolhido para recepcioná-lo Palmiro Pimenta. Nomeada uma Comissão para levar os agradecimentos ao Dep. Generoso de Siqueira pela brilhante justificativa do projeto que considerava o Centro Matogrossense de Letras como instituição de utilidade pública.

Comunicação dos entendimentos para mudança da sede.

A **15 de agosto de 1930**, em sessão extraordinária, foram recebidos os ofícios de agradecimentos, encaminhados por Maria de Arruda Müller e Francisco Alexandre Ferreira Mendes, pelas eleições. Nesta data foram realizadas eleições para a nova Diretoria:

| Cargo | Ocupante |
|-----------------|--|
| Presidente | José de Mesquita |
| Vice-Presidente | João Cunha |
| 1º Secretário | Philogonio de Paula Corrêa |
| 2º Secretário | Palmiro Pimenta |
| Tesoureiro | Franklin Cassiano da Silva |
| Comissões | Redação Admissão de Sócios Orçamento |

Comunicação da mudança de endereço da sede do Centro para a rua Joaquim Murinho. Marcada a posse da nova Diretoria para **7 de setembro**, em sessão extraordinária.

Na 51ª sessão ordinária, de **18 de outubro**, foi recebido um ofício de Nilo Póvoas agradecendo sua eleição para a Cadeira nº 5 e propostos, como sócios correspondentes, no Rio de Janeiro, Henrique Soído e, em Campo Grande, Arnaldo Serra, assim como aprovadas as contas da gestão anterior.

Em **28 de dezembro** foram aprovados os nomes de Henrique Soído e de Luís Feitosa para sócios correspondentes, assim como ficou marcado para **26 de janeiro de 1931** a posse de Maria Ponce de Arruda Müller, tendo sido designado para recepcioná-la Philogonio de Paula Corrêa. Nessa mesma sessão foi saudado Francisco Ferreira Mendes que, pela primeira vez, participava das reuniões.

1931

A **08 de março** foi aprovada a admissão, como sócios correspondentes de Antônio Tolentino de Almeida e de Arnaldo Serra. Foi, ainda, declarada vaga a Cadeira nº 11, por ter seu ocupante, Manuel Pais de Oliveira, passado a sócio correspondente. Marcado para 30 de abril a posse de Nilo Póvoas, tendo sido Franklin Cassiano da Silva designado para recepcioná-lo.

Em sessão extraordinária, de **24 de junho**, foi inaugurada a nova sede do Centro Matogrossense de Letras, junto à Casa Barão de Melgaço. Nessa ocasião foi lavrado a seguinte documento:

“Ata de inauguração da sede do Centro Matogrossense de Letras na Casa Barão de Melgaço”²

Aos vinte e quatro dias do mês de junho do ano de mil novecentos e trinta e um, às nove horas, na casa “Barão de Melgaço”, sita à rua do mesmo nome, número cento setenta e sete, presentes o Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Arcebispo Dom Aquino Corrêa, o Presidente de honra do “Centro” e efetivo do Instituto Histórico de Mato Grosso, o Excelentíssimo Senhor Doutor Leônidas de Matos, Secretário Geral do Estado, representando o Excelentíssimo Senhor Dr. Interventor Federal, a Diretoria do “Centro” e do “Instituto”, altas autoridades e Excelentíssimas famílias e mais convidados, foi aberta a sessão pelo Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Dom Aquino, que declarou instalada a sede definitiva

² Revista do Centro Matogrossense de Letras 1(1), p. 139.

do "Centro", na mesma casa, cedida pelo Estado, em virtude do Decreto número um, de 23 de novembro de mil novecentos e trinta e escritura pública de quinze de abril último.

Usou da palavra o Excelentíssimo Senhor Desembargador José de Mesquita, Presidente do "Centro" e orador oficial do "Instituto", que proferiu uma oração alusiva ao ato, seguindo-se a execução da "hora literária" organizada pelo "Centro" para comemorar o evento.

Falou ainda o Excelentíssimo Senhor Doutor Leônidas de Matos, que, pelo governo, se congratulou com as sociedades por aquele acontecimento, encerrando a sessão o Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Presidente de honra.

E nada mais havendo a tratar, eu, Palmiro Pimenta, segundo secretário do "Centro" fiz lavrar a presente que lida vai assinada por todos os presentes.

Francisco, Arcebispo de Cuiabá

Leônidas de Matos

José de Mesquita

Philogonio de P. Corrêa

(seguem demais assinaturas)"

Em **15 de agosto**, igualmente em sessão extraordinária, procedeu-se às eleições para nova Diretoria, a qual ficou assim constituída:

| Cargo | Ocupante |
|-----------------|--|
| Presidente | José de Mesquita |
| Vice-Presidente | Palmiro Pimenta |
| 1º Secretário | Philogonio de Paula Corrêa |
| 2º Secretário | Alfrio de Figueiredo |
| Tesoureiro | Franklin Cassiano da Silva |
| Comissões | Redação Admissão de Sócios Orçamento |

Nessa mesma sessão foi preenchida a Cadeira nº 11, patrocinada por José Barbosa de Sá e ocupada por Manuel Pais de Oliveira, que passou para sócio correspondente, tendo sido indicado, para ocupar a vaga, Leônidas Antero de Matos.

A posse da nova Diretoria se deu a **07 de setembro**.

Em sessão ordinária, de **16 de outubro**, foi marcada, para **19 de novembro** a posse de Leônidas Antero de Matos, devendo recepcioná-lo Francisco Alexandre Ferreira Mendes.

1932

Em **19 de maio** aprovou-se o orçamento da instituição, tendo sido nomeada uma Comissão para emitir parecer sobre o acordo ortográfico. Discutida, ainda, a possibilidade de transformação do Centro em Academia Matogrossense de Letras.

Em sessão extraordinária de **15 de agosto** foi aprovada a transformação proposta em reunião anterior, tendo sido eleita a **primeira Diretoria da Academia Matogrossense de Letras**:

| Cargo | Ocupante |
|-----------------|--|
| Presidente | José de Mesquita |
| Vice-Presidente | Palmiro Pimenta |
| 1º Secretário | Philogonio de Paula Corrêa |
| 2º Secretário | Francisco Alexandre F. Mendes |
| Tesoureiro | Franklin Cassiano da Silva |
| Comissões | Redação Admissão de Sócios Orçamento |

A nova Diretoria tomou posse em sessão de **07 de setembro**, tendo, Maria Ponce de Arruda Müller, recebido as congratulações por ter, pela primeira vez, participado das reuniões.

A primeira Ata da sessão solene de instalação oficial e posse da primeira Diretoria da Academia Matogrossense de Letras, assim registrou este momento:

ATA DA SESSÃO SOLENE DE INSTALAÇÃO OFICIAL DE POSSE DA PRIMEIRA DIRETORIA DA ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Aos sete dias do mês de Setembro do ano de mil novecentos trinta e dois, pelas dez horas da manhã, na casa Barão de Melgaço, reunidos os acadêmicos D. Francisco de Aquino Corrêa, presidente de honra da Academia Matogrossense de Letras, Desembargador José Barnabé de Mesquita, Doutor Leônidas de Matos, representado pelo Excelentíssimo Senhor Desembargador Laurentino Chaves, Desembargadores Oscarino Ramos e Otávio Cunha, Professores Philogonio de Paula Corrêa, Francisco Ferreira Mendes, Isác Póvoas, Franklin Cassiano da Silva, Nilo Póvoas e José Raul Vilá: presentes também altas autoridades excelentíssimas famílias e cavalheiros, ocupou a presidência da Sessão o Exmo. Rvmo. Sr. D. Francisco de Aquino Corrêa presidente de honra da Academia, tomando igualmente assento à mesa que preside a sessão o Exmo. Sr. Laurentino Chaves, Secretário Geral do Estado; o Exmo. Sr. Desembargador José de Mesquita, presidente da Academia, e os Srs. Professor Philogonio Corrêa e Francisco Mendes, respectivamente primeiro e segundo secretários da Academia.

Ao abrir a Sessão disse o Presidente de honra, D. Aquino Corrêa: “Multiplamente festiva é a data em que nos reunimos, apesar da atmosfera de luto e apreensões, em que atualmente vive e se agita a alma da nacionalidade. Nem se faz mister evocarmos para comprová-lo as grandes festas nacionais de Independência, que todos os anos, lado a lado, pelo País, sacodem as fibras mais íntimas do nosso patriotismo, despertando ao mesmo tempo, por toda parte, esperanças e iniciativas de progresso e grandeza para a Pátria. Aqui mesmo, no pequenino âmbito deste cenáculo de letras, nos deparam e sobejam motivos do mais sadio júbilo e dos mais beneméritos estímulos. Foi num dia como o de hoje, bem, o sabeis, que, há onze anos, se instalou o Centro Matogrossense de Letras, agremiação de cultores da língua, que é certo, elemento dos mais poderosos para a unidade, a força e a glória das raças. — Acontecimento foi esse, pois, que tanto mais avulta, quanto mais sobre ele passa, o tempo, e ficará, por sem dúvida, à maneira de marco inconfundível no roteiro ascensional e luminoso da intelectualidade conterrânea, através de dois séculos. Assim é que de ano em ano, se lhe comemorou aqui a data aniversária, com os mais lindos festivais, em que as letras e as artes se davam as mãos, honrando a civilização da nossa gente e despertando, ao mesmo passo, o senso estético das novas gerações. — Hoje, entretanto, esta efeméride, já histórica na literatura indígena, enflora-se de novas galas, ao marcar a ascensão honrosa do Centro ao grau e dignidade de Academia. Era tempo e era justo que se lha coroassem, por esta forma, esses onze anos de luta, que já representam grande época na existência das nossas sociedades literárias, equiparando assim nosso Estado a outros da federação, cujas associações acadêmicas, nem todas podem exhibir foros mais legítimos que os nossos, ao gozo desta regalia. E conquanto seja esse um título, que o Centro se confere a si mesmo, prova a consciência coletiva do próprio vigor e desenvolvimento, como também e sobretudo, o alto conceito em que é tido e havido na sociedade, perante a qual hoje se apresenta, elevado em Academia. — É pois, natural que ao abrir a hodierna Sessão eu me congratule com todos os presentes, com os novos acadêmicos, mas especialmente, com o seu digno presidente, o ilustre Desembargador Mesquita, a quem se deve quase toda a glória deste dia, em que a sua dourada crisálida rompe no vôo da borboleta de mil cores, por quanto nele todos reconhecemos a alma das nossas organizações literárias, o seu cérebro e o seu coração órgão pensante e motor da sua atividade.

Acima de tudo porém, é-me grato, nesta hora aflitiva para Mato Grosso, nosso caro torrão natal, congratular-me com ele por esta nova época brilhante e promissora, que se lhe abre nos fastos literários, fazer os mais ardentes votos a Deus para que a novel Academia, ao mesmo tempo que desempenha a tua alta missão de cultura intelectual, seja também um fator simpático de união, de conagração e de cordialidade entre os filhos do grande Estado, concorrendo assim eficazmente para tornar sempre mais nobre e forte o querido povo da nossa terra. Está aberta a Sessão, Em seguida, foi lida, pelo segundo Secretário Francisco Mendes, a ata de transformação do Centro em Academia e da eleição da sua primeira diretoria, declarando, logo após, o presidente de honra instalada a Academia e empossada a sua primeira diretoria. Falaram acerca do magno evento, o Presidente da Academia, Desembargador José de Mesquita, o primeiro secretário Professor Philogonio Corrêa e o acadêmico Desembargador Otávio Cunha, que, depois de congratular-se com os seus confrades, leu uma bela página literária "O sertão e o mar", recitando um soneto do Presidente da Academia. Nada mais havendo a tratar-se, o Senhor Presidente levantou a Sessão. Em tempo: Tomou também assento à mesa que dirigiu os trabalhos da instalação da Academia, o Senhor Professor Franklin Cassiano da Silva, Tesoureiro da Academia.

José de Mesquita/ Oscarino Ramos/ Franklin Cassiano da Silva/ Otávio Cunha/ Philogonio de Paula Corrêa/ Nilo Póvoas/ Francisco Ferreira Mendes/ Isác Póvoas

A **22 de outubro** foram aprovadas as contas do Centro e nomeada uma Comissão para elaboração do anteprojeto dos Estatutos da Academia Matogrossense de Letras, assim como para a alteração do nome da Revista. Nessa mesma sessão discutiu-se o aumento dos vencimentos do zelador e sobre a próxima Hora Literária, marcada para novembro. Nomeação de uma Comissão de boas-vindas ao Vice-Presidente Palmiro Pimenta. Proposição de Nilo Póvoas sobre a nomeação de "acadêmicos" aos sócios.

Com a constituição da Academia Matogrossense de Letras, o número de Cadeiras sofreu uma adição. Num primeiro momento, elas passaram de 24 para 30, quando foram escolhidos seis Patronos novos, sendo mantidos os 24 do período de criação. Nessa transposição, a numeração das Cadeiras sofreu uma alteração. Se nas 24 Cadeiras a ordem respeitada fora a alfabética por Patrono, quando elas se transformam em 30, a numeração teve por base a antigüidade do Patrono:

| Cadeira | Patrono | Ocupante(s) |
|----------------|---------------------------------------|---|
| 01 | José Barbosa de Sá | Manuel Pais de Oliveira Leônidas Antero de Matos Benjamin Duarte Monteiro |
| 02 | Ricardo Franco de Almeida Serra | Miguel Carmo de Oliveira Mello |
| 03 | Padre José Manuel de Siqueira | D. Francisco de Aquino Corrêa |
| 04 | Cônego José da Silva Guimarães | Manuel Xavier Pais Barreto Alcindo de Camargo Maria de Arruda Müller |
| 05 | Luís d'Alincourt | Antônio Fernandes de Souza |
| 06 | Prudêncio Giraldes T. da Veiga Cabral | Palmiro Pimenta |
| 07 | Barão de Melgaço | Estêvão de Mendonça |
| 08 | Padre Ernesto Camilo Barreto | Leovegildo Martins de Mello Ovídio de Paula Corrêa Nilo Póvoas |
| 09 | Joaquim Mendes Malheiros | Augusto Cavalcanti de Melo Francisco A. Ferreira Mendes |
| 10 | Antônio Augusto Ramiro da Carvalho | Franklin Cassiano da Silva Ulisses Cuyabano |
| 11 | João Severiano da Fonseca | Carlos Gomes Borralho |
| 12 | Francisco Antônio Pimenta Bueno | José Magno da Silva Pereira Alírio Cesário de Figueiredo |

| Cadeira | Patrono | Ocupante(s) |
|---------|--------------------------------------|--|
| 13 | José Vieira Couto de Magalhães | José B. de Mesquita |
| 14 | José Estêvão Corrêa | Philogonio de Paula Corrêa |
| 15 | Visconde de Taunay | João Barbosa de Faria |
| 16 | Aquilino Leite do Amaral Coutinho | Ovídio de Paula Corrêa |
| 17 | Amâncio Pulchério de França | José Raul Vilá |
| 18 | Joaquim Duarte Murtinho | Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa Oscarino Ramos |
| 19 | José Barnabé de Mesquita (Sênior) | Ana Luiza Prado Bastos |
| 20 | Caetano Manuel de Faria Albuquerque | Severino Ramos de Queiroz |
| 21 | Antônio Corrêa da Costa | Virgílio Alves Corrêa Filho |
| 22 | Manuel Esperidião da Costa Marques | Otávio da Cunha Cavalcanti |
| 23 | José Delfino da Silva | Lamartine Ferreira Mendes |
| 24 | Francisco Catarino Teixeira de Brito | Ana Luiza Prado Bastos Isac Póvoas |
| 25 | José Tomás de Almeida Serra | Ulysses Cuyabano Antônio Cesário de Figueiredo Neto Olegário Moreira de Barros |
| 26 | Pedro Trouy | Luís Feitosa Rodrigues |
| 27 | Antônio Vieira de Almeida | Cesário Corrêa da Silva Prado |
| 28 | Frederico Augusto Prado de Oliveira | João Cunha Amarílio Novis |
| 29 | Antônio Tolentino de Almeida | Antônio Cesário de Figueiredo Neto |
| 30 | Padre Armindo Maria de Oliveira | Rosário Congro |

Num segundo momento, mais especificamente em 1944, a Academia Matogrossense Letras, seguindo a mesma linha adotada pela Academia Brasileira de Letras, adicionou mais Cadeiras, passando o quadro de acadêmicos a ser de 40.

Com essas alterações, 10 novos Patronos foram escolhidos, tendo as Cadeiras originais do Centro Matogrossense de Letras e as de 1940 - sofrido **alteração apenas em seus números** respeitando, e mantendo, como norte, os antigos **Patronos**:

| CADEIRA do Centro Matogrossense de Letras (1921-1940) | CADEIRA da Academia Matogrossense de Letras (de 1940 a 1943) | CADEIRA da Academia Matogrossense de Letras (a partir de 1944) | PATRONO Mantidos os mesmos |
|---|--|--|--|
| 01 | 17 | 25 | Amâncio Pulchério |
| 02 | 21 | 29 | Antônio Corrêa da Costa |
| 03 | 07 | 11 | Barão de Melgaço (Augusto Leverger) |
| 04 | 13 | 19 | José Vieira Couto de Magalhães |
| 05 | 08 | 14 | Ernesto Camilo Barreto (Padre) |
| 06 | 24 | 32 | Francisco Catarino Teixeira de Brito |
| 07 | 28 | 38 | Augusto Frederico Prado de Oliveira |
| 08 | 11 | 17 | João Severiano da Fonseca |
| 09 | 09 | 15 | Joaquim Mendes Malheiros |
| 10 | 18 | 26 | Joaquim Murtinho |
| 11 | 01 | 01 | José Barbosa de Sá |
| 12 | 23 | 31 | José Delfino da Silva |
| 13 | 14 | 20 | José Estêvão Corrêa |
| 14 | 03 | 04 | José Manuel de Siqueira (Padre) |
| 15 | 04 | 07 | José da Silva Guimarães (Cônego) |
| 16 | 25 | 34 | José Tomás de Almeida Serra |
| 17 | 05 | 08 | Luís D'Alincourt |
| 18 | 22 | 30 | Manuel Esperidião da Costa Marques |
| 19 | 12 | 18 | Francisco Antônio Pimenta Bueno |
| 20 | 10 | 16 | Antônio Ramiro de Carvalho |
| 21 | 02 | 03 | Ricardo Franco de Almeida Serra |
| 22 | 06 | 10 | Prudêncio Giraldes Veiga Cabral |
| 23 | 27 | 37 | Antônio Vieira de Almeida |
| 24 | 15 | 22 | Visconde de Taunay |
| - | 16 | 24 | Aquilino Leite do Amaral Coutinho |
| - | 19 | 27 | José Barnabé de Mesquita Sênior |
| - | 20 | 28 | Caetano Manuel de Faria e Albuquerque |
| - | 26 | 36 | Pedro Trouy |
| - | 29 | 39 | Antônio Tolentino de Almeida |
| - | 30 | 40 | Armindo Maria de Oliveira |
| - | - | 02 | Joaquim da Costa Siqueira |
| - | - | 05 | Antônio Pires de Silva Pontes |
| - | - | 06 | Francisco José de Lacerda e Almeida |
| - | - | 09 | D. José Antônio dos Reis |
| - | - | 12 | Antônio Cláudio Soído |
| - | - | 13 | Antônio Corrêa do Couto |
| - | - | 21 | Manuel Peixoto Corsino do Amarante |

| CADEIRA do Centro Matogrossense de Letras (1921-1940) | CADEIRA da Academia Matogrossense de Letras (de 1940 a 1943) | CADEIRA da Academia Matogrossense de Letras (a partir de 1944) | PATRONO Mantidos os mesmos |
|---|--|--|---------------------------------|
| - | - | 23 | Antônio Gonçalves de Carvalho |
| - | - | 33 | Mariano Ramos |
| - | - | 35 | Joaquim Pereira Ferreira Mendes |

Vejamos a realidade contemporânea:

| Nº | Patrono | Ocupantes |
|----|--|--|
| 01 | José Barbosa de Sá | Manuel Paes de Oliveira Leônidas Antero de Matos Benjamin Duarte Monteiro (Vaga) |
| 02 | Joaquim da Costa Siqueira | Gervásio Leite Satyro Benedicto de Oliveira |
| 03 | Ricardo Franco de Almeida Serra | Miguel Carmo de Oliveira Melo Lécio Gomes de Souza Rubens Mendes de Castro (eleito, a ser empossado) |
| 04 | Padre José Manuel de Siqueira | D. Francisco de Aquino Corrêa Padre. Raimundo C. Pombo Moreira da Cruz (Vaga) |
| 05 | Antônio Pires da Silva Pontes | Arlindo de Andrade Francisco Ayres Clóvis Pitaluga de Moura |
| 06 | Francisco José de Lacerda de Almeida | Ernesto Pereira Borges Roberto de Oliveira Campos |
| 07 | Padre José da Silva Guimarães | Manuel Xavier Paes Barreto Alcindo de Carvalho Maria de Arruda Müller |
| 08 | Luiz D'Alincourt | Antônio Fernandes de Souza Luís Filipe Saboia Ribeiro Antônio Lopes Lins Moisés Mendes Martins Júnior |
| 09 | D. José Antônio dos Reis | Rubens de Mendonça Octayde Jorge da Silva Leopoldino Marques do Amaral |
| 10 | Prudêncio Giraldes Tavares da Veiga Cabral | Palmiro Pimenta Corsíndio Monteiro da Silva |
| 11 | Barão de Melgaço | Estêvão de Mendonça Antônio de Arruda |
| 12 | Antônio Cláudio Soído | Gabriel Vandoni de Barros Ronaldo de Arruda Castro |
| 13 | Antônio Corrêa do Couto | Archimedes Pereira Lima José Eduardo do Espírito Santo |
| 14 | Padre Ernesto Camilo Barreto | Leovegildo Martins de Melo Ovídio de Paula Corrêa Nilo Póvoas Hélio Jacob Nilza Queiroz Freire |
| 15 | Joaquim Mendes Malheiros | Augusto Cavalcanti de Melo Francisco Alexandre Ferreira Mendes Natalino Ferreira Mendes |

| Nº | Patrono | Ocupantes |
|----|--------------------------------------|--|
| 16 | Antônio Augusto Ramiro de Carvalho | Franklin Cassiano da Silva Ulysses Cuyabano Padre Wanir Delfino César Joaquim Augusto Alves Bastos Valdon Varjão |
| 17 | João Severiano da Fonseca | Carlos Gomes Borralho Humberto Marcílio Reinaldo Frederico Augusto Rondon Padre Pedro Cometti |
| 18 | Francisco Antônio Pimenta Bueno | José Magno da Silva Pereira Alírio de Figueiredo Francisco do Amaral Militão Hélio Serejo |
| 19 | José Vieira Couto Magalhães | José de Mesquita Vera Randazzo |
| 20 | José Estêvão Corrêa | Philogonio de Paula Corrêa José Adolfo de Paula Avelino Domingos Sávio Brandão de Lima Benedito Pereira do Nascimento |
| 21 | Manuel Peixoto Corsino do Amarante | Luis-Philippe Pereira Leite |
| 22 | Visconde de Taunay | João Barbosa de Faria Carlos de Castro Brasil Pedro Rocha Jucá |
| 23 | Antônio Gonçalves de Carvalho | Raimundo Maranhão Aires Agenor Ferreira Leão Tertuliano Amarilha |
| 24 | Aquilino Leite do Amaral Coutinho | Ovídio de Paula Corrêa Francisco Bianco Filho Jary Gomes (vaga) |
| 25 | Amâncio Pulchério de França | José Raul Vilá João Antônio Neto |
| 26 | Joaquim Duarte Murtinho | Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa Oscarino Ramos Benedito Pedro Dorileo |
| 27 | José Barnabé de Mesquita (Sênior) | Ana Luiza Prado Bastos Ubaldo Monteiro da Silva |
| 28 | Caetano Manuel de Faria Albuquerque | Severino Ramos de Queiroz Ulisses Serra Demósthene Martins Gilmar Ferreira Mendes (eleito, a ser empossado) |
| 29 | Antônio Corrêa da Costa | Virgílio Alves Corrêa Filho Virgílio Alves Corrêa Neto Elizabeth Madureira Siqueira |
| 30 | Manuel Esperidião da Costa Marques | Otávio Cunha Cavalcanti Francisco Leal de Queiroz |
| 31 | José Delfino da Silva | Lamartine Ferreira Mendes Adauto Dias de Alencar |
| 32 | Francisco Catarino Teixeira de Brito | Isac Póvoas José Ferreira de Freitas |
| 33 | Mariano Ramos | Nicolau Fragelli Lenine de Campos Póvoas |
| 34 | José Tomás de Almeida Serra | Olegário Moreira de Barros João Moreira de Barros João Alberto Novis Gomes Monteiro |

| Nº | Patrono | Ocupantes |
|----|-------------------------------------|---|
| 35 | Joaquim Pereira Ferreira Mendes | José Jaime Ferreira de Vasconcelos João Vilasboas Newton Alfredo de Aguiar Clóvis de Mello |
| 36 | Pedro Trouy | Luís Feitosa Rodrigues José Couto Vieira Pontes |
| 37 | Antônio Vieira de Almeida | Cesário da Silva Prado Bernardo Elias Lahdo |
| 38 | Frederico Augusto Prado de Oliveira | João Cunha Amarílio Novis Ciro Furtado Sodré Benedito Sant'Ana da Silva Freire Yasmin Jamil Nadaf |
| 39 | Antônio Tolentino de Almeida | Antônio Cesário de Figueiredo Neto Maria Benedita Deschamps Rodrigues |
| 40 | Padre Armindo Maria de Oliveira | Rosário Congro Hugo Pereira do Vale Sebastião Carlos Gomes de Carvalho |

| | |
|------------|--|
| José de Sá | Ocupante Manuel Leal Benjamim [Vago] |
|------------|--|

José Barbosa de Sá

... em Portugal, sem ...

Cidade ... povoamento. Escrivão ...

Proprietário ... de seu ...

poeta ...

... Barbosa de Sá

... escrito ...

Geografia ... de Sousa ...

... de ...

formado ...

... de ...

... de ...

letras ...

de seus ...

épico ...

raça ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

... de ...

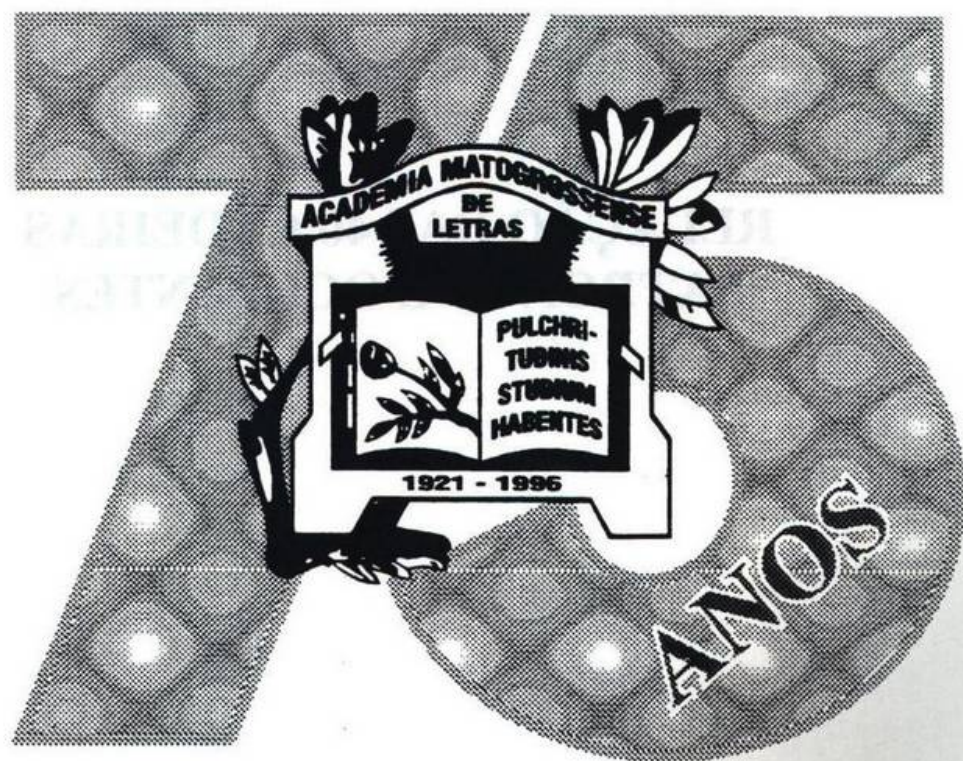
... de ...

... de ...

... de ...

**RELAÇÃO DAS 40 CADEIRAS
PATRONOS E OCUPANTES**

JUBILEU DE DIAMANTE



| | |
|--|--|
| Patrono: José Barbosa de Sá | Ocupantes: Manuel Pais de Oliveira Leônidas Antero de Matos Benjamin Duarte Monteiro [Vaga] |
|--|--|

José Barbosa de Sá

José Barbosa de Sá nasceu em Portugal, formou-se em advocacia e veio para as Minas do Cuiabá, nos primórdios de seu povoamento. Escreveu a famosa crônica intitulada “*Relação das Povoações do Cuiabá e Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos*”, considerada peça basilar de nossa historiografia.

Além dessa importante obra, Barbosa de Sá escreveu os inéditos “*Diálogos geográficos, cronológicos, políticos e naturais*”, escritos em 1769 e oferecidos ao Governador e Capitão-General de Mato Grosso, Luís Pinto de Souza Coutinho.

Leônidas Antero de Matos, estudando a vida e a obra de José Barbosa de Sá, pode nos fornecer alguns dados interessantes:

“Podemos afirmar com razão, que as letras ainda constituem o índice das atividades vitais de um povo, e que a literatura ainda é o melhor espelho de sua cultura e de sua grandeza.

Aí estão para comprovar o asserto de nossa afirmativa a vida e a obra de um homem de letras, ligadas indissolúvelmente à própria história da terra natal, ao esplendor ou ao infortúnio de seus fundadores, às suas provações ou às suas glórias, num ciclo remoto, mas sobretudo épico, de sua existência, e no qual resplende em toda a sua plenitude, a energia indômita da raça.

Quero referir-me a José Barbosa de Sá, mui justamente cognominado o primeiro cronista cuiabano e patrono da Cadeira nº 1 do Centro Matogrossense de Letras a qual hoje tenho a honra imerecida de ocupar.

Através da sua obra paciente é que podemos reconstituir todo um período da agitada fundação da terra cuiabana, recompondo os cenários rudes e por vezes avassalante dentro dos quais se agitaram, sonharam e sofreram os nossos maiores.

Culmina a fase épica das conquistas.

Bruta pátria, no berço entre selvas dormida, no virginal pudor das primitivas eras, mal compreendendo o anseio do mundo por nascer que trazia no seio como cantava a musa harmoniosa de Bilac, oferecia as primícias de sua virgindade aos violadores de sertões, que iam à cata de ouro e dos índios.

Enquanto a raça audaz e forte fundava povoações, fazia germinar as colheitas e se entregava, quase que exclusivamente à dura faina da mineração, aqui e ali raríssimos davam-se ao trabalho paciente de registrar os acontecimentos que se sucediam, legando à posteridade com os seus manuscritos um atestado, ligeiro sequer, da relativa cultura intelectual da época.

Entre estes, sem dúvida, avulta aos olhos de quem se preocupa com as letras matogrossenses, o licenciado José Barbosa de Sá, de cujo lugar de nascimento eu não conheço referência alguma, mas que aportando a Cuiabá, logo após a sua fundação e onde exerceu a advocacia, registrou em crônicas de estilo não porém atraente, as sucessivas etapas de sua crescente civilização até 1776.

Entre as suas obras se contam: os Anais do Senado da Câmara até o ano de 1765; relatório sobre as missões espanholas no vale do Guaporé (data de 1745); uma relação das povoações de Cuiabá e Mato Grosso, desde os seus princípios até os tempos presentes (datada de 1775); Diálogos geográficos, cronológicos, políticos e naturais, escritos nesta Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá - 1769.

A obra de Barbosa, portanto, não pode deixar de espelhar uma fase da evolução de nosso povo e daí com razão afirmar Virgílio Corrêa Filho, ser na mesma que devem abeberar-se todos aqueles que pretendem estudar o desenvolvimento de Mato Grosso em sua primeira fase, acentuando ainda não ter sido de pequena monta a ação de Barbosa de Sá entre os seus contemporâneos, dos quais haverá de extremar-se pela sua maior cultura e boa letras”¹

Manuel Pais de Oliveira

Filho do Coronel José Sabo Alves de Oliveira e de Francelina Pais de Oliveira, nasceu na cidade de São Luís de Cáceres, hoje Cáceres, a 11 de julho de 1885.

Após de realizado os primeiros estudos em Mato Grosso, retirou-se para o Rio de Janeiro, na época, capital do país, onde diplomou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

Exerceu várias funções públicas fora de Mato Grosso: Escriturário da Fazenda, Administrador da Mesa de Rendas de Macaé, Oficial de Gabinete do Ministro da Fazenda, Delegado Fiscal no Paraná.

Em Mato Grosso foi Chefe de Polícia, Secretário do Interior, Justiça e Fazenda e ainda Deputado Estadual.

Integrou várias associações, tais como, Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, Sociedade Literária do Colégio Militar, foi fundador e primeiro Presidente do Grêmio Literário da Faculdade do Liceu de Ciências Jurídicas do Rio de Janeiro.

Dedicou-se ainda às lides jornalísticas, tendo sido redator e colaborador nos seguintes periódicos: “A Aspiração”, produzido pelo Colégio Militar, “A Época”, da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, “A Nova Época”, de Cuiabá, “Correio da Manhã”, “O Paiz”, “Jornal do Comércio”, “Jornal do Brasil”, todos editados no Rio de Janeiro. Em Mato Grosso, participou dos seguintes periódicos: “O Mato Grosso” e “A Cruz”.

Seus escritos se restringiram a discursos e conferências referentes à legislação. Transcrevemos uma de suas poesias:

Nossa Senhora do Rosário

*Se vires a tarde triste
E o ar a querer chover
Dize que são os meus olhos
Que choram por não te ver.*

*Você diz que amor não dói
Dói dentro do coração.
Queira bem e viva ausente,
Veja lá se dói ou não!*

*Esta noite tive um sonho,
Um sonho muito atrevido:
Sonhei que tinha abraçado
A forma do teu vestido.*

¹ Retirado do artigo escrito por MESQUITA, José Barnabé de - *A Academia e a cultura*. p. 20-22.

Leônidas Antero de Matos

Foi ele o segundo ocupante da Cadeira 1. Nasceu a 28 de fevereiro de 1894, em Cuiabá, tendo, a 08 de abril de 1936, ingressado na Academia Matogrossense de Letras.

Filho do General Antero Aprígio Gualberto de Matos e de Francisca de Figueiredo Matos, completou o curso ginásial e secundário em Cuiabá (Liceu Salesiano). Estudou música - através da lira - e, acompanhado por esse instrumento, passou a compor suas peças literárias. Suas primeiras produções circularam pelo Grêmio Literário "Álvares de Azevedo", em suas saudosas tertúlias.

Após estes estudos, Leônidas Antero de Matos ausentou-se de Cuiabá objetivando formar-se como bacharel em Direito, o que se concretizou na Faculdade gaúcha de Porto Alegre.

Ulisses Cuiabano, em precioso artigo referente a acadêmicos desaparecidos, ao discorrer sobre a trajetória política de Antero, assim se expressou:

"Aos 8 de abril de 1936 dava-se o trespasse do aedo, que nascera nesta capital a 28 de fevereiro de 1894.

Desde os bancos ginásiais do Liceu Salesiano desta cidade, onde completou o curso secundário, Leônidas de Matos dedilhava a lira. E cantava. Datam dessa época as harmoniosas estrofes de acentuado sabor lírico, publicadas pelo autor nas saudosas tertúlias do Grêmio Literário Álvares de Azevedo, formado por elementos dedicados dos dois Liceus de Cuiabá, dos incipientes literatos contemporâneos.

(...)No governo Mário Corrêa veio o poeta para sua terra natal, a fim de desempenhar o elevado cargo de Chefe de Polícia. Mais tarde, no Governo Interventorial de Antunes Maciel, foi Leônidas de Matos nomeado Secretário Geral do Estado (1931-1932), sendo em 1932 designado para a suprema curul, ocupando a Interventoria até 1934. Como chefe do Governo Estadual assistiu, tomando parte ativa, a um dos mais agitados movimentos políticos da nossa terra, daqui se retirando para a capital da República (RJ), repleto de desilusões.

Ocupou a cadeira 11 do Centro Matogrossense de Letras, atual Cadeira 1 da Academia Matogrossense de Letras, cujo Patrono é Barbosa de Sá.

O seu substancioso discurso de posse, no qual fez o elogio do seu ilustre Patrono é uma formosa peça oratória.

Dessa oração, destacamos as linhas que se seguem:

'Se gratidão me não trai, prezados confrades, a esse número deve, sem dúvida pertencer a emoção intensa que experimento nesta hora, nesta festividade e neste instante em que as mãos de arminho de vossa generosidade me abrem de par em par as portas magníficas de vosso cenáculo, fazendo-me entrever, com a distinção imerecida, o prazer do convívio espiritual de tão brilhante plêiade patricia, a qual de há muitos anos atrás, reconfortada pelos aplausos de muitos ou vencendo a indiferença de poucos, para maior honra e glória de nossa Cuiabá bicentenária, vem soerguendo, intrépida e galharda, o cetro de sua primazia como o maior centro intelectual do Estado.'

Leônidas era também associado ao Grêmio Literário Álvares de Azevedo. Faleceu ele a 8 de abril de 1936. Para recordá-lo, segue um de seus poemas:

Falando à pena

*Vetna penam que a magia me minora,
Companheira nas horas de agonia,
Inda uma vez, em lânguida poesia,
Vem traduzir o meu sofrer, agora.*

*Tenho no Peito a Dor. A treva mora
Em minh'alma. Jamais a luz do dia
pode clarear a escura noite fria,
Que o coração me veste, e me devora.*

*Pena querida, treme entre os meus dedos,
E penetra do berço nos segredos,
Triste, queixosa, trêmula, com calma,*

*Vai traduzindo a minha dor, conquanto
Cada poesia fale do meu pranto
E fale cada estrofe de minh'alma.*

Benjamin Duarte Monteiro

Dados Pessoais

Nascimento: Cuiabá - 31 de agosto de 1908

Falecimento: Cuiabá - 18 de agosto de 1996

Filiação: João do Lago Monteiro

Antonina Duarte Monteiro

Formação Escolar

- **Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro - 1932**

Atividade Profissional

- 1932** Nomeado Promotor de Justiça da Comarca de Cuiabá, assumindo o cargo a 11 de janeiro do ano seguinte;
- 1933** Nomeado Professor da Faculdade Estadual de Direito de Cuiabá;
Nomeado Diretor da Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso;
Nomeado Membro do Conselho Penitenciário do Estado de Mato Grosso.
- 1934** Eleito Presidente da Associação de Imprensa Matogrossense;
Posse no cargo de Professor da Faculdade Estadual de Direito de Cuiabá, onde lecionou a cadeira de Direito Penal, por três anos;
Eleito Deputado à Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso;
Posse no cargo de Secretário do Instituto dos Advogados de Mato Grosso.
- 1935** Eleito Membro do Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil, seção MT;
Recebeu o diploma de Deputado à Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso;
Eleito Presidente do Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil, seção de Mato Grosso;
Posse na cadeira de Deputado à Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso;
Eleito membro da Comissão Especial encarregada de elaborar o Projeto de Constituição do Estado de Mato Grosso, sendo escolhido seu relator;
Escolhido líder da bancada da Maioria na Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso.
- 1937** Posse na Cadeira nº 01 da Academia Matogrossense de Letras, tendo sido saudado pelo Desembargador José B. de Mesquita, Presidente da referida Academia.
- 1942** Eleito membro do Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de Mato Grosso.
- 1944** Nomeado e, nessa ocasião assumiu, o cargo de chefe da 6ª Inspeção Regional do Serviço de Proteção aos Índios, em Cuiabá, atendendo insistente e honroso apelo do saudoso Marechal Rondon.
- 1946** Eleito, novamente, para o Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de Mato Grosso.
- 1947** Posse no cargo de Juiz Substituto do Tribunal Regional Eleitoral do Estado de Mato Grosso;

Inclusão de seu nome na lista tríplice, categoria de Jurista, para o preenchimento de vaga no T.R.E., pelo quinto constitucional.

- 1948 Eleito Presidente de Honra da Associação de Imprensa Matogrossense.
- 1949 Eleito membro do Conselho Técnico de Assistência aos menores.
- 1950 Nomeado Juiz Efetivo do Tribunal Regional Eleitoral de Mato Grosso, tendo assumido o cargo em 19 de outubro.
- 1952 Nomeado para o cargo de Juiz Efetivo do Tribunal Regional Eleitoral de Mato Grosso.
- 1954 Assumiu o cargo de Inspetor de Ensino junto ao Liceu Salesiano São Gonçalo, de Cuiabá.
- 1956 Assumiu o cargo de Procurador Geral de Justiça de Mato Grosso; Publicação, no Diário Oficial do Estado, nessa data, o Ato designando-o como representante do Governo junto à LBA - Legião Brasileira de Assistência.
- 1957 Nomeado Juiz Efetivo do Tribunal Regional Eleitoral.
- 1959 Nomeado Juiz Efetivo do Tribunal Regional Eleitoral do Estado de Mato Grosso.
- 1963 Nomeado, através de Ato Presidencial, para a cadeira de Direito Judiciário Civil da Faculdade de Direito de Cuiabá;
Posses no cargo de Professor da Faculdade de Direito de Cuiabá, onde lecionou Direito Judiciário Civil, no 5º ano, até as provas finais de 1963.
- 1964 Lecionou no 4º ano, da Faculdade de Direito de Cuiabá, Direito Judiciário Civil, durante todo ano letivo.
- 1965 Nomeado, por Ato de 08 de janeiro de 1965, para a cadeira de Direito Administrativo da Faculdade de Direito de Cuiabá;
Indicação de seu nome, encabeçando lista tríplice, para membro do Tribunal Regional Eleitoral, classe de Jurista.
- 1966 Nomeado Procurador Geral da Justiça do Estado de Mato Grosso e, na mesma data, prestou compromisso e entrou em exercício do cargo;
Nomeado Conselheiro do Tribunal de Contas e, na mesma data, tomou posse e entrou no exercício do cargo.
- 1968 Eleito Vice-Presidente do Tribunal de Contas - exercício de 1969.
- 1969 Assumiu a Presidência do Tribunal de Contas, por 60 dias, em substituição ao titular;
Assumiu a Presidência pelo resto do mandato, em virtude da aposentadoria do titular.
- 1973 Posse no cargo de Presidente do Tribunal de Contas de Mato Grosso.

Faleceu, em Cuiabá, a 19 de julho do presente ano (1996).

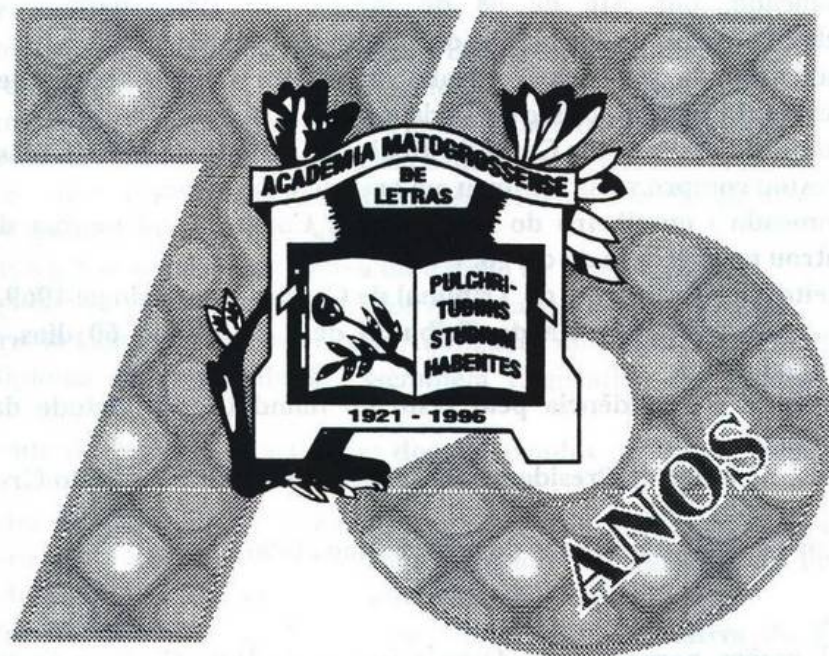
Publicações

Memorial, razões, pareceres nos *Anais Forenses de Mato Grosso* e na *Revista dos Tribunais de São Paulo*.

Artigos e crônicas em vários jornais e revistas.

Ex-correspondente do periódico "*O Jornal*", do Rio de Janeiro e na Agência Meridional.

JUBILEU DE DIAMANTE



Cadeira nº 02

| | |
|---|---|
| Patrono: Joaquim da Costa Siqueira | Ocupantes: Gervásio Leite Satyro Benedicto de Oliveira |
|---|---|

Satyro Benedicto de Oliveira

Joaquim da Costa Siqueira

Da Cadeira nº 02 Patrono é o paulistano (1740/1821) **Joaquim da Costa Siqueira**, da Cuiabá colonial bom cronista, seguidor da obra do prógono, advogado **José Barbosa de Sá**, noticiarista primaz, Padroeiro da Cátedra nº 01, porquanto **pai da história mato-grossense**.

Chegando só, com 23 anos, cuidou continuar do antecessor as tarefas, por mais de duas vintenas. Registrou as festas em Cuiabá (1809), comemorativas da restauração de Portugal (representação de um drama e farsas).

O teatro muito cedo interferiu nos costumes da gente autóctone, devido à influência dos portugueses, máxime da região norte (Minho e Traz-os-Montes), do mais credenciado nível na Metrópole.

Carlos Francisco Moura, pesquisador, citado por Lenine Póvoas (História da Cultura Mato-grossense), direto clareia:

“Estudo mais aprofundado levaria logo à conclusão de que Mato Grosso foi certamente a Capitania onde o teatro teve maior importância social e cultural”.

Em Cuiabá surdiu a crônica teatral brasileira.

Político, detentor de postos de realce na gestão da Província, inclusive como Vereador e Capitão de Cavalaria, **Joaquim da Costa Siqueira** foi esquadrinhado por Dr. Gervásio Leite:

“Faiscante figura de nossa história, dono da mais sortida biblioteca do tempo, espírito de eleição, espécie de flor exótica perdida na lavra, onde a vida é de uma bruteza incrível, em lutas ásperas contra a terra, o selvagem e as doenças”.

O bandeirante desassossegado que, ao longo de 58 anos, por Mato Grosso fez opção, legando *“Compêndio Cronológico das Notícias de Cuiabá”*, das tradições locais preciosa fonte, recolheu de Ouvidor ilustre, o Juiz de Fora de Cuiabá, Dr. Diogo de Toledo Lara Ordonhes, estimativa propícia:

“É o mais capaz desta vila..., pelas luzes, critério e conhecida probidade”.

Seu trabalho exaustivo (*“Crônicas de Cuiabá”*), publicado no volume 4º da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de São Paulo, com nótulas de Toledo Pizza, refere aos pósteros a sagacidade das monções. A propósito dilucida o Dr. Gervásio:

“Lá está, pormenorizadamente, toda a história da cidade que Sutil plantou um dia, no sopé do Rosário, dos seus homens, de suas grandezas e misérias, de seus instantes heróicos e sombrios, com detalhes de toda ordem”.

Gervásio Leite

Ocupante primeiro da Cadeira nº 02, o **Dr. Gervásio Leite** nasceu em Cuiabá (19 de junho de 1916) e no Rio de Janeiro findou seus dias (10 de abril de 1990) - 74 anos incompletos.

Cabe-me a honra de suceder a vulto qualificado, imperecível, do glorioso Liceu Cuiabano emergente. Aos 22 anos - 1938 - diplomou-se pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, sobressaindo-se nas porfias do Diretório.

Advogado, Professor, Jornalista, Político (deputado estadual - constituinte de 1947 - 30 anos), Desembargador e Acadêmico, denodado sob qualquer dos prismas.

Mediante vero apoio de comunheiros gabaritados, poetas e jornalistas (o cacerense, bacharel em Direito, Euricles Motta, e Rubens de Mendonça, historiador cuiabano), espargiu - 1939 - "Movimento Graça Aranha" criativo, pelo Centro-Oeste propagando modernista Ideal, no afã destemido de galvanizar os que, Inteligência e Arte, motivos básicos da Vida elegeram. Divulgou, na revista Pindorama, composição denominada "*Mulher*", onde burila:

*"Trazes na glória do teu corpo jovem um poema divino.
És na graça diabólica de tua mocidade, um feixe de luz na escuridão do mundo.
A natureza escondeu mistérios nos teus olhos, sob tua pele rosada e nesses lábios que prometem revelações sutis.
És um poema de carne! És um poema de graça!
És um hino de beleza!
Deus sintetizou em ti, mulher, toda a beleza dispersa do Universo".*

E culmina:

"Todos os animais da terra, todas as flores do mundo, todas as pedras do subsolo concorreram para que fosses criada, mulher maravilhosa! E Deus te mandou à terra para enganar os homens com os segredos indecifráveis do teu corpo!"

Causídico brilhante, de visível acuidade, seu escritório de advocacia era o mais movimentado, influente, no período 1940/1960, regular ponto de convergência para vantajosas tertúlias de gama calidoscópica.

Presidiu a OAB regional: biênio frutífero (competente "*batonnier*").

Professor da Escola Técnica de Comércio, da Faculdade de Direito de Cuiabá (um dos edificadores) e da UFMT, lídimo arquétipo na docência construtiva, deu à estampa "*Ruy, o Apóstolo do Brasil*", "*Ciência, Técnica e Direito*" (1971 - Oração de Sapiência), "*O Advogado e os Direitos do Homem*" (Conferência Nacional dos Advogados), "*Parte Geral do Direito Civil*", etc.

Jornalista, da Associação de Imprensa Mato-grossense Presidente, co-fundador, em 1939 (23 anos), de "O Estado de Mato Grosso", um feito magno do indefesso pioneiro, Dr. Archimedes Pereira Lima. No diário, versátil coluna manteve, de aspectos educativos referta, em cuja estréia, sem balda, poliu:

"A imprensa mato-grossense conseguiu, com o aparecimento deste jornal, sair daquela dúvida hamlética que lhe roía as entranhas: Ser ou não Ser. Ela, coitada, em tempos de crise, sabia como sofria, desde a falta de público até a de material; mas arrastou-se durante cem anos para, finalmente, como a Fênix, renascer, não das cinzas, mas da própria velhice, e novinha em folha. Realizou o milagre de Fausto, rejuvenescendo depois de um centenário".

Político, deputado estadual, inscrito no PSD, o Partido Social Democrático de Juscelino Kubitschek de Oliveira, Tancredo de Almeida Neves, Benedicto Valladares Ribeiro, Fernando de Mello Viana, José Francisco Bias Fortes, José Maria de Alkmim, Gustavo Capanema, Paulo Pinheiro Chagas, Eurico Gaspar Dutra, Filinto Strubing Müller, João Ponce de Arruda, Arnaldo Estêvão de Figueiredo, Ernani do Amaral Peixoto, Agamenon Sérgio de Godói Magalhães, Nereu de Oliveira Ramos, Antônio Balbino de Carvalho Filho, Carlos Cirilo Júnior, Pedro Ludovico Teixeira e outros, **Gervásio Leite** prevaleceu como nota rútila de numerosa bancada que liderava na Constituinte. Luzidio farol da Assembléia, para decisões de relevo.

Desembargador, jurista exímio, articulou magníficos votos e ao píncaro ascendeu: Presidente do Egrégio Tribunal de Justiça.

No 1º volume das Ementas Exemplares - Matéria Criminal - em 1979 compiladas pelo infatável Desembargador João Antônio Neto, à página 08 lêem-se acórdãos lapidares - Desembargador Gervásio Leite o Relator -, em foco: Poder discricionário do magistrado quanto a

trajes convenientes dos advogados nas audiências e Limitações à capacidade, notoriamente restrita, do assistente do Ministério Público.

Integrante do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-grossense de Letras, com aptidão presidência de ambos exerceu, praticando cintilante oratória em sessões de civismo e lítero-musicais.

O maranhense merencório de Miritiba, Humberto de Campos Veras, por sufrágio crismado “Príncipe dos Prosadores Brasileiros”, bem descreveu a elegância: “...é, no homem ou na mulher, uma espécie de graça cristalizada”. Não é que o **Dr. Gervásio**, “causeur” inebriante, primoroso tribuno, lavrou (05/07/1974), na investidura solene, a que assisti, do novel-provecto Acadêmico Demóstenes Martins (Cadeira nº 28), apropriado discurso exordial, epítome de uma hialina elegância:

*“Este silogeu da cultura mato-grossense parece hoje mais iluminado posto que abrimos esta noite, de par em par, suas portas, para receber, por entre demonstrações de estima e apreço, uma das mais exponenciais figuras do nosso Estado, essa esplêndida criatura humana que é **Demóstenes Martins** que aqui vem ad immortalitatem participar dos trabalhos desta Academia, por toda a extensão de sua vida que ainda há de se alongar, na louçania dos seus 80 anos. Aqui chega ativo, jovem, lúcido, um homem que, ao longo de sua vida pública, exercendo cargos os mais altos na administração do Estado, tem a glória de ter as mãos limpas, a alma pura, a cabeça ativa e os bolsos vazios. É assim, o triunfo da probidade e da inteligência, da honradez e da cultura, de uma vida materialmente modesta mas enriquecida pelo saber haurido ao correr de uma existência afanosa, mas feliz, que permitiu a esta criatura excepcional ascender às culminâncias da vida cultural mato-grossense e ser recebida aqui como o triunfador, não desse triunfo vão, egoístico ou que se traduz pelo vulto da riqueza material mas aquele outro, mais nobre, o triunfo que fica, que permanece, que engrandece, que glorifica a grandeza moral, a solidez cultural e a luminosidade de uma inteligência vigorosa. E, sobretudo, é o triunfo de uma vida limpa que o permite, e que Deus assim o conserve, a olhar de frente, com coragem e sem corar, a vida e os homens do seu tempo”.*

No quinquagésimo aniversário da Semana de Arte Moderna (1972), o intelectual Gervásio Leite redigiu comentários perspicuos, de crítica sensibilidade, concernentes à emissão do Caderno nº 7 da Cultura, pelo estrênuo Benedito Sant’ Ana da Silva Freire, presente na audiência do tempo e na moldura de nossa lembrança.

Matutino lançamento (balneário Sayonara). Moema Figueiredo Leite procedeu à leitura (doente o redator). Com o acabamento doirado pulsemos:

“A revolução que Guimarães Rosa comandou na prosa é a revolução que Silva Freire chefia na poesia. Como no caso de Guimarães Rosa, é uma revolução de um soldado só. Há de ficar no tempo literário, como marco plantado em um novo Campo d’Ourique da literatura mato-grossense. E, para usar expressão camoniana, nesse 4º Centenário dos Lusíadas, um arremate a essas desencadernadas considerações: a poesia e seu poeta estão causando espanto e assombro na máquina do mundo”.

Há treze anos, Dr. Archimedes Pereira Lima, amigo e companheiro, que a Chefia da Casa Civil resignou, para empreender, ao lado de caro amigo comum, Engenheiro José Garcia Neto, senatorial campanha, granjeia manifestação afetiva do funcionalismo da Secretaria de Estado. Pouco antes da cerimônia, Comissão de Servidores acudiu à Assessoria Parlamentar do Governo, para me rogar fosse daquela orador. “*Tout d’un trait*” refleti acerca do que deveria discorrer,

improvisando alocução que ressonância benigna obteve. Cumprimentado por quantos lotavam o Salão de Atos do Palácio Paiaguás, pude colher vívidas congratulações do Presidente da Academia Mato-grossense de Letras, impressionante Desembargador **Gervásio Leite** que, lípido, espontâneo, loquaz, fagueiro, alto e bom som dirigiu-me, para ouvida global, pródigo louvor, “*ex professo et corde*”: “*Outro discurso desse quilate, providenciarei sua entrada na Academia*”!

Sortilégio puro do destino irrevogável que, na machadiana fórmula, não anuncia as peripécias nem o desfecho e vós me atraístes para o assento vazio com o desenlace de colendo cuiabano, longânime autor do presságio lisonjeiro!¹

Satyro Benedicto de Oliveira

Dados Pessoais

Satyro Benedicto de Oliveira

Natural de Uberaba - Minas Gerais (06/07/1931)

Filiação: Satyro da Silva e Oliveira e Haydée Lage de Oliveira
(finados)

Esposa: Luzia Maria Ferreira de Oliveira

Profissão: Advogado - Procurador de Justiça (aposentado): Reg. P.G.J/MT, N° 031

Formação Cultural

- **Curso Primário: Colégio Oliveira (Uberaba) - Conclusão: 1942**
- **Curso Ginásial: Colégio Diocesano (Uberaba) e Colégio Salesiano Santa Rosa (Niterói - RJ) - Conclusão (em Uberaba): 1946**
- **Curso Científico: Colégio Santo Inácio (Rio de Janeiro) - Conclusão: 1949**
- **Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Colação de Grau: 16/12/1954)**
- **Inscrição (original - 09.03.1955) na Ordem dos Advogados do Brasil (Seção do antigo Distrito Federal - Rio de Janeiro - Carteira n° 8.248); definitivamente convertida para Seções de Minas Gerais (13/03/1961: n° 6.395) e de Mato Grosso (14/12/1977: n° 1.862-B).**

Atividades Universitárias

- Representante nos Conselhos Metropolitano e Nacional dos Estudantes (UME e UNE);
- Presidente do Centro Acadêmico “Eduardo Lustosa” (CAEL)
- Diretor do jornal “*Ação*” e colaborador de outro (“*Libelo*”)
- Promotor de vários Debates e Conferências - juristas, professores e políticos:
Trancredo de Almeida Neves, Francisco Clementino de San Tiago Dantas, Francisco Campos, Néelson Hungria, Roberto Lyra, Hélio de Bastos Tornaghi, João Neves da Fontoura, Ferreira de Souza, Miguel Maria de Serpa Lopes, Raul Pilla, Prado Kelly, Temístocles Cavalcanti, Luiz Augusto do Rego Monteiro, Afonso Arinos de Melo Franco, Pedro Calmon Moniz de Bittencourt, Aliomar Baleeiro, Haroldo Valladão, Adroaldo Mesquita da Costa, Orozimbo Nonato e Heráclito Fontoura de Sobral Pinto.
- Orador Oficial da Diretoria da União Nacional dos Estudantes

¹ Sobre Patrono e anterior Ocupante, matéria extraída do discurso de posse (16 de dezembro de 1991).

- Vencedor do Concurso Nacional de Oratória, promovido pela União Nacional dos Estudantes (UNE), no Rio de Janeiro - 1952 (dezena de competidores -, ali sorteio do tema) e por uma plêiade brilhante decidido .

Atividades Profissionais e Acadêmicas - Produções Literárias

- No Rio de Janeiro (1953/1955):

- Assessor (escriturário, por concurso) na Seção Jurídica da Penitenciária Central do então Distrito Federal e praticante nos escritórios de advocacia do Professor Celestino de Sá Freire Basílio e do Dr. José Ribeiro de Castro Filho, ex-Presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil;

- Em Minas Gerais (Uberaba, Triângulo e Belo Horizonte), desde 1956:

- Exercício da advocacia cível, trabalhista e criminal (vários júris - defesa e assistência de acusação - em Uberaba, no Triângulo e Alto Paranaíba), sustentando causas, oralmente e via memoriais, perante o egrégio Tribunal de Justiça do Estado (tempo de exercício da atividade advocatícia, em caráter permanente, devidamente comprovado, não simultâneo com o de serviço público, aqui já foi computado, para todos os efeitos, *ex-vi* de norma estatutária do Ministério Público);
- 17 de abril de 1957: Advogado militante, Professor de Direito e de Filosofia, entrevista, com excelente repercussão, nas Faculdades e no meio forense, ao jornal "Correio Católico" - Uberaba / MG, caracterizando "*Vantagens, maiores que defeitos, do Tribunal do Júri, conquista perene da Democracia*";
- Professor da Faculdade de Direito do Triângulo Mineiro - 01/03/1957 a 05/1964 - (docência de Introdução à Ciência do Direito, com aprovação do Conselho Nacional de Educação - Parecer nº 569, de 10/12/59);
- Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Santo Tomás de Aquino" - Uberaba - 1958/1961 (História da Civilização e Política e Administração Pública, no Curso de Jornalismo);
- 06 de julho de 1963: Homenagem do notável Arcebispo Metropolitano de Uberaba, sócio efetivo da Academia de Letras do Triângulo Mineiro, Dom Alexandre Gonçalves Amaral, reconhecendo e proclamando virtudes do Causídico, Professor, Orador, Político e Cristão, através de robusto e generoso artigo, estampado no "Correio Católico", sob o título "*Cumprimento de Velha Promessa*";
- Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de Minas Gerais - 14ª Subseção (Triângulo - sede: Uberaba) - biênio 1965/1967;
- Anfitrião dos saudosos Ministro Néelson Hungria e Professor Francisco Clementino de Santiago Dantas que, na Faculdade de Direito do Triângulo Mineiro, proferiram conferências memoráveis ("Um novo conceito de culpabilidade" - Revista Forense, vol. 172, págs. 05/09 - e "Distinção entre prescrição e decadência"), aos quais dirigiu saudações, em nome do corpo docente, da OAB e das autoridades locais;
- Orador oficial de Uberaba, na saudação ao grande jurista, Professor Darcy Bessone de Oliveira Andrade (lançamento do livro "O Mundo, o Brasil, o Homem" - 21/06/1966 -, no Jockey Club de Uberaba);
- Vereador à Câmara Municipal de Uberaba (02 mandatos: 1959/62 e 1963/67), pelo Partido Trabalhista Brasileiro, do qual integrou Diretórios Regional e Municipal e Comissão Executiva deste;
- Paraninfo de numerosa turma de concluintes da Academia José de Alencar, grêmio literário de alunos maristas de Uberaba (cursos clássico e científico) - 1957;
- Presidente do Legislativo uberabense - 1960 -, Líder de Bancada e Presidente (vários exercícios) da Comissão de Constituição e Justiça;

- Orador oficial do Poder Público de Uberaba (Legislativo e Executivo), em solenidades inúmeras (exemplos: oferta de título de Cidadão Uberabense ao Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira e comemoração da inauguração de Brasília);
- Advogado da Sociedade das Damas Vicentinas de Uberaba, benemérita entidade filantrópica, da qual a inolvidável mãe (Haydée Lage de Oliveira) foi fundadora, Secretária e Presidente;
- Diretorista e Orador oficial da Associação dos Ex-Alunos Maristas;
- Consultor jurídico do Independente Atlético Clube;
- Orador oficial dos Leigos, na Arquidiocese de Uberaba;
- Integrante do Conselho Fiscal do MIUSA (Matadouro Industrial de Uberaba);
- Autor de artigos, palestras e discursos, publicados na imprensa regional, sobre variados temas (ex.: Revista Convergência, da Academia de Letras do Triângulo Mineiro, Ano II, Nº 2, 1972, págs. 48 e 49, divulga discurso pronunciado, no Jockey Club de Uberaba - 14/09/1971 -, em nome dos descendentes do insigne Barão de Ponte Alta, um dos biografados no livro de Borges Sampaio - "Uberaba: História, Fatos e Homens" -, então lançado solenemente);
- Advogado do Banco do Estado de Minas Gerais (BEMGE) - 1965/1966;
- 06 de setembro de 1970 (Dia do Muriaeense): Orador oficial - Muriaé/MG, como Advogado da Fundação do Bem-Estar do Menor (FEBEM), na tocante cerimônia cívica (Semana da Pátria), com diversas inaugurações, presentes o Governador do Estado, natural do município, Jurista Pio Soares Canedo, autoridades outras, funcionários, estudantes, trabalhadores, público, afinal, maciço;
- Assessor Jurídico e Conselheiro da Fundação do Bem-Estar do Menor (FEBEM/MG) - Belo Horizonte - 1970/1972
- Em **Mato Grosso**, a partir de janeiro de 1973:
 - Habilitado em 1º lugar, no Concurso Público de Provas e Títulos, para Promotor de Justiça (01/1973);
 - Procurador Geral do Departamento de Estradas de Rodagem do Estado de Mato Grosso (DERMAT) - 1973/1975;
 - 1º Professor da cadeira de Direito Agrário da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Mato Grosso - 1975;
 - Participante, por indicação do Governo de Mato Grosso, do 2º Congresso Brasileiro de Direito Administrativo - Rio de Janeiro (Hotel Glória) - Junho/1976 -, integrando Comissões e intervindo no plenário;
 - Assessor Especial (Assuntos Parlamentares) do Governador do Estado de Mato Grosso - 1976/1978;
 - Procurador Regional do Serviço Social da Indústria - SESI/MT - e Assessor Especial da Federação das Indústrias no Estado de Mato Grosso - FIEMT - 1976/1978;
 - 07 de setembro de 1977: Conferência, no salão nobre do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (11º DRF do DNER), perante autoridades federais, estaduais e municipais, religiosas, civis e militares, funcionários e estudantes, abordando "Brasil de todos nós e sua data magna";
 - Novembro/1978: Retorno à militância no Ministério Público;
 - Promotor de Justiça, oficiando, entre outras, nas Comarcas de Alto Garças, Dom Aquino, Poxoró, Jaciara, Guiratinga e Diamantino, requisitado sempre para atuar nas Reuniões Periódicas do Tribunal do Júri da Comarca de Cuiabá (muitas vezes, acumulando funções, na Capital e no interior);
 - Em 1983 e 1985, promovido, por merecimento, aos cargos de Promotor de Justiça da Comarca de Rondonópolis (2ª entrância) e Promotor de Justiça da Comarca de Cuiabá (entrância especial);
 - Antes e depois de promovido: representante do Ministério Público, perante o Tribunal do Júri da Capital e a Auditoria da Justiça Militar do Estado de Mato Grosso;

- Promotor de Justiça junto às Varas Criminais da Comarca de Cuiabá, incluído Juízo de Direito da Vara das Execuções Criminais;
- Em 12/02/1987, promovido, por merecimento, ao cargo de Procurador de Justiça;
- Participante, como Promotor de Justiça de Mato Grosso, do Xº Congresso da Associação Brasileira de Juízes e Curadores de Menores - Tramandaí/RS (Outubro/1983) - Tema Geral: "A Justiça de Menores e a Realidade Brasileira" (membro de Comissões e sócio da entidade);
- Participante, como Procurador de Justiça de Mato Grosso, do 7º Congresso Nacional do Ministério Público (AMMP/CONAMP) - Belo Horizonte/MG (Abril/1987) - Tema Geral: "Ministério Público e a Constituição";
- Auditor do Tribunal de Justiça Desportiva (TJD) da Federação Mato-grossense de Futebol (FMF) - 1978/1986 -, tendo sido Vice-Presidente (1982) e Presidente (eleito e reeleito, por unanimidade - 1983 e 1984);
- Professor de Direito Penal em cursos intensivos, patrocinados pela Associação Mato-grossense do Ministério Público (1983/1985 - Cuiabá), visando preparação de advogados candidatos ao ingresso no Ministério Público, na Magistratura e na Procuradoria Geral do Estado;
- Em 11/08/1983: Conferência, na sede da Escola Estadual Pe. César Albisetti - Poxoréo/MT -, sobre "O Dia do Estudante", a convite dos corpos docente e discente bem como da Secretaria Municipal de Educação e Cultura;
- Em 29/08/1984: Conferência, no Salão Nobre da OAB/MT (promoção do Instituto dos Advogados Mato-grossenses, da Ordem dos Advogados do Brasil/Seção MT e da Associação Mato-Grossense do Ministério Público), explicando "Inovações no Código Penal (Parte Geral)", precedida de fidalga saudação pelo Professor Lídio Magalhães Bandeira de Mello;
- 14 de dezembro de 1985 (Dia Nacional do Ministério Público): Orador oficial - Cuiabá, em nome das Procuradoria Geral de Justiça e Associação Mato-grossense do Ministério Público, apontando "*Modernas tendências do Direito Penal*" e dirigindo saudação ao ilustrado visitante, Conferencista de escol, mestre do Direito, Subprocurador Geral da República, Dr. Francisco de Assis Toledo;
- Cidadão honorário do município de Jaciara (unânime aprovação da Câmara de Vereadores, via Decreto Legislativo nº 19, de 15/03/1985): Diploma entregue, com homenagens do Poder Público, em sessão solene realizada na sede da edilidade - 07/11/1987;
- Consultor Jurídico e Orador Oficial da Diretoria Executiva do Círculo Militar de Cuiabá (biênios 1985/87 e 1987/89);
- Sócio do Rotary Club de Cuiabá, desde agosto de 1974, tendo exercido vários cargos no Conselho Diretor, inclusive Presidente (Período 1985/86, com o lema: "Acionemos as Chaves para Servir"), quando foi saudado, em nome de todos os companheiros, através de muito bem redigida oração, pelo ilustre co-fundador, Dr. Archimedes Pereira Lima, que, perorando, destacou: "*Satyro, você é a chave*" (comunicação, empenho, liderança, oratória); agradeceu, num aplaudido improviso, destacando princípios rotários e tópicos do programa presidencial;
- Artigo publicado no Boletim do Rotary Club de Cuiabá (Dezembro de 1985): "Um Recado de Natal";
- Ao longo de 22 anos, como sócio (representativo e veterano) devidamente credenciado, pratica Oratória no Rotary (Distrito e Clubes), em reuniões ordinárias, conjuntas, festivas, Conferências e Assembléias, no exercício, entre outros, dos encargos de Diretor do Protocolo, Presidente de Avenidas e titular da Informação, Instrução e Educação Rotárias; discursou, efetuando panegíricos, durante sepultamentos de saudosos companheiros: médico José de Faria Vinagre, comerciante José Rodrigues do Prado, engenheiro Henrique Gomes da Silva e bancário Raul Santos Costa e da

- inesquecível Sra. Zelinda Noce Pereira Lima, esposa do companheiro, co-fundador de Rotary em Mato Grosso, Archimedes Pereira Lima;
- Durante as festividades do “Dia do Soldado” (25/08/1987), recepção do Diploma de Colaborador Emérito do Exército, concedido pelo Comando Militar do Oeste, com sede em Campo Grande/MS (a solenidade foi efetuada no Batalhão Laguna - Cuiabá - , sob a presidência do General Comandante da 13ª Brigada de Infantaria Motorizada);
 - Professor da Escola Superior de Magistratura, fundada e mantida pelo egrégio Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso, lecionando, em 1988, Direito Penal (Crimes Dolosos Contra a Vida e Júri);
 - Por alguns meses de 1989, contratado, pelo Poder Executivo de Mato Grosso, prestou serviços técnicos profissionais especializados, de natureza jurídica. O contrato aprovado foi, à unanimidade, pelo insigne Tribunal de Contas;
 - Em 19 de abril de 1990: Conferência, no auditório da CEMAT, por motivo das comemorações da Conjuração Mineira, especialmente convidado pelo Comando e Oficialato da PM/MT, acerca do assunto “Vida Gloriosa e Supremo Ideal do Alferes Tiradentes, Protomártir da Independência” (Saudação a cargo de um Oficial da Polícia Militar);
 - Julho/1990: No “Guia Distrital - 1990/1991 - Distrito Rotário 444” (págs 19/22), com ampla difusão em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e parte de São Paulo, artigo estampado sob o título “Rotary: conceito e breve histórico sobre sua fundação, organização e objetivo”;
 - Em 08 de agosto de 1990: Conferência, no auditório da FIEMT (Federação das Indústrias no Estado de Mato Grosso), atendendo formal convite do Diretor Geral da União das Escolas Superiores de Cuiabá - UNIC - e do Presidente do Centro Acadêmico “07 de Agosto”, focalizando “Direito Penal e Constituição”, durante o I Encontro Jurídico da UNIC - Semana do Advogado -, precedida de saudação calorosa pelo Dr. José Stábile Filho, Diretor e Professor da Faculdade de Direito de Cuiabá, e seguida de debates;
 - Em 14 de dezembro de 1990 (VIII Encontro Estadual do Ministério Público, realizado em Cuiabá), proferiu discurso de saudação, em nome da Associação Mato-Grossense do Ministério Público e da Procuradoria Geral de Justiça do Estado, ao ilustre conferencista, Promotor de Justiça gaúcho, Professor Dr. Voltaire de Lima Moraes (a “Tribuna Livre”, órgão oficial da Associação Mato-Grossense do Ministério Público - nº 16 -, divulgou, à pág. 05, notícia e foto alusivos); referida “Tribuna Livre” (nº 14, 1ª pág.) comentou a Conferência do item anterior (nota intitulada: “Satyro fala na UNIC”);
 - Em 08 de março de 1991, na tribuna do Rotary Club de Cuiabá, dissertou acerca de “Aspectos jurídicos múltiplos do Código de Defesa do Consumidor”, debatendo, depois, com os presentes (companheiros, visitantes e convidados);
 - Em 31 de agosto de 1991: eleito em Assembléia Geral da Academia Mato-grossense de Letras, titular da Cadeira nº 02;
 - 14 de dezembro de 1991: solene posse como Acadêmico (sócio efetivo), tendo sido recepcionado pelo Acadêmico Lenine de Campos Póvoas; na alocução então proferida, formulou elogios do Patrono, cronista Joaquim da Costa Siqueira, e do anterior ocupante, Acadêmico Gervásio Leite;
 - 21 de abril de 1992: Conferência na Academia Mato-grossense de Letras (solene sessão comemorativa do Bicentenário da Inconfidência Mineira), sobre o tema: “Antecedentes e Conseqüências da Conjuração”;
 - 05 de maio de 1992: alocução oficial, em nome da Academia Mato-grossense de Letras, na sede da Sociedade dos Amigos do Marechal Rondon, sobre “O Grande Civilizador Brasileiro, Patrono da Paz e das Comunicações”;

- 08 de abril de 1993: na Fundação Cultural, presentes autoridades, intelectuais e numeroso público, em nome da Academia Mato-grossense de Letras, discurso oficial em homenagem ao Ministro da Cultura, erudito Acadêmico Antonio Houaiss;
- 21 de outubro de 1993: no recinto, totalmente lotado, da Academia Mato-grossense de Letras, Orador oficial, em nome do Sodalício e do Rotary Club de Cuiabá, nas exéquias perante o esquife do 1º Vice-Presidente da Academia e co-fundador do Rotary em Cuiabá, excelso jornalista, empresário e Acadêmico Archimedes Pereira Lima (Cadeira nº 13);
- 05 de maio de 1994: solene recepção do diploma de sócio efetivo da Sociedade dos Amigos do Marechal Rondon, saudado pelo Presidente Ramiz Bucair;
- 1994: Conferências, na Universidade de Várzea Grande (UNIVAG), sobre “A *Eficácia Multissecular do Livro*” e, na Soka Gakkai Internacional (SGI) Cuiabá, em torno do mote: “As Academias e os Valores Culturais” (Alocações pronunciadas por expressa delegação do Presidente Clóvis de Mello);
- 24 de agosto de 1995: Orador oficial da Academia, na sessão solene comemorativa do Dia do Soldado, discursando sobre “Caxias: Vida Exemplar e 13ª: Uma Brigada Fraternal!”;
- 06 de setembro de 1995: discurso (“Alguns Temas na Transição”), como Orador oficial da Academia Mato-grossense de Letras, na cerimônia de posse da nova Diretoria (biênio 1995/1997);
- 15 de setembro de 1995: como Presidente da reunião (deferência do Presidente João Alberto Novis Gomes Monteiro), proferiu discurso (“Uma Oração Jubilar”) inaugural da Sessão Solene de início das comemorações do Jubileu Diamantino do Silogeu e de posse do Acadêmico Roberto de Oliveira Campos;
- 22 de setembro de 1995: especialmente convidado, proferiu alocução em regozijo pelo Cinqüentenário do Banco Itaú S/A (solenidade na agência do Porto/Cuiabá), com a presença de autoridades, repórteres, dirigentes, funcionários, clientes e convidados da instituição;
- Distinguido pelo Presidente João Alberto pronunciou discurso escrito, reverenciando memória do nobre Acadêmico Jary Gomes (Cadeira nº 24), na sessão regular de 25 de maio de 1996 (Casa Barão de Melgaço, presente bom número de sócios da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso), focalizando vida e obra do médico, literato e político (Deputado Estadual, Presidente da Assembléia, Governador do Estado), natural de Corumbá e recentemente falecido em Niterói - RJ.
- Por delegação do Presidente João Alberto, proferiu discurso, de improviso - 19 de julho de 1996 -, ao ensejo do sepultamento, no cemitério da Piedade, perante grande público, do provento Acadêmico Benjamin Duarte Monteiro (Cadeira nº 01), dissertando sobre vida e obra do jurista (Presidente da OAB/MT, Procurador Geral de Justiça), jornalista (Presidente da Associação de Imprensa Mato-grossense, etc.), Conselheiro e Presidente do Tribunal de Contas de Mato Grosso;
- No cumprimento de mandato conferido pelo Presidente João Alberto, pronunciou alocução de improviso - 30 de julho de 1996 -, logo após a celebração de solene Missa dos Bem-Aventurados, no Patronato Santo Antonio - Coxipó, da Congregação Salesiana, perante o esquife do venerando Acadêmico Padre Raimundo Conceição Pombo Moreira da Cruz (Cadeira nº 04), em recinto superlotado, desenvolvendo panegírico do sacerdote, mestre de gerações (apóstolo da Educação e da Cultura), homem público, escritor e orador;
- Sócio fundador e Presidente reeleito do Conselho Superior do TREM - Associação Tradições do Estado de Minas Gerais (biênios 1994/96 e 96/98);
- Orador oficial na cerimônia de instalação do TREM - Associação Tradições do Estado de Minas Gerais - e posse solene da 1ª Diretoria Executiva (21 de abril de 1994),

enaltecendo a confraternização de mineiros e mato-grossenses e reverenciando a memória de Tiradentes, Protomártir da Independência;

- Artigo de 1ª página no jornal "O TREM", órgão informativo dos mineiros (Nº 05 - 02/96): "Um TREM pioneiro, além das Gerais", focando, inclusive, a plena integração Mato Grosso/Minas;

- Três biênios (1991/93, 93/95 e 95/97), na Mesa Diretora da Academia Mato-grossense de Letras: exerceu os cargos de membro da Comissão de Eventos e Orador oficial e exerce o de 1º Vice-Presidente;

- Católico, militante na Paróquia de São Gonçalo (Porto), tem proferido leituras, palestras e alocuções de cunho cristão, familiar e cívico.

| | |
|---|--|
| Patrono: Ricardo Franco de Almeida Serra | Ocupantes: Miguel Carmo de Oliveira Melo Lécio Gomes de Souza Rubens Mendes de Castro (eleito, a ser empossado) |
|---|--|

Ricardo Franco de Almeida Serra¹
Origem e Nascimento
Primeiras Atividades

Ricardo Franco teve origem humilde, filho que era de simples criado palaciano das câmaras de D. João V e D. José I. Não lhe impregnara o sangue o caráter de nobreza, mas iria impregnar-lhe a vida a nobreza de caráter.

Em data não consignada, nasceu Ricardo Franco em 1748, ano que, como lembra Silveira de Melo, assinala coincidentemente o da criação da capitania de Mato Grosso, a que consagraria o mais fecundo período de sua existência

Porto e Lisboa disputam a primazia de lhe terem dado berço. Estêvão de Mendonça aponta a primeira das cidades, enquanto Joaquim da Costa Siqueira, seu contemporâneo, com mais razão, corroborado pelo esclarecido autor de "HISTÓRIA DO FORTE DE COIMBRA", opina pela segunda, por ter sido moradia permanente do pai, no desempenho do emprego de que era detentor.

Tanto é que precocemente concluía o curso preparatório e, no limiar da adolescência, ingressava na Academia Militar de onde saía a 9 de setembro de 1766, aos 18 anos, confirmado no primeiro posto do oficialato. Incluído no Real Corpo de Engenheiros, teve posteriormente funções cumulativas de ajudante de infantaria.

Por uma década a fio, a partir de 1767, serviu sob as ordens do Coronel Guilherme Elsdén, a demonstrar inteira competência nos misteres geográficos e extremo capricho na preparação dos mapas.

Em 1778 era promovido a capitão para, nos dois anos seguintes, arregimentar-se em funções estritamente de comando. Assim, ia gradativamente moldando a personalidade no duplo aspecto de sua carreira técnico e militar - a adquirir sólido cabedal, que tanto lhe valeria nos tempos futuros.

A 1º de outubro de 1777 fora assinado, entre Portugal e Espanha, o Tratado de Santo Ildefonso. Pelos termos do convênio, as partes ajustantes deviam nomear as respectivas comissões para fixação dos limites, desde a bacia amazônica à platina. Não contemporizou o gabinete de D. Maria I e os seus representantes foram escolhidos a dedo, entre os melhores do Reino: capitães de engenharia Ricardo Franco de Almeida Serra e Joaquim José Ferreira, portugueses; astrônomos Francisco José de Lacerda e Almeida e Antônio Pires da Silva Pontes, brasileiros, o primeiro natural de São Paulo, o segundo de Minas Gerais; Padre Álvaro de ~~Leandro da Fonseca Zuzarte, capelão, e mais dois desenhistas e três oficiais inferiores.~~

A 8 de janeiro de 1780 zarpava do Tejo o transporte "Coração de Jesus e Águia Real", trazendo a bordo a expedição que, a 26 de fevereiro, após 49 dias de travessia oceânica, aportava a Belém do Pará. Ia começar o primeiro ato da série de feitos que marcaram a carreira do ilustre soldado. Diante de seus olhos atônitos abria-se o cenário do Novo Mundo, exatamente sobre o palco de maior colorido e exuberância: a Amazônia selvagem e misteriosa.

¹ Os trechos relativos a Ricardo Franco de Almeida Serra e de Miguel C. de O. Melo foram retirados do discurso de posse do acadêmico falecido, Lécio Gomes de Souza.

No Pará puseram-se os recém-chegados à disposição do governador da Capitania e chefe da Comissão de Limites no setor Norte, João Pereira Caldas. Ali deviam receber aviso da congênera castelhana para, conjugadas, encetarem as duas partidas o pesado encargo das demarcações. Em vão aguardaram-na pelo espaço de cinco meses corridos, sem que dessem sinal de vida os agentes espanhóis. A inatividade exasperava os comissários lusos, ansiosos de se lançarem ao acometimento da empresa. Mas havia da outra parte o secreto interesse de postergação e do não cumprimento das cláusulas contratuais; na verdade jamais chegariam a se defrontar as duas delegações.

Nesse ínterim entregou-se Ricardo Franco, auxiliado por seu colega Joaquim José Ferreira, ao levantamento cartográfico das capitanias setentrionais, abrangendo os territórios do Piauí, Maranhão, Pará e S. José do Rio Negro, contribuição realmente valiosa e de inegável primor. Entrementes ocupava-se Lacerda e Almeida de astronomia e Silva Pontes enveredava-se pelos meandros das ciências naturais, enlevado pela farta messe de espécimes botânicos e zoológicos.

Irá quebrar a monotonia da espera a oportuna resolução do Governador, convocando os conceituados peritos para a exploração dos rios Negro e Branco, na remota capitania de S. José do Rio Negro, então afeta ao Grão-Pará, atualmente parte integrante do Estado do Amazonas e do Território de Roraima. A Joaquim José Ferreira e Lacerda e Almeida competiria o primeiro dos cursos de água, a Ricardo Franco e Silva Pontes o segundo.

A 2 de agosto de 1780 largaram de Belém, embarcados em canoas e batelões para, a 17 de outubro, entrarem em Barcelos, sede do governo daquela jurisdição, ainda hoje solitária localidade à margem direita do rio Negro, distante de Manaus muitos sóis de viagem fluvial. Durante a permanência de mais de dois meses naquela vila, foi levantado pelo operoso grupo a secção do Japurá até a segunda cachoeira grande, com base nos apontamentos anteriores de Pedro Alexandrino Pinto de Sousa e João Simões de Carvalho.

A 1º de janeiro de 1781, com sua pequena comitiva, partia Ricardo Franco a desobrigar-se das atribuições de que estava investido. Entrou pelo rio Branco, cruzou a linha equinocial, continuou pelo acidentado álveo até onde era possível navegar e reconheceu muitos dos afluentes de uma e outra margem. Transpôs, nessa investigação, cachões e correntadas traiçoeiras, a pique mesmo de perecer em desastrado naufrágio; ele que não sabia nadar, salvar-se-ia afortunadamente agarrado a um galho pendente da barranca. Em diversas outras circunstâncias lhe periclitaria a vida, sem esmorecer, porém, diante de ameaças e dificuldades. A pé, teve de atravessar campos e florestas para, finalmente, atingir as cabeceiras do rio. Depois, as jornadas de volta, a confirmar as anotações tomadas, e a chegada a Barcelos a 17 de maio, vencidos 137 dias de ausência. Com os dados coligidos e os esboços traçados, tratou de dar corpo aos "Diários e Memórias da Primeira Expedição", tendo em anexo o "Plano Geográfico do Rio Branco", atualmente peça de arquivo da Casa de Ínsua.

Desde algum tempo eram aguardadas as condições que deveriam transportar a Vila Bela os componentes da turma portuguesa. Desvanecera-se de vez toda esperança de encontro com os demarcadores espanhóis. Assim, a Comissão de Limites ia passar a exercer secundário papel de explorações geográficas. Todavia, esse desvirtuamento do primordial objetivo traria imensas vantagens para os destinos da colônia, uma vez que, com os estudos efetuados, ficaram conhecidos muitos aspectos de sua hidrografia e definitivamente desvendadas à navegação as rotas fluviais.

O dia 1º de setembro de 1781 assinalou a partida de Barcelos. Descendo o rio Negro e um trecho do Amazonas, a 9 chegavam os itinerantes à confluência do Madeira. Ia começar a cata de dados para o relatório da segunda expedição ("Diário do Rio Madeira"), com observações astronômicas e registro de coordenadas terrestres. Vagarosamente foram subindo o caudaloso tributário da margem direita do grande rio, embevecidos na contemplação das maravilhosas

paisagens. Mas a penetração não se fazia sem imprevistos e percalços e a 23 eram hostilizados por chusmas de aborígenes, os quais tiveram de ser afugentados por descargas de mosquetes.

A 15 de outubro esbarravam no salto Santo Antônio, o primeiro, ao arrepio, da seqüência de 17 obstáculos, inclusive rápidos vorticosos que, em um segmento de cerca de 400 quilômetros, na escalada dos últimos contrafortes ocidentais do planalto brasileiro, estorvam os cursos do Madeira e Mamoré. 73 dias foram despendidos na transposição dessa colossal barreira, em que freqüentemente as embarcações tinham de ser conduzidas por terra, com enormes dificuldades.

A 14 de dezembro ganhavam o Mamoré e a 27 ultrapassavam Guajará-Mirim, derradeiro degrau da aventureira subida, quando a navegação se torna novamente franca. A expedição, que trazia mais 18 praças de pré e 100 índios, acusava, nesse ínterim, um desfalque de 30 baixas por doenças e se debatia nas agruras da escassez de gêneros. A 7 de janeiro de 1782 principiam a sulcar águas do Guaporé. A 11 arribam ao Porte da Conceição onde, por 6 dias, abandonam-se a um descanso reparador. A 17 pernoitam no Forte Príncipe da Beira, magnífica obra de engenharia perdida na ínvia selva e que ainda se achava em vias de acabamento.

Continuando a 18, vão deixando para trás, na progressão cotidiana, os sítios ribeirinhos e acidentes topográficos, sistematicamente arrolados nas cadernetas de apontamentos. A 15 de fevereiro cruzavam a foz do rio Verde. Desse ponto já se delineia a perspectiva da serra das Torres que, passado quase um século, viria a se denominar "Ricardo Franco" e cuja imponência tanto havia impressionado Rolim de Moura, levando-o a localizar, em suas cercanias, a capital de Mato Grosso.

Finalmente, a 28 de fevereiro desembarcam em Vila Bela, após 171 dias de viagem, completado um percurso de 2.720 quilômetros, a contar da barra do Madeira. "O Diário do Rio Madeira", entretanto, só teria redação definitiva 8 anos mais tarde, terminadas as explorações do alto Guaporé e seus afluentes. Seria um alentado tomo, no qual eram abordadas não só questões de ordem geográfica, como também econômica e política, comprovando integralmente a sutileza e o preparo dos autores. O encerramento consigna a data de agosto de 1790 e dele consta apenas a assinatura de Ricardo Franco, já no posto de sargento-mor.

Logo o permitiram as condições de saúde, iniciou Ricardo Franco, por ordem do Governador, o levantamento da faixa limítrofe quando dilata das nascentes do rio Verde aos morros por ele designados de Quatro Irmãos e Boa Vista, pontos de origem das linhas geodésicas que balizam a divisória entre o Brasil e a Bolívia. Por causa das chuvas torrenciais que desabavam, tiveram as diligências de se desenrolar descontinuamente: de 29 de outubro a 30 de novembro de 1783 e de 29 de julho a 8 de outubro de 1784. Foi no dia de Finados da primeira excursão, consoante ficou referido páginas atrás, que esteve na iminência de se afogar no ribeirão das Cinzas, avolumado pelas enchentes, não fosse socorrido oportunamente. O relatório dos trabalhos executados foi condensado na memória intitulada "Diário do Levantamento da Zona Fronteiriça a Oeste dos rios Jauru e Barbados, compreendendo as vertentes ali existentes, a Serra das Salinas, a Tromba ocidental da Serra do Aguapeí, e os morros da Boa Vista e dos Quatro Irmãos, inclusive as serras interiores entre o Aguapeí e o Alegre e as vertentes destes".

O ano de 1786 assinalaria um dos maiores esforços no terreno das explorações geográficas quando, em companhia de Lacerda e Almeida e Silva Pontes, levou a cabo o reconhecimento do Paraguai, da boca do Jauru à Baía Negra, completado pelo das lagoas Uberaba, Gaiva, Mandioré e Tamengo, do Paraguai-mirim, S. Lourenço e Cuiabá.

Deu-se a partida a 30 de abril, de Vila Bela, coberto o percurso inicial a pé, em 11 dias, sob pesados aguaceiros até o Registro. Aí prostrá-lo-ia mais um dos acessos da febre que já o vinha molestando desde o Amazonas. Depois de 5 dias de parada naquele porto, gastos na recuperação física e no apresto dos batelões, desceu o Jauru, alcançando, a 19 de maio, a sua barra, em cuja margem meridional erguia-se o marco do Tratado de Madri. Então investiu o Paraguai abaixo, determinando coordenadas, procedendo a observações rigorosas, a giros do horizonte tomados do cimo das elevações marginais e a devassa das balas e sangradouros. Visitaram, uma a uma, as grandes lagoas, das quais traçaram os contornos, esboçaram as morreiras circunjacentes e, sempre fustigados por um tempo severo, de friagem insuportável, a 26

de junho escalavam em Albuquerque, hoje Corumbá. Navegaram pelo canal e pela baía do Tamengo, até as posses castelhanas e a 4 de julho prosseguiram na descida para, a 9, fundearem em Coimbra. Dali lançaram-se às investigações da Baía Negra, tida como rio. Foram até o fundo dessa formação lacustre, pesquisando a propalada comunicação com a Mandioré, que se dizia correr pela vertente ocidental da morraria de Albuquerque e, não sendo confirmada a sua existência, desfizeram a falsa versão do Paraguai-guaçu, crença aferrada entre os pilotos da época. De regresso insinuaram-se pelo Paraguai-mirim, sondando-lhe a permeabilidade. Retomaram o talvegue do rio principal e entraram pelo S. Lourenço e Cuiabá, perquirindo as características desses dois braços orientais. A 1.0 de setembro eram recebidos em Cuiabá, de onde saíram a 29, em demanda a Vila Bela por via terrestre, passando por S. Pedro d'El Rei (Poconé) e Vila Maria (Cáceres). A 2 de novembro fechavam, na capital, o memorável circuito, decorridos mais de seis meses desde a data da partida.

Da excursão efetuada ia resultar o famoso "Diário da Diligência do Reconhecimento do Paraguai", com o respectivo mapa, firmado por Ricardo Franco, do trio seleta o mais graduado. Obra escrupulosa, preta de concisas informações, requintadamente elucidativa dos aspectos geográficos da Capitania, é uma das mais completas até hoje escritas sobre Mato Grosso. Ulteriormente foi acrescida de mais duas publicações: "Idéia do Grande Rio Paraguai e Informações sobre ele", encaminhada, em oferta, a D. Maria, por ofício de 9 de agosto de 1737, do capitão-general, e "Combinação ou Apologia das Informações e Notícias sobre o Rio Paraguai", este assinado pelo chefe da expedição e pelos astrônomos que o acompanharam.

Chegadas a termo as explorações, a elas não se seguiu nenhum lapso de lazer; pelo contrário, Vila Bela transformou-se, de imediato, em forja atívisima e centro irradiante de ensino e cultura. Ali, instalados os escritórios de montagem e desenho, junto aos órgãos administrativos, o próprio Governador gerindo-os e estimulando-os, tiveram início as ordenações cartográficas e os trabalhos de redação. Uns após outros iam sendo aviados os mapas das regiões percorridas, a constituírem, dentro de prazo relativamente curto (1787-1792), respeitável -acervo nos arquivos coloniais. Destarte, o "Mapa do Rio Madeira" e a "Carta Geográfica do Rio Guaporé", o "Mapa dos Terrenos compreendidos entre a Ponta da Serra dos Limites, Rio Paraguai, Vila Bela e Marco do Jauru", a "Carta Limítrofe do País de Mato Grosso e Cuiabá", o "Mapa do Distrito de Mato Grosso", a "Nova Carta Geográfica de parte do Rio Paraguai", alguns do punho de Ricardo Franco outro de parceria com o seu colega Joaquim José Ferreira.

Os fragmentos dos múltiplos mosaicos cartografados desde o extremo norte ao sul do território, foram reunidos em um modelo de grande formato, a englobarem o "Mapa Geográfico da Capitania de Mato Grosso", terminado em 1797, com uma abundância de minúcias como nunca houvera sido feito.

Pari Passu, os manuscritos iam adquirindo vulto, com a seriação dos textos, o expurgo de falhas descobertas e o aprimoramento do estilo, até a forma definitiva. As anotações passavam por um crivo rigoroso e, em caso de enganos ou divergências, a volta ao terreno para dirimir as dúvidas. Nem sempre, porém, Podiam as revisões ser completas em virtude do acúmulo de serviço e as redações muitas vezes tiveram de ser entregues quase na forma rascunhada.

Prontos os relatórios das expedições realizadas, outras memórias de sumo interesse vieram à luz, apoiadas nas experiências anteriores e no descortino que propiciaram iterativas entradas pelo sertão. Assim foram redigidas:

- "Reflexões sobre o estado da Capitania de Mato Grosso, combinado com os domínios espanhóis que lhe são confinantes", em regime de colaboração entre Ricardo Franco e Joaquim José Ferreira, então tenentes-coronéis, concluídas provavelmente em 1792 e divulgadas pela "Revista do Instituto Histórico Brasileiro" em 1874.

- "Descrição Geográfica da Capitania de Mato Grosso", esta, como as demais de autoria do biografado, oferecida ao 5º governador, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, em 1797, e impressa no periódico acima referido em 1857.

- "Discurso sobre a urgente necessidade de urna Povoação na cachoeira do Salto do Rio Madeira", idéia concebida desde a sua passagem pelo sítio em 1781 e lançada em 1797 e que

todavia não encontrou eco, mas que viria a se tornar realidade mais de cem anos depois, transformado o lugar no ponto inicial da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e sede da atual cidade de Porto Velho.

- "Parecer sobre os estabelecimentos que S. Majestade manda fundar nas cachoeiras do Rio Madeira, e sobre a navegação da cidade do Pará até Vila Bela", feita em 1797 por encomenda do capitão-general Francisco Pereira Coutinho. Monografia de fôlego, com 65 páginas, trata pormenorizadamente das condições da rota fluvial que ligou Mato Grosso ao norte do País, facultando o acesso ao mar, com especial referência ao trecho encachoeirado do Madeira e Mamoré.

- "Memória Geográfica do Rio Tapajós", terminada em 1799 no Forte de Coimbra e de lá remetida ao governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro em carta de 30 de junho daquele ano. O volumoso afluente do Amazonas é apresentado como secundária via de penetração para a Capitania, através de seus formadores Juruena e Arinos e dele é feita detalhada descrição. Foi publicada na Revista do Instituto Histórico em 1847.

- "Memória sobre a Capitania de Mato Grosso". Traz a data de 31 de janeiro de 1800, quando Ricardo Franco exercia o comando da fronteira sul. Aqui a matéria é exposta com perfeito conhecimento de causa, como ele mesmo deixa transparecer, à guisa de intróito: "E valendo-me das noções adquiridas pelo largo espaço de 19 anos de residência nesta Capital, empregando muitos deles no reconhecimento e configuração dos rios da Madeira, Guaporé, Alegre, Barbados, Jauru, Paraguai e Cuiabá, assim como na dos terrenos confinantes com as possessões espanholas; fazendo de tudo os respectivos e diversos Mapas geográficos, Diários, e Partes, como comandante que fui de todas estas diligências; eu passo, Ilmo. e Exmo. Sr., segundo os meus limitados talentos, a encher da possível forma os essenciais e expostos objetos."

Dissertação prestantíssima, de alto discernimento, nela são focalizados os multifários aspectos da região, desde a contextura do sistema potamográfico e um metucioso levantamento censitário, até informes de natureza política e militar, oportunos e conscienciosos, que muito iriam servir aos planos de segurança e defesa da Capitania.

- "Tabuada de Longitudes e Latitudes de grande parte do Brasil", compilação paciente, baseada nas determinações astronômicas dos padres Soares e Compassi (1730-1737), de Simões de Carvalho, de Silva Pontes e Lacerda e Almeida (1781-1790), oferecida ao 8º governador, Oyenhausen de Gravenburgo, existente o original no Instituto Histórico Brasileiro.

Decididamente, não conhecia ócio esse temperamento incansável e batalhador!

A Ricardo Franco, prova de sua espantosa versatilidade, competiram ademais encargos de agrimensura, planejamentos e construções de obras, bem como elaboração de plantas topográficas. A ele estiveram afetas as medições das fazendas Casalvasco e Caiçara, pertencentes à Coroa, de perímetros escomunais, que lhe impuseram muitas andanças e fadigas. Foi seu o projeto do quartel de dragões de Vila Bela, levantado sob as suas vistas, cujas ruínas, desmanteladas pelas raízes tentaculares de colossais figueiras, ainda denunciavam, quando lá estivemos, há coisa de 20 anos, a pujança da arquitetura. Muitas iniciativas, nesse particular, couberam outrossim ao seu tirocínio, quer na capital, quer em outros pontos, comprovando-lhe a aptidão e o senso estético. Onde, porém, a arte, aliada ao engenho militar, refulgiu com maior realce, foi no empreendimento de Coimbra, admirável sob todos os pontos de vista, apenas superado, na Capitania, pelo do Forte Príncipe da Beira. A ele prenderia indelevelmente o nome, em vida, na morte e na posteridade.

De autoria do conceituado engenheiro foram também os planos de fortificação do morro da Marinha, fronteira a Coimbra, e da praça de Miranda, que não chegaram, entretanto, a se concretizar.

Dos levantamentos topográficos executados, com habilidade e paciência, figuram no Arquivo Histórico do Itamarati os da região de Coimbra, do povoado de Albuquerque e do arraial de Casalvasco, tendo provavelmente outras plantas se perdido na voragem dos tempos, pela incúria, pela ação das traças e dos bolores.

Miguel Carmo de Oliveira Melo

Natural de Maceió, capital da então província das Alagoas, onde nascera a 5 de fevereiro de 1836, logo após ter alcançado o posto de 2º Tenente, era transferido para o corpo de artilharia de Mato Grosso, destacado em Coimbra, no decorrer de 1861. Naquela remota guarnição surpreende-lo-ia, em fins de 1864, a Guerra do Paraguai. É de todos sabida a conduta que o notabilizou na defesa das amuradas da cidadela, rechaçando com firmeza as sucessivas ondas de assalto das hordas atacantes..

Somente depois de amainada a tormenta da guerra, pôde pensar em constituir família, absorvido que permaneceu pelas imposições do conflito. Em Cuiabá consorciou-se com D. Maria José Vila Forte Meio e do matrimônio houve cinco filhos, todos nascidos nesta mesma cidade. O último seria Miguel Carmo de Oliveira Melo, vindo à luz a 8 de maio de 1877 e que viria a ser um dos fundadores da Academia Mato-Grossense de Letras e o primeiro detentor da cadeira nº 3.

A infância passou-a em Cuiabá e não é difícil imaginar-se a vida sem preocupações que, em companhia de crianças contemporâneas, desfrutava naqueles velhos e calmosos tempos: a cata de pepitas no córrego da Prainha, quando as enchentes as desenterravam das aluviões; a escalada, em correria, das íngremes colinas; os gostosos banhos nos remansos do rio; as excitantes pescas de "bater" ou de linhada; a descida ao Porto para ver a atracação dos vapores e o desembarque dos viajantes. Enfim, inúmeros outros folguedos que a cidade modernizada não oferece mais e que às gentes de antanho deixam um laivo de saudade e inconformismo.

Paralelamente ia fazendo os estudos primários, para depois enfrentar os secundários, nos quais se destacou como bom discípulo. Em 1897 partia para o Rio de Janeiro, via estuário do Prata, a fim de matricular-se na Escola Militar, talvez influenciado pelo incentivo paterno. Mas sente, logo de início, que a carreira das armas, que tanto celebrizara o progenitor, não se coaduna com a sua vocação. No ano seguinte desliga-se do antigo estabelecimento da Praia Vermelha e começa a se preparar para o ingresso na Escola Politécnica. Em 1899 consegue o seu intento e, assim, naquele ano enceta o curso de engenharia, considerado o mais árduo entre todas as faculdades então em funcionamento na capital da República. Por infausta coincidência, poucos meses depois, a 17 de abril, vinha a morrer afogado, no rio Cuiabá, na usina da Conceição, aos 63 anos, no posto de general-de-divisão reformado, o seu pai e lendário herói: João de Oliveira Melo.

Em 1904 diplomava-se em engenharia civil, com aproveitamento excepcional, classificado como primeiro aluno da turma. De tal maneira sobressaiu-se, que nos anos de 1903 e 1904, ainda freqüentando as duas últimas séries do currículo universitário, tinha sido nomeado assistente da cátedra de Astronomia e Geodésica e, no impedimento do respectivo titular, durante quase todo aquele período, coube-lhe substituí-lo, o que fez com invulgar brilhantismo.

Em seguida à formatura teve, como recompensa, um prêmio de viagem aos Estados Unidos, com longo estágio de aperfeiçoamento naquele país, Regressando ao Brasil, permaneceu no Rio de Janeiro até 1913, dedicando-se ao magistério e ao exercício da profissão. O seu conceito entre colegas e na opinião geral era dos mais lisonjeiros, em uma quadra que reunia os nomes mais ilustres da engenharia nacional, como Paulo de Frontin, catedrático de Inquirias Motrizes tomado famoso por haver resolvido, em poucos dias, o problema de fornecimento de água potável ao ex-Distrito Federal; Francisco Passos, um dos remodeladores do Rio de Janeiro em 1904 e que abriu a avenida Central, hoje Rio Branco; Teixeira Soares, construtor da Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba; Sampaio Correia, professor de Estradas de Ferro e senador da República e muitos outros.

A saudade, porém, o atraía ao torrão natal como a luz à mariposa. Assim, ei-lo de volta naquele ano de 1913. Em Cuiabá associasse ao seu colega Alfredo Magalhães e, juntos, organizam a firma Magalhães & Melo, destinada a construções civis. Inauguram, então, uma fase de variados empreendimentos no setor das atividades que haviam proposto desenvolver. Do governo estadual empreitam a construção do Palácio da Instrução, do Grupo Escolar

Senador Azeredo e da ponte metálica sobre o Coxipó-açu. Em Corumbá executam o plano de abastecimento de água à cidade.

A demanda, para execução de obras públicas e privadas, incrementara-se notavelmente em Mato Grosso, com especialidade em Campo Grande, que prosperava a olhos vistos. Os serviços da sociedade, gozando justificado crédito, eram com freqüência solicitados. Por isso, em 1916, Miguel Carmo vê-se compelido a transferir residência para aquela cidade sulina, a fim de poder se desobrigar dos compromissos assumidos. Mas ele não era apenas um técnico; abrigava outras qualidades que urgiam ser aproveitadas. Percebendo-as, chama-o o presidente General Caetano Manuel de Faria Albuquerque, para exercer as funções de chefe de polícia. Pondo acima dos seus os interesses da comunidade, corre a atender a convocação. Desempenha, com proficiência, o espinhoso cargo e assume, a seguir, a secretaria de agricultura. Em 1917, com a intervenção federal em Mato Grosso e impedimento do General Caetano Albuquerque, regressa a Campo Grande, onde se põe à testa novamente da empresa que dirigia.

Em 1918, sendo presidente do Estado D. Aquino Correia, este eminente prelado nomeou-o fiscal das minas do Urucum e, cumulativamente, das obras do Grupo Escolar Luís de Albuquerque, concluídas na gestão de Pedro Celestino. No ano seguinte participou da comissão encarregada de medir e demarcar os ervais da fronteira sul. Em 1920 estava outra vez em Campo Grande, exercendo concomitantemente atribuições funcionais e de engenheiro da Prefeitura Municipal.

Em 1925 e 1926, durante o governo de Estêvão Alves Correia que, como vice-presidente, substituíra Pedro Celestino, e no período seguinte de Mário Correia da Costa, o movimento sedicioso de Isidoro Dias Lopes, irrompido em São Paulo, tivera ampla repercussão em Mato Grosso, com a invasão de seu território pela Coluna Prestes. O General Malan D'Angrogne, comandante da Circunscrição Militar, nomeou Miguel Carmo para organizar e comandar as forças patrióticas, com o fim de combater os revoltosos. Não teve êxito favorável na empresa a que se aventurou.

Não obstante a amarga decepção, em 1932 voltava a participar do movimento constitucionalista, ramificado em Mato Grosso com a adesão das guarnições da 9ª Região Militar, sob a liderança do Partido General Bertoldo Klinger. Dessa feita, contudo, levava-o a tomar partido uma questão de consciência e ideal, no desejo incontido de ver o país retornar ao caminho do regime da legalidade.

No terreno político teve Miguel Carmo de Oliveira Melo atuação destacada. Alçou-se a vereador pelo município de Cuiabá e depois pelo de Campo Grande, nas duas oportunidades ocupando a presidência da Câmara. Exerceu também, com probidade e eficiência, o cargo de intendente da última das municipalidades. Deputado estadual em várias legislaturas, revelou-se parlamentar combativo e autor de bons projetos. Quando achava-se em vigor a lei da representação classista no Congresso Federal, arcou com as responsabilidades de deputado eleito pela Associação de Imprensa de Mato Grosso.

Em 1936 desempenhou o cargo de secretário de agricultura, indicado pelo presidente Mário Corrêa da Costa e, em 1947, no governo de Arnaldo Estêvão de Figueiredo, foi nomeado diretor da Comissão de Estradas de Rodagem, posto em que se manteve até 1951.

Homem de letras, salientou-se como jornalista sagaz, polemista versátil e sutil argumentador. Colaborou em diversos periódicos do Estado e tornou-se redator do "Correio Mato-Grossense".

Os seus artigos eram lidos com inusitada avidéz, dadas a excelência da matéria explanada e justeza dos conceitos emitidos.

Havia começado a escrever a biografia do pai, obra em que pusera especial interesse e que não chegou a terminar por o terem impedido os desígnios da Providência.

O seu nome consta da relação dos fundadores da Associação Mato-Grossense de Imprensa e, na qualidade de membro da agremiação, é que se elegeu deputado classista em 1936.

Era membro do Instituto Histórico de Mato Grosso, prestigiosa entidade, guardiã de nossas casas tradições.

Pelos estudos biográficos realizados pelo atual Presidente da Academia Matogrossense de Letras, Dr. João Alberto Novis Gomes Monteiro, relativos a Lécio Gomes de Souza, extraímos os seguintes dados:

“Médico, Oficial Superior da Reserva do Exército Brasileiro, escritor, poeta, historiador, Professor universitário e grande orador. Nasceu a 6 de janeiro de 1909, filho de Felisberto Gomes de Souza e Jovita de Castro Souza, na fazenda do Feliz Destino - Distrito de São Pedro de Itabapoana, município de Mimoso do Sul, Estado do Espírito Santo.

Foi criado na Fazenda União, na mesma região, onde fez o curso primário no Colégio Santa Cecília; o curso secundário, no Ginásio “28 de Setembro”, no Rio de Janeiro e no Liceu de Humanidades de Campos, ambos no Estado do Rio de Janeiro.

Em 1932 terminou o seu curso Médico na Faculdade Nacional de Medicina (Praia Vermelha). Quatro anos depois, em 1936, terminava o seu período de estudos na Escola de Saúde do Exército e iniciava, efetivamente, a sua brilhante carreira de médico militar, na qual em 1963 reformou-se como General de Divisão Médico.

Dentre muitos cargos e funções exercidas, paralelamente, na vida civil, destacamos: Inspetor de Higiene do Estado de Goiás, em Pires do Rio, Santa Cruz e Campo Formoso; Presidente da Associação Médica de Corumbá, da qual foi um dos fundadores; Professor Titular de Literatura Brasileira do Instituto Superior de Pedagogia de Corumbá, do qual era, também, membro fundador.

Em sua carreira como médico, destacam-se os períodos em que clinicou em Cáceres (MT) e em Corumbá (MS). É ainda o seu biógrafo, já citado, e igualmente médico, que salienta: “Mas em Cáceres e Corumbá, onde todos o conheceram bem, ele era tão admirado; em Cuiabá, preocupa-me, ficou a impressão de ter sido o Lécio, uma criatura desinteressante, um esbanjador de erudição, um orador cansativo. Nada mais errôneo! Isto teve como causa o seu discurso de posse na nossa Academia Matogrossense de Letras, que, dizem, foi o mais longo já proferido, nesta agremiação; pelo fato de ter, o orador - um grande pesquisador - esgotado a história do Patrono da sua Cadeira - Ricardo Franco de Almeida Serra.

(...)Da mais de uma dezena de sociedades culturais e científicas a que pertenceu, Lécio Gomes de Souza era membro titular da Cadeira nº 3 da Academia Matogrossense de Letras e membro titular da Academia Sul-Matogrossense de Letras. Recebeu inúmeros diplomas e certificados de participações, premiações em concursos de trovas, títulos honoríficos e de cidadania.

Além dos inúmeros discursos e artigos em diversos jornais e revistas, publicou os seguintes livros:

- *“História de uma região: Pantanal e Corumbá”*
- *“Bacia do Paraguai: Geografia e História”*
- *“História de Corumbá”.*

² Os dados relativos ao acadêmico, hoje falecido, Lécio Gomes de Souza, foram retirados de um texto biográfico escrito pelo Acadêmico João Alberto Novis Gomes Monteiro.

| | |
|---|--|
| Patrono: Padre Joaquim Manuel de Siqueira | Ocupantes: D. Francisco de Aquino Corrêa Padre Raimundo C. Pombo Moreira da Cruz (Vaga) |
|---|--|

Padre Joaquim Manuel de Siqueira

Foi um sacerdote, nascido em Cuiabá, cientista, dedicado ao estudo da botânica. Seus trabalhos tiveram muita relevância no mundo científico de então, valendo-lhe o título de sócio da Academia Real de Ciências de Lisboa que, segundo José de Mesquita, “constituiu o único mato-grossense a desfrutar de tão alta honra, com o ser dos poucos brasileiros dela investidos”.¹

D. Francisco de Aquino Corrêa, em elogio ao Patrono, assim se expressou:

“Era em princípio da seca de 1800, no mês das monções, ao findar das chuvas, quase à entrada do outono, quando a terra em sede requeimada, bebera longamente as águas da estação, e o Padre Siqueira cavalgava pela primeira vez em missão oficial e científica, as íngremes escarpas da Serra da Chapada.

Serra da Chapada! quem poderia dizer as emoções, com que terá galgado as tuas bocainas históricas e pitorescas, a alma pensadora do sacerdote naturalista!

Serra da Chapada! imponente maciço milenário, que resistindo heroicamente à erosão implacável das águas e dos séculos, ergueste hoje nos horizontes de Cuiabá, como o eterno monumento azul da sua pré-história silenciosa!

Serra da Chapada! de cujos flancos úberes, saltam as cristalinas fontes do vale cuiabano, o predestinado cenário de tantos dramas inéditos das bandeiras e das minas!

Serra da Chapada! das tuas rechãs floridas é que também o Coxipó-Mirim, o belo rio dos bandeirantes, espadana do alto os seus cristais, desfeitos em flocos de imenso véu de noiva, cantando eternamente o noivado virginal do sol com a terra sempre em flor da nossa Pátria!

Serra da Chapada! seguindo de arrepio essa corrente, foi que os sertanistas, um dia descobriram no céu do oriente, a dominar a amplidão desde o cerúleo morro da Canastra, crismado mais tarde, por eles mesmos, com o religioso nome de S. Jerônimo!

Serra da Chapada! da planura deserta, por onde serpeia a teus pés o fértil Aricazinho, olhos fitos em teu vulto majestoso, é que Pires de Campos sonhava, para além dos teus chapadões, a encantada serra dos Martírios onde com ele brincara em criança, ia já tantos anos, o seu legendário colega o Anhanguera!

Serra da Chapada! Chapada dos Guimarães! no teu doce araxá, nesse miradouro do céu e do infinito, consoante a linda etimologia indígena, tu nos deparas ainda a tapera evocativa de Aldeia Velha, onde pairam as sombras apostólicas dos padres Estêvão de Castro e Agostinho Lourenço, os jesuítas missionários, tanto mais veneráveis quanta mais piedosa foi a rajada pombalina que lhe varreu a futura redução!

Serra da Chapada! mas eis que em tua história, culmina hoje para nós a figura inconfundível do presbítero cientista, que passou herborizando por tua rica flora, desde as campinas viçosas aos tabuleiros duros, onde as canela-de-ema estrelejam, na expressão agressiva da secura e da esterilidade!

Serra da Chapada! e quem sabe quantas vezes, em teus incomparáveis belvederes, por essas noites serenas em que o luar do planalto, em teus paredões se transfiguram em aldarves colossais de castelos fantásticos com seus torreões e ameias, quem sabe, quantas vezes o solitário sócio da Academia Real das Ciências, não terá evocado os estudiosos tempos de

¹ MESQUITA, José de - A Academia e a cultura. p. 27.

ultramar, o aconchego fraternal e honroso dos mestres e estimulado sempre mais no desvendar as grandezas de Deus nos segredos da natureza, ter-se-á entregue às lucubrações da ciência e da fé, muito mais nobres e santas que as de Eurico, o presbítero, nas solidões alpestres do Calpe!

Serra da Chapada! tu, por onde as quimeras formosas, rebrilham ao sol as lúcidas frondes, tanto nos falam ainda do Padre Siqueira que as descobriu e descreveu, tu serás sempre, o pedestal da glória do primeiro sábio matogrossense!"

D. Francisco de Aquino Corrêa

D. Francisco de Aquino Corrêa, personalidade da História e da cultura matogrossense, foi competentemente analisado por Corsíndio Monteiro da Silva, ouçamo-lo, em uma de suas múltiplas homenagens ao arcebispo cuiabano:

"Quem teve a fortuna de conhecer pessoalmente Dom Aquino Corrêa, nome pelo qual era mais conhecido, nunca jamais haveria de supor fosse ele de origem modestíssima, tal o seu garbo, tal a sua figura majestática, tal o seu refinamento, tal a sua cultura que todos enlevava.

Seu pai foi um homem modestíssimo, de poucas letras, filho de uma família obscura de Meia-Ponte, atual cidade de Pirenópolis, no Estado de Goiás, e que se aventurou, em lhe chegando a adolescência, a ir trabalhar em Cuiabá, capital da então Província de Mato Grosso. Logrou Antônio Tomás de Aquino Corrêa, que este era o nome do seu progenitor, empregar-se na casa comercial do Comendador Joaquim Gaudie Ley d'Aleluia, homem bom e generoso. Após oito anos de dedicação ao trabalho, em que se revelou um jovem correto e digno, não teve dúvida o Comendador em dar-lhe em casamento sua segunda filha, Maria d'Aleluia.

Passou o casal a viver vida modesta, havendo quatro filhos, um dos quais nasceu a 2 de abril de 1885, numa Quinta-feira Santa, na chácara Bela Vista, à margem esquerda do rio Cuiabá, num modestíssimo bairro chamado Terceiro, nos arredores da cidade de Cuiabá, e que recebeu, na pia batismal, em homenagem ao seu onomástico, São Francisco de Paula, o nome de Francisco Tomás de Aquino Corrêa.

Cerca de mês depois de completar cinco anos de idade, Francisco já era órfão de mãe.

Com muito sacrifício, conseguiu seu pai mantê-lo nos estudos. As primeiras letras ele as estuda no Colégio São Sebastião, matriculando-se, depois, no curso secundário do Seminário da Conceição, então regido pelo Monsenhor Bento Severiano da Luz, Secretário particular do Bispo de Cuiabá Dom Carlos Luís D'Amour, que foi padrinho de batismo do menino Francisco.

Aos 9 anos de idade, presencia a chegada festiva a Cuiabá de Dom Luís Lasagna, Bispo titular de Trípoli, Superior dos Salesianos na América do Sul, que fora a Cuiabá para instalar a obra salesiana na capital de Mato Grosso, a pedido de Dom Carlos Luís D'Amour e do Presidente do Estado, Dr. Manoel José Murtinho.

A figura imponente e simpática de Dom Lasagna impressionou vivamente aquele menino, que dele traçaria, depois, belo retrato e no qual mais tarde possivelmente se inspirou.

Aos 10 anos, passa a freqüentar as aulas do Liceu Salesiano São Gonçalo, cujo diretor era, na época, o Padre Antônio Malan, que fora com Dom Luís Lasagna, em 1894, para Cuiabá. Afeiçãoou-se de tal modo ao Padre Malan que, por toda a sua vida, sempre teve uma referência amiga, uma composição literária a ele dedicada, um convite especial de que fazia alvo o futuro Bispo de Petrolina. Certa ocasião, afirmou: 'Dom Malan foi o "pai espiritual da minha alma de menino e moço".'

A 6 de novembro de 1895, em um pavoroso desastre de trem, ocorrido em Minas Gerais, morre o Bispo Dom Lasagna, fundador da obra salesiana no Brasil. Um ano depois, foi instituída a Inspetoria Brasileira dos Salesianos, e uma Vice-Inspetoria nas Missões de Mato Grosso, sendo constituído Vice-Inspetor o Padre Malan.

Aos 12 anos de idade lê o livro de Dom Bosco intitulado "O Jovem Instruído", que lhe causa funda impressão e que o fizera 'tanto refletir e meditar'.

Por esse tempo, foi fundada a Escola Agrícola de Coxipó da Ponte, a seis quilômetros da cidade de Cuiabá, e que, posteriormente, foi transformada em sede de Noviciado.

Foi neste lugarejo bucólico, à margem esquerda do rio Coxipó, um rio então de águas límpidas e cantantes, que o nosso jovem Francisco iniciaria sua vida sacerdotal.

Aos 14 anos, sua vocação para a poesia começa a manifestar-se, como resultante de seu gosto pela língua e literatura vernáculas.

Para ajudar-se nos estudos, passa a lecionar particularmente as línguas francesa e portuguesa, além de matemática.

Detestava o latim, mas, aos poucos, começou a interessar-se pelos estudos clássicos e a dedicar-se ao aprendizado intensivo, não só do vernáculo quanto da língua latina, incentivado que passou a ser pelo jovem Padre Helvécio Gomes de Oliveira, que viria a ser depois, como se sabe, Arcebispo de Mariana, e que foi seu amigo, por toda a vida, juntamente com seu irmão Padre Emanuel Gomes de Oliveira, depois Arcebispo de Goiás.

Aos 15 anos já lia no original a "Vida de Agrícola", de Tácito, e a "Imitação de Cristo", e sua primeira poesia teve como tema "A Virgem de Dom Bosco".

Aos 17 anos, deixa o lar paterno a caminho do Noviciado dos Padres Salesianos de Dom Bosco, no Coxipó da Ponte, então um vilarejo nos arredores de Cuiabá. Ali é feito professor de latim. Quinze dias depois dirige-se, por carta, ao Padre Malan, Inspetor Salesiano, em que manifesta desejo de 'receber as vestes do missionário'.

Essa carta é pelo destinatário remetida ao Padre Diretor, Philipppo Pappalardo, para que lhe desse informações a respeito do pedido e do postulante. A informação de logo prestada é que o noviço Francisco 'é certamente uma das flores mais escolhidas com que o Sacratíssimo Coração de Jesus e Nossa Senhora Auxiliadora quiseram mimosear este Noviciado', aduz o informante, para concluir: 'Confirmam minhas esperanças a sua obediência sem limite, a sua ilibada pureza, e caráter alegre e constante'.

Aos poucos, podemos verificar que se vai delineando a personalidade de Dom Aquino Corrêa. Revelou-se, desde cedo, o seu raro talento, o seu sentido de obediência, a sua pureza e aquela alegria, constante preconizada por Dom Bosco a seus filhos.

No dia 19 de março de 1903, dia consagrado a São José, juntamente com seu colega e amigo Armindo Maria de Oliveira, recebe a batina das mãos do Padre Malan, dando início ao Curso Filosófico, sob a direção do Padre siciliano Philipppo Pappalardo.

Em junho de 1904, submete-se a uma banca examinadora do Liceu Cuiabano, para revalidar seus estudos feitos no Liceu Salesiano, ainda não reconhecido oficialmente, fazendo o chamado Exame de Madureza. Sai-se brilhantemente, sendo mesmo saudado, publicamente, pelos professores integrantes da banca examinadora, Desembargadores Luís da Costa Ribeiro e Carlos Salaberry.

O Desembargador Costa Ribeiro, tendo conhecimento da situação financeira do jovem Francisco de Aquino, ofereceu-lhe, de público e de imediato, condições para que estudasse no Rio de Janeiro ou São Paulo, à sua escolha, o que o jovem noviço não aceitou, pois que seu desejo era prosseguir nos estudos para o sacerdócio.

Assim é que, ajudado pelos salesianos, em 2 de julho de 1904, segue para Roma, em companhia dos Padres Malan e Helvécio Gomes de Oliveira, que iam tomar parte no Décimo Capítulo Geral da Congregação Salesiana, em Turim. Matricula-se, ali, na Academia de Santo Tomás de Aquino e na Universidade Gregoriana, em ambas doutorando-se, respectivamente em maio de 1907 e em outubro de 1908, sendo, a seguir, ordenado Subdiácono.

A 17 de janeiro de 1909 é sagrado Presbítero, em Roma, e, no dia seguinte, celebra sua primeira missa, na Basílica de São Pedro, sobre o túmulo do Apóstolo.

Até aí sua alma de artista produziu muita poesia a que ele denominou "Musa em Botão", primícias essas que ele primeiramente ofereceu a Deus da sua devoção sacerdotal, repetindo aquela palavra do Êxodo: Primitias Domino!

Considerando sua morte para o mundo, e invocando aquilo da Epístolas de S. Paulo aos Colossenses (III, 3): 'Porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus', aos 19 anos escreveu esta bela poesia. Escutai:

*"Um ano vai que, ao bimbalar dos sinos,
Minha mortalha enfiei. Foi sepultura
A solidão. Sobre ela a Virgem pura
O manto abriu em crespos azulinos.
Lá fora vibra a mocidade em hinos,
beijando a rosa que tão breve dura...
Adeus, ó mundo! essa grinalda imputa
Que vale a troco de lauréis divinos?
Há mais volúpia onde a alma se me aninha,
Tem mais perfumes da Madona o manto,
Tem mais amor de um Deus o coração!
Velai, ó Deus, sobre a campa minha:
Fazei que da sereia o infindo canto,
Ai! não me acorde desta morte, não."*

(...)Em 1909, retorna ao Brasil e, a 2 de junho de 1910, regressa à terra natal, Cuiabá.

Passa a lecionar no Liceu Salesiano São Gonçalo, as disciplinas Língua Portuguesa, Latim e História, e, como Delegado matogrossense, toma parte no Primeiro Congresso Internacional Americano de ex-Alunos Salesianos, realizado em Buenos Aires.

Ano seguinte, 1911, é designado Diretor do Liceu Salesiano São Gonçalo, em substituição ao Padre Emanuel Gomes de Oliveira, cargo que exerceu de 1912 a 1914.

Começa a destacar-se na oratória sacra, continuando a escrever poesias e publicando-as em revista católicas, como a conhecida e prestigiada "Santa Cruz" do Liceu Coração de Jesus de São Paulo, graças ao empenho dos Padres Helvécio Gomes de Oliveira e Emanuel Gomes de Oliveira.

Aos 28 anos de idade, escreve uma de suas poesias de cunho patriótico que enlevou o Brasil inteiro, através das escolas, e que hoje, se ainda recitada, encontrará eco nos sentimentos de quantos a escutarem.

(...)No dia 2 de abril de 1914, ao completar 29 anos de idade, é nomeado, pelo Santo Padre Pio V, Bispo titular de Prusíade e Auxiliar da Arquidiocese de Cuiabá, sendo, então, o primeiro Bispo salesiano do Brasil e das Américas, e o mais jovem do mundo católico. A 1º de janeiro de 1915, na Catedral Metropolitana de Cuiabá, Dom Carlos Luís D'Amour, o qual, pela segunda vez, foi seu padrinho, tendo como consagrantes Dom Cirilo de Paula Freitas, Bispo de Corumbá, e Dom Antônio Malan, Bispo titular de Amiso.

Adota, então, definitivamente o nome de Dom Francisco de Aquino Corrêa.

Por esse tempo, Mato Grosso vivia dias agitados, de crises políticas, com grande prejuízo para a paz pública e para a Administração. O Governo Federal designa como Interventor no Estado o Dr. Camilo Soares de Moura, que passou a conhecer melhor o jovem Bispo-Auxiliar da Arquidiocese de Cuiabá, famoso que já se estava tornando em São Paulo e no Rio de Janeiro. A própria Congregação Salesiana passava por momentos difíceis no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, e Dom Aquino, com a sua diplomacia, com a sua poesia e com a sua oratória, glorificadora dos mais nobres sentimentos cívicos, contribui para pacificação dos ânimos. Para mal dos pecados, acontece um naufrágio na Baía de Guanabara, na Barca Sétima, ocasião em que um aluno salesiano salva, com risco da própria vida, a Bandeira brasileira. O Prefeito do antigo Distrito Federal, procurando realçar esse ato de bravura, resolve condecorar o aluno salesiano, e Dom Aquino é escolhido como orador oficial. Enaltece, então, o culto à Bandeira(...)

A 11 de outubro de 1917, por interveniência do Presidente Wenceslau Braz, celebra-se, no Rio de Janeiro, um pacto político entre o Partido Republicano Conservador e o Partido Republicano Matogrossense, com o objetivo de resolver a crise política por que passava o Estado de Mato Grosso, havendo sido indicado o nome do jovem Bispo Salesiano para Presidente de conciliação do Estado, por sugestão feita, ao Sr. Presidente da República, pelo Interventor Federal, Dr. Camilo Soares de Moura, que ficara impressionado com a simpatia, a popularidade, o brilho da inteligência daquele jovem prelado que era incansável nas suas reiteradas mensagens de paz.

Com 32 anos de idade, é eleito, por sufrágio indireto, Presidente do Estado de Mato Grosso, tendo como precípua responsabilidade pacificar as hostes políticas matogrossenses, restituindo a confiança nas autoridades constituídas. Fora desse objetivo político, pouca coisa podia fazer o Presidente, em face de recursos escassos e falta de meios de transporte e de exploração do potencial de um Estado, na época com 1.380.000 quilômetros quadrados e uma população rarefeita disseminada por cidades separadas por grandes distâncias umas das outras.

Em seu governo, foi criado o Brasão d'Armas de Mato Grosso; inaugurando o serviço de força e luz em Cuiabá; os primeiros automóveis começaram a transitar pela Capital; foi solenemente comemorado o bicentenário da fundação de Cuiabá, que recebeu a honrosa visita do Núncio Apostólico, Dom Ângelo Scapardini; foram fundados o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e o Centro Matogrossense de Letras, Centro este que se transformou depois na Academia Matogrossense de Letras, duas instituições culturais estas que passaram a gozar do maior prestígio não só em Mato Grosso como em todo o País.

Por Breve de Sua Santidade o Papa Bento XV, é-lhe conferido o título de Assistente ao Sólido Pontifício, com honras, privilégios e direitos de Conde Palatino.

Ainda no seu Governo, falece o 1º Arcebispo Metropolitano de Cuiabá, Dom Carlos Luís d'Amour, e a Santa Sé resolve dar-lhe por sucessor seu ex-Bispo Auxiliar, que, entanto, teriam ainda de permanecer, por alguns meses, na Presidência do Estado.

Entendia Dom Aquino não ser conveniente aos interesses da Igreja passasse ele assim, tão de imediato, da curul presidencial para a cátedra arquiépiscopal. Nesse sentido, faz ele respeitosa, mas insistentes ponderações junto à nunciatura Apostólica, que se mostrou irredutível em seu entendimento contrário ao pensamento de Dom Aquino.

E ao Bispo de Prusíade não lhe restou mais que obedecer, obediência essa que tanto lhe pesara a princípio, mas que, ao depois, se lhe transformou, segundo suas próprias palavras, 'em manancial de confiança, consolação e conforto'.

Os imponderáveis da política amarguraram o jovem prelado, deixando-o de cabelos brancos, e, em tal sorte, que os inimigos, acirrados e ferrenhos da véspera, se reconciliaram, de vez, formando espécie de frente única contra o próprio Governante pacificador.

Por esse motivo, pugnou no sentido de ser indicado para outra Arquidiocese, o que não conseguiu, passando a conviver com os desafetos inevitáveis que todos os Governantes, em geral, logram encontrar durante o desempenho de seu mandato, mesmo em se tratando de um pastor de almas, e de um pastor de almas do porte de Dom Aquino Corrêa.

A 26 de agosto de 1921, ainda sob o pontificado de Bento XV, é elevado a Arcebispo Metropolitano e transferido da sede titular de Prusíade para a residencial de Cuiabá.

(...)Saíra do Palácio Alencastro tão pobre quanto nele entrara, e, dado o ambiente em que se vira envolvido pela política de então no Estado de Mato Grosso, teve o Arcebispo 'que estender a mão à caridade' fora do seu Estado, em São Paulo e no Rio de Janeiro.

(...)Disfarçava, entanto, o Arcebispo as suas amarguras, e daí em diante passou a ausentar-se mais amiudamente da terra natal que tanto, efetivamente, estremecia, para passar largo tempo de São Paulo ou no Rio de Janeiro, onde era muito benquisto e solicitado.

(...)A 16 de abril de 1922, com 37 anos de idade, toma posse, solenemente, do Arcebispado da Arquidiocese de Cuiabá, e a 8 de outubro do mesmo ano, em São Paulo, no Santuário de Jesus, é-lhe imposto, pelo Arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, o

Pálio Arquiepiscopal. No mesmo ano, é eleito sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

A 14 de maio de 1924, em Cuiabá, vem seu pai a falecer, aos 81 anos de idade, o que lhe tira d'alma uma das Pastorais mais belas e comovidas de quantas jamais produziu.

(...)A 9 de dezembro de 1926, é eleito, no primeiro escrutínio, para a Academia Brasileira de Letras, na vaga deixada por Lauro Müller.

Sua posse foi um acontecimento social: a ela compareceram o Presidente da República, Washington Luís, e todo o seu Ministério, bem como as figuras de maior destaque no mundo da cultura e social de então.

Em 1929, realiza sua primeira visita "ad limina apostolorum" e assiste, comovido, à canonização de Dom Bosco, tomando parte saliente nas cerimônias, uma delas que o fez considerar 'o ponto mais alto do seu episcopado', quando deu a bênção do Santíssimo, tendo o Papa prostrado aos seus pés.

A 11 de outubro de 1933, no Rio de Janeiro, em solene "Te Deum" de ação de graças, pela visita do Presidente da República da Argentina ao Brasil, em presença dos Chefes das duas Nações amigas, profere belíssima oração sob o tema: 'De Mãos dadas sob a Cruz de Estrelas', que lhe aumentou sobremodo o prestígio.

Em 1934, realiza-se em São Paulo, um festival comemorativo do seu Jubileu de Prata.

É designado, em 1938, pelo Governo Brasileiro, para representar o Brasil na VII Conferência Internacional de Instrução Pública em Genebra, havendo sido eleito, por aclamação, Vice-Presidente do certame. Posteriormente, ocupou a Presidência com o esperado brilho.

Em agosto de 1941, visita Cuiabá o Presidente Getúlio Vargas, tendo Dom Aquino lugar de destaque nas homenagens a ele prestadas, sendo que, nessa mesma ocasião, o Presidente é eleito Membro da Academia Brasileira de Letras. E Dom Aquino foi o primeiro a saudá-lo como tal no 'Te Deum' que celebrou em ação de graças na antiga Catedral Metropolitana.

Por ocasião da inauguração da nova Capital de Goiás, a 5 de julho de 1942, É Dom Aquino o convidado para proferir a Oração gratulatória. Nesse mesmo ano, é orador oficial, no Rio de Janeiro, na passagem do Fogo Simbólico, que partira de Minas Gerais rumo ao Rio Grande do Sul, e, em Niterói, é o orador no encerramento de seu 1º Congresso Eucarístico.

A 15 de agosto de 1943, é o orador oficial, em Mariana, em solene 'Te Deum' pelo 25º aniversário do Sagrado Episcopal de seu amigo e velho incentivador, Dom Helvécio Gomes de Oliveira.

(...)Em 1951, foi nomeado, Embaixador Plenipotenciário e Extraordinário do Brasil junto à República do Uruguai, e, em novembro desse mesmo ano, no Rio de Janeiro, em solene 'Te Deum' na Candelária, ao ensejo do Primeiro Dia Interamericano de Ação de Graça, profere belo sermão que foi mandado verter para a língua inglesa pela Embaixada dos Estados Unidos, e oferecido ao Cardeal Spellman, Arcebispo de Nova Iorque.

Em 1952, foi solenemente comemorado em Cuiabá seu jubileu de ouro sacerdotal e seu jubileu de prata acadêmico. Realizou-se, na ocasião, o 1º Congresso Eucarístico de Mato Grosso.

(...)E, 1954, lança sua última Carta Pastoral - "Maria, ou Morte!" - comemorativa do Primeiro Congresso Nacional da Padroeira do Brasil, Nossa Senhora da Conceição Aparecida."²

D. Francisco de Aquino Corrêa deixou uma vasta obra:

- Pro-Patria atque immortalis - 1919.

- A fronteira Mato Grosso-Goiás - 1919.

- Conferência na sessão especial do IHGB comemorativa da beatificação de

D. Bosco - 1929.

- Discurso de posse no IGHB em 26 de julho de 1926 - 1925.

² SILVA, Corsíndio Monteiro da - *Tocado pela graça*. p. 12-26.

- *Bispos do Brasil* - 1939.
- *Os jesuítas em Mato Grosso* - 1941.
- *Elogio do Padre José Manuel de Siqueira* - 1926.
- *Heróis obscuros da Igreja Matogrossense* - 1926.
- *Dom José Antônio dos Reis* - 1954.
- *O testamento de vosso Arcebispo* - 1985
- *Ao povo matogrossense* - 1917
- *À memória de meu Pai* - 1985
- *Aos heróis de Laguna e Dourados* - 1941
- *O Tratado de Madri* - 1985
- *Presidente em Cuiabá* - 1985
- *O primeiro avião* - 1929
- *A primeira flor* - 1985
- *Bispo e Presidente do Estado* - 1917
- *Missões Salesianas* - 1915
- *Contralmirante João Batista das Neves* - 1911
- *Mensagem presidencial que cria o Brasão de Armas do Estado de Mato Grosso* - 1919
- *Antônio João: herói brasileiro* - 1961

D. Francisco de Aquino Corrêa foi um dos doze fundadores do Centro Matogrossense de Letras. Ocupava, em 1921, a Cadeira nº 14 que, mais tarde, quando as Cadeiras passaram de 24 para 30, a receber o nº 3. No momento em que as Cadeiras foram definidas como 40, o que se mantém até a atualidade, tomou ela o nº 4.

Padre Raimundo C. Pombo Moreira da Cruz

Nasceu em Cuiabá, a 8 de dezembro de 1913.

Optou pela carreira eclesiástica, tendo se engajado na ordem Salesiana.

Prestou relevantes serviços aos Salesianos, especialmente como Professor de Português, matemática, História e Desenho, junto ao Liceu Salesiano São Gonçalo.

Além de mestre, dedicou-se ele às artes literárias e teatrais. No teatro, produziu inúmeras peças, dentre as quais destacamos:

- *Heróis Hodiernos* - Drama em três atos;
- *Educação Moderna* - Comédia em dois atos;
- *O Último Pelotão* - Drama em cinco atos;
- *Caduquice de Avô* - Comédia em dois atos;
- *A Múmia de Tibiriçá* - Comédia em três atos;
- *O Sinal Misterioso* - Drama em cinco atos;

No campo literário, Padre Raimundo Pombo, como é mais conhecido, escreveu um livro na área de literatura juvenil, o qual foi muito lido pela juventude mato-grossense, e intitula-se *Tempestade na Casa do Vizinho*.

Além dessas obras, publicadas, escreveu ele em diversos artigos em periódicos:

- *Oração à Pátria* - 1944
- *Palestra em comemoração à Independência do Brasil* - 1955
- *Última prece* - 1961
- *Discurso de posse na Academia Matogrossense de Letras* - 1962
- *O papel do clero na Independência* - 1977
- *Na Assembléia (Divisão do Estado)* - 1978
- *D. Francisco de Aquino Corrêa* - 1985
- *O Nome Cuiabá* - 1989

Padre Raimundo Pombo faleceu em Cuiabá, no dia 30 de julho de 1996, tendo seu corpo sido velado no Colégio "Patronato Santo Antônio", onde residia. A Academia Matogrossense de Letras prestou as despedidas ao Padre Raimundo Pombo através do acadêmico Satyro Benedicto de Oliveira, que proferiu oração fúnebre em nome da Instituição.

| | |
|---|---|
| Patrono: Antônio Pires da Silva Pontes | Ocupantes: Arlindo de Andrade Francisco Ayres Clóvis Pitaluga de Moura |
|---|---|

Clóvis Pitaluga de Moura

Antônio Pires da Silva Pontes

Os dados mais completos referentes a Antônio Pires da Silva Pontes Leme, obtivemos através do substancial *Dicionário Biobibliográfico Brasileiro*, de autoria de Augusto Penna Forte Sacramento Blake, uma contribuição do pesquisador Paulo Pitaluga Costa e Silva, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, meu parente e "compadre":

"Antonio Pires da Silva Pontes Leme - Filho de José da Silva Pontes e de sua esposa, uma senhora da família Paes Leme, de Minas Gerais, o pai do desembargador Rodrigo de Souza da Silva Pontes, de quem me ocuparei oportunamente, nasceu nesta Província, em Mariana (MG), depois do ano de 1850, e faleceu no Rio de Janeiro a 21 de abril de 1805.

Em 1772 matriculou-se no curso de matemáticas da universidade de Coimbra, onde teve por seu mais particular amigo e colega o jovem paulista Francisco José de Lacerda e Almeida, e ambos no mesmo dia, a 24 de dezembro de 1777, receberam o grau de doutor, e foram juntos despachados astrônomos da terceira partida de demarcadores de limites do Brasil, trabalhando em explorações e estudos por diversos pontos do norte e do sul do Brasil até o ano de 1790. Teve também como companheiro nestas comissões o engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra com o qual, depois de vários trabalhos e explorações penosas, fez o reconhecimento do Alto-Paraguai até a Baía Negra, de onde veio à Cuiabá; e propunha-se a explorar o Paraguai-Diamantino, quando foi encarregado de estudar o rio Verde e o Capivari, afluentes ocidentais do Guaporé, indo até as cabeceiras do Sararé, Juruena, Guaporé e Jaurú.

Recolhendo-se depois a Portugal, foi nomeado lente da Academia de Marinha, com o posto de capitão de fragata, a 13 de abril de 1791, mas subindo ao Ministério, após alguns anos, seu amigo Dom Rodrigo de Sousa Coutinho, depois Conde de Linhares, foi por influência deste em 1798 nomeado governador da capitania do Espírito Santo, onde prestou muito importantes serviços e esforçou-se pela civilização dos índios do rio Doce, criando o Presídio, a que deu o nome de Linhares, em honra de seu amigo e protetor, seu e de seus patrícios, os brasileiros, e nesta comissão esteve até 17 de dezembro de 1804."

Tão valiosos foram os trabalhos realizados pela Comissão chefiada por Ricardo Franco que o Marechal Rondon, ao percorrer as mesmas fronteiras, em começo do século XX, declarou que *"esses trabalhos lançam sobre as páginas da capitania de Mato Grosso um fulgor de talento, de hombridade e operosidade de que, em vão, se procuraria o equivalente nas outras Capitânicas do Brasil."*

Como fruto de seus trabalhos de engenharia, deixou-nos Antônio Pires da Silva Pontes, várias obras científicas:

- **Construção e análise das proporções geométricas e experiências práticas para servirem de fundamento à construção naval.** Lisboa, 1798;
- **Diário das explorações que fez desde o rio Branco e suas cabeceiras na província do Pará até as cabeceiras do Sararé, Juruena, Guaporé e Jaurú.** São Paulo, 1841;
- **Diário da diligência e reconhecimento das cabeceiras dos rios Sararé, Guaporé, Tapajós e Jaurú que se acham todos debaixo do mesmo paralelo na serra dos Parecis.** 1789;
- **Breve diário ou memória do rio Branco e de outros que neles deságuam, conseqüente à diligência;**

- Memória físico-geográfica, acompanhada de um plano das lagoas Gaíva, Uberaba e Mandioré. 1790;
 - Diário da viagem que fez o doutor Pontes ao tirar a configuração do rio Guaporé. 1783;
 - Diário da viagem do reconhecimento da cabeceira principal do rio Barbados. 1783;
 - Diário da diligência e reconhecimento do rio Paraguai e rio Verde por ordem do Ilmo. e Exmo. Sr. Luiz de Albuquerque e Mello Pereira e Cáceres. 1789;
 - Relatório de uma parte do rio Paraguai e das lagoas Uberaba e Gaíva. 1787;
 - Notícia do lago Xaraiés;
 - Considerações sobre o manifesto de Portugal aos soberanos e povos da Europa na parte relativa ao reino do Brasil;
 - Carta geográfica de projeção esférica ortogonal da Nova Lusitânia ou América portuguesa e Estado do Brasil. 1798;
 - Plano geográfico do rio Branco e dos rios Uraricapará, Magari, Parimé, Tacutú e Mahú que nele deságuam, aonde vai notada a grande cordilheira de montes que demeia entre o Orinoco e o Amazonas, de que nascem os mencionados rios. 1781-1782;
 - Carta geográfica do rio Doce e seus afluentes. 1862;
 - Nova carta do recôncavo marítimo da enseada da Bahia de Todos os Santos, e parte da costa do oceano brasileiro desde a ponta de Santo Antônio da Barra até o porto de Garcia de Ávila, etc. 1800.
- Pertenceu ele à Academia Real de Ciências de Lisboa e foi agraciado com a comenda da Ordem de São Bento de Aviz.

Arlindo de Andrade¹

Arlindo de Andrade nasceu em Timbaúba, Estado de Pernambuco, no dia 16 de abril de 1884. Seus pais, Manoel da Cunha Andrade Gomes e sua mãe, Maria Cavalcanti, muito fizeram para que seus onze filhos tivessem aprimorada formação. Aprendeu ele a ler com sua progenitora, cujo aprendizado fora-lhe básico para os estudos posteriores, culminados na Faculdade de Direito de Recife, onde se formou. Ao lado das lides estudantis, Arlindo de Andrade engajou-se no jornalismo, tendo tudo substancialmente colaboração junto ao “Diário de Pernambuco”, onde iniciou como revisor e mais tarde redator de anúncios e comentarista político.

Paulo Coelho Machado estudou profundamente a vida de Arlindo de Andrade, cujos resultados estão consubstanciados na obra que leva o nome do homenageado: *“Arlindo de Andrade: primeiro Juiz de Direito de Campo Grande”*.² Nesse importante e elegante livro, Paulo Coelho Machado traça a trajetória de Arlindo de Andrade, tendo como pano de fundo os contextos nacional e regional. Baseados nessa obra, traçaremos alguns momentos elucidativos de sua atuação como jornalista, político, jurista e escritor:

“Era ledor inveterado. Hábito que não mais abandonou. Devorava livros de todos os assuntos e defendia ardorosamente as idéias que mais o impressionavam.

(...)Aprendeu a amar a natureza no velho engenho, que lhe não saiu jamais da lembrança. Uma espécie de nostalgia o dominava constantemente. Amou também o jornalismo e a política. Era um idealista puro, na contínua busca de solução para os mais prementes problemas da humanidade. A filosofia para ele era tão indispensável como o ar que respirava. Estava sempre empolgado com novas teorias, tinha sede de desvendar os mistérios da alma, de

¹ Os dados referentes a Arlindo de Andrade foram obtidos graças a boa vontade e espírito de cooperação do confrade e acadêmico Lenine de Campos Póvoas, sendo que a organização dos mesmos coube à coordenadora deste periódico, a congreira e acadêmica Profa. Elizabeth Madureira Siqueira.

² MACHADO, Paulo Coelho - *Arlindo de Andrade: primeiro Juiz de Direito de Campo Grande*. Campo Grande, Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1988.

Deus, do mundo. Amava igualmente os momentos de solidão, em que se entregava a estudos e reflexões

Viagem a Mato Grosso

Foi com esse cabedal de conhecimentos e idéias, com a ânsia de penetrar a fundo na natureza virgem do longínquo território de Mato Grosso, um mundo a parte, cheio de mistérios sedutores para o homem do litoral, que o jovem e ardoroso bacharel, logo após a colação de grau, (no dia 5 de dezembro de 1907), já descontente com a orientação política de seu DIÁRIO, tomou a grave decisão de mudar o próprio destino.

O Estado de Mato Grosso fascinava o moço irrequieto, enérgico, pronto para qualquer aventura no romântico sertão.

Seguiu em navio costeiro até o Rio de Janeiro, obteve aí, por intermédio de influentes amigos de seu pai, a promessa de satisfatório emprego na capital mato-grossense.

Do Rio de Janeiro embarcou para Montevideú, onde passou alguns dias à espera do pequeno navio que, subindo os rios da Prata e Paraguai, passando por Assunção, o conduziu até Corumbá. Aí transferiu-se para embarcação de menor calado, que o deixou na Capital de Mato Grosso, após a viagem superior a um mês, a partir do dia em que saiu do Rio de Janeiro.

Durante o percurso encantou-se com a fauna e a flora da região, apreciando sobretudo as aves pantaneiras. Era um apaixonado pelas plantas e pelos animais. Tinha predileção especial pelo estudo da História Natural. Lia tudo que sobre o assunto lhe caía nas mãos. Hoje seria um ecologista afervorado, terrível inimigo da poluição.

Na viagem aprendeu muita coisa sobre o Estado que resolvera adotar. Conversou com os passageiros, especulou sobre a política, informou-se sobre a economia local. Ficou sabendo que Mato Grosso não era tão rico como pensava, mas extasiou-se diante de seu imenso potencial.

No fim da guerra do Paraguai, Cuiabá tinha 35.987 habitantes e, por incrível que pareça, São Paulo contava um pouco menos, 31.385. Cuiabá maior que São Paulo, há pouco mais de cem anos...

Chegando à velha Capital, no mês de abril de 1908, com o dinheiro curto, tratou de procurar trabalho, até que viesse, da Capital da República, a prometida nomeação.

E foi com tal propósito que procurou o prof. Isác Póvoas, Secretário da Instrução Pública. Entretanto, só conseguiu mesmo uma indicação, em 27 de maio de 1908, para servir de banca examinadora do concurso para provimento efetivo da primeira escola complementar do sexo feminino do 1º distrito da Capital, ocorrido no dia 1º de junho. Todavia, foi aberta para o magistério, passando a ocupar a cadeira de Botânica no tradicional "Lyceu Cuyabano", onde teve alunos que se tornaram ilustres, como Arnaldo Estevão de Figueiredo, formado depois em Agronomia, em Pelotas, que veio a ser Governador de Mato Grosso em 1946, eleito pelo PSD, quando já radicado em Campo Grande, desde 1917, prestando assinalados serviços ao Estado. Foi também aluno de Arlindo um dos maiores poetas mato-grossense, Ulisses Cuiabano, que falava com desembaraço o esperanto, a língua universal do dr. Zamenhoff.

Em 10 de julho de 1909, no Governo Pedro Celestino, foi nomeado inspetor escolar da Capital e a seguir chegou a esperada nomeação para procurador fiscal da Delegacia do Tesouro Federal do Estado de Mato Grosso, assinada pelo Presidente Nilo Peçanha. Tomou posse do cargo no dia 14 de outubro.

O emprego não era o que o jovem bacharel esperava. Por isso aceitou, no ano seguinte, o lugar de juiz de direito da Comarca de Nioaque, no Sul do Estado, que vagara com o pedido de demissão do dr. Eduardo Olímpio Machado.

Gente boa a que habitava então a simpática vila de Nioaque ou Levergeria. Lugar tranqüilo e agradável. travou logo conhecimento com seu antecessor no cargo, que seria seu melhor amigo durante a vida afora. Machado era o venerável da loja maçônica, grau 30, e por sua influência Arlindo ingressou na Maçonaria.

Recebeu no dia 22 de abril de 1911, pouco antes de seguir para Campo grande, o título distintivo "Caridade e Ordem de Nioac", condecorado com o grau 3.

(...)Sua Banca logo ficou próspera e movimentada. O advogado com cultura geral certamente leva vantagem sobre os outros. Mesmo sem se aprofundar nas soluções eminentemente jurídicas, realiza trabalhos que convencem pela lógica, pela argumentação bem colocada, pelos chistes e comparações impressionistas. Arlindo tinha tudo para vencer. Escrevia bem, possuía sólidos conhecimentos jurídicos e sua cultura era invejável.

(...)Com os proventos da advocacia pôde adquirir uma pequena propriedade rural, onde hoje é o prédio que serviu ao Hospital da Noroeste, na Rua Marechal Rondon, na margem esquerda do córrego Segredo, em local considerado distante na época, pois a vila era situada nas ribas do córrego Prosa, quando só existia a Rua 26 de Agosto e se iniciava a abertura da Rua 7 de Setembro, então quintal dos moradores da primeira.

(...)No dia 22 de junho de 1913 é publicado o primeiro número de seu jornal, intitulado "O ESTADO DE MATO GROSSO, impresso em oficina própria, denominada Casa Kosmos, que compreendia gráfica, papelaria e livraria. Funcionava na então incipiente Avenida Marechal Hermes, cujo nome foi depois mudado para Afonso Pena, próxima ao local onde se ergue o Edifício Dona Neta. A firma era Andrade & Irmãos, pois Arlindo chamara seus irmãos Argeu e Aduato, que a ele se associaram. Era um órgão semanal muito bem impresso. O primeiro saiu em papel couché, com letras douradas. Exerceu com brilhantismo sua tarefa de pioneiro. Jornal vibrátil, de estilo sóbrio, inteiramente comprometido com as idéias de seu tempo. A existência do jornal tornou-se imprescindível, habituando o povo à leitura das informações, dos artigos sérios, eruditos, tomando força incontestável. Constituiu-se em largo e prolongado triunfo do jovem nordestino até 1915, quando decidiu vender o jornal, já com nome feito.

(...)O jornal de Arlindo de Andrade foi o primeiro a surgir em Campo Grande e o segundo de toda a região meridional, excluída a cidade de Corumbá, que, segundo a informação de Rubens de Mendonça, teve nada menos que duas dúzias de periódicos até 1913.

(...)Arlindo de Andrade estava com a idade de Cristo e entrara para o rol dos solteirões. "Quem aos 20 anos não barba, aos 30 não casa e aos 40 não tem, não barba, não casa e não tem", dizia seu alegre amigo da mesma idade, meu tio Anibal Coelho, um bacharel boêmio, que vivera até então em longos passeios pelo Rio de Janeiro e Europa.

(...)Os dois solteirões empenhavam-se em encontrar as respectivas caras-metades. Enquanto Anibal desejava uma esposa delicada, inteligente, que se dedicasse à música, ele próprio tocava piano de ouvido, Arlindo queria encontrar uma camponesa robusta, de braços fortes, que o ajudasse na faina da chácara, inclusive na ordenha da madrugada.

No ano seguinte, Anibal casou-se com a gaúcha Marina Abbott e Arlindo com Julieta, mulher doce e delicada.

Em lugar de viagem de núpcias, Arlindo depois do enlace, teve que atender a um compromisso profissional em Ponta Porã, na fronteira do Paraguai. Nada menos que 60 léguas ou 360 Km de distância. Partiu, com um empregado, levando dois cavalos de reserva e um burro cargueiro para as roupas, alimentos, e apetrechos de cozinha.

O Político

Arlindo de Andrade revelava indisfarçada vocação política. Muito modesto, tímido mesmo, desdenhava os cargos para os quais não fosse insistentemente solicitado. Certo, isso não constituía propriamente exceção, na época. Hoje /e que os políticos se oferecem, se acotovelam, brigam, cometem traições contra os próprios companheiros, contanto que cheguem lá.

(...)No ano do casamento de Arlindo, 1918, foi inaugurada a iluminação pública de Campo Grande, no dia primeiro de janeiro, sendo concessionária a firma A. Veronese & Irmãos, acontecimento de maior importância para os habitantes que utilizavam o querosene até então., Tratava-se de um motor a gás pobre, de 40 HP. Mais tarde, a firma foi ampliada com a admissão dos sócios Bernardo Franco Bais, José Alves Quito, Domingos Barbosa Martins e Manoel Marques da Silva. Adquiriu-se, então, um novo motor de 200 HP.

Muitas críticas levantadas pelos jornais da época contra a empresa elétrica. Os comerciantes faziam abaixo-assinados e publicavam cartas e reclamações continuadas contra o Veronese.

(...)Arlindo de Andrade profere um discurso polêmico, revelando suas tendências políticas, que assim inicia:

"Festejamos hoje um acontecimento memorável, para nós habitantes deste Município, feliz recanto da Pátria, nas terras avançadas da Fronteira.

Esta festa cívica, meus senhores, deve ser uma festa de renascimento. Estrangeiros e brasileiros, as senhoras, as crianças das escolas, os adversários em política, estão aqui reunidos, em homenagem à elevação de Campo Grande à cidade.

Fomos um povoado abandonado nos sertões até 1911; vila que fez-se graças à boa vontade de seus moradores; somos a cidade de hoje com um grande futuro decorrente da sua situação topográfica dominadora, com bons ares para a saúde e magníficas perspectivas para o comércio.

A civilização marchando com o trem de ferro, criou grande centro de atividade que é Uberava, nas terras de Minas; levantou Bauru, na entrada da farwest paulista; edificou Ponta Grossa no Paraná, com um progresso surpreendente e transformou o vilarejo dos caboclos, dos catiras e mutiruns plantado no dorso da serra de Maracaju, nesta alegre cidade, banhada de sol e perfumada de flores de laranjeiras, que nós muito queremos, por ser uma obra nossa."

(...)Por essa época (1919), Arlindo começou a admitir a hipótese de disputar eleições municipais.

Arnaldo de Figueiredo, ex-aluno e grande amigo de Arlindo, assumiu a chefia do executivo municipal, como segundo vice-intendente, para completar o agitado quadriênio iniciado em 1917. Fez um governo cheio de realizações, reformulando inclusive o sistema tributário do município e o processo de uso da terra.

Arlindo de Andrade dele recebeu a intendência em 1921. A receita orçada para 1919 alcançara 200 contos de réis. Em 1920 passou para 227 contos e em 1921 permaneceu a mesma. O subsídio do Intendente (prefeito) era de 9 contos e seiscentos mil réis por ano.

Seu governo como prefeito foi bastante profícuo, com extensas e importantes obras nos campos da Segurança Pública, Educação, Economia (pecuária e agricultura) e demais campos.

Finalizando sua análise sobre Arlindo de Andrade, Paulo Coelho Machado, encerra com capítulo especial:

"Depois de 1930, enquanto morou em Campo Grande, Arlindo exerceu a advocacia, com maior ou menor intensidade.

Tinha hábitos morigerados e muito regulares. Acordava de madrugada, cuidava dos pássaros e das plantas. Almoçava às 10 horas, saía para as visitas e o serviço forense. Jantava às 5 horas da tarde e deitava-se ao pôr-do-sol.

Era um conversador de fôlego, capaz de falar horas inteiras sobre os assuntos dos quais gostava, empolgando o interlocutor ou eletrizando uma platéia. Impressionava pela velocidade do raciocínio, eloqüência na exposição, inteligência aguda, linguagem correta e elegante.

Arlindo de Andrade sempre foi divisionista convicto e amante declarado de Campo Grande. Participou aqui de todos os grandes movimentos cívicos. Acompanhou, do lado dos tenentes, as resoluções de 22, 24 e 30. Esteve com os paulistas em 1932 e foi mesmo secretário-geral do Governo Provisório do período revolucionário, quando o Sul de Mato Grosso aliou-se a São Paulo na luta pela reconstitucionalização do país.

A derrota e as controvérsias do movimento revolucionário não o fizeram perder o idealismo e a confiança em seus princípios. Tanto assim que, em 1934, publicou um livro com o título de "ERROS DA FEDERAÇÃO. (...)No livro, dá notícia de muitos assuntos importantes do

Estado, estuda o problema da erva-mate, da pecuária, dos transportes e das exportações. Uma pena vigorosa e competente a serviço de Mato Grosso.

Toda vez que se referia à nossa cidade (Campo Grande) era com o maior entusiasmo. E assim foi até o fim de sua vida. Faleceu na cidade de São Paulo, no dia 20 de agosto de 1975.

Na certidão de óbito, há a declaração de que “não deixou bens”. Foi sepultado no Cemitério da Paz. Campo Grande homenageou Arlindo de Andrade dando o nome dele a uma rua e a uma escola pública.

Deixou em manuscrito, numa velha agenda, diversos pensamentos que caracterizam sua filosofia de vida, quando já nonagenário. Aqui estão alguns:

“Experiência de Vida: Cada dia traz uma experiência. Habitue-se a colher qualquer coisa boa, útil destas experiências diárias. São lições e a vida é uma lição constante. Elas podem nos enriquecer e a vida. Estamos cada dia aprendendo como viver melhor, viver mais sadio, mais alegre, mais rico, mais justo, mais útil. Vivemos para aprender. A vida é uma missão que temos que cumprir. Somos espírito. Vive em nós a centelha divina. Estamos vivendo uma etapa da vida. Continuamos após a morte - a saída do espírito da matéria - para a verdadeira vida.”

Francisco Ayres

Nascido em Portugal a 05 de dezembro de 1903, na Freguesia de São Julião, Conselho de Chaves, viveu até os sete anos na Freguesia de Samaiões, ali onde nasceu o grande vate Eça de Queiroz, cujo retrato de vida veio a constituir um dos seus mais festejados livros.

Aos sete anos surpreendia seu guia espiritual o piedoso Padre Silvino, ao afirmar com evidente convicção: “*Eu quero ser médico e brasileiro*”. E assim se fez!

Quanto a sua vocação profissional, desconcertantemente manifestada, nada conseguiu discernir. O mesmo não direi em relação à cidadania pretendida. Entendo, que, se delineava naquele depoimento do menino aldeão, uma postura crítica precocemente amadurecida e que acabou por marcar, definitivamente, o perfil atitudinal de Francisco Ayres, como tive felizes oportunidades de testemunhar através de nossa convivência como médicos e rotarianos. Portugal vivia à época, transe de preocupante instabilidade institucional. Republicano atuante, a fuga para o Brasil foi o recurso extremo de Joaquim Ayres Teixeira Júnior, pai da nossa personagem enfocada. Corria o ano de 1910. Vitoriosa a luta republicana no seu país, Francisco Ayres, filho único e sua mãe Maria Augusta da Cruz Ayres viajaram ao encontro do chefe da família no Rio de Janeiro. A vocação humanística e a atração pelas letras do inquieto jovem encontraram terreno propício na Capital brasileira, vivendo àquela época um ciclo positivo de atividades literárias que se fizeram florescer e frutificar nessa personagem invulgar que estou procurando focar com sobriedade de palavras que a ocasião recomenda. Relato mais detalhado de sua vida marcante é um compromisso que assumo perante esta casa. Graduou-se pela consagrada Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, defendendo tese em 1962, realizando então um dos sonhos de dezesseis anos antes, enquanto que outro sonho acalentado fez-se realidade doze anos mais tarde, quando declarado cidadão brasileiro em 1938. Ayres sempre fez do exercício profissional uma trincheira cívica e um apostolado social. Foi bom médico e brasileiro como pedira e se prometera, preocupando-se pioneiramente com a Medicina Social da qual fez pregação através de outro consagrado livro de sua autoria, *Terra Vermelha*, onde a personagem principal era um médico cheio de ideal, encarnado pelo próprio autor ao relatar a convivência da miséria com a opulência que faziam o pano de fundo no desbravamento da região Noroeste do Brasil. Aquilo que o autor/personagem pregava no seu livro, muito se enquadra, ideologicamente, à estrutura providenciária e sanitária que hoje se propala como uma fúgdia plataforma governamental. Não só na medicina que aprendemos na mesma histórica faculdade da Praia Vermelha e que começamos a professar, por igual, longe dos recursos

auxiliares de diagnóstico e tratamento, como era aquela época a prática médica interiorana, nos identificamos e nos entendemos.

Também na seara de Rotary onde plantamos e colhemos, nossos caminhos se cruzaram e se puseram, também, nas rotas paralelas de nossa agradável convivência. Enquanto que eu só tive uma morada, no Rotary Clube de Cuiabá, pioneiro do rotarismo matogrossense, Ayres pontificou como rotariano em Campo Grande e Goiânia. Ali ele foi eleito para o difícil cargo de Governador do Distrito 122 de Rotary Internacional, que cobria todo o Mato Grosso indiviso e grande área territorial do Estado de São Paulo; no ano rotário 1953/54.

Nesse período exercia eu a Presidência do Conselho Diretor do meu Clube. Na sua condição de Governador eu o recebi em nome do Clube, na sua visita Oficial. Falei a ele e sobre ele, presente. Hoje o relembro e o reverencio morto mas sempre vivo na lembrança daqueles que usufruíram o privilégio de sua convivência.

Muito sugestivo de sua nobreza, diplomacia e liderança, foi-nos oferecido na oportunidade quando visitávamos Assunção em missão de Rotary e sob seu comando. Jornais da cidade espalhados pelo aeroporto e no hotel onde nos hospedamos, ostentavam provocadoras manchetes exaltando com justeza cívica paraguaia, não obstante inoportunamente, os valores do herói guarani Francisco Solano Lopes. Conseguindo Ayres convencer alguns extremados de sua comitiva, respondemos à provocação jornalística, com uma visita do grande grupo brasileiro ao Senhor Presidente da República vizinha e amiga.

Sob permissão do dirigente maior da nação paraguaia, depositamos no túmulo de Lopes, no Pantheon de Los Eroes, uma coroa de flores, quando não faltou um inspirado discurso pregando a *“consolidação das boas relações, da compreensão e da paz entre as nações”*. Apagara-se a figueira. Evidenciara-se a liderança!

Muitas obras literárias de Francisco Ayres tiveram repercussão nacional e internacional.

A medicina onde pontificou e ganhou enorme conceito - teria sido pioneiro em transplante de córnea na região paulista cujo desbravamento testemunhou - suas crenças religiosas e filosóficas, sua vocação cívica e ambientalista, sua amada esposa Mariana, sua neta Marianinha, seus filhos, o rio Amazonas, os Jardins e as acácias de sua aconchegante morada, foram por ele propalados e lembrados em prosa e verso ricos de persuasiva força narrativa, de ternura e de lirismo.

Entre suas inúmeras obras literárias, refiro:

- *Jesus Cristo meu companheiro;*
- *Krishnamurti;*
- *A verdade nua;*
- *Eça de Queiroz, vida e glória;*
- *Caminhão de destinos;*
- *Terra vermelha;*
- *Bases para a construção de um mundo novo;*
- *Espiritismo;*
- *Poemas da vida e do sonho;*
- *Portugal descobridor;*
- *Ronda de desejo;*
- *Memorial do solar;*
- *Uma visão de Fernando Pessoa*

Entre os inúmeros títulos, destacam-se

- **Professor Titular e Professor Emérito da Universidade Federal de Goiás;**
- Membro do Colégio Brasileiro de Cirurgiões;
- Titular da Academia Goiana de Letras;
- Da Ordem do Mérito Nacional dos Bandeirantes;
- Membro correspondente da Academia Paulista de História;

- Da União Nacional de Escritores;
- Paul Harris Fellow de Rotary Internacional;
- Medalha Marechal Rondon;
- Medalha de Ecologia da Sociedade Geográfica Brasileira;
- Membro da Academia Internacional de Letras da Inglaterra.

Eis o vulto singular que estou tendo a honra de substituir na Cadeira nº 05 da Academia Matogrossense de Letras.

Clóvis Pitaluga de Moura

Dados Pessoais

Nascimento: Cuiabá - 10 de outubro de 1915

Filiação: João Bem Dias de Moura

Adélia Pitaluga de Moura

Formação Escolar

Primário: Escola Modelo Barão de Melgaço - Cuiabá - 1923/1926

Secundário: Liceu Cuiabano - Cuiabá - 1928-1931

Superior: Faculdade Nacional de Medicina - Universidade do Brasil - Rio de Janeiro 1934-1939

Pós-Graduação:

- **Curso de Organização e Administração Hospitalares- Departamento Nacional de Saúde do Ministério de Educação e Saúde - 1947 - Nível de Especialização.**

- **Curso de Formação de Oficiais de Reserva do Serviço de Saúde do Exército - Cuiabá, 16º BC - 1943.**

- **Curso de Cirurgia Torácica - Hospital Santa Maria - Rio de Janeiro - 1952.**

- **Curso de Organização e Administração Hospitalar - MES/Divisão de Organização Hospitalar - Rio de Janeiro - 1952.**

- **Curso de Administração e Organização Hospitalares - Regional de São Paulo da Ordem dos Arquitetos do Brasil - São Paulo - 1953.**

- **Curso de "Coordenador de Medicina do Trabalho"- Fundação Centro Nacional de Medicina e Engenharia do Trabalho - FUNDACENTRO - São Paulo - 1975.**

Curso de Línguas

- **Curso de Segundo Grau: Inglês, Francês, Alemão e Latim**

- **Nível de Domínio; Inglês e Francês**

- **Inglês: capacidade limitada de tradução**

- **Francês: capacidade limitada de conversação e razoável de tradução**

Estágios Supervisionados

- **Monitor da Cadeira de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil - 1937-1938.**

Experiência Profissional

- **Professor de Biologia da Escola de Comércio de Cuiabá - 1956**

- Professor de Clínica Obstétrica, Patologia Cirúrgica e Anatomia da Escola de Auxiliar de Enfermagem "Dr. Mário Corrêa da Costa" - Secretaria de Saúde do Estado de Mato Grosso - 1952-1956.
- Professor do Curso de Adestramento de Pessoal de Nível Auxiliar de Maternidade e Centro de Puericultura - Cuiabá / MT - 1947.
- Professor do Curso de Formação de Pessoal Auxiliar de Maternidade e Puericultura Maternidade e Puericultura do Departamento Nacional da Criança - MES - 1956.
- Coordenador do Curso de Medicina do Trabalho - Convênio UFMT/FUNDACENTRO - Cuiabá/MT - 1975.
- Coordenador do Curso de Tecnólogos em Saneamento Ambiental da UFMT - 1974-1981.
- Orientador Acadêmico - Departamento de Medicina - UFMT

Atividades Administrativas

- Médico Chefe do Centro de Saúde de Cuiabá - Secretaria de Saúde do Estado de Mato Grosso - 1943-1945.
- Diretor do Departamento de Saúde da Secretaria de Educação e Saúde do Estado de Mato Grosso - 1943 -1945 -1947.
- Diretor da Maternidade e Hospital Geral de Cuiabá / Mato Grosso - 1946-1966.
- Chefe de Divisão de Assistência à Criança do Departamento de Saúde da Secretaria de Educação e Saúde do Estado de Mato Grosso - 1957-1966.
- Secretário de Saúde do Estado de Mato Grosso - 1966-1969.
- Secretário de Educação do Estado de Mato Grosso - 1966.
- Presidente Executivo do Conselho Deliberativo da Fundação de Saúde do Estado de Mato Grosso - 1966-1969.
- Chefe do Serviço de Câncer da Secretaria de Saúde do Estado de Mato Grosso - 1975.
- Médico Chefe do Posto de Urgência do SANDU/INAMPS - 1969-1971.
- Assessor de Saúde do Governo do Estado de Mato Grosso - 1958-1962.
- Assistente Técnico Sanitarista do Departamento de Saúde da Secretaria de Educação e Saúde do Estado de Mato Grosso - 1957.

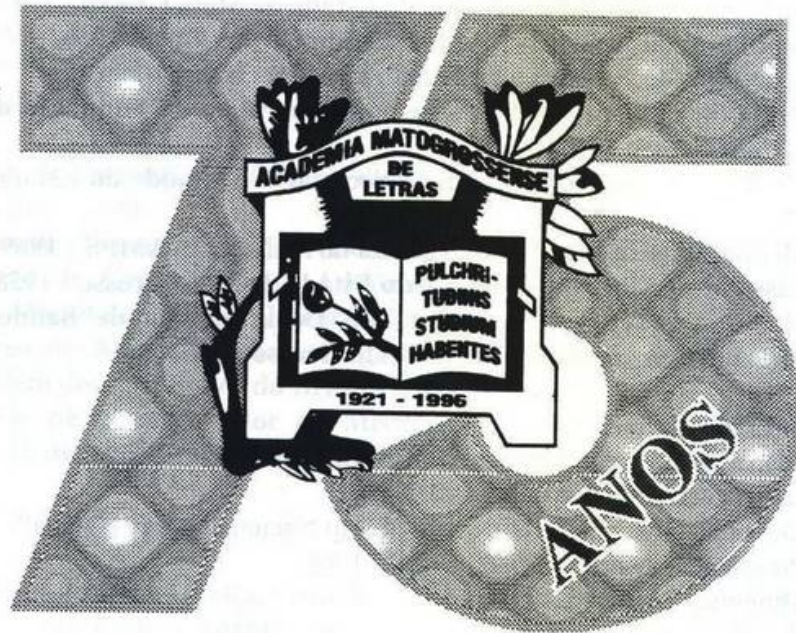
Distinções Especiais

- Medalha do Mérito Legislativo "Paschoal Moreira Cabral"
- Câmara Municipal de Cuiabá - 1984
- Diploma e Insígnia de Ordem do Mérito Nacional - Grau "Oficial" Presidência da República do Brasil - 1964
- Diploma "Paul Harris Fellow"
- Rotary Foundation of Rotary Internacional - 1980
- Diploma e Insígnia da "Ordem do Mérito Estadual" - grau "Comendador" Governo do Estado de Mato Grosso - 1986

Dados Complementares

- Auxiliar de Enfermeiro do Posto nº 1 da Fundação "Gafree Guinle" Rio de Janeiro - 1937
- Membro do Colége International de Chirugiens - Genebra - Suíça - 1956
- Membro do Colégio Brasileiro de Cirurgiões - Regional de Cuiabá / MT
- Paul Harris Fellow da the Rotarian Foundation of Rotary Internacional
- Sócio do Rotary Club de Cuiabá - admitido em 09 de dezembro de 1949

JUBILEU DE DIAMANTE



| | |
|--|---|
| Patrono: Francisco José de Lacerda e Almeida | Ocupantes: Ernesto Pereira Borges Roberto de Oliveira Campos |
|--|---|

Francisco José de Lacerda e Almeida²

Francisco José de Lacerda e Almeida, cognominado por Virgílio Corrêa Filho como um dos predecessores de Rondon, formou-se em engenharia pela Faculdade de São Paulo, tendo se formado em 1779. No ano seguinte, já laureado pela tese de matemática apresentada junto à Universidade de Coimbra, chegou ao Brasil para desenvolver extenso e árduo trabalho no sertão brasileiro, onde dedicou, por 10 anos, a atividades de reconhecido merecimento. Foi nesse período - 1780 a 1790 - que ele conheceu, descreveu, analisou regiões de Mato Grosso. Segundo Ernesto Borges: “(...) e aqui, no sertão, permaneceu em serviço, por mais de dez longos anos, só retornando a Portugal, em setembro de 1790, já com a saúde profundamente abalada, morrendo alguns anos depois, em pleno serviço, quando intentava por [ilegível] a arriscadíssima empresa de transpor, em operações topográficas, o continente africano, de Angola a Moçambique”.³

Em seu discurso de posse, Roberto de Oliveira Campos destaca as qualidades do Patrono da Cadeira 6:

*“Li com emoção a saga de Francisco José de Lacerda e Almeida e Antônio da Silva Pontes, aquele astrônomo, este biólogo, transformados ambos em geógrafos por capricho da burocracia imperial. Fizeram ambos parte da Convenção Demarcadora de Limites, que iria implementar o Tratado de Santo Ildefonso, de 1777, após formulado, no Convênio de Madrid, o princípio do *uti possidetis, uti possideatis*.*

Para sorte de Mato Grosso e do Brasil, os espanhóis nunca puseram em atividade sua comissão de limites, que atuaria conjuntamente com a comissão portuguesa, com o resultado de que esta podesse fazer projeções ousadas da área portuguesa arbitrada segundo o meridiano de Tordesilhas. Se a capitania de Mato Grosso ficou total e inquestionavelmente brasileira, isso foi devido em parte à inércia dos espanhóis...

Odisséia, como diriam os gregos, saga, como diriam os nórdicos, eis os nomes apropriados para as aventuras do patrono desta Cadeira. Francisco José Pereira e Almeida, e seu companheiro, Antônio Pires da Silva Pontes - hoje lembrados a geografia matogrossense pela cidade de Pontes e Lacerda - deixaram a foz do Tejo em janeiro de 1780 e aportaram a Belém do Pará após uma viagem oceânica de 45 dias. Foi-lhes cometida, ao serem designados para a Comissão de Limites, a gigantesca tarefa de levantamento cartográfico das capitanias setentrionais, incluindo o Piauí, o Maranhão, o Pará e São José do Rio Negro, descendo para a Bacia do Prata através da província de Mato Grosso. Esta era então governada por esse grande desbravador imperial, o capitão-general Luiz de Albuquerque Pereira e Cáceres, que foi o verdadeiro herói conquistador da fronteira sul, tendo criado as vilas de Albuquerque e de São Pedro del Rey, depois chamadas de Corumbá e Poconé.

Consumiram dois anos de viagem através do inferno verde da Amazônia, com 2.720 Km percorridos até a chegada à Vila Bela em fevereiro de 1782. Foi uma luta áspera e insana

¹ O primeiro a ser eleito para a Cadeira nº 06 foi Cecílio Rocha, porém o mesmo não chegou a tomar posse, sendo transferido, antes disso, para sócio correspondente, visto ter fixado residência no Estado de Goiás. Cecílio Rocha nasceu em Corumbá, a 22 de novembro de 1907. Filho de Marcolino Rocha e de Joana da Silva Rocha, cursou o primário em Corumbá e o secundário, ali iniciou, finalizando-o em Campo Grande. Na “Cidade Branca”, atual capital de Mato Grosso do Sul, Cecílio da Silva Rocha não somente terminou o curso secundário, como também o superior, diplomando-se em Odontologia e Farmácia. Jornalista e funcionário público aposentado, mantém-se Cecílio Rocha como sócio correspondente da Academia Matogrossense de Letras e, para nossa alegria, está vivo e residindo em Goiânia.

² As referências abaixo foram retiradas do discurso de posse do acadêmico Roberto de Oliveira Campos.

³ BORGES, Ernesto - *Discurso de posse*. p. 131-132.

contra os perigos ocultos das selvas, os ataques dos índios e das bestas, e a mais insidiosa das inimigas - a malária. Lacerda e Almeida, de saúde frágil, a tudo miraculosamente resistiu. Suas variadas obras, como o "Mapa do rio Madeira", e a "Carta geográfica do Guaporé", assim como o "Diário de Vila Bela à cidade de São Paulo pela ordinária derrota dos rios no ano de 1788", formaram a base da corografia das províncias setentrionais e ocidentais do Império português no Brasil. Note-se um pitoresco episódio, a que se refere Ernesto Pereira Borges, meu antecessor nesta cadeira. Lacerda e Almeida, de índole resignada, nunca protestou contra os baixos vencimentos, mas seu colega, Silva Pontes apresentou reivindicação salarial ao Governador Geral. Este bizarramente sugeriu que os dois cientistas assentassem praça de cadetes, como artifício para auferirem algumas oitavas adicionais de ouro. Pelo visto, nosso hábito de "jeitinho burocrático" tem profundas raízes coloniais.

Surpreendi-me ao saber da extensão e variedade dos trabalhos de Lacerda e Almeida, durante sua áspera aventura nas selvas. Havia antes compulsado amplo material sobre a grande epopéia de Cândido Rondon, mas este fez seu périplo sertanejo um século depois, quando a floresta e as savanas estavam um pouco mais amansadas. Comparados aos feitos da Comissão de Limites (que compreendia, além dos cientistas mais 18 praças de pré e 100 índios) empalidecem as peripécias, consideradas ousadas, do ex-presidente Theodore Roosevelt. Este, após deixar a presidência dos Estados Unidos, deu vazão a seu ânimo desbravador com uma expedição à busca das nascentes do Rio da Dúvida, no norte de Mato Grosso, em 1913. Quando jovem diplomata na Embaixada brasileira em Washington, durante a Segunda Guerra Mundial, tempo em que a nação americana era presidida por um outro membro do clã dos Roosevelt, Franklin Delano Roosevelt, tive minha atenção despertada pela ousada aventura de Theodore e seu filho Kermit. Afinal de contas, era singular bravura deixar o conforto de uma mansão em Oyster Bay, no estado de Nova York, para uma grande aventura na hirsuta selva Amazônica. Essa aventura, dizia Roosevelt, seria 'sua última oportunidade de ser um menino'. Durante a expedição, aquele que tinha sido um dos homens mais poderosos do mundo chegou à beira das feras, uma humilhante disenteria e a recorrência de uma febre tropical de cujas conseqüências o grande pioneiro nunca conseguiu totalmente escapar. Hoje, lendo sobre a saga de Lacerda e Almeida e Silva Pontes, patronos das cadeiras 5 e 6 desta Academia, sinto que as tribulações de Roosevelt tão decantadas na imprensa mundial, foram apenas um episódio menor, uma nota de rodapé na estória da conquista da bacia Amazônica".

Ernesto Pereira Borges, em seu discurso de posse, cita um importante documento escrito por Lacerda, dirigido à Academia Real de Ciências de Lisboa, no momento do encerramento dos trabalhos nos sertões brasileiros:

"Tenho a honra de apresentar à Academia Real das Ciências o mapa e o Diário da viagem que fiz, desde Vila Bela, Capital de Mato Grosso, até a Vila e Praia de Santos, onde dei fim às minhas longas e trabalhosas navegações, indagações, reconhecimentos e observações feitas desde o ano de 1780 a 1790, nas vastas Capitânicas do Pará, Rio Negro, Mato Grosso, Cuiabá e São Paulo. Seria completo o meu gosto, se me fosse possível fazer afeto de um mapa geral de todas as minhas viagens; com grande mágoa minha, não posso satisfazer esse desejo; porque tendo sido mandado levantar o mapa, com ordem de recolher-me à mesma Capital de Mato Grosso, pela estrada de terra, atravessando as Capitânicas de São Paulo e Goiás, deixei em Mato Grosso todos os papéis que tratavam do referido assunto, e apenas trouxe uma parte do leito do rio Paraguai, tirada no mesmo ano de 1786, como parte que devia ajuntar ao Rio Taquari, que nele despeja suas águas, e de onde devia principiar esse mapa; estudando em São Paulo, aprontado-me para dar inteira execução à ordem que recebi, outra para recolher-me a essa cidade de Lisboa, onde me chegou, depois a desagradável notícia de que meus escravos, que eu tinha deixado, tomando conta do meu quartel sabendo que eu não voltava, e que me não tornava a ver, consumiram os papéis, como coisa para eles inútil, e deram um saque quase geral nos meus móveis e trastes de maior valor, que eu tinha deixado, por não serem necessários, antes servirem de embaraço nos vastos sertões que tinha de atravessar. Mas, para que não pareça inteiramente truncado este mapa, ajunto outro em suplemento, que somente serve de dar

suficiente idéia de toda viagem, fazendo certo à Academia Real das Ciências, de que os pontos, em que acha uma cruz de carmim, estão na sua verdadeira posição e que o rumo geral das estradas e dos rios é como nele se deixa ver. Espero, pois que a Real Academia se digne de aceitar este pequeno sinal de veneração, com que respeito uma sociedade de homens sábios que tanta honra fazem à Nação; e não deixo de pedir indulgência para os defeitos que houverem de notar, devidos não somente aos meus fracos conhecimentos, como também aos descuidos procedidos do cansaço que necessariamente se devia seguir a um trabalho diário que tinha princípio ao romper do dia, e acabava pelas seis e meia da tarde, e com uma só hora e meia de descanso ao meio dia, e seguido da perda de grande parte das noites, nas observações astronômicas que o tempo permitia fazer.”⁴

Ernesto Pereira Borges

Ao se referir ao seu antecessor, Ernesto Pereira Borges, Roberto Campos assim se expressou em seu discurso de posse:

“Meu imediato predecessor na cadeira nº 6 foi o ínclito magistrado Ernesto Pereira Borges.

Antes da magistratura, exerceu os cargos de Procurador Geral e Consultor Jurídico do Estado, promotor de Justiça em várias comarcas, até ser nomeado Secretário do Interior, Justiça e Finanças no Governo Ponce de Arruda.

Lendo o discurso de posse de Ernesto Pereira Borges verifico de imediato duas afinidades. Refere-se ele com admiração às teses de Santiago Dantas, contrárias ao positivismo jurídico, em nome do humanismo. É que o positivismo jurídico, ao relativizar completamente o direito, se torna uma expressão integral do anti-humanismo.

*Ernesto Pereira Borges se levanta também contra o nacionalismo, que Albert Einstein chamava de **sarampo da humanidade**. Minhas objeções eram sobretudo ao nacionalismo econômico, mas Borges se refere também ao nacionalismo político-jurídico, que leva à ‘dividir o mundo em compartimentos estanques cada vez menores e a isolar a raça humana em grupos independentes cada vez menores’.*

A atual tendência de integração de mercados, globalização financeira e formação de complexos supranacionais demonstram que Borges e eu tínhamos razão.

É certamente uma honra para mim suceder-lhe na cadeira nº 6. Ele deu a conceitos jurídicos, às vezes convolutos, um colorido literário apetitoso. Eu espero escapar às tentações do economês, convencido que estou de que, como dizia Hayek: ‘não é bom economista quem só é economista’. Minha bagagem humanística do seminário me vacinou contra a tentação de metrifcar demasiado as variáveis do comportamento humano”.

Ernesto Pereira Borges tomou posse na Academia Matogrossense de Letras, nos final dos anos 40, tendo sido a sessão aberta pelo então Presidente da entidade, José de Mesquita. Recepcionou-o o acadêmico Alírio de Figueiredo, sendo a mesma sessão encerrada pelo Governador do Estado, Arnaldo de Figueiredo. Ao saudá-lo, Alírio de Figueiredo assim se expressou:

“As considerações de início expostas, bem se aplicam a vossa personalidade. Jornalista, magistrado, jurista, toda a vossa grande cultura no exercício dessas atividades do espírito, exposta em vernáculo e elegante exterioridade de forma, bem vos confere o galardão de homem de letras. Autor de dois volumes de direito aplicado, numerosos trabalhos jornalísticos, entre os quais, sob o pseudônimo de Segrob, versando temas filológicos, vos inclui entre os homens de cultura e estudiosos da língua. E, agora, em que a mais alta corporação literária do Estado vos confere o diploma de membro efetivo, permiti-me lembrar o vosso início de vida, todo cheio de dificuldades econômicas, todo cheio de sacrifícios, de renúncia aos prazeres da mocidade; e

⁴ Idem. p. 134-135.

vencedor agora de todas as batalhas, bem vos aplico o conceito do poeta matogrossense: subindo alto, mas subindo só!”⁵

Roberto de Oliveira Campos

Em 15 de setembro de 1995, ocasião da posse do Acadêmico Roberto de Oliveira Campos, o Presidente da Academia Matogrossense de Letras, Dr. João Alberto Novis Gomes Monteiro, recepcionou-o em discurso capaz de demarcar os principais momentos de sua trajetória. Transcrevemos parte dessa peça literária objetivando traçar um perfil do acadêmico Roberto de Oliveira Campos:

“(…) Nada poderá ser mais corroborador, deste meu conceito, de que a história da vida do acadêmico que hoje empossamos. O menino pobre, nascido no Beco do Meio - no Distrito do Porto, nesta nossa Cuiabá - que, ainda aos cinco anos, ficou órfão do pai, Valdomiro de Oliveira Campos - um “professor sonhador” que veio a Mato Grosso em missão de reforma do ensino público e aqui se casou com a jovem Honorina, uma bela donzela cacerense com tradicionais raízes “papa-bananas”. Viúva com dois filhos, D. Honorina, com altivez de uma rainha, dispensando e agradecendo a hospitalidade oferecida pelos parentes ricos, partiu para a luta em busca de condições que lhe possibilitasse encaminhar os filhos nos estudos. Humilde e persistentemente, lutou muito, sofreu e foi, ao fim, uma grande vencedora! Seu filho Roberto, nascido no Beco do Meio a 17 de abril de 1917, se tornou neste gigante que hoje recebemos em nossa Academia.

Levado pela mãe, andou peregrinando, de Penápolis - São Paulo, para o Pantanal da Nhecolândia e, dali, para Corumbá, depois pela Capital de São Paulo e, finalmente, Guaxupé, Minas Gerais, onde, aos dez anos, entrou para o Seminário de Nossa Senhora Auxiliadora.

Segundo o seu próprio relato, ali, como seminarista pobre, filho de modesta costureira, chegou a adotar o recurso, um tanto indígena, de comer tanajuras assadas para complementar a sua “magra dieta”.

(…) Depois de seis anos em Guaxupé, sempre destacando-se dos demais colegas, o nosso seminarista transferiu-se para o Seminário Nossa Senhora Auxiliadora de Belo Horizonte, onde completou a sua sólida formação moral e intelectual.

Terminou o curso de Teologia, e recebeu as ordens menores, precocemente; o que o obrigou a esperar a idade exigida, 22 anos, para que recebesse as ordens maiores e, assim, fizesse os votos de obediência e castidade. Nessa espera, acabou por perder a vocação para o sacerdócio, pois, o seu cérebro de superdotado exigia maior liberdade para a aquisição de novos conhecimentos.

Deixando o Seminário, foi Professor em Batatais, São Paulo, quando lecionou latim, gramática histórica e astronomia. Nesta cidade, foi fulminado por um amor à primeira vista, ao conhecer a jovem Stela Tambellini, a quem, mais tarde, se ataria, para sempre, pelos laços do matrimônio.

Em 1938, partiu para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida e de garantir o seu futuro. Como ele mesmo nos diz: “era, na ocasião, um erudito pelos conhecimentos até então adquiridos e legalmente analfabeto perante as normas que regiam o Ensino, por falta de reconhecimento dos cursos feitos nos seminários”.

Na antiga Capital Federal, graças a ingentes esforços, logrou a aprovação em concurso público para o Itamaraty. Decidiu ser diplomata. Aqui estava definida a fulgurante carreira de Roberto Campos e a sua atuação que o faria mundialmente conhecido e admirado. Sua vida, como notável, já seria do conhecimento público. O “Patinho Feio” do Itamaraty criou asas, alçou vôo e atingiu as alturas onde planam as grandes “Águias” da diplomacia mundial!

(…) Poliglota e intelectual brilhante, conviveu com as mais expressivas personalidades da nossa era nos campos cultural, político e administrativo:

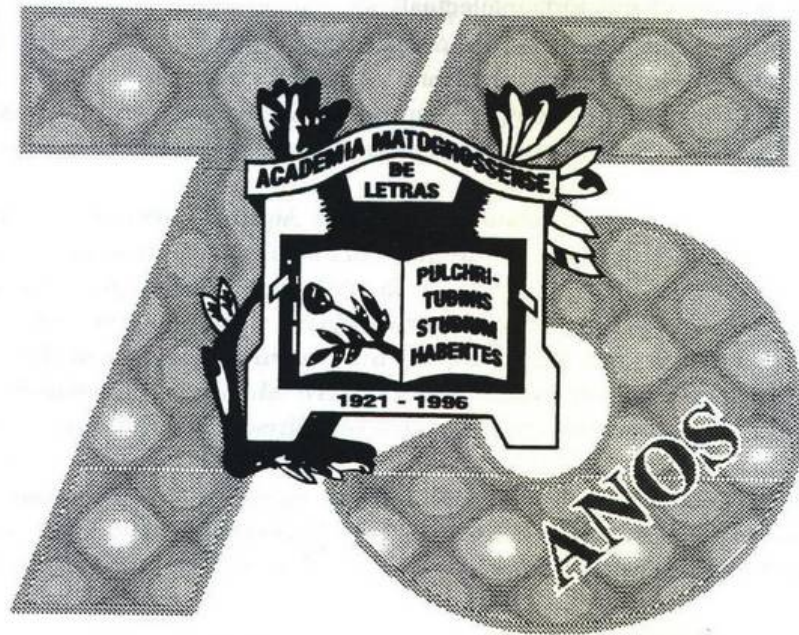
⁵ FIGUEIREDO, Alípio de - *Discurso oficial de recepção*. p. 143

- *Embaixador do Brasil nos Estados Unidos e na Inglaterra;*
- *Senador por Mato Grosso;*
- *Deputado Federal pelo Rio de Janeiro;*
- *Fez-se economista e teve a sua tese de final do curso aprovada, com louvor, pela Universidade George Washington - nos Estados Unidos;*
- *Participou da formação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, do qual, mais tarde, seria Presidente;*
- *Participou da estruturação do Programa Americano de ajuda externa, Aliança Para o Progresso;*
- *Foi Ministro de Planejamento no governo do grande e sério reformador Castelo Branco;*
- *Criou o Banco Nacional de Habitação;*
- *Batalhou para a criação do Banco Central e para a elaboração do Estatuto da Terra - direcionando a Reforma Agrária, além de ter tido atuação decisiva no programa Operação Amazônica;*
- *Viabilizou recursos externos para os Projetos CYBORG, Carga Pesada e Nova Fronteira.*

Sua produção intelectual é bastante vasta, considerando discursos, aulas, artigos, livros técnicos etc., sendo o último livro "A Lanterna na Popa"

Recentemente, Roberto de Oliveira Campos lançou uma outra obra intitulada "Antologia do Bom Senso", na qual o acadêmico, economista, embaixador e homem de reconhecida cultura, tece um balanço da sua trajetória intelectual.

JUBILEU DE DIAMANTE



| | |
|---|---|
| Patrono: Padre José da Silva Guimarães | Ocupantes: Manuel X. P. Barreto Maria de Arruda Müller |
|---|---|

Maria de Arruda Müller

A Cadeira Nº 07 desta Academia - antiga Cadeira 15 do Centro Matogrossense de Letras - tem por Patrono o Cônego JOSÉ DA SILVA GUIMARÃES, e como primeiro ocupante MANOEL XAVIER PAES BARRETO, seguido por ALCINDO DE CAMARGO. Com a mudança domiciliar de ambos para fora do Estado, em virtude de disposição regimental, passaram os mesmos para o quadro de sócios correspondentes, sendo eleita para ocupar a Cadeira, que perlustra presentemente, MARIA DE ARRUDA MÜLLER.

Cônego José da Silva Guimarães

O Cônego José da Silva Guimarães nasceu em Cuiabá nos primeiros anos do século passado, e faleceu no Rio de Janeiro, a 9 de novembro de 1844. Sacerdote e político, foi Vice-Presidente da Província por várias vezes, tendo assumido o Governo pela primeira vez, no ano de 1821. Atuou como agente pacificador no carregado ambiente político do Brasil, nos primórdios do século XIX - cheio das fermentações nativistas e do acirrado ódio do alienígena.

Dentre os serviços que o Cônego prestou à Província, destaca-se a criação de uma escola normal primária, a reorganização da tipografia provincial, ali fazendo publicar o **Cuiabano Oficial**, e o povoamento do Salto Augusto, no rio Tapajós. Foi também um investigador da história e cousas de Mato Grosso, deixando vários trabalhos manuscritos, infelizmente perdidos.

Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e recebeu, pelo seu dedicado trabalho, várias distinções honoríficas, citando como exemplo a de Cônego honorário da Capela Imperial.

A respeito de sua obra, Alcindo de Camargo, ocupante da Cadeira da qual o Cônego é Patrono, assim se referiu em tributo à sua memória:

“Culto e clarividente, todas as suas aspirações, preces de fé de um misto fervoroso da grandeza pátria, revelaram-se para melhoramento das condições públicas, concretizando os seus projetos sob um ponto de vista convincente, iluminados nas verdades morais e científicas que lhe exornavam a cerebração de um dos pontífices intelectuais do tempo.

As doutrinas que expõe, ou, pelo menos, os conceitos que esclarece, tem a concisão rija dos espíritos que se fizeram em cristais e agem sob a pressão de maturado estudo e indicadores de que, ele se encandilou nos melhores autores do século.

As idéias são luzes da vida; as do Cônego Guimarães, considerando-se o período histórico e a evolução espiritual, são como sóis veranicos que avançam as ante-manhãs enchendo a natureza de luz e azul: são avançadas, claras, liberais, que animam e fortalecem; de respeito à liberdade e à lei, ao povo e ao Império”. (RAML, Ano XIV, 1946, p. 30).

Segue o exemplo do espírito “culto e clarividente” do Patrono Cônego José da Silva Guimarães, a Acadêmica Maria de Arruda Müller, atual ocupante da Cadeira Nº 15, tendo-a assumido de longa data, em 26 de janeiro de 1931.

Maria Müller nasceu em Cuiabá, a 9 de dezembro de 1898, e teve uma vida dedicada as ações culturais, educacionais, filantrópicas e sociais de sua região. Concluiu seus estudos em 1915 pela Escola Normal "Pedro Celestino", e posteriormente passou a exercer o magistério em vários estabelecimentos de ensino da Capital matogrossense e do município de Poconé. Fundou o Abrigo dos Velhos e o Abrigo das Crianças em Cuiabá, e a Comissão Estadual da Legião Brasileira de Assistência em Mato Grosso. Foi também uma das fundadoras do Grêmio Literário "Júlia Lopes" e da Federação Matogrossense pelo Progresso Feminino; e membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Por sua atuação cultural, recebeu títulos de países estrangeiros, destacando-se em 1952 o diploma de "Miembro de Honor" pela Associazione Internazionale - Pro-Pace de Salerno, Itália, e em 1953 o diploma de "Miembro Corresponsiente" pelo Centro Filosófico "Arca Del Sur" da República Oriental Del Uruguai e "Diploma de Honor" do Conselho Superior de Cultura do "Instituto y Biblioteca Panamericana" da República Argentina.

A Acadêmica colaborou em vários jornais e revistas de Mato Grosso. Fez a sua estréia na imprensa em agosto de 1916, com o artigo literário "*Baía de Chacororé*", publicado em **O Povo**, e imprimiu intensa e variada produção na revista **A Violeta** - do Grêmio literário feminino matogrossense "Júlia Lopes"- assinando-a com os pseudônimos de Mary, Chloé, Vampira, Consuelo, Sara, Lucrecia, Ofélia e Vespertina, além do seu nome real. Foram crônicas, discursos, contos, narrativas ficcionais, composições poéticas e entretenimentos atinentes à vida social da época. Sua "*Crônica*" revela um conhecimento diversificado e um engajamento aos fatos contemporâneos, e sua produção literária se ocupou de temas românticos, escritos em uma linguagem fluente e sentimental.

Da poética desta autora transcrevemos "*Sonata ao luar*", para ilustrar o seu talento:

SONATA AO LUAR

Maria de Arruda Müller

Beethoven estremece!
Seus ouvidos já lesados, apercebem
Vagamente, entre os canteiros e os rosais
de Schoenbrunn,
Envolvidos na garoa luminosa
De uma noite invernosa,
- Nimbada de luar - ,
- Pisar suave que amortece!
Atritos dos saibros que o recebem!
Passos, de leôa entre os juncais
de Khartum,
Eles, de sua dona fazem alarde:
São de Julieta de Guicciardi,
A amada mística do artista.
- N'alma ardente do grande pianista,
Não arrefece,
O amor infortunado. Embora também
Um a um seus ideais,
Nenhum
Fenece! Qual lamentosos sons perdidos.
De adágios nunca ouvidos,
As ilusões em mésse,
Doiradas surgem ... Sobem

Do coração a soar ... desferem ais!

- Entre o debrum

Da seda roçagante, rumorosa,

Aproxima-se a insidiosa,

Furtivamente ... Devagar! ...

Num beijo que o enlouquece,

Envenena-lhe a vida ... Ressabem

A fel seus lábios. Mas, em acordes líriais,

Sob seus dedos se desata,

A divina sonata ...”

Em 1972, Maria de Arruda Müller editou *Família Arruda*, um esboço genealógico dos ascendentes e descendentes de João Pedro de Arruda, enlaçando troncos portugueses que deram origem ao povoamento de Cuiabá; e mais recentemente, em 1994, publicou em parceria com a escritora Dunga Rodrigues, a obra *Cuiabá ao longo de 100 anos*, uma seleção de crônicas sobre fatos históricos e sociais de Mato Grosso.

JUBILEU DE DIAMANTE



Cadeira nº 08

| | |
|--|---|
| Patrono: Luiz D'Alincourt | Ocupantes: Antônio Fernandes de Souza Luís Filipe Sabóia Ribeiro Antônio Lopes Lins Moisés Mendes Martins Júnior |
|--|---|

Moisés Mendes Martins Júnior

Luiz D'Alincourt

Dados pessoais :

Nome : Luiz D'Alincourt
Filiação: Pai ; Luiz D'Alincourt
Mãe ; Clara Rita Iphigênia D'Alincourt.
Data de nascimento : 17/02/1787.
Local de nascimento: Distrito de Lisboa- Vila de Oeiras- Portugal

Aos doze anos de idade, alistou-se como soldado na Brigada Real de Portugal, dia 16/07/1799.

Promovido a cabo de esquadra em 10/04/1801, por aviso da Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha, de 19 de agosto de 1803.

Foi transferido para regimento da corte de Lisboa , tendo sido, por ofício de 11/07/1809 do quartel general , reconhecido cadete adido ao regimento de artilharia do Rio de Janeiro .

Aos 22 anos de idade, foi despachado segundo tenente agregado ao regimento de artilharia do Rio de Janeiro, pelo decreto de 12/08/1809.

Naquele tempo era preciso ter sangue azul, provado com documentos, para subir ao primeiro posto da hierarquia militar. "diz-nos Antônio Fernandez de Souza - na sua obra - "Elogio de Luiz D'Alincourt".

Foi elevado a primeiro tenente por decreto de 13 de maio de 1810.

"Com a sua transferência para o regimento de artilharia do Rio de Janeiro, fez-se de vela o jovem oficial para o Brasil, trazendo a alma povoada dos sonhos doirados da mocidade. A viagem do famoso Tejo à Guanabara , através do oceano, tantas vezes sulcado pelas caravelas dos destemidos descobridores do grande continente Americano e mais tarde pelas Naus Espanholas e Holandesas, vinham à conquista de fortuna e de aventuras . Empreendera, o jovem Luiz D'Alincourt, naquele período difícil por que passou seu País, quando, afim de assegurar o trono português, ameaçado pelas tropas napoleônicas a mando do General Junot, ulteriormente Duque de Abrantes,. transmigrara-se o príncipe regente, depois D.João VI, com a família real para o Brasil, assentando aqui a séde da Monarquia Lusitana .

Navegando pelo vasto oceano, com suas ondas revoltas e suas calmarias, banhando as ilhas e as costas dos continentes , reavivou-lhe o Mar um dos sentimentos que ele representa para todos os homens civilizados- o da Pátria",

relata-nos Antônio Fernandez de Souza

A 19/02/1816, foi Luiz D'Alincourt, mandado em comissão à cidade da Bahia, regressando em janeiro do ano subseqüente .

Esteve também na província de Pernambuco em 18/04/1817, retornando em agosto do mesmo ano.

Cursou a Academia militar do Rio de Janeiro até o sexto ano, sendo aprovado plenamente, recebendo dois prêmios, deixando apenas de fazer o exame de mineralogia .

Foi promovido a capitão graduado de engenheiros por decreto de 06/02/1818, passando à efetividade desse posto por decreto de 31/03/1818.

Promovido a Major graduado por decreto de 04/06/1823, passou à efetividade desse posto por decreto de 12 de outubro de 1823.

Em virtude de sua efetividade no posto de capitão, veio pela primeira vez à província de Mato Grosso, em fins de ano de 1818, fazendo extensa travessia do porto de Santos à Cuiabá, em companhia do Governador Tenente General Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho, depois Barão de Vila Bela, que tomou posse do seu elevado cargo a 06/01/1819. Dá-nos ainda a informação da vinda de Luiz D'Alincourt, na comitiva de Magessi, o ilustre historiador Virgílio Corrêa Filho (História de Mato Grosso - página 460)

“Demais disso, julgava dispor do apoio da oficialidade que trouxe para comandar a futura legião: F. Merme, L. D'Alincourt, seu sobrinho G. Tude Magessi e outros”. “Assim é que em dezembro de 1820, Magessi expede ordem de pagamento a Merme, a L. d'Alincourt, relativo ao mês de julho ao Major Sebastião Barbosa, ao abril, para somente citar os mais graduados”.

Por essa ocasião, a Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá fora elevada à categoria de cidade por carta real de 17 de setembro de 1818, sendo que por alvará de D. João VI datado de 1820, passou a cidade de Cuiabá a ser capital da província, considerando a insalubridade existente na capital Vila Bela.

“O aurífero, sadio e alegre Cuiabá”, no expressivo dizer de Luiz D'Alincourt, fora considerado Édem. Luiz D'Alincourt permaneceu em Cuiabá na sua primeira viagem até o ano de 1823, participando ativamente da vida da cidade.

Com a deposição dos governadores, no ano de 1821, sendo governador da província de Mato Grosso Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho deposto a 20 de agosto de 1821, organizou-se uma junta governativa instalada no mesmo dia, composta de nove membros, da qual fora presidente D. Luiz de Castro Pereira, bispo de ptolomaida in partibus e prelado de Cuiabá, sendo Luiz D'Alincourt escolhido para o cargo de secretário da referida junta governativa.. O Ilustre Historiador matogrossense Virgílio Corrêa Filho na sua obra - História de Mato Grosso pg.. 463, dá-nos a informação que Luiz D'Alincourt, vibrava em anseios de liberdade da província

“O longo arrazoado, que trai a redação de L. d'Alincourt, vibra em anseios de liberdade, ao mesmo tempo que jurava obediência a D. Pedro”.

Mostra-nos ainda o eminente historiador matogrossense, a inteligência de L. d'Alincourt, enquanto articulador político - diz-nos (pag 469 da mesma obra acima citada “Assim Luiz D'Alincourt, que, dentre todos, melhores prova deixou da sua operosa inteligência, parecia aos demais colegas, sedicioso e irrequieto”.

Voltando à capital do País em março de 1823, foi o Major Luiz D'Alincourt, por portaria de 14 de agosto de 1823, mandado pela segunda vez a esta província com a incumbência de proceder a indagações e observações estatísticas desta parte do Brasil, serviço de grande valor para se conhecer a situação geral do País no momento em que a jovem nação brasileira, libertando-se do pesado jugo lusitano, entrava num período de grandes reformas, administrando-se por suas próprias leis (relata Antônio Fernandez) Luiz D'Alincourt, trabalhou incessantemente na província de Mato Grosso durante seis anos, recebendo elogios do imperador D. Pedro I.

“Perlustrou os sertões matogrossenses desde os campos de Camapuã até as ribanceiras do Guaporé, às lavras auríferas dos afluentes do Madeira, só deixando de visitar as grupiarias do Alto-Paraguai. A inundação periódica do caudaloso Paraguai, formando o lago denominado Xarays, pelos primeiros exploradores desta região Central, ou o Cáspio Americano, na adequada designação de Luiz D'Alincourt, o qual conta cem léguas de comprimento e quarenta de largura; os pantanais do baixo S. Lourenço; as encostas das serranias que se confundem na linha do horizonte”.

Regressando ao Rio de Janeiro, o major Luiz D'Alincourt, apresentou o resultado de suas pacientes indagações ao Ministro e Secretário de Estado dos negócios da Guerra, Conde do Rio Pardo, através de ofício de 26/03/1830.

Acha-se o seu importante manuscrito inserto nos anaes da Biblioteca Nacional sob o título - RESULTADO DOS TRABALHOS E INDAGAÇÕES ESTATÍSTICAS DA PROVÍNCIA DE MATO GROSSO- trabalho dividido em duas secções, tratando a primeira da estatística geográfica e natural e a segunda da estatística cívil e política .Neste interessante e minucioso trabalho, no qual descreve com particularidade os costumes dos habitantes, a situação geral da província as suas riquezas variadíssimas, salientando as belezas naturais do País , entre tantas, as enchentes do rio Paraguai. O entusiasmo e verdadeira admiração de Luiz D'Alincourt pelas riquezas naturais de Mato Grosso, traduzem-se nas suas palavras : "*Não posso deixar de lastimar o quão pouco nos havemos aproveitado dos avultados meios com que a natureza mimoseou o Brasil, para fazê-lo em tudo grande e independente em tudo*".

Luiz D'Alincourt, chamou atenção para a possível invasão das nossas fronteiras pelo Paraguai - "*Que a fronteira do Paraguai se conserve sempre em estado de impôr aos vizinhos*". Invasão que ocorreu nos fins do ano de 1864 pelas forças do terceiro e último presidente e ditador do Paraguai Francisco Solano Lopes .

Na segunda secção da sua obra, trata Luiz D'Alincourt dos fatos históricos do descobrimento, povoamento e colonização do território de Mato Grosso até o governo do último capitão-general.

Luiz D'Alincourt, publicou no ano de 1830, na tipografia Nacional e Imperial a obra intitulada : "*MEMÓRIA SOBRE A VIAGEM DO PORTO DE SANTOS À CUIABÁ - organizada e oferecida à sua magestade Imperial o Senhor D.Pedro I ..., por Luiz D'Alincourt, sargento mor de engenheiros.*"

Esteve ainda Luiz D'Alincourt, em comissão do governo no ano de 1831 na província do Espirito Santo.

Luiz D'Alincourt, faleceu no ano de 1841, aos 54 anos de idade.

DADOS BIBLIOGRÁFICOS DO PATRONO DA CADEIRA 08
LUIZ D'ALINCOURT

- DOCUMENTOS SOBRE O RIO DOCE (1832)
- OFÍCIOS DO ENGENHEIRO LUIZ D'ALINCOURT EM 10/11/1824, CONTENDO NOTÍCIAS INTERESSANTES SOBRE A PARTE MEREDIONAL DA PROVÍNCIA DE MATO GROSSO .
- RESUMO DAS EXPLORAÇÕES FEITAS PELO MAJOR LUIZ D'ALINCOURT DESDE O REGISTRO DE CAMAPUÃ ATÉ A CIDADE DE CUIABÁ.- RESUMO DAS OBSERVAÇÕES ESTATÍSTICAS FEITAS PELO ENGENHEIRO LUIZ D'ALINCOURT DESDE CUIABÁ ATÉ A VILA DO ALTO PARAGUAI (Diamantino)
- REFLEXÕES SOBRE O SISTEMA DE DEFESA QUE SE DEVE ADOTAR NA FRONTEIRA DO PARAGUAI, EM CONSEQÜÊNCIA DA REVOLTA DOS ÍNDIOS GUAICURUS OU CAVALEIROS feitas e oferecidas aos Ilmos Exmos Senhores Presidente e governador da província de Mato Grosso- 1826
- OFÍCIO SOBRE ESTATÍSTICA, DEFESA E ADMINISTRAÇÃO DA PROVÍNCIA DE MATO GROSSO - 1824 A 1826.
- MEMÓRIA SOBRE O RECONHECIMENTO DA FOZ E PARTE DO RIO DOCE ~~DUAS LÉGUAS E MEIA ACIMA DA FOZ RESPONDENDO AOS ARTIGOS~~ DAS INSTRUÇÕES DADAS SOBRE ESTE OBJETO E TAMBÉM A CERCA DA PARTE COSTA QUE CORRE DESDE A MENCIONADA FOZ ATÉ A DO RIACHO E SUBINDO POR ESTE À CONFLUÊNCIA DO RIO COMBOYS, TRATE MAIS, DO RECONHECIMENTO DELE E TERMINA NO RIO PARDO E LAGÔA PRETA, ORGANIZADA AS INSTRUÇÕES E ORDENS DO ILMO E EXMO SR MANOEL JOSÉ PIRES DA SILVA PONTES, PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DO ESPIRITO SANTO VILA-LINHARES EM AGOSTO DE 1832.

- CONTINUAÇÃO DA MEMÓRIA SOBRE O RECONHECIMENTO DO RIO DOCE E DOS MAIS OBJETOS NA FORMA DADAS PELO ILMO E EXMO SR MANOEL PIRES DA SILVA PONTES PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DO ESPIRITO SANTO- VITÓRIA EM JULHO DE 1834 .
Além desta copiosa bagagem científica do Ilustre engenheiro, menciona Sacramento Blake no seu dicionário Bibliográfico Vol. V, página 341, mais as seguintes obras escritas por Luiz D'Alincourt:
- MEMÓRIA SOBRE O MINÉRIO DE FERRO ACHADO JUNTO A VILA DA CACHOEIRA NA PROVÍNCIA DA BAHIA - POR GUILHERME CHRISTIANO FELDNER , ESCRITA EM PORTUGUÊS - INÉDITA-
(existe o original na Biblioteca Nacional)
- MEMÓRIA SOBRE O GRAFITO DESCOBERTO NA VILA DE SANTO AMARO, BAHIA DE TODOS OS SANTOS - POR GUILHERME CHRISTIANO FELDNER - escrita em 1816, por Luiz D'Alincourt
(existe o autógrafo no arquivo da Secretaria dos Negócios exteriores)..
- REFLEXÕES ACERCA DA PROVÍNCIA DE MATO GROSSO OFERECIDAS AO EXMO SR JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA (1823).

Tem se ainda conhecimento de haver o patrono da cadeira número 08 da Egrégia Academia Matogrossense de Letras levantado várias cartas geográficas entre as quais o mapa de reconhecimento praticado na fronteira do Casalvasco a Jaurú no ano de 1827 e planta da parte do Rio do Riacho, a contar da Barra da Valeta por onde se deve seguir para a concha com a linha da direção do paredão projetado, datada do Rio Doce em julho de 1833.

Plantas e levantamentos dos fortes Bourbom e Coimbra. Do merecimento destes trabalhos, diz a autoridade insuspeita de Augusto Leverger, Barão de Melgaço em sua "Breve memória relativa à corografia de Mato Grosso".

O Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira, dirigindo-se em ofício de 14 de maio de 1845, ao cônego Januário da Cunha Barbosa, assim se exprime, a respeito da sua "Memória sobre o reconhecimento do Rio Doce :

"Nenhuma dúvida pode haver nas informações que deste rio dá o Major Alincourt , porque além de ter sido um oficial muito inteligente e profissional nesta matérias, residiu ali alguns anos e tomou vivo interesse pela exploração daquele rio e seus afluentes e principalmente para determinar com exatidão a posição dos bancos da sua foz".

O eminente geógrafo e historiador Cândido Mendes, informa-nos através da obra de Antônio Fernandez de Souza (Elogio de Luiz D'Alincourt), a questão dos limites Mato Grosso Goiás, questão bi-secular, afirmando o seguinte:

"Em 1818, segundo a memória do porto de Santos à cidade de Cuiabá, escrita pelo Sargento-mor engenheiro Luiz D'Alincourt, publicada em 1830, a linha do Araguaia é reconhecida como divisa entre as duas províncias . Este engenheiro que não pouco se ocupou com a província de Mato Grosso, é uma autoridade que não se pode menos prezar".

O Dr João Severiano da Fonseca, na sua conceituada obra "VIAGEM AO REDOR DO BRASIL", falando de Ricardo Franco, Francisco Lacerda e outros notáveis engenheiros da comissão demarcadora de limites, faz a Luiz D'Alincourt referencias que por si só traduzem uma homenagem ao seu reconhecido mérito científico.

Assim se expressa ; *"Depois deles e na geração que passa Mato Grosso só registra dois nomes de varões prestimosos, que se prendem a tudo o que há de melhor, relativo aos seus estudos geográficos , e a quem deverá gratidão eterna Luiz D'Alincourt, major de engenheiros e o Sr Augusto Leverger, Barão de Melgaço e chefe de esquadra reformado, sábio e modestíssimo conhecedor do território matogrossense, ambos dignos herdeiros e emulos das glórias de Ricardo Franco e Lacerda".*

Antônio Fernandes de Souza

Dados pessoais

Nome: Antônio Fernandez de Souza

Filiação : Pai : Sabino de Souza

Mãe : Maria Inocência de Souza

Data de nascimento: 15/01/1879

Natural de Cuiabá, Estado do Mato Grosso.

Contador emérito, funcionário da fazenda Estadual, membro fundador do Instituto Histórico de Mato Grosso, jornalista colaborador assíduo da imprensa local, sobretudo o jornal "Estado de Mato Grosso" e a revista "O Arquivo" da qual fora fundador.

Dados bibliográficos:

Publicou as seguintes obras literárias :

- "A invasão paraguaia em Mato Grosso"

Fernandez de Souza, Antônio

- "Elogio de Luiz D'Alincourt"

A Obra de Antônio Fernandez de Souza "*Elogio de Luiz D'Alincourt*", representa uma das mais belas, e minuciosa página da história de Mato Grosso.

Fonte de preciosa pesquisa, onde o emérito imortal Antônio Fernandez de Souza , vasculha todas as incursões do patrono da cadeira número oito, em Mato Grosso, colonial.

A obra brinda-nos com preciosas informações, sem as quais a história de Mato Grosso seria mutilada, exaltando-se a sensibilidade do historiador na abordagem dos inúmeros trabalhos do engenheiro Luiz D'Alincourt .

Como historiador, munido das lentes do tempo, dando colorido especial a obra, mostra a grande importância do : homem; cientista ; político e Estatístico, Luiz D'Alincourt.

Acreditamos que sem esta obra jamais poderíamos aquilatar a importância da cartografia de Mato Grosso enquanto província e também não teríamos a possibilidade de vislumbrarmos o social da vila do Bom Jesus de Cuiabá, e desconheceríamos os relevantes serviços prestados por este filho de Portugal que soube amar Mato Grosso e o Brasil, perlustrando os seus sertões e emitindo conceituações de verdadeiro estadista .

Na exortação através do trabalho digno, reside a imortalidade daqueles que tem o privilégio de pertencer a este areópago do saber e da história.

Se a honra me causa alegria de ocupar a cadeira de um patrono como Luiz D'Alincourt, a responsabilidade pesa e nos cobra a dar continuidade na propagação dos feitos históricos deste eminente patrono, como também a de todos os imortais que ocuparam a cadeira número oito deste nobre sodalício.

Luís Sabóia Ribeiro

Dados pessoais :

Nome : Luis Sabóia Ribeiro

Data de nascimento : 23/10/1906

Natural de Fortaleza Estado do Ceará

Durante muitos anos exerceu a sua profissão de médico, nos longínquos garimpos do leste matogrossense , emprestando auxílio aos menos favorecidos como médico humanitário que era .

Exerceu ainda a Medicina em Cuiabá, sendo respeitado e admirado no seio da sociedade . Formado em medicina turma de 1934 Universidade do Rio de Janeiro. Após formado voltou para o interior do Brasil, entrando pelos sertões do leste matogrossense, passando a clinicar em Poxoréu, entregando-se as atividades profissionais de 1935 a 1943.

Nas funções de médico, transferiu-se, em 1944 para Corumbá, fazendo parte da comissão ferroviária Brasil Bolívia, na construção da ferrovia Corumbá - Santa Cruz de La Sierra , até o ano de 1951. Em 1953 foi nomeado Ministro do Tribunal de Contas de Mato Grosso, mudando-se para Cuiabá.

Faleceu no Rio de Janeiro, deixando viuva a Senhora Ana Sabóia Ribeiro e uma prole de seis filhos : Irani Sabóia Paes de Barros ; Dr Luis Felipe Sabóia Ribeiro ; Bernadete Sabóia Ribeiro ; e Marcos Meira Sabóia Ribeiro.

Escreveu a obra, "caçadores de diamante", livro de 270 páginas, lançado em 1959 e que se encontra na segunda edição.

O livro é um vasto repositório de pesquisa histórica dos garimpos matogrossenses , abordando o aspecto social, antropológico e político cultural dos bandeirantes do diamante .Esclarece, o livro fatos históricos, políticos, personalidades e aventuras com a de Fawcett, e outras realizações como a do sertanista Cândido Mariano da Silva Rondon. O livro fora editado pela Editora Melson. "*Caçadores de Diamantes*" é um livro de grande e real valor, pela fiel descrição com que Luis Sabóia traduziu as agruras dos trabalhos da cata diamantífera, e pela firmeza com que alerta sobre as riquezas deixadas à margem e os problemas do interior brasileiro

Antônio Lopes Lins

Nome : Antônio Lopes Lins

Data de nascimento: 08/06/1912

Faleceu em Campo Grande Mato Grosso do Sul em 05/09/1990

Natural do Ceará cidade de Sobral.

Primo do famoso escritor José Lins do Rêgo, exerceu com maestria o jornalismo e a publicidade , foi chefe do serviço de publicidade da Secretaria de Agricultura . Diplomou-se pelas faculdades do Comércio e de Ciências Econômicas e ainda diplomou-se em Odontologia.

Em 1970, elegeu-se deputado Estadual por Mato Grosso. Foi na tribuna da Egrégia Assembléia legislativa , a qual transformara em cátedra cívica , trabalhando intensamente em prol da comunidade.

Professor de geografia, história e Economia na Faculdade do Mato Grosso do sul .

Poeta, conferencista da escola Superior de Guerra.

Escritor brilhante, imortalizando-se com as obras literárias: Incesto; Caminhos de lama; O velho maquinista ; Janina; A canção do minuano; Eduardo Olímpio Machado; Crônicas dos tempos; Sinais de Ramaiana; Celestina; Histórias proibidas; Antescências. Deixou numerosa prole de oito filhos e viuva a Senhora Maria José Lins .

Antônio Lopes Lins era membro fundador da Academia Sul matogrossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul .

Moisés Mendes Martins Júnior

Dados pessoais

Nome : Moisés Mendes Martins Júnior

Filiação : Pai ; Moisés Mendes Martins

Mãe Noêmia Evangelista Martins

Data de nascimento : 06 /08/1941

Natural de Campo-Grande Mato Grosso do Sul

Casado com : Maria Capistrano Martins

Filhos : Eber Luis Capistrano Martins

Ellen Regina Capistrano Martins

Ely Esteves Capistrano Martins

Profissional da área de saúde, Cirurgião-dentista, formado pela Universidade Federal de Goiás - Goiânia Estado de Goiás

Atividades exercidas :

Primeiro presidente do Conselho Regional de Odontologia

Secretário Municipal de Cultura (Cuiabá)

Diretor Científico da Associação Brasileira de Odontologia - Mato Grosso

Secretário da Associação Brasileira de Odontologia secção Mato Grosso

Professor da Escola Normal Pedro Celestino

Professor do Colégio Evangélico de Buriti (Chapada dos Guimarães)

Presidente da Fundação Educacional de Buriti (Chapada dos Guimarães)

Ministrou aulas a convite na UFMT - área de sanitarismo

Implantou em Cuiabá o primeiro curso de Técnico de Higiene Dental

Especializou-se em Ortopedia Maxilar na Argentina Buenos-Aires

Vereador por Cuiabá (sendo o único no Brasil a não aceitar o chamado Mandato Biônico)

Foi Candidato a Senador

Membro da Academia Matogrossense Maçonica de Letras

Efetuiu várias conferências : Igreja Presbiteriana ; Maçonaria; e partidos políticos.

Homenageado com o Diploma do Decênio - Conselho Federal de Odontologia

Homenageado com placa de prata Mérito Legislativo - Câmara Municipal de Cuiabá

Homenageado com placa de prata serviços legislativos - Câmara Municipal de Cubatão São Paulo

Patrono da Turma de Assistente Social - UFMT.

Patrono da primeira turma de THD (Técnicos de Higiene Dental - Cuiabá)

Produção intelectual

Fez publicar as seguintes obras:

- 1 "Fragmentos" (1980) (ensaios poéticos)
- 2 "À sombra da Acácia" (1994) (ensaios poéticos)
- 3 "A força da fala no dizer cuiabano" (1985) (prosa)
reeditado em 1995.

À serem publicados :

- 1 "Dimensões" (1994) (ensaios poéticos)
- 2 "Poemas na Frase" (1995) (ensaios poéticos)
- 3 "O deus do homem não é o Deus que é" (iniciado em 1980)
(por terminar) (ensaio de teologia)
- 4 "Santuário Pantanal" (1980) (romance)
- 5 "Pássaros" (1995) (ensaios poéticos)
- 6 "A imprensa como tribuna" (1989) (Crônicas)
- 7 "Tempo e o Vento" (1995) (ensaios poéticos)
- 8 "Corpo /Alma/ " (1995) (ensaios poéticos)
- 9 "Sonhos / poemas / Fantasias" (1995) (ensaios poéticos)

Produções artísticas/Culturais :

Elaborou em parceria com o Músico, e compositor Benedito Donizete de Moraes (Pescuma) o projeto intitulado "Sentimento cuiabano"

Projeto "Sentimento cuiabano":

- a) Vídeo - "Ruas de Cuiabá" (1995)
- b) Vídeo - "Festas de Santo em Cuiabá" (1996)
- c) Fita k 7 (músicas Sentimento cuiabano) (1994)
- d) CD (músicas Sentimento cuiabano) (1996)

Síntese das obras bibliográficas :

"Fragmentos":

Ensaio poético, onde o autor promove através da ação poética, incursões literárias em várias situações do ser humano, existindo forte presença da religiosidade.

Obra lançada na Igreja Presbiteriana no ano de 1982.

O autor contesta a forma como a religião é trabalhada na Igreja Presbiteriana .

No livro de oitenta páginas, o autor demonstra seu desconforto, frente as injustiças sociais, entrando por isto no processo político partidário.

O livro fragmentos, prefaciado pelo poeta Newton Alfredo, onde devido a escassez financeira fora trabalhado e impresso sem melhores cuidados de uma obra literária, tornou-se válido devido o conteúdo nele existente, e pelas idéias que denunciam o ideal do autor.

Dimensionando o amor :

*Vou cantar o amor, simples perfeito
Niemaier empresta-me tuas formas ,
Burle Marx tuas flores,
pintassilgo as plumagens do teu peito
Cícero tua erudição, Da Vincci tuas cores.*

*Vou cantar o amor, complexo puro
anjo Gabriel empresta-me tua leveza
Pontes de Miranda tua alma de jurista
Mestre Pixinguinha, tira uma nota
da tua flauta com pureza,
socorrei-me, dai-me vossa inspiração artista !*

*Vou cantar o amor difícil, o amor ao próximo
Marta, Maria, empresta-me o gênio do bom Lázaro,
Samaritano, empresta-me a teu despreendimento,
rasga as alças das tuas vestes, não sejas ávaro
abra os embornais do teu unguento.*

*Vou cantar o amor humano, sacana, viril
Sargentelli empresta-me tua mulata ,
Roberto e Vinícius teus poemas e canções
Sansão empresta-me a tua força que dilata
para rebentar e dilacerar os corações*

*Vou cantar o amor absoluto, divino
colibrí empresta-me o néctar da rosa, roubado
Mar empresta-me tua grandeza e profundidade
Maria empresta-me tua pureza teu anjo alado
Cristo ajuda-me com teus sofrimentos e tua divindade !*

Tentativa de prosa, onde o autor busca resgatar o falar cuiabano, hoje descaracterizado devido a forte influência migratória.

Aborda o autor os costumes e modus vivendi da década de 50 em Cuiabá, ainda sofria o ostracismo dos grandes centros da Pátria.

Com a mudança da capital do País para Brasília, os reflexos do chamado progresso se fizeram sentir em Cuiabá, ainda capital de todo Mato Grosso.

O autor tenta regatar as figuras populares, consideradas antológicas .

Dá um passeio pela velha Cuiabá da época das “trancas e tramelas”, onde a mendicância, a exacerbada violência, praticamente inexistia.

Época, onde apenas os jornais e uma rádio eram os meios de comunicação .

O autor, revive as retretas do velho coreto no Jardim Alencastro ao som das Bandas do 16º BC sob a batuta do Maestro Albertino e a Banda do Mestre Inácio. Cuiabá das procissões do Senhor Divino, das Festas de S. João ; S. Benedito ; S. Gonçalo. Das procissões, onde pãezinhos eram oferecidos a comunidade .Cuiabá do Sayonara, Clube Feminino, Grêmio Antônio João, Clube Dom Bosco, Clube Náutico. Cuiabá do arco da Ponte Júlio Müller, nos mergulhos da pedra 21. Cuiabá dos picniquês no legendário Coxipó de águas claras, onde as piraputangas bailavam, no fundo espargindo suas escamas de arco-íris Cuiabá do Morro “vermeio”, cordilheira cuiabana.

Livro lançado em 1985, prefaciado pelo Magnífico Reitor da UFMT, .
Dr Benedito Pedro Dorileo, e publicado capa a capa pelo Diário de Cuiabá.

“À sombra da Acácia”:

Livro de 74 páginas , ensaios de poesia, em homenagem a Ordem Maçônica .

O autor em ação poética, promove reflexões sobre os mistérios maçônicos .Trabalha o conteúdo dentro da linguagem maçônica, tomando cuidado para que os mistérios maçônicos sejam devidamente preservados.

É uma obra dirigida diretamente à maçonaria, onde há exaltação da Instituição como também dos cargos maçônicos, durante os trabalhos da loja.

O autor exalta a presença do Supremo arquiteto do Universo, força maior nos trabalhos maçônicos

LIVROS À SEREM PUBLICADOS :

“Dimensões” (1994) (ensaios poéticos) (120 páginas)

O autor procura fazer juz ao nome do livro, buscando penetrar nas várias dimensões da vida.

O autor mostra várias nuance das dimensões em várias situações , de acordo com sua ótica .

O autor, como a maioria dos chamados poetas, não escreve para, mas sim com possíveis sensibilidades que, poderão ou não encontrarem-se com o mesmo. Ninguém é poeta porque quer, visto que, o poeta faz poesia: quando fala ; quando ouve ; quando sente ; quando vê e ante- vê ; no dia-a-dia, quando olha com olhar refletido da alma como as lagoas límpidas projetadas no Pantanal.

DIMENSÕES

Estou partindo para outra dimensão misteriosa,
deixando atrás muita coisa à fazer,
mas esperando que melhor você faça , se és laboriosa,
aquilo que aqui me fez fenecer.

Adentrando a caminhada prossigo sozinho,
entretanto, estarei lá tentando soerguer ,
a preparação do acasalamento de um novo ninho,
para, no aconchego do novo lar, com amor te receber.

Tenho certeza, não conseguirei ainda a tarefa terminar,
pois novas dimensões, estão a me surgir,
o retorno nas várias formas da vida a pulular,
nas perspectivas, qual teias se projetam no porvir.

Os dentes da engrenagem sempre ocupam ,
os espaços que já estiveram a ocupar,
nesta roda viva da vida ,
lhe digo não chores minha partida
é inadmissível, a morte com tantos
estágios na vida a escalar
talvez nos encontremos ,
neste percurso da sua chegada e minha saída.

Vida, morte, num círculo contidas,
figuras geométricas, perfeitas, sem fim
contendo o Universo no bojo, e as vidas,
no bojo contendo o Universo, o tudo enfim.

Onde está , o centro, o limite a periferia,
qual seu tamanho, onde começa , onde termina ?
Terminas no começo do ontem que iniciaria,
ou começa no término do hoje que se finda ?.

SÍNTESE :

Não há necessidade de
muitas palavras,
para se escrever
um lindo poema sobre o amor !

Basta exercitá-lo,
no segundo vivido,
pois o próximo,
já será passado !.

DEUS DOS INJUSTOS :

Se o Deus de:
Caim; Judas; e Barrabás,
é o mesmo nosso.
Posso emprestá-lo
com aposentadoria
compulsória !.

“Poemas na Frase”: (1995) (ensaios poéticos) (85 páginas)

O autor tenta condensar, possíveis poemas numa só frase.

Busca retratar situações do Pantanal e da região onde vive, sendo portanto uma obra telúrica.
Tenta algar palavras, descascando-as como mangas rosas, deixando escorrer o gostoso caldo adocicado, acompanhado do aroma sazonado dos frutos maduros.

Na ação metafórica, busca descobrir poemas embaixo de um Til ou sob um acento circunflexo, amparando-se nas crases que mudam o mérito das formas semânticas . Ao escrever coloca a sua alma dentro do Pantanal e como ação de mentevismo sente o cheiro do tarumã, ouve trinados do Aram-quam, aprende o equilíbrio do Beija-flor, ouve o murmurar dos corichos, o chicote do pantaneiro, duetando com os berrantes nas cavalgadas das águas levantando poeira. O poema há que incorporar a alma como nódoa de caju num tecido de linho branco !.

“O chicote pantaneiro no ar,
é um beliscão no vento”

“Chuva no pantanal,
é plantio de águas”

“O maior bicho
do pantanal,
é bípede carnívoro,
e fala !”

“O tiro entre os olhos
da pintada,
é o buraco negro,
do pantanal !.”

“Com o aspecto paradisíaco
que possuí,
será que ainda precisa
de Deus ?”

“Depredar o pantanal,
em última instância é,
incendiar todas bibliotecas,
matar todos os poetas e músicos,
quebrar todos instrumentos musicais .
Destruir, Deus !”

“O Deus do homem, não é o Deus que é !” (ensaios teológicos)
(previsto para 300 páginas)
(em fase de encerramento)

Obra que vem sendo trabalhada desde 1980. Trata-se de uma obra frente ao inconformismo do autor da maneira como Deus é apresentado ao Homem, através da Bíblia sagrada.

O autor promove viagem pela filosofia, antropomorfismo, antropologia, didática teológica. Perquirir seus próprios conhecimentos bíblicos durante sua permanência na Igreja Presbiteriana de Cuiabá. Procurou conhecer: Buda; Islamismo; as várias tendências do Evangelismo; o espiritismo; o ubandismo; e os mistérios maçônicos.

Não pretende o autor promover proselitismo, apenas registra reflexões no que tange a ação religiosa, tendo como base a relação Homem X Deus.

O autor vislumbra a existência de vidas em outros planetas . Discute a alma como essência da vida e o verdadeiro Cristo, na sua ótica.

Não aceita a forma purista e puritana como as religiões trabalham a figura de Cristo.

“Santuário Pantanal” (1981) (Romance previsto para 230 páginas)

O autor promove ação descritiva sobre o pantanal matogrossense.

Aborda a sua fauna, flora e acidentes geográficos . Coloca-se na posição de criador , quando o Édem fora formado entre o Tigre e o Eufrates .

O autor descrê a beleza do pantanal, inicialmente em prosa poética, para depois incluir situações românticas onde os personagens vivem um encontro com extraterrestres.

O livro foi prefaciado pelo escritor Guilherme Ricardo Dick, sendo motivo de um artigo elogioso do próprio prefaciador.

O autor busca através de escrita simples, levar o leitor a sonhar e encontrar-se dentro do pantanal, nos quadros pintados via literatura.

Chama atenção ao perigo da depredação do ambiente , chama ainda atenção com severas críticas, sobre a construção de barragens no pantanal, alterando o curso de suas águas, colocando em risco o eco-sistema.

“Pássaros” (1995) (ensaios poéticos) (85 páginas)

O autor fez publicar alguns tópicos de alguns poemas no Diário da Cultura do Estado de Mato Grosso.

A obra enquanto ensaio poético, busca descrever os pássaros nos Vôos, nas plumagens, no romper dos ventos acariciando suas penas e ainda os seus maviosos cantos .

Pássaros :

“Ofendido de morte
por um balaço cruel,
o pássaro agonizante,
agarrou-se a um fio de luz
olhando para seu vilão,
imitando Jesus,
cantou-lhe uma bela
e última canção”

“A pedrada do menino
cegou, o pobre pássaro
que conseguiu voando,
no cantar chorar.

Hoje homem,
não conseguiu apagar,
das lembranças da vida
nem desapareceu do ouvido
aquele lindo e dolorido
cantar”

“No Vôo rasante
de peito e asas abertas
plumando docilmente
o pássaro, massageia
o vento”

“Não tendo como se beijarem
nem por isto, deixaram de se amarem
dois pássaros apaixonados.
Olharam-se, na carícia do olhar
cantaram canções de amor, ao trinar.
Dão as mãos batendo as asas
e vão construir um ninho !”

“Os pássaros
apesar de voarem
em revoadas
com muitas passaradas
vivem na solidão”

“Não seria o poeta , um pássaro ?
Voa nas asas das penas,
dos sonhos toma cores
no colorido das fantasias
faz da poesia um canto.
É solitário com uma multidão
de palavras !”

“Imprensa como tribuna” (1983) (Crônicas - livro de 100 páginas)

O autor através de crônicas publicadas em vários jornais da cidade, promove uma coletânea de crônicas , enfocando várias situações atinentes a cidade. Através das crônicas o autor busca transformar os jornais em verdadeiras tribunas , criticando, alertando, aplaudindo e descrevendo as coisas do dia-a-dia de uma cidade com grande crescimento migratório, mas também com grandes problemas , que vão desde o saneamento básico , a coleta de lixo, como também o próprio bem estar do cidadão no exercício da sua cidadania .

O autor descreve o papel dos bairros , verdadeiros retalhos de uma cidade .Mormente Cuiabá onde a grande maioria dos bairros são bairros de ocupação, sem planejamentos, decorrendo disto estrangulamento viário e de toda política urbanística.

“Tempo e vento” (1995) (ensaios poéticos) (70 páginas)

O autor utilizando a ação poética, faz digressões sobre o tempo e o vento. Trabalha com metáforas no tema tempo contrapondo o vento, e vice versa.

Tenta o autor na sua obra, levar o leitor a reflexões sobre o tema Tempo e o Vento.

TEMPO E O VENTO

“Este senhor vento
soprou entre os dentes da primavera
brisas refrescantes,
apacando o calor
da senhora Terra,
no seu tempo de menopausa”

“Envelheci
na juventude do tempo,
onde minha vida
passou como vento,
rápido deixando rastros
de vento no tempo

“Nos olhos do tempo
mensagens ficaram gravadas.
Algumas graniticamente,
outras nas páginas do vento”.

“Corpo e alma” (1995) (ensaios de poesia moderna) (80 páginas)

O autor poeticamente , estabelece relação entre o corpo e a alma .

Esotericamente busca compreender esta dicotomia tão misteriosa e tão atraente para todos os humanos.

“Corpo e alma”

“Apodreceu minha alma
faminta de fantasias
sedenta de sonhos
esturricada de ilusões .
Inerte ficou
na estrada do tempo
virou poeira levada pelo vento.
Mas exala cheiro de poesia”.

“Não deixe sua alma envelhecer
com o corpo !

Alimente-a
com poesias e fantasias
e mesmo ilusões .
Afinal o que é
a vida !”

“Sonhos /poemas/fantasias” (1995) (ensaios poéticos) (100 páginas)

O autor através de versos livres procura harmonizar esses três componentes da vida “sonhos/poemas/ fantasias”, até por entender que a felicidade está na harmonia deste três componentes que nos ajudam a atravessar este Saara da vida, como verdadeiro Oásis a nos refrigerar .

“Sonhos/poemas/fantasias”

“Meus sonhos andaram
nos fios de ilusões
nos trapézios
do circo de fantasias .

Deu o salto tríplice
na realidade
e voou
para fora de mim!”

“Levei meus sonhos
ao psiquiatra .
Conversou, conversou,
deitado no divã das fantasias .
Ele resolveu aprender,
e viver as loucuras dos meus sonhos !”

PRODUÇÃO ARTÍSTICO CULTURAL

- 1 Projeto “Sentimento cuiabano”, projeto em parceria com o músico cantor e compositor Bendito Donizete de Moraes (Pescuma). (1994)
- 2 Vídeo Ruas de Cuiabá
- 3 Vídeo Festas de santo em Cuiabá
- 4 Fita K7 (produção musical) “Sentimento cuiabano”
- 5 CD (produção musical) “Sentimento cuiabano”
- 6 Participou da produção musical intitulada “Vozes de Mato Grosso”, realizada pelo grupo Gazeta de comunicação (1995)
- 7 Participou da produção musical intitulada “Rasqueados matogrossenses” realizada pela Secretaria Estadual de Cultura (1996)

| | |
|--|--|
| Patrono: D. José Antônio dos Reis | Ocupantes: Rubens de Mendonça Octayde Jorge da Silva Leopoldino Marques do Amaral |
|--|--|

Leopoldino Marques do Amaral

D. José Antônio dos Reis

Não se escreveram tantas obras, artigos, crônicas sobre o imortal Dom José Antonio dos Reis, o grande paulistano, primeiro bispo de Cuiabá, onde pontificou de 1832 a 1876, ou seja, por quase 44 anos. Nascido “Dos Reis” porque veio ao mundo no dia 10 de janeiro de 1798, quatro dias, portanto, após a celebração do dia dedicado aos Reis Magos. Mulato, órfão de pai e mãe, pobre, teve infância e adolescência vividas nos limites dos sacrifícios que somente os homens de têmpera suportam. Sem roupa, sem comida, sem uma cama para dormir. Vivia de esmolas até que o Bispo diocesano de São Paulo, Dom Mateus de Abreu Pereira, encantado com os seus dotes intelectuais, demonstrados no curso de Filosofia que o jovem Reis passara a freqüentar sob o magistério do incomparável Frei Francisco de Montalverne, ao que parece com a idade de 15 anos, resolveu protegê-lo, nomeando-o altareiro da Sé, isto é, sacristão incumbido da arrumação, organização e limpeza dos altares da Catedral. Passando a viver num mundo místico e religioso, viu-se atraído pelo sacerdócio. Assim, após o curso de Filosofia cursou Teologia e foi ordenado padre, segundo Dom Aquino Corrêa, aos 23 anos de idade, em 1821. Exerceu o sacerdócio em Minas Gerais, sustentando-se dos minguados recursos ganhos no magistério. Mas o Padre Reis tinha ainda em Dom Mateus, Bispo diocesano de São Paulo, um protetor, que dele se lembrou em 1825, quando foi instado a indicar alguém para ser o primeiro bibliotecário da primeira Biblioteca Pública fundada em São Paulo, hoje, a Biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo. Em evidência pelo cargo de bibliotecário não demorou para ir ocupando espaço. Foi capelão do Convento de Santa Teresa, Juiz de Paz da Sé, foi Deputado e Presidente da Assembléia da Província de São Paulo. Demitiu-se do cargo de bibliotecário, indignado com o Imperador que, pelo fato de estarem desaparecidos alguns livros da Biblioteca, que se apurou depois nem terem pertencido ao acervo da mesma, pois pertencentes à Biblioteca dos Padres Franciscanos, determinara a abertura de uma sindicância. É fácil perceber, cotejando esse fato com um anterior ocorrido no Convento de Santa Teresa, o dedo da Marquesa de Santos, amante do Imperador. A verdade, todavia, como sempre, triunfou, e o Imperador viu-se compelido a não só recusar o pedido de demissão como a atestar publicamente quão ilibado, honesto, zeloso e dedicado era o Padre Reis. Cumprindo acordo existente entre a Igreja e o Estado, cinco anos após esses fatos, sua Majestade o Imperador, apresenta à Igreja como candidato ao Episcopado, o Padre José Antonio dos Reis. É interessante abrir-se um parêntese, para situação histórica dos passos da vida do Padre José Antonio dos Reis. Em 1822 tivemos a proclamação da nossa Independência. No dia 3 de maio de 1823, instalou-se a primeira Assembléia Nacional Constituinte, sob a presidência do Bispo Capelão - Mor, Dom José Caetano da Silva Coutinho, do Rio de Janeiro. Essa Constituinte foi dissolvida por Dom Pedro I, apesar de ser uma Assembléia composta por 100 membros, dos quais 45 eram formados em Direito, sendo 22 desembargadores, sete formado em cânones, três em medicina, 18 padres, um bispo, três marechais, dois brigadeiros e dois militares menos graduados, como escreveu Aurelino Leal em sua obra “História Constitucional do Brasil”. Não era, sem dúvida, uma Assembléia composta de gente medíocre, demagoga e revolucionária. Assim, a dissolução da Constituinte criou imensa consternação. O golpe militar de D. Pedro I teve repercussão em toda a Nação, o que o obrigou a tomar providências imediatas no sentido de constitucionalizar formalmente o país, o mais rápido

possível, criando um Conselho de Estado composto de nove membros, que foi incumbido de elaborar um projeto de Constituição. Em menos de 30 dias, o trabalho foi realizado. Essa Constituição foi outorgada no dia 25 de março de 1824, na catedral do Rio de Janeiro.

Esses fatos realçam também quão ligados eram o Estado e a Igreja, ligação política e cultural. Tanto assim que não foi por coincidência que os dois primeiros cursos jurídicos do país instalaram-se em conventos, em São Paulo e em Olinda “como símbolo da superposição das duas culturas, a religiosa e a profissional que lhe sucede, substituindo o espírito eclesiástico pelo espírito jurídico”. Foi sentindo essa substituição de culturas que o inteligente Padre José Antonio dos Reis deu-se ao estudo das Ciências Jurídicas, na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, a partir de sua fundação em 1827, formando-se em outubro de 1832, quando já estava confirmado pelo Papa Gregório XVI, desde junho daquele ano como Bispo da Diocese de Cuiabá. Dom José Antonio dos Reis foi o primeiro paulistano e paulista eleito Bispo e foi o primeiro aluno da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco a galgar o episcopado. Foi, em suma, o primeiro advogado brasileiro a ser nomeado Bispo. A sagração deu-se no dia 08 do mês de dezembro de 1832 pelas mãos do Bispo diocesano de São Paulo, Dom Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade. Importantíssima essa data. No dia 08 de dezembro comemora-se Nossa Senhora da Imaculada Conceição, daí a denominação dada ao Seminário que construiu em Cuiabá, Seminário da Imaculada Conceição, na colina do Bom Despacho, onde existia uma humilde capela.

Dom José Antonio dos Reis chega à Diocese de Cuiabá no dia 27 de novembro de 1833, após percorrer, através de Minas e Goiás, desde São Paulo, mais de dois mil quilômetros, em lombo de burro. Em 1834 recrudescer em Cuiabá o ódio aos portugueses, odiosidade crescente desde 1822, passando pela dissolução da Constituinte em 1823 e pela outorga da Constituição em 1824. Esse movimento em Cuiabá chamou-se “Rusga” ou “Matança dos Bicudos” e eclodiu no dia 30 de maio de 1834, Dom José tentou apaziguar os ânimos e diante da omissão do Poder Público, empunhando a santa cruz, num gesto, mais de cem anos depois imitado pelo Papa Pio XII, este salvando Roma do bombardeio alemão, na segunda guerra mundial, saiu às ruas para pedir calma, reflexão cristã aos exaltados.

Em Cuiabá, Dom José permaneceu apenas 10 meses e 18 dias, porque no dia 16 de outubro de 1834, retorna a São Paulo, a fim de tomar posse como Deputado, por São Paulo, nas Cortes Gerais, onde fica por quase oito anos, até o final de 1841 e retornou, em seguida, a Cuiabá, aqui chegando no dia 20 de janeiro de 1842 e nunca mais voltou a sua terra natal ou ao Rio de Janeiro, até a sua morte.

Na catedral de Cuiabá, no ano de 1845, sagrou dois bispos paraguaios, o Bispo Diocesano de Assunção e o seu auxiliar.

Aqui passou o resto de sua vida, lutando pela construção do Seminário da Imaculada Conceição, até o dia 11 de novembro de 1876, quando faleceu.

A vida de Dom José Antonio dos Reis é fascinante. Nascido na pobreza extrema, foi, no entanto, um vencedor na carreira eclesiástica e na carreira mundana da política. Pela vida que levou é admirável a sua inabalável vocação para o sacerdócio.

Rubens de Mendonça

~~O primeiro acadêmico a ocupar a Cadeira nº 9 foi o historiador e literato Rubens de Mendonça. De personalidade marcante, deixou-nos Rubens valiosa contribuição fruto de sua excelente formação acadêmica, acrescida, sobremaneira, pelos ensinamentos preciosos legados por seu pai, Estêvão de Mendonça, figura de projeção no mundo intelectual mato-grossense.~~

Falar sobre Rubens de Mendonça se torna uma tarefa difícil, considerando que ele mesmo elaborou sua autobiografia, peça que, apesar da grande dose de modéstia, antepõe-se a qualquer tentativa que se queira empreender nesse sentido. Dessa forma, como uma homenagem à memória de Rubens de Mendonça, transcrevemos as suas impressões auto-avaliativas:

“AUTOBIOGRAFIA

Pitigrilli no seu livro: “MAMÍFEROS DE LUXO”, escrevendo a sua autobiografia disse: “Escrever a nossa autobiografia é mostrar ao público a nossa roupa de baixo. Fá-lo-ei, embora pense que este ato nunca é sincero, porque, para a ocasião, vestimos sempre roupa limpa”.

O nosso pensamento está de pleno acordo com o escritor italiano, assim passo a narrar.

Meus pais foram: ESTÊVÃO DE MENDONÇA e D. ETELVINA CALDAS DE MENDONÇA. Nasci às 20 horas do dia 27 de julho de 1915. Dia de São Pantaleão.

Nasci de 7 meses, embora houvesse nascido empelicado, era uma criança doentia. Tive catapora, sarampo.

Com sete anos de idade fui matriculado no Grupo Escolar Barão de Melgaço. Minha primeira professora foi Tereza Lobo de Queiróz, grande educadora. Depois fui para a Escola de minha madrinha D. Amélia Muniz, com ela aprendi as primeiras letras.

Sempre fui um mau aluno.

Aquilo que o Dr. Corsíndio Monteiro da Silva, escreveu em “Bilhetes do Rio”, quando publiquei o meu livro “Antologia Bororo”, é bem verdade: “Sua vocação a meu ver, devia ser a historiografia. (E já pertence ao Instituto Histórico de Mato Grosso?). Seus conhecimentos de poesia brasileira e de alguns poetas peregrinos sedimentados, desde os verdes anos (em que ainda mocinho - surgia ele de longe em longe, no colégio com um livro de poesia na mão e um revólver na cintura), sedimentados, dizíamos, por uma vontade extraordinária de ser boêmio, romântico (pleonasma?), de ser sozinho, de ser poeta - deram-lhe certa visão literária, que hoje define a sua personalidade”.

Papai não lia poesia, não gostava. Fazer história aprendi com ele, mas fazer versos aprendi com os meus amigos. Desembargadores Otávio Cunha, José de Mesquita e Palmiro Pimenta. Eles toleravam os meus primeiros versos, os corrigiam e me animavam a continuar.

Eu havia publicado 5 livros quando entrei para a Academia Matogrossense de Letras: “Aspectos da Literatura Matogrossense”, 1938; “Garimpo do Meu Sonho”, 1939; “Álvares de Azevedo, o Romântico Satanista”, 1941; “Poetas Borôros” (antologia de poetas matogrossenses), 1942 e “Cascahos de Ilusão”, 1944.

Em 1945, 17 de março, em sessão solene tomei posse da Cadeira nº 7, que tem como patrono Dom José Antônio dos Reis, 1º Bispo de Cuiabá. Eu fui candidato de Dom Aquino, José de Mesquita e Palmiro Pimenta, não fui eleito por unanimidade, como foram os demais candidatos, por papai não votar em mim. Ele votou em branco.

Na minha posse na Academia, o Desembargador José de Mesquita abrindo a sessão, na qualidade de seu Presidente, proferiu as seguintes palavras: “É bem, portanto, Rubens de Mendonça, nas múltiplas facetas de sua formosa inteligência, em pleno desabrochar - poeta, ensaísta, jornalista e historiógrafo - um grupo opimo, que já surgiu, cresceu e amadureceu, haurindo a seiva e o vigor no húmus fecundo dessa cultura criada e desenvolvida à sombra destes paredões augustos da “Casa Barão de Melgaço”. E como me sinto bem ao evocar a circunstância duplamente expressiva para mim de ter tido em Estêvão um guia experimento e amigo, ao dar os primeiros passos na carreira que abracei, e mais tarde, haver sido para Rubens, o sincero e dedicado orientador nos seus primeiros ensaios no terreno das letras e da poesia!”

Mesquita sempre foi meu amigo e por isso que, quando publiquei o meu livro “No Escafrando da Vida”, ofereci-lhe o modesto trabalho com a seguinte dedicatória: “A José de Mesquita, Mestre e Amigo, a quem muito devo o pouco que sou”.

Eu me sentia no dever de retribuir essa confiança que depositavam em mim, Dom Aquino, José de Mesquita, Otávio Cunha e Palmiro Pimenta, e creio que não desmereci.

Publiquei ao todo 38 livros.

Casei-me no dia 27 de julho de 1954, na Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, com Ivone Badre de Mendonça. Eu tinha 39 anos de idade. Desse enlace tivemos uma filha, Adélia Maria Badre de Mendonça, bacharela em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso,

que contraiu matrimônio com o economista Miguel Luiz de Deus, também formado pela Universidade Federal de Mato Grosso”.

Rubens de Mendonça deixou de elencar grande parte de sua carreira, recuperada, em 1982, pelo seu amigo pessoal, o brilhante poeta Vladimir Dias Pino:

“Exerceu os cargos de Escrivário da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional e da Delegacia Regional do Imposto de Renda; foi Avaliador Judicial da Comarca de Cuiabá; Secretário da Faculdade de Direito de Mato Grosso; Jornalista Profissional registrado sob o nº 21, a 13 de maio de 1947 e como Jornalista do Serviço Público Federal registrado sob o nº 01, a 27 de julho de 1970; Professor da disciplina de Português, Certificado nº 3.773 do Ministério da Educação e Saúde, Diretoria de Ensino Industrial, em 10 de março de 1950; Redator da 2ª Divisão da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia, sendo chefe por 4 vezes da mesma divisão, e com a extinção da SPVEA, foi nomeado o primeiro chefe do Escritório Regional da SUDAM em Mato Grosso, designado por Portaria de 26 de julho de 1970 da Superintendência Regional da Receita Federal - 1ª Região Fiscal; nomeado por decreto nº 619 de 6 de julho de 1972, do Governo do estado de Mato Grosso, Presidente da Comissão Diretora da Festa Matogrossense do Livro. Recebeu os seguintes diplomas: Revista Oásis de Goiânia, 1967 - Escritor do Ano; Troféu Borôro de Ouro, 1955 - Intelectual do Ano; Troféu Borôro, 1969 - Escritor do Ano; Troféu Borôro de Ouro - 1970 - Intelectual do Ano; Diploma do Mérito Rondon da Revista Oásis, Goiânia - 1969; Diploma de Destaque do Sesquicentenário da Independência - 1972; Consagração de Funcionário Público do Ano - 1972; Certificado do Curso de Informação e Comunicação Jornalística, da UFMT; Certificado do Curso de Museologia da Divisão de Museus da Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo; Supervisor de Estágio de Bolsas de Complementação Educacional, da Delegacia da Receita Federal em Cuiabá; Secretário Perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso; Secretário Perpétuo da Academia Matogrossense de Letras”.

Rubens de Mendonça legou-nos uma vasta produção intelectual, tanto na área da História como da Literatura e Política. Dentre suas publicações destacamos:

| | |
|---|---|
| - “Garimpo do meu sonho” 1939 | - “Antologia Bororo” 1946 |
| - “Os Mendonças em Mato Grosso 1946” | - “Gabriel Getúlio Monteiro de Mendonça” 1949 |
| “História do Jornalismo em Mato Grosso” 1963 | - “Roteiro sentimental da Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá” 1954 |
| “Dicionário Biográfico Mato- grossense 1971 | - Mato Grosso e a valorização econômica da Amazônia 1955 |
| - “Ruas de Cuiabá” 1963 | - “Sagas e credices de minha terra natal” 1961 |
| - “Bilac - o poeta da Pátria” 1965 | - “O Tigre de Cuiabá” 1966 |
| - “Estórias que o povo conta” 1967 | - “História da literatura matogrossense” 1970 |
| - “História do comércio de Mato Grosso” 1973 | - “Bibliografia matogrossense” 1975 |
| - “O humorismo na política de Mato Grosso” 1976 | - “Evolução do ensino em Mato Grosso” 1977 |
| - “Sátiras na política de Mato Grosso” 1978 | - “Igrejas e sobrados de Cuiabá” 1978 |
| - “História de Mato Grosso” 1982 | - “Nos bastidores da história matogrossense” 1983 |

Octayde Jorge da Silva

Nascido em Cuiabá aos 03 de fevereiro de 1926, Octayde Jorge da Silva era filho de Octávio Cassiano da Silva e de Alayde Jorge da Silva.

Seus estudos iniciaram em Cuiabá junto à Escola Modelo “Barão de Melgaço”, onde cursou o primário (1933-36), sendo que o secundário junto ao antigo Liceu Cuiabano (1937-41). Cursou ele, ainda, o extinto Curso Médio, junto à Escola Preparatória de Porto Alegre (1943/45). Sua formação superior, teve o direcionamento militar, quando, em 1948, diplomou-se junto à Academia Militar de Agulhas Negras. Bem mais tarde, em 1973, cursou a ADESG. Casou-se em Cuiabá com Lília Cuiabano Lino da Silva.

Sua carreira militar foi iniciada junto à Escola Regimental do 18º RI - Porto Alegre, onde foi Diretor. Mais tarde, ocupou, interinamente, o Comando e o Subcomando do 16º Batalhão de Caçadores em Cuiabá, assim como o 2º Batalhão de Fonteyras em Cáceres - MT.

Sua carreira foi concluída junto ao setor educacional, tendo ela se iniciado, como Chefe do Departamento de Ensino da Escola Técnica Federal de Mato Grosso. Nesse período, lecionou matérias como Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Matemática, Química, História, Geografia, OSPB e EPB. Mais tarde, chegou a ocupar o cargo de Vice-Diretor da citada instituição federal de ensino, tendo ainda dirigido a Instituição por vários anos.

Durante sua intensa vida profissional, Octayde Jorge da Silva proferiu diversas conferências junto à UFMT, em torno da temática “Estudos de Problemas Brasileiros”, junto aos clubes Lions e Rotary e igualmente na Guarnição Militar de Cuiabá e na LDN.

Foi, em reconhecimento ao seu trabalho, que foi ele agraciado com as comendas:

- **Medalha e Diploma de Sesquicentenário da Independência do Brasil - 1972 - oferecida pela Universidade Federal de Mato Grosso;**
- **Medalha “Nilo Peçanha” - 1982 - conferida pelo MEC;**
- **Medalha de 20 anos de bons serviços prestados ao Exército;**
- **Medalha e Diploma da Ordem do Mérito de Mato Grosso, grau Comendador - 1983;**
- **Teve seu nome escolhido para encabeçar a turma de Licenciados em Ciências Físicas e Biológicas da UFMT - 1980 e 1981;**
- **Diploma de sócio fundador da LDN;**

Foi escolhido Secretário de Educação e Cultura do Estado de Mato Grosso, tendo declinado do honroso convite.

Filiou-se a inúmeras instituições, tendo sido Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Matogrossense de Letras; Membro do Conselho Estadual de Educação (de 1978 a 1986); Membro do Conselho Fiscal do CENEC; Membro da LDN (tendo sido seu fundador); Representante da Escola Técnica Federal de Mato Grosso junto à SEC/MT junto ao PRODASEC.

Deixou, Octayde Jorge da Silva, publicados muitos trabalhos de valor histórico e educacional editados junto aos periódicos: “Revista Educação”, “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso”; “Apostilas da Escola Técnica Federal; em Jornais de Cuiabá, e no “Suplemento Literário do jornal “O Estado de Mato Grosso”. Deixou escrita e publicada uma obra que serviu de norte nos estudos históricos de Mato Grosso junto à Escola Técnica Federal e à rede pública de ensino:

- **“Um estudo de História de Mato Grosso”, editado pela SEC/MT e recomendado às escolas de 1º e 2º graus da rede pública. Mereceu ela duas edições: 1979 e 1983.**

Dados Pessoais

Leopoldino Marques do Amaral

Nascimento: 01/11/1943 em Poconé - MT

Filiação: Augusto Marques do Amaral

Domitila Maria Modesto do Amaral

Formação Escolar

Curso Superior: Filosofia Pura

Letras

Direito.

Especialização: Direito Administrativo (PUC/SP)

**Direito do Trabalho aplicado ao Magistério
(PREPES - PUC/MG).**

Exercício do Magistério - de 1960/1979 e 1985/1990 e 1994/1996

- Escola Agrícola São Vicente (primário) - Campo Grande / MS.
- Colégio Dom Bosco (secundário) - Campo Grande / MS.
- Ginásio Pe. Carletti (secundário) - Alto Araguaia / MT.
- Colégio Estadual de Mato Grosso (secundário) - Cuiabá / MT.
- Colégio Pré-Universitário (secundário) - Cuiabá / MT.
- Fundação Universidade Federal de Mato Grosso (universitário) - Cuiabá / MT.
- Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (universitário).
- Curso Objetivo (pré-vestibular) - Campo Grande / MS.
- Curso Galeno (pré-vestibular) - Campo Grande / MS.
- Escola Superior da Magistratura - Cuiabá / MT.
- Escola Superior do Ministério Público.

Cargos que Exerceu

- Professor Titular de Filosofia do Direito da Faculdade de Direito de Campo Grande / MS.
- Diretor Regional do SESC e SENAC do Estado de Mato Grosso.
- Gerente Geral da Empresa Rápido Noroeste (transporte coletivo).
- Subprocurador da Prefeitura de Cuiabá.
- Assessor Jurídico da Câmara Municipal de Cuiabá.
- Coordenador da Faculdade de Direito de Campo Grande MS.
- Suplente de Vereador de Cuiabá.
- Advogado da Ordem dos Músicos do Brasil - seção - MT.
- Advogado do Sindicato dos Garçons de Cuiabá / MT.

Obras realizadas antes do ingresso na Magistratura

- Construção do SESC de Campo Grande / MS.
- Construção do SENAC de Cuiabá, obra concluída pelo Dr. Simão Aureliano de Barros Filho.
- Criação e estruturação do Curso Prés (pré-vestibular e supletivo) do qual foi dono e diretor durante 10 (dez) anos.
- Fundador do Restaurante estudantil "Maria Aparecida Pedrossian - REMAP, em Cuiabá / MT.

Realizações após o ingresso na Magistratura

- Reforma do Forum de Barra do Bugres / MT.
- Instalação da 2ª Vara de Diamantino, em apenas treze dias, tendo tomado todas as providências para angariação de recursos junto ao governo do Estado e Prefeitura para a reforma e compra do imobiliário.

- Construção de duas residências dos Juízes de Diamantino, angariando recursos junto ao Governo e Prefeituras da Comarca. As residências são de alto padrão.
- Construção da residência do Juiz de Arenópolis, angariando recursos e mobiliando a residência.
- Reinício da construção do Forum de Porto dos Gaúchos, acertando com a Codemat nova estrutura para o prédio.
- Instalação do Juizado de Pequenas Causas de Diamantino (1985), primeiro Juizado de Pequenas Causas instalado no Brasil, fora da região Sul.
- Instalação do Juizado de Pequenas Causas de Cuiabá, quatro postos CPA, Santa Isabel, Planalto e Coxipó, sendo Coordenador do Juizado (1986).
- Realização do 1º Encontro dos Serventuários da Justiça do Foro Extrajudicial de Mato Grosso, em Diamantino (1985).
- Idealização e organização do 1º Encontro de Treinamento dos Escrivães, Escreventes, Distribuidores, Contadores e Partidores de Mato Grosso, em Cuiabá / MT (1987).
- Difusão da Racionalização dos Serviços Judiciários nos Estados do Amazonas, Acre, Rondônia e Território de Roraima, expondo o assunto aos senhores Desembargadores e Juízes (1985).
- Implantação dos impressos racionalizadores no Estado de Mato Grosso (1986).
- Instalação da 1ª Vara Distrital de Cuiabá (1990).

Cargos que exerceu como Magistrado

- Juiz de Direito de Barra do Bugres.
- Juiz de Direito de Rosário-Oeste.
- Juiz de Direito de Diamantino.
- Juiz de Direito de Arenópolis.
- Juiz de Direito de Nortelândia.
- Juiz de Direito de Porto dos Gaúchos.
- Coordenador da Escola Superior da Magistratura.
- Coordenador do Juizado Especial de Pequenas Causas de Cuiabá / MT.
- Diretor do Departamento de Acesso ao Judiciário - AMB.

Cargo que exerce como Magistrado

- Juiz de Direito da 10ª Vara Cível de Cuiabá, desde 1985.

Cargo Honorífico

- Presidente de Honra da Associação dos Servidores da Justiça do Estado de Mato Grosso

Conferências Pronunciadas:

- 1º Congresso dos Magistrados do Nordeste, Garanhuns/PE
Tema: "A Justiça do 3º Milênio".
- 2º Congresso dos Magistrados do Nordeste, João Pessoa/PB
Tema: "Racionalização e Simplificação dos Serviços Judiciários.
- 3º Congresso dos Magistrados do Nordeste, São Luís/MA
Tema: "Democratização dos Serviços Judiciários"
- 1º Congresso dos Magistrados Catarinenses, Concórdia/SC
Tema: "Justiça do 3º Milênio - Ideologia e Competência para a Reestruturação do Poder".
- 1º Simpósio Nacional sobre Informatização dos Serviços Judiciários, Belo Horizonte/MG
Tema: "O Juiz e a Informática".
- 1º Encontro dos Juízes Micreiros do Paraná, Guaratuba/PR

- Tema: “Sentenças e Despachos de Emissão Automática”.
- Simpósio Nacional - “A Justiça tem Solução?”, Curitiba/PR
 - Tema: “Poder Judiciário - críticas em busca de solução”.
 - Encontro da ADESG de Cascavel/PR
 - Tema: “O Poder Judiciário visto por um Juiz”.
 - Encontro da ADESG de Toledo/PR
 - Tema: “O que há de errado no Judiciário”.
 - Simpósio sobre a Violência Urbana, OAB/MT
 - Tema: “Como o Juiz vê a Violência Urbana”.
 - 1º Encontro dos Oficiais da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso, Cuiabá/MT
 - Tema: “O Juizado de Pequenas Causas”.
 - 3º Encontro dos Oficiais da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso, Cuiabá/MT
 - Tema: “O Estatuto da Criança e do Adolescente”.
 - Semana Jurídica da OAB/MT, Cuiabá/MT
 - Tema: “A Racionalização e a Simplificação dos Serviços Judiciários”.
 - Semana Jurídica da OAB/MT, Cuiabá/MT
 - Tema: A Reforma do Código de Processo Civil - Tributo a Diocles Gelatti”.
 - Semana Jurídica da OAB/MT, Cuiabá/MT
 - Tema: A Nova Lei do Concubinato”.

Cargo que Exerceu como Jurista

Vice-Presidente da Comissão da Reforma do Código de Processo Civil, do Ministério da Justiça - Brasília/DF.

Trabalhos Publicados

- Artigos dominicais nos Jornais “O Estado de Mato Grosso” e “Diário de Cuiabá”, desde 1986.
- A Justiça do Terceiro Milênio, Revista Ajuris, nº 50.
- A Justiça do Terceiro Milênio - Ideologia e Competência para Reestruturação do Poder, Revista de Processo Civil, nº 67.
- Ser Juiz, Revista Trimestral de Jurisprudência dos Estados, vol. 65.
- A Reforma do Código de Processo Civil - Tributo a Diocles Gelatti, Revista Trimestral de Jurisprudência dos Estados, vol. 148.

Poesias Publicadas

- Ao jornal “A Tribuna Liberal”- Requienat in pace, O Beija-flor.
- Na Revista “Mato Grosso em Revista” - Aves de arribação
- Justiça para o povo - poema.

Livros no Prelo

- Aguarda publicação na Editora Universitária (UFMT) - Poder Judiciário - Críticas e Novas Perspectivas.
- Aguarda publicação na Editora Lider - Anacrônicas
- Aguarda publicação na J. D. Editora - Justiça, mostra a tua cara.

Livros Publicados

- Ser Juiz.
- Racionalização dos Serviços Judiciários, em co-autoria.

| | |
|--|---|
| Patrono: Prudêncio Giraldes Tavares da Veiga Cabral | Ocupantes: Palmiro Pimenta Corsíndio Monteiro da Silva |
|--|---|

Corsíndio Monteiro da Silva

A Cadeira nº 10, da Academia Matogrossense de Letras, tem a predestinação de ser ocupada por juristas ou profissionais do Direito.

Meu ilustre antecessor foi um magistrado, um Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso, o Dr. Palmiro Pimenta, o que, em termos da Academia Matogrossense, não representa novidade maior que mereça destaque, pois que a nossa Academia teve por largo tempo como seu Presidente um magistrado, o Desembargador José de Mesquita, que soube aliciar seus ilustres colegas para participarem dela, como aglutinadora da inteligência e das figuras mais representativas do grande Estado do Oeste brasileiro.

Acodem-me à lembrança alguns desses profissionais do Direito que ilustraram a nossa Academia e lhe deram o necessário e indispensável alento: Alírio de Figueiredo, Jaime Ferreira de Vasconcelos, Rosário Congro, Estêvão de Mendonça, Oscarino Ramos, Lamartine Mendes, Otávio Cunha, Amarílio Novis, Ernesto Pereira Borges, Carlos de Castro Brasil, Leônidas Antero de Matos, Gabriel Vandoni de Barros, Domingos Sávio Brandão, João Moreira de Barros, Gervásio Leite e mais alguns outros que ainda ilustram com o brilho de sua inteligência a nossa Casa da Cultura de que destacamos, nos dias de hoje, o Dr. Lenine de Campos Póvoas, os Desembargadores João Antônio Neto e Antônio de Arruda.

Prudêncio Giraldes Tavares da Veiga Cabral

O patrono da Cadeira nº 10 é o Professor Prudêncio Giraldes Tavares da Veiga Cabral, um dos pioneiros do Direito Administrativo em nosso País, cujo livro intitulado *Direito Administrativo Brasileiro* foi editado no Rio de Janeiro, em 1859.

O Dr. Veiga Cabral era cuiabano, nascido a 22 de abril de 1800, mas, cedo, emigrou para Salvador para fazer o curso preparatório, após o qual demandou a Portugal onde se bacharelou em Direito pela Universidade de Coimbra.

De regresso ao Brasil, exerceu alguns cargos importantes, tais como Juiz de Fora da Vila do Rio Grande, Ouvidor da Província do Maranhão e, finalmente, Professor Catedrático de Direito Civil da Faculdade de Direito de São Paulo, função esta que desempenhou durante 34 anos.

Conta-se que certa ocasião murmurava-se que o Professor Veiga Cabral não preparava convenientemente as aulas que ministrava, mostrando-se um tanto quanto displicente. Atento às coisas do ensino, Dom Pedro II, de passagem por São Paulo, apareceu de surpresa à Faculdade de Direito e, como costumava fazer, dirigiu-se à sala onde o Professor Veiga Cabral ia começar sua aula. Sentou-se, o Imperador, numa carteira escolar ao fundo da sala, fazendo um sinal ao Professor que desse início à aula... Pois o Professor Veiga Cabral, para surpresa geral, talvez mais dos alunos e dos circunstantes que do próprio Imperador, ministrou uma Aula Magna digna desse nome sobre Direito Civil e fez digressões oportunas e seguras sobre o Direito Administrativo que era disciplina recentemente incluída no currículo acadêmico no Brasil.

Ao terminar a aula, o Professor, com mesuras de Cavalheiro, saudou o Imperador que a ele se dirigiu e o cumprimentou calorosamente!

Méritos tinha, sem dúvida, o nosso conterrâneo, pois que, além dos cargos que exerceu, foi o autor de um livro de *Direito Administrativo Brasileiro*, o segundo que se editou em nosso País, quando, como dissemos, a disciplina de que era Professor Catedrático era Direito Civil. Em

reconhecimento a tais méritos, foi, por Dom Pedro II, elevado a Conselheiro do Estado e agraciado com a Ordem de Cristo no grau de Comendador.

Com muita justiça foi ele reconhecido pelo seus coestaduanos, quando foi escolhido como Patrono da Cadeira nº 10 da Academia Matogrossense de Letras, que ora tenho a fortuna de ocupar.

Palmiro Pimenta

Nasceu em Cuiabá a 7 de outubro de 1891, filho de João Augusto Pimenta e de Dona Francisca Edwiges Pimenta. Bacharelou-se em Ciências e Letras pelo Liceu Salesiano São Gonçalo, em 1910, e em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

De regresso à terra natal, exerceu alguns cargos de relevo entre os quais o de Delegado de Polícia da Capital do Estado e Promotor de Justiça da Comarca de Cuiabá. Havendo, a seguir, ingressado na Magistratura do Estado, foi Juiz de Direito da Comarca de Coxim, da de Rosário Oeste, da de Poconé e, finalmente, promovido a Juiz de Direito da Comarca de Cuiabá. Pelos seus méritos, foi alçado a Desembargador do Tribunal de Apelação do Estado de Mato Grosso, havendo sido mais tarde designado Presidente do Tribunal Regional Eleitoral, onde prestou relevantes serviços à Justiça do Estado. Fundou e dirigiu os *Anais Forenses*, havendo sido, igualmente, um dos fundadores da Faculdade de Direito de Cuiabá e depois seu Diretor, na sua primeira fase.

Colaborou na Imprensa local, havendo prestado seu tributo à poesia pamasiana. Foi um dos fundadores do Centro Matogrossense de Letras, em 1921, com Dom Francisco de Aquino Corrêa, José de Mesquita, Estêvão de Mendonça e outras "figuras notáveis" da época, e depois participou ativamente da fundação da Academia Matogrossense de Letras, havendo sido o primeiro titular da Cadeira nº 10, cujo patrono é o ilustre cuiabano, Professor Prudêncio Giralde Tavares da Veiga Cabral.

Por muito tempo, foi Vice-Presidente da Academia Matogrossense de Letras e era sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, que ele ajudou a fundar.

O primeiro titular da Cadeira nº 10, assim, foi meu eminente antecessor, o Desembargador Palmiro Pimenta, um dos beneméritos fundadores, em 1921, do Centro Matogrossense de Letras de onde se originou a atual Academia.

Por largo tempo, o Desembargador Palmiro Pimenta fez parte da Diretoria do Centro, e depois da Academia, havendo sido elevado a Vice-Presidente na sessão de 15 de agosto de 1931, cargo em que permaneceu, com pequeno intervalo, até o fim dos seus dias, sempre muito benquisto e respeitado. O Desembargador Palmiro era um homem fino e educadíssimo, qualidades que marcaram tudo quanto pôde produzir em meio aos muitos encargos da sua judicatura em que ele sempre se distinguiu pelo saber, pelo equilíbrio e pelo apurado sentimento de justiça.

Corsíndio Monteiro da Silva

- Natural de Cuiabá, Capital do Estado de Mato Grosso.
- Nasceu a 24 de abril de 1918.
- Bacharel em Ciências e Letras pelo Liceu Cuiabano (1940).
- Pré-Jurídico no Colégio Universitário, da antiga Universidade do Brasil.
- Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Nacional de Direito, da mesma Universidade (Rio de Janeiro - 1948).
- Inscrito originariamente na Ordem dos Advogados do Brasil (Seção do Rio de Janeiro).
- Advogado militante no Foro do Rio de Janeiro.
- Ex-Magistrado (MT 1951/52).

- Em 22 de fevereiro de 1954, ingressou no Departamento Administrativo do Serviço Público - DASP/PR, como Assistente de Administração, posteriormente classificado como Técnico de Administração, e, a seguir, readaptado no cargo de Assistente Jurídico.
- Ex-Procurador Geral da Comissão Federal de Abastecimento e Preços - COFAP.
- Antigo Membro da Comissão de Acumulação de Cargos, do Departamento Administrativo do Serviço Público.
- Foi transferido para Brasília, em 1961, onde fixou residência.
- Integrante do Serviço Jurídico da União (desde 1963).
- Professor de Legislação de Pessoal, no primeiro Curso de Auditores do Sistema de Pessoal Civil da Administração Federal, do Departamento Administrativo do Serviço Público, realizado em Brasília em 1972.
- Proferiu palestras sobre assuntos jurídicos, concernentes à Administração Pública Federal, nas Universidades Federais do Pará, de Mato Grosso, do Ceará, de Pernambuco, do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.
- Aposentado em abril de 1994, foi contratado, a seguir, como Advogado da Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes.
- Ex-Consultor Jurídico da Secretaria de Planejamento da Presidência da República - SEPLAN/PR (1981).
- Consultor Jurídico do Estado-Maior das Forças Armadas - EMFA/PR (desde abril de 1982).
- É, atualmente (agosto de 1996), Decano dos Consultores Jurídicos da Administração Pública Federal.
- Membro efetivo da Ordem dos Advogados do Brasil (Seção do Distrito Federal. Inscrição nº 4.717); do Instituto dos Advogados Brasileiros (RJ); do Instituto dos Advogados do Distrito Federal; da Academia Matogrossense de Letras; do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso; da Academia de Letras de Brasília e da Associação Nacional de Escritores.
- Agraciado, em 1987, pelo Exército Brasileiro, com a Medalha do Pacificador; em 1992, pela Associação dos Ex-Combatentes do Brasil (Seção do Rio de Janeiro), com a Medalha da Vitória, e, em 1994, pela Marinha do Brasil, com a Medalha Mérito Tamandaré.
- Portador, ainda, das seguintes Condecorações: da Ordem do Mérito Judiciário Militar (Grau de Distinção); da Ordem do Mérito Cultural Bernardo Sayão (Grau de Grande Oficial); da Ordem do Mérito Forças Armadas (Grau de Comendador); da Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho (Grau de Comendador); da Ordem do Mérito Naval (Grau de Comendador); da Ordem do Mérito Aeronáutico (Grau de Oficial); da Ordem do Mérito Mato Grosso (Grau de Oficial) e da Ordem do Mérito Legislativo (Câmara Municipal de Cuiabá).

Breve relação de alguns de seus trabalhos:

- "Joaquim Ribeiro e a Folk-lore of Americas". - 1943.
- "Dois temperamentos e um confronto". - 1947.
- "Alguns aspectos da vida e da obra de José de Mesquita". - 1954.
- Caminhemos (Poemas) - MEC - Rio de Janeiro. 1958 (Prefácio de Agrippino Grieco e pós-fácio do Prof. Joaquim Ribeiro.)
- "Aspectos do Abandono de Cargo". - DASP - 1958.
- "O Juiz em Face do Atual Regime de Acumulação de Cargos". - DASP - 1958.
- "A Côngrua no Regime de Proibição de Acumular". - DASP - 1960.
- "Os Militares no Regime de Proibição de Acumular". - DASP - 1962.
- "O Instituto da Readaptação preconizado pela Lei nº 3.780, de 12 de julho de 1960". DASP/PR - 1962.
- Acumulação de Cargos - 3ª edição - 1965.
- Da Acumulação de Cargos (histórico e regime vigente) - URGs - 1964.

- Readaptação de Funcionários - 2ª edição - BORSOI-Rio -1964.
- Da Acumulação de Cargos - II (Pareceres na C.A.C.) - UFGO - 1973.
- “O Regime de Acumulação na Constituição do Brasil de 1967” - 1967.
- “Os Redatores no Regime de Proibição de Acumular”. - DASP/PR - 1969.
- O Regime de Acumulação e de Incompatibilidade no Serviço Público Federal - (Palestra na Faculdade de Direito de Cuiabá.) - UFGO - 1970.
- “Primeiros Documentos Referentes ao Acúmulo de Cargos Públicos”. - MEC - 1971.
- Dicionário de Acumulação de Cargos. - DASP/PR - 1971.
- “Legislação de Pessoal: Três Momentos”- DASP/PR - 1972.
- Cultura Matogrossense (Evocação Sentimental.) Palestra na Academia Matogrossense de Letras - Brasília - 1972.
- Diálogos com um Aprendiz de Funcionário. - DASP/PR - 1972.
- “Afastamento para o Exterior”. - DASP/PR - 1974.
- Os Fatos e o Direito. - 3ª edição - Gráfica do Senado - 1981.
- Universo Verbal de Ruy - Edição oficial do Senado Federal - 1977.
- Réquiem para um Amigo Morto. - Brasília - 1983.
- O Escolhido. - Brasília - 1984.
- Epístola a Dom Aquino Corrêa. - Brasília - 1985.
- Natal. - Brasília - 1985.
- Tocado pela Graça. - (Discurso por ocasião das comemorações do Centenário de Dom Aquino Corrêa realizadas em Brasília.) - Brasília - 1985.
- Universo Verbal de Dom Aquino - Gráfica do Senado - 1985.
- Instrumento da Providência Divina: Dr. Sílvio Curvo. - Brasília - 1985.
- O Arcebispo e as Flores. - Brasília - 1986.
- O Regime de Acumulação na Constituição de 1988. - Brasília - 1989.
- O Regime de Acumulação na Constituição de 1988 e as Idéias de Ruy. - Brasília - 1989.
- Das Razões de se Acumularem Cargos Públicos. - Palestra no Instituto dos Advogados do Distrito Federal - 1989.
- O Direito Adquirido à Acumulação de Cargos Públicos com Emprego em Fundação. - Brasília - 1990.
- “Menestréis da Beleza, da Liberdade, do Direito e da Justiça”. (Revista da Academia de Letras de Brasília.) - Brasília - 1990.
- Os Hermeneutas da Intransigência Desacumuladora. - Brasília - 1993.
- A Morte do Conscrito. - Brasília - (3ª edição) - 1994.
- Temas Jurídicos na Área Militar. - EMFA/PR - (2ª edição) - 1996.
- Responsável pela Edição Especial das Obras de Dom Francisco de Aquino Corrêa, por ocasião do Centenário de Nascimento daquele 2º Arcebispo Metropolitano de Cuiabá e ex-Presidente do Estado de Mato Grosso. (3 volumes em 8 tomos.) - 1985.
- Responsável pela Edição da obra Dom Aquino Corrêa - Vida e Obra (Preparo do texto, revisão geral e supervisão), do Pe. Pedro Cometti. (1994.) (540 páginas.)
- Preparo do texto da Poética de José de Mesquita, a ser editorada sob os auspícios da Academia Matogrossense de Letras. (1995.)
- Tem em preparo Universo Verbal de Euclides

| | |
|-------------------------------------|---|
| Patrono: Barão de Melgaço | Ocupantes: Estêvão de Mendonça Antônio de Arruda |
|-------------------------------------|---|

Antônio de Arruda

Ingressando na Academia Matogrossense de Letras, em 1951, coube-me o privilégio de ocupar a Cadeira nº 11, de que foi fundador o Barão de Melgaço e primeiro ocupante o historiador Estêvão de Mendonça.

Já tive a oportunidade de focalizar a vida e a obra desses dois vultos dos mais representativos da história e da vida cultural de Mato Grosso. No discurso de posse, publicado, em 1953, na Revista da Academia, fiz o elogio de ambos, reproduzido, em 1976, no opúsculo “*Vultos Eminentíssimos de Mato Grosso*”.¹ Também, a respeito do Barão de Melgaço, publiquei longo artigo na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (vol. de 1980) e sobre Estêvão de Mendonça um outro, na mesma Revista (vol. de 1984).

Assim, neste ensejo, creio ser suficiente uma súmula desses trabalhos, que ficam devidamente à disposição de possíveis interessados, como fontes de consulta.

Barão de Melgaço

Augusto João Manuel Leverger, o futuro Barão de Melgaço, nasceu em 30 de janeiro de 1802, em Saint Malo, na Bretanha, terra de navegadores, como Duguay-Trouin, nosso conhecido, e de Cartier, o descobridor do Canadá. Seu pai, Mathurin Leverger, foi também homem do mar, e isso naturalmente concorreu para que o jovem seguisse a mesma carreira. Assim, em 1819, atravessou o Atlântico, acompanhando o pai, rumo à América do Sul. Em caminho, Leverger enfrentou o batismo das águas, pois seu navio naufragou, na embocadura do Prata.

Salvos ambos do naufrágio, Leverger ficou em Montevidéu, enquanto Mathurin prosseguiu até Buenos Aires. Em Montevidéu, Leverger procurou emprego na escuna francesa “*Angélique*”, sendo aceito como 2º comandante, contrariando o pai, que tentou dissuadi-lo da carreira marítima. Passou então a velejar pelos mares do Sul e, em 1822, no início da luta pela independência do Brasil, encontrava-se na galera “*General Lecor*”, a serviço de Portugal. Entretanto, não desejando lutar contra o Brasil, pediu dispensa do seu posto, no navio, e ficou residindo em Buenos Aires.

Em 1824, com a capitulação dos portugueses, a “*General Lecor*” passou para o domínio do Brasil e Leverger voltou ao navio, requerendo e obtendo incorporação à Marinha brasileira, no posto de 2º tenente. Foi depois transferido para a fragata “*Niterói*”, comandada pelo oficial inglês James Norton e onde serviam também outros diversos oficiais ingleses. Essa convivência devia ser bem penosa a Leverger, não só pela rivalidade que então havia entre a França e a Inglaterra, como porque seu pai sofrera longo cativeiro dos ingleses. Mas, disciplinado, não demonstrou ressentimento e tornou-se benquisto dos seus companheiros e ainda aprendeu a língua inglesa, que conseguiu falar com desembaraço.

Sobreveio então o conflito do Prata, que culminou com a independência do Uruguai, que fora incorporado ao Brasil e que a Argentina pretendia dominar. Nessa luta de mais de três anos, difícil e cruenta, Leverger conquistou popularidade e prestígio na Marinha brasileira. Ora sob o comando de James Norton, ora ele próprio comandando o navio, participou de vários combates, o que lhe valeu ser promovido e posteriormente laureado como cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro.

¹ Separata dos Anais do Museu Paulista, tomo XXVII.

Finda a guerra, regressou ao Rio de Janeiro e ali o aguardava imprevista comissão: organizar uma flotilha para a defesa das nossas fronteiras com o Paraguai. Esta missão burocrática não devia agradar a quem vinha de enfrentar ásperas batalhas no oceano largo. Infenso, porém, a queixas, Leverger preparou-se para a viagem e, após alguns meses, chegou a Cuiabá, em novembro de 1830.

Logo de início, Leverger verificou que lhe faltavam meios para promover a construção da flotilha de que fora incumbido. Comunicou o fato ao governo imperial e ficou aguardando providências. Enquanto as esperava, passou a trabalhar em tarefas alheias à sua comissão e até a ministrar aulas gratuitas de inglês.

Afinal, após quase três anos de espera, Leverger recebeu ordem de regresso, mas, no Rio, a Regência Trina se debatia entre a confusão política e a desorganização geral. Em face do ambiente apaixonado então reinante, Leverger, como estrangeiro, resolveu manter neutralidade. Conseguiu assim um ano de licença, prorrogada depois por mais seis meses. Estava nessa situação, quando, em 6 de outubro de 1836, foi reformado no posto de 2º tenente da Armada, sem direito a soldo. Resignado, dispôs-se a voltar para a França, mas inesperadas circunstâncias surgiram a seu favor. É que o governo continuava empenhado na organização da flotilha de Mato Grosso e não encontrava oficial que aceitasse a comissão. Cada qual se escusava sob os mais fúteis pretextos, o que era possível dada a indisciplina que se infiltrara em todos os setores da administração, antes que o Regente Feijó impusesse a ordem, com sua férrea autoridade.

Assim, Leverger foi novamente convidado a cumprir a missão, o que procurou fazer regressando a Cuiabá, em dezembro de 1837, já então promovido a capitão-tenente, fazendo jus à contagem do tempo anterior para efeito de reforma. Ao chegar, recebeu carinhosa manifestação, comprovando a amizade que já conquistara antes, na cidade.

Quanto à comissão para que fora novamente designado, as mudanças políticas no Rio a tornaram inviável. Não só o Gabinete que o nomeara, como o próprio Regente haviam caído. Após sucessivas correspondências de sua parte, veio a resposta que continuasse aguardando ordens. Impossibilitado, pois, de cumprir a missão principal, resolveu efetivar um projeto antigo, que era a construção de um Arsenal da Marinha, para o que se valeu de funcionários e artífices que trouxera do Rio e de outros que recrutara na cidade. Improvisando-se ele próprio em engenheiro hidráulico e, após extraordinário esforço, levantou o arsenal e o cais contíguo, poderosa construção que resistiu quase um século.

Em outubro de 1843, Leverger casou-se com D. Inês de Almeida Leite e desse consórcio resultou numerosa prole, que se desdobrou em vários ramos - Alves Corrêa, Corrêa e Sá, Corrêa Cardoso, Prado e outros. De seus descendentes, muitos se destacaram, nas profissões liberais e também como escritores e pelo desempenho de altos cargos, em Mato Grosso e no País.

Promovido a capitão da fragata, estava, porém, dispensado de sua comissão, desde 1842, motivo por que urgia apresentar-se aos seus superiores. Sensibilizou-o, na capital, o acolhimento que teve do Ministro da Marinha, Holanda Cavalcanti e do próprio Imperador, com quem se entrevistara e que o fez oficial da Ordem da Rosa. Foi também reconduzido à Flotilha de Mato Grosso, o que o possibilitou a voltar ao seio de sua família. Durante essa viagem, resolveu naturalizar-se brasileiro, resolução que haveria de prendê-lo definitivamente à nossa terra.

Em fins de 1848, achava-se em Coimbra, a serviço, quando recebeu a notícia de sua nomeação para Presidente da Província. Sabe-se que seu impulso inicial foi o de recusar a investidura, tal o seu desapego aos europeís da fama. Aceitou, no entanto, a nomeação, seduzido pela idéia de ser essa a primeira oportunidade que um estrangeiro naturalizado teria para exercer tão importantes funções. Começava, pois, seu período de governo, em Mato Grosso, um dos mais longos da história imperial. Fecundo foi ele também e inédito pela exclusão da politicagem. Cheio de iniciativas, provia a tudo, dentro das possibilidades da Província. A Guarda Nacional, que sempre fora simples instrumento das facções, tornou-se um corpo disciplinado, aberto a todas as vocações. Suas idéias, neste ponto, diz o Visconde de Taunay, inspiraram a Nabuco de Araújo arrojado projeto de reforma dessa corporação em todo o território nacional.

Nesse período, foi nomeado Comandante das Armas, concentrando assim os poderes civil e militar, sem que jamais abusasse dessa força extraordinária. Ao contrário, suas normas de conduta sempre foram no sentido da magnanimidade e da justiça.

Ainda nessa primeira presidência de Leverger, o governo imperial resolveu organizar a famosa missão de Pedro ferreira com o fim de obrigar o vizinho país a nos conceder abertura da navegação pelo rio Paraguai. Conseguiu-se o intento, mas à custa da má vontade dos paraguaios, predispondo-os à guerra que promoveriam alguns anos depois.

Em face da expedição de Pedro Teixeira, Leverger foi incumbido de mandar fortalecer nossas fronteiras. E aqui aparece outro aspecto do seu caráter. Não mandou ninguém, foi ele próprio. Passou 22 meses no Forte de Coimbra, que se transformou em sede do governo, bem adequada para um governo austero. Mas as dificuldades eram imensas, não havia recursos para nossa defesa. É certo que Leverger os pedira com insistência ao governo central, sem ser atendido. Tal situação perdurou até a invasão do exército paraguaio, que dominou todo o Sul da Província, praticamente sem resistência.

Regressando a Cuiabá, Leverger sentiu-se cansado e solicitou exoneração do cargo, que lhe foi deferida. Não lhe convindo voltar para o Rio, como seria necessário, após a exoneração, pediu reforma, que lhe foi dada, em junho de 1859, no posto de Chefe-de-Esquadra, hoje Almirante.

Leverger retraiu-se então a uma vida sossegada, entregue aos livros, na casa e na rua que receberam seu nome, bem como em uma chácara no Coxipó. Em carta à sua irmã, na França, descreveu essa fase de sua existência, presa ao seu 'agarrador Mato Grosso', ao qual gostaria de mostrar-se grato, se ainda houvesse necessidade.

Pois a oportunidade para isso surgiria com a ocupação paraguaia, que infligiu à Província sofrimentos de toda ordem. No Sul, pela presença do inimigo, cruel e implacável. Em Cuiabá, a angústia pelo receio da invasão, que se supunha iminente.

Em face dessa situação, foi destacado para Melgaço um batalhão da Guarda Nacional, que voltou inopinadamente, em virtude de informes dados por sentinelas de que navios paraguaios haviam aprisionado um dos nossos e estavam subindo o rio Cuiabá. Ante o pânico que se instalou, Leverger deixa o retiro no Coxipó em que se encontrava e alta noite, apresenta-se ao Presidente da Província para organizar a defesa da cidade. Nomeado comandante da Guarda Nacional, assume logo a direção da força, que ainda se achava no porto. Dirige-se aos soldados com palavras eloqüentes que a imprensa da época registrou: "*Marchemos, senhores, a guarnecer o ponto abandonado e, quando não possamos impedir a passagem do inimigo, que ao menos façamos conhecer que protestamos por meio da nossa artilharia. Que me acompanhe quem quiser.*"

No seu belo trabalho "*Um Bretão Cuiabanizado*", o historiador Virgílio Corrêa Filho o compara ao de Caxias, na ponte de Itororó. De fato, esse "*que me acompanhe quem quiser*" antecipou o "*acompanhem-me os que forem brasileiros*" de Caxias - ambos inspirados em igual patriotismo e produzindo o mesmo efeito eletrizante.

A notícia desses acontecimentos circulou rapidamente e a figura do Almirante iluminou-se como um sol a aquecer o ânimo dos mais temerosos. Concentrando-se de novo em Melgaço, com Leverger à frente, os defensores da cidade se dispuseram a enfrentar o inimigo a qualquer preço. Enfim, desaparecida a ameaça, todos puderam voltar confiantes e tranquilos. Tal o prestígio de Leverger, que se tornou a "*antemural de Cuiabá e de todo o Brasil*", na frase famosa de Taunay.

A esse feito deveu Leverger as honras de Barão de Melgaço. No brasão projetado pelo seu patrício Boulanger, foi esculpida a divisa - sempre pronto - bem condizente com sua simplicidade e dedicação ao trabalho. Contava então Leverger 63 anos de idade. Ao voltar de Melgaço, assumiu a presidência da Província como vice-presidente que era, uma vez que o titular do cargo o deixara. Logo depois, veio sua nomeação para Presidente efetivo, que aceitou, embora se sentisse enfermo e cansado.

A guerra continuava infundável, enquanto as necessidades eram muitas e difíceis de serem supridas. Nessa época, a coluna que mais tarde Taunay havia de imortalizar, começava sua carreira de sofrimento, a partir da retirada inevitável, desde Laguna. O comandante da expedição, Fonseca Galvão, desviara-se do itinerário sugerido inicialmente por Leverger e logo surgiram as conseqüências dessa atitude. As privações desmortearam os retirantes e Galvão voltava-se para o Presidente da Província, em termos descorteses. Leverger, com a paciência habitual, respondia, aconselhando, sugerindo medidas. Entre estas, a recomendação do Guia Lopes, que depois se tornou a figura central da expedição.

Logo, porém, deixou o governo, passando-o para seu substituto, desgostoso com a orientação extremamente partidária que o Barão de Iguapeí vinha imprimindo à Guarda Nacional. Entretanto, posteriormente, Leverger ainda exerceu a presidência pela última vez, já no fim da guerra, quando, com enorme sacrifício, teve de providenciar a remessa de voluntários.

Retirando afinal da vida pública, vários anos passou Leverger no aconchego da família e dos amigos, até o seu falecimento, em 14 de janeiro de 1880.

Analisando esta longa vida, é difícil chegar a uma conclusão sobre qual teria sido seu ponto culminante. Pode-se afirmar que foi quando, já ancião, saiu alta noite em defesa da cidade ameaçada. Trata-se realmente de um lance extraordinário, que teria caído na legenda popular, como o de Antônio João, se houvesse recebido o batismo de sangue. Mas esse ato, posto que supremo e heróico, não se compara com a trajetória luminosa do bretão que chegou a Cuiabá, obscuro estrangeiro, que foi grangeando pouco a pouco as posições e honrarias das mais brilhantes do Império. Tudo isso sem intrigas, sem solicitações, sem qualquer desvio da retidão de conduta. Sua vida foi exemplo cotidiano de esforço, devotamento e humildade. Seu heroísmo não resultou apenas do destemor com que sabia enfrentar o perigo, mas principalmente da perseverança com que cultivava as virtudes. Se a nobreza verdadeira reside menos no acaso do nascimento que o caráter, o Barão de Melgaço foi um dos mais autênticos dos nossos nobres. Bem mereceu ele a estima com que o distinguiram seus contemporâneos e merece o reconhecimento das novas gerações pelos serviços que prestou à nossa Pátria.

Estêvão de Mendonça

Estêvão de Mendonça nasceu no Natal de 1869, no distrito de Melgaço, Santo Antônio do Rio Abaixo, hoje Leverger. Mas como seus pais se mudaram, em 1871, para Miranda, ele, ainda criança, foi entregue aos tios Nuno Anastácio Monteiro e D. Maria da Conceição Monteiro de Mendonça, que o educaram como filho, em Cuiabá.

Assim, Estêvão de Mendonça tornou-se cuiabano e em Cuiabá estudou, casou-se e exerceu suas múltiplas atividades. Seu primeiro emprego foi nos Correios, onde trabalhou durante quase cinco anos. Logo depois, em 1896, fundou o Colégio Leverger, dando início ao culto levergeriano, ao qual se dedicaria a vida inteira. Em 1898, tornou-se catedrático por concurso de Geografia e História, no Liceu Cuiabano, lecionando até 1906, quando se aposentou. A partir daí, dedicou-se à advocacia mediante provisão concedida pelo Tribunal de Justiça, prática muito comum, na época.

Ainda, esporadicamente, Estêvão desempenhou outras funções, como a de inspetor federal do Liceu Cuiabano, tendo sido nomeado por iniciativa de Ramiz Bucair Galvão, presidente do Conselho Superior de Ensino, com quem mantinha velhas relações culturais. Foi também auxiliar técnico da Repartição de Obras Públicas, membro do Tribunal Eleitoral e por fim membro do Conselho Administrativo do Estado.

No entanto, Estêvão de Mendonça nunca obteve as posições a que pela integridade, inteligência e devoção ao trabalho poderia fazer jus. Isso foi devido sobretudo ao seu alheamento voluntário, que por sua vez resultava da desambição, que era um dos traços do seu caráter. De qualquer modo, com esse desapego às eminências do mundo, sobrou-lhe tempo para o cultivo do espírito, forrando-se de uma filosofia que lhe dava a serenidade e o bom humor, realmente

encantadores. Além disso, era um *causeur* vivo e apreciado pelos amigos, mas não lhe aprazia a tribuna, a ponto de adiar indefinidamente o elogio do patrono de sua cadeira, na Academia, ele que fora o maior dos levergerianos.

Quanto ao labor intelectual, extensa foi a contribuição de Estêvão de Mendonça. Seguindo costume tipicamente brasileiro, a maior parte dos seus trabalhos apareceu na imprensa. Colaborou em inúmeros jornais e revistas, embora sem nunca auferir provento dessa atividade.

Estêvão foi um desses homens que se podem denominar de retrospectivos, porque se voltam para o passado, afeitos à vida contemplativa. Diferem assim dos chamados prospectivos, empreendedores e dinâmicos homens de ação, que, em qualquer setor, estão constantemente encarando o futuro.

Estêvão pertenceu, pois, à categoria dos retrospectivos e de um modo bem amplo, uma vez que sempre empenhado em compreender e interpretar o passado. Foi um historiador, o maior historiador mato-grossense, ao lado de Virgílio Corrêa Filho.

A História foi portanto sua especialidade e aí se incluem a crônica e o ensaio que são dois métodos tradicionalmente empregados para a compreensão da História. Estêvão os cultivou, com paciência e perseverança, de modo que suas pesquisas se transformaram em obras de real valor.

As “Datas Matogrossenses” se destacam como o livro máximo, na vasta produção literária de Estêvão de Mendonça. Nele se revela sua característica marcante, isto é, a preocupação com os fatos, certo de que a História se faz não apenas com os grandes eventos, mas também com os detalhes que os cercam e compõem a tessitura das transformações por que passa a sociedade. Por isso Estêvão anotava os fatos com seus pormenores, formando de sua obra manancial de consulta obrigatória para os que pretendem investigar nosso passado histórico. E, apesar desse espraiamento, é agradável a leitura de suas obras, elaboradas sempre com um estilo simples e sóbrio.

Outros livros publicou Estêvão de Mendonça, como o “Quadro Corográfico de Mato Grosso” e a valiosa coletânea das obras de Leverger, além de outras extraídas de sua atividade jornalística. Trata-se de apreciáveis contribuições à cultura mato-grossense, mas as “Datas” constituem caso raro em nossas letras. São um dos poucos argumentos contrários à fama de ser o brasileiro incapaz de obra de fôlego. Realmente, um livro que exigiu anos de investigação e trabalho é algo de original, de sólido, que recomenda o autor e a terra em que viveu.

Breve paralelo entre Leverger e Estêvão de Mendonça

Ao concluir a análise dos dois vultos extraordinários que constituem o objeto deste trabalho, cabe-nos ressaltar algumas evidências entre ambos. Afeitos ao refúgio dos livros e da investigação do nosso passado, Leverger e Estêvão de Mendonça alhearam-se das pugnas políticas, não cortejaram as pompas dos cargos, e até os rejeitaram. Leverger só com relutância aceitou as altas funções que veio a exercer em Mato Grosso e só o fez para dignificá-los, enquanto Estêvão recusou três vezes para concorrer às eleições para deputado estadual e duas vezes para exercer a chefia do Estado como Interventor, em 1917 e 1932.

Jamais a paixão do ouro invadiu aquelas almas, jamais os vícios as corromperam. Daí lhes provinha a serenidade no comportamento, único mas inestimável preço da desambição. Trata-se de caracteres puros, porque o desprendimento os liberta dos suplícios interiores que costumam resultar da inveja, da maldade e de outros sentimentos ruins.

Entretanto, Leverger foi mais feliz. Viveu numa época tranqüila, sem sobressalto, no seio de família numerosa, com a singeleza mas também com as comodidades que se fruía no século passado. Quanto a Estêvão, viu mudarem-se pouco a pouco as condições de vida, preso a proventos de aposentadoria que se tornaram irrisórios, justamente quando a velhice e a doença lhe reclamavam maior conforto. Suportava, porém, com resignação a adversidade. No limiar dos

oitentas anos, bem sabia que a lâmpada se apagava, mas aprendera com Renan a conhecer o Pai Celeste, aquele que se adora em espírito e verdade, independente de seita ou escola. Solitário sem amarguras, exausto sem queixumes, como que se recuava no tempo para irmanar-se com aqueles grandes filósofos que fizeram da vida exemplo sem par de abnegação e de renúncia. Lembrava sobretudo a figura de Diógenes, cujo desapego às aparências do mundo o levaram até ao mais extremo desamparo. Contudo, os corintianos que souberam apreciar seus ensinamentos, ergueram-lhe um túmulo com uma inscrição que serviria a todos os que, como fez Estêvão de Mendonça, colocam os princípios acima dos apetites. A inscrição consiste em um diálogo entre um viajante e um cão de mármore colocado no sopé do monumento:

- De quem é esse túmulo que guardas?
- De Diógenes.
- Aquele que morava num tonel?
- Esse mesmo, mas hoje ele está morto e mora nas estrelas.

ANTÔNIO DE ARRUDA

Desembargador

CURSOS

- Direito (Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro)
- Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia (ESG)
- Colégio Interamericano de Defesa - Washington

CARGOS E COMISSÕES

Em Mato Grosso

- Professor da Escola Regimental do 16º BC
- Promotor de Justiça
- Procurador-Geral do Estado
- Desembargador e Presidente do Tribunal de Justiça
- Corregedor-Geral da Justiça
- Membro e Presidente do Tribunal Regional Eleitoral
- Membro e Vice-Presidente do Conselho Regional da Ordem dos Advogados
- Membro e Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras
- Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso
- Membro e Presidente da Federação das Academias de Letras do Brasil
- Professor da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Mato Grosso

Na Escola Superior de Guerra

- Chefe da Divisão de Assuntos Psicossociais
- Chefe da Divisão de Assuntos Políticos
- Membro da Junta Consultiva da ESG
- Atualmente, membro do Corpo de Conselheiros da ESG

CONDECORAÇÕES

- Medalha Clóvis Beviláqua
- Medalha do Pacificador
- Ordem do Mérito Militar (oficial)
- Medalha do Mérito Aeronáutico

- Medalha Santos Dumont
- Medalha Mérito Tamandaré
- Medalha Mérito Cordeiro de Farias
- Medalha Mérito da Magistratura
- Ordem do Mérito Forças Armadas
- Mérito do Estado de Mato Grosso

TRABALHOS PUBLICADOS

Entre outros, publicou os seguintes trabalhos:

- *ESG: História de Sua Doutrina*, GRD, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, S. Paulo, 1980, 300p.
- *Escola Superior de Guerra: História de Sua Doutrina*, GRD, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, 2ª edição ampliada, S. Paulo, 1983, 303p.
- *Cuiabá e a Integração Nacional*-. Anais do Museu Paulista, separata, São Paulo, 1974, 12p.
- *Aspectos da Vida e da Obra do Marechal Rondon*. Ibidem, separata, 1975, 21p.
- *Vultos Eminentes de Mato Grosso*. Ibidem, separata, 1976, 53p.
- *Relembrações*. Editora Resenha Tributária, S. Paulo, 1987, 181p.

Nos Anais Forenses do Estado de Mato Grosso (Cuiabá)

- *Questões Controvertidas do Código de Processo Civil*. Série de 5 artigos, vols. de 1950 a 1954, 40p.
- *Direito sem Justiça*, - vol. de 1947/48, 6p.
- *O Poder Judiciário e a Segurança Nacional*. Vol.-. de 1971, 3p.

Na Revista Militar Brasileira (Rio de Janeiro)

- *A Estrutura Social nos Países Subdesenvolvidos*. Vol. 76, 1965, 9p.
- *O Caráter do Brasileiro*. Vol. 79, 1966, 9p.
- *Ministro Hermenegildo de Barros*. Vol. 84, 1967, 6p.
- *Os Guerreiros da Atualidade*. Vol. 89, 1968, 4p.

Na Revista do Serviço Público (Brasília)

- *Segurança Nacional*. Vol. 105, 1970, 11p.
- *A Segurança Nacional e a Legislação Brasileira*. Vol. 107, 1982, 16p.

Em "A Defesa Nacional" (Rio de Janeiro)

- *A Doutrina da Escola Superior de Guerra* (série de 3 artigos).vols. 679, 680, 691, 37p.
- *Aspectos da Exposição Escrita e Oral*. Vol. 683. 11p.

Em "Suplemento Mensal" do Diário oficial de Mato Grosso

- *O Linguajar Cuiabano*. Nº 8, 6p.

Em "Segurança e Desenvolvimento (Rio de Janeiro)

- *O Futuro da Língua Portuguesa*. Vol. 167, 1977, 9p.
- *Regimes Políticos Contemporâneos*. Vol. 169, 1977, 16 p.
- *População e Poder: Repercussões no Planejamento Familiar*. Vol. 1981, 5p.

Na "Revista da Academia Mato-Grossense de Letras" (Cuiabá)

- *Leverger e Estêvão de Mendonça* (discurso de posse), separata, 1953, 19p.
- *Passeios pelo Passado e pelo Presente*. Vol. de 1957/58, 5p.
- *Cesário Neto*. Vol. de 1954, 4p.
- *José de Mesquita, In Memoriam*. Vol. de 1959/61, 4p.
- *Machado de Assis Conhecido*. Vol. de 1954/55, 4p.
- *Correspondência de José de Mesquita*. Vol. de 1959/61, 10p.
- *Discurso de Recepção de Dunga Rodrigues*. Vol. de 1985, 14p.

Na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso" (Cuiabá)

- *Um Veterano da Guerra do Paraguai*. Vol. de 1955/76, 10p.
- *Relembrações de Corumbá*. Vol., de 1978, 4p.
- *Ruy Barbosa*. Vol. de 1979, 10p.
- *Augusto Leverger, Barão de Melgaço*. Vol. de 1980, 35p.
- *Prof. Isác Póvoas*. Vol. de 1981, 4p.
- *Professora Alzira Valadares*. Vol. de 1982, 2p.
- *Doutor Estêvão Alves Corrêa*. Vol. de 1983, 2p.
- *Estêvão de Mendonça*. Vol. de 1984, 4p.
- *O Estilo de D. Aquino*. Vol. de 1985, 9p.
- *Isác Póvoas: Sua Formação Religiosa e Cultural*. Vol. de 1986, 7p.
- *Virgílio Corrêa Filho*. Vol. de 1987, 10p.
- *Ulysses Serra*. Vol. de 1987, 11p.
- *Isác Póvoas: Discurso em seu Centenário*. Vol. de 1988, 6p.
- *O Parlamentarismo no Brasil*. Vol. de 1989, 17p.
- *Missão das Academias*. Vol. de 1990, 9p.
- *O Legado de José de Mesquita*. Vol. de 1992, 6p.
- *Rondon*. Vol. de 1993, 21p.

Na "Revista da Escola Superior de Guerra" (Rio de Janeiro)

- *Escola Superior de Guerra: Origens*. Vols. 1 e 2, 17p.
- *Doutrina da ESG: Principais Alterações Ocorridas nas últimas Quatro Décadas*. Vol. 12, 10p.
- *Grandes Linhas do Pensamento Político*. Vol. 15, 23p.
- *Política Demográfica no Brasil: Problema Ainda sem Solução*. Vol. 17, 6p.
- *Aspectos da Educação Brasileira*. Vol. 20, 18p.
- *A Língua Portuguesa Cada Vez mais Inculta e Menos Bela*. Vol. 21, 19p.
- *Rondon*. Vol. 23, 15p.
- *A Propósito de um Herói de Laguna*. Vol. 24, 8p.
- *Cuiabá e a Integração Nacional*. Vol. 26, 10p.
- *Grandes Linhas do Pensamento Político no Brasil*. Vol. 27, 8p.

Na "Revista das Academias de Letras" (Rio de Janeiro)

- *Machado de Assis*. Vol. 86 (2ª fase), 10p.

| | |
|--|--|
| Patrono: Antônio Cláudio Soído | Ocupantes: Gabriel Vandoni de Barros Ronaldo de Arruda Castro |
|--|--|

Ronaldo de Arruda Castro

Antonio Cláudio Soído

A Cadeira nº 12 está imantada pela personalidade carismática do patrono Antonio Cláudio Soído e foi fundada por Gabriel Vandoni de Barros, a que venho suceder. Como segundo ocupante, tornam-se-me ainda mais intensas a satisfação e a honra da investidura por encontrá-la em estado de conservação quase virginal, intocada na sua pureza radiante em razão da excelsitude das qualidades morais, intelectuais e espirituais de seu primeiro titular, que a elevou e dignificou ainda mais, deixando-me bem mais próximo da imagem fulgurante do patrono - Soído.

Poeta, escritor, militar e tradutor, nasceu Soído em Vitória, Capitania do Espírito Santo, em 26 de abril de 1822, pisando pela primeira vez o chão cuiabano em 22 de fevereiro de 1857, primeiro-tenente da Marinha Imperial no comando do navio "Maracanã". Foi hóspede oficial, em palácio, de Augusto Leverger, que pontificava pela primeira vez na presidência da Província. Sua permanência foi rápida - 26 dias - e sua missão deve ter sido de reconhecimento da situação da navegação dos rios da Bacia do Prata, pois já iam bem adiantadas as hostilidades com o Paraguai.

Gabriel Vandoni de Barros, em seu discurso de posse, ao discorrer sobre o episódio da chegada de Soído a Cuiabá, assim discorre:

"Seu contato inicial com a então província deu-se em 1857, como comandante do primeiro navio a vapor, da Marinha de Guerra, que subiu até Cuiabá. Chamava-se este "Maracanã" e, tendo zarpado do Rio de Janeiro a 28 de outubro de 1856, aqui aportou quatro meses mais tarde, ou, precisamente, a 7 de março do ano seguinte.

Do punho do primeiro-tenente Soído, existe um Relatório das principais peripécias dessa longa viagem, o qual a revista do nosso Instituto Histórico reproduz, nos seus tomos nono e décimo. Escreveu-o com uma bonomia o seu tanto descorçoada. Não tiveram conta nem termo as exigências, fora de qualquer propósito, apresentadas pelas autoridades do país sobre o qual Carlos Antônio Lopez exercia o seu despotismo. Ali já se achava o filho general, Francisco Solano, de volta do espetaculoso roteiro, realizado na Europa, de onde se fizera acompanhar pela formosa e desventurada Elisa Linch, que o seguiu até os decisivos momentos de Cerro-Corá. Vencidos os embaraços, de todo em todo descabidos, em face do Tratado de 6 de abril de 56, que franqueara a navegação do rio Paraguai, chega finalmente a embarcação ao destino. Como as águas estavam baixas, o tenente resolve deixar a nau no Melgaço, para que fosse, a pouco e pouco, avançando, à medida que o permitissem os repiquetes, e ele, em canoa, vem a Cuiabá, aonde salta a 22 de fevereiro, sendo hospedado em palácio pelo presidente de então, o ínclito Augusto Leverger, que na ocasião ocupava, pela primeira vez, a presidência da província.

Foi de um mês, menos dois dias, a permanência do jovem comandante nesta capital.

Embora enlizado, já, pelas infrangíveis, delicadas urdiduras da região, não o percebera o marinheiro, ou, talvez, delas se apercebesse demais, tanto que se apressava em voltar: "Até o dia 20 de março estive em Cuiabá - assim o diz - esperando que o rio enchesse. A 18 apareceu a desejada enchente e temendo que a água se fosse e eu ficasse a olhar, resolvi deixar Cuiabá no supracitado dia 20. Ao largar do porto mandei subir a gente à enxárcia - e dar vivas, aos quais correspondeu a multidão, que em terra se apinhava no Arsenal para ver a saída do vapor, com seus adeuses."

Logo a seguir, vem um trecho, inçado de perplexidades, que é a confissão límpida de que os fluidos atordoantes e cariciosos lhe atingiram, em pleno, o coração: "Um adeus é sempre saudoso, - o acenar dos lenços chama sempre as lágrimas aos olhos dos que partem ... embora estes não tenham nenhuma amizade aos que ficam, porque um adeus pode ser acompanhado do - Para sempre ! - Um adeus é sempre saudoso, eu fiquei triste e com saudade de Cuiabá.". Outros obstáculos e impertinências se lhe antepõem no regresso, inspirados pelo governo que nos preparava a guerra e a sua sinistra seqüência de horrores. Rematando o Relatório, tem ele expressões desalentadas: "Cheguei a Cuiabá com muita dificuldade e a esta comissão devo o oficialato da Rosa, talvez o posto de capitão-tenente, e os meus primeiros cabelos brancos.". Como é fácil de imaginar, a presença do "Maracanã" sacudira a cidade, o mesmo acontecendo com o vapor denominado "Corça", aqui atracado naqueles dias. Além do presidente da província, do bispo diocesano, das autoridades, dos colégios, do funcionalismo, aglomerava-se na barranca uma multidão de quatro mil pessoas. Relata Moutinho ter sido ele quem, por primeiro, galgou o convés desta última embarcação. E, de certo referindo-se a algum simplório patricio, inexplicavelmente escapo aos furores da Rusga, acrescentava: "Um sujeito, ao regressar para casa depois de ter visto o vapor, dizia a um amigo: - Homem, como cabem naquele vapor tantos cavalos? E onde os metem que eu não os vi ? Queria o sujeito ver os cavalos da máquina.".

Enfeitado ou não pela "terra agarrativa", o certo é que, três anos depois, em 1860, regressou Soído a Cuiabá para comandar o Arsenal da Marinha e aqui permanecer quinze anos ininterruptos, só saindo em 1875 - por poucos meses - para ser inspetor do Arsenal da Marinha na Bahia. De volta em 1876, em 1878 foi comandar no Rio de Janeiro o Batalhão Naval, sendo a seguir designado inspetor do Arsenal da Marinha em Pernambuco, onde chegou a Chefe de Divisão em 1880, reformando-se em 1882 como Chefe de Esquadra, ocasião em que requereu e obteve permissão para voltar a morar em Cuiabá, em que faleceu em 1889.

Este o detalhamento cronológico resumido da vida eletrizante de Soído, que, na sua longa permanência entre nós, cumpriu importantes missões navais e promoveu estudos e levantamentos geográficos, hidrográficos, geodésicos e topográficos equivalentes aos melhores que nos foram legados.

A glória maior, todavia, alcançou-a o competente marinheiro como poeta, ao se transformar no principal responsável, em Mato Grosso, pelo desencadeamento do romantismo na literatura, no qual se manteve Soído na linha dos românticos brasileiros em geral, que renovaram nos temas e sentimentos, abandonando os artifícios e recursos arcádicos, mas não romperam com a forma - o vocabulário, a sintaxe, a métrica. Neste contexto, sem restrição à sua poética, que é boa, o valor maior de Soído terá sido o de, isolado nas lonjuras destes sertões, acompanhar de perto e vibrar no mesmo diapasão do romantismo que dominou e empolgou os grandes centros culturais do mundo no século XIX.

Assim, os criteriosos textos científicos de Soído, se já justificam de pleno sua condição de patrono da Academia, a razão maior da homenagem foi sem dúvida a qualidade e o vanguardismo, à época, de sua produção poemática, que muitos, e dos mais notáveis foram os que aqui escreveram obras no campo das ciências exatas, a exemplo de Ricardo Franco e o próprio Leverger, mas apenas um deles se notabilizou no grande painel da história como prógono do romantismo entre nós - Antonio Cláudio Soído.

Desta forma, aqui reverencio o marinheiro cuja bravura e exemplaridade marcaram época, mas saúdo com redobrado calor o intelectual devotado, sério, e o poeta inspirado de A MENINA ORIENTAL, que foi o pai do romantismo entre nós.

Gabriel Vandoni de Barros, reverenciando o pendor poético de Antonio Cláudio Soído, cita trechos interessantes de "A menina oriental":

Antes da viagem do "Maracanã", já estivera Soído no rio da Prata, tendo tomado parte na áspera Passagem de Tonelero e sendo, porisso, agraciado com a medalha de prata número dois e com o título de cavaleiro da Rosa.

Nosso ministro no Uruguai, o Visconde do Rio Branco, descobrindo-lhe os pendores e merecimentos, requisitou-o para o serviço da legação, enquanto não lhe mandasse o governo um secretário ou adido.

Foi durante esse tempo que ele compusera as treze décimas, em redondilhas, de "A Menina Oriental", publicadas, em 1856, no "Jardim Poético", de J. M. Pereira de Vasconcelos, e subordinadas ao título principal de "Lembranças de Montevidéu". Essas estrofes foram transcritas, com algumas variantes, no compêndio de Afonso Cláudio sobre a literatura espírito-santense e trazem a marca do talento soideano, moldado ao calor da Escola Romântica:

" A menina oriental,
Como a gárrula argentina,
Tem de goda alva tez fina,
Feições nobres, rosto oval;
E da moura feiticeira,
Como tem a brasileira,
Lindos olhos matadores,
Negro, lustroso cabelo,
Onde, segundo o modelo
De Paris, enxerta flores.

Ela, como a brasileira,
Tem o porte majestoso,
Corpo esbelto, gracioso,
Delgado como a palmeira;
De viva imaginação,
Ela ama o turbilhão
Da cidade populosa;
Quer o luxo e sabe bem
Casar a graça que tem
Com a seda farfalhosa.

.....
A menina oriental
Fala essa língua sonora,
Feita da latina e moura,
Da portuguesa rival;
Ela conserva de amores
As lembranças, como as flores,
Do pundonor sob o véu;
É patriota exaltada,
Para ela não há nada
Como o seu Montevidéu.
Rival da bela argentina,
A menina oriental
Da argentina diz mal,
Gosta de quem a crimina;
Por modéstia, diz que aquela
É mais que a oriental bela,
Mas que é muito refalsada,
Que é volúvel no amor,
Que seu todo encantador
Encerra traição alada.
.....

*A menina oriental
Tem p'ra si que o brasileiro
Entre os homens o primeiro
É no ciúme infernal;
Porque do Brasil a gente
É da lusa descendente
E lhe disse a sua avó
Que o português quer saber
Aonde vai a mulher
Quando sai de casa só.*

*Gênio espanhol revelando,
Quando se fala em dançar
Fica logo a palpar,
Somente em danças pensando
A menina oriental.
Mascarados, carnaval,
Tertúlias, bailes... que são
Termos que agitam su'alma,
Como ao mar que está em calma
Repentino furacão.*

*Homens que a viajar
Andais no mundo de Cristo,
Se das belas que heis visto
Tendes podido escapar,
Cuidado aqui; porque fina,
Como a elegante argentina,
Que esbelta andaluza val;
Meiga qual a brasileira,
É menina feiticeira
A menina oriental. "*

Analisando mais profundamente a poética de Soído, Gabriel Vandoni de Barros complementa:

"Do labor poético de Antônio Cláudio Soído é ainda a tradução do famoso "O Corsário" de Lord Byron. Impressiona-nos a espontaneidade com que se transmudam em vernáculo aqueles cantos eletrizados de beleza, harmonia e desassombro.

Vitor Hugo teria sido a sua admiração constante e dominadora. Do excelso mestre trasladou para o nosso idioma a poesia "Para os Pobres", conservando-lhe, tanto quanto seria lícito aspirar, com felicidade e requinte, a mesma delicada, imanente força originária.

Ao amigo Joaquim Norberto de Souza e Silva, poeta, teatrólogo, ficcionista dos primeiros surtos do nosso Romantismo, mas sobretudo, crítico e historiador literário, ofereceu a poesia "O Batel". Na convivência dos escritores desse tempo, segunda informa Afonso Cláudio, figurou distintamente o patrono da cadeira que, entre embaraçado e exultante, aqui compareço para ocupar.

Comemorando a visita de D. Pedro II ao hospital dos coléricos, consagrou-lhe Soído um poema, em oitavas camoneanas, à feição dos "Lusíadas", ricas pelo labor da forma e cheias de intensa emotividade. Dele são estas duas estrofes, que alcançam ressonâncias hugoanas:

*"Inda há pouco a brasílea humanidade
Pela febre, ó meu Deus, foi afligida,
E outra nova, mortal calamidade*

*Nos vem também ameaçar a vida!...
Ai! a cólera-morbus!... Tem piedade
De nós, Senhor, se não vemos perdida
A esperança de um porvir brilhante
Para este império entre as nações infante. .*

*Da profundez da dor a ti bradamos,
Presta, Senhor, ouvido ao nosso brado;
Sem o socorro teu que te rogamos
Pode viver o filho do pecado ?
De nós afasta o mal a que dobramos,
Teu sôpro manda ao povo castigado
E este povo, Senhor, que assás te deve,
Mais puro ficará que a pura neve..."*

Ainda, em seu discurso de posse, Gabriel Vandoni de Barros termina sua oração com a temática: O AMOR E A MORTE:

"Já no ano seguinte, encontra-se de novo na terra sedutora, da qual tivera pressa de regressar, quando jovem e no comando do "Maracanã", tanto que ansiosamente esperara a enchente "desejada"... Mato Grosso tornou-se-lhe em amável obsessão e Cuiabá, cidade do seu enlevo, atraía-o, com deslumbrante fascínio, como a um inseto de ouro.

Por onde quer que estivesse, longe ou perto, sua correspondência com Maria Justina, a quem tratava, numa estudada cerimônia, por D. Mariquinhas, prosseguia com indissimulável fervor de alma. E ao pai da moça, José Vasco da Gama, também freqüentemente escrevia, pontilhando as cartas com respeitadas referências à filha, ou usando palavras de normal delicadeza, mas cujo significado profundo apenas ela, com a chave da linguagem dos namorados, estaria em condições de decifrar.

Talvez procurando intimamente justificar-se da esquiva em assumir compromisso mais positivo, que o levasse ao altar, e como se ignorasse que Leverger se casara aos quarenta e um, Soído, com essa idade, dizia-se envelhecer "a olhos vistos", e suplicava, em aditamento: "Veja se na sua botica encontra antivelhicina, porque desejo uns globos."

Mantinha-se ele, contraditoriamente, com o coração estuante de amor, e celibatário.

A seu lado, iam-se casando os amigos, vários deles seus companheiros no culto das musas. Une-se a D. Raquel Ramos o bacharel gaúcho José Ricardo Pinheiro de Ulhoa Cintra, exatamente aquele que, em preciosas sextilhas, dedicadas ao confrade Nuno Alvares Pereira de Souza, lhe confessava, à puridade:

*"Tens mais estro e mais engenho,
Eu tenho mais sentimento, "*

e, no entanto, por ocasião da partida, desta capital, do segundo corpo expedicionário, que deveria retomar Corumbá, conclamava os soldados, no porto, em meio à multidão apossada de frenesi, a que mostrassem aos traiçoeiros inimigos que, também eles, sabiam degolar... E fica-se imaginando que aconselharia ele, aos patriotas em despedida, se não tivesse "mais sentimento" do que o poeta Nuno Alvares... Mas, isto, seria raciocínio frio, e nem se poderia jamais obscurecer o tom evidente de represália, que dá, aos impulsos do bardo gaúcho, aquela violência dramática.

Pela mesma época do enlace de Ulhoa Cintra, o juiz Antônio Gonçalves de Carvalho dirigia à amada os apaixonados versos da "Flor de Neve":

*" Se a neve fosse planta e flor tivesse,
Tu serias da neve a flor tão pura !*

*Ah ! teriam em ti achado os homens
O símb'lo da mais cândida ventura".*

e de fato se ligava a D. Catarina Nunes de Barros, assim lindamente celebrizada pelo seu estro.

Como se tivesse o espírito anacronicamente atuado por sugestões do tenente Pinkerton, da "Madame Butterfly", guia e espelho dos marujos impassíveis, Soído, sem dúvida menos culpado que o americano, manteve-se sempre afeiçoado, porém solteiro. Nem os encantos da moça, - o negror abismal daqueles olhos, o porte flexuoso, altivo, "delgado como a palmeira", a perturbadora viveza da inteligente professorinha, - nem mesmo o exemplo dos amigos pôde conduzi-lo ao jugo, dito suave, do matrimônio. Que digo? Nem mesmo aquela estranha febre de casamentos, que aqui sucedeu ao tremendo morticínio da varíola de 67, - espetáculo trágico-cômico a que se reporta o cronista Moutinho, que o presenciou, - teve o privilégio de reduzir aquela obstinação.

Estupenda a têmpera deste marinheiro, que assim resistia ao ataque conjugado de dois surtos epidêmicos, mostrando-se rijamente imune às forças compulsivas do amor e da morte.

Em 1878, já presente na Corte, comanda Soído o Batalhão Naval e serve, interinamente, como membro do Conselho Naval, passando, a seguir, ao posto de inspetor do Arsenal de Marinha de Pernambuco, onde, desdobrando-se numa excessiva atividade, adquiriu a doença que, sete anos mais tarde, o vitimou.

Chefe de divisão em 1880, reforma-se, dois anos depois, como chefe de esquadra, visto contar mais de quarenta e cinco anos de serviço, e em face das precárias condições de sua saúde.

Pouco tempo decorrido, toma ele uma resolução que, aos filhos destas paragens, supremamente comove: com sessenta e quatro anos, obtém licença para residir nesta então província de Mato Grosso. Ainda uma vez o arrebatava a graciosa gleba, central e distante, com a sua acolhedora paisagem e a finíssima afabilidade da sua gente. E foi nesta capital que, às quatro horas da madrugada de 12 de maio de 1889, cerrava ele tranqüilamente os olhos, e partia para a pátria definitiva, na viagem derradeira e sem retorno.

No delírio, talvez se considerasse agarrado às enxárcias do "Maracanã", de onde enviaria adeuses, como, a seu mando, fizeram os marinheiros de outrora, aos leais, constantes, sinceros amigos cuiabanos, que outros iguais não encontrara, pelos múltiplos roteiros de sua vida fecunda e nobilíssima".

Gabriel Vandoni de Barros

A Cadeira nº 12 deste palácio acadêmico parece reservada a tugúrio exclusivo de poetas, a começar do patrono até chegar a mim, que Gabriel Vandoni de Barros, seu fundador e meu predecessor, aqui também chegou pelas mãos das musas do Hélicon - era poeta.

Além de ocorrer a minha posse no dia de Mesquita, com quem tenho vínculos de família, esta solenidade está pontilhada de outras coincidências felizes - fatos que se casam, se entrelaçam e/ou se sobrepõem como se orquestrados a propósito. Senão vejamos.

Poeta e jornalista, venho ocupar a vaga do jornalista e poeta Gabriel Vandoni de Barros, uma sobreposição que só de raro sóe ocorrer. Mas há pontos outros de identificação - e até mais significativos - entre a minha e a vida do dr. Gabi, como era chamado na intimidade, sendo o mais singular o fato de termos nós sido vítimas, ele e eu, de perseguições e restrições políticas desencadeadas por regimes ditatoriais - ele sob Getúlio Vargas; eu, durante a vigência do golpe de Estado de 64, o que reforça a conotação aforística do conceito já difuso à larga de que as ditaduras são medrosas dos políticos... e dos poetas. Porque não haverá estocada mais lancinante no lombo desses governos de força do que a representada pelo discurso político e pela poesia participativa de denúncia e protesto.

Com referência ao dr. Gabi, inobstante seu estofo de refinada intelectualidade, ou talvez até por isso, jovem ainda participou ele como combatente da Revolução Constitucionalista de 32, em São Paulo, tendo seus direitos políticos cassados no ano seguinte, quando candidato à Assembléia Nacional Constituinte pelo Partido Constitucionalista. Nesse mesmo ano de 1933, contudo, viria a eleger-se deputado à terceira Constituinte Estadual, tornando-se signatário da Constituição matogrossense de 1935. Dessa fase, mais exatamente de 1934, data a publicação do livro *A BURLA DO VOTO NA REPÚBLICA NOVA* - corajoso e arrasador libelo contra o simulacro das eleições naquele tempo. Já em 1936 editava *ORIGENS DA "COLIGAÇÃO MATOGROSSENSE"*, reproduzindo memorável conferência proferida no Teatro Santa Helena, nesta Capital. Na sua ciclópica incursão pela política, o moço Gabriel Vandoni foi líder da maioria na Assembléia e Secretário Geral do Estado de Mato Grosso no governo Mário Corrêa, fazendo jus ao reconhecimento unânime de que venceu e brilhou no múnus público.

Lécio Gomes de Souza, ao analisar a formação acadêmica e política de Gabriel Vandoni de Barros teceu as seguintes considerações:

"Bem cedo, ao termo de sua formação acadêmica, na Faculdade de Direito de S. Paulo, a tradicional oficina encarregada de espalhar pelos quatro cantos do país mentalidades jurídicas de primeira ordem, vêmo-lo a assumir atitudes francas e desassombradas, a colocar-se de modo intransigente contra o regime discricionário de Getúlio Vargas. Custar-lhe-ia tal ato de independência cívica a ab-rogação de seus direitos políticos, quando jovem e ardoroso candidato a Deputado Federal por Mato Grosso, em 1933. Consta que Filinto Müller, na época Chefe de Polícia do então Distrito Federal, assinalara com sugestiva seta, desenhada a tinta, apontando-lhe bem para a cabeça, em grupo fotográfico, a imagem a si desconhecida, mas acoimada de perigosa e que seria ulteriormente identificada como a de um dos mais respeitáveis homens de sua própria terra natal. Nesse mesmo ano elegia-se Deputado à Constituinte Estadual, período em que demonstrou na Assembléia de Cuiabá apreciáveis dotes de brilhante parlamentar.

A cassação arbitrária de sua cidadania provocaria, em revide, a publicação de um livro de aspecto político-jurídico, tido como obra de marcante altaneria: A BURLA DO VOTO NA REPÚBLICA NOVA" - Estabelecimento Vânicas - S. Paulo - 1934, de larga repercussão. A mocidade indômita o iniciaria nas atividades profissionais, com banca de advogado, por mais de vinte anos, em Corumbá, ao mesmo tempo que o integraria nas lides jornalísticas, encetadas na capital paulista e então interrompidas, tornando-se diretor de periódicos e jornalista inflamado. Atrairiam-no também as fainas pecuaristas, começadas nos magníficos campos da Nhecolândia, continuador das labutas de seu augusto progenitor - Pedro Paulino de Barros - e considerado hoje um dos maiores criadores do município, quiçá do Estado, proprietário de muitas fazendas esparsas por sua vastidão. Nessa época de múltiplas atividades contraía matrimônio com sua atual esposa, D. Augusta Gomes da Silva, ajuntando ao seu o sobrenome "Barros", carinhosamente alcunhada "Neta", filha de uma das mais conceituadas famílias da Cidade Branca, como soía acontecer com a dele mesmo".

Sua biografia como jornalista, por outro lado, não é menos rica. Egresso da imprensa estudantil, foi redator, em São Paulo, de 1927 a 1930, do *DIÁRIO DA NOITE*, fugindo ao desempenho prosáico, meramente burocrático do jornalista trivial ao produzir nesse período dois emocionantes furos nacionais de reportagem, quando entrevistou por duas vezes o valoroso militar Luiz Carlos Prestes - a primeira no lado boliviano da lagoa Gaíva, a outra em Puerto Suarez, de igual na Bolívia. Em 1931, ao lado de Alfredo Egídio de Souza Aranha, Plínio Salgado e San Thiago Dantas, fundou na Capital paulista o matutino *A RAZÃO* e na imprensa cuiabana, ao depois, colaborou com assiduidade no jornal *A CRUZ*. Publicou ainda *CUIABÁ, TERRA AGARRATIVA*, enfeixando seu discurso de posse nesta Academia, em 1949, e o livro de trovas *A ROSA E O VENTO*, em edição de luxo prefaciada por Agripino Grieco.

Poeta primoroso, de fina sensibilidade, inspirado escultor do verso perfeito, destacou-se Gabriel Vandoni como sonetista e trovador, deixando-nos produção apreciável.

Lécio Gomes de Souza, analisando o poeta Vandoni de Barros considera que: “*Exprime-se em linguagem tersa e elegante. Eis duas mostras de composições brotadas de seu inspirado estro:*”

SAUDAÇÃO

*Hosana! Glória a vós que habitais o infinito
quando juntos surgis nos umbrais desta casa!
Vede como me alegro, e me exalto e me agito,
é que encontro do peito o coração se abraça.*

*Que direi, que farei que vos honre e compraza?
Poetas, Irmãos, Heróis, por sobre vós, aflito,
distendo o meu pendão, como se fora uma asa:
sob o humilde dossel celebrai vosso rito.*

*Como grato vos sou, permiti que alto brade,
porque de vós provém a lírica riqueza
que é talento, perdão e espiritualidade.*

*Vexilários do Amor, mestres da Sutileza,
trazeis à minha angústia a essência da Verdade
e minha alma nimbais no fulgor da Beleza!*

A figura de Dom Quixote é por ele decantada com afeição e simpatia, consubstanciando o grande apreço a Cervantes, no lar em sugestivas estatuetas, quadros e galhardetes, a que soube imprimir uma graça toda especial. Também em inspirados versos.

Vejam-los:

AO CAVALEIRO DA TRISTE FIGURA

*Dom Quixote, meu Amigo,
meu amigo e meu irmão,
quanta dor, quanto castigo
suportaste e tudo em vão!*

*Tudo em vão? Ah, não consigo
justificar a expressão,
pois, com fervor, te bendigo
como tantos bendirão.*

*Teu anseio peregrino
de Amor e Justiça é tanto,
que à tua frente me inclino*

*e, encantado, não me espanto
vendo o elmo de Mambrino,
como uma auréola de santo!*

Imperioso destacar também um dos traços mais incisivos da personalidade desse extraordinário dr. Gabi - o atributo de filantropo espontâneo e compulsivo. Homem aquinhoado

pelos bens da fortuna, a herança paterna, ao invés de atassalhá-la na ostentação perdulária, ampliou-a para distribuição em obras benemerentes nos setores educacional e cultural, construindo em Corumbá, com recursos próprios, o majestoso Museu do Pantanal e dezenas de unidades pré-escolares à criança carente.

Esta a projeção sinóptica dos dados biográficos principais do dr. Gabi, que tive a ventura de conhecer na cálida e deliciosa Corumbá, a mais cuiabana das cidades matogrossenses ao sul, a marcar a presença - e a vigilância - da civilização cuiabense no novo Estado criado com a divisão territorial do antigo Mato Grosso uno. Na realidade foram contatos esporádicos do jovem quase imberbe, ávido de conhecimentos, com o sábio consumado - ocasião em que lhe bebia as palavras prenhes e plenas de erudição e facúndia, que era ele uma enciclopédia em pessoa, homem dotado de cultura transatlântica, além da requintada educação de berço que lhe exornava o caráter, sempre atencioso e solícito, colocando-se socialmente na linha comportamental de um Dom Aquino ou José de Mesquita. Regozijo-me de tê-lo conhecido.

Lécio Gomes de Souza complementa a trajetória de Gabriel Vandoni de Barros:

“A 12 de outubro de 1949 foi admitido na Academia Mato-Grossense de Letras, passando a detentor, como primeiro ocupante, da cadeira nº 12, patrocinada pelo Chefe-de-Esquadra Antonio Cláudio Soído, saudado por Gervásio Leite, durante a presidência de José de Mesquita, com a obra “CUIABÁ, TERRA AGARRATIVA”, Editora Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 1951. Mais recentemente lançaria o livro de trovas, Edição de Luxo, prefaciada por Agripino Grieco, “A ROSA E O VENTO, Livraria Martins Editora, S. Paulo, 1967, com saborosas quadras, das quais apresentamos 3 exemplos, tomados a esmo:

*“Ah! Que triste despedida,
sem nada que me conforte!
Levas meus sonhos de vida,
deixas saudades de morte!*

*Olhos perdidos no poente,
no rumo azul de uma estrela,
vou tentando inutilmente
Viver ainda, e esquecê-la.*

*A minha angústia desmentes
e do meu zelo ainda zombas:
tens a astúcia das serpentes
junto à meiguice das pombas”.*

Ronaldo de Arruda Castro

Dados Pessoais

Naturalidade: Cuiabá, Estado de Mato Grosso

Nascimento: 17 de março de 1941

Filiação: Rubens Mendes de Castro

Antonia de Arruda Castro

Profissão: Jornalista

Atividades Desenvolvidas

1957 a 1960 - Como colaborador, veiculou material jornalístico e literário em “O Momento” e “Folha da Tarde” de Corumbá (MS) e “Jornal do Comércio” e “O

Democrata”, de Campo Grande (MS), além de participar de movimentos e publicações literárias no eixo Cuiabá-Campo Grande-Corumbá.

1961 - A começar na admissão na assessoria de imprensa da U.F.F. Leste Brasileiro, unidade administrativa da Rede Ferroviária Federal S.A. no Estado da Bahia, passou a colaborar, como *free lancer*, em diversas publicações jornalísticas soteropolitanas.

1962 - Colaboração regular nos jornais “Novos Rumos” e “O Semanário”, do Estado do Rio de Janeiro.

1963 - Participou da criação e fundação da Imprensa Universitária da Universidade Federal de Goiás (UFG), responsável pelo lançamento em Goiânia do jornal “4º Poder”. Até 1966, em Goiânia, participou do corpo redacional e/ou Conselho Editorial dos jornais “Cinco de Março”, “Diário do Oeste”, “O Social” e outros. Editor e diretor co-proprietário da revista municipalista “Anhanguera”.

1966 - Co-fundador em Cuiabá do jornal “Correio da Imprensa”, de que foi redator-chefe e editor, participando, a partir dessa época, em períodos diversos, da editoria dos jornais “O Social Democrata”, “Diário de Cuiabá”, “Equipe” e outros, dedicando-se também à redação de editoriais especializados para revistas e jornais da terra, como continua.

1967 - Agraciado, na categoria de jornalista, com o “Troféu Borô”.

1971 - Agraciado com o “Diploma de Mérito Rondon”, como jornalista do Ano, pela revista “Oásis”.

Lançou, em Cuiabá, o quinzenário “A Hora”, formato tablóide, que circulou até julho daquele ano, suspensa a circulação em face das dificuldades de manutenção.

1972 - É contratado como diretor da Assessoria de Imprensa e Relações Públicas do Serviço de Loteria do Estado de Mato Grosso (LEMAT), por ocasião da reativação daquele órgão no Estado, do qual se afasta, por motivos particulares, logo após a estruturação do setor.

Nesse período produziu modesta obra literária - poesia, crítica literária, ensaio, crônica - disseminada por inúmeras publicações especializadas no Estado e no País.

1975 - Agraciado com o “Diploma de Consagração Pública”, conferido pelo “Jornal dos Municípios”, de Campo Grande (MS), como Revelação do Ano.

1980/1981 - Contratado pelo convênio INCRA/OCB, assessor de imprensa da Coordenadoria Regional do INCRA em Mato Grosso.

1980 - Eleito para a diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de Mato Grosso, no cargo de secretário, foi empossado em 16 de dezembro de 1980, tendo, por inúmeras vezes, ocupado a presidência da entidade nos impedimentos eventuais de seu titular. Reeleito em seguida para novo mandato sindical, foi eleito, em Brasília, para a diretoria da Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais - FENAJ.

1981 - Representante exclusivo no Estado de Mato Grosso da Editora Visão Ltda. e da “Visão” S.A. Editorial, responsáveis, em São Paulo (SP), pela editoração das revistas “Visão”, “Dirigentes Industriais”, “Dirigente Rural”, “Dirigente Construtor”, “Dirigente Municipal”, “Quem é Quem na Economia Brasileira”, “Perfil”, todas de circulação nacional.

1982 - Nomeado (ato de 1º de fevereiro publicado no “Diário Oficial do Estado de Mato Grosso”) Chefe de Gabinete da liderança do Governo na Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso.

1883 - Lançou, com Silvio Arguello e Marcos Antonio Moreira (Villa) o tablóide “A Hora dos Municípios”, que circulou até o 15º número.

1985 a 1986 - Coordenador geral do gabinete do prefeito de Cuiabá.

1988 - Nomeado (através de ato publicado no "Diário Oficial do Estado de Mato Grosso) assessor de imprensa do Tribunal de Contas do Estado de Mato Grosso, cargo em que permanece.

1989 - Publicou (lançamento da Fundação Cultural de Mato Grosso) o livro "Cuiabanália"(Editora Amazônida), integrando a coleção "Letras Matogrossenses", série "Poetas Contemporâneos".

1991 - Fundador, editor e diretor do jornal semanário "Correio da Semana", lançado em 08 de abril de 1991.

Criador e editor do D.O. CULTURA, suplemento literário do "Diário Oficial do Estado de Mato Grosso".

JUBILEU DE DIAMANTE



| | |
|--|--|
| Patrono: Antônio Corrêa do Couto | Ocupantes: Archimedes Pereira Lima José Eduardo do Espírito Santo |
|--|--|

José Eduardo do Espírito Santo

Antônio Corrêa do Couto

Antonio Corrêa do Couto, patrono da Cadeira nº 13 da Academia Mato-grossense de Letras, representa a quarta geração da família Corrêa da Costa e a terceira geração da família Couto, duas das mais antigas e tradicionais do Estado de Mato Grosso.

Foram seus bisavós o capitão Francisco Corrêa da Costa, nascido na Vila de Maçarelos, bispado do Porto, em Portugal, que veio para Cuiabá em data não identificada e que aqui faleceu por volta de 1.800 e Maria Tereza de Jesus, natural de Cuiabá, filha de pais naturais de São Paulo, que chegaram a esta cidade também em data não identificada.

Seus avós foram Gertrudes Maria de Jesus, filha mais velha de Francisco Corrêa da Costa e Maria Tereza de Jesus, e o capitão de milícia José do Couto da Encarnação, tronco da família Couto em Mato Grosso e, seus pais, Vitoriano José do Couto e Ana Luíza Tereza da Silva.

Antônio Corrêa do Couto nasceu em Cuiabá no dia 2 de novembro de 1827, sendo batizado nesta mesma cidade no dia 7 de janeiro de 1828. Faleceu em Cáceres, aos 52 anos de idade, no dia 5 de julho de 1879. Formou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo e casou-se, pela primeira vez, no Rio de Janeiro, aos 24 anos de idade, com Antonia Gonçalves, tendo desse casamento um filho de nome Lauro, batizado na Catedral de Cuiabá, com quatro meses de idade, no dia 1º de maio de 1851.

Casou-se nesta capital, pela segunda vez, em data não identificada, com Maria Amélia, nascida em Cuiabá, transferindo-se, em seguida, para a cidade de Cáceres. Ali, em 1873, nasceu o seu segundo descendente, batizado com o nome de Antônio Corrêa do Couto Filho, que se casou com Maria da Glória Faria Couto, cuiabana de nascimento e filha de Nonato de Faria, um dos combatentes da Guerra do Paraguai. Antônio Corrêa do Couto Filho, que morreu em 1933, aos 60 anos de idade, teve sete filhos, todos cacerenses, dos quais dois homens e sete mulheres, estando viva, hoje, apenas, a professora Perolina Faria Couto Curvo, residente há muitos anos em Cuiabá, casada com o ex-vereador Edgard Curvo e mãe de três filhos -Rafael, Edna e Ana, bisnetos, portanto, do patrono da Cadeira nº 13 desta Academia de Letras.

A professora Perolina Faria Couto Curvo veio para Cuiabá ainda muito jovem, a conselho do pai, e aqui estudou na antiga Escola Normal "Pedro Celestino", onde se formou. Depois de amanhã, 29 de junho, Dia de São Pedro - dai a origem de seu nome - a única neta viva de Antônio Corrêa do Couto vai comemorar o seu setuagésimo sexto aniversário de nascimento, entre familiares e amigos que muito a estimam como esposa, avó e companheira, e que muito nos honra, hoje, com a sua presença nesta Casa.

Antônio Corrêa do Couto, além de advogado militante e "um homem de muitas atividades", como nos conta o acadêmico Aduino Alencar, foi também Promotor Público, deputado à Assembléia Geral Legislativa, exercendo o mandato na cidade do Rio de Janeiro, entre 1858 e 1863, ainda no tempo do Brasil Império. Foi também um jornalista atuante, tendo fundado dois jornais: o primeiro em Cuiabá - "O Guaicuru"- oficialmente lançado no dia 30 de junho de 1870, portanto há 126 anos, e, o segundo, em Cáceres, logo após a sua transferência definitiva para aquela cidade.

Escreveu pelo menos dois grandes trabalhos: "*Questões de Direito*" e "*Dissertação Sobre o Atual Governo da República do Paraguai*", este último impresso na cidade do Rio de Janeiro em 1865, segundo o historiador Estevão de Mendonça, "contendo valiosos subsídios sobre a invasão inimiga, resistência do Forte de Coimbra e evacuação da Vila de Corumbá".

Certamente por influência de José Antonio Saraiva - o Conselheiro Saraiva da história brasileira - de quem teria sido amigo pessoal e contemporâneo na Faculdade de Direito de São Paulo, Antônio Corrêa do Couto foi nomeado Presidente da Província do Piauí, em pleno exercício do mandato de deputado à Assembléia Geral Legislativa, por Carta Imperial de 10 de novembro de 1858, assumindo aquela alta função no dia 23 de janeiro de 1859 e nela permanecendo, no cumprimento de uma missão, até 27 de junho daquele mesmo ano, quando foi exonerado pelo Decreto Imperial de 16 de maio de 1859, sendo então substituído pelo 3º Vice-Presidente daquela Província, comendador Ernesto José Baptista, a quem deixou um circunstanciado relatório sobre a situação administrativa e financeira da Província.

Não há registro histórico para confirmar tais fatos, mas parece inegável que foi a sua amizade com o Conselheiro Saraiva que lhe abriu os caminhos da representação política, primeiro como deputado e, depois, como Presidente do Piauí. Ele foi o quinto Presidente daquela Província a administrá-la, temporariamente, da cidade de Teresina, fundada e transformada em Capital do Piauí, com a sua transferência de Oeiras, em agosto de 1852, por iniciativa do seu então Presidente, o baiano José Antonio Saraiva, que se transformaria, posteriormente, num dos grandes estadistas do Império, tendo sido por seis vezes ministro de Estado, presidente do Conselho de Ministros em dois Gabinetes, o de março de 1880 e o de maio de 1885, Presidentes das Províncias de Alagoas, Piauí, Pernambuco e São Paulo e a quem o Imperador Pedro II, em termos dramáticos, apelou no dia 15 de novembro de 1889 para que formasse um novo ministério, em substituição ao do Visconde de Ouro Preto, deposto pela tropa sob o comando do marechal Deodoro da Fonseca, alagoano de nascimento, que anos atrás havia se casado em Cuiabá, onde serviu como oficial do Exército brasileiro. O apelo do Imperador ao Conselheiro Saraiva, naquele momento, não tinha mais sentido, pois a República, sonhada por muitos, acabara de ser proclamada.

Certamente também por iniciativa de José Antonio Saraiva - e em homenagem ao correligionário, seis anos depois de Antônio Corrêa do Couto haver deixado a Presidência do Piauí - partiu daquela Província um contingente de 234 homens da pequena Vila de Santa Filomena, distante 1.200 quilômetros do litoral, formando dois corpos de Voluntários da Pátria que iriam, aqui em Mato Grosso, participar da defesa do solo brasileiro, durante a Guerra do Paraguai.

Antônio Corrêa do Couto não foi apenas uma figura ilustre da vida pública deste Estado, mas também um dos grandes oradores de seu tempo, ao lado de Gabriel Getúlio Monteiro de Mendonça, Antonio Navarro de Abreu e José Maria Metelo, como relata o acadêmico Rubens de Mendonça em seu livro "História do Poder Legislativo de Mato Grosso".

A sua atuação como representante de Mato Grosso junto à Assembléia Geral Legislativa sempre foi das mais brilhantes, participando com um entusiasmo incomum das sessões em que se discutiam temas do mais alto interesse do Império e do país. Dificilmente faltava às sessões, o que representaria, em nossos dias, um exemplo para muitos congressistas que teimam em considerar as casas legislativas, que deveriam freqüentar com mais assiduidade, em locais destinados tão somente a atividades que não se coadunam muito (ou quase nada) com a representação que lhes foi outorgada pelo povo. Na sessão do dia 25 de agosto de 1858, por exemplo, ficou registrado nos anais da Assembléia um comunicado do parlamentar mato-grossense em que ele informava não estar podendo comparecer às sessões "por incômodos em sua saúde".

Ao longo de seu mandato ele foi por diversas vezes nomeado membro de Comissões de Deputados designadas para apresentar, à Sua Majestade o Imperador, a resposta da Assembléia Geral Legislativa à *fala do trono*, participando igualmente, em diversas outras ocasiões, demonstrando o prestígio de que gozava entre os seus pares, de comissões ora encarregadas de opinar sobre os negócios do Império e até mesmo sobre o seu orçamento e contas, ora para tratar dos mais diferentes assuntos de interesse do governo ou do parlamento.

Foi autor de várias emendas ao orçamento do Império, aprovadas em sua grande maioria, destacando-se, entre elas, a consignação de verbas para a Igreja de São Gonçalo, na

antiga Freguesia de Pedro II, em Mato Grosso, para a matriz de Nossa Senhora do Rosário, em Poconé, e para a matriz da Vila do Alto Paraguai, em Diamantino. Na sessão de 21 de julho de 1858, durante a discussão da proposta orçamentária do Império, fixando receita e despesa da administração para o exercício de 1859/1860, Antônio Corrêa do Couto conseguiu, também através de emenda, fazer nela constar uma verba de oitenta contos de réis “para continuação do encanamento das águas do ribeirão Mutuca para a cidade de Cuiabá”, obra, ao que parece, jamais concluída. Posteriormente, na sessão do dia 27 de junho de 1862, já praticamente no final de seu mandato, teve também aprovada uma emenda ao orçamento do Império, destinando 10 contos de réis “para a conclusão das obras do Seminário Episcopal de Cuiabá”, que imagino ser o antigo “Seminário da Conceição”, localizado na “Colina das Estrelas” de Dom Francisco de Aquino Corrêa, ao lado da Igreja do Bom Despacho, uma das mais lindas igrejas até hoje construídas nesta Capital.

O primeiro grande pronunciamento de Antônio Corrêa do Couto, da tribuna da Assembléia Geral Legislativa, ocorreu no dia 2 de agosto de 1858. Foi iniciado com aquele jeito característico do bom orador: no começo, uma fala modesta; depois, o domínio quase que completo do ambiente, pela utilização de uma seqüência impressionante de dados e argumentos em defesa daquilo que pleiteava ou sustentava em favor de Mato Grosso ou do país.

- *“Parecerá temeridade, Senhor Presidente, tomar eu parte nesta discussão, depois do eloqüente discurso que a Câmara acaba de ouvir”- afirmou o representante mato-grossense. “Mas apesar desta circunstância, apesar de meu acanhamento natural, julgo dever usar da palavra, tanto mais quando não posso prescindir de fazer algumas considerações a respeito de certos negócios tendentes à minha Província”.*

- *“Conheço, Senhor Presidente - prosseguiu - que não tenho o poderoso apoio de um nome prestigioso, nem eloqüência e beleza de estilo. Não tenho a prática de falar em público. Conheço, em uma palavra, que é uma ousadia levantar-me para discutir perante uma Câmara tão ilustrada, mas procurarei atenuar esta minha ousadia, declarando que, sendo certo que a razão sempre se submete à evidência, à verdade, procurarei fazer com que minhas observações sejam a expressão fiel da mesma verdade, enunciadas com aquela singeleza que me caracteriza, mesmo porque, Senhor Presidente, eu aprecio mais a naturalidade de Demóstenes, alterada às vezes pelo fogo do seu patriotismo, do que a doçura, a arte e a regularidade de Cícero. Assim também procurarei captar a benevolência da Câmara, procurando apoiar as minhas humildes pretensões nos sólidos alicerces da justiça, pois estas minhas humildes pretensões ou terão por alvo os interesses da nação, ou os da província que me fez a honra de distinguir”.*

Inúmeros outros pronunciamentos foram feitos pelo deputado. Em um deles, na sessão de 30 de julho de 1861, num debate com o então Presidente do Conselho de Ministros, Corrêa do Couto defendeu um ministério que fosse, pela maioria de seus membros, mais atuante e também mais enérgico em suas decisões.

- *“O ministério - disse ele - tem por fim executar a constituição e as leis, fazer justiça, economizar severamente os dinheiros públicos”... mesmo porque, acrescentou, “a justiça não repele a energia; pelo contrário, para que se possa ser enérgico é necessário que, primeiramente, se tenha sido justo”.*

No dia 20 de junho de 1862, ao fazer uma análise a respeito da situação em que viviam diversas regiões do país, fruto de intensas disputas de interesse meramente político, Corrêa do Couto lamentou aqueles acontecimentos, dizendo que “as oposições pessoais trazem

males incalculáveis ao país, despertam ódios e ressentimentos já adormecidos pela ação calma do tempo.

- "Ainda tenho em lembrança - observou - que em lugares afastados desta corte e das grandes capitais das Províncias, lugares que são justamente os pontos que mais devem merecer a atenção dos legisladores, ainda tenho em lembrança, repito, as conseqüências terríveis das lutas passadas nessas paragens; por aí, os pais muitas vezes viviam em guerra aberta com os filhos, irmãos contra irmãos... Em virtude da intolerância política observou-se no interior do país que muitas vezes deixava-se de acompanhar à sepultura o cadáver de um homem, aliás de muito merecimento social, só porque tinha pertencido à política adversa - a tal ponto tinha o império das paixões sufocado os ditames da razão".

As intervenções de Antônio Corrêa do Couto nos debates ou no encaminhamento de propostas à Assembléia Geral Legislativa sempre tiveram como características a lucidez, que impressionava, e a coragem não muito comum nos homens públicos daquele período de nossa história. Não foi apenas uma vez, mas inúmeras as vezes em que ele denunciou atos de corrupção que atingiam os interesses da Província, incluindo nessas denúncias até mesmo o então Presidente de Mato Grosso.

Um exemplo de sua coragem, que não posso deixar de mencionar: na sessão do dia 2 de agosto de 1858, a qual já me referi, quando discutia com o ministro da Marinha a conveniência de se armar melhor Mato Grosso para, no mínimo, defender-se diante de uma possível invasão do Paraguai, o que afinal acabou acontecendo em meados de 1864 para se configurar, definitivamente, em janeiro de 1865, Antônio Corrêa do Couto, que se aperfeiçoou no estudo do relacionamento do Brasil com aquela República, estranhou o fato de o Império, até então, não haver tomado a menor providência para fabricar no Arsenal de Guerra, aqui existente, mediante o aproveitamento das "excelentes minas de ferro" da Província, pelo menos "as balas de artilharia", em lugar de as remeter do Rio de Janeiro, possibilitando também dessa forma, como disse, a criação de "uma oficina de fundição em Mato Grosso".

O seu argumento final, de um homem público aparentemente simples do interior brasileiro, diante de um ministro, além de surpreender, acabou por desarticular qualquer saída imaginada pelo representante do Império, por mais rápido que fosse o seu raciocínio.

- "Note V. Ex^a - falou energicamente e com absoluto conhecimento de causa o deputado Corrêa do Couto - que uma bala, que tem de peso uma arroba, não pode custar aqui (referia-se ao Rio de Janeiro) mais de dois réis. Entretanto, para chegar a Mato Grosso, depende-se, com a sua condução, seguramente vinte réis", isto é, dez vezes mais do que o valor do produto.

Há 138 anos, portanto, pelo que revelam esses documentos que apenas agora são recuperados por Mato Grosso, o deputado Antônio Corrêa do Couto já criticava o Poder Central, de forma clara, direta e objetiva, pela sua total insensibilidade em relação a este Estado, aos seus problemas, às necessidades de seu povo e de sua economia, ainda hoje submetida, por vontade não se sabe de quem, a uma espécie de controle draconiano, ao mesmo tempo cruel e indecoroso, do ponto de vista político, que não lhe permite ter mais do que o pouco que possui, depois de muita luta, senão contentar-se com o mínimo que já recebeu.

Aqui, como já reclamava, a seu modo, Antônio Corrêa do Couto, não se pode ter e nem se buscar soluções inteligentes para nada - nem para o abastecimento energético do Estado, sujeitando-o sempre aos caprichos de meia dúzia de burocratas brasilienses; não se pode ter nem boas estradas, pelo menos bem conservadas, para permitir o escoamento da crescente produção mato-grossense; nem ferrovia, pela qual se luta praticamente há mais de 140 anos e muito menos

hidrovias, independente dos inúmeros e volumosos cursos d'água aqui existentes e inaproveitados como caminhos naturais.

E nem o Estado pode receber, dentro de procedimentos burocráticos comuns, os créditos que a União insistentemente não lhe paga desde o tempo da divisão e nem contar o Estado, o que é de se lamentar, com recursos suficientes para aplicação em áreas vitais para o seu desenvolvimento e crescimento econômicos, como educação, saúde e saneamento, para não se falar no plano que se executa, a partir de Brasília, destinado ao esvaziamento da nossa UFMT a fim de prepará-la para a privatização, como se faz arditosamente com inúmeras outras universidades públicas e empresas estatais, daqui e de toda parte, como desejam e impõem, no cumprimento de estranha missão, os que desfrutam temporariamente do poder.

No seu tempo, como lhe exigia a consciência, Antônio Corrêa do Couto também se rebelou contra este tipo de tratamento que se dispensava à antiga Província de Mato Grosso, não se sujeitando jamais, pelo que se depreende de seus pronunciamentos como deputado, nem mesmo a determinadas lideranças políticas, do Império e da Província.

Talvez por isso, pela sua independência pessoal e política, Corrêa do Couto, por pouco, não teve o seu mandato de deputado cassado em abril de 1861, em razão de desarticuladas e infundadas denúncias sobre irregularidades que teriam se verificado nas últimas eleições no Estado, nas quais procurou-se envolver diretamente o seu nome.

Durante mais de um mês essas denúncias foram esmiuçadas pela Assembléia Geral Legislativa, concluindo-se, porém, durante a sessão do dia 10 de maio daquele mesmo ano, que nada do que se denunciou teve a menor influência no “resultado da eleição”, sendo Corrêa do Couto, em vista disso, “reconhecido deputado à Assembléia Geral Legislativa pela Província de Mato Grosso”.

Há muito o que se falar e há muito o que se contar sobre Antônio Corrêa do Couto para que se possa, na verdade, conhecê-lo melhor e saber, enfim, em seus mínimos e preciosos detalhes, das razões que levaram os fundadores desta Casa a homenageá-lo, conferindo-lhe a condição de Patrono da Cadeira nº 13 desta Academia de Letras.

Archimedes Pereira Lima

O acadêmico e jornalista Archimedes Pereira Lima nasceu em Campo Grande (hoje Capital do Estado de Mato Grosso do Sul) a 1º de janeiro de 1910, filho de Francisco Pereira Lima e Ana Mendes Lima. Fundou e dirigiu os jornais “O Correio do Sul”, em 1929, de Campo Grande; “Folha do Sul”, em 1935, de Aquidauana; “O 9 de Julho”, em 1935, de Campo Grande; “O Estado de Mato Grosso”, em 1939, de Cuiabá; e “Diário de Mato Grosso”, em 1976, de Cuiabá. De 1937 a 1939, foi redator dos jornais “Gazeta de Notícias” e “Diretrizes”, tradutor da Agência Havas (hoje Agência France-Presse) e colaborador do jornal “Correio da Manhã”, todos do Rio de Janeiro. Nos últimos anos de sua vida, escreveu nos jornais “Correio do Estado”, de Campo Grande; “O Estado de Mato Grosso”, “Diário de Cuiabá” e “A Gazeta”, todos de Cuiabá. Foi registrado na Associação Brasileira de Imprensa sob a matrícula nº 3.798, recebendo a carteira nº 1.375, em 1937. O seu registro profissional na Delegacia Regional do Trabalho recebeu o nº 02, em 1939. Foi, sem a menor dúvida, o maior jornalista de Mato Grosso da sua geração.

Como advogado provisionado pelo Tribunal de Justiça de Mato Grosso, foi promotor de Justiça interino na Comarca de Nioac (Mato Grosso do Sul atualmente), de 31 de dezembro de 1934 a 28 de maio de 1935, como também tabelião de Notas, do 4º Ofício, da Comarca de Corumbá (também Mato Grosso do Sul), de 19 de agosto de 1941 a 3 de julho de 1942.

No serviço Público, o jornalista Archimedes Pereira Lima deixou larga folha de competência e honestidade. O seu primeiro cargo foi de Secretário da Escola Normal de Campo Grande, de primeiro de julho a 17 de dezembro de 1930. De 25 de junho a 21 de setembro de

1935 foi diretor do Grupo Escolar Antonio Corrêa, de Aquidauana (Mato Grosso do Sul). Foi diretor da atual Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso, que ele reformulou, de 5 de outubro de 1937, deixando o cargo em 1941, quando foi para Corumbá, reassumindo as funções no dia 3 de julho de 1942, e ali permaneceu até o dia 2 de abril de 1946.

De 19 de agosto de 1946 a 3 de abril de 1947, exerceu as funções de Secretário de Estado de Agricultura, Indústria, Comércio, Viação e Obras Públicas, a super-secretaria do governo Júlio Strubing Müller. Foi nomeado presidente da Fundação Brasil Central no dia 12 de fevereiro de 1951, permanecendo no cargo até o dia 2 de setembro de 1954. Foi ainda, no vizinho Estado de Goiás, delegado regional do ex-IAPC, de 5 de dezembro de 1957 a 8 de julho de 1958, e delegado regional do ex-IAPI, de 13 de maio de 1959 a 2 de março de 1961.

Ocupando cargos da maior importância, o sempre jornalista Archimedes Pereira Lima foi secretário de Indústria e Comércio e chefe do Escritório de Representação de Goiás em Brasília, durante o ano de 1961, assumindo em 1962 as funções de presidente do Instituto de Desenvolvimento Agrário do Estado de Goiás. De 1962 a 1964 foi o secretário de Agricultura e Reforma Agrária de Goiás, no governo do seu particular amigo Mauro Borges. Voltou ao serviço público no dia 4 de março de 1977, para exercer, em comissão, o cargo de chefe da Casa Civil do Governo Garcia Neto, permanecendo no cargo até o dia 4 de agosto de 1978.

Também existe o jornalista Archimedes Pereira Lima político. Além de ser um dos fundadores do Partido Trabalhista Brasileiro em Mato Grosso, ao lado do ex-interventor federal Júlio Strubing Müller, foi candidato a deputado federal em Goiás, pelo mesmo PTB, sem êxito, ao lado do seu amigo Pedro Ludovico. Mais tarde, no Governo José Garcia Neto, voltou à política mato-grossense sob a égide da Aliança Renovadora Nacional e se candidatou a suplente de senador na chapa liderada pelo próprio governador. Desencantado com a política, voltou às suas atividades empresariais.

O jornalista Archimedes Pereira Lima se notabilizou, também, como homem de empresa. A sua primeira experiência mais significativa nessa área foi na região do rio Arinos, onde, com um empreendimento, extraiu e transportou borracha, participando do esforço brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial. A segunda experiência foi nas funções de diretor-presidente da Usina Central Sul Goiana, em Santa Helena, no Estado de Goiás, onde as atividades da vida pública eram mais atraentes naquele ano de 1961. Quatro anos depois ele retornava a Mato Grosso com uma farta bagagem de administrador. De 27 de fevereiro de 1965 a 15 de junho de 1966, criou, instalou, inaugurou e fez funcionar a Usina de Açúcar de Jaciara S.A., o primeiro grande esforço mato-grossense na área empresarial, mas ligada administrativamente ao Governo do Estado. Decidido a implantar um empreendimento ainda maior, no dia 4 de janeiro de 1967 ele reuniu um grupo de amigos e fundou a Companhia Cervejaria Cuiabana, um sonho quase inatingível naquela época. Enfrentando os mais diversos problemas, conseguiu inaugurar a indústria, já produzindo, no dia 12 de dezembro de 1973. A morte veio lhe encontrar já aposentado, mas ainda trabalhando na Companhia Cervejaria Cuiabana, onde foi mantido mesmo depois que o controle acionário da empresa passou para a Brahma.

Com todos esses sucessos, a classe empresarial mato-grossense reconheceu os seus méritos e lhe entregou importantes missões. Foi presidente do Sindicato das Indústrias de Alimentação de Mato Grosso, vice-presidente e um dos fundadores da Federação das Indústrias no Estado de Mato Grosso, diretor-suplente da Confederação Nacional da Indústria, que lhe outorgou no dia 25 de julho de 1990 a Medalha da Ordem do Mérito Industrial, no Grau de Comendador. Ao lhe comunicar a homenagem, o sr. Mário Amato, presidente em exercício da entidade, afirmou: "Esta justa e merecida homenagem é o reflexo da segura orientação que Vossa Senhoria vem transmitindo, ao longo de tantos anos, às empresas sob sua direção, bem como o reconhecimento da importante firmeza com que atua à frente de associações de classe, órgãos públicos e autárquicos, e dos relevantes serviços que presta às culturas mato-grossense e brasileira, no exercício das funções de jornalista e de membro da Academia Mato-grossense de Letras". Recebeu, também, a Medalha do Mérito Industrial Júlio Müller, conferida pela Federação das Indústrias no Estado de Mato Grosso.

Ainda na área empresarial, o jornalista Archimedes Pereira Lima foi presidente da Associação Comercial de Cuiabá, depois de ser seu diretor e vice-presidente em vários mandatos anteriores. Exerceu, também, a presidência da Federação das Associações Comerciais de Mato Grosso. Mais um troféu foi acrescido à sua rica e vasta galeria. No dia 28 de julho de 1981, a Associação Comercial de Cuiabá lhe outorgou o Troféu Mérito Empresarial Archimedes Pereira Lima, que desde então é entregue a todos os empresários que se destacam em Mato Grosso nas suas atividades comerciais.

O jornalista Archimedes Pereira Lima foi ainda estrela de primeira grandeza da cultura mato-grossense. Quando faleceu, exercia os cargos de primeiro vice-presidente da Academia Mato-grossense de Letras e de primeiro vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Publicou os seguintes opúsculos: *“Um Ponto de Vista (A Propósito da Questão Separatista)”*, em 1937; *“A Companhia Mate-Laranjeira Vista por um Repórter”*, em 1939; *“Problemas Mato-grossenses”*, em 1941; *“Arnaldo Serra”*, em 1944; *“A Batalha da Borracha em Mato Grosso”*, em 1945; *“Goiás, a Um Passo da Reforma Agrária”*, em 1961; *“Homenagem a um Trabalhador”* e *“Edgard Vieira, um Realizador”*, em 1976 e *“Alerta a Garcia: Perigo à Vista”*, em 1977. É incontável o número de editoriais, artigos e notícias que ele escreveu em diferentes jornais de Cuiabá, Campo Grande, Rio de Janeiro, São Paulo e Goiânia. Ainda na área cultural, recebeu a “Medalha do Sesquicentenário da Independência”, da Universidade Federal de Mato Grosso, e “Medalha Imperatriz Leopoldina”, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Várias obras suas foram publicadas nas Revistas da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Exerceu, ainda, os seguintes cargos: membro do Conselho Diretor da Fundação Cultural de Mato Grosso, membro do Conselho Diretor da Fundação de Pesquisas Cândido Rondon, membro do Conselho Editorial da Universidade Federal de Mato Grosso, membro do Conselho Diretor da SUDECO, representando Mato Grosso, membro do Conselho Diretor da SUDAM, representando Mato Grosso, e presidente do Sindicato dos Jornalistas de Mato Grosso, em 1939, que não chegou a funcionar devido às dificuldades políticas da época, diretor do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda em Mato Grosso, e vários outros no Rotary Clube de Cuiabá, onde foi um dos seus fundadores, e no Conselho Diretor da Fundação Brasil Central.

Pelo brilhante desempenho nas suas mais diferentes atividades, o jornalista Archimedes Pereira Lima recebeu a cidadania honorária de Cuiabá e Barra do Garças, em Mato Grosso, de Aragarças, em Goiás, e do Texas, nos Estados Unidos, conferido pelo governador John Conally, depois de estagiar na Agriculture and Mecanic College Station, naquele estado norte-americano. Ainda nos Estados Unidos, a convite do Departamento de Estado, quando era secretário de Agricultura e Reforma Agrária do Estado de Goiás, teve a oportunidade de visitar várias universidades rurais, onde proferiu palestras sobre o desenvolvimento brasileiro. Esteve, também, na Alemanha, quando das negociações com o Dresden Bank para a importação dos equipamentos destinados à implantação e funcionamento da Companhia Cervejaria Cuiabana, em 1970, oportunidade em que visitou Essen, Dusseldorf, Munique e Hamburgo.

Embora possuindo um dos currículos mais brilhantes da sua geração, o jornalista Archimedes Pereira Lima sempre lembrava e exaltava “o seu ofício”, destacando o jornalista que ele jamais deixou de ser. O seu exemplo e a sua palavra estão nesta pesquisa. São lições de mestre, enriquecidas por uma longa experiência reservada apenas aos escolhidos. Pela glória do mestre, quem pede a palavra hoje sou eu, na esperança de corresponder aos ensinamentos recebidos.

(Jucá, Pedro Rocha. Exemplo e Palavra de Jornalista. Editora Memórias Cuiabanas, 1995. 267 p.)

José Eduardo do Espírito Santo

1 - IDENTIFICAÇÃO

- 1.1 - Nome: José Eduardo do Espírito Santo
- 1.2 - Data do nascimento: 15 de outubro de 1936
- 1.3 - Local do nascimento: São José do Rio Preto/SP
- 1.4 - Filiação: Justino Moreira do Espírito Santo
Marcília Bicalho do Espírito Santo
- 1.5 - Estado civil: casado
- 1.6 - Nome da esposa: Leni Leite do Espírito Santo
- 1.7 - Nome dos filhos: José Eduardo do Espírito Santo Júnior; Patrícia Cristina do Espírito Santo; Vera Helena do Espírito Santo e Paula Cristina do Espírito Santo.

2 - ATIVIDADES PROFISSIONAIS

- 2.1 - Jornalista profissional, registrado na DRT/SP, em 01/12/60, sob o nº 7.416
- 2.2 - Redator dos jornais "A Tribuna", "Diário da Tarde", "Correio da Araraquarense", "Diário da Região" e das Rádios Difusora e Independência, todos de São José do Rio Preto/SP
- 2.3 - Repórter-correspondente do jornal "Última Hora"/SP, na região da Alta Araraquarense
- 2.4 - Chefe do Departamento de Jornalismo e diretor da Rádio Difusora Bom Jesus de Cuiabá/MT
- 2.5 - Correspondente de "O Globo", em Cuiabá/MT
- 2.6 - Chefe do Departamento de Jornalismo e diretor da TV Centro América, de Cuiabá/MT
- 2.7 - Redator do jornal "Correio da Imprensa", de Cuiabá/MT
- 2.8 - Colunista do jornal "A Hora dos Municípios" de Cuiabá/MT
- 2.9 - Chefe da Sucursal do "Diário de Cuiabá", em Brasília
- 2.10 - Colunista do jornal "Correio da Semana", de Cuiabá
- 2.11 - Colunista do jornal "A Crítica", de Cuiabá/MT
- 2.12 - Colunista do jornal "Correio de Mato Grosso", de Cuiabá/MT

3 - CARGOS E FUNÇÕES PÚBLICAS

- 3.1 - Secretário do Colégio Estadual de Santa Fé do Sul/SP
- 3.2 - Vereador e vice-presidente da Câmara Municipal de São José do Rio Preto/SP
- 3.3 - Assessor de Imprensa da Casa Civil do Governo do Estado de Mato Grosso - Administração Pedro Pedrossian.
- 3.4 - Assessor de Imprensa da Casa Civil do Governo do Estado de Mato Grosso - Administração José Fragelli
- 3.5 - Redator e Chefe da Sucursal da Agência Nacional e da EBN, em Cuiabá/MT (Concurso DASP)
- 3.6 - Servidor Público Federal (Jornalista) - Universidade Federal de Mato Grosso, em Cuiabá (Aposentado)
- 3.7 - Membro e relator do GT/UFMT que estudou a criação do Curso de Comunicação Social na Universidade Federal de Mato Grosso/Portaria nº 0353/83-R, de 06.10.83, do Reitor Benedito Pedro Dorileo
- 3.8 - Membro e coordenador do GT/Transportes - Os caminhos de Mato Grosso/Portaria GR - nº 356, de 13.06.94 da Reitora Luzia Guimarães
- 3.9 - Membro do Grupo de Estudos da Universidade Federal de Mato Grosso que visitou a região Norte do Estado visando propor alternativas para a retomada da presença da UFMT no município de Aripuanã

3.10 - Assessor Técnico do Senado Federal - Gabinete do Senador Vicente Vuolo - nomeado pelo Ato nº 51, de 22.05.81, do Presidente do Senado Federal

3.11 - Chefe de Gabinete da Presidência da Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso/Dez/87/Março/88

4 - PRINCIPAIS TRABALHOS PUBLICADOS

4.1 - Co-autor (textos e composições literárias) - do Manual Pedagógico de Artes Aplicadas - Editora Escola Pedagógica/SP - 1965

4.2 - Ferrovia Cuiabá/São Paulo - Jornal "Dia e Noite", de São José do Rio Preto/SP

4.3 - A Divisão de Mato Grosso - jornal "Dia e Noite" de São José do Rio Preto/SP

4.4 - O inferno e o desespero do Pantanal/Sobre as barragens construídas na região de Poconé/MT - série publicada no jornal "Correio da Imprensa", de Cuiabá/MT - 02.03 a 10.03.79.

4.5 - A vida e a morte de uma cidade/Barão de Melgaço/MT e seus problemas - série publicada no jornal "Correio da Imprensa", de Cuiabá/MT de 16.06 a 22.06.79

4.6 - Um negócio acima da imaginação/Cotriguaçu - série publicada no jornal "Correio da Imprensa", de Cuiabá/MT, de 07.10 a 12.10.80

4.7 - Análise crítica da legislação que regulamentou a profissão de jornalista, com sugestão de novo decreto/Setembro de 1981

4.8 - O jornal como veículo de divulgação - palestra na I Semana de Propaganda da UFMT - 2.10.82

4.9 - O drama e a esperança do Vale do Guaporé - jornal "A Hora dos Municípios", de Cuiabá/MT - de 16.03.84

4.10 - Por onde vem o trem? - série publicada no jornal "Diário de Cuiabá" - março/abril de 1987

4.11 - O escândalo das terras - série publicada no "Diário de Cuiabá" - 22 a 24.05.87

4.12 - Passarinho quer tirar MT da Sudam - "Correio da Semana", de Cuiabá - 24.06.91

4.13 - O Curso de Comunicação Social na UFMT - Palestra - 23.10.91

4.14 - A Ferrovia Ainda Existe? - série publicada no jornal "A Crítica", de Cuiabá - de 24.01 a 14.03.94

4.15 - O Poder dos Bancos - série publicada no jornal "A Crítica" de Cuiabá, 23.01 a 13.02.95

4.16 - As Minas de Urucum - série publicada no jornal "Correio de Mato Grosso" - Dez/94

4.17 - As terras de Aripuanã - série publicada no jornal "Correio de Mato Grosso", de Cuiabá - 23.01 a 20.02.95.

4.18 - Os Caminhos de Mato Grosso - "Correio da Semana"- Cuiabá - 10.06.95

4.19 - A MT-100, a MS-306 e o novo Plano Nacional de Viação - "Correio da Semana"- Cuiabá - 31.07.95

4.20 - De quem é a culpa? Série sobre o aproveitamento energético do rio Araguaia - "Correio da Semana"- Cuiabá - julho de 96

4.21 - O sucateamento da Cemat - Série - "Correio da Semana"- Cuiabá - julho de 96

4.22 - Ferrovia - Destruição consentida - "Correio da Semana"- Cuiabá - julho/agosto de 96

5 - VIDA SINDICAL

5.1 - Associação Paulista de Imprensa - Matrícula nº 4.338 (licenciado)

5.2 - Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo - Matrícula nº 2.415 (licenciado)

5.3 - Sócio-fundador da Associação Profissional dos Trabalhadores em Empresas Jornalísticas do Estado de Mato Grosso

5.4 - Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de Mato Grosso - Matrícula nº 047

5.5 - Presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de Mato Grosso - (80/83 e 83/86)

5.6 - Delegado-Representante do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de Mato Grosso (efetivo) junto à Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais (80/83 e 83/86)

6 - CONGRESSOS E SEMINÁRIOS

6.1 - Congressos, Seminários e Conferências realizados em diversas cidades brasileiras, como representante do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de Mato Grosso.

6.2 - II Seminário Sobre o Plano Nacional de Viação - Região Centro-Oeste - realizado em Cuiabá-MT - sob o patrocínio da Comissão de Transportes da Câmara dos Deputados, de 25 a 28 de setembro de 1975

7 - MISSÕES INTERNACIONAIS

7.1 - Membro da comitiva do governador do Estado de Mato Grosso, José Fragelli, que visitou a cidade de La Paz/Bolívia, em novembro de 1972

7.2 - Membro da comitiva do governador do Estado de Mato Grosso, José Fragelli, que visitou a cidade de Santa Cruz de La Sierra/Bolívia, em setembro de 1974.

8 - HONRA AO MÉRITO

8.1 - Certificado de Honra ao Mérito outorgado pela Fundação para a Conservação da Natureza, do Estado do Mato Grosso do Sul, pelos serviços prestados ao Comitê de Defesa do Pantanal

9 - RESIDÊNCIA

9.1 - Rua Thogo da Silva Pereira, 427 - Aptº 602 - 78.020/500 - Cuiabá-MT - Fone (065) 322.3783

10 - OUTRAS INFORMAÇÕES

10.1 - Iniciou suas atividades, como jornalista, no jornal "A Tribuna", de São José do Rio Preto/SP, em 1954, completando 42 anos ininterruptos de exercício profissional, em 1996.

10.2 - Foi vereador em São José do Rio Preto/SP, eleito pelo extinto PTB em outubro de 1963.

Exerceu o mandato de 01.01.64 a 04.04.64 quando teve o seu mandato cassado e, em seguida, processado com base nos artigos 9º e 10º da Lei nº 1.802, de 05.01.53 (antiga Lei de Segurança Nacional)

10.3 - Reside em Cuiabá desde o dia 27 de setembro de 1966, data em que se transferiu para esta Capital a fim de trabalhar na Rádio Difusora Bom Jesus, então dirigida pelo Monsenhor Bruno Mariano.

10.4 - "A Ferrovia Ainda Existe?", série publicada no jornal "A Crítica", de Cuiabá/MT, foi classificada em 1º lugar no concurso, de âmbito nacional, promovido em junho de 1994 pelo Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias da Zona Sorocabana de São Paulo/SP

10.5 - Sócio Efetivo da Sociedade dos Amigos do Marechal Rondon - Cuiabá/MT

10.6 - Tem três netos - Camila do Espírito Santo Maciel, João Marcos do Espírito Santo Maciel e Carolina do Espírito Santo Maciel, filhos do casal João Batista de Toledo Maciel e Vera Helena do Espírito Santo Maciel.

| | |
|--|--|
| Patrono: Padre Ernesto Camilo Barreto | Ocupantes: Leovegildo Martins de Melo Ovídio de Paula Corrêa Nilo Póvoas Hélio Jacob Nilza Queiroz Freire |
|--|--|

Nilza Queiroz Freire

Padre Ernesto Camilo Barreto

Nascido na cidade de Cachoeira (BA) e falecido na cidade de Cuiabá em 26 de maio de 1896. Pertenceu à Ordem Franciscana, com o nome de Frei Ernesto de São Joaquim Barreto. Protonotário Apostólico. Secularizou-se em 1852. Lente de Teologia Dogmática e Moral.

Chegou a Cuiabá no dia 07 de agosto de 1854. Orador notável e brilhante jornalista. Foi redator do jornal "A Imprensa de Cuiabá", que combatia o Presidente da Província e Comandante das Armas, Cel. Antônio Pedro de Alencastro, que, por esse motivo, ordenou a prisão e deportação do Padre Ernesto para o Rio de Janeiro. A prisão foi efetuada no dia 26 de maio de 1861, justamente no momento em que o padre celebrava a missa do Espírito Santo. Embora surpreendido com tal violência, aceita a intimação, e, subindo primeiramente ao púlpito, orou ao evangelho, e, sem se desligar do motivo sagrado, terminou o discurso com as palavras latinas: "*Vado sed venio ad vos*" que significam: "Vou, porém, volto a vós".

Foi Deputado Provincial e Deputado Geral. Publicou os seguintes trabalhos: *Compêndio de Teologia Exegética - Religião - e Lugares Teológicos*, em 1856; *Filosofia Racional e Moral*, em 1865. Acrescentam-se mais dois trabalhos: *Teologia Dogmática* e *Manual da Língua Latina*, pelos quais se pode conferir as excelentes qualidades de talento do insigne educador e Protonotário Apostólico, bem como sua dedicação à causa sagrada e santa do ensino na nossa querida terra.

O Padre-Mestre foi considerado um dos mais valiosos fatores da formação e desenvolvimento da cultura mato-grossense; orador vibrante, ora falava sobre as excelências da razão católica em face da razão filosófica, ora ministrava aos seus alunos os rudimentos de Humanidades, estudos estes que foi um dos mais aprimorados cultores. Destacou-se como orador sacro e como Professor, sendo um dos mais respeitados Mestres de "Retórica" e "Filosofia".

Falou no lançamento da pedra fundamental do edifício do Seminário Episcopal da Conceição; como sempre, discorreu sobre a instrução e a educação da mocidade, os quais são os seus temas preferidos.

Em outras oportunidades, ensinava: "não é nos cárceres e nas enxovias que se curam os males da sociedade e se regeneram os caracteres dos homens; mas sim, na escola, nessa eterna oficina do Bem, onde se moldam os grandes paladinos do Dever, da Justiça e da Honra, os pioneiros da Paz e da Bondade, sob a influência de professores competentes e dedicados".

Exerceu sua influência moral e social, quer como ornamento do Clero Nacional, quer como jornalista de escol, vigoroso e ardente, projetando as cintilações do seu gênio nos formidáveis artigos doutrinários com que honrou a nossa imprensa, já como preceptor incansável da mocidade, onde o seu nome avulta e sublima, extremamente querido e venerado. É por isso que os mato-grossenses, ainda hoje, lhe rendem o tributo sempiterno - que não teve princípio nem há de ter fim - da sua gratidão e da sua saudade.

Leovegildo Martins de Mello

Nasceu em Itararé/SP, a 27 de julho de 1889 e faleceu na cidade de Cuiabá em 04 de agosto de 1922. Professor normalista, contratado pelo governo de Mato Grosso; fundou, em Cuiabá, o primeiro Grupo Escolar e, logo depois, a Escola Normal de Cuiabá, da qual foi diretor até fins de 1916.

Advogado provisionado, exerceu, interinamente, o cargo de promotor de Justiça de Cuiabá. Colaborou em vários jornais e revistas e fundou a Revista "Pró-Família".

Casou-se em Cuiabá com a professora Azélia Mamoré Martins de Mello, mais conhecida como "Professora Ponah", de cuja união nasceram cinco filhos: Lia, Maria Raphaela, Léo, João Batista e Leovegildo. Cheguei a conhecer os filhos do 1º Ocupante da Cadeira 14 e, também, a viúva, Profa Ponah, que passou a vestir-se de tecido preto, pelo resto de sua vida, desde que perdera o dedicado esposo.

Nilo Póvoas

Nascido em Cuiabá a 02 de outubro de 1892 e falecido na mesma cidade em 07 de abril de 1967. Professor Catedrático de Português, no Liceu Cuiabano e na Escola Normal "Pedro Celestino". Foi Professor de curso superior e particular no Rio de Janeiro. Advogado provisionado, jornalista, filólogo.

Publicou: *A política de Mato Grosso e a intervenção federal, Esboço de história da literatura brasileira*, Tese ao concurso da cadeira de português intitulada *A analogia na evolução da linguagem, Tradições que se extinguem, A suposta língua brasileira, Pedro Celestino Correia da Costa, - sua vida e seus feitos, A Independência do Brasil, Discurso à XV Turma de Professores da Escola Normal do Estado de Mato Grosso*.

Foi Delegado da Academia Mato-grossense junto à Federação das Academia de Letras do Brasil.

Devo frisar que tive a honra de ser aluna do Prof. Nilo Póvoas, quando fiz o curso ginásial, no Colégio Estadual de Mato Grosso, hoje Liceu Cuiabano. Além da sua abalizada competência, o citado professor entrava em sala de aula muito bem vestido, demonstrando esmerado cuidado consigo. Tinha muito amor à sua profissão; chegou a nos contar, **irritado**, que havia pessoa que enfrentava o Governo do Estado para pedir serviço, argumentando que aceitaria qualquer cargo, "mesmo o de Professor..."

Seu filho, o Dr. Lenine de Campos Póvoas, escreveu a respeito do saudoso pai, em 1991, quando o professor completava 100 anos. A obra intitula-se *Nilo Póvoas, um mestre*.

Hélio Jacob

Nasceu em São Gonçalo do Sapucaí/MG a 04 de abril de 1925; faleceu na mesma cidade, em 20 de abril de 1988.

Bacharel em Direito pela Universidade de Minas Gerais, exerceu a advocacia no seu Estado natal. Descendia, pelo lado materno, de Inácio José de Alvarenga Peixoto e Bárbara Heliadora.

Ocupou os seguintes cargos: Professor de Filosofia da Educação e Sociologia Educacional na Escola Normal "Bárbara Heliadora" de São Gonçalo do Sapucaí. Chegou, em 1956, a Cuiabá, onde exerceu os seguintes cargos: Professor de Inglês no Colégio Estadual de Mato Grosso; de Inglês, História e Português, no Colégio Salesiano São Gonçalo. Professor de Direito Penal na Escola de Formação de Oficiais da Polícia Militar de Mato Grosso, e Teoria Geral do Estado, Filosofia do Direito e Introdução da Ciência do Direito na Faculdade de Direito de Cuiabá, um dos embriões da Universidade Federal de Mato Grosso, onde foi professor catedrático da disciplina Direito Constitucional.

Como jornalista, trabalhou nos seguintes jornais: "O Estado de Minas", a "Folha de Minas" de Belo Horizonte. Foi diretor dos jornais "O Estado de Mato Grosso" e "Social Democrata", de Cuiabá.

Foi Auditor da Polícia Militar, Consultor Jurídico, Promotor de Justiça de Cuiabá, Consultor Geral do Estado, Diretor do Departamento Social do Comércio, Diretor do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial em Mato Grosso.

Foi Vereador à Câmara Municipal de Cuiabá de 1959 a 1963. Aposentou-se como Presidente do Tribunal de Contas do Estado de Mato Grosso.

Publicou: *Cinco limites* - romance; *História e liberdade* - conferência. Ficaram sem publicar: *Prometeu em Santa Helena* - romance histórico; *Dez canalhas românticos* - romance.

Casou-se com a cuiabana Jane Blanche Caldas Miguéis, de cuja união nasceram seus filhos: Marco Polo, Eduardo Henrique, Márcia Valéria, Sérgio Túlio, Maria Aparecida e Dion Cássio, sendo que Maria Aparecida, faleceu em tenra idade. Seu filho, Eduardo Jacob, ordena, carinhosamente, os trabalhos ainda não publicados. Um deles está na fase de digitação.

Nilza Queiroz Freire

Dados Pessoais

Nascimento: Cuiabá / MT - 01/julho/1932

Filiação: Tarcilio Fernandes de Queiroz

Ana Pinto de Queiroz

Formação Escolar

Curso Primário: Escola Modelo "Barão de Melgaço".

Exame de Admissão: Escola Particular da Profa. Amélia de Arruda Alves (Profa Amelinha) - 1944.

Curso Ginásial: Colégio Estadual de Mato Grosso - 1945 a 1948.

Escola Técnica de Comércio - 1953 a 1955.

Curso Superior: Ciências Contábeis - UFMT - 1978 a 1981.

Atividades Profissionais

- Firma comercial Mattos & Nunes - 1949 a 1955.

- **SESP: Serviço Especial de Saúde Pública - Ministério da Saúde - mais tarde FSESP - 1955 a 1978;**

- **Engenharia, Comércio e Indústria Ltda. - ENCOMIND - dez/1981 a jan/1982;**

- **Escritório de Contabilidade, de Enir Duarte - Cuiabá - mar/1982 a jun/1982**

- **UFMT: Universidade Federal de Mato Grosso - 1982 até aposentar-se**

- **Cargo de Contadora junto à Gerência de Contabilidade da Coordenação Financeira;**

- Chefe da Prestação de Contas, onde se aposentou;

- Chefe da Secretaria da Reitoria - 1988 a 1992.

Cursos

1969 - Reforma Administrativa e Descentralização Regional - Ministério do Planejamento e Coordenação Geral, de 24 a 28 /nov. - Cuiabá - MT;

1978 - Desenvolvimento Brasileiro - CONVÍVIO - 1ª etapa, - UFMT, Cuiabá;

1979 - Desenvolvimento Brasileiro - CONVÍVIO - 2ª etapa - na Escola Evangélica do Buriti, no município de Chapada dos Guimarães;

1980 - Extensão/Atualização, durante a Semana do Contabilista, de 21 a 25 de abril - Cuiabá - MT;

1981 - Chefia e Liderança - CEAG (hoje SEBRAE), de 16 a 20 de fevereiro - Cuiabá - MT;

- Extensão/Atualização, durante a Semana do Contabilista, de 22 a 25 de abril - Cuiabá - MT;
- 1982 - Estrutura, Análise e Interpretação de Balanços - UFMT - de 09 a 22 de dezembro - Cuiabá - MT;
- Procedimentos Contábeis p/ Encerramento de Balanço - UFMT, de 09 a 22 de dezembro - Cuiabá - MT;
- 1983/84 - Curso de Especialização em Contabilidade - "Iato Sensu" - UFMT - de 03 de outubro de 1983 a 31 de janeiro de 1984, com apresentação da monografia "Plano de Contas" - Cuiabá - MT;
- 1986 - Chefia e Liderança - UFMT, de 25 a 29 de agosto - Cuiabá - MT;
- 1987 - Desenvolvimento Pessoal para a Liderança - UFMT - de 14 a 18 de setembro - Cuiabá - MT.

Seminários

- 1976 - "Orçamento-Programa" - 18 a 29 de outubro - João Pessoa - PB;
- 1977 - "Seleção de Pessoal" - 18 a 23 de julho - Teresina - PI;
- 1987 - "Vestibular em Debate" - 25 e 26 de agosto - Cuiabá - MT.

Congressos

- 1988 - XIII Congresso Brasileiro de Contabilidade - 18 a 23 de setembro - Cuiabá - MT;
- 1992 - XIV Congresso Brasileiro de Contabilidade - 18 a 24 de outubro - Salvador - BA.

Instituições a que se filia

- Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso - sócia efetiva
- Academia Matogrossense de Letras - sócia efetiva - Cadeira nº 14

Publicações

- "Plano de Contas" - Monografia apresentada no Curso de Especialização em Contabilidade - lato sensu - ministrado pela Universidade Federal de Mato Grosso, no período de 03/10/1983 a 31/01/1984;
- "A Escola que Vivi" - documentário a respeito da escola pública oferecida pelo Governo do Estado Mato Grosso; essa matéria foi inserida - numa montagem que interessava ao evento - no documento que percorreu 58 municípios mato-grossenses da época (ago/1985);
- "Micro Empresas como Modelo" - trabalho monográfico - baseado na experiência de serviço em empresa privada e serviço público - oferecido à FUNCEP - publicado pelo "Diário do Comércio" de São Paulo, nos dias 04 a 06 de fevereiro de 1986, na Revista "Educação em Mato Grosso", ano VIII, nº 29/85, págs 17 e 28 e comentada no jornal da cEAG (hoje SEBRAE/MT), edição mar/1986, Ano II, nº 12;
- Inúmeros artigos publicados junto aos periódicos: "Jornal do Dia" e "Diário de Cuiabá", como colaboradora.

| | |
|---|--|
| Patrono: Joaquim Mendes Malheiros | Ocupantes: Augusto Cavalcanti de Melo Francisco Alexandre Ferreira Mendes Natalino Ferreira Mendes |
|---|--|

Natalino Ferreira Mendes

Joaquim Mendes Malheiros

Joaquim Mendes Malheiros, Patrono da Cadeira nº 15, nasceu em Cuiabá, a 30 de março de 1830. Seus pais, Joaquim Mendes Malheiros e Maria Madalena de Mesquita, empenharam-se para que o filho tivesse uma formação primorosa.

Graduou-se ele pela Faculdade de Direito de São Paulo, no ano de 1852, tendo-se, segundo José de Mesquita, *“revelado uma inteligência notável sobressaindo-se entre os colegas como orador, pois a sua palavra eloqüente impulsionava, arrebatava”*.

Almeida Nogueira, autor de *“Tradições e reminiscências da Faculdade de Direito de São Paulo”*, assim se referiu com relação a Joaquim Mendes Malheiros:

“Estatura mediana, tez morena escura, cabelos crespos, figura varonil. Temperamento comunicativo e jovial. Era dado a música e fazia serenatas com Joaquim da Cruz. Ele tocava violão; o Cruz, flauta. Afeiçoava-se à pintura e não era inábil no desempenho. Até bem pouco tempo a família do Dr. Escobar possuía esplêndido quadro - a cabeça de Cristo - da palheta de Malheiros.

Também gostava de esgrima e tinha como competidor e adversários nesse sport o Chico Gomide, o Francisco Bueno (mais tarde visconde da Cunha Bueno), o Gil, o Porfírio de Lima e o Benício, todos como ele, valentes e bons cacetistas. Morava na rua das flores, na casa da família Munhoz, numa sala de frente. Era convidado algumas vezes pelo Diretor da Academia para, em substituição, lecionar no curso anexo e mesmo examinar em mesas de Geografia e História. Contam-nos dele duas anedotas. O Dr. Malheiros, tinha pronunciado amor aos estudos das línguas: era mesmo poliglota. Era Malheiros, por afinidade, semelhança de temperamento e até pela predileção de ambos por estudos filológicos, amigo afetuoso de Gaspar Silveira Martins.

Uma vez, muito antes de sonhar com a eventualidade de vir a ter assento nos conselhos da Coroa, estando o feroso gaúcho a esbravejar contra o imperador e a escarnecer das librées dos ministros, disse-lhe o amigo: - Olhe Gaspar, não fale assim. Hei de vê-lo ministro do Império... - Celeste? - Não, do Brasil. E se isso acontecer, que é que você me dará? - Uma cadeira de deputado. Fica registrado! acudiu Malheiros. Poucos meses depois, com a subida do gabinete Sinimbu, era chamado Silveira Martins a gerir a pasta de Ministro da Fazenda. Uma das primeiras visitas que recebeu, foi a de Malheiros. - Venho trazer as minhas saudações ao conselheiro do Império. - Muito obrigado ao futuro deputado por Mato Grosso - foi a resposta de Gaspar S. Martins. E cumpriu-se o vaticínio.

Entretanto, como Juiz Municipal do termo de Cuiabá, sofrerá, em 1857, um atentado por haver proferido uma sentença condenatória contra um acusado de crime inafiançável.”

Augusto Cavalcanti de Melo

Alagoano da Comarca de Passo de Camaraxibe, nasceu Augusto Cavalcanti de Melo no dia 15 de julho de 1864. Era filho de Manuel Cavalcanti de Melo e de Maria Pastora Cavalcanti de Melo, donos de uma propriedade agrícola na região.

Após os estudos iniciais, optou ele pela carreira jurídica, tendo se bacharelado em Direito pela Escola de Direito do Recife.

Exerceu vários cargos junto ao funcionalismo público, foi Professor de Direito e, mais tarde, ingressou no Tribunal da Relação de Mato Grosso, com sede, na época, em Cuiabá.

Dedicou-se também à literatura, escrevendo, quase sempre sob o pseudônimo de d' Archangelus, poesias e peças teatrais:

- | | |
|---------------------------------------|---|
| - "Cupanema" - 1922 | - <i>A visão de Caim</i> - 1927 |
| - "O avarento" - comédia em 5 atos | - <i>Da imitação de Christo</i> - 1928 |
| - <i>O leão captivo</i> - 1922 | - <i>O assalto do castelo e o barão normando</i> - 1928 |
| - <i>A morte da águia</i> - 1924 | - <i>A morte de Gilliatt</i> - 1930 |
| - <i>O galgo e o mastim</i> - 1924 | - <i>O impostor</i> - 1930 |
| - <i>Elogio a Veiga Cabral</i> - 1926 | - <i>22 de julho de 89</i> - 1934 |
| - <i>Na Academia</i> - 1926 | - <i>Da leitura da escriptura santa</i> - 1935 |
| - <i>O amor assassino</i> - 1926 | - <i>A beleza da mulher</i> - 1951 |
| - <i>Xaraés</i> - 1927 | |
| - <i>Drama floral</i> - 1927 | |

Francisco Alexandre Ferreira Mendes

É desses homens que se destacaram pela cultura, pela autenticidade e sobretudo pela grandeza de alma. Qualidades que os tornam figuras incomparáveis - faróis balizando, nos meandros da caminhada humana, a direção certa na incerteza aparente da existência. Homens dotados de integridade de caráter e de talento, aliados a longa experiência adquirida no contato com as asperezas da vida, características que lhes enriquecem o espírito, que se transborda, em busca do semelhante, proporcionando-lhe, sob variadas formas, ensinamentos, cultura, educação em prol do desenvolvimento da humanidade de que fazem parte, contribuindo, dessa forma, eficazmente, na procura da verdade, porque, já diziam os antigos, *"só os que são absolutamente eles próprios no mundo podem cumprir sua própria natureza; só os que preenchem a sua própria natureza podem preencher a natureza dos outros."*

Francisco Alexandre Ferreira Mendes tinha o conhecimento, através do estudo dos livros e a sabedoria da vida, consciente de que, conforme ainda a filosofia antiga, *"para ir do conhecimento dos livros ao conhecimento da vida, não basta tão somente pensar ou ponderar; é preciso tentar caminhos, ter a sensação das coisas como são e conseguir uma impressão correta dos inumeráveis aspectos da vida humana, não como partes sem relação, mas como um todo. Nisto de sentir a vida e adquirir experiência cooperam todos os nossos sentidos, e é através da cooperação dos sentidos e do coração com a cabeça que podemos ter o calor intelectual"*.

Por esse processo de formação o homem chega à compreensão do mundo em que vive, tornando-se não só uma pessoa instruída, mas educada. *"O homem instruído na ciência"*- diz Huberto Rohden *"pode ser bom ou mau, mas o homem que educou sua consciência é necessariamente bom e feliz"*.

"A instrução - prossegue o filósofo - ensina o homem a descobrir as leis da natureza, isto é, a ciência, mas a educação leva o homem a criar valores dentro de si mesmo".

Francisco Mendes era um homem instruído na ciência, e que soube educar a sua consciência, criando em si mesmo valores que aureolam a sua memória pelos trabalhos que produziu e pelas atividades que exerceu durante sua longa existência terrena.

Sua vasta produção literária, em maior parte, ainda inédita, guarda um tesouro que precisa ser descoberto para que os seus sucessores dela se aproximem e aproveitem o enorme manancial do pensamento do inolvidável mestre.

Personalidade ímpar, plasmada no amor e dedicação ao trabalho e ao estudo, embasada nos exemplos de um lar paterno bem formado, Ferreira Mendes sentiu desde cedo o chamamento para o magistério. Vocação que o levou a dedicar-se às novas gerações, aos jovens e adolescentes, que são o futuro da sociedade, e que por isso mesmo devem ser bem orientados.

Paulo Setúbal, ressaltando a obra alta de nacionalismo realizada por João Ribeiro, nota que essa obra *“se tornou concreta e eficiente graças à vocação do homem, vocação irresistível, que é a sua qualidade primacial, razão de ser das suas canseiras, escopo dos seus esforços, única finalidade dos seus labores: o professor”*.

Francisco Mendes, como ele mesmo o diz, encaneceu na profissão de professor e educador. Como João Ribeiro, foi professor em tudo. Foi professor como jornalista, como historiador, memorialista e como folclorista, quando não estava na cátedra ensinando e educando levas e levas de adolescentes e jovens que se tornaram homens e mulheres úteis a Mato Grosso e ao Brasil.

É o professor que se lança à pesquisa histórica, ilustrando-se no conhecimento do passado da terra natal. e como ninguém acende uma luz para escondê-la, aquele que se ilustrou sente necessidade de transmitir aos outros a visão que adquiriu do mundo e das coisas, pelo estudo, pesquisa e meditação. É mister que o amor despertado pelo conhecimento da terra se espalhe e atinja o maior número de corações. Mostrar-lhes de forma amena e atraente, a origem e evolução do povo, como começou e se desenvolveu o torrão natal. Mostrar as lutas, os sacrifícios, as conquistas e as transformações que se operaram no tempo e no espaço.

Vivendo uma fase de transição, em que o progresso avassalador ameaça destruir tudo o que lembra o passado, a tradição, a crença, Francisco Mendes, penso eu, preferiu dedicar-se à Crônica, às memórias, aproveitando-se da imprensa como meio de chegar mais próximo do povo, falar-lhe com carinho do passado da terra, através de imagens e fatos, muitos dos quais o próprio autor foi testemunha e nos transmite, para que os elos da corrente da tradição não se percam.

É o professor, o educador, que se manifesta no historiador, no jornalista, no ensaísta, no folclorista.

É ainda o professor e educador que conduz o saudoso mestre em ascensão na escala social e nos meios oficiais. Catedrático de português, francês e outras matérias, ia buscar o adolescente no começo dos estudos secundários, no curso de admissão ao Ginásio que mantinha, e o acompanhava através dos anos, vendo o adolescente desabrochar-se em jovem que se instrua e se educava.

Segundo Rubens de Mendonça, Ferreira Mendes exerceu os cargos de professor e diretor do Liceu Cuiabano, professor da Escola Normal “Pedro Celestino”, diretor de vários grupos escolares, Secretário particular do Interventor Fenelon Müller, diretor da Instrução Pública e fundador e primeiro diretor do Departamento de Educação e Cultura. Colaborou nos jornais não só de Mato Grosso como de São Paulo e Rio de Janeiro. Dirigiu o jornal “O Evolucionista” de Cuiabá. Foi sócio da Sociedade Amigos de Marden, do Espírito Santo, e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso; membro correspondente do Grêmio “Alfredo Paulino”, do Ginásio de mesmo nome, de São Paulo; sócio da Associação de Imprensa Mato-grossense; membro da Academia Mato-grossense de Letras e Assessor da Fundação Cultural de Mato Grosso.

Em 1939, quando adolescente, vim a Cuiabá cursar o saudoso Ginásio Salesiano São Gonçalo, Francisco Mendes era já um nome querido e respeitado, uma reserva moral, um patrimônio de inteireza e caráter e educador emérito.

Anos mais tarde, sendo eu professor e diretor do Ginásio “Onze de Março” da minha terra, vim a Cuiabá tratar de assunto do educandário que dirigia. Francisco Mendes era o Diretor

do então Departamento de Educação e Cultura do Estado. Lembro-me bem. O mestre não perdeu a oportunidade de abrir o coração ao parente distante, deixando extravasar do escrínio da sua alma de educador, palavras de esclarecimento sobre a profissão espinhosa e materialmente mal recompensada que eu abraçara, ao tempo em que me incentivava ao estudo, ao desenvolvimento cultural. Tudo com aquele modo austero, mas bondoso e acolhedor.

Francisco Mendes se coloca no horizonte de dois mundos: o passado, que ele procura a todo custo manter vivo, e o faz através das suas crônicas; e o porvir, que ele intui promissor para a sua terra e a sua gente. Mas ele, o Autor, é o presente, vive a atualidade, é homem do seu tempo. A literatura, que faz, *“alimenta-se dos assuntos que lhe oferece a região”*.

Tem a qualidade que, segundo Machado de Assis, *“: se deve exigir do escritor, que ele seja homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço”*.

Da posição intermediária entre o que passou e o que há de vir, Francisco Mendes percebe o choque dos ritmos - o tradicional e o moderno. O progresso avassalador ameaça os valores da cultura e da tradição, pondo em perigo a nossa própria identidade cultural.

É preciso que se façam ouvir vozes de advertência. E ninguém melhor que o professor/historiador poderia fazer-se ouvir.

Por isso, o emérito historiador se dedica ao passado, penetrando-o sempre mais até chegar ao estudo do fabulário, do folclore, que o preclaro Mestre chama de *“elemento de interpretação dos aspectos da vida gregária dos povoadores de trechos do território pátrio, isolados no seio imenso das regiões afastadas da comunhão civilizadora”*. É como ele acentua, *“uma espécie de instrumento científico, de ligação e análise de alma popular, do coração sertanejo, constituindo-se dessa maneira em elo fortíssimo de coesão nacional”*. Certo estava o Mestre de que, como bem se expressou Paulo Setúbal, o estudo da história, o estudo da língua e o estudo do folclore são as três raízes que se afinam mais profundas no substrato duma nacionalidade.

É a partir das origens, da própria alma popular, que Ferreira Mendes vai reconstituir a imagem do pretérito, a identidade cultural do povo mato-grossense, e onde vai buscar o *“elemento de formação sociológica”*, de vez que o Folclore *“situa os fatos registrados no ambiente ecológico que a civilização vai, sub-repticiamente, modificando, transformando-se na metamorfose constante dos cenários fisiográficos da terra”*.

Essa reconstituição ele a faz com mestria, fidelidade e precisão, *“ao sabor das lembranças”*, revelando, no decorrer das narrativas, *“o valor da gente destemerosa, na luta, defesa e preservação do patriotismo herdado dos maiores”*.

Homem do presente, assistindo, com vivo júbilo, a avançada da civilização, teme contudo, pela perda da perspectiva do passado da terra, quando vê que *“a paisagem pitoresca, que envolvia a “urbs” cuiabana, vai desaparecendo no tempo, à medida que a civilização avança, destruindo, materialmente, a perspectiva do passado da terra”*.

Que não se apague a *“lâmpada maravilhosa que ilumina o passado, vinculando na alma das novéis gerações o elo inquebrantável, que a filosofia da vida chama tradição, que malgrado, na reminiscência do tradicionalismo histórico, vai-se apagando...”*

Como uma das raras testemunhas de um longo lapso de tempo que ficou para trás, o preclaro memorialista procura como que debuxar, ou pintar, sobre a realidade presente, a imagem da cidade antiga, da Cuiabá da sua infância, inspirado pela saudade. E o faz com segurança, memória fiel, e profundo conhecimento da história regional, que é uma célula da história nacional e universal.

São os “caminhos” que o escritor vê transformarem-se nas ruas atuais *“transpondo colinas de suaves inclinações, aumentando a extensão da cidade que se espalha por todos os lados”*. É a ladeira do Seminário da Conceição encoberta pelo urbanismo. O declive do outeiro da Boa Morte e do Lava-pés, que se prolonga a noroeste indo desaparecer nas leiras do ribeirão da Ponte. O quadro da velha mata marginal do rio Cuiabá. Por onde se olha, a abundância, a fertilidade do solo. Velhas ruas, com velhos nomes já substituídos. E, além, os caminhos das tropas, *“demandando o norte do Estado, onde floriaram Rosário Oeste e Diamantino, entre postos*

de comércio da borracha do início do século". Os vilarejos que surgem nas trilhas sertanejas rondadas de laranjais. A poesia incomparável do passado, ao compasso das tropas viajeiras soando guizos e campainhas...

Ferreira Mendes percebe que *"perpetuar a tradição e o passado da terra na modéstia da sua crença ou na grandiosidade dos seus fatos, descrevendo-lhe a vida e a formação político-social do povo é contribuir para engrandecer a pátria, tornando-a conhecida e imortal"*.

E prossegue o ilustre mato-grossense: *"Na atualidade, quando o aspecto da pentacinqüentenária capital de Mato Grosso, perdendo a velha feição colonial se metamorfoseia em metrópole agitada, confundindo-se os antigos e raros solares remanescentes com o modernismo arquitetônico do cimento armado dos arranha-céus; quando as ruas tortuosas e os melancólicos largos ensombrados, reminiscências da vila garimpeira, vão se transformando em avenidas asfaltadas e praças ajardinadas, retificadas pelo urbanismo modelador das metrópoles; quando as viaturas motorizadas cruzam aos milhares as ruas e o ruído das aeronaves, boeings e caraveles, ferindo a imensidão dos espaços, encurtando distâncias, passam anunciando uma civilização adiantada e próspera, a aparência de vetustos logradouros, com seus cruzeiros e velhos chafarizes, põem no espírito do observador curioso uma interrogação, como a pedir ansioso uma explicação"*.

O historiador está de acordo com o urbanista quando explica que *"para não esquecer o passado (ou não apagá-lo), é preciso haver uma atitude voltada para o futuro; ou invertendo os termos, para preparar o futuro (do Rio) é necessário lembrar (e rever) a cidade antiga. A partir da contraposição passado e futuro, cuja síntese só pode ser elaborada no presente, passa a ter novo sentido a luta pela preservação dos valores da nossa cultura, da nossa paisagem e das nossas tradições"*. (Glaucio Campello - SPHAN 29 - Pró-Memória - março/abril 1984)

Francisco Mendes percebe nessa contraposição o novo sentido do que deve tomar a luta pela defesa do passado e estende o seu estudo até a própria alma do povo. Dedicar-se ao nosso fabulário e ao nosso folclore, procurando, através deles *"informar e manter a continuidade histórica da nossa sociedade"*, perpetuando *"a vida da cidade na descrição de esquecidas lendas ouvidas nos serões de solar avoengo, lendas simples, histórias singelas, que assinalam, porém, a índole de um povo e definem o caráter de uma raça forte e respeitável na sua crença e na sua fé"*.

Os monumentos, os templos religiosos, são para Francisco Mendes como *"marcos da crença da gente mato-grossense e atestado eloqüente do esforço que é a significação sublime das esperanças no futuro promissor da hospitaleira e carinhosa terra cuiabana"*.

O professor/historiador, revendo o passado, tem os olhos e o coração no futuro que será uma consequência do que se elabora no presente.

Sabe que *"o passado existe e é força viva, atuante na existência"*, e apresenta exemplos e ensinamentos que influem na formação da infância e adolescência.

É o professor que aflora no historiador. Educa na cátedra pelo exemplo de estudo e trabalho, e volta a ensinar e educar através da história, procurando despertar a atenção dos coevos para o estudo do nosso folclore.

O historiador tem a preocupação de manter a ligação do passado da terra ao presente, apontando-nos nos marcos remanescentes da cidade antiga o valor e a coragem de um povo que lutou pela sobrevivência, dando ao homem moderno *"exemplo vivificante de energia dos que souberam lutar e vencer, perpetuando o valor e a enfiatura de uma grande raça"*.

O que Francisco Mendes busca, como professor e historiador, é a valorização do homem, apontando aos contemporâneos os reais valores do passado, que se não destróem com o tempo - os valores do espírito.

De posse de enorme cabedal de conhecimentos históricos, inspirados no sublime amor à terra natal, o professor Francisco Mendes reproduz o passado consciente de que, como disse Antenor Vieira, *"um povo caminha a passos largos para o abismo em que se destruirá, quando a sua mocidade ficar, indiferente às galas de seu passado e alheia ao seu índice de cultura"*.

Admirável estilista, escritor eskorreito, que revela o cultor das letras, Francisco Mendes possuía natural aptidão para descrever os cenários e narrar os fatos, em estilo claro, vivo e harmonioso que prende e enleva o leitor.

Não me consta ter o professor Francisco Mendes escrito versos. Mas a poesia aflora na sua prosa, mormente quando, ante a visão de um passado, que morre, sensibiliza-se a alma do escritor, como nesta passagem digna de uma antologia:

“Córrego da Prainha! Como peregrino, deixas de ser nas feracíssimas paragens da terra quase tricentenária, oásis de fartura, para constituíres relíquia desprezada, tão cheia de saudades do tempo, em que abrias o leito fértil de promessas e de anseios, de dádivas e de belezas, representando na atualidade, na fralda do outeiro, que ainda beijas rastejante, apenas um traço recordativo do passado esplendor cuiabano. Não piam mais nas tuas matas marginais as jaós tristonhas, nem as saracuras entoam os duetos alegres, hosanas às lendas, que enfloram a tradicionalidade com que tuas fontes cristalinas fecundavam a mata abundante, na fartura dos frutos que saciavam a ânsia das bandeiras. Mudo, encerrado entre paredes artificiais da arte moderna do gênero humano, segues, entretanto o teu destino, entre as misérias das impurezas, que a ingratidão dos administradores da terra, te deixaram enfeitar. Sem mais as moitas das canaranas que te aureolavam os lindes, por onde corre tua linfa, onde outrora os ninhos das aves aladas, que te povoavam, cantavam nas ante-manhãs o epitalâmio da saudação estupenda, aos beijos vivificantes dos dilúculos ímpares da terra prodigiosa, trazem-te hodiernamente, vezes, o conforto das orquestrações de cortesia à lembrança, a melodia e a saudade da flauta maviosa dos sabiás, nas alvoradas primaveris, como uma nota melancólica no presente, ligando o passado que desaparece, ao futuro que sorri.

Córrego da Prainha! Na evocação do papel que representaste mais de dois séculos e meio, na obra civilizadora da terra, esta página, réquiem de recordações, representará na tradição da urbe, uma carícia, no seio infinito da natureza, que fecundaste e em que ora te estiolas desamparado”.

Amando e servindo com dedicação a Pátria, no estudo, no magistério, como pesquisador, historiador, cronista e jornalista, o professor Francisco Mendes era um modelo de civismo, reconhecido pela sociedade e pelo poder público, tornando-se merecedor de representar a Comissão Nacional de Civismo em Mato Grosso.

Em 1976, é, com justiça, escolhido pela Comunidade Acadêmica do nosso Estado, como Professor Padrão do ano. O homenageado se converteu, através dos anos e anos de cátedra, em símbolo das qualidades, que deve possuir o professor, para bem desempenhar a missão de ensinar e educar as novas gerações.

Dentre as suas múltiplas publicações, destacamos:

- *Lendas e mitos* - 1980
- *Resenha histórica de Mato Grosso* - 1977
- *D. Francisco de Aquino Corrêa* - 1985
- *Cuiabá dos meus sonhos* - 1984
- *Histórico do teatro em Cuiabá* - 1982
- *João Batista das Neves* - 1981
- *Tragédia mesopotâmica* - 1977
- *Diamantino* - 1976
- *Rondônia* - 1979'
- *O sete de maio de 1892 - 1947*
- *Generoso Paes Leme de Souza Ponce* - 1951
- *Energia elétrica - problema vital para Cuiabá* - 1971
- *Lendas e tradições cuiabanas* - 1977

Natalino Ferreira Mendes

Dados Pessoais

Natalino Ferreira Mendes

Nascimento: 03 de janeiro de 1924 - Cáceres / MT

Filiação: Bertholdo Ferreira Mendes

Anatália Trindade Mendes

Cônjuge: Olga Castrillon Mendes

Escolaridade

2º grau - Curso Técnico de Comércio

Cargos e Funções exercidos

- Auxiliar-protocolista do Tesouro do Estado de Mato Grosso - 1943.
- Diretor e Professor do Instituto "Onze de Março", Estabelecimento particular de ensino Primário em Cáceres / MT - 1944 a 1948.
- Secretário de Administração da Prefeitura Municipal de Cáceres nos períodos 1944-1953; 1955-1959; 1963-1967 e 1972-1983.
- Professor de Português do Colégio Estadual "Onze de Março" de Cáceres / MT, de 1948 a 1980.
- Diretor do mesmo Colégio Estadual "Onze de Março", nos períodos de 1948 a 1956 e 1961 a 1966.
- Professor de Português da Escola Normal do Colégio Imaculada Conceição de Cáceres / MT.
- Secretário de Desenvolvimento Social da Prefeitura Municipal de Cáceres / MT - 1982 a 1983.
- Chefe de Gabinete da Prefeitura Municipal de Cáceres / MT de 1983 a 1993.
- Presidente da Comissão Municipal do MOBREAL de Cáceres / MT.
- Presidente da Comissão Municipal do Sesquicentenário da Independência do Brasil.
- Presidente do Conselho Executivo do Conselho de Pastoral da Paróquia de São Luiz de Cáceres.
- Presidente da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Cáceres - APAE.
- Presidente da Comissão dos Festejos do Bicentenário de Cáceres / MT.
- Presidente da Comissão Municipal de Civismo de Cáceres / MT.
- Secretário da Comissão Municipal de Coordenação do Ano Internacional da Criança de Cáceres / MT.
- Presidente da Comissão Municipal de Defesa Civil de Cáceres / MT.
- Presidente de Honra da Associação Cacerense de Professores.
- Sócio do Lions Clube de Cáceres / MT.
- Membro do Conselho Comunitário da Escola Agrotécnica Federal.
- Membro do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente.
- Membro do Conselho Deliberativo da Fundação Cultural do Estado de Mato Grosso.

Associações a que pertence

- Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.
- Membro Efetivo da Academia Matogrossense de Letras.
- Sócio Honorário do Rotary Club de Cáceres / MT

Títulos Honoríficos

- Diploma de Colaborador Emérito do Exército - assinado pelo Com. Militar do Oeste, General de Divisão Exedito Hermes Rego Miranda, em Campo Grande / MS.
- Medalha do Pacificador, outorgada pelo Exmo. Sr. Ministro do Exército, através da Portaria Ministerial de 21 de julho de 1995.

Homenagens gravadas em Placas

- dos Funcionários da Secretaria de Desenvolvimento Social - 17/03/1983.
- dos Poconeanos no Bicentenário da Cidade - 21/01/1981.
- do Colégio Estadual "Onze de Março" - 11/03/1987.
- da Câmara Municipal de Cáceres - 01/10/1989.
- da Administração Antonio Fontes - 06/03/1987.
- da Delegacia Regional de Educação e Cultura
- da Escola "Profa. Ana Maria Noronha" - 20/11/1987.

Publicações

- *História de Cáceres* - História da Administração Municipal - Tomo I - 1973.
- *Marco do Jauru* - (Palestra proferida no Quartel do 66º Batalhão de Infantaria Motorizada de Cáceres / MT - publicada pela Prefeitura Municipal em março de 1983.
- "*Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres*" - (Palestra proferida em Poconé por ocasião das comemorações do seu bicentenário, publicada no Jornal "Equipe de Cuiabá", de 25 de janeiro de 1981 e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso).
- "*Efemérides Cacerenses*" (vol. I e II) - Brasília, 1992 - Patrocínio do Senador Márcio Lacerda.
- "*Anhuma do Pantanal*" (Poesia da Terra) - Impressão Gráfica e Editora Pe. Berthier - Passo Fundo (RS) - 1993.
- "*História de Cáceres*" - Tomo II - Origem, Evolução, Presença da Força Armada - Publicada no Suplemento Cultural do "Diário Oficial do Estado de Mato Grosso".

| | |
|--|---|
| Patrono: Antônio Augusto Ramiro de Carvalho | Ocupantes: Franklin Cassiano da Silva Ulisses Cuiabano Padre Wanir Delfino César Joaquim Augusto Alves Bastos Valdon Varjão |
|--|---|

Valdon Varjão

Franklin Cassiano da Silva foi um dos doze sócios fundadores do Centro Matogrossense de Letras, aos quais coube a escolha de mais 12, considerados efetivos. Estes vinte e quatro intelectuais mato-grossenses foram os responsáveis pela fundação do Centro Matogrossense de Letras, a 07 de setembro de 1921. Nesse momento, a Cadeira, hoje nº 16, recebeu o número 20 e teve como Patrono Antônio Ramiro de Carvalho. Em 1940, quando a estas Cadeiras foram adicionadas mais seis, elevando, portanto, seu número a trinta, ela tomou o número 10. Em 1944, objetivando seguir as normas adotadas pelas Academias de Letras do Brasil, quando as Cadeiras chegaram a 40, passou esta Cadeira a receber o número 16.

Antônio Ramiro de Carvalho

Franklin Cassiano da Silva, primeiro ocupante da Cadeira, fez um elogio ao seu Patrono, Antônio Ramiro de Carvalho. Nele, publicado pela Revista do Centro Matogrossense de Letras, Franklin Cassiano da Silva considerava:

“Se de um lado, porém, sentia a tentação de fugir à responsabilidade, aconselhado pela minha debilidade intelectual, de outro surgia-me a figura simpática do José de Mesquita obrigando-me a aceitar a tarefa que me era imposta.

Ramiro, a mim, me parecia um velho conhecido. Impressionou-me ele, pela primeira vez, na quadra da meninice quando a nossa alma desabrochando para os sonhos da glória, não se sente ainda contaminada pelo germen corroedor das nossas ilusões, que é essa luta titânica, o struggle for life dos ingleses, que debilita, emurchece e mata as manifestações do nosso espírito para os devaneios da arte e do ideal.”

Nasceu Antônio Ramiro de Carvalho em Cuiabá a 28 de dezembro de 1833. Filho do advogado José Jacinto de Carvalho e de Maria Seabra das Dores, casou-se com Ana Louzada Ramiro. Tendo estudado sob a orientação dos mestres existentes na cidade, optou, inicialmente, pela carreira militar, abandonando-a mais tarde. Preferiu o serviço público, como integrante dos quadros da Tesouraria da Fazenda, tendo chegado a Inspetor. Franklin Cassiano da Silva, analisando a trajetória de Ramiro de Carvalho nesse cargo, assim se expressou:

“Tão alto era o conceito que gozava, como funcionário, que quando transferido, por motivo de ordem política, pelo ministro Silveira Martins para a Tesouraria da Província do Pará, o visconde do Rio Branco não vacilou em procurar o ministro e dizer-lhe: ‘V. Excia. acaba de demitir ou transferir um dos melhores inspetores de Tesouraria do Império’. Exonerado, por não ter ido assumir o novo cargo, foi, logo depois de conduzido pelo ministro Saraiva.” Antônio Ramiro de Carvalho foi um poeta perpetuado na poesia pelo tom satírico e irreverente. Um episódio, uma figura de destaque ou um acontecimento político, valia, de sua parte, sátiras mordazes. Assim, quando Félix da Costa Moraes foi transferido como Juiz de Direito da cidade de Cáceres, tendo nessa localidade primado por atos de pouca lisura, assim se expressou Ramiro de Carvalho:

*Exulta cidade altiva!
Salve oh povo venturoso,
Lá se foi o Braz Mimoso,
C'os trezentos... Viva! Viva!*

*Não mais oh povo ditoso
Aguentarás a sandice
De um Braz que é todo tolice
De um Braz que é todo mimoso.*

*Folguemos, cantemos lôa
Com a saída do Braz,
Que se não é ananaz
Não deixa de ter coroa*

*Folguemos! Não há mais briga!
Lá vai ele com os seus foros,
Despejando pelos poros
As tucuras da barriga*

Durante as campanhas políticas da época, século passado, Ramiro de Carvalho, frente ao quadro dramático vivido pelo Partido Liberal, de ter três de seus sonsócios em disputa por apenas duas vagas, assim se expressou:

*Gosto de ver uma cabra
com três filhos ou cabritos
Quando dois estão mamando
O terceiro berra aos gritos.*

Suas sátiras, igualmente, ficaram famosas durante a parada militar de 02 de dezembro de 1867, ocasião em que o poeta teve a seguinte inspiração:

*Muita nedia cavalgada
Correndo desembestada
Por meio da multidão;
Muitos rufos de tambores,
De sino muitos rumores,
Muitos tiros de canhão*

*Muita farda agaloada
Bonita, mas estragada
Nos usos da procissão.
E outras muitas quejandas
Rechonchudas burundangas
No barulho da função*

*Também viu-se, coisa bela!
Recostados nas janelas
Lindos rostos engraçados
A par com parvos hanotas
Esquisitos idiotas
De olhos envidraçados.*

*Tudo houve com fartura
Na solene formatura
Deste dia nacional,
Que excitou-me até saudade
Da gorda variedade
Dos dias de carnaval!*

Franklin Cassiano da Silva, frente à produção poética de seu Patrono, considerava que “*A bagagem literária de Ramiro, na poesia, é bem pequena e, como versos de oportunidade que são, estão naturalmente condenados ao esquecimento. Com o seu talento e atuando num meio onde o intercâmbio intelectual fosse maior, é de crer que a sua lira se afinasse no diapasão dos maiores satíricos contemporâneos*”.

Foi na instância jornalística que ele se projetou. Como monarquista convicto, procurou ele levar ao público seu ponto de vista na defesa dessa forma de governo e das linhas mestras do partido Conservador. Em Mato Grosso, o jornal “*Situação*” representou, através de seus escritos, o perfil político dos conservadores mato-grossenses, tendo na figura de Antônio Ramiro de Carvalho, um de seus expoentes mais significativos.

Conta-nos Franklin Cassiano da Silva que “*iniciando, jovem ainda, com José Estêvão e Bueno Deschamps, a sua carreira jornalística dando à publicidade o “Dunda” e o “Pega Onça”, folhas que se notabilizaram, na época, pela sua feição irrequieta e travessa, adestrou, nesses pequenos órgãos, a pena que viria a ser uma das primeiras do jornalismo indígena coetâneo.*

Chefiando, mais tarde, a redação da ‘Situação’, órgão do partido conservador, soube imprimir uma orientação tão segura e dar uma feição tão atraente ao órgão que dirigia que, ousamos afirmar, depois dele, não ter havido evolução no jornalismo matogrossense.

(...)O próprio Ramiro nos diz: ‘Quantas vezes, meu Deus, não tenho ido de encontro à minha própria opinião, a fim de não sacrificar os interesses do partido’. A sua arma foi a polêmica. Polemista vibrante e irônico acorrentava o seu contendor no segredo da sua lógica tão simples, tão natural, quão espontânea e convincente.

A sisudez austera das discussões doutrinárias, preferia nas suas polêmicas, a ironia, a galhofa chocarreira que levava ao ridículo o adversário, fazendo rir os leitores”.

Como o meio intelectual do século passado não oferecia campo pleno para seu florescimento, Ramiro de Carvalho, como muitos outros, embrenhou pela carreira política, instância que lhe concedia um espaço maior para a expressão e debate das idéias. De Presidente da Câmara Municipal de Cuiabá, Ramiro de Carvalho chegou a Deputado e, por duas vezes, foi Presidente da Província, em substituição aos titulares.

A 02 de novembro de 1891, falece ele, em Cuiabá, com apenas 58 anos de idade.

Franklin Cassiano da Silva

Nasceu em Corumbá, a 1º de maio de 1891, tendo sido seus pais Luís Cassiano da Silva e Ana Luiza Bastos da Silva. Tendo ficado órfão muito cedo, Franklin e mais dois irmãos, Otário e Odília, foram morar com os tios, Major André Avelino de Oliveira Bastos e Ana Luiza Bastos que os criaram com muito carinho e desvelo.

Franklin e Otário, mais tarde, passaram a residir em Cuiabá, em casa do irmão de Ulisses Cuiabano, Luís Pereira Cuiabano. Nesse período, Franklin e Ulisses Cuiabano conviveram intensamente.

Na fase adulta, Franklin casou-se, em primeiras núpcias, com Amália Monteiro da Silva, com quem teve 5 filhos, Elzira, Luís, Lísia, Ênio e Hilton. Enviuvando-se, casou-se com a viúva Tabita da Costa e Silva, com quem teve dois filhos, Ana Luiza e João.

Os estudos iniciais, Franklin Cassiano da Silva, os fez em Cuiabá, junto ao Liceu Cuiabano e, mais tarde, estudou Direito. Ao lado de sua formação bacharelesca, Franklin

Cassiano dedicou-se às letras, especialmente à poética. Alcindo de Camargo, referindo-se a este aspecto de Franklin, assim se expressou:

“Somos irresistivelmente compelidos a afirmar que Franklin Cassiano, pelo lirismo que lhe é espontâneo, ritmado em linguagem em que a frondescência da forma não agasalha, coirmã da de Casimiro, deve ser o mais aceite pela média do nosso público. As suas poesias, mesmo as que cristalizam as mais fortes vibrações do sentimento, o fervor arrebatado de uma crença ou do ardor chamejante de uma paixão, são moduladas nessa linguagem sem os tons carregados de picturação, mas suficiente para espiritualizar os motivos sugeridos.”

As poesias de Franklin Cassiano era de um lirismo impar:

| | |
|---|---|
| Teus olhos divinos São verdes mimosos, Despertam mil hinos Teus olhos formosos | São duas casinhas Dos anjos de amor! Se fossem só minhas, Quem dera, m'ea flor!... |
| São duas estrelas Pequenas, brilhantes, Que em noites mui belas Fulguram constantes. | São gotas de auroras, São luz de arrebol; São musas sonoras; São filhos do sol!... |
| São dois atrevidos Altivos, tratantes, Teimosos, Cupidos... São laços de Amantes! | São meigos, divinos, Teus olhos mimosos, Despertam mil hinos Teus olhos formosos!... |

A obra de Franklin Cassiano é bastante vasta, podendo destacar na poética:

- *“Impossível” / “Descrença” / “Beijos” / “Crisálidas” / “No Álbum de Verinha” / Velho tamarindeiro” / “A Cachoeira” / “Ritmos novos” / “Chana” e outras.*

Seu percurso na arte de escrever não se circunscreveu à poesia, mas também teve uma significativa atuação junto à imprensa mato-grossense, pois colaborou no periódico “A Liça”, repositária das suas poesias humorísticas, todas elas imbuídas de fino veio crítico, que, segundo Ulisses Cuiabano, *“metendo à bulha os políticos de então, adversários do perrengismo. Nessa tarefa um tanto árdua, adquiriu o Herodes de Souza, um de seus pseudônimos, alguns desafetos, movidos, como se achavam, pela paixão partidária, talvez a mais tremenda de todas as paixões humanas”.*

Além desse periódico, participou ele nos seguintes: “A Imprensa”, “O Mato Grosso”, “A Violeta”, “O Revérbero”, “O Jornal”, “O Correio do Estado”, “O Democrata”.

Por ocasião de sua morte, Maria Dimpina, escreveu na Revista “A Violeta”:

“Franklin não pode morrer, pois ele viverá sempre em seus versos cheios de vida e de amor. Dever de patriotismo, seria o nosso Estado não deixar perder-se nas obscuras sombras do Incógnito as primícias desse talento de escol. Crisálidas deve ser publicada! É uma obra que revela o autor, e o autor não foi apenas um sentimental, foi um professor a quem muito deve a instrução matogrossense e a sua memória faz jus a uma imortalidade”.

Além de poeta e jornalista, dedicou-se ele ao teatro. No tempo em que Franklin atuava nessa área artística, Ulisses Cuiabano assim avaliou a situação do teatro nesse período, em Cuiabá:

“O teatro cuiabano, hoje, todo entregue aos peregrinos artistas ambulantes que, de vez em quando, aqui aportam, em excursões circenses, ou à iniciativa de colegiais, de duração precária e passageira, já teve os seus dias de efervescência e de entusiasmo.

Épocas houve em que a nossa culta sociedade assistiu espetáculos brilhantes, em cenário movimentado por amadores patrícios, cujos pendores para a arte eram apreciáveis.

Nesses períodos de animação e de interesse pela custosa cerimônia de gosto altamente espiritual sob a tutela mitológica de Talia e de Melponeme, alguns ensaístas da cena temos

possuído, cujos trabalhos teatrais foram devidamente apreciados e aplaudidos. Pena é que um Philogônio Corrêa, um Indalécio Proença, de saudosa memória, um Manuel Cuiabano, um Francisco Corrêa Filho, um Amarílio Novis, não tivessem prosseguido pela senda atraente do ramo literário que nos pinta, ao vivo, as mais variadas passagens da existência humana. Produziram, todos eles, as suas primícias, avidamente sorvidas pela nossa culta platéia, e se quedaram silenciosos, num condenável mutismo.

Franklin Cassiano também compôs, desde as primeiras peças, com passos seguros e com surpreendente técnica do palco, algumas obras que marcaram ruidoso sucesso na ocasião da sua pública exibição, todas elas apresentadas em cenas em repetidos espetáculos.

Quando foi da temporada teatral dirigida por Chaves Florence, em 1918, escreveu o novel teatrólogo, de parceria com Philogônio Corrêa, o seu trabalho de estréia intitulado: "Progresso na Zona". Era uma revista de costumes locais, em dois atos, e muito bem recebida pela platéia. Isto estimulou o debutista que, em colaboração com o titubeante acadêmico que agora vos dirige a palavra, escreveu a revista: "Cá entre Nós", toda musicada pela exímia artista Zulmira Canavarros. Continha também a peça dois atos e foi apresentada ao público em 1920 por um grupo de jovens amadores cuiabanos. Em 1924, elaborou Franklin a revista em dois atos: "Quero ir lá pro mato", de sabor caipira e com a colaboração musical de Zulmira Canavarros. Em 1926, com "Maneco Cuiabano", engendrou Franklin a burlata - "Nhô Chico foi barrado".

Escreveu ainda o nosso autor teatral: a revista "Cuiabá por dentro", notável pelo esforço artístico dispendido por ele, pois compilou, parodiou, arranjou a parte musical, compondo mesmo uma canção com música própria (não pode contar nessa ocasião com a ajuda da sua infatigável colaboradora musicista, que se encontrava seriamente enferma); a comédia "Baile na Goiabeira", em 1931; e interessante palestras e trovas caipiras, pequenas cenas com que preenchia os seus atos variados."

Franklin Cassiano da Silva, foi também Professor, tendo ingressado na carreira magisterial em 1912, na categoria de professor primário, servindo como adjunto na Escola Modelo, anexa à Escola Normal. Foi designado, mais tarde, auxiliar da diretoria do mesmo estabelecimento de ensino. Foi também Diretor do Grupo Escolar de Miranda e, em Cuiabá, do Grupo Escolar "Senador Azeredo". Chegou ainda a dirigir o Departamento de Instrução Pública de Mato Grosso. Foi professor de Pedagogia e Psicologia da Escola Normal e de Psicologia e lógica, no Curso Complementar, anexo ao Liceu Cuiabano.

Por ocasião de sua morte, muitas pessoas, ligadas à educação, manifestaram seu pesar:

"(...)Professor, que você soube ser acima de tudo, nessa vocação inata para o magistério que o fez um privilegiado na mais bela das ciências humanas: a de ensinar a ensinar. Artista por excelência, é o pedagogo, o didata, pois enforma a própria alma dela, fazendo a matéria-prima das suas admiráveis criações". (Palavras de José de Mesquita)

"Era o seu modo agradável que deleitava os seus discípulos. Era a sua palestra atraente e instrutiva que os entusiasmava. Com esses predicados o Prof. Franklin Cassiano foi um educador exemplar". (Palavras de José Torquato Júnior)

"Mestre e amigo, era com o sorriso da bondade que sempre emanava do seu belo coração, que nos ministrava os seus ensinamentos, cultivando o nosso espírito com o orvalho da ciência, e, com seus exemplos de virtude e de energia, nos ensinando a fortalecer o caráter e a cultivar a amizade, esse sublime sentimento que é o vínculo sagrado que caracteriza e solidifica as sociedades". (Palavras da professoranda Oréade de Carvalho)

"Carreira verdadeiramente árdua e espinhosa, somente um predestinado poderia, sem desfalecimentos, trilhar até o fim. é mister possuir uma têmpera especial para enfrentar os mil obstáculos que se antepõem ao mestre-escola, esse humilde e obscuro operário do bem, que muitas vezes se sacrifica para a felicidade de outrem, sem nada auferir para si, a não ser a convicção de que bem cumpriu com o seu dever. Franklin Cassiano, com a sua tendência pedagógica e o seu acendrado amor pelo ensino, foi, de ano em ano, um verdadeiro vencedor de ríspidas refregas. Pelejou nessa lida ingente por dilatados períodos letivos - 28 anos de contínuo

labor. E quando ele quase assomava às portas de um descanso compensador aos seus esforços a prol da educação da nossa juventude, eis que a fatalidade vem por um remate a tão bela e exemplar existência". (Palavras de Ulisses Cuiabano)

Franklin Cassiano da Silva deixou uma obra inédita referente a Filologia, intitulada: "Subsídio para o estudo de dialectologia em Mato Grosso"

Ulisses Cuiabano

Ulisses Cuiabano foi um intelectual que marcou profundamente o contexto cultural de Mato Grosso.

Nascido em Cuiabá, era filho do Major-honorário João Luis Pereira e de Maria Luiza Pereira Cuiabano.

Iniciou seus estudos na cidade verde, bacharelando-se em Ciências e Letras pelo Liceu Cuiabano. Optou pela carreira do magistério, tendo atuado como professor junto a vários estabelecimentos de ensino. Foi também Diretor dos grupos escolares de Rosário Oeste e o "Senador Azeredo" de Cuiabá.

Além da atividade magisterial, Ulisses Cuiabano teve uma participação expressiva junto a vários periódicos mato-grossenses: "O Jornal", "O Correio do Estado", "O Neophito", "A Reação", "A Violeta" e outros. Neles, Ulisses Cuiabano deixou registrado sua atuação jornalística.

Seu ingresso junto à Academia Matogrossense de Letras se deu nos primórdios dessa Instituição, mais precisamente, em 05 de junho de 1921, momento da criação do Centro Matogrossense de Letras, tendo integrado os 12 sócios efetivos. Seu nome foi proposto, pelo sócio fundador, Estêvão de Mendonça.

Na sessão preparatória do Centro Matogrossense de Letras, a 19 de junho de 1921, Ulisses Cuiabano tomou posse junto à Cadeira 16. Na sessão de 04 de janeiro de 1925, o Centro Matogrossense de Letras acusou recebimento de um ofício de Ulisses Cuiabano comunicando mudança de residência - de Cuiabá para Santo Antônio do Rio Abaixo (Hoje Santo Antônio do Leverger) -, momento em que passou da categoria de sócio efetivo para sócio correspondente, pois pelos Estatutos da época, somente seriam titulares os sócios residentes na capital.

Sua Cadeira, vaga naquele momento, foi ocupada por Antônio Cesário de Figueiredo Neto, cuja posse se deu a 22 de maio de 1925.

De volta a Cuiabá, Ulisses Cuiabano se candidatou, novamente, à Academia Matogrossense de Letras, possivelmente na década de 40, vindo a ocupar a Cadeira nº 20, mais tarde transformada na de nº 16, atualmente em vigor. Na ocasião, assim se expressou Ulisses:

"É verdade que a minha presença nesta Casa não constitui uma novidade, pois já havia eu sido eleito para uma das cátedras do então Centro Matogrossense de Letras, que, depois se transformou nesta Academia: não tomei posse, porém, do lugar que me fora merecidamente ofertado, e passei, por força dispositiva dos nossos estatutos, para a categoria de sócio correspondente. Nesta qualidade tenho contribuído, apesar de parcamente com os meus pobres trabalhos para a elaboração da esplêndida Revista, editada por este instituto da cultura matogrossense". [colocar rodapé] p. 94.

Ulisses Cuiabano teve uma intensa atuação junto à Academia Matogrossense de Letras que, a 26 de abril de 1951, emitiu um voto de pesar pelo seu falecimento.

Na categoria de literato e poeta, Ulisses Cuiabano deixou-nos expressiva produção:

Os Bacuraus (1923) / A queda (1923) / O Cruzeiro do Sul: miragem (1941) / Impressões de leitura (1941) / No álbum de Verinha (1939) / Vilancete (1932) / Cipreste (1922) / A cigarra (1924) / Velha aroeira (1930) / Ocaso (1935) / Carlos Gomes (1937) / Novos bandeirantes (1937) / O poeta das ilusões (1938) / Meu amado Brasil (1944) / Velho farol (1948) / Manhã em Corumbá (1948) / Pedro Trouy e sua obra poética (1929)

Discurso de recepção ao acadêmico Raimundo Maranhão (1947) Discurso de recepção ao acadêmico Rubens de Mendonça (1944)

Discurso ao arcebispo D. Francisco de Aquino Corrêa pelo jubileu episcopal.

Francisco Ferreira Mendes, em discurso de recepção a Ulisses Cuiabano, enaltece a beleza de sua poética:

“Deixai-me, porém, manifestar uma opinião - as vossas produções, têm um colorido vivo, que realça, que entusiasma, que sugestiona pela singeleza, que são o encanto que traduz os painéis simbólicos do regionalismo matogrossense.

É que tivestes, contato direto com o sertão de nossa terra, e essa influência, agiu naturalmente no vosso espírito.

Dormistes muita vez em pousos ao relento, à sombra gasalhosa dos timboais, nas cabeceiras dos veios sem par de nossa terra: respirastes a pureza oxigênia do ar, umidecido com o sereno, fecundo pelas essências balsâmicas, que se volatizam das mimosas passifloras sertanejas; ouvistes a cantiga singela e melodiosa da simples gente do sertão, e a vossa alma de poeta se enlevou no sublime simbolismo dessas cenas tão rubras de lirismo pátrio, que as toadas sertanejas, somente elas na sua plangência sonora, sabem comunicar aos corações.

E afigura-se-me, na fantasia, passar por vossa mente, aqueles quadros tão originais dos sertões matogrossenses, quando a ‘hevea-brasiliensis’, então no esplendor da sua pujança, acenava para o mundo a sua munificência - o entrecruzar nas campinas viridentes, nas várzeas matizadas, nos cerrados entrelaçados de lianas, ou nos capoeirões gigantescos, dos lotes de tropas, tangidos pelos meandros sinuosos, conduzindo o rico produto que a imprevidência do tempo e a displicência inconfessável dos homens, deixaram tombar na mais desoladora das crises, que haveriam de ferir a economia nacional.

(...) Apesar deste acerto, oiçamos o poeta, numa das suas produções, conhecidas pela sua original imagem, que foi motivo de intensa polêmica, quando, com Alcindo de Camargo, Cesário Neto e José Dias de Barros, sustentávamos pelas colunas do periódico ‘A Cidade’, em 1924, a defesa das instituições jornalísticas em nossa capital, fugindo às lides da política que então, quase que somente proporcionavam motivos para as pugnas da imprensa indígena:

OS BACURAUS

*Bacuraus que adejais pela tardinha,
Aos zigue-zagues pelo espaço a fora,
O vosso vôo incerto me apavora,
Pois me traz à lembrança a sorte minha,*

*Com a volúvel, tortuosa linha
Que traçais pelo espaço, nesta hora,
Assim, minha alma tristorosa, chora,
Para ao depois sorrir, a pobrezinha.*

*E como vós, que andais cruzando os ares,
Em rápidos volteios singulares,
A palidez marmórea do sol posto,
Minha alma vaga assim, triste, erradia,
Ora presa nas fimbrias da alegria,
Ora envolta nos véus de atroz desgosto.*

Padre Wanir Delfino César

Nasceu em Cuiabá, a 26 de agosto de 1922. Seus estudos iniciais foram realizados em sua cidade natal, junto ao Ginásio do Liceu Salesiano São Gonçalo.

Em 1942, concluiu o curso pré-jurídico no Colégio Estadual. De 1941 a 1943, foi funcionário do IPASE e IAPI.

Seus estudos superiores foram concluídos em 1948, tendo-os cursado junto ao Estudantado Filosófico São Joaquim de Lorena (SP). Em 1952, matriculou-se na Faculdade de Teologia (PUC/SP), onde concluiu seus estudos.

Exerceu o magistério junto ao Ginásio Salesiano de Pindamonhangaba, Lins, Tupã e Lorena, todos no Estado de São Paulo. Seu retorno a Cuiabá foi marcado no campo das comunicações, momento em que se tornou diretor da Rádio Cultura.

Ao lado dessa atividade, Padre Wanir Delfino César dedicou-se às lides literárias, tendo publicado várias obras:

- *Canção de peregrino*
- *Dilectus Deo et hominibu*
- *Primavera eterna*
- *Uma estrela do nosso romantismo*
- *Catedral de São Paulo*
- *D. Aquino, o príncipe da Igreja*
- *Poesias*

Na sessão de 04 de agosto de 1951, foi eleito para ocupar a Cadeira 16 - vaga pelo falecimento de Ulisses Cuiabano - , o Padre Wanir Delfino César, cuja posse se deu em janeiro do ano seguinte. Recepcionou-o o acadêmico Luis-Philippe Pereira Leite.

O Padre Wanir colaborou efetivamente junto à instituição na qual ingressou. A 25 de agosto de 1962 foi ele eleito Vice-Presidente da Academia Matogrossense de Letras, integrando a chapa:

- Presidente: Antônio de Arruda
- Vice-Presidente: Padre Wanir Delfino César
- 1. Secretário: Francisco A. Ferreira Mendes
- 2. Secretário: Rubens de Mendonça
- Tesoureiro: Luis-Philippe Pereira Leite

Reelegeu-se, Padre Wanir Delfino César, a 15 de julho de 1967, igualmente como Vice-Presidente, sendo que a 23 de agosto de 1969, ocorreu a eleição para Nova Diretoria, ocasião em que veio ele a ocupar a Presidência da Academia Matogrossense de Letras:

- Presidente: Padre Wanir Delfino César
- Vice-Presidente: Francisco A. Ferreira Mendes
- 1. Secretário: João Antônio Neto
- 2. Secretário: Rubens de Mendonça
- Tesoureiro: Luis-Philippe Pereira Leite

Sua gestão, no comando da Academia, abarcou de 1969 a 1973, momento em que veio a falecer.

Joaquim Augusto Alves Bastos

Nasceu em Cuiabá a 9 de setembro de 1900, na velha rua do Campo, a pequena distância do antigo largo da Força, mais tarde Campo do Ourique e hoje praça Moreira Cabral, onde, atualmente, está fincado o marco do centro geodésico da América do Sul.

Era filho do Marechal Celestino Alves Bastos e de Inês Dutra Bastos, cuiabana, de família tradicional, descendente da linhagem dos Pais de Barros.

Iniciou seus estudos em Cuiabá, seguindo mais tarde para o Rio de Janeiro, onde dedicou-se à carreira militar, iniciada em 1917. Desempenhou várias funções relevantes, tendo, em 1932, participado ativamente da Revolução Constitucionalista de São Paulo, após o que exilou-se em Buenos Aires. O desenrolar desse processo, registrou ele em sua obra *Palmo a Palmo*, um interessante e completo resgate dos acontecimentos constitucionalistas.

Comandou o Forte de Copacabana, por quatro anos; o Regimento de Artilharia e a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, todos no Rio de Janeiro.

Atingindo o Generalato, comandou o Exército em vários pontos de nosso país, Amazônia, Paraná, Rio de Janeiro, Nordeste. Como Marechal, comandou o III Exército em Porto Alegre (RS).

Durante o movimento de 31 de março de 1964, comandou o IV Exército, compreendendo a região que abrangia Bahia, Maranhão e arquipélago de Fernando de Noronha.

Deixou registrados vários momentos de sua carreira através das obras:

- *Palmo a palmo*
- *Encontro com o tempo*

Em sua autobiografia, Joaquim Augusto Alves Bastos imortalizou os principais momentos de sua vida, não se limitando a transmitir apenas suas vivências ao leitor, mas deixando transparecer seu posicionamento pessoal sobre os principais momentos da vida política de nosso país.

Valdon Varjão

Valdon Varjão

Nascimento: 15/12/1923

Local: Cariús - Estado do Ceará

Filiação: Manoel Cardoso Varjão / Maria Olímpia Varjão

Atividades já desenvolvidas: Garimpeiro, comerciante, agropecuarista, tabelião, contador, escritor (poeta e jornalista).

Atividades na vida pública:

- Vereador
- Prefeito
- Deputado Estadual
- Deputado Federal
- Senador da República
- Secretário de Estado

Instituições a que se filia:

- Academia Matogrossense de Letras
- Academia Piracicabana de Letras
- Academia do Centro Oeste
- Academia Paulista de História
- Ordem Nacional dos Bandeirantes
- Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso

Obras Publicadas:

- *Como e por que trabalham os pedreiros livres (Maçonaria)*
- *Barra do Garças no passado*
- *Avante obreiros de Jacó*
- *Negro sim, escravo não*
- *A integração racial*
- *Filinto Müller, um líder*
- *Seca do Nordeste*
- *Torixoréu: cidade brilhante*
- *Quando estive Senador*
- *Baliza: etéreas reminiscências*
- *Amor com amor se paga*
- *Barra do Garças, migalhas de sua história*
- *Garimpeiros: visionários da esperança*
- *Barra do Garças do passado ao presente*
- *Epopéia dos sertões*
- *Aragarças: portal da Marcha para o Oeste*
- *O garimpeiro*
- *Mapa cadastral de terras da Comarca de Barra do Garças*
- *Barra do Garças: sua ocupação e emancipação*
- *Versos de autores diversos*
- *Balisa: cantinho de saudades*
- *Vernáculo dos filhos da viúva*
- *Apostila para candidatos a concursos do Estado*
- *Raízes folclore festa Barra-Garcenses*
- *Cincoentenário da Marcha para Oeste*
- *Visita ao Estado Israel*

| | |
|--|---|
| Patrono: João Severiano da Fonseca | Ocupantes: Carlos Gomes Borralho Humberto Marcílio Reinaldo Frederico Augusto Rondon Padre Pedro Cometti |
|--|---|

Padre Pedro Cometti

João Severiano da Fonseca

Nasceu a 27 de maio de 1835, no Estado de Alagoas.

Formou-se em medicina, dedicando-se a um trabalho junto ao Exército, onde fez brilhante carreira, chegando ao generalato.

Integrou a Comissão Demarcatória dos limites entre o Brasil e a Bolívia. Nesse trabalho, Severiano da Fonseca, percorreu toda a fronteira ocidental de Mato Grosso, via Rio Paraguai-Madeira. Essa experiência inspirou-lhe a elaboração de preciosa obra, produzida no século XIX, e intitulada “*Viagem ao redor do Brasil*”. Estes escritos constituem uma preciosidade, na medida em que descreve geo-politicamente essa parte setentrional da então Província de Mato Grosso.

Além dessa obra, João Severiano da Fonseca deixou, em manuscrito, um Dicionário Geográfico de Mato Grosso.

Severiano da Fonseca era irmão do primeiro Presidente da República, Marechal Manuel Deodoro da Fonseca.

Pertenceu, por filiação, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ao Instituto Arqueológico de Pernambuco e à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

Faleceu no Rio de Janeiro a 07 de novembro de 1897.

Carlos Gomes Borralho

Carlos Gomes Borralho nasceu em Cuiabá, a 10 de julho de 1878, numa chácara existente, então, ao lado da Santa Casa de Misericórdia.

Destacou-se na cultura e na política matogrossense. Em seu discurso de posse, Humberto Marcílio Reinaldo, assim analisou esta personalidade:

“Manejando com sabedoria e brilho, dedicara-se Borralho ao jornalismo, essa poderosa forma de literatura, que ao seu espírito, de natural esquivo, parecera mais consentâneo e a cujo elogio não nos pouparemos, nesta hora dedicada às letras, sentindo que o fazemos assim ao nosso antecessor, sua obra esparsa por força do gênero em que a moldara, fora uma pedra a mais na educação da consciência nacional, forjada no labor incessante e rijo da imprensa.

(...)Compreendendo Carlos Gomes Borralho, com a argúcia de sua inteligência, que melhor trabalho prestaria à terra natal, transmitindo aos seus contemporâneos o pensamento que lhe borbulhava na alma, dedicar-se ao labor que por temperamento escolhera, entregando-se, cometido que sempre fora, a lançar, periodicamente, bem fundamentadas crônicas de fino lavor lingüístico, sob cuja aparência de austeridade, projetava-se entretanto, o refinamento do seu espírito e a beleza de sua arte bem cuidada.

Daí o prestígio com que se recomendaria mais tarde o seio da opinião pública de sua terra, fazendo-se seu representante na Assembléia Legislativa.

Não se olvidaria o meu ilustre antecessor, do valor inestimável da imprensa, da influência dominadora que exerce no espírito das multidões, da fascinação que desperta no seio das massas ansiosas, tal fora aqui mesmo em Mato Grosso, onde um êmulo apátrida do Correio Brasiliense, uma voz cuiabana no exílio, “A Reação”, que se publicava em Assunção do

Paraguai, aglutinava, de longe, como uma bandeira de revolução, o Partido Republicano, aqui caído no desagrado do situacionismo.

(...)Como todos os moços cuiabanos, de sua geração, ingente fora a sua luta, na conquista dos meios que mais tarde poria a serviço de sua terra, como militar, e como engenheiro que fora também, e ainda como político, pois não ficaria indiferente aos debates travados nesse campo tradicionalmente tumultuoso da vida nacional. Para isso, licenciando-se do exército, vem à sua terra natal, com o propósito decidido de tomar parte ativa na sua vida política, elegendo-se, como vimos, representante do povo, a Assembléia Legislativa do Estado. Aí se autenticaria outro dos seus pendores intelectuais o da oratória, que, de par com o jornalismo fa-lo-ia ainda mais indicado a ocupar uma das cadeiras do vosso grêmio.

Exercera ainda Carlos Borralho, em dois governos, as altas funções de secretário de Estado, desempenhando-as com sabedoria, grangeando assim alto conceito em que era tido entre os seus contemporâneos como homem a serviço da terra natal.

Eleito mais tarde, por expressiva vitória, para a Câmara Federal, entrega-se, algum tempo depois, dissolvido o Congresso, por um golpe de Estado, ao magistério particular, fazendo desse novo ofício o seu mais alto objetivo, a compensar-lhe as desilusões que lhe deixaram as atividades políticas”.

Faleceu Borralho no ano de 1957, aos setenta e nove anos de idade.

Humberto Marcílio Reinaldo

Apropriemo-nos das competentes palavras de Luís Felipe Sabóia Ribeiro, por ocasião do pronunciamento do discurso de recepção a Humberto Marcílio, momento em que, em bela página literária, descreve o percurso do novo Acadêmico:

(...)festejado intelectual, a quem todos se habituaram a admirar pela fina eloquência tribunícia, pelo seu passado de culto às coisas do saber e dotes de literato, conquanto modesto na excelência de sua participação cultural, erudição aprimorada pela meditação e estudo, tudo isso confluindo no aticismo de sua formação mental, sem falar no perfeito gentleman que o é, no quotidiano convívio dos seus semelhantes.

(...)Da juventude que se agitava na rivalização dos colégios e que entrementes Juvenilmente se hostilizava lebecosamente, partíramos para o seio das Academias e já despidos destes arreganhos juvenis dos cursos de humanidade, nos doutorávamos no curso superior da velha Escola de Medicina da Praia Vermelha, onde pontificavam tantos mestres de saudosa memória, pois eram o nosso culto vivo da mocidade da geração nossa.

Dos sonhos da adolescência, dos bancos alisados da Faculdade, atingíamos a vida prática do artesanato médico nos mesmos sertões de diamante do leste matogrossense e, como sulcando o paralelismo anotado linhas atrás, reavivando o entrecruzamento, voltamos a nos encontrar na vestuta Cuiabá, transmutando apenas o cenário da Praça Ferreira para o Jardim Alencastro.

E por último a consagração acadêmica que foi a compensação, qual uma nova Lei de Galton, ao vosso mérito de artista da pena e da oratória. Daqui por diante aproximando-se as margens do Araguaia ao Cuiabá, este paralelo na caminhada, perpetue-se, prossiga inevitável, porque lembrando as palavras de Charles Dickens possamos dizer, dirigindo-me ao confrade de agora: ‘Em nossos filhos, meu caro Copperfield, vivemos outra vez’.

Conhecemo-lo menino, como na verdade vos disse. Mal chegado ainda dos sertões nativos do Piauí, envergava airosamente, então, a farda multicolor de aluno do Colégio Militar do Ceará.

Viera daqueles campos férteis que sempre nos relembra a marcha da boiada do Brasil seiscentista, desde os sertões da Casa da Torre, da Garcia D’Ávila, em demanda ao pastoreio do nordeste. Não do Nordeste adusto a que já nos habituamos ouvir falar, mas daquele mesmo trato de terra, que se estende qual um oásis pelos campos dos Cariris, formoso e pródigo a se estender por uma mesma região geo-econômica. Seu pai, o seu herói, como acabou de nos dizer, ali

chegara da Itália, em busca da fortuna, que acabou lhe acenando numa vida inteira de trabalho, dedicada do comércio regional dos produtos agrícola-pastoris. O lar que nasceu plasmou-lhe a mente. Porque seus progenitores, conquanto vivendo na rudeza dos camponeses, jamais se descuraram da educação intelectual dos filhos numerosos, nascidos ao abrigo da instabilidade das coisas, na abastança honesta do lar paterno. Da preocupação educacional dispozo para a vida pública uma geração de Marcílios, desde então, mas que da progênie, ilustres cidadãos participam aqui e acolá, no nordeste, na vida pública, através da política, do magistério, da literatura e do saber, dos quais é uma síntese verdadeira o homenageado da noite que, entre nós outras, já num diverso ambiente, granjeou o galardão, a florado aos méritos a virtude que teria de repontar, aqui ou alhures. Retomando o fio, vemo-lo infante recém-chegado a Fortaleza, 'entre verbenas e jasmims pousada', iniciando no Colégio Militar o seu aprendizado do curso de humanidades.

Tinha deixado para trás, na longínqua cidade de Picos, o paterno dos primeiros anos de juventude e toldava-lhe os olhos e panorama nativo das águas do Parnaíba, do decantado rio de Costa e Silva.

(...) Já desperta a alma do jovem, inclina-se a sua vocação literária e em breve é o redator chefe da "A Pátria", publicação mensal que imprime em suas páginas e anseio literário, o culto da nacionalidade da juventude a se fazer homem daquele Ateneu de tão gratas memórias.

No entusiasmo em que se prende, Humberto Marcílio discorda e como a juventude é algo inquieta, busca numa dissidência a nova afirmação de sua pena.

Surge desse embate intelectual o "O Trocane", saído de sua iniciativa a rivalizar-se com estoutro. Sugere-lhe um nome estranho "O Trocane", no vocabulário da língua banto, de pleno continente africano, que em vernáculo se traduz por "Tambor de Guerra", a rufar em suas colunas a mal nascente vocação antropológica com que muitos anos depois forrava sua cultura científica.

Extravasa seus artigos na imprensa local e numa profusa colaboração domingueira enche uma sessão de "A Jandaia", hebdomadário literário sobretudo, mas que também traduzia o espírito da sociedade local, refinada e exigente das plagas dos Verdes Mares Bravios.

Ei-lo, assim, ao lado de Aldo Prado o criador da "A Jandaia", cheio de idealismo a empregar a arte e estudo o ambiente literário da sociedade cearense na altura da década de 1920.

Talvez, ali naquelas páginas de "A Jandaia" fizesse o nosso confrade o seu melhor aprendizado nas letras e na arte de bem escrever, plasmando o seu próprio estilo, aprofundando o pensamento, aprendendo não na fantasia, senão vendo, tratando e pelejando, para relembrarmos Camões.

Também, dentro dos muros colegiais, a par dos estudos, era simultaneamente o mesmo aluno da banda de música, herança vocacional de certo herdada de sua progênie mediterrânea, peninsular.

Já longe vão os tempos dos preparatórios e do curso secundário. Matricula-se na velha Faculdade de Medicina, da cidade dos Governadores Gerais, na secular capital baiana.

Transfere-se em breve do Terreiro para a Praia Vermelha, trocando Itapuã e Baixada do Sapateiro pela carioca Copacabana e Largo do Machado, último reduto boêmio, ora desaparecendo prosaicamente. bebidos os ensinamentos de Miguel Couton e de Dieulafoy, deixa para trás o velho casarão da Misericórdia. Arremete-se em demanda dos sertões orientais de Mato Grosso, onde o fascínio do meio, o desabrochar duma região atrasada, tão carente dos conhecimentos científicos de que eram prova o seu diploma, em suma a sua Lajeado, mais tarde rebatizada de Guiratinga, tudo isso e mais o idealismo de moço alcançaram-no à construção de um Lar duma nova morada no Estado de Mato Grosso, que tanto fustigou-lhe a imaginação dos primeiros anos de vida profissional. Aqui cristaliza-se outra vocação, outra faceta de seu talento alicerçado no estudo e na meditação das coisas na natureza. O meio grandioso apresentando algo de primitivo, acena-lhe a imaginação entre a tribo dos Bororos, e abrem-se-lhe os livros e

os tratados de Antropologia. Cuvier Quatrefages, Dubois povoam-lhe os conhecimentos objetivos daquela ciência.

Fere-lhe a sensibilidade científica a indagação etnográfica entre os bororos, tribo em vias de desaparecimento e cujos laços culturais prendiam-na a uma procedência particular, fora da clássica divisão de von Steinen, equidistantes dos Gês ou Tapuias e dos aborígenes da língua geral tupi-guarani. Estudados primitivamente pelos salesianos, onde avulta o Padre Colbacchini, eram os Orarimugudogues pertencentes a um tipo de civilização, de lendas e tradições tribais que enfeitiçavam a imaginativa do jovem médico. Acompanha a trajetória tribal, disseca os radicais lingüísticos e devassa o segredo do comparativismo etnográfico, indo buscar na bucólica Polinésia, nos fragmentos oceânicos, o que veio a denominar "Vestígios das Culturas" oceânicas no Brasil. Quando vier a lume este estudo esboçando será uma página seriamente condensada da cultura etnográfica brasileira. Outras lides de sua vida pública o realçam no meio. Vão buscá-lo para Prefeito da Cidade que também ajudou a desenvolver-se, o Leste Matogrossense, na Assembléia Legislativa do Estado.

Em nova diapasão jornalística, funda em Guiratinga um jornal partidário "A Voz do Leste", que durante três anos é o farol vivo da democracia ressurgida naquelas bandas.

Milita, portanto, na vida partidária, e entra na vida pública com grande acervo de conhecimentos e experiência. Já transferindo sua residência para Cuiabá, empresta sua colaboração no Departamento de Educação e Cultura, durante um lustro. Então, apaixonado pelo ensino e pela história da pedagogia rebusca nos armários poeirentos os elementos da "História do Ensino em Mato Grosso", ainda inédito.

Vejo o nosso brilhante Confrade na extensão verdadeira através de meia centúria e lançado no espaço de uma extremidade a outra dos horizontes pátrios, e hoje entre os seus colegas de profissão, elevado à Presidência da Associação Médica de Mato Grosso".

Frederido Augusto Rondon

Os grandes homens, as personalidades que marcaram uma época, deixando atrás de si uma esteira luminosa de exemplos e de realizações, não morreram de todo.

Vivem nas suas obras e, particularmente despertam admiradores e discípulos que lhes imitam os feitos, lhes perpetuam a memória, não só com os escritos mas, especialmente, seguindo-lhes os exemplos.

Cândido Mariano Rondon revive, fala, age na personalidade fascinante do sobrinho, General Frederico Rondon.

"Nomen, omen" já diziam os romanos de antanho: o nome é uma responsabilidade!

E o fascínio que exerceu sobre a juventude brasileira a singular figura do Marechal Rondon, despertou em Frederico Rondon o mesmo amor, o mesmo entusiasmo, diria, a mesma paixão pela sua terra e pela sua gente. Sim! Ele foi admirador e imitador de Rondon como os que mais o foram.

Escreveu ele: "Na tarde de 13 de agosto de 1911, vi-o pela primeira vez em sua entrada triunfal em Cuiabá, em chegando de seus campos natais, de Mimoso. Destaca-se pelo porte magnífico, numa bela montaria baia... à frente de luzida cavalgada que fora ao seu encontro. Passa entre alas de povo que o aclama como a um vencedor. E realmente o era, de ingente campanha, desbravador e pacificador dos sertões do Norte."

Ginasiano apenas sente-se empolgado pela figura carismática e fascinante do Desbravador e, garoto ainda, resolve ser um dia Oficial da Comissão Rondon.

O seu sonho se realiza. Oficial do Estado Maior na Inspeção de Fronteiras vai até aos confins com a Colômbia.

O livro "Pelo Brasil Central" encontra caloroso acolhimento na Imprensa, no Governo e na Universidade de São Paulo.

Pertence ao grupo idealista dos fundadores do "Instituto Rondon" que seria, antes de tudo, uma grande expressão da solidariedade brasileira.

Solidariedade brasileira nas províncias indígenas, onde índios e sertanejos, “em comunhão com operários e reservistas, viveriam trabalhando pelo progresso do Brasil Central, a desfrutar a parcela de felicidade social a que lhes é lícito aspirar, sob a égide da Lei e o amparo de uma instituição nacionalista e humanitária.”

Seus ideais, seu intenso amor ao Brasil e à sua gente, especialmente aos selvícolas, brilham em cada página de seu empolgante livro “*Pelos Sertões do Brasil*” que mereceu elogiosas referências da Imprensa nacional e estrangeira.

“*Nomen, omen*”. Sim! Frederico Rondon, bem mereceu o nome do imortal Tio. As matas do Brasil Central, a Amazônia, os indígenas, possuem um nome tutelar que por eles vela desde as históricas salas da Academia Matogrossense de Letras: **Frederico Rondon**.

Oxalá que o pequeno Frederico Rondon, o qual, na flor dos seus onze anos, vibrou ao ver o imortal Rondon em Cuiabá e resolveu imitar-lhe a vida, a luta, encontre outros jovens brasileiros os quais façam reviver a tradição magnífica e gloriosa do tio e do sobrinho.

Padre Pedro Cometti

Nascimento: Fossano - Itália, a 06 de janeiro de 1918. Chega do Brasil a 21 de novembro de 1933. Naturalizou-se brasileiro pelo Decreto de 1951.

Estudos Realizados:

- Curso de Filosofia e Pedagogia - Seminário Maior de Cuiabá - de 1934 a 1937.

- Curso Superior de Teologia - Instituto Teológico Pio XI - SP - de 1941 a 1944.

Atividades de Magistério:

- Filosofia: Curso Colegial - Campo Grande (MS) - de 1956 a 1958.

- Filosofia: Seminário Maior de Campo Grande (MS) - de 1953 a 1955.

- Filosofia: Faculdade “Auxilium” de Filosofia, Ciências e Letras da cidade de Lins (SP) - de 1959 a 1960.

- Princípios e métodos de Orientação Educacional: Faculdade “Auxilium” de Lins (SP) - 1960.

- Filosofia: Universidade Federal de Mato Grosso (MT) - 1972/1973.

- Latim, História e Francês: Colégio Dom Bosco de Campo Grande (MS) - 1938 a 1940.

- Liceu São Gonçalo de Cuiabá - 1948-1949.

- Filosofia e Pedagogia: Seminário Maior de Campo Grande (MS) 1954-1958.

Atividades Administrativas:

- Orientador dos Estudos - Liceu S. Gonçalo de Cuiabá (MT) - 1944.

- Diretor dos Estudos - Liceu S. Gonçalo de Cuiabá (MT) - 1945-1947.

- Orientador Pedagógico do Colégio Dom Bosco de Campo Grande (MS) - 1948 /1949.

- Secretário Particular do Exmo. Dom Francisco de Aquino Corrêa, Arcebispo de Cuiabá - 1950 a 1952.

- Diretor do Externato do Colégio Dom Bosco de Campo Grande (MS) - 1954 a 1958.

- Diretor do Colégio “D. Henrique”, de Lins (SP) - 1959/1960.

- Diretor do Colégio Dom Bosco de Tupã (SP) - 1963-1964.

Atividades Eclesiásticas:

- Superior Provincial da Missão Salesiana de Mato Grosso e oeste de São Paulo. - 1965-1969.

- Presidente da Entidade Mantenedora das Faculdades Católicas de Campo Grande - 1965-1969.

- Assessor do Arcebispo Metropolitano de Cuiabá - 1970-1974.

- Coordenador Estadual do MOBREAL - 1970-1974.

- Vigário Geral da Arquidiocese de Cuiabá - 1973 até hoje.

Conferências Proferidas:

- A Filosofia do Existencialismo - 15/03/1967.
- O Problema da Dúvida na Teoria de Descartes - 03/09/1969.
- O Endonismo - 20/04/1968.
- Justiça na Filosofia do Direito - 25 a 28/04/1967.
- Dom Aquino: sua vida e sua obra - 19/03/1965.
- O Positivismo - 24/11/1960.
- Nova Fisionomia do Ateísmo - 24/08/1960.
- **A História da Filosofia na Doutrina de S. Tomás de Aquino - 24/05/1960.**

Publicações:

- **Salesianos Defuntos da Inspeção de Mato Grosso nas Bodas de Diamante - 1954.**
- *Dom Aquino canta o Brasil* - 1973.
- *Amor em Pedacinhos.*
- *Amar não é tão Fácil* - 1983.
- *Partilhar Amor* - 1984. 2ª ed.
- *Meu lar minha vida* - 1987.
- *Oração Fúnebre* - 1956.
- **Oração Fúnebre Proferida na Missa de 30º dia do falecimento de D. Aquino - 1985.**
- **O 75º Aniversário da Criação da Província Eclesiástica de Mato Grosso - 1986.**
- **Pastor Vigilante - 1987.**
- **Sesquicentenário do Bispado de Cuiabá - notas históricas - 1976.**
- **D. Francisco de Aquino Corrêa - 1976.**
- **A Missão Salesiana em Mato Grosso e Goiás no seu cinquentenário -1894-1954.**
- **Salesianos Defuntos da Inspeção de Mato Grosso - 1894-1954.**

| | |
|---|---|
| Patrono: Francisco Antônio Pimenta Bueno | Ocupantes: José Magno da Silva Pereira Alírio de Figueiredo Francisco do Amaral Militão Hélio Serejo |
|---|---|

NA SAGA DA RECORDAÇÃO

Hélio Serejo

Relembrar, é viver e... viver intensamente... é ferrar o passado, enluvar a tropilha das letras, no rodeio entorpecedor da saudade... é fazer com que o coração sensível e encarpe bata ao compasso sublime e terno da emoção.

Estou, assim, neste instante procurando entender honroso pedido do incansável e nobre, confrade, João Alberto Novis Gomes Monteiro, presidente da gloriosa Academia Matogrossense de Letras, um acadêmico a serviço da verdadeira cultura.

A posse do fronteiro, do andarilho de muitos caminhos certificam-se no dia 19 de Outubro de 1973, em tocante solenidade presidida pelo desembargador Gervásio Leite, cuja solenidade contou com a presença do ilustre governador do Estado de Mato Grosso, Dr. José Fontanillas Fragelli.

Vários oradores se fizeram ouvir na fraternal reunião cultural.

Fez a saudação de posse o historiador e poeta Rubens de Mendonça, que em dado momento, chegou a empolgar a simpática platéia presente.

Na qualidade de seu legítimo representante, o discurso do novo imortal foi lido de maneira brilhante pelo cavalheiresco desembargador, João Antônio Neto, figuras de altas consideração e respeito no seio do sodalício.

Demorados e merecidos aplausos, recebeu o culto acadêmico, pela leitura da peça notória.

Foram lembrados os antecessores dos empossados: o patrono da cadeira 18, coronel Francisco Antônio Pimenta Bueno, inteligência viva e brilhante que tão assinalados serviços prestou a sua terra natal.

Francisco Antônio Pimenta Bueno

Nasceu Francisco Antônio Pimenta Bueno, em Cuiabá, a 10 de Novembro de 1836, bacharel em Ciências Físicas pela Academia militar.

Coronel do Corpo de Estado Maior de Primeira Classe, foi notável estudioso do nosso passado. Na qualidade de sócio prestou relevantes serviços ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, oficial da Rosa Cruz, cavaleiro das ordens de Aves do Cruzeiro, tendo sido condecorado com a medalha da campanha da Tríplice Aliança.

Assim se referiu sobre Francisco Antônio Pimenta Bueno em seu "*Dicionário Bibliográfico Brasileiro*", em todos os degraus da nobre e digna carreira militar sustentou com brilho, - quer nos recontros da luta armada, quer nos labores da ciência, honrando o venerando nome que carregava, como filho do nunca olvidado estadista Marquês de São Vicente.

Pimenta Bueno deixou dias preciosas obras:

- *Estrada de Ferro de Mato Grosso à Bolívia* e
- *História de Mato Grosso*.

Publicou e ofereceu outras obras às bibliotecas do país.

José Magno da Silva Pereira

Quando ele exalou o último suspiro, foi designado, por aclamato, para registrar o triste acontecimento, o resoluto e muito querido Isác Póvoas, pena respeitada no cenário jornalístico Cuiabano que, assim se manifestou:

“Coronel José Magno da Silva Pereira

No carinhoso aconchego do seu lar honrado, fechou para sempre os olhos, a 12 de Maio último, o nosso velho amigo e estimado confrade, coronel José Magno da Silva Pereira, uma das individualidades mais representativas do nosso Estado.

Filho do Dr. Caetano Xavier da Silva Pereira e de D. Antonia Guilhermina da Silva Pereira, nasceu o coronel José Magno nesta capital, a 15 de Novembro de 1847.

A sua mentalidade foi um produto genuinamente cuiabano, pois, os seus estudos, assim primários como secundários, foram feitos nesta capital.

Bem reduzido era então o número das disciplinas constitutivas do curso de humanidades; porém, estudadas meticulosamente, cuidadosamente, como as estudou o nosso confrade extinto, foi bastante para assegurar-lhe os louros immarcessíveis que colheu na cadeira de professor, na tribuna da imprensa indígena e na alta administração do Estado.

Do seu merecimento como catedrático de português, que foi do Lyceu Cuiabano, desde a fundação desse instituto de ensino, em 1880, melhor do que nós dirão as inúmeras gerações de estudantes matogrossenses, que beberam na sua fonte os conhecimentos sólidos de pura vernaculidade.

Foi incontestavelmente, no seu tempo, uma das maiores sinônimas a maior autoridade em matéria de philologia em nosso meio.

Jornalista de pulso que sempre foi, desde a sua mocidade a sua pena amestrada, colocada sempre em defesa da boa causa, prestou serviços relevantíssimos ao nosso Estado, libertando-o do guante ferrenho dos tyrannetes políticos de todos os tempos. Ora viamo-lo doutrinado com calma, erudição e clareza, naquele linguajar tão puro, tão escorreito, sobre os mais transcendentes assuntos; ora confundindo, esmagando mesmo os seus adversários, com o peso de sua lógica potente, da sua dialética formidável.

Como oposicionista, José Magno Pereira teve a glória de conseguir, com sua pena fulgurante, a derrocada de várias situações políticas.

Atacava de frente, sobranceiramente, os excessos dos governos despóticos e mal intencionados; profligava com denodo os processos indecorosos da política malsã, analisando-os detidamente e expondo-os em toda a sua nudez à execração dos seus concidadãos.

Setencioso nas suas dissertações, expunha as suas idéias com clareza, concisão e elevação de vistas admiráveis. Impetuoso no ataque, José Magno da Silva Pereira atraía sempre para si o ódio implacável dos seus adversários, tendo tido, em ocasiões diversas, oportunidade de sofrer consequências da sua linguagem virulenta. Foi preso a bordo do navio de guerra Antonio João em 1890, juntamente com o Dr. Manoel Murtinho; atirado em sua própria residência, em 1906, por partidários exaltados do Presidente de então sendo, ainda, algum tempo depois, forçado a andar de Herodes para Pilatos, dormindo em casa de amigos, para furtar-se às perseguições e violências dos mandões políticos da terra.

Nada disso, porém, fazia reduzir a silêncio a sua pena bem aparada.

Mesmo depois de velho, afastado das lides da imprensa, ainda vibrava de indignação diante de certas exorbitâncias políticas ou administrativas e escrevia, de quando em vez, os seus artigos, que, publicados, produziam o efeito de verdadeiras bombas.

Ainda no antigo regimen, foi o chefe da redação da Província de Mato Grosso, tendo sido também, no dizer de Estêvão de Mendonça, ‘o último sobrevivente dos antigos redatores do “Liberal”, que marcou um dos períodos mais brilhantes da imprensa regional’.

Na República, foi por muitos anos o redator do “O Matto-Grosso”, do “O Democrata” e do “Correio do Estado”, colaborando em alguns mais.

Alçapremado, sempre, em elevados cargos administrativos, o seu nome foi lembrado apenas uma vez, para o posto de representante do povo: quando se organizou a Constituinte mato-grossense.

Ocupou, na administração do Estado, os cargos de Diretor da Typographia e de Secretário do Governo, aposentando-se neste último com trinta anos de serviço.

Em todos os postos que foi chamado a desempenhar, José Magno Pereira pôz sempre em relevo a sua inteligência robusta.

Membro efetivo do Centro Matogrossense de Letras, desde a sua fundação em 1921, ocupou o nosso pranteado consócio a cadeira nº 19 de que é patrono Pimenta Bueno.

Já avançado em anos e constantemente doente, não teve oportunidade de fazer o elogio do seu patrono, privando-nos de um trabalho cujo mérito não seria difícil aquilatar diante do talento do mestre.

Sobre a lápide que encima a tumba do grande amigo, depositamos, respeitosos, uma coroa de saudades”.

José Magno da Silva Pereira, datado de brilhante inteligência encantou Cuiabá, com os seus admiráveis artigos, quase sempre em linguagem desassombrada e coragem indômita.

Foi mestre de uma legião de armas maravilhosas.

No campo da crônica, assim se apresentava, o lutador emérito, o gigante da emotividade:

As Garças

Rio acima, Pleno pantanal. De um lado e do outro, a campina de esmeraldas se estira por legoas e legoas.

De longe em longe, scintila ao sol a lamina fulgente de uma bahia ou de um braço do rio.

O rio é um monstro sem pernas, mas de mil braços que se estendem, como os tentáculos do polvo, abrindo clareiras na mata ou sulcos profundos no campo.

Nas corixas, aberturas que se prolongam por terra a dentro, aglomeram-se os camalotes, até que a enchente das águas dali os desagregue e forme, com eles, a infinita procissão flutuante.

O água-pé é o nelumbro dos egypcios, é a nympheacea que ostenta, sobre o verde de sua folhagem crespa, a flor singela e mimosa do nenuphar, o nosso Lotus.

Mas, eis que a embarcação que nos transporta entra, manso, num estirão comprido, em cujo fim parece terminar o rio.

Vencida, vagarosamente, a correnteza, ao dobrar a curva, demoradamente atingida, onde as águas rodopiam, alastra-se aos nossos olhos, como um enorme lençol desdobrado, uma praia de areias fulvas e faiscentes.

Sobre ela, como troncos derribados, dormem os hydrossaurio e como si o fizessem medrosas de acordar os jacarés repelentes, as alvacentas garças, tímidas e lindas, pé ante pé, silenciosas, maricam à beira d'água.

A embarcação, porém, se aproxima e, de súbito, movido pela mesma força instintiva, o bando gentil, com estrepito, esvoaça e parte em revoada, pondo uma via-lactea de azas no céu de amethista da tarde.

Mais além, alto e anoso cambará, por entre o verde escuro da mata ribeirinha, abre, solene, o pálio de ouro de sua copa florida. E o bando lindo das garças vem pousar na árvore em flor, derramando sobre o jalde das frondes a pureza imaculada da sua brancura...

Agora, em contínuas e rápidas cambiantes, a multidão aláda e albente recama o manto roxo dos ipés.

Alírio de Figueiredo

Nasceu em Cuiabá, aos 24 dias de Abril de 1893. Casado com Dona Francisca de Paula Faria de Figueiredo, seus progenitores: Coronel Antônio Cesário de Figueiredo e Luiza de Matos Figueiredo, Bacharel em Direito pela Faculdade da Universidade do Rio de Janeiro.

Desempenhou com elevada distinção e nobreza de caráter as seguintes funções públicas: Delegado de Polícia da Capital, Consultor Jurídico do Estado, Procurador Fiscal da Fazenda Estadual, Promotor Público da Capital, Procurador Geral do Estado, Secretário Geral do Estado, Professor de Português na Escola Normal do Estado e de Sociologia do Ginásio do Estado, Desembargador aposentado do Tribunal de Justiça. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Obras publicadas:

- *Poesias* - Rio, 1920

- *Poemas e Poeiras* - Cuiabá, 1930

Escreveu e conservou inédita uma obra de fôlego intitulada: *Sonetos e Epigramas*.

A avidez do poeta, Alírio de Figueiredo em compor versos de sólida estrutura filosófica, sempre proporcionou-lhe constantes e seguros avanços, pelas veredas da sensibilidade humana resultando desse passeio espiritual, um “armazenamento”, de imagens que representam a grande reserva emotiva que faz parte do seu vigor poético.

Grande estruturador do verso, Alírio de Figueiredo.

Francisco do Amaral Militão

Nasceu na gloriosa terra de Iracema, a 27 de Março de 1923, e faleceu a 20 de Julho de 1969 - tragicamente, em acidente rodoviário na estrada Campo Grande-Rondonópolis, justamente no dia em que o primeiro homem pisou na lua.

Militão foi professor de Matemática no Recife. Era economista, Inspetor Fiscal de Rendas Internas, e Professor da Faculdade de Direito de Campo Grande, ocupou o cargo de Presidente do Banco do Estado de Mato Grosso.

Publicou as seguintes obras: *Tese de Direito* - Recife, 1952 - *Assuntos Tributários* - 1963 - *Banco & Fisco* - 1963. Conferencista, cronista.

Possuía acentuada facilidade na redação de suas crônicas. Um homem culto, sempre em busca de aprimoramento.

Honrou sobremaneira a cadeira nº 18 da Academia Matogrossense de Letras.

Ao receber o convite do Acadêmico João Alberto Novis Gomes Monteiro, presidente da Academia Matogrossense de Letras, pensei em prestar uma homenagem ao digníssimo presidente do sodalício e seus nobres companheiros, reportando-me ao meu discurso de posse, no dia 19 de Outubro de 1973, lido de maneira brilhante, pelo querido amigo, desembargador, João Antônio Neto.

Os de hoje precisam saber, um pouco do homem anejo, varador de sertão ervateiro e prosador fronteiriço.

Hélio Serejo

Eu sou o homem fronteiriço que na infância atribulada recebeu nas faces sangüíneas os açoites desse vento, vadio e aragano que no afirmar da lenha avoenga, nasce terras incaicas, num recôncavo do mar, varre o altiplano boliviano, penetra o imenso aberto do Chaco Paraguai, para depois, exausto do bailado demoníaco, numa cólera e estrupício de tormenta, arrebenatar, cortante e gélido, na cidade de Ponta-Porã, a Princesa da Fronteira, sentinela avançada das terrarias matogrossenses. Eu vim dos ervais, meus irmãos, do fogo dos “barbaquás”, do canto triste e gemente dos urus, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolichos das estradas, do mais hirsuto da paulama seca, do pôr-do-sol campineiro, dos dutos, das encruzilhadas e das distâncias perdidas. Eu sou filho da “jungle”, sou gaudério de todos os pagos, apaixonado das querências e cria de todos os galpões da terra. Eu vim de longe, eu sou um misto de poeira de estrada, de fogo de queimada de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva no romper da madrugada, de lua aneja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargado. Sou misto, também, de índio vago, cruza-campo e trota-mundo.

Os ventos do destino - maus e bons - levaram-me a pagos diferentes. Os meus pés dilacerados trilharam muito caminho.

Fui, no perpassar inexorável do tempo, obreiro de crença, fé e esperança, como fui, também, imagem viva de desesperança, revolta e sofrimento.

Revolta, pela gritante desigualdade existente entre os seres humanos - criação sublime de um mesmo Deus e rebanho sofredor de um mesmo Pastor.

Trilhei, no passado distante - vivência que se incrustou no sensível coração caboclo - muitos ermos e muitas paragens.

Fui surrado da vida e sofrido do destino. Mas os olhos indagadores estiveram sempre voltados para o Alto, porque é do Alto, da Casa do Senhor, que vêm a força, a verdade e a luz.

Eu vim, em verdade, dos charcos e da poeira revolvente dos tempos, mas com o conforto grandiloqüente de ter sido guiado por essa luz mirífica que é o farol divino que indica neste tormentoso vale de lágrimas, aos bons e aos puros de espírito, o caminho certo da vida.

Procurei cantar com ternura e suavidade as belezas incomparáveis do sertão e, tanto quanto possível, procurei descrever com fidelidade as paisagens coloridas das estâncias.

Fui gemido da carreta manchega no estirão da serra íngreme e o fui, também, envaidecido, tropel de tropilha crioula e índio aragano, trilhador de todos os caminhos.

Amei, imensamente, o vazio aberto. Nele, sempre vi, orgulhoso e confortado, a obra incomensurável do Senhor.

Absorto e contemplativo - no giro sertanejo - quantas vezes não dormi sobre um baixeiro, debaixo da árvore agasalhadora, coberto pelo poncho azul do céu.

O chão era minha cama, e a mata milenária catedral crioula da minha oração xucra.

Sorvi com os olhos indagadores, essas paisagens campesinas, em seus mínimos detalhes e, delas me tornei escravo submisso e voluntário.

Assim eu sou, meus amigos, meus companheiros, meus confrades, meus irmãos de ideais.

Não sei se estou sendo feliz no atendimento ao pedido do produtivo e cavalheiresco presidente da Academia Matogrossense de Letras, nosso grande orgulho e envaidecimento.

Obras publicadas:

SEREJO, Hélio

Abusões de Mato Grosso e de outras terras..

Cuiabá: Acad.Matogr.Letras, 1976

SEREJO, Hélio

Pialo bagual

Curitiba: Requião, 1971

(Mato Grosso Crioulo)

SEREJO, Hélio

Astúrio Monteiro de Lima: um exemplo de homem

Presidente Venceslau: s.ed., s.d

SEREJO, Hélio

Poesia matogrossense

São Paulo: Edigraf, 1960

SEREJO, Hélio

Balaio de Bugre

São Paulo: s.ed., s.d

SEREJO, Hélio

Prosa rude

São Paulo: Cupolo, 1952

SEREJO, Hélio

Buenas, Chamingo!

São Paulo: Edigraf, 1960

SEREJO, Hélio

Prosa xucra

São Paulo: s.ed., 1971

(Mato Grosso Crioulo)

SEREJO, Hélio

Campeiro da minha terra

São Paulo: Vaner Bicego, s.d

(Surrão Crioulo)

SEREJO, Hélio

Quatro(4) Contos

Bauru: São João, s.d

(Mato Grosso Crioulo)

SEREJO, Hélio

Canto caboclo
São Paulo: s.ed., 1958

SEREJO, Hélio
Carreteiro de minha terra..
Pres.Venceslau: s.ed., 1941
(Coleção Mato Grosso Crioulo)

SEREJO, Hélio
Contas do meu rosário
Curitiba: Requião, 1978

SEREJO, Hélio
De galpão em galpão
Curitiba: Requião, 1978

SEREJO, Hélio
Fogo de angico
São Paulo: Vaner Bicego, 1978

SEREJO, Hélio
Mãe preta
Curitiba: Requião, 1978

SEREJO, Hélio
Modismo do sul de Mato Grosso
Bauru: São João, s.d.
(Mato Grosso Crioulo)

SEREJO, Hélio
Palanques da terra nativa
Curitiba: Litero-técnica, 1983

SEREJO, Hélio
Pelas orilhas da fronteira...
Curitiba: Litero-Técnica, 1982

SEREJO, Hélio
Rincão dos xucros
Curitiba: Requião, 1971
(Mato Grosso Crioulo)

SEREJO, Hélio
Rodeio da saudade
Curitiba: Requião, 1978

SEREJO, Hélio
Ronda sertaneja
Curitiba: Requião, 1971

SEREJO, Hélio
Sete(7) contos e uma potoca.
São Paulo: Vaner Bicego, 1978

SEREJO, Hélio
Tererê que me inspira, O
s.l.: s.ed., 1986

SEREJO, Hélio
Três(3) contos
Bauru: São João, s.d

SEREJO, Hélio
Vento brabo..
Curitiba: Requião, 1971

SEREJO, Hélio
Versos da madrugada
Curitiba: Requião, 1978

SEREJO, Hélio
Zé da fomalha
Curitiba: Requião, 1978

| | |
|---|--|
| Patrono: José Vieira Couto de Magalhães | Ocupantes: José Barnabé de Mesquita Vera Iolanda Randazzo |
|---|--|

Vera Iolanda Randazzo

José Vieira Couto de Magalhães

Como Patrono da Cadeira de nº 19, José Vieira Couto de Magalhães foi elegantemente saudado por José Barnabé de Mesquita, por ocasião da comemoração do Jubileu de Prata da Academia Matogrossense de Letras, quando o então presidente, Mesquita, fez questão de recuperar a história pregressa de todos os Patronos. Assim se expressou ele quando tratou de Couto de Magalhães:

“Poucos são os homens de Estado, cuja vida se tenha ligado tão vivamente a Mato Grosso e ao Brasil, como José Vieira Couto de Magalhães.

Em cada canto da pátria, palpita viva uma lembrança do passado, uma nota evocativa do tão ilustre quanto prestante cidadão. plena é que, o seu busto não esteja perpetuado em bronze, para continuar no tempo os exemplos que nos legou.

Nasceu o Dr. José Vieira Couto de Magalhães em Diamantina, Estado de Minas Gerais, a 1º de novembro de 1837.

Graduou-se em leis pela Faculdade de Direito de São Paulo.

“No seu governo de Mato Grosso, em torno do seu nome, formaram-se duas correntes diametralmente opostas - uma criada por seus admiradores e partidários, outra, mais numerosa, composta de desafetos e adversários. A esses dois grupos faltaram a tranqüilidade e a isenção de ânimo que sempre foge aos políticos militares. Por isso a posteridade, examinados os atos do Dr. José Vieira Couto de Magalhães, não pode aceitar o juízo apaixonado dos seus contemporâneos.

Tendo encontrado a província ocupada pelo inimigo, o seu primeiro pensamento foi de aparelhar elementos para desalojá-los. Moço ainda, impetuoso e fortemente prestigiado pelo poder central, nesse particular mostrou-se cauteloso e previdente, organizando três expedições que deviam simultaneamente assaltar a praça de Corumbá.

Como na luta vigorosa de Pernambuco, terminada pela expulsão dos holandeses, depois de duas páginas gloriosas, das Tabocas e dos Guararapes, entre nós, o sentimento de amor da pátria vibrou tão intensamente naqueles dias, que o presidente se viu na contingência de recusar voluntários.

E ainda assim, muitos foram os que partiram fora do efetivo das tropas. Como terminou a jornada de Corumbá, a história local já consagrou em letras imorredouras.

Ao lado do heróico feito de 13 de junho de 1867, surge a figura de Couto de Magalhães com o audacioso empreendimento da navegação do rio Araguaia, firmando o nosso direito à margem esquerda daquela caudalosa corrente.

Nem outra significação pode ter a colônia de Itacaiú o posto de Barreiro e de toda a série de núcleos fundada por sua iniciativa.

Mas, nem só como administrador deve-lhe Mato Grosso inolvidáveis serviços; deve-os também ao cientista e investigador pertinaz das raças e dos costumes dos nossos selvagens “O SELVAGEM” continua sendo a mais bela contribuição para o conhecimento do grande araxá matogrossense”.

Couto de Magalhães foi, não há dúvida, o paradigma do verdadeiro Nacionalismo, o arquétipo do Nacionalismo consciente e desinteressado, do Nacionalismo que é fé nos destinos da Pátria, esperança no seu futuro e amor às suas tradições gloriosas.

Hoje que tanto se usa e abusa dessa expressão que se canonizam, a cada passo figuras de gesso ou cartolina, convertidas em heróis de bronze ou de mármore, enquanto se trata de apelar do seu pedestal cimentado pelo trabalho as lídimas glórias nacionais, nesse rebuscar de minúcias em que se obliterou o verdadeiro senso histórico, bom é que se inculque, na pessoa de Couto de Magalhães, padrão do Nacionalismo sincero, digno de erigir-se como um dos pontífices do amor pátrio, um dos prógonos dessa reação feliz e oportuna que ora sacode as consciências, abrindo novos horizontes ao Brasil.

Desde a sua ante-vida, remontando-lhe além do berço, já iremos encontrar as raízes ávidas do seu Nacionalismo.

Da linhagem de Fernão de Magalhães, o heróico navegador lusitana, de quem disse Camões haver sido "no feito com verdade português", veio Couto de Magalhães à vida, na velha Diamantina, coração de Minas que é, por sua vez, o coração do Brasil, zona tradicional que representa para nós, o que é a Bretanha para os franceses, a Irlanda para os anglo-saxões, o lácio para os italianos, focos de lendas irradiador de tradições e nossa estupenda reserva racial.

Em uma das mais lindas páginas de sua obra admirável, evoca-nos Oliveira Viana, com acuidade de visão e finura de sensibilidade, a "Minas do lume e do pão" que, mantém nos dias agitados de hoje, a fisionomia de um Brasil patriarcal, de que falavam os nossos avós, conservando ainda quase intactos esses nossos antigos costumes, tão cheios de penetrante poesia que a civilização dos litorais na sua expansão incoercível, vai rapidamente destruindo.

Estudante de Direito, na velha Faculdade Paulista, Couto de Magalhães já se revela, nas primeiras manifestações de sua inteligência, o que seria na sua fulgente carreira pública - o devotado apóstolo do Nacionalismo.

Os seus primeiros ensaios versam temas nacionalistas, assuntos históricos colhidos entre interessantes episódios da vida brasileira.

Tinha vinte e três anos, quando publicou "OS GUAYANAZES" conto cujo entrecho se prende à fundação de S. Paulo. No prólogo epistolar, endereçado a Homem de Melo, confessa haver escrito esse trabalho "aos trambolhões e às carreiras", evocando sua vida de estudante que diz ter continuado a ser a mesma "com a diferença que a confusão e o labirinto já não eram alegres".

Cronologicamente, não é esta a primeira obra de Couto de Magalhães, que, no mesmo ano, publicara as suas teses de formatura, para obter o grau de doutor, seguida da dissertação, cujo tema era: Poderá o Bispo de uma Diocese suspender um sacerdote do exercício das suas funções administrativamente, sem as formalidades do Juízo? Na Revista da Academia de S. Paulo, porque fundada e redigida, com Joaquim Augusto de Camargo, outros ensaios seus vieram a lume: "Destino das Letras no Brasil", "Traços Biográficos dos poetas acadêmicos" e "O estudante e os Montes", novela em estilo quinhentista, com que pôs de manifesto os recursos do seu maleável talento literário. Segue-se "Um episódio da História Pátria", publicado em 1962, no qual tomou por objeto a revolta de 1720, em Ouro Preto, que teve como protagonista Felipe dos Santos, cronologicamente o primeiro libertário do Brasil. Como político, continua o escritor: "O estudo do governo de Couto de Magalhães, nas províncias que regeu - Goiás, Pará e S. Paulo - deve estar feito por proficientes historiógrafos regionais.

Da sua administração em Mato Grosso, num dos períodos difíceis, da nossa vida política, como nela entrara: puro e ilibado. Pode-se resumir a sua vida pública neste conceito feliz de Afonso Celso: "Sua reputação saiu ileso de tudo. Não se lhe acoima um desses atos impensados ou infelizes, que estigmatizam a carreira de um estadista. Em toda a parte, deu mostra de justiça, iniciativa, tenacidade, economia, amor ao trabalho."

(...)O Araguaia foi o grande sonho de Couto de Magalhães, o supremo objetivo dos seus atos como administrador das Províncias de Goiás, Pará e Mato Grosso.

A história da navegação do rio Araguaia, empreendida e realizada por um só homem, é uma das nossas epopéias nacionais, dignas de figurar ao lado de "Guararapes", das "Bandeiras", do "Abolicionismo", de "Palmares" e outras tantas páginas de heroísmo.

José Barnabé de Mesquita

José de Mesquita nasceu no dia 10 de março de 1892 e era filho do diamantinense e seu homônimo José Barnabé de Mesquita e de D. Maria de Cerqueira Caldas, sendo neto pelo lado paterno do Capitão Barnabé de Mesquita Muniz e de D. Maria Rita de Mesquita. O Capitão morreu muito cedo, deixando ao filho, ainda adolescente, a sagrada tarefa de cuidar da mãe viúva e três irmãs: Isabel Perpétua, Ana e Daria. Pouco tempo depois, os Mesquitas mudam-se para Cuiabá, devido principalmente a então decadência de Diamantino. Emprega-se o jovem chefe de família, numa casa comercial, onde pela sua capacidade logo chega a guarda-livros. Além de sustentar decentemente os seus, estuda com afinco e dotado de invulgar inteligência, habilita-se e conquista o cargo de advogado provisionado da Comarca de Cuiabá.

Progredindo, exerce vários cargos como Auditor de Guerra, ainda no tempo do Império, e professor de Latim no Liceu Cuiabano, e já na República, foi diretor da Tipografia Oficial. Político liberal, foi jornalista e ardente e abolicionista. Casou-se com D. Maria de Cerqueira Caldas, em 1891, e um ano depois, com apenas 37 anos, faleceu, deixando o seu único filho, de apenas cinco meses, além de seu próprio nome, uma herança de exemplos dignificantes, tanto de vida profissional como da familiar.

É patrono da cadeira nº 27 da Academia Matogrossense de Letras, a qual é ocupada pelo acadêmico Ubaldo Monteiro da Silva.

Alguns anos mais tarde, a jovem viúva uniu-se em segundas núpcias, ao comendador Antônio Tomás de Aquino Corrêa, viúvo de D. Maria d'Aleluia Gaudie Ley, com quem tivera vários filhos, um dos quais, Francisco de Aquino, seria o imortal e brilhante Príncipe da Igreja de Mato Grosso, que governou e pacificou nosso Estado de 1918 a 1922, e que é também luminar das letras mato-grossenses de renome internacional.

O menino José encontraria no seio do novo lar muito carinho e dedicação, embora continuasse sendo o enlevo das três tias paternas, duas das quais morreriam solteiras e centenárias na casa do querido sobrinho.

Estudou no Liceu Salesiano São Gonçalo e completou seu curso de Ciências e Letras em 1907, o que fazia sua tia Dadá dizer feliz: "*Quinze anos e já formado em Belas Letras!*"

Viaja então o jovem estudante para São Paulo, ingressando na famosa Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, onde teria como colega, dentre outros, Menotti del Picchia que seria o autor de "Juca Mulato", "As Máscaras" e outros belos poemas e de quem seria amigo por toda a vida.

Inicia, então, José de Mesquita sua carreira literária, mandando para o Jornal "O Comércio" de Cuiabá, sob a direção de Estêvão de Mendonça, deliciosas crônicas, num português primoroso, intitulada "Notas Paulistas" e é interessante ver a São Paulo do inverno de 1910 com os olhos do moço cuiabano de 18 anos:

"Por vezes, se a noite eu me ponho a perambular ociosamente pelas ruas e praças desertas, minha imaginação me faz ver, passando sob a garoa, embuçado numa longa capa romântica, o vulto de Álvares de Azevedo ou Castro Alves, ou qualquer outra alma como a deles que andou a amar e sonhar nesta paulicéia formosa. É então que S. Paulo me aparece como sempre imaginei: a grande e tradicional Cidade Universitária, cheia de dia, de estudantes que não estudam, e de noite de românticos sonhadores que passeiam o seu amor e as suas tristezas sob a garoa que desce suavemente do alto..."

Quando muito jovem, José de Mesquita aproximou-se da doutrina do filósofo francês Ernesto Renan e de outros livres-pensadores, afastando-se da religião de seus maiores, causando certo constrangimento à sua família, profundamente católica. Mas este afastamento foi breve, causado pela juventude, em feral contestadora, tanto que alguns anos mais tarde, diria no seu magnífico soneto intitulado "Jesus":

*“O mundo quis viver sem ti e viu que a vida,
sem a Tua palavra eterna que conforta,
É uma gleba maninha, estéril, ressequida...”*

Em 1915, recebe como esposa Ana Jacinta, de dezessete anos, filha do Desembargador João Carlos Pereira Leite e de D. Amélia de Cerqueira Pereira Leite.

Foi um casamento feliz. Nasceram-lhes oito filhos, três falecidos na primeira infância, mas criaram Gui, Amadeu, Maria Amélia, Maria de Lourdes e Fernando.

Perdendo sua dedicada esposa em 1942, desposou, três anos depois, sua cunhada Laura Pereira Leite, reconstituindo novamente um lar feliz, onde nasceria José Carlos, o que o faria dedicar à esposa o soneto “Paternidade”.

José de Mesquita (que não gostava do Barnabé) iniciou sua vida profissional como Professor de Português da Escola Normal, nomeado pelo Dr. Costa Marques, em 1914. Pode exoneração no ano seguinte, pois é nomeado Procurador Geral do Estado.

Jovem, formado em faculdade de renome, conhecido e admirado pelo que escrevia para a imprensa cuiabana, José de Mesquita é cortejado e convidado para os mais altos cargos, principalmente pela sua idoneidade moral, mas submete-se à concurso público para o Tribunal da Relação (hoje Tribunal de Justiça) e sendo aprovado é nomeado, em abril de 1920, como Juiz de Direito da Comarca de Araguaia.

Foi Professor de Direito Constitucional da antiga Faculdade de Direito de Cuiabá e Desembargador do Tribunal de Justiça, do qual foi Presidente de 1930 a 1940.

Como Presidente da Academia Matogrossense de Letras e orador perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, do qual também Membro fundador, em 1918, José de Mesquita falou sobre esta Casa Barão de Melgaço, em 1930, quando foi doado pelo Governo do Estado, para todo o sempre nela funcionar estas duas, sem dúvida, mais importantes entidades culturais de Mato Grosso:

“Mais nobre, mais coerente finalidade lhe não poderia ser dada. Que lhe seja, pois, doravante, o seio fagueiro da intelectualidade patricia, o remanso sereno onde, ao abrigo das procelas que se agitam no torvelim das paixões, possam expandir-se em fecunda atividade criadora, os pendores humanitários da ciência e as puras elucubrações do sonho!”

José de Mesquita passou quatro décadas de sua vida fazendo pesquisas em arquivos públicos e eclesiásticos, decifrando cartas régias e documentos coloniais, estudando processos criminais, inventários ou sesmarias, lendo as memórias das viagens setecentistas ou relatórios provinciais, folheando velhíssimos livros de batismo ou registro de necrópoles de onde desencava fatos históricos esquecidos e personagens ainda estudantes de vida, para reuni-los sob a epígrafe “*Gente e Coisas de antanho*”. Publicados inicialmente em jornais cuiabanos e depois nas revistas da Academia Matogrossense de Letras e do Instituto Histórico de Mato Grosso, no período de 1925 a 1954, foram reeditados pela Prefeitura da Capital em 1985, quando era prefeito, Dr. Manuel Antônio Rodrigues Palma, sob a coordenação do historiador Carlos Rosa.

Grande orador, seus discursos são lembrados como verdadeiras peças literárias de valor imperecível, como o que disse em Campo Grande ao parainfar uma turma de normalistas:

“O século XX é o século da Mulher. Nunca vosso sexo gozou de maiores prerrogativas e, por isso mesmo, nunca lhe pesaram sobre os ombros mais árduas responsabilidades. As conquistas feministas valem, sem dúvida, pela aquisição de maiores direitos, mas importa, paralelamente, no investimento de mais graves deveres”.

Ligado desde seus tempos de estudantes à instituições culturais de São Paulo, como ao Clube Minerva, ao Grêmio “Olavo Bilac” e ao Grêmio “Onze de Agosto”, continuaria José de Mesquita a manter estreito relacionamento com a intelectualidade paulista, por toda a vida, sendo membro atuante do Instituto Heráldico e Genealógico de São Paulo e à Academia de ciências e Letras de São Paulo. Em Campinas, era membro do Centro de Ciências, Letras e Artes do Centro de Cultura Intelectual.

Em Maranhão, era membro da Casa Humberto de Campos e no Estado do Espírito Santo, do Grêmio Literário "Rui Barbosa", do Centro de Cultura Humberto de Campos, do Círculo dos Amigos de Marden e do Grêmio Literário "Euclides da Cunha".

Correspondia-se e fazia parte, no Pará, da Academia Paraense de Letras e no Rio Grande do Sul era membro do Instituto Rio-Grandense de Letras, do Círculo Rio-Grandense de Difusão Literária e da Academia Rio-Grandense de Letras.

Em Minas, era correspondente da Academia Mineira de Letras; no Pará, do Instituto do Ceará e no Rio, era membro da Academia Carioca de Letras e da Academia Pedro II.

Em seu Estado natal, José de Mesquita foi do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, seu sócio fundador e orador perpétuo; da Academia Matogrossense de Letras, também sócio fundador e seu Presidente desde a sua fundação, em 1921 (quando se intitulava Centro Matogrossense de Letras) até a sua morte, em 1961 - por quarenta anos, onde ocupava a cadeira nº 19, cujo Patrono é o inolvidável presidente providencial e escritor, Gal. Couto de Magalhães.

Era também sócio benemérito da Sociedade Literária "Rui Barbosa" e do Grêmio "Castro Alves", ambas em Cuiabá. De Guiratinga, era membro efetivo do Intercâmbio Cultural.

Além desses, José de Mesquita pertencia ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Genealógico Brasileiro e da Federação das Academia de Letras do Brasil.

Suas atividades epistolares e culturais estendiam-se ao exterior, como por exemplo nos Estados Unidos, era membro honorário do International Institut of American Ideals, em Los Angeles, e na Europa, era Comendador da Gran Prix Humanitaires de Bélgica, em Bruxelas.

Na América do Sul, era sócio honorário, na Argentina, do Instituto de la Cultura Americana e no Uruguai, membro correspondente do Confraternité Universelle Balzacienne, cuja sede era em Montevidéo.

José de Mesquita publicou, dentre muitas obras e artigos:

| | |
|--|------|
| - <i>Poesias</i> | 1919 |
| - <i>Terra do Berço</i> | 1927 |
| - <i>Epopéia Mato-grossense</i> | 1930 |
| - <i>Três Poemas da Saudade</i> | 1943 |
| - <i>Escada de Jacó</i> | 1945 |
| - <i>Roteiro da Felicidade</i> | 1946 |
| - <i>Os poemas do Guaporé</i> | 1949 |
| - <i>Um Paladino do Nacionalismo</i> | 1929 |
| - <i>O Taumaturgo do Sertão</i> | 1931 |
| - <i>O atentado contra a Justiça</i> | 1932 |
| - <i>O Sentido da Literatura Matogrossense</i> | 1937 |
| - <i>Nos Jardins de São João Bosco</i> | 1941 |
| - <i>O Exército, fator de Brasilidade</i> | 1941 |
| - <i>A Academia Mato-Grossense de Letras</i> | 1941 |
| - <i>Bibliografia Mato-grossense</i> | 1941 |
| - <i>O Catolicismo e a Mulher</i> | 1921 |
| - <i>Semeadoras do Futuro</i> | 1930 |
| - <i>De Livia a Dona Carmo</i> | 1940 |
| - <i>Professoras Novas para um Mundo Novo</i> | 1940 |
| - <i>Gente e Coisas de Antanho</i> | 1978 |
| - <i>Genealogia Cuiabana</i> | 1944 |
| - <i>As Necrópolis Cuiabanas</i> | 1937 |
| - <i>Grandeza e decadência de Serra Acima</i> | 1932 |
| - <i>O Espírito Associativo em Mato Grosso</i> | 1933 |
| - <i>Os Jesuítas em Mato Grosso</i> | 1921 |

José de Mesquita foi condecorado, em 1933, pelo Papa Pio XI, com a comenda da Ordem de São Silvestre, pelos serviços prestados à ação católica.

E, em 1936, representou o Tribunal de Justiça no Congresso Nacional de Direito Judiciário e na Conferência Brasileira de Criminologia.

Em 1960, recebeu a medalha da Pacificador, do Ministério da Guerra pelos serviços prestados à Pátria.

Faleceu nesta capital à 22 de junho de 1961, e dele disse, em conferência no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Virgílio Corrêa Filho:

“Difícilmente encontrarão quem o substitua, com equivalentes credenciais, de cultura embebida de humanismo, capacidade rara de trabalho e vontade resoluta de bem servir à coletividade, e que se irradiava a sua simpatia envolvente”.

Vera Iolanda Randazzo

Dados Pessoais

Vera Iolanda Randazzo

- Nascimento: 21 de setembro de 1927 - Caxias do Sul / RS
- Filiação: Roberto Edmundo Randazzo
Cecília Compagnoni Randazzo
- Radicada em Cuiabá desde agosto de 1955

Formação Escolar

- Primário: Grupo Escolar Municipal Criuva / RS
- Ginásial: Colégio Nossa Senhora da Conceição - Porto Alegre / RS
- Colegial: Secretaria de Educação e Cultura de Mato Grosso - Cuiabá / MT
- Universitário (incompleto) - Licenciatura em História - UFMT - Cuiabá / MT

Cursos/Simpósios

- Simpósio sobre “Reforma Administrativa e Descentralização Regional - Ministério do Planejamento - 1969
- Curso “Índios do Norte de Mato Grosso” - 1972 - UFMT
- Estágio junto ao Arquivo Nacional - Rio de Janeiro, 1973
- Mesa Redonda: “Avaliação de Documentos de Valor Histórico” - Arquivo Nacional - RJ - 1973
- Curso de “Informação e Comunicação Jornalística” - 1973 - UFMT
- Simpósio sobre Administração e Descentralização - 1974
- Curso de “Organização de Arquivos de Empresas” - Associação dos Arquivistas - Rio de Janeiro - 1974
- 3º Congresso Brasileiro de Arquivologia - Associação dos Arquivistas Brasileiros - Rio de Janeiro, 1976
- 1º Seminário Brasileiro de Fontes Primárias de História do Brasil - Grupo de Documentação - 1976
- Reforma Administrativa e Descentralização Regional - 1979
- 4º Congresso Brasileiro de Arquivologia - Rio de Janeiro, 1979
- Curso de Microfilmagem de Desenhos Técnicos - 1979
- 2º Seminário de “Preservação de Documentos” - 1979
- Curso de “Gerência de Conflitos” - 1980
- 1º Ciclo de Estudos sobre Recursos Humanos - Escola de Serviço Público de Mato Grosso - 1980

Participação em Comissões/Conselhos

- Membro da Comissão Organizadora de Concurso- Secretaria de Administração de Mato Grosso - Membro - 1973
- Membro da Comissão de Estudos de Fronteira MT/GO - Secretaria do Interior e Justiça de MT - 1975
- Membro Conselheiro da Fundação Cândido Rondon - Cuiabá / MT - 1980

Estágios

- Faculdade de Ciências Farmacêuticas - SP - 1971
- Arquivo Nacional - Rio de Janeiro - 1973

Atividades Profissionais

- Oficial Administrativo da Biblioteca do Arquivo Público de MT - 1962
- Titular responsável em Substituição - Biblioteca do Arquivo Público de MT - 1963
- Professora Primária interina em Rosário Oeste - 1972
- Jornalista Colaboradora - 1970
- Diretora do Arquivo Público de Mato Grosso - nomeada oficialmente em 1972
- Técnica em Arquivística junto à Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso
- Organizou o Instituto "Memória do Poder Legislativo de Mato Grosso"
- Autora de do "Projeto de Pesquisas das Leis no Período de 1835 a 1889", apresentado à Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso
- Membro da Comissão de Estudos de Fronteiras, para exame de questões de limites entre os Estado de Mato Grosso e Goiás - 1975

Filiação a Entidades

- Membro Correspondente da Academia Paulistana da História
- Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso
- Academia Matogrossense de Letras
- Ordem dos Bandeirantes de São Paulo
- Sócia Fundadora da Sociedade dos "Amigos de Rondon"

Diplomas/ Títulos/Registros

- Registro de Profissional de Arquivística
- Jornalista Colaboradora
- Diploma do "Mérito Rondon" (Funcionária Pública)
- Título de Cidadã Cuiabana - pela Câmara Municipal de Cuiabá
- Registrada como Jornalista na Delegacia Regional do Trabalho em Mato Grosso, sob o nº 01, Livro nº 03, de 04/03/1970
- Registrada como Arquivista na Delegacia Regional do Trabalho, de acordo com Lei Federal nº 6.546, de 04/07/1978 e regulamentada pelo Decreto Federal nº 82.590, de 11/01/1978.

Publicações

- *"Pajmejera, Pajmejera!"* - 1969
- *"As cartas do grande chefe à sua esposa"* - 1973
- *"Quando morreu Pascoal Moreira Cabral"* - RIHGMT, 1976
- *"Catálogo de Documentos Históricos de Mato Grosso"* - 1977
- *"Catálogo da Exposição de Documentos Históricos em Homenagem a Corumbá - Bicentenário - 1978"*
- *"Catálogo da Exposição de Documentos Históricos em Homenagem a Diamantino - Pentacinquentenário"* - 1978

- *"Contribuição à História do Arquivo Público de Mato Grosso"* - 1979
- *"Catálogo da Exposição dos Documentos Mato-Grossenses da Proclamação da República - 91º aniversário"* - 1980
- *"Catálogo da Exposição de Documentos Históricos em Homenagem a Poconé - Bicentenário"* - 1981
- *"Integridade Territorial de Mato Grosso e o acordo com Goiás"* - RIHGMT, 1987

Colaboradora na Imprensa Mato-grossense desde 1962, com crônicas, poesias, contos e ensaios históricos nos jornais:

- *"O Estado de Mato Grosso"*
- *"A Tribuna Liberal"*
- *"O Social Democrata"*
- *"Diário de Cuiabá"*
- *"Correio da Imprensa"* e outros

Cursos/Simpósios

- Simpósio sobre *"Ratificação do Planejamento"* - 1969
- Curso *"Índios de Mato Grosso"*
- Estágio *"Jornalismo"*
- Mesa Redonda *"História de Mato Grosso"*
- RIHGMT

| | |
|--|---|
| Patrono: José Estêvão Corrêa | Ocupantes: Philogônio de Paula Correia José Adolpho de Lima Avelino Domingos Sávio Brandão Lima Benedito Pereira do Nascimento |
|--|---|

Benedito Pereira do Nascimento

Quando este século se aproxima do fim e se apresenta, ante as profundas mutações decorrentes da era tecnológica, imprevisível o futuro da humanidade e do Estado na aurora do terceiro milênio, considero louvável a iniciativa da Academia Mato-Grossense de Letras, no ano em que comemora setenta e cinco anos de existência, de focar o desenvolvimento dos estudos histórico-literários de Mato Grosso, que demarcaram e vivificaram o rumo de sua evolução cultural.

De fato, temos o dever de cultuar a memória desses numes tutelares e divulgar aos contemporâneos e aos vindouros, os exemplos marcantes de vida, de saber, de luz e grandeza que os exponenciais vultos da Casa Barão de Melgaço, marcando a história, legaram à posteridade.

Todos eles dignificaram a Academia, propiciando lembrar a evocação de um dos maiores poetas do Parnasianismo brasileiro Olavo Bilac:

“ Olha estas velhas árvores, mais belas
Do que as árvores novas, mais amigas;
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas...

Não choremos, amigos a mocidade!
Envelheçamos rindo! Envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem

Na glória da alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos
Dando sombra e consolo aos que padecem”.

Unidos pelos mesmos princípios e pelas mesmas intenções, pela mesma fé e pela mesma esperança, não podemos olvidar a expressão feliz de Carlos Xavier Paes Barreto, membro da Sociedade Brasileira de Filosofia, ao escrever sobre Joaquim Nabuco:

“ Há mortos que falam do túmulo e cuja voz é preciso escutar. Isso depende de nós, portanto a vida dos mortos residem na memória dos vivos”.

Portanto, honra e louvor a quantos nos transmitiram estímulo e precioso legado cultural, para extrairmos do passado as lições para o futuro, pois somos todos homens com os mesmos sonhos e confiança nos destinos do Brasil e, sobretudo, buscando servir a mais nobre das causas que é a humanidade.

No Brasil de hoje, com seus imensos desafios, não há como negar ser a educação, direito emergente da cidadania, importante para a formação plena e harmoniosa da personalidade do jovem brasileiro.

Uma Nação é digna da sua juventude quando oferece e assegura aos seus filhos possibilidade real de educação, despertando no educando os valores humanos, cívicos, morais, sociais e religiosos, que constituirão a sua personalidade madura.

Por isso, proclamemos, reiteradamente, que para o desenvolvimento cultural de um povo não há na vida de um homem dignidade mais enobrecedora do que a de educador.

Somente as boas ações tornam o homem imortal, ou como afirmava Diderot “a imortalidade é uma espécie de vida que adquirimos na lembrança dos homens”.

Assim, projetou o seu nome no cenário do ensino mato-grossense, como um dos seus expoentes, o nosso Patrono, Professor José Estêvão Corrêa, da Cadeira nº 20. Nasceu no dia 2 de Agosto de 1.840 em Cuiabá, e aqui faleceu em 12 de Outubro de 1.917.

Espírito vivamente consagrado ao magistério.

Desenvolveu ação no sentido de mudar o panorama do ensino em consonância com a realidade brasileira.

A educação nacional, nessa época, passou a receber influência dos ideais da Revolução Francesa.

De sua privilegiada existência, dedicou quarenta e sete anos à atividade educacional, ensinando “mais com exemplo do que com a doutrina”, como diria João Mangabeira ao referir-se ao paladino do Direito e da Legalidade, Ruy Barbosa.

José Estêvão Corrêa foi educador que, pela fecunda atuação na cátedra, deixou indelevelmente ligado o seu nome à causa da educação.

Foi jornalista, exerceu cargo de inspetor escolar, Diretor Geral da Instrução Pública, Diretor do Liceu Cuiabano e foi eleito deputado à Assembléia Provincial.

Homem superior e de consciência iluminada.

Ao suceder o nosso Patrono, dele disse Philogônio de Paula Correia: “Durante quase meio século da sua permanência na atividade do magistério, não houve no Departamento do Ensino, uma só iniciativa, uma reforma, uma nova fundação, que não tivesse a sua sempre acatada colaboração”.

De tudo quanto se escreveu do Professor José Estêvão Corrêa, nada supera o juízo de Domingos Sávio Brandão Lima quando da sua posse na Cadeira número 20 da Academia Mato-Grossense de Letras:

“José Estêvão Corrêa era um verdadeiro educador. Exerceu o magistério não apenas como uma profissão, mas também como uma missão predestinada, pois como percebera argutamente Georg Kerschensteiner, “unicamente deverá ser mestre aquele para quem esta profissão supõe o cumprimento de um designio” (El alma del educador”, ed. Labor).

“Ao iniciar sua missão em 1870, fê-la sob os impulsos da reforma Leôncio de Carvalho, a última que nos legara o velho Império. Implantava-se no país a obrigatoriedade do ensino primário, proclamava-se a liberdade do ensino secundário e superior. Incentivava-se a criação de jardins da infância, escolas primárias mistas, bibliotecas, museus escolares, conferências pedagógicas e escolas normais, tudo com o auxílio do governo central. Depois, com a proclamação da República, Benjamin Constant Botelho de Magalhães lançava uma reforma de ensino onde se divisava nítida a influência das idéias filosóficas e pedagógicas de Augusto Conte. E ...dois anos antes desta reforma, José Estêvão, em seu discurso aos bacharéis do Liceu Cuiabano, em 1909, afirmara enfaticamente”.

“Se a escola é a oficina onde se prepara o espírito e se forma o caráter desses caminheiros do futuro, meninos e adolescentes hoje e cidadãos amanhã, a instrução é o farol de cujo foco rebentam as chamas que lhes abrasam os corações, lhes apagam os baços nevoeiros da

inteligência e fazem com que, após os seus primeiros e tímidos vôos de ensaio, lá para mais tarde com asas abertas aos ventos do infinito, se abalem eles do ninho paterno em busca da Canã de glórias com que de longe lhes acena o anjo de suas esperanças; se a escola é o templo que, com o mesmo carinhoso afago, recebe em seu seio os ricos e os pobres, os grandes e os pequenos, os nobres e os plebeus, os felizes e os desvalidos, a instrução que nela se ministra é o orvalho, a cujo benefício influxo se desabrocham as inteligências infantis, do mesmo modo que as açucenas do deserto também se desabrocham perfumosas aos úmidos beijos da serena madrugada”.

Professor José Estêvão Corrêa alçou à condição de Patrono da Cadeira nº 20 deste Areópago, legando aos pósteros exemplos que sugerem reflexão e, como sementes benfazejas, se reproduzem em atos meritórios.

São palavras do Acadêmico Domingos Sávio no seu discurso de posse: “Era imprescindível a convivência, o conhecimento profundo da realidade educacional estadual, para conceituá-lo como o fez Philogônio de Paula Correia: “a personalidade de José Estêvão avultou no limite exato entre um passado que anoitecia pobre de iniciativa e a alvorada de um futuro promissor”.

O Professor José Estêvão Corrêa, Patrono da Cadeira nº 20, foi uma das figuras mais expressivas e destacadas do ensino em Mato Grosso, que encontrou, na carreira do magistério, a sua vocação, o seu destino e a sua realização como homem público singular.

1º Ocupante

Philogônio de Paula Correia

O Professor Philogônio de Paula Correia nasceu em Cuiabá, em vinte de dezembro de 1.886, sendo filho do Advogado Antonio de Paula Correia e D. Francelina Virgínio de Paula Correia.

Philogônio Correia e Dona Maria Ruth Luzia Lombardi tiveram as seguintes filhas: Emília Lombardi Correa, Célia Lombardi Correa Tocantis, casada com Aecim Tocantis, conceituado Professor e Conselheiro Ex-Presidente do Tribunal de Contas do Estado e Carmem Correa Gabriel, casada com o farmacêutico Benedito Scaff Gabriel.

Do Professor Philogônio na infância ouvi, repetidas vezes, a minha saudosa mãe, também educadora, afirmar envaidecida: “ Fui aluna de Philogônio e Nilo Póvoas ”.

Na vida escolar desenvolveu intensa atividade política, diplomando-se, com distinção e louvor, em 1.906, como Bacharel em Ciências e Letras na primeira turma do Liceu Cuiabano, tendo sido escolhido orador da solenidade de colação de grau.

Ainda moço, com apenas 21 anos de idade e sobejando-lhe engenho e talento, abraçou o magistério lecionando, primeiramente, no Liceu Salesiano São Gonçalo.

O ponto culminante da carreira foi quando, por concurso, alcançou aprovação para professor de História no Liceu Cuiabano e Escola Normal Pedro Celestino. Evidenciando vocação natural para a carreira de professor, serviu ao magistério público com devotamento e competência.

Urge, sem dúvida, forjar o ânimo da juventude nos magníficos exemplos e sábias lições que nos transmitiu o Professor Philogônio, porquanto teve o venerando educador uma vida dedicada integralmente à causa pública, especialmente para a da mocidade mato-grossense.

Dados preciosos e seguros dos seus valores na vida social defluentes da extraordinária inteligência e das peregrinas virtudes cívicas do Acadêmico Lenine Póvoas, ex-aluno do abalizado Professor Philogônio de Paula Correia, merecem de modo especialíssimo relevo.

Sobre o “ Mestre da História ” disse o eminente historiador:

“ A inteligência, a cultura e o talento que exibia nas cátedras, nas tribunas dos parlamentares que integrava e nas da Academia de Letras do Instituto Histórico e Geográfico, fizeram de Philogônio a figura que era lembrada, em primeira plana, para representar Mato Grosso nos grandes conclaves nacionais de educação e de história”.

“E foi graças a ele que o nome do nosso Estado saiu sempre honrado desses encontros dos maiores expoentes da cultura brasileira”.

“Assim foi no Congresso de História Nacional, do Rio de Janeiro, em 1924, em que ele brilhou aos 28 anos de idade; assim foi nos de História e de Ensino realizados na antiga Capital Federal em 1922; assim foi no encontro de Academias de Letras e Associações Culturais do Brasil levado a efeito na Guanabara, em 1938; assim foi no Congresso de Educação que marcou o “batismo cultural de Goiânia”, em 1942; assim foi no de História Nacional realizado na Bahia e em todos eles o representante de Mato Grosso fazia que seus atributos intelectuais lhe credenciavam a fazer”.

“Destacada foi a sua atuação perante o Tribunal de Arbitramento que se instalou no Rio de Janeiro para dirimir a secular pendência de limites de Mato Grosso com Goiás, no qual obteve o nosso Estado definitiva vitória. Sobre o assunto escreveu Philogônio importante Memorial que, por não ter sido encontrado, fez muita falta quando na última década os nossos vizinhos de além-Araguaia tentaram, intempestivamente, reviver o já encerrado problema”.

“Numa época em que os homens atingiam o fim da vida pública pobres como nela entraram, Philogônio Correia não seria exceção. E na sua pobreza chegou à velhice honrada, respeitada e glorificada”.

Por ocasião de seu centenário de nascimento, proclamava o saudoso Acadêmico Ernesto Pereira Borges: “ E, Mato Grosso que recolheu e guardou, na memória, as inesquecíveis reminiscências da sua singular personalidade, pode, agora, evocá-las, nesta data votiva, em que se comemora o centenário de seu nascimento, assim se unindo e se associando às instituições culturais que Philogônio fundou e ilustrou e enriqueceu: Instituto Histórico e Geográfico do Estado e a Academia Mato-grossense de Letras - e bem assim às sucessivas gerações de seus alunos e alunas que ele ensinou e instruiu, notadamente na ampla área da História Universal que Philogônio lecionou, como Catedrático, no Liceu Cuiabano e na Escola Normal ”.

Da respeitável toga do eminente Desembargador Antônio de Arçuda brota o seguinte testemunho: “ os que tiveram a ventura de ser seus discípulos sabem do encanto com que ele conseguia transmitir as lições ”.

Philogônio de Paula Correia, não foi apenas educador exemplar, mas homem de fidelidade a princípios, fidelidade a sua gente, fidelidade à alma nacional. Foi um homem de admirável coerência política e intelectual.

Distinguiu-se, igualmente, como orador, parlamentar e jornalista.

Na atividade do jornalismo, conforme escreveu o conspícuo historiador Lenine Póvoas, colaborou em diversos “jornais como: “O Farol”; “A Coligação”; “A Reação”; “O Mato Grosso”, “O Evolucionista”; “O Estado de Mato Grosso” e nas Revistas da Academia e do Instituto Histórico e Geográfico”.

Jamais faltou aos princípios para se amoldar às conveniências.

Deixou-nos marcas de sua personalidade e inteligência.

A antevisão do obstinado Mestre fê-lo crer, precocemente, na importância da educação para o convívio social e progresso de um povo.

Assim, esses exemplos de civismo e coragem, cultura e espírito público merecem ser rememorados, reverenciados e projetados para as novas gerações nesta quadra do tempo em que a seriedade e o comportamento nacionais precisam de ser repensados para que a sociedade brasileira possa viver melhor e em paz.

José Adolpho de Lima Avelino

Nasceu na cidade de Fortaleza, Ceará, em 9 de outubro de 1886, filho de José Alfredo Avelino e D. Maria do Livramento Lima Avelino. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, recebendo, aprovado com distinção, o grau de bacharel em 1915.

Órfão de pai estudou com dificuldades, como depõe sua filha, D. Maria Elizabeth Avelino Vieira: “Segundo de quatro irmãos, muito cedo conheceu os encargos de família, pois perdendo o pai aos 13 anos de idade, é obrigado a trabalhar, concorrendo para a manutenção da casa. Passa assim a trabalhar das sete da manhã às sete da noite ao balcão de uma das grandes firmas comerciais da época, em Fortaleza, consistindo ainda seu serviço em varrer, espanar e arrumar a loja, entregar compras etc...”

Trabalha de dia e estuda de noite, isto por anos afora, até que consegue completar os primeiros estudos e os cursos então chamados preparatórios”.

Exerceu a advocacia em Manaus, Ponta Porã, Nioaque, Aquidauana, Campo Grande e Cuiabá. Iniciou a sua vida pública como Inspetor Escolar em Santo Antonio do Rio Madeira. Na mesma cidade foi Promotor de Justiça e, em 1921, é eleito Intendente Municipal. Em 1924, elegeu-se Deputado Estadual pelo Estado de Mato Grosso. Foi Suplente de Juiz de Direito, Advogado da Intendência Municipal (1929), Promotor de Justiça (1930), Auditor da 11ª Circunscrição Militar (1931) em Campo Grande. Orador eloqüente, atuou, também, no jornalismo. Procurador Geral do Estado e Professor de Direito Romano da Faculdade de Direito de Mato Grosso.

Demonstrando irresistível vocação, ingressou na magistratura mato-grossense, após concurso, como Juiz da Comarca de Coxim sendo, ao depois, promovido para a Comarca de Três Lagoas. Sobre sua passagem por esta circunscrição judiciária, bem retratam a personalidade do Acadêmico Lima Avelino as palavras do emérito historiador Lenine Póvoas:

“Quatro anos depois era promovido para Três Lagoas. O que foi sua passagem, como Juiz, por aquela Comarca, atestam o renome e as amizades que ali grangeou. Tais foram as raízes que sua personalidade deitou no coração do povo treslagoense que, segundo o depoimento insuspeito de Rosário Congro, o povo chorou na gare de Noroeste no dia de sua partida. Tais manifestações, recebidas por um Juiz que se despede dos seus jurisdicionados de vários anos, falam bem alto da integridade de caráter e das qualidades de inteligência e de coração do novel Acadêmico”.

Mais adiante, enfatiza: “ Em nossa jovem Faculdade de Direito o ilustre cearense vem demonstrando, na regência da espinhosa cadeira de Direito Romano, toda a sua jovialidade intelectual, todo o seu amor a cultura jurídica. Sabendo árida a matéria de sua cátedra. Lima Avelino tem o cuidado de apresentá-la de forma suave, atraente e elegante”.

Posteriormente, na Justiça Trabalhista foi nomeado, em 1941, para o cargo de Presidente da Junta de Conciliação e Julgamento de Cuiabá. Serviu, eventualmente, na 8ª Junta de Conciliação e Julgamento de São Paulo.

Membro da Academia Mato-Grossense de Letras e Venerável da Loja Maçônica de Porto Velho, da qual foi um dos fundadores.

Era casado com D. Alice Borges de Lima Avelino, de família amazonense, tendo o casal uma filha: D. Maria Elizabeth Avelino Vieira, casada com o Conselheiro e Ex-Presidente do Tribunal de Contas de Mato Grosso, Dr. Enio Carlos de Souza Vieira.

Esta a perspectiva que revela a privilegiada existência de Lima Avelino sempre preocupado com o destino da Pátria e os valores eternos do homem.

Válido é, no particular, afirmar-se que o seu discurso de posse no Sodalício matogrossense é uma peça de elogiável coerência e, sobretudo, fruto de seu talento, de seu caráter, de sua fé em um mundo melhor, inspirado nos ensinamentos do Evangelho.

3º Ocupante

Domingos Sávio Brandão Lima

Elegendo-me, talvez pelo meu convívio diuturno com as letras jurídicas, para a Cadeira nº 20, que tem por Patrono José Estêvão Correa, a Academia Mato-Grossense de Letras me enobreceu e estimulou por ser o meu antecessor Domingos Sávio Brandão Lima, a quem em vida estive ligado por fraternos laços de amizade e me deu motivação para a carreira judicante.

Estudando e tendo conhecimento próprio da sua vida e da sua obra, pudemos lobrigar o exemplo vivo e palpitante de magistrado ímpoluto, jurista culto e que enalteceu a magistratura de Mato Grosso pelas decisões luminosas de saber jurídico e elevado espírito de justiça.

Nascido em Maceió, Alagoas, em 19 de setembro de 1928, é filho do Professor Domingos Gonçalves Lima e Dona Belmira Brandão Lima.

Recordo-me, neste instante, da frase de Latino Coelho na Oração da Coroa que diz: “ Não me enleia o faltar-me o que contar de ti e dos teus; enleia-me o não saber por onde começar”.

Volto ao passado longínquo, ao tempo em que estudava no tradicional Liceu Cuiabano, e contemplo num quadro emoldurado pelo farfalhar das imponentes palmeiras cuiabanas e pelos majestosos coqueirais nordestinos a figura do Desembargador Domingos Sávio Brandão Lima.

Conheci-o na minha juventude como pedagogo e Auditor da Polícia Militar. Foi meu professor de História Geral.

Mereceu, desde logo, a admiração dos seus discípulos que o consideravam sábio e justo. Aliás, o ensinamento platônico define que não há justiça sem homens justos.

Entre o mestre e os alunos surgiu uma amizade fraterna.

Dessa relação amistosa, que se estendeu até as residências amigas e aconchegantes do poeta Carmindo de Campos e do humanitário médico Dr. Agrícola Paes de Barros, recolhemos valiosas lições do professor Sávio.

Embora se gabasse de seu estado de celibatário, o Desembargador Domingos Sávio Brandão Lima não se rendeu, apenas, à hospitalidade cuiabana, mas aos encantos e virtudes da queridíssima Professora Universitária Josephina Paes de Barros Lima. A melodia “**only you**” embalou-lhes o namoro, o noivado e a vida conjugal. Uniram-se por casamento e tiveram dois filhos, o advogado Domingos Sávio Brandão Lima Júnior, próspero empresário, e Luiza Marília de Barros Lima, bacharela em Comunicação Social.

Na sua terra natal fez seus estudos secundários no Seminário Metropolitano e, após, na Escola Técnica, cursou Contabilidade e Administração.

Na terra do romancista Graciliano Ramos, que bem conheceu os sertões nordestinos, Domingos Sávio foi funcionário público federal. Colou grau, em 1955, na Faculdade de Direito de Alagoas. Fez o Curso Superior de Guerra (1972) e Cursos de Atualização (1977 e 1982), também, na Escola Superior de Guerra, no Rio de Janeiro. Foi jornalista, advogado e professor em Alagoas e São Paulo. Em Mato Grosso, exerceu o magistério no Liceu Cuiabano, na Escola Normal Pedro Celestino e Professor Catedrático de Direito Romano na Faculdade Federal de Direito em Cuiabá. Nomeado pelo Ministério de Educação e Cultura presidiu à Comissão destinada a instalar a Faculdade de Direito de Campo Grande. Operosa e brilhante foi a sua trajetória na Magistratura de Mato Grosso.

Homem que, segundo Machado de Assis, tinha “a virtude de não esmorecer com as vasantes, nem alucinar-se com as enchentes”, pela cultivada inteligência, intuição jurídica e senso prático.

O egrégio varão, cuja memória hoje reverenciamos, viveu a plenitude de todos os seus instantes.

O Padre Antônio Vieira disse com a sabedoria do gênio: “uma coisa é contar os anos, outra e vivê-los; uma coisa é viver, outra é durar. As nossas ações são os nossos dias; por elas se contam os anos, por estas se mede a vida, enquanto obramos racionalmente, vivemos; o mais do tempo duramos”.

Ou como proclamou Ruy Barbosa referindo-se a Osvaldo Cruz, posso asseverar que Dr. Sávio “tinha o senso de sua vocação e esta não lhe consentiu hesitar”.

Autoridade sem violência, era trabalhador infatigável e zeloso do exato cumprimento do dever. A pontualidade era-lhe qualidade intrínseca. Logo fez sentir a sua influência e o seu exemplo. Em tudo deixou as marcas de um idealista convicto.

Participou de campanhas cívicas em prol da instalação da Universidade Federal em Cuiabá.

Exerceu ao lado dos Desembargadores Leão Neto do Carmo, João Antônio Neto e William Drosghic, força renovadora do Judiciário de Mato Grosso. Desempenhou o cargo de Auditor da Polícia Militar do Estado. Foi Juiz de Direito nas Comarcas de Diamantino, Santo Antônio de Leverger, Poconé e Primeira Vara da Comarca de Cuiabá.

Deus me concedeu à graça de trabalhar, ainda nos meus 23 anos, como Promotor de Justiça, com exceção de Diamantino, nas Comarcas onde Dr. Sávio julgava. Dele recebi estímulo e conselho. Sou-lhe todo grato.

Desde Juiz de Primeira Instância, Desembargador, Corregedor Geral de Justiça, Presidente, por duas vezes, do Tribunal de Justiça, o Desembargador Domingos Sávio Brandão Lima dignificou a magistratura notabilizando-se como julgador independente e modelar, percuciente e culto.

Sólidos os seus conhecimentos de filosofia e sociologia. Habitua ao trato dos clássicos da Língua e revelou pendor pelos estudos históricos, características marcantes nos seus trabalhos jurídicos.

Participou de Congressos nacionais e internacionais, representou o Tribunal de Justiça em Encontros de Desembargadores e Simpósios sobre o Código Civil.

A aposentadoria não lhe foi ponto final.

Representou Mato Grosso em Encontros Nacionais de Secretários de Justiça e Segurança, e ainda nas reuniões da Escola Superior de Guerra.

Membro da Academia Mato-Grossense de Letras, da Associação Brasileira de Romancistas, do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, da Associação de Imprensa de Mato Grosso, sócio da Associação dos Magistrados Mato-grossenses e da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, sendo Delegado em Mato Grosso.

Presidiu a Conselhos e Comissões.

Paraninfou bacharelados em Direito.

Recebeu vários títulos de cidadania, diplomas, medalhas e comendas, destacando-se o Colar do Mérito Judiciário Nacional, Comendador da Ordem do Ipiranga, São Paulo, e Grande Oficial da Ordem do Mérito de Mato Grosso e Honorary Oklahoman of the State of Oklahoma.

Perito na arte de falar.

Proferiu conferências em Faculdades de Direito, inclusive na do Largo de São Francisco.

Estudava diuturnamente. O livro era o seu amigo predileto. Em boa verdade, tinha razão, pois o admirado pregador sacro Vieira asseverou em pensamento lapidar: “o livro é um mudo que fala, um surdo que ouve, um cego que vê”.

Livros publicados, monografias, artigos, discursos, votos, acórdãos, sentenças, revelam uma inteligência limpa e vertical, rica de ciência e de bondade.

TRABALHOS PUBLICADOS

- Honorários Advocatícios em Ações Cambiais
- Palavras à Turma “Liberdade e Justiça” (Oração de Paraninfo)
- A Livre Convicção do Juiz
- Dos Suplentes de Juiz do Trabalho
- O Pecado Original da Nova Constituição
- Imposições Trabalhista na Próxima Reforma Constitucional
- Do processo das Ações Sumárias Trabalhistas
- Do “Mandatum in Rem Suam”
- O Negócio Jurídico Intitulado “FICA” e seus problemas
- Aspectos Históricos da Educação Clássica na Grécia
- O Brasil na Escala do Desenvolvimento
- Do Pagamento por Consignação nas Obrigações em Dinheiro
- A Irrenunciabilidade dos Alimentos no Acordo de Desquite
- O Procedimento Sumaríssimo no Atual Código de Processo Civil

LIVROS DE QUE É AUTOR

- Aspectos Históricos da Educação Clássica na Grécia (Tese)
 - Desquite Amigável (1970)
- O Negócio Jurídico Intitulado “FICA” e seus problemas na Jurisprudência (1971)
- Desquite Amigável - Doutrina - Legislação - Jurisprudência (1972)
- Antecedentes Romanos da Procuração em Causa Própria (1973)
- Origem e Evolução da Procuração em Causa Própria
- A nova Lei do Divórcio Comentada (1978).

“ A obra do jurista é a única que permanece quando cessa o tumulto das revoluções”, ensina Georges Ripert.

Deixou às gerações futuras aquela lição suprema de Sêneca à humanidade: “ o bem único, o mais precioso que lhe restava: a imagem de sua vida ”.

Testemunhei, com lágrimas nos olhos, o desvelo dispensado pela Professora Josephina e filhos ao Dr. Sávio.

Visitava-o freqüentemente e era doloroso vê-lo sofrer quando queria viver. Disse-me, em certa feita: é bom, doce e suave morrer ao lado de Josephina.

Por fim, soube aceitar com confiante resignação e conforto da família e amigos, as provações que os misteriosos desígnos da Providência lhe fizeram chegar ao coração.

Só a morte, que lhe adveio aos cinquenta e sete anos, deteria a beleza de sua vida. Ainda bem que “a morte é o começo da imortalidade”, como exclamou Robespierre.

Faleceu em Cuiabá, na manhã do dia vinte e sete de dezembro de 1985, véspera do aniversário de seu casamento.

Quando um grande homem, ornado por virtudes paradigmáticas, suscita admiração, temos de citá-lo, de invocá-lo sempre.

Benedita a Magistratura de Mato Grosso que tem o Desembargador Domingos Sávio Brandão Lima como exemplo digno de ser imitado!

Reservou a mim a destino, no imponderável de suas imprevisões, de vir ocupar a cadeira, que o imortalizou.

Como Jefferson disse de Franklin, um homem de tal envergadura, nesta Academia, “ eu apenas o sucedo. Ninguém poderá jamais substituí-lo”.

Benedito Pereira do Nascimento

Desembargador

CURSOS

- Primário: Escola Modelo Barão de Melgaço.
- Secundário: Colégio Estadual de Mato Grosso (Liceu Cuiabano).
- Direito: Faculdade Federal de Direito de Mato Grosso.
- **Modelo Político Brasileiro: Escola Superior de Guerra (RJ/1978).**
 - Metodologia do Ensino Superior (UFMT/1975).
- **Curso de Processo Civil (1974); De Estudos Jurídicos-Atualização (1974 e 1975) e Tóxicos (1974).**
- **Curso de Psicologia e Parapsicologia ministrado pelo Instituto de Parapsicologia de São Paulo.**

CARGOS E COMISSÕES

MAGISTRATURA

- **Juiz de Direito de Rosário Oeste e Cuiabá (1968/1979).**
- **Diretor do Fórum da Comarca de Cuiabá (1976, 1977, 1978 e 1979).**
- **Juiz Eleitoral de Cuiabá, Cáceres e Poconé.**
- **Juiz Substituto, classe de Juiz de Direito, do Tribunal Regional Eleitoral.**
- **Membro, dois biênios e classe de Juiz de Direito, do Tribunal Regional Eleitoral.**
- **Desembargador, promoção por merecimento (1979).**
- **Presidente do Tribunal de Justiça de Mato Grosso (1983/1985).**
- **Vice-Presidente do Tribunal de Justiça de Mato Grosso (1981/1982).**
- **Presidente da Comissão de Concurso de Juiz Substituto (1983/1984).**
- **Membro da Comissão de Organização e Divisão Judiciárias (1991/1992).**
- **Presidente do Conselho da Magistratura (1983/1984), da Câmara Especial da Comissão de Biblioteca e Publicação (1979), e da Comissão Permanente de Doutrina (1987/1988).**
- **Membro e Presidente da Comissão Técnica Permanente de Organização e Divisão Judiciárias, Regimento Interno e Comissão de Concurso (1980 / 1987 / 1988 / 1991 / 1992 / 1993 / 1994).**
- **Membro, atualmente, do Tribunal Pleno, da 2ª Câmara Cível e das Câmaras Cíveis Reunidas da Corte Judiciária.**
- **Vice-Presidente do Tribunal Regional Eleitoral de Mato Grosso (1987/1988).**
- **Presidente do Tribunal Regional Eleitoral (1988).**
- **Presidente, reeleito, do Tribunal Regional Eleitoral de Mato Grosso (1989/1991).**
- **Participou do VI Congresso Internacional de Magistrados - Rio de Janeiro (1978), do Primeiro Encontro de Presidentes de Tribunais de Justiça - Recife (1984), do Primeiro e Segundo Encontros de Presidentes de Tribunais Regionais Eleitorais - João Pessoa (1989) e Vitória (1990), e do Encontro de Presidentes de Tribunais, realizado no Supremo Tribunal Federal (1991), em Brasília - Distrito Federal .**
- **Foi o primeiro aluno, que recebeu o grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso, a exercer o cargo de Presidente do Tribunal de Justiça do Estado e, também, do Tribunal Regional Eleitoral de Mato Grosso.**

MINISTÉRIO PÚBLICO

- Justiça Federal - Membro da Comissão, como Procurador da República, de Instalação da Justiça Federal em Mato Grosso (1967).
- Promotor de Justiça de Santo Antonio de Leverger e da Primeira Promotoria de Justiça de Cuiabá.
- Procurador da República no Estado (1967 e 1968) e Procurador Regional Eleitoral (1965).
- Membro da Associação do Ministério Público do Brasil.
- Membro da Associação do Ministério Público de Mato Grosso, sendo um dos seus fundadores (1967).
- Membro do Conselho Penitenciário do Estado.
- Substituto eventual do Procurador Geral da Justiça perante o Egrégio Tribunal de Justiça de Mato Grosso.

MAGISTÉRIO

- Professor fundador da Universidade Federal de Mato Grosso (1972), Titular de Direito de Família.
- Professor da UFMT de Direito das Sucessões, Direito do Menor, Instituições de Direito Público e Privado.
- Professor de História Política do Brasil no Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá.
- Professor de Organização Política e Social do Brasil, Geografia, História Geral, do Brasil e da América do Colégio Estadual de Mato Grosso (1950/1958) - Liceu Cuiabano. Foi nomeado Professor Secundário com dezenove anos de idade, lecionando no Liceu Cuiabano.

INSTITUIÇÕES CULTURAIS A QUE PERTENCE

- Membro da Acadêmia Mato-Grossense de Letras.
- Membro Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.
- Membro da Associação dos Magistrados Brasileiros.
- Membro do Instituto dos Magistrados do Brasil.
- Membro da Associação dos Magistrados Mato-Grossenses

CONDECORAÇÕES E HONRARIAS

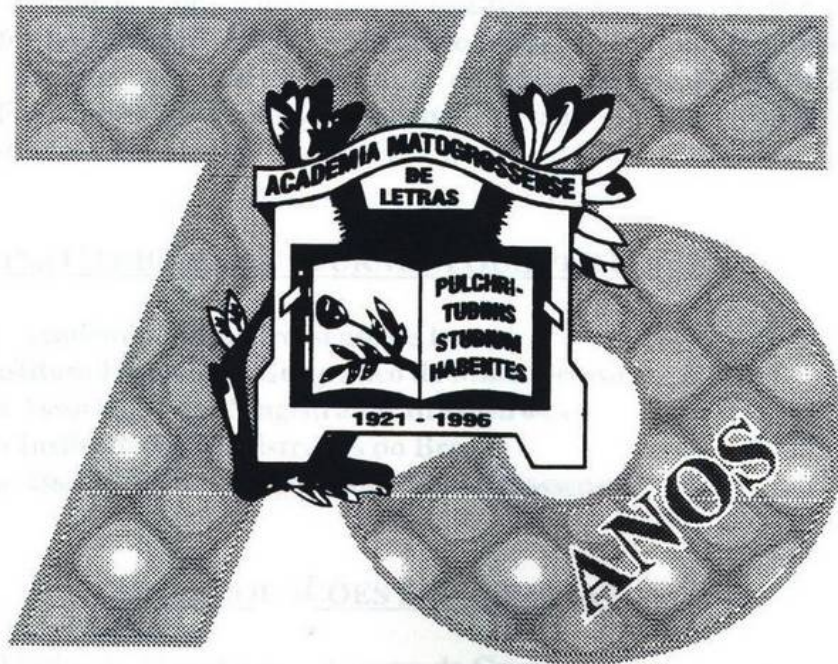
- Ordem do Mérito de Mato Grosso no grau de Grande Oficial.
- Ordem do Mérito Legislativo - Comenda Filinto Müller.
- Colar do Mérito Judiciário - Tribunal de Justiça .
- Amigo da Marinha - Sexto Distrito Naval (1994).
- Amigo do Exército - 13ª Brigada de Infantaria Motorizada (1994).
- Paraninfo e Patrono, em diversas oportunidades, de graduandos em Direito e Serviço Social da UFMT.

PRODUÇÕES JURÍDICO-LITERÁRIAS PUBLICADAS, ENTRE OUTRAS, NAS SEGUINTE REVISTAS BRASILEIRAS:

- I - Juriscível do Supremo Tribunal Federal.

- Editora Legis Summa - São Paulo
- II - Revista dos Tribunais
Editora Revista dos Tribunais - São Paulo
- III - Revista Forense
Editora Forense - Rio de Janeiro
- IV - Jurisprudência Brasileira
Editora Juruá - Curitiba
- V - Revista de Direito Civil: Imobiliário, Agrário e Empresarial**
Editora Revista dos Tribunais - São Paulo
- VI - Revista Brasileira de Direito Processual
Editora Forense - Rio de Janeiro
- VII - Revista de Processo
Editora Revista dos Tribunais - São Paulo
- VIII - Anais Forenses do Tribunal de Justiça de Mato Grosso**
Tribunal de Justiça - Cuiabá/MT.
- IX - Revista Jurídica
Editora Síntese - Porto Alegre
- X - Revista Trimestral de Jurisprudência dos Estados
Editora Vellenich - São Paulo.

JUBILEU DE DIAMANTE



2025 - 75 ANOS DE HISTÓRIAS PUBLICADAS, ESTABELECIDAS E
LIDAS EM AS REVISTAS BRASILEIRAS

Supremo Tribunal Federal

| | |
|--|--|
| Patrono: Manuel Peixoto Corsino do Amarante | Ocupante: Luis-Philippe Pereira Leite |
|--|--|

Luis-Philippe Pereira Leite

Manuel Peixoto Corsino do Amarante

Em 4 de fevereiro de 1842, na lendária cidade de Cuiabá, na então Província de Mato Grosso, nascia “*um dos matogrossenses de mais honra para o torrão natal, pela bravura bélica e pelo caráter na paz, tão calmo nos azares da guerra como na cátedra da Escola Militar*”.¹ Eram seus pais “*Antônio José Zeferino e Ana Balbina do Amarante, pouco abastados, de parecer simples e modesto, desfrutando a vida calma e patriarcal das famílias do interior, repartidas as graves preocupações da existência entre as práticas de uma fé católica arraigada e os impulsos de uma dedicação sem desfalecimento ao regime monárquico vigente*”.²

Tal o primeiro ambiente natural e necessário da educação e formação de Manuel Peixoto Corsino do Amarante, nascido de uma família cristã bem ordenada e disciplinada, onde resplandecem as virtudes e os bons exemplos dos pais elevados às excelsitudes onde morrem todos os embates dos gênios, todas as suspeitas, todas as luta para só imperar a amizade nobre e respeitosa com que dois seres se amam e, assim unidos, se vão à velhice cercados de uma prole que vale toda a sua glória³, tecendo de renúncias e cessões recíprocas o verdadeiro amor conjugal, perene porque não se fundamenta nos sentidos, santo porque nascido do sacrifício.⁴ E no segredo dessa vida profunda, onde o amor humano vai juntar-se ao amor divino, nessa vida interior, que devemos alimentar sempre, tanto mais, quanto maior a invasão das coisas exteriores,⁵ decorrem os dias de Corsino do Amarante, suaves como os de cada manhã nas casas felizes, lembrando aquele sugestivo quadro de Ruy, na imortal *Oração de Friburgo* em que os filhos adormecem todas as noites no amor de seus pais, e os pais acordam todos os dias entre os carinhos de seus filhos.⁶

O Estudante

Concluídos os estudos preliminares, deixa a cidade natal, para prosseguí-los na Capital do Império e, aqui, merece ser lembrado interessante episódio da sua vida estudantil, ocorrido aos 6 de dezembro de 1860, quando Saldanha da Gama, concluindo o exame do terceiro ano ginásial do Colégio Pedro II, deixou o casarão da rua Larga, à ilharga e à sombra da Igreja de S. Joaquim, para ir matricular-se na Escola da Marinha, outro casarão no largo da Prainha. Atesta, esse relato, os altos dotes morais e intelectuais de Corsino do Amarante e, ao mesmo tempo, serve de comovida homenagem à memória daquele outro varão ilustre, marinheiro e diplomata, de quem se disse que não morreu em Campo Osório, onde, apenas, ergueu o pedestal da própria e sempiterna glória; do bravo almirante, cujo centenário de nascimento o Brasil inteiro ontem ~~comemorou, e a quem devemos, de par com a admiração paterna, o nome que trazemos.~~

Compareceram, ambos, para dar contas de ano, perante a mesa examinadora presidida pelo Reitor Dr. Pacheco da Silva e composta pelo Vice-Presidente Félix de Albuquerque, por

¹ SALGADO, Plínio - *A aliança do sim e do não*. p. 154-155.

² Idem. *Ibidem*. p. 64.

³ DOHMS - *Du sens de la fin du mariage*. p. 51.

⁴ A. M. C. - *L'église et l'eugenisme*. p. 209.

⁵ LEVALLET-MONTAL, Mônica - *Palavras à minha filha*. p. 299-300.

⁶ BARBOSA, Rui - *Palavras à juventude*. p. 11.

Azevedo Corrêa, Benevides, Pedro José Abreu, Jorge Furtado de Mendonça Malheiros, Joaquim Manuel de Macedo, o bacharel Gonçalves da Silva, João dos Santos Marques e Simão Abunayuba. Corsino do Amarante conseguiu distinção em todas as matérias; Saldanha da Gama obteve nota distinta em Francês, Inglês, Geografia e História média e nota plena nas demais matérias, Latim, Aritmética e Álgebra. De Saldanha da Gama que, pela fascinação que exerceu na sociedade e sobre a mocidade do seu tempo, foi a “*bel alma inamorata*” da marinha brasileira, Corsino prestou a inteligência, o pundonor, a cortesia de maneiras, o agrado do metal da voz, o pendor para discorrer com fluência sobre fatos históricos.

Era o aluno distinto, que revelava o professor emérito, que as gerações vindouras iriam reverenciar.

O Militar

Assentado praça, matriculou-se na Escola Militar da Praia Vermelha, obtendo aprovação plena em todas as matérias, teóricas ou práticas, passando a alferes-aluno. Chamado à guerra, interrompe seus estudos e à vanguarda do exército e nas fileiras do 1º regimento de artilharia a cavalo, segue para os campos de luta. A fé de ofício de Corsino do Amarante é um rol de bravura. Seu nome figura em inúmeras citações elogiosas referentes às mais árduas batalhas e aos mais importantes combates da guerra contra o Ditador Solano Lopes. Ferido gravemente em combate, mereceu louvor especial de Caxias, conhecedor de sua bravura militar. Vêmo-lo em Passo da Pátria, junto às fortificações, em Tuiuti, em Potreiro Ovelha, em Lomas do Passo Poçú, em Humaitá, no Chaco, onde foi ferido e quatro meses após, já restabelecido e pronto para as novas lides em Acurram Arroio Pirajú, em Maracajú e, finalmente ao termo da guerra, em Jejuí-Guassú e Caraguataí. Em novembro de 1870, concluída a licença de 6 meses para tratamento de saúde, matriculava-se na Escola Militar, para concluir o curso de Artilharia, o que se deu no ano seguinte, com distinção em quase todas as matérias. Transferido mais tarde para o corpo de engenheiros, ingressava, no magistério militar em 25 de fevereiro de 1874.

A Fênix da Cátedra e a preceptoría dos Príncipes

Na cátedra, destacava-se pelo zelo e pela dedicação no desempenho de sua nobre missão, pela assiduidade e amor pelo trabalho; pela harmonia que sempre buscou estabelecer entre superiores e subordinados, sem quebra da disciplina, que sempre soube manter com toda solicitude, aliada aos princípios da mais esmerada educação; pela inteligência com que conciliava as asperezas da disciplina com as doçuras do seu caráter.

A tradição oral, diz Marques da Cunha,⁷ que faz a história e a lenda, até hoje conservada pelos que foram seus colegas ou alunos, confirma ponto por ponto tudo o que se possa dizer de bem a respeito da envergadura moral e dedicação ao cumprimento do dever, que o modesto oficial e professor, sem alarde ou ostentação, sempre revelou.

Na Escola Superior de Guerra, lecionou a cadeira de mecânica, sendo-lhe conferido, logo após, o grau de Doutor em Matemática, ciência que para Corsino, era a mais perfeita, porque permitia se chegasse mais próximo de Deus. Convidado para auxiliar o Barão de Ramiz Galvão na preceptoría dos príncipes, filho da Princesa Isabel, comunicava logo a alguns amigos íntimos o honroso convite e mostrava a intenção de aceitá-lo, não só por achar isso de acordo com as convicções políticas de leal dedicação às instituições e à família reinante, como também porque seria uma oportunidade para dar aos velhos progenitores, vivendo em um longínquo recanto de província, uma doce impressão de intenso júbilo.

De certo, diz o seu biógrafo⁸, na escolha de seu nome, mais talvez do que a competência e o preparo científico, aliás notáveis avultou a consideração de seu feitio moral, de sem caráter íntegro e de suas arraigadas crenças religiosas.

⁷ CUNHA, Marques da - *Anuário da Escola Militar*.

⁸ Idem. *Ibidem*.

O Advento da República

Assim, na preceptorial dos príncipes, o encontrou o advento da República, a 15 de novembro de 1889. Era bem de ver, escreve seu biógrafo, Marquês da Cunha, a dolorosa surpresa, o incurável desapontamento com que o dedicado professor, cheio de pasmo, contemplava o esboroar de um trono, que lhe parecia tão solidade de um mundo, o despertar de um cândido sonho, que por tantos anos lhe acalentara os dias fugidios. Em presença dos fatos inelutáveis, julgando a sua situação de oficial incompatível com o novo regime, discordando da atitude do Exército, que lhe parecera eivada de negra ingratidão para com o velho monarca, não hesitou um momento. Tomou da pena e traçou o seu requerimento de demissão do serviço do Exército e do cargo de lente da Escola Militar. Aos íntimos, talvez procurassem demovê-lo desse passo, que tanto iria prejudicar o seu futuro e o bem estar da família, declarou com firmeza ser irrevogável a sua resolução.

É, continua o biógrafo, um dos traços belíssimos do caráter desse homem, que numa idade quase impossível de recomeçar a vida, preferiu a perspectiva de um futuro incerto e ameaçador, à triste colisão de um suspeito aos olhos dos triunfadores, a ter de transigir com as suas velhas crenças e ter que desobedecer aos ditames da consciência, a sua boa amiga, tão branca e pura. Bastar-lhe-ia um silêncio tacitamente aprovador, um mutismo acomodado e previdente, para conquistar a benemerência e galgar em breve os altos cimos de sua carreira quando não quisesse cair nos gestos desmesurados das adesões incondicionais, que foi no momento a regra geral. Não só pela sua alta significação moral, como também por ter constituído na ocasião uma das raras notas dissonantes esse fato calou fundo no ânimo daqueles que, embora sinceros propugnadores da nova ordem de cousas, não se achavam por completo atordoados pelos alaridos e fragores do vitorioso evento. E, Marques da Cunha, decorridos quase trinta anos de tão assinalados sucessos, evoca a funda emoção da lembrança desse nobre proceder do saudoso professor, pelo espírito de abnegação, firmeza de crenças, desprendimento e respeito de si mesmo que Corsino do Amarante manifesta, deixando bem patente aos olhos de todos a fina têmpera do mais excepcional caráter e um exemplo digno de ser enaltecido com fervor pelas novas gerações.

A Demissão do Exército

Benjamin Constant, que se achava à testa do movimento republicano, seu colega de magistério e amigo íntimo, ao ter conhecimento do duplo pedido de demissão, que, uma vez deferido, viria afastar do Exército um militar brioso e do magistério um homem de cultura e saber, procurou demover Corsino do Amarante do seu propósito. Amarante, porém, insistiu e o fundador da República propôs-lhe uma solução conciliatória e razoável. Concordaria em conceder-lhe a demissão do posto de coronel do Exército; não o dispensaria, entretanto, da cátedra da Escola Militar, porque, dizia, “*estava em causa, não o regime político, mas a educação da mocidade*”. Diante do patriotismo e sincero apelo que lhe era feito, Corsino do Amarante acedeu e, despido de todas honras, vantagens e regalias militares, restava-lhe agora, somente, a sua situação de professor na Escola, cujo caráter meramente científico lhe permitia a permanência, sem *desaire*, e com real proveito para o ensino, em vista de sua luzes e larga experiência.

O Sábio

Dotado de uma cultura científica invulgar, atesta o General Lobo Viana⁹, possuindo “*conhecimentos sólidos e variados, abrangendo diversos ramos do saber humano, numa coordenação harmônica com a escola filosófica que adotara, perlustrando os grandes trabalhos em que os sábios condensam a suma de suas elucubrações*”, as lições de Corsino do Amarante, no entanto, não tinham o colorido vivo e a clareza cristalina das de Benjamin Constant, a

⁹ VIANA, General Lobo - “*Jornal do*” do Rio de Janeiro, de 26 de julho de 1928.

linguagem castiça e empolgante das de Brasília Bezerra, a correção e nitidez das de Carneiro da Cunha, os tropos nefelibatas e as arrancadas pseudo demostênicas, adubadas de citações latinas, das de Tomaz Alves, nem a amenidade sonora e cantante, e, às vezes, saturada de uma velada malícia das do conselheiro Amaral. Monótona e chã como a palavra, e escasseava-lhe a limpidez d exposição.

Eram-lhe familiares, os inúmeros fatos e dados da Matemática, da Física, das Ciências Naturais; extremava na minúcia; detinha-se por atingir a nota justa do rigor e da exatidão. Era, enfim, o sábio reconhecido e proclamado!

O Chefe de Família

Em 1877, após sua promoção ao posto de Major consorciava-se a D. Mariana Paulina Loureiro de Andrade, filha de João Estanislau Pereira de Andrade e Leonor Augusta Loureiro de Andrade, descendente do Conde de Bobadela, havendo desse consórcio 9 filhos. Dotado de extraordinária bondade, ajudava os seus alunos pobres, com pequenas dádivas para o fardamento e as necessidades mais prementes.

Chefe da família exemplar, cuidava de modo particular da educação e formação religiosa dos seus filhos. Nos últimos tempos, diz o seu biógrafo¹⁰, aparecia como uma bela imagem hierárquica do passado, digna de todo respeito e acatamento, pela seriedade de seu saber, pelas suas virtudes, pela simplicidade de seus meios de ação, pela sinceridade de todos os seus gestos, pelo apego às convicções, que foram seu guia do berço ao túmulo. O olhar era de uma doçura cativante, como que refletindo a bondade inalterada da sua alma. Todo seu exterior respirava natural modéstia, desprendimento absoluto pelas fórmulas convencionais do mundanismo, uma constante placidez, que decerto se conjugava por completo com os seus profundos sentimentos católicos.

Esse brasileiro ilustre, embora contasse mais de 50 anos de gloriosos serviços nos campos de batalha e na cátedra em que pontificara na Escola Militar, terminou seus dias em 26 de julho de 1908, como vivera - pobre e modestamente.

Luis-Philippe Pereira Leite

Dados Pessoais

Luis-Philippe Pereira Leite

Nascimento: 12 de dezembro de 1916, em Cuiabá-MT

Filiação: João Pereira Leite

Jovina Valladares Pereira Leite

Formação Escolar

Primário: Escola Modelo Barão de Melgaço - 1914 a 1927

Secundário: Liceu Cuiabano - 1929 a 1933

Tiro de Guerra: na EIM175 em Cuiabá, de 11 de
a 11 de dezembro de 1933

março

Superior: Faculdade de Direito de Niterói - RJ - 1936 a 1940

Cargos e Titulações

Extranumerário mensalista nº 842 do Departamento Federal de Segurança Pública do Ministério da Justiça, no Rio de Janeiro, de 13 de dezembro de 1937 a 10 de março de 1941.

Oficial de Gabinete da Secretaria Geral do Estado de Mato Grosso, de 07 de abril de 1941 a 27 de março de 1946.

¹⁰ CUNHA, Marques da - op. cit.

Membro do Conselho Administrativo do Estado de Mato Grosso, de 27 de março de 1946 a 26 de março de 1947, nomeado pelo Presidente da República.

Deputado Estadual à Assembléia Legislativa de Mato Grosso, de 27 de março de 1947 a 11 de julho. Subscreeveu a Constituição Estadual de 1947 e posteriormente recebeu da Assembléia diploma de "Constituinte Emérito". Dela também recebeu a condecoração de Mérito "Filinto Müller".

Procurador Geral da Justiça, de 12 de julho de 1947 a 31 de janeiro de 1951, desempenhando em igual período as funções de Procurador Regional Eleitoral junto ao Egrégio Tribunal Regional Eleitoral.

Escrevente Juramentado do Cartório do Segundo Ofício de Cuiabá, de 01 de fevereiro a 17 de julho de 1951 e titular vitalício de 18 de julho de 1951 até a presente data,

Em várias oportunidades integrou o Conselho Fiscal do Estado enquanto Procurador Fiscal até março de 1946, quando assumiu as funções de Membro do Conselho Administrativo do Estado.

Pertenceu ao Conselho Penitenciário, ao Conselho de Menores.

Membro do Conselho Regional de Desportos e Vice-Presidente da Federação Matogrossense de Desportos.

Durante a Presidência do Dr. Henrique de Aquino, integrou o Conselho Seccional da Ordem dos Advogados de Mato Grosso, desde julho de 1941, quando ali inscrito sob o nº 105, até quando assumiu o cargo Vitalício de Titular do 2º Ofício de Cuiabá.

Possui Diploma de Mérito conferido pela OAB-MT, Comendador da Pontífica Ordem de S. Gregório Magno, medalha Pontífica "Pró Ecclesia et Pontific"; Medalha do "Cinqüentenário do Serviço Fotográfico do Exército"; Medalha "Marechal Rondon da Sociedade Brasileira de Geografia de São Paulo; Medalha do Sesquicentenário da Independência da Sociedade Brasileira de Geografia do Rio de Janeiro; Medalha dos duzentos e cinqüenta anos da Fundação de Cuiabá; medalha "Pascoal Moreira Cabral", conferida pela Câmara Municipal de Cuiabá; Colaborador Emérito do Exército; Amigo da Brigada; Medalha do Pacificador; Amigo da Marinha; Medalha Tamandaré; Soberana Ordem Militar de Malta (Donato de 1ª classe); Ordem do Mérito de Mato Grosso (Comendador); Ordem do Mérito de Mato Grosso (Grande Oficial); Ordem do Mérito Educacional Dom Aquino Corrêa do Governo de Mato Grosso; Colar do Centenário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; Colar-Distintivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde tomou posse em 23/04/1986; Membro da Academia Matogrossense de Letras, cadeira nº 21, sob o patrocínio de Corsino Amarante, eleito em 27/09/1944 e empossado em 08/04/1946; Tesoureiro da AML de 08/04/46 a 19/06/76; Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso desde 06/06/1946 e Presidente de 19/06/1976 a 19/06/96, quando recebeu o título de Presidente de Honra Perpétuo; Cidadão Honorário de Nossa Senhora do Livramento e de Várzea Grande; Medalha Couto de Magalhães da Comarca Municipal de Várzea Grande, concedida e ainda não recebida; Membro da Liga de Defesa Nacional, com a respectiva placa de prata; Medalha do Sesquicentenário da Independência conferida pela Universidade Federal de Mato Grosso; Medalha Dom Bosco da Missão Salesiana; membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, posse no Palácio do Exército do Rio de Janeiro em 22/04/1986; Placa de Prata do Bicentenário de Poconé em 19/01/1981; Placa de Prata de 25 anos da Superintendência da Embratel em Mato Grosso; Placa de Prata dos 70 anos da Agência de Cuiabá do Banco do Brasil em 15/03/1992, como usuário dos mais antigos; Placa de Prata do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, após 20 anos de Presidência da Instituição.

Em 15/10/1942, em virtude da 2ª Guerra Mundial, foi incorporado ao Serviço ativo do Exército Nacional, perante ao 16º BC em Cuiabá.

Em 09/12/1942 foi matriculado, compulsoriamente, no NPOR de Cuiabá e frequentou até 03 de maio de 1944, quando foi declarado aspirante a Oficial de Reserva de 2ª Classe.

Convidado para estagiar no próprio 16º BC de 13/11/1944 a 13/02/1945.

Recebeu carta-patente de 2º Tenente da Reserva em setembro de 1946, firmada pelo Presidente da República, General Eurico Gaspar Dutra.

Membro correspondente dos Institutos Históricos e Geográficos de diversos Estados do Brasil.

Obras Publicadas, além de diversas publicações em Periódicos (jornais e revistas)

- *O Príncipe de Nassau*
- *Palestras Acadêmicas*
- *Corsino do Amarante*
- *Forquilha, o Fundador e a Padroeira*
- *Capitães Gerais de Mato Grosso*
- *Vila Maria dos meus Maiores*
- *Vilas e Fronteiras Coloniais* (Prêmio Clío da Academia Paulista de História)
- *O Engenho da Estrada Real*
- *O Médico da Jacobina*
- *Coração Peregrino*
- *Instantes Vivos*
- *Alexandre Trebaure*
- *Louvor à Bondade*
- *Educador de Escol*
- *Marinheiro da Selva*
- *Bispo do Império*
- *Vida e Glória de um Cientista Cuiabano*
- *No Panteon da História*
- *Manduca, Patriarca da Capela*
- *Três Sorocabanos no Arraial*
- *Os Valadares de Raiz da Serra*
- *Coxiponé ilustre*
- *João Vilasboas - Parlamentar Matogrossense*
- *Monumentos de Mato Grosso*
- *Agência 46 do Banco do Brasil*
- *A Capitania de Mato Grosso e a Independência*
- *Exaltação da Humildade*
- *A Obra Dombosquina e o Oeste Brasileiro* (Prêmio Missão Salesiana de Mato Grosso)
- *No Fragor da Guerra*

Cadeira nº 22

| | |
|---------------------------------------|---|
| Patrono: Visconde de Taunay | Ocupantes: João Barbosa de Faria Carlos de Castro Brasil Pedro Rocha Jucá |
|---------------------------------------|---|

Pedro Rocha Jucá

Histórico da Cadeira

A Academia Matogrossense de Letras surgiu com o nome de Centro Matogrossense de Letras. Essa "sociedade literária" foi idealizada no dia 17 de maio de 1921, numa reunião realizada na residência de José de Mesquita, ainda na Rua 13 de Junho, que para tanto convidou os seus amigos Lamartine Ferreira Mendes e João Barbosa de Farias. Os seus estatutos foram aprovados no dia 7 de agosto de 1921, mas a instalação solene do Centro Matogrossense de Letras ocorreu no dia 7 de setembro seguinte, com José de Mesquita na presidência. No dia 7 de setembro de 1932, o Centro oficializou a mudança do seu nome para Academia Matogrossense de Letras, conforme decisão tomada na assembléia geral realizada no dia 15 de agosto anterior, visando atender a uma padronização nacional. Para formalizar essa nova designação, a Academia Matogrossense de Letras aprovou os seus novos estatutos no dia 22 de abril de 1933, destacando que substituiu, sucedeu e continua conservando a mesma sede e a mesma finalidade do Centro. A padronização já mencionada motivou uma nova alteração estatutária, no dia 28 de agosto de 1940, aumentando as 24 cadeiras iniciais para 30. Quatro anos depois, e pelo mesmo critério, a Academia Matogrossense de Letras passou a ter 40 membros-efetivos. Quando da instalação do Centro Matogrossense de Letras, o patrono da Cadeira nº 22 era Prudêncio Giralde Tavares da Veiga Cabral, tendo Palmiro Pimenta como o seu primeiro ocupante. Na mesma época, a Cadeira nº 24 tinha como patrono Alfredo D'Escagnolle Taunay, o Visconde de Taunay, sendo João Barbosa de Faria o seu primeiro ocupante. Com as modificações introduzidas em 1940, o quadro de patronos da Academia Matogrossense de Letras foi reorganizado passando Prudêncio Giralde Tavares da Veiga Cabral para a Cadeira nº 10 e o Visconde de Taunay para a Cadeira nº 22. Essa nominata foi acrescida em 1944 e mantida na reforma estatutária de 23 de julho de 1983.

Alfredo D'Escagnolle de Taunay (Visconde de Taunay)

O Patrono da Cadeira nº 22 da Academia Matogrossense de Letras é o grande historiador Alfredo D'Escagnolle de Taunay, mais conhecido por Visconde de Taunay. Nasceu no dia 22 de fevereiro de 1843 e faleceu no dia 23 de janeiro de 1899, dias antes de completar 56 anos de idade. "A Retirada da Laguna" e "Inocência", as duas mais importantes obras do Visconde de Taunay, destacam o nome de Mato Grosso em dois momentos significativos. Em "A Retirada da Laguna", quando ainda tinha 24 anos, ele narra as "cenas e os horrores" que ele viu na Guerra do Paraguai. Em "Inocência", escrita aos 28 anos, ele pincelou a sua bucólica imaginação com as cores fortes da realidade. Esses livros garantiram a imortalidade do autor. Contudo, "A Retirada da Laguna" vai mais além: escrito inicialmente em francês, a sua versão em português é o livro mais reeditado no Brasil, isto sem esquecer que é a obra literária brasileira mais publicada no exterior. O Visconde de Taunay honra a Cadeira nº 22 da Academia Matogrossense de Letras.

O Visconde de Taunay escreveu em seguida "Cenas de Viagem", "Recordações de Guerra e de Viagem", "Ouro sobre Azul" (romance), "O Encilhamento", "Viagens de Outrora", "Filologia e Crítica", "Cartas da Campanha", "Trechos da Minha Vida", "Manuscrito de Uma

Mulher", "Amélia Smith", "A Cidade do Ouro e das Ruínas", "A Guerra do Pacífico", "Ao Entardecer", "Dias de Guerra e de Sertão", "Dois Artistas Máximos - José Maurício e Carlos Gomes", "Em Mato Grosso Invadido", "Entre os Nossos Índios", "Goiás", "Homens e Coisas do Império", "José Maurício Nunes Garcia", "Marcha das Forças", "No Declínio", "Paisagens Brasileiras", "O Visconde do Rio Branco", "Servidores Ilustres do Brasil", "Visões do Sertão", "Augusto Leverger", "Reminiscências" e outros.

Por sua vasta cultura, o Visconde de Taunay pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e à Academia Brasileira de Letras. Dedicou-se, também, à Botânica e foi professor da Mineralogia e Geologia da Escola Militar. Ingressou no Partido Conservador, onde teve intensa vida política, com o incentivo do Visconde do Rio Branco, pai do Barão do Rio Branco. Ele foi eleito deputado geral pela Província de Goiás em 1872, com reeleição em 1875. Foi nomeado, de 1876 a 1877, para o cargo de presidente da Província de Santa Catarina. Afastou-se temporariamente da política com a queda do Partido Conservador, mas em 1881 foi eleito deputado geral pela Província de Santa Catarina. Com a volta do Partido Conservador ao poder, ele foi nomeado presidente da Província do Paraná em 1885. No ano seguinte, a Província de Santa Catarina lhe deu duas vitórias: em janeiro, foi reeleito deputado geral, e em agosto foi o mais votado da lista tríplice que o consagrou como o mais jovem senador do Império, aos 44 anos. No dia 6 de setembro de 1889, recebeu merecidamente o título de Visconde de Taunay.

João Barbosa de Faria

Um dos três idealizadores da Academia Matogrossense de Letras, juntamente com José de Mesquita e Lamartine Ferreira Mendes, ele foi merecidamente indicado para primeiro ocupante da Cadeira nº 22 por se identificar com o seu patrono, o Visconde de Taunay. O acadêmico João Barbosa de Faria nasceu em Cuiabá no dia 20 de fevereiro de 1878 e faleceu no Rio de Janeiro no dia 17 de julho de 1941. Ele foi um dos "mais operosos e diligentes associados" da Academia Matogrossense de Letras, na opinião do acadêmico José Barnabé de Mesquita.

O primeiro ocupante da Cadeira nº 22 era filho do sr. Carlos Barbosa de Faria e de D. Antonia Teresa de Faria. Aos cinco anos de idade, iniciou os seus estudos com o mestre Felipe Liberato de Oliveira. Mais tarde, foi aprendiz de tipógrafo e operário do Arsenal de Guerra. Iniciou como professor primário e chegou a ministrar aulas no Liceu Cuiabano. Nomeado para oficial do Correio, ele foi transferido para o Rio de Janeiro, onde se matriculou na Faculdade de Medicina, que não chegou a concluir, formando-se em Farmácia. Mais tarde, participou da Comissão Rondon, onde se dedicou à Etnografia e à Etnologia.

O general Cândido Mariano da Silva Rondon lhe dedicou o seguinte elogio: "O seu pendor acentuado pelas ciências e pelas letras, sobretudo no ramo da História, fez dele um infatigável pesquisador dos arquivos, em Cuiabá e no Rio, e um dos mais proficientes cultores do nosso passado, que conheceu como poucos, e sabia, a fundo, penetrar, numa acurada intuição de verdadeiro historiógrafo, também dobrado psicólogo".

Sobre o amigo já falecido, o acadêmico José de Mesquita escreveu: "João Barbosa é um exemplo raro de "self made man", lutando, desde a meninice, pela ilustração do seu espírito, sempre lendo e sempre estudando, mas também lutando pela vida, numa trabalhosa trajetória, cheia de mil tropeços, animado dos mais portentosos planos e projetos, numa verdadeira alucinação de construir e de vencer".

A sua obra é ampla, compreendendo trabalhos de cunho histórico, científico e literário. Nem tudo foi preservado, devido ao seu trabalho na Comissão Rondon, onde se deslocava constantemente. Mesmo assim, legou à cultura regional várias obras sobre os índios mato-grossenses e diversas pesquisas históricas, com destaque para "*Limites Orientais de Mato Grosso*" e "*Esboço da História de Mato Grosso*", que foram publicadas na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e no jornal "A CRUZ", de Cuiabá. A Federação das

Academias de Letras do Brasil também reconheceu os seus méritos ao publicar a sua dissertação "*Poetas e Escritores Matogrossenses*" no Volume III das Conferências (Série Cultura). Por questão de justiça, a memória mato-grossense também não pode esquecer a valiosa contribuição científica do acadêmico João Barbosa de Faria à Comissão Rondon.

Carlos de Castro Brasil

Jornalista, poeta e tribuno do melhor quilate, o acadêmico Carlos de Castro Brasil foi o segundo ocupante da Cadeira nº 22, trazendo para o convívio da Academia Matogrossense de Letras mais um luminar da brilhante elite literária da "Cidade Branca". Ele nasceu no dia primeiro de março de 1905 em Corumbá, hoje Estado de Mato Grosso do Sul, onde faleceu no dia 12 de outubro de 1976. O acadêmico Carlos de Castro Brasil era filho do alferes Joaquim Xavier de Castro Brasil e de da. Alvina de Castro Brasil.

Depois de estudar em Campo Grande e Rio de Janeiro, ele retornou a Corumbá, quando colaborou nos jornais "O VAGALUME", "A CIDADE" e "O GRÁFICO". Foi redator-chefe de "A TRIBUNA". Fundou e dirigiu "O MOMENTO", em confronto com uma forte oposição daqueles não acostumados com o sagrado papel da imprensa dentro do processo democrático. Foi, ainda, um dos responsáveis pelo surgimento do "DIÁRIO DE CORUMBÁ". O acadêmico Carlos de Castro Brasil foi, também, um dos fundadores da Seleta Sociedade Caritativa e Humanitária.

Conhecido como "o grande tribuno de Corumbá", o segundo ocupante da Cadeira nº 22 desenvolveu uma intensa e múltipla atividade cultural, destacando-se como um dos fundadores da Academia Corumbaense de Letras. Ali, ele ocupou a Cadeira que tem como patrono o cuiabano Generoso Paes Leme de Sousa Ponce. Embora ele não tenha publicado livros, deixou uma vasta e valiosa obra literária em sonetos, trovas, reportagens, crônicas, artigos e discursos. Teve êxito em todos os seus empreendimentos, seja como advogado, promotor, administrador, jornalista, professor e poeta. Ele conquistou com o seu verbo fluente a todos aqueles que tiveram a felicidade de conhecer as suas diferentes manifestações literárias. Mais de 100 sonetos clássicos, trovas e poesias da sua lavra levaram o seu nome para a imortalidade.

Não morrerá jamais um poeta que assim disse em

"Sonho Antigo":

*"Com o pendão marcial, negro e bisonho,
Eu tomei minha lança e meu broquel,
E a conquista do bem que almejo e sonho.
Partí, montado, altivo em meu corcel.*

*E, tercei minha lança em prol do sonho ...
E, venci mil batalhas, em tropel...
Mas senti, com desânimo medonho,
Que a vitória amargava como fel ...*

*Eu sei que sou um louco visionário,
Que caminha na Terra, solitário,
Na incessante procura do ideal.*

*Mas ainda a Esperança me conforta;
Pois, se a matéria vil pode ser morta,
- A alma não morrerá, porque é imortal".*

Formado em Direito e em Pedagogia, o terceiro ocupante da Cadeira nº 22 se destacou como jornalista, depois de dirigir por quase 25 anos o jornal "O ESTADO DE MATO GROSSO" e de fundar o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de Mato Grosso, que ele presidiu por mais de nove anos. Ele nasceu em Crato, Estado do Ceará, no dia 12 de maio de 1941. O acadêmico Pedro Rocha Jucá está radicado em Cuiabá desde 1959, e é filho do sr. Lauro Jucá de Sousa e de da. Maria Felicidade Rocha Jucá. A sua posse na Academia Matogrossense de Letras foi no dia 7 de setembro de 1981. Ele foi o primeiro secretário municipal de Cultura e Turismo de Cuiabá, de 1989 a 1992.

Ingressou no jornalismo ainda jovem, com apenas 16 anos, oportunidade em que fundou "A VOZ DA MOCIDADE", um jornal estudantil. Um ano mais tarde, estava na seleta equipe que fez circular o jornal "O IDEAL", corajosa iniciativa de alguns alunos do Colégio Diocesano de Crato, mas não exclusivamente estudantil. Em Corumbá, para onde se mudou em 1959, ele escreveu nos jornais "O MOMENTO" e "FOLHA DA TARDE", sendo depois correspondente desse último em Cuiabá. Em 1961, com menos de 20 anos, o jornalista Pedro Rocha Jucá assumiu as funções de redator-chefe de "O ESTADO DE MATO GROSSO", que esteve sob sua direção até 1984. Ainda em 1961, passou a ser correspondente em Cuiabá do jornal "O ESTADO DE S. PAULO", função que exerceu até 1972. De 1961 a 1962 foi também correspondente em Cuiabá da revista "VISÃO", no auge do seu prestígio como a melhor revista brasileira no ramo, de onde se afastou por absoluta falta de tempo. Naquele ano, além de colaborar com o jornal político "O COMBATE", da antiga União Democrática Nacional, ainda estava às voltas com a implantação da REXPRESS (que nos primeiros meses ainda funcionou como BRASPRESS, que tinha similar), a primeira agência de notícias de Mato Grosso, juntamente com o jornalista Eugênio de Carvalho.

No dia 25 de agosto de 1973, indicado pelo jornalista Rubens de Mendonça, ele foi admitido no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. No dia 12 de outubro de 1988, fundou a Academia Mato-grossense Maçônica de Letras, sendo seu primeiro presidente, com reeleição em 1990 para um segundo mandato. É membro-correspondente da Academia Brasileira Maçônica de Letras desde 2 de dezembro de 1988. Por relevantes serviços prestados à Capital mato-grossense, recebeu no dia 29 de janeiro de 1973 o título de "Cidadão Cuiabano", concedido pela Câmara Municipal de Cuiabá, por unanimidade.

O acadêmico Pedro Rocha Jucá dedicou-se à História de Cuiabá, com longa bibliografia já publicada em vários periódicos. Com dedicação pessoal, já editou os seguintes livros: "A Imprensa Oficial em Mato Grosso", em 1986; "Personalidades da História de Mato Grosso", em 1987; "Os Símbolos Oficiais de Cuiabá", em 1990; "Os Símbolos Oficiais do Estado de Mato Grosso" em 1994; e "Exemplo e Palavra de Jornalista", em 1995.

Cadeira nº 23

| | |
|---|--|
| Patrono: Antônio Gonçalves de Carvalho | Ocupantes: Raimundo Maranhão Ayres Agenor Ferreira Leão Tertuliano Amarilha |
|---|--|

Tertuliano Amarilha

Por deferência assaz honrosa dos integrantes da **Academia Matogrossense de Letras** que, num gesto sincero e generoso me obsequiaram os seus votos, dando-me assim oportunidade de agasalhar-me sob o teto da circunspecta Casa que zela pela cultura do Estado de Mato Grosso, desde 1986 venho ocupando a Cadeira nº 23, que tem como Patrono **ANTÔNIO GONÇALVES DE CARVALHO**, como 1º ocupante **RAIMUNDO MARANHÃO AYRES**, e como meu antecessor **AGENOR FERREIRA LEÃO**.

A Academia

A cultura de um povo marca a sua posição na escala do universo.

Já houve quem dissesse que é feliz a nação que tem homens cultos e sábios.

A humanidade, sem a literatura, desceria ao nada. Mas, alicerçada na inteligência e no saber, projeta-se para o alto, afastando-se das trevas, para sorver os eflúvios da eterna bem-aventurança.

No meu entender, o objetivo das Academias de Letras é congregar homens que se destaquem através de sua produção intelectual de múltipla natureza, resultante de profundas pesquisas e da criatividade de espírito.

Cientistas, escritores ou poetas, todos buscam o aprimoramento cultural. Dessa forma, aperfeiçoam o espírito, munindo-se de conhecimentos científicos ou filosóficos que lhes permitam gloriosa ascensão no cenário das forças do pensamento.

Os homens pensam e agem de forma diversa, mas os intelectuais vivem num mundo à parte, não podem ser comparados aos demais mortais.

Neles os pensamentos fervilham e as frases jorram fluentemente formando inesgotável correnteza de manifestações espontâneas diante das perspectivas que o cotidiano oferece.

A **ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS** é um firmamento constelado onde fulguram estrelas que são seus **PATRONOS** e **Sócios**, imortalizados pela herança de sua inteligência e cultura.

Antônio Gonçalves de Carvalho

O Patrono da Cadeira, nascido no Rio de Janeiro e diplomado pela Faculdade de Direito de São Paulo, veio ser juiz em Cuiabá.

Jurista de méritos, foi auditor de Guerra na Província durante a Guerra da Tríplice Aliança contra a República do Paraguai.

~~Tornando-se político mais tarde, elegeu-se Deputado em 1881, para concluir sua vida pública novamente como jurista, brilhando como membro do Supremo Tribunal Federal.~~

Foi consagrado poeta e jornalista,

Usava os pseudônimos de A. Bueno e Americano.

Deu divulgação em 1877 ao trabalho "**CARTAS A SIR WILLIAM A.**" que, posteriormente foram reunidas em volume sob o título "**A ESTRADA DE FERRO PARA MATO GROSSO E BOLÍVIA**".

Dotado de muita inspiração, tinha grande facilidade de expressão para transmitir os seus sentimentos.

Adepto do romantismo, como os poetas de sua época, e talvez empolgado com os deliciosos versos de Casimiro de Abreu e de Fagundes Varela, enveredou-se pelo reino encantado dos sonhos e amenos devaneios, fazendo brotar de dentro do seu peito a fonte do seu adocicado lirismo.

Seus versos, suaves e espontâneos, fazem-nos lembrar os regatos que serpenteiam no coração da mata milenar, arrastando consigo o festivo gorjeio das aves e a policromia das flores ribeirinhas..

GONÇALVES DE CARVALHO notabilizou-se em Mato Grosso através de uma composição poética intitulada "*FLOR DE NEVE*" que, por certo, dedicara à sua amada, ou àquela que fazia vibrar o seu coração de menestrel apaixonado.

Ficou conhecido, por isso, como "o poeta da Flor de Neve",

A poesia que o imortalizou foi a seguinte:

FLOR DE NEVE

*Se a neve fosse planta e flor tivesse
tu serias da neve a flor, gerada
da fria viração ao ténue sopro
à luz da lua, aos beijos duma fada.*

*Se a neve fosse planta e flor tivesse
tu serias da neve a flor mais bela
que brilhando na etérea imensidade
fanal de amor -, adamantina estrela.*

*Se a neve fosse planta e flor tivesse,
tu serias da neve a flor tão pura!
Ah! teriam. em ti achado os homens
o símbolo da mais cândida ventura!*

*Se a neve fosse planta e flor tivesse,
tu serias da neve a flor bendita...
causarias ciúme aos próprios lírios
que dos jardins do céu a brisa agita.*

*Se a neve fosse planta e flor tivesse,
tu serias da neve a flor querida,
no meio dos invernos - primavera,
sobre o gelado chão - ardor da vida!*

*Melhor que a flor da neve, és tu, formosa
alvo anjinho do céu baixado ao mundo
para servir de tipo de beleza
e os pretos receber de amor profundo.*

Observa-se que o estro do poeta era fecundo e que a sua imaginação, rica de idéias e imagens, levava-o a regiões que, para outros, seriam inacessíveis.

Suas emoções artísticas eram exteriorizadas através de versos que refletiam temperamento delicado e espontaneidade de linguagem.

Graças ao seu sacerdócio poético e à sua acendrada dedicação ao jornalismo, conseguiu polarizar as atenções dos homens ilustrados do seu tempo, inscrevendo o seu nome entre os daqueles que contribuíram para enriquecimento do acervo cultural de Mato Grosso..

Raimundo Maranhão Ayres

Conforme registros anteriormente feitos nesta Academia, RAIMUNDO MARANHÃO AYRES, por ocasião de sua posse como sócio efetivo, foi saudado pelo eminente Acadêmico Ulysses Cuiabano.

O então empossado, naquela época vinha se destacando na imprensa do Estado como jornalista de elevados méritos; mantinha atividade constante nessa área que o popularizava sobremaneira. A essa faceta notável associava o timbre de produtivo escritor, pois seus trabalhos literários vinham se avolumando, e o seu nome aureolava-se de fama e de brilho,

Jornalismo e literatura, dualidade que conservava em ebulição o seu abençoado ideal de produzir!.

Aplaudido pelos homens cultos do seu tempo e merecidamente distinguido pela crítica, o seu caminho sempre foi assinalado pelo sucesso.

Levado pelos bafejos favoráveis da sorte e do destino, e graças à sua privilegiada inteligência e espírito empreendedor, engrandeceu e enriqueceu a cultura mato-grossense, se bem que era originário de outro Estado.

A seu respeito, assim se expressou no brilhante discurso de saudação ao novo acadêmico o imortal Ulysses Cuiabano: *"Maranhão não dedilhava a lira e nem percorre o Parnaso em busca de sublimidades poéticas, mas sabe interpretar com justeza, maestria e elegância as estrofes sentimentais e humanas dos aedos que lhe são familiares. Sem ser poeta, não deixa, contudo, de possuir esse precioso sentimento de penetrabilidade que se requer, para bem poder se compreender a alma dos que se entendem com as filhas de Mneumôsina, em linguagem simbólica hierática"*.

Raimundo Maranhão Ayres estreou no mundo literário com a obra "RONALD DE CARVALHO", cujo perfil de poeta foi descrito em linguagem rica e exuberante tendo merecido por isso apoteóticos aplausos dos apreciadores das belas letras tanto do Brasil quanto de outros países sul-americanos.

Ele nasceu em Carolina, Estado do Maranhão. Na sua terra natal, antes de fixar residência em Guiratinga, neste Estado, fundou um grêmio literário com a denominação "CASA HUMBERTO DE CAMPOS" que existe até hoje; uma sociedade literária nos moldes das academias estaduais, com agitada movimentação cultural na decantada terra maranhense.

Em Guiratinga, onde passou a residir no ano de 1945, criou o jornal "Novo Mundo", moderno veículo da imprensa mato-grossense, que logo se transformou em "órgão de intercâmbio cultural em todas as Américas" no dizer contundente de Ulysses Cuiabano. *"A nova folha se propôs a promover a aproximação dos povos das Américas, num intenso mutualismo de idéias entre os que pensam e escrevem."*

Sua bagagem literária, numa definição correta, pode-se dizer, destaca-se pela qualidade e não pela quantidade. Provém daí o aproveitamento melhor dos frutos imarcescíveis do seu talento sempre colocado em realce pelos que apreciam criação dessa natureza.

A maior parte dos seus trabalhos literários permanece inédita. É bem provável que algum dia cheguem até nós, para deleite de nossa mente e espírito, enfeixadas em livros, as páginas imperecíveis e bem buriladas do escritor que viveu momentos de glória na sua efêmera passagem pela esfera terrena.

Quando isso ocorrer, estarão diante de nossos ávidos olhares os trabalhos de sua autoria ainda não perlustrados pelas gerações de hoje: "Centelhas de alvorada", "Poeira do Caminho", "Figuras contemporâneas", "O parnasianismo de Alberto de Oliveira", "A poesia moderna de Jorge de Lima", "Zweig - Escritor da Atualidade", certamente seguidos de outros ainda inéditos, aguardando oportunidade para virem a lume. Então poderá avaliar-se melhor quanto ao que representa o nome de RAIMUNDO MARANHÃO AYRES diante da monumental cultura do Estado de Mato Grosso, da qual ele, comprovadamente, é partícipe.

O grande escritor faleceu em julho de 1972. Partiu, deixando atrás de si, os fulgores de fecunda sabedoria, fontes de perene luz, para que neles possam abeberar-se aqueles que buscam refúgio no manancial das imorredouras criações literárias.

Agenor Ferreira Leão

A Cadeira nº 23 parece ter tido o seu destino ligado a Guiratinga. RAIMUNDO MARANHÃO AYRES, como já foi mencionado, lá desenvolveu memoráveis lides jornalísticas, e AGENOR FERREIRA LEÃO, poeta e jornalista nascido na Bahia, também lá residiu chegando mesmo a contrair núpcias naquela cidade.

Com o correr dos anos, AGENOR, o meu ilustre antecessor, transferiu residência para Cuiabá, onde se diplomou em Ciências Jurídicas e Sociais, na 1ª turma da antiga Faculdade de Direito, precursora da atual Universidade.

Desde adolescente revelou ele as suas tendências para a poesia.

Sua produção intelectual, como se pode notar, foi polimorfa, pois a mesma abrangia variados assuntos.

Como professor de Economia Política da Escola Técnica de Cuiabá, onde militou pelo espaço de vinte anos, publicou um livro intitulado "Três Escolas Econômicas", em 1950.

Colaborador assíduo da nossa imprensa e da Revista da Academia, publicou crônicas literárias, poemas, sonetos e vários artigos sobre temas jurídicos.

Traduziu do francês poesias e outros trabalhos em prosa, e também falava fluentemente a língua inglesa.

Bom orador, seu nome era sempre lembrado para essas atribuições, tendo sido orador oficial do Centro Artístico e Musical de Cuiabá, do Centro Acadêmico Oito de Abril, da Faculdade de Direito de Mato Grosso, e orador das turmas em que se diplomou em Contabilidade e Direito.

Jornalista, foi Diretor da "Tribuna Acadêmica 8 de Abril", e colaborador de vários jornais de nossa Capital.

Na qualidade de membro da Ordem dos Advogados do Brasil representou essa instituição em diversos Congressos realizados no país.

Embora tenha colaborado constantemente nos jornais e revistas de nossa Capital, sua produção, tão do agrado dos leitores, não chegou a ser enfeixada em livros. Creio que isso ocorreu por desinteresse do próprio poeta, cuja alma era lira ambulante que a todos embevecia com os seus sonoros acordes. Mas, tal fato não deslustra o seu admirável talento.

Mesmo que esparsa, sua obra será imorredoura.

AGENOR tinha coração sensível de artista e sabia se fazer compreendido, porque seus poemas eram mensagens de otimismo e de esperança.

Tive o privilégio, de conhecê-lo, pessoalmente. Fomos bons amigos,. O mesmo ideal de culto às musas que nutríamos proporcionava-nos aquele clima fraterno de cordialidade que reinou entre nós até os últimos dias de sua existência.

AGENOR LEÃO viveu intensamente uma vida agitada e dramática, e em plena floração de sua atividade intelectual foi subitamente colhido pela morte, vítima de um enfarte, a 22 de fevereiro de 1983.

Seus companheiros de ideais evocam com saudade a figura exponencial do íntegro advogado, que soube notabilizar-se através de renhidas lutas na área jurídica e do aedo de alma serena, estuante de felicidade diante das belezas do universo.

A solidão é o melhor refúgio para quem vive ensimesmado, alheio ao mundo exterior.

A poesia nasce nos calmos remansos onde os anjos se debruçam para esparzirem os doces aromas da paz celestial.

E num recanto silencioso, alma em contrição, ele, AGENOR, o verzejador sentimental, passava suas horas de lazer, escrevendo maravilhosas estrofes como estas:

SOLIDÃO

É minha filosofia ...

é coisa que não oculto...

amo a paz da noite fria,

detesto a vida em tumulto.

Quero pensar como Cristo

no Jardim das Oliveiras,

solitário, sem ser visto,

sem algemas e fronteiras.

Prefiro ficar comigo

com minha filosofia,

na solidão, sem amigo,

amando a minha poesia.

O barulho me perturba,

busco harmonia, o tranqüilo,

troco a algazarra da turba

por um remanso do Nilo.

Tudo na vida é transitório; num abrir e fechar de olhos o quadro pode mudar, e o que era promessa de amor e felicidade, sem que se espere, pode transformar-se em nuvens a toldarem os horizontes antes azulados.

AGENOR LEÃO amava a natureza. Daí o seu inconformismo quando no mês de agosto, via o fogo devastar com fúria incontrolável, matas e campinas, deixando na sua passagem a marca terrível da destruição,. Aquela verde vegetação que abrigava o mundo encantado de pássaros, flores e borboletas não resistindo à violência das sinistras labaredas, aos olhos do poeta, exibia o aspecto desolador provocado pela insensatez do homem, impassível diante do efeito de suas criminosas ações.

E assim, ele se manifesta:

Mês de agosto... campo seco,

alguém, talvez por maldade,

ateia fogo à canícula.

Ó fogo horrendo, sinistro,

que o campo seco incendeia,

eu maldigo a tua fome

que devora, em combustão,

toda a vida que sonhava

a glória da floração.

A macega toda estala,

o fumo escurece os ares

e o céu nivoso da cinza

cobre o cadáver da vida

estendido sobre o chão.

Fumaça de fogo rubro

que tanta vida ceifou...

agosto, setembro, outubro,

em cinzas tudo ficou.

Fumaça, fim da esperança

que não viu gota de orvalho,

triste destino que alcança

a vida de cada galho.

Em “O boêmio”, talvez voltado a uma reminiscência subjetiva, porque todo poeta possui tendência nômade, na sua vida de sonhos e aventuras, ele retrata com maestria o anejo que provavelmente morava dentro de sua própria alma:

*Era pobre de matéria...
Era rico de moral
- não conhecia tabus...
tinha espírito bondoso,
sorrisos para os amigos,
um bate-papo agradável,
e carregava nas costas
o fardo cheio e bojudo
se sonhos, flores e espinhos
colhidos em muitos lustros
sobre o chão dos seus caminhos.
A vida, fora-lhe mestra.
Aprendera muita coisa...
Podia ser professor...
Ao nascer trouxe consigo
o destino já traçado:
- ser boêmio... e nada mais!*

*Boemia! Boemia!
- a sua filosofia.*

Todas as cidades têm seus tipos populares. São pessoas, quase sempre desajustadas que não tiveram os bafejos da sorte.

Criaturas assim tornam-se notórias e passam a integrar o folclore da cidade.

Cuiabá não poderia constituir exceção, e também teve a sua célebre “Maria Taquara”, muito bem caracterizada nestes versos magistrais de AGENOR LEÃO:

*Nascera mulher! Seu berço? - que importa?
- perdeu-se no tempo! Seu nome? - Se o teve,
se foi batizada, ninguém dá notícia!
Infância? - meu Deus, que louca pergunta!
Será que foi bela no tempo de moça?
Tivera paixões ardentes, de amor?
Quem pode saber? - Ninguém o responde!*

*Um zero na vida - eis quanto valia!
Morava sozinha à margem da estrada
barrenta, no mato, em choça de flandre,
além do quartel.*

*Em noite de lua, fumando cigarro
comprido, de palha, sem ter companhia,
ficava tranqüila sentada no chão,
momentos sem conta, ao lado de fora
de sua choupana.*

*Mas era mulher!...
Sentia nas carnes
surradas de tempo,
feridas de espinhos
da senda maldosa
da vida sem glória,
volúpias de amor.*

*Por isto, sem dúvida,
na sua cabana
fincada no morro,
à borda da estrada,
metida no mato,
de modo discreto,
no bojo da noite,
soldado, estudante,
talvez gente-bem,
em cortes de amor,
matavam a fome
do instinto rebelde
que dentro de si
bradava por carne de fêmea lasciva,
matando, igualmente, os grandes desejos
do corpo faminto da dona da choça
que tudo lhes dava.*

*Um dia, na rua, alguém, galhofando,
chamou-a sorrindo: “Maria Taquara”.
Mas ela, de chofre, que não aceitava
de forma nenhuma aquele apelido,
bastante humorada, voltendo à pessoa
que assim a chama, lhe disse o seguinte:*

*“- agora, de dia,
Maria Taquara...
Depois, quando é noite,
Maria, meu bem...”*

*A sorte avarenta nem mesmo de chofre
a flor dum sorriso jogou a seus pés
Até a esperança que longe, distante,
ostenta a coroa de glória, de luz,
no vasto horizonte do céu do porvir,
nem mesmo brincando, um gesto de mão
lhe quis dirigir.*

*A morte invencível rondava-lhe os passos,
faminta, qual ave de garras aduncas
que exerce a rapina.*

*Um dia... tristeza!
Ninguém mais falou:
- Maria Taquara!”*

Tertuliano Amarilha

Nasceu em Campanário (Município de Ponta Porã), hoje pertencente ao Estado de Mato Grosso do Sul.

Filho de Eduardo Amarilha e Carmem Ávalos Amarilha, ambos de nacionalidade paraguaia.

Os primeiros estudos foram realizados em sua cidade natal. Favorecido por uma bolsa de estudos que lhe foi concedida por um rico empresário residente em Buenos Aires (República Argentina), permaneceu interno, durante seis anos, no Ginásio Oswaldo Cruz, em Campo Grande onde concluiu o Curso de Contador.

Escreve em Português, Espanhol e Guarani.

É autor dos livros abaixo relacionados:

- | | |
|---|--|
| <i>Cânticos do boêmio</i> | <i>Lira mato-grossense</i> |
| <i>Pássaro ferreiro</i> | <i>Alma sonora</i> |
| <i>Rumores da selva</i> | <i>Pepitas cuiabanas</i> |
| <i>Vinde conhecer Mato Grosso!</i> | <i>Flores dos prados mato-grossenses</i> |
| <i>Um ramallete de flores agrestes</i> | <i>Vitrais do poente</i> |
| <i>Pedras coloridas</i> | <i>Sombras sobre o mundo</i> |
| <i>Rumo ao Paiaguás</i> | <i>Cantando pela fronteira</i> |
| <i>Dicionário Português-Guarani</i> | <i>Ca'aguy ryacuã (Aroma de la selva)</i> |
| <i>Riacho cristalino</i> | <i>Pérolas do meu Estado</i> |
| <i>Vozes da natureza</i> | <i>Coração de poeta</i> |
| <i>Nasci na selva</i> | <i>Âncora dourada</i> |
| <i>Paisagens guaranis</i> | <i>O eterno galã que vive em mim</i> |
| <i>A tinta do amor</i> | <i>Cascalho bruto</i> |
| <i>"Raspadinha" rondonopolitana</i> | <i>Mato Grosso e seus ricos municípios</i> |
| <i>Pátria e brasilidade (voz de patriota)</i> | <i>Guaxumas e quiçaças</i> |
| <i>Nosso florido ninho de amor</i> | <i>Poeira do tempo</i> |
| <i>Rimas fronteiriças</i> | <i>"Caçadas", em Mato Grosso</i> |
| <i>Balaio de cipó</i> | <i>Ipê amarelo</i> |
| <i>Sete notas musicais de minh'alma</i> | <i>Sob o céu estrelado</i> |
| <i>Grimpas verdejantes</i> | <i>Aquarela sul-mato-grossense</i> |
| <i>Pelos caminhos do mundo</i> | <i>Moita de gravatá</i> |
| <i>Plenilunio de prata</i> | <i>Dádivas da natureza</i> |
| <i>Rasgos gauchescos</i> | <i>Estância "Riacho da Mata" e sua história</i> |
| <i>Discurso de posse na Academia Mato-grossense de Letras</i> | <i>Papoula vermelha</i> |
| <i>"A cuia caiu no rio"</i> | <i>Campo Grande, a festejada musa</i> |
| <i>Um poeta mato-grossense no sul do país</i> | <i>Manancial de rimas</i> |
| <i>A grande família fazendária do Estado de Mato Grosso</i> | <i>Mel silvestre</i> |
| <i>Planando no espaço azul</i> | <i>Vãos da imaginação</i> |
| <i>Entre nuvens e estrelas</i> | <i>Arco-iris da esperança</i> |
| <i>Espinhos de urtiga</i> | <i>Oásis da felicidade</i> |
| <i>Araticum do cerrado</i> | <i>Escrínio das lembranças</i> |
| <i>Mborayjhu rycué (O suco do amor)</i> | <i>Doçura de manga rosa</i> |
| <i>Sentimentos d'alma</i> | <i>Arroio murmurante</i> |
| <i>Caju do campo</i> | <i>Pirâmide das ilusões</i> |
| <i>Fazenda "Burity", panorâmico lugar</i> | <i>Menestrel da galáxia</i> |
| <i>Versos de além-mar</i> | <i>Pytaguá ñê ë (A linguagem do estrangeiro)</i> |

| | |
|---|---|
| Patrono: Aquilino Leite do Amaral Coutinho | Ocupantes: Ovídio de Paula Corrêa Francisco Bianco Filho Jary Gomes (vaga) |
|---|---|

Aquilino Leite do Amaral Coutinho

Nasceu em Cuiabá onde completou os cursos primário e secundário. Tendo escolhido a carreira de advogado e não tendo ainda sido estabelecido esse curso superior em Cuiabá, foi ele obrigado a seguir para São Paulo onde bacharelou-se pela Academia de Ciências Jurídicas e Sociais.

Após a conclusão desse curso superior, montou ele escritório de advocacia e ainda colaborou, com eficiência, junto à tribuna jurídica e na imprensa paulista. Foi em São Paulo que casou-se, constituindo família.

Ingressou, com entusiasmo, nas lides políticas, tendo se filiado ao Partido Republicano Paulista e se engajado nas campanhas abolicionistas.

No intuito de expandir os ideais que defendia, mudou-se para Campinas onde montou um núcleo partidário filial.

Após a vitória republicana, Aquilino candidatou-se ao Senado, por Mato Grosso. Nesse momento, conseguiu eleger-se, tendo concorrido com Joaquim Murtinho e Pinheiro Guedes, este, sobrinho e candidato indicado pelo então governador do Estado, Antônio Maria Coelho.

Por ocasião de sua campanha política, Aquilino passou alguns meses em Cuiabá onde implementou uma entusiástica e vibrante movimentação, seja junto aos eleitores, seja através da imprensa onde 'empreendeu a campanha movimentada de sua eleição, enchendo, ele sozinho, todo o jornal, desde os artigos redacionais, sueltos e pilhérias repletos da mais fina verve, ressumbrantes de um espírito sadio e moço, não constante os cinquenta e tantos janeiros que lhe encaneciam a nobre cabeça sempre altiva.'¹

Mais tarde, viajou ele para a Europa onde se encantou com a vida intelectual da França, especialmente de Paris.

Ovídio de Paula Corrêa

Ovídio de Paula Corrêa nasceu no dia 4 de junho de 1878, tendo sido este evento registrado bela e emocionalmente por seu pai, quando escreveu:

"A 4 de junho de 1878, nesta cidade, e em a casa nº 32 da rua 13 de junho (Praça Ipiranga), pelas nove horas da noite, nasceu o meu filho Ovídio (terça-feira)".

Filho do advogado Antônio de Paula Corrêa e de Francelina Virgínia Corrêa, cursou seus estudos em Cuiabá, iniciando-os sob a orientação de seu tio Escolástico Virgínio e, mais parte, junto ao Colégio São Sebastião, tendo como mestre o Professor Frederico Teixeira. Segundo Francisco Bianco Filho, em seu discurso de posse, a palmatória "*fora autora da boa caligrafia dos alunos*".

Mudando-se, anos depois, para a cidade de Nioac, onde exerceu a função de escrivão do Juiz Comissário, deu continuidade aos estudos, cursando, com o Professor João Cláudio Gomes da Silva, o secundário. Este professor era considerado muito competente, como humanista devotado, formado pelo Colégio Pedro II do Rio de Janeiro.

¹ MESQUITA, José de. Academia e a Cultura. *Revista da Academia Matogrossense de Letras*, n. 27,28, p. 66.

Em 1894, transferiu-se ele para a cidade de Corumbá onde trabalhou junto ao Hospital Militar, na ocasião, sob a orientação do capitão João Cardoso de Meneses, filho do Barão de Paranapiacaba.

Regressa a Cuiabá em 1896 onde estudou, com Joaquim Mariano Pais de Carvalho, escrituração mercantil que, segundo Francisco Bianco Filho, *“soube Ovídio transmitir com a decidida vocação, que sempre nutriu pelo magistério, às gerações de jovens cuiabanos, que ainda hoje ilustram como contabilistas, funções técnicas em departamentos públicos e estabelecimentos comerciais.*

Com a vitória da “Coligação” contra o cel. Antônio Pais de Barros em 1906, foi promovido no cargo de tabelião da Comarca da Capital, passando sucessivamente por diversas funções públicas, dentre as quais as de delegado de polícia, vereador e vice-presidente da Câmara Municipal, diretor da Imprensa Oficial, diretor do Tesouro do Estado e Inspetor da Fazenda, transferindo-se, ao tempo do primeiro governo constitucional do dr. Mário Correia, para Campo grande, como coletor de rendas estaduais onde fixou definitivamente sua residência.

Contraiu matrimônio com Constança de Proença Correia, o que lhe valeu, um cantinho no jornal “O Colibri”, onde João Cunha antecipou e duvidou do desfecho feliz do idílio:

“Dizem que tem namoro crônico lá pela rua do Carmo, mas a respeito de casamento não ara nem desata”.

Dedicou-se ele, também, às atividades políticas, mostrando-se disciplinado e intransigente quando se tratava da defesa das questões liberais, partido a que se filiava.

Foi, nas letras, como jornalista e beletrista, que ele mais se destacou. Francisco Bianco Filho, assim analisa estes aspectos:

“Como jornalista, múltiplas foram as facetas da sua atividade, pelejador a prol das causas que interessavam ao Estado, cronista dos fatos e da vida da província, humorista nos comentários mundanos, patriota nos bosquejar das grandes datas e gloriosos feitos que fulgem nos anais da nossa História, inspirado e sentimental nos poemas e contos com que entressachava a multiforme colaboração aos órgãos da imprensa que lha disputavam”.

Ovídio de Paula Corrêa deixou escrito:

- *Leowigildo de Melo* - 1923

- *Elogio a Aquilino do Amaral* - 1943

Francisco Bianco Filho

Francisco Bianco Filho nasceu na cidade mineira de Bicas.

Seus estudos foram iniciados em sua terra natal, junto ao Grupo Escolar de Bicas. O secundário, no entretanto, foi cursado no Rio de Janeiro, junto ao Ginásio Pio-Americano, onde teve oportunidade de conviver com muitos mato-grossenses como Generoso Ponce, Altamiro Ponce, Cursino Bourét, Lobivar Matos, Antônio Fragelli e Mariano Zebalos. Essa convivência fez com que Bianco Filho se afeiçoasse a Mato Grosso e que, mais tarde, optasse por residir nesse Estado.

Philogônio de Paula Corrêa, em 1947, traçou magistralmente o percurso intelectual de Bianco Filho, pois analisou contemporaneamente os fatos:

“No Pio-Americano, fez Bianco Filho a sua estréia no jornalismo, fundando “O Juvenil”, ilustrado por um garoto que depois deveria ser o Perdigão, caricaturista de fama na imprensa do Rio.

Matriculado na Faculdade Livre de Direito, com 14 anos incompletos, colou grau em dezembro de 1919, com pouco mais de 18 anos; tendo feito todo o curso com distinção, com exceção de direito comercial do 3º ano em que foi classificado com plenamente grau 9.

Na Faculdade foi um dos fundadores do ‘Grêmio Jurídico Cândido de Oliveira’, ainda, ainda existente.

Quando estudante em Minas, já colaborava nos periódicos de Bicas, e no Rio ingressou na imprensa carioca trabalhando na "A Pátria", sob a direção de João do Rio, e no "Rio Jornal", sob a direção de Georgino Avelino.

Nesse tempo começou também a sua atividade política na campanha da sucessão do Presidente Epitácio Pessoa, como um dos oradores da Reação Republicana, então formada.

Em 1923 regressou para Minas, levado por Melo Viana, para Delegado de Polícia de S. João Nepomuceno; aí fundando, em intensa campanha política para sucessão do atual Presidente da Constituinte Brasileira, o periódico "A Cruzada", tendo antes dirigido o periódico "A Voz do Povo", do situacionismo local.

Nessa mesma fase iniciou a sua vida de professor, lecionando Português e História na Escola Normal e no Ginásio S. Salvador.

De 1925 a 1930 voltou a residir em Bicas, onde foi vereador municipal, fundando e dirigindo o "Bicas Jornal".

De lá veio para Mato Grosso, como Chefe de Polícia do Interventor Antônio Mena Gonçalves, sendo, depois, despachado para Juiz em Campo Grande, onde lecionou Português, no Ginásio Municipal, e História no Instituto Oswaldo Cruz, lecionando ainda, como um dos fundadores da Faculdade de Direito, criada em Campo Grande, a cadeira de Filosofia do Direito.

Transferido para Cuiabá, os nossos advogados poderão dizer do seu trabalho intenso acumulando as duas varas da comarca e ainda a vara federal e os trabalhos do foro de Cocais e de Leverger.

Mesmo assim, encontrava tempo para ser um dos professores mais assíduos na docência de direito comercial da Faculdade de Direito fundada em Cuiabá, faculdade infelizmente sacrificada pelo Decreto que vedou as acumulações remuneradas.

Aqui e em Campo Grande, colaborou em todos os jornais, organizando, na metrópole sulina, o Diário Oficial do governo provisório da Revolução Constitucionalista de Mato Grosso.

O seu decidido pendor literário e a sua irresistível vocação para o magistério, sempre encontraram tempo para dedicar à imprensa, à tribuna da eloquência e à cátedra de professor, movimentos preciosos nos intervalos das atividades de magistrado.

Tem sido mesmo criticado quando aborda, sendo magistrado, temas enquadrados nos programas político-partidários.

(...)Bianco Filho, orador e jornalista, tira recursos da sua erudição acadêmica, mais do que da sua formação como bacharel em direito.

Não de balde preferiu sempre, na cátedra de professor, lecionar história e literatura, principais responsáveis pelo sucesso no jornal e na tribuna da eloquência.

Como jornalista, já o dissemos, é fluente e delicado, escreve com facilidade e com propriedade, proclamando sem medo as próprias opiniões.

Da sua veia poética, sejam exemplos os dois sonetos que vão transcritos:

Quimera

*Tarde fria de inverno... a chuva e o vento
Fustigam fora os prados e o arvoredo
E minha alma parece em tal momento
Da natureza um simples arremedo.*

*Qual peregrino displicente e quedo
procuro à senda do meu pensamento
em vão livrar-me do falaz degredo
desvencilhar-me em vão d'esse tormento*

*Eis quando em sonho tu me vens, lasciva
a desvendar-me esplêndida, furtiva,
o etéreo amos num cântico imortal...*

*Cedo, porém, tudo reduz-se a pó,
frágil quimera em taças de cristal...
pois que desperto e sinto que estou só!...*

*As contas do rosário dedilhando,
Assim venceste, oh Mãe, toda a existência,
E entre os árduos labores, sempre orando,
Sulcaste em vida a eterna penitência...
A pão e água, às festas, jejuando,
Da tua fé a ingente persistência
No-la exemplaste, viva, em consagrando
Loas a Deus e ao mundo complacência...
E se recordo o êxtase e a amargura,
Ao ver-te prostrada ante o Senhor
E, lágrimas em a esplêndida ternura
Do teu sublime e maternal amor,
Sinto, evocando ao Cristo o pensamento,
Tua presença, oh! mãe um tal momento.”*

Jary Gomes

Jary Gomes Filho, após o falecimento de seu pai, ofereceu à Academia Matogrossense de Letras uma síntese histórica da vida de seu progenitor, a qual transcrevemos abaixo:

“Nascido em Corumbá - MS em 26 de novembro de 1913. Passou uma parte de sua infância no município de Ponta-Porã - MS.

Fez o primário e o ginásio no Colégio Municipal Dom Bosco - Campo Grande (MS).

Desde muito jovem foi um grande admirador das artes literárias e publicou seu primeiro livro denominado “Poliantéia”, quando tinha dezenove anos de idade.

Foi para o Rio de Janeiro, antigo Distrito Federal, para estudar e trabalhar.

Ingressou na Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Trabalhava não só para sustentar seus estudos, mas o de sua família, visto que naquela altura já era casado.

Formou-se em medicina no ano de 1939.

Após ter ficado mais um ano no Rio de Janeiro, fazendo residência e aperfeiçoando seus estudos, mudou-se para o norte do Paraná, onde residia seus pais e parentes mais próximos, na cidade de Londrina. Ficou no Paraná durante os anos de 1941/1942.

No ano de 1943, retornou para Mato Grosso, desta feita como médico da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, onde atuou como médico e homem público, exaustivamente, no município de Três Lagoas, hoje localizado no Estado de Mato Grosso do Sul.

Homem público nato, imediatamente conquistou a confiança e a simpatia daquela população de Três Lagoas.

Não só por ser um bom médico, era admirado - publicou diversos trabalhos literários em jornais e revistas da época, fazendo uma grande publicidade sobre as possibilidades econômicas do Estado de Mato Grosso - conseqüentemente, tais atributos, com o apoio de amigos, o levou à 21 de março de 1947 a tomar posse como Deputado estadual, eleito em janeiro daquele mesmo ano.

Um dos fatos mais importantes de sua vida pública foi ter tido a oportunidade de fazer parte da Assembléia Estadual Constituinte de 1947, colaborando na elaboração da Constituição de 11 de julho de 1947.

Em vida, orgulhava-se dizendo para seus filhos, que tinha a honra de ter servido o Estado de Mato Grosso ao lado de tantos brasileiros e mato-grossenses ilustres, enfim, juntamente com todos aqueles que tomaram parte da Assembléia Estadual Constituinte do ano de 1947.

Logo se destacou em suas atividades parlamentares, tornando-se líder da bancada de seu partido político, chegando a assumir a presidência da Assembléia Legislativa de Mato Grosso.

Em 1947, dado a um conjunto de trabalhos publicados, como, “Rumos à Colonização de Mato Grosso”, em jornais como “A Gazeta do Comércio” e revista “Caçula” e outros como “Discurso de Despedida”, “Idéias e Sugestões”, fez com que ele juntasse diversos documentos

literários com os quais se candidatou ao pleito acadêmico, cujo êxito o levaria a conquistar a Cadeira nº 24, de que é Patrono, Aquilino Leite do Amaral Coutinho, uma das personalidades exponenciais da cultura pátria e da Academia Matogrossense de Letras. Em 1950, publicou "Aspectos Econômicos de Mato Grosso".

Referia-se, sempre, a amigos da Academia Matogrossense de Letras. como Dr. Lenine Póvoas, Luis-Philippe Pereira Leite, Gervásio Leite, Rubens de Mendonça, dentre outros expoentes.

Substituiu o Dr. Arnaldo Estêvão de Figueiredo, que deveria governar o Estado de Mato Grosso até 31 de janeiro de 1951, visto que este renunciou para se candidatar ao Senado.

Desta feita, governou ele o Estado de Mato Grosso no período entre julho de 1950 a janeiro de 1951.

Como governador substituto, deu continuidade às políticas e obras, respectivamente, adotadas e deixadas pelo seu antecessor, governador Arnaldo Estêvão de Figueiredo, o qual implantou a Comissão Estadual de Estradas de Rodagem e deu ênfase à política de colonização de Mato Grosso. Diga-se de passagem, foi um período histórico e de primordial importância para o Estado, visto que se iniciava a implantação das rodovias previstas no Plano Rodoviário Nacional e uma efetiva política de colonização no vale do Rio São Lourenço, em Barra do Bugres, na região do Bodoquema (sul do Estado) e nas terras agricultáveis, situadas entre Cáceres e a fronteira boliviana.

Dr. Jary Gomes teve oportunidade de se relacionar com ilustres personalidades da história do Brasil, como o Marechal Rondon, o Presidente Eurico Gaspar Dutra, o Brigadeiro Eduardo Gomes, os Generais Góis Monteiro e Oswaldo Cordeiro de Farias e, entre uma e outra figura expressiva do cenário nacional, após o fim do Estado Novo e o início da terceira República, concluiu ele sua vida pública, inclusive o seu mandato de governador, de forma pacífica e sem atropelos para o nosso Estado.

Todavia, não deu ele continuidade à sua vida política, abandonando de vez a militância político-partidária.

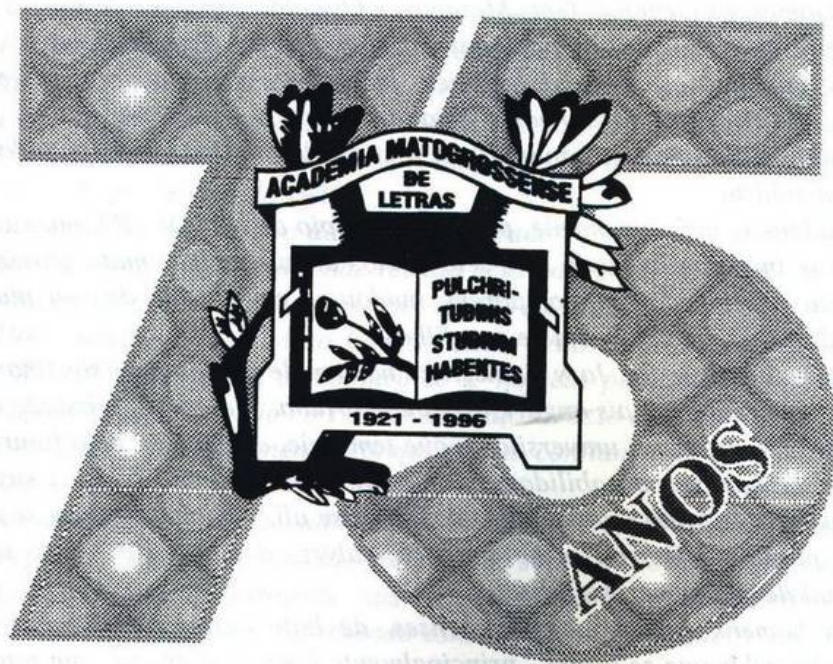
Mudou-se, definitivamente, para o município de Niterói - RJ, onde criou seus filhos, não que tenha se incompatibilizado com seus velhos e leais amigos mato-grossenses, nem tampouco com a vida pública do Estado, porém, mudou-se em virtude de sua numerosa família que, naquela altura, já era composta de sete filhos.

Na realidade, o Dr. Jary Gomes, era homem de poucos recursos financeiros. Levava uma vida muito modesta e jamais angariou grande fortuna. Na época, o Estado de Mato Grosso, não contando com a estrutura universitária que tem hoje, e temeroso pelo futuro de seus sete filhos, consciente de suas responsabilidades como foi, sabia que não poderia sustentar os estudos de seus filhos fora de Mato Grosso, caso continuasse ali. Mudou-se para se dedicar à família e à medicina pública. Deixou como herança, talvez, a maior de todas, a formação moral e profissional de sua numerosa família.

Os homens cultos, mato-grossenses, de hoje devem sempre que possível celebrar a memória daqueles que se foram - principalmente homens públicos com tamanho quilate - como os que fizeram parte da Assembléia Estadual Constituinte de 1947. Fora um instante importante de nossa História, que nos honrou generosamente com uma geração de hábeis políticos, dotados de extrema grandeza, honestidade e inteligência, capazes de não medir esforços pelos ideais de liberdade, democracia e do bem-estar de todas as classes sociais".

A Academia Matogrossense de Letras prestou as despedidas a Jary Gomes através do acadêmico Satyro Benedicto de Oliveira, o qual proferiu oração fúnebre.

JUBILEU DE DIAMANTE



| | |
|--|--|
| Patrono: Amâncio Pulchério de França | Ocupantes: José Raul Vilá João Antônio Neto |
|--|--|

João Antônio Neto

Amâncio Pulchério de França

De Amâncio Pulchério temos conhecimento extremamente superficial. Sabemos que nasceu nesta cidade, em 1846, isto é, há 117 anos, tendo sido advogado provisionado. Chefe de Polícia, jornalista e poeta.

Sua posição na tela da literatura matogrossense, está certificada especialmente pelo que dele indicam historiadores nossos, como o insigne Estêvão de Mendonça.

Literariamente, seu julgamento é fácil e cômodo: floresceu em pleno Romantismo, havendo atravessado o seu clímax; tinha 13 anos, quando CASIMIRO DE ABREU publicou "PRIMAVERAS". É inegável que sofreu a contaminação do pensamento poético de epônimos como Álvares de Azevedo, Junqueira Freire e o autor de "Os meus oitos anos".

Sua poesia é ingênua, sem atavios, nua, cheia daquela pureza lógica da inconseqüência. É assim:

*"Vi-te tão meiga e formosa,
Contemplei-te graciosa,
Casta flor, mais de uma vez;
Um anjo tu parecias,
Nas brancas asas trazias
Minha esperança, talvez..."*

Segundo a moda - que não foi somente dos românticos - (Baudelaire, passeava pelas ruas de Paris, com os cabelos pintados de verde, puxando uma tartaruga, amarrada a uma fita vermelha...) - Amâncio Pulchério foi pessimista, daquele pessimismo que era, primeiramente, mesológico, para, depois, passar a patológico.

Exagero? Não!. - Condição temporal e psicológica. Crise e catarse, tão naturais como todos os acontecimentos ligados às transmutações do processo humano.

Pulchério, romântico, era insatisfeito, há ponto de, embora casado três vezes, na sua curta existência de 35 anos, ainda dizer, insaciável:

*"Meu Deus, que gelo, que frieza aquela,
que indiferença nos olhares seus!"*

Crueldade do crítico? - Nem de longe! - Compreensão, apenas. Compreensão que levo ao preclaro patrono desta cadeira, vivido sob o prestígio de um tempo que tinha mais vazios - sem as forças decisivas de hoje, que nos impõem uma visão mais dura das realidades e das suas decorrências. Não podemos desligar o homem, da sua época, pois ele se justifica através dela. Idealizar os tipos ao sabor dos nossos agrados, é acreditar que a verdade é uma só - o que é um desrespeito ao progresso e uma afronta aos brios da criatividade alheia.

Podemos - é claro - aceitar com recusas - mas não podemos recusar sem aceitação. O homem, jamais, poderia evoluir se esposasse a doutrina da negação, com a afirmação exclusiva da sua personalidade.

Por isso tudo, reverencio aqui a memória do nosso patrono, como o épico reverenciou a dos heróis que dilataram a fé e o império da vida, e por obras valorosas nos foram libertando da morte!

José Raul Vilá

Nascido em 1899, poeta, prosador e alto funcionário do Banco do Brasil, o meu estimável antecessor escreveu relativamente pouco, mas o suficiente para merecer a láurea que esta Casa lhe outorgou - chamando-lhe para integrar seu quadro, ao lado de expressões relevantes das letras matogrossenses.

Seu poema épico "RONDÔNIA", são 576 versos, em oitavas e dois Cantos; metro decassílabo; gosto: dentro dos moldes da poesia clássica; motivo: Rondon.

"...Canto

*A imensa glória de um varão sapiente.
Não a glória que se ergue sobre o espanto,
o horror e a morte de infinita gente."*

O poema foi impresso, primeira vez, em 1918, isto é, quando o autor tinha 19 anos; se outro valor maior não possuísse o trabalho, é importante assinalar tal fato; porque, embora sua poesia não lisonjeie o gosto moderno, fica patente que o autor dispunha de belos conhecimentos da técnica literária. Convencional, apesar de muito jovem.

Aqui e ali em RONDÔNIA, temos algumas surpresas agradáveis, como aquela saudação ao protagonista:

*"Eu te saúdo, de progresso aurora,
Astro rei que começa a reluzir,
Que sobre a Pátria do Brasil, agora,
Vens torrentes de luz a desparzir.
Eu te saúdo, sombra promissora,
Divisão do passado e do porvir,
Ao teu propício resplendor os povos
Vão deparar belos caminhos novos."*

É evidente que RONDÔNIA não pode figurar, em igualdade de condições, ao lado de trabalhos do mesmo gênero, de outros poetas matogrossenses, como Antônio Tolentino em RETIRADA DA LAGUNA - mas, conforme atrás dissemos, vale por uma afirmação de elevado exercício artístico, além do seu mérito específico de procurar exaltar a personalidade de Rondon que, segundo Raul Vilá, eclipsou "a excelsa glória dos Anchietas e Nóbregas". Há ainda que atentar-se para o fato de que se o nosso sabor, hoje, é outro, com exigências novas, ao modo de apreciar e sentir da segunda década deste século, a poesia, como a que comentamos, deliciava seus cultores e escravizava multidões de simpatizantes.

Depois, o tema que Vilá elegeu, de tão sugestivo o embarçou, a ponto de o épico terminar o poema com mais pura confissão de sua impossibilidade de dar-lhe o arremate que o assunto estava a merecer. Todavia, não se desconheça o idealismo do poeta; a procura do fundamento sério, substancial e real; o alto sentido moralizador das exaltações; procurando considerar o heroísmo do homem, sem subtrair suas fraquezas, as moléstias, os assaltos das vacilações - tudo emoldurado pelo contato magnífico da natureza selvática animaram a bela página de ORAÇÃO DA PAZ, com que saudava o poeta o término da 1ª Grande Guerra:

"Salve divina paz, irradiação mirífica de luz, alvorada promissora, suave encarnação dos mais suaves sentimentos, núncia angélica de infinita bondade, que aljofraste a maninhez dos corações com as pérolas da tua crudelíssima dor - derrama sobre os homens que te imploram o cristalino e celeste orvalho do teu sorriso e do teu perdão. Paz imortal, faz que eles, ao toque do teu suavíssimo fulgor, esqueçam os furores incontidos da atra paixão, obliterem todas as maquinações diabólicas do mal, e ressurjam purificados, vivificados e ungidos, amando-se para

todo o sempre, e prometendo-se colocar à frente de todos os seus negócios, de todos os seus tratados dos séculos, a mais nobre, a mais digna, a mais alevantada de todas as concepções: - a Moral."

No que toca à poesia lírica de Raul Vilá, apresenta ela, coloridos de alma que surpreendem pela divergência das intenções alimentadoras das teses perseguidas. Se há produções suas de estilo precioso e até satânico, em outros pontos se mostra reflexivo, filosoficamente fatalista, como naquela "*Destino das quatro paredes*" - em que fala com a alcova, evocando, com certa plangência, sua condição de estar condenada a receber os despojos das mais diversas classes de matéria e de espírito:

*"Com que encantada e doce placidez
Se abre este asilo alvíssimo e risonho,
A agasalhar nosso afagado sonho
E nossos beijos, com gentil mudez.*

*E, quantas vezes, com que dor suponho,
Que já se abrira para a embriaguez
Do vício, e para o crime atro e medonho,
E para a infanda crápula, talvez.*

*Ora lépido ri-se, e quem diria
Que a morte talvez ontem feia e fria,
O recamou de luto e lividez.*

*E para a alva bondade e o torpe vício,
E para o gozo e para o sacrifício
Há de se abrir com a mesma placidez."*

Noutro ângulo, menos reflexivo, fazendo um monocórdio, realidade e subjetivismo, o lirismo do poeta se lança por essa velha aventura das almas que se angustiam na contemplação do sonho louco da glória por ver que o sucesso das aspirações termina com o aceno da insatisfação. Em "*Os navios do Pireu*", está o problema:

*"São meus esses navios atupidos
De pedraria e púrpuras. É minha
A vaga de cristal que se avizinha
De pérolas os flancos revestidos.*

*Pertence-me a frescura e louçainha
Das auroras, de lúcidos vestidos,
E os tesouros de Ofir, desconhecidos...
A fama, a glória, o amor, a estrela é minha!*

*Isto profere o louco, que procura,
Em vendo o imenso mar que não se alcança
Um momento de gozo e de ventura,
E, ao ver surdir, do pélogo risonho,
Na fantasiosa enseada da esperança,
As caravelas imortais do sonho!"*

Como se vê, há realmente força nesta poesia; sente-se um latejar de asas capazes de alturas. Percebe-se que o poeta tem inegável capacidade artesanal; possui inspiração legítima,

domínio seguro da língua e é tocante e espontâneo. Sua intuição descritiva é patente, mesmo quando penetra teses subjetivas, abstrações que dão valor aos sentimentos do homem. Vejamos, por exemplo, esta SAUDADE:

*“Para povoar de sonho as solidões da vida
Evoco da saudade a alva visão celeste,
E ela sorri-me então com a vaporosa veste
De alvas gases ideais das auroras tecida.*

*Surge-me assim gloriosa, assim meiga e querida
Puríssima vestal, que o amor puro acendeste
No coração do poeta, e forte o defendeste
Das desconsolações e amarguras da vida.*

*Ressuscita de outrora o suavíssimo encanto,
Os poemas da alegria e os poemas do pranto,
Toda a felicidade antiga, hoje, perdida.*

*Saudade, em vão, assim rediviva resplendes,
Em vão apaziguar meu tormento pretendes,
Tornas mais solitário o deserto da vida.”*

Todos vêem que o soneto não traz nenhuma mensagem nova - mas é límpido e macio, bem modulado, dentro dos rigorosos hemistíquios do alexandrino, ressaltando-se - é bem de ver - que as próprias repetições lhe realçam a musicalidade.

Pelo exposto, podemos destacar, na obra artística de José Raul Vilá: primeiro, a tentativa de poesia época; segundo, os laivos de uma obscura fase satanista, e, por último, um parnasianismo, algo diluído - pois sem aquele vigor de um Emílio de Menezes ou Luiz Carlos; um parnasianismo picado de subjetivismo, sensibilizado por um pessimismo ligeiro e difuso.

Raul Vilá é expressão literária, sem nenhuma dúvida. Não alcançou os altiplanos, mas não ficou na baixada, caído sob o nivelamento comum da obscuridade insensível.

Tonificou o seu tempo com a galhardia simpática do espírito que procurou, dentro da luta das limitações, pessoais e históricas, emprestar o seu quinhão ao trabalho criador, no desinteresse que a Arte recomenda a seus acólitos.

Sua obra tem valor - tanto que aí está e ficará ao lado de outros funcionários do ideal, dessa boa família do gênero humano que ama transpor as portas do mistério da criação, qualquer que ela seja, à procura, às vezes, de nada, mas quase sempre de alguma coisa que é tudo ou o princípio de tudo.

Santo Anselmo ensina que só o fato de se discutir Deus, implicava em procurá-lo e, pois, em admiti-lo.

Com a Beleza ocorre o mesmo fenômeno. Digladiava-se, teimava-se, lutava-se, protestava-se - para se saber que ela, onde e como veio, para onde e como vai... E dessa cadeia crítica jorra a linfa da Grande Mágica, em torno da qual se criaram desde os desenhos das Cavernas, até o Taj Mahal, desde o descantos rústicos à DIVINA COMÉDIA - as horas luminosas da humanidade, dando o sentido supremo do seu destino e assinalando a matéria providencial da sua finalidade!¹

¹ Os textos referentes ao Patrono e Ocupante anterior foram retirados do discurso de posse, pronunciado em 1963.

João Antônio Neto

Dados Pessoais

Natural de Couto de Magalhães, Tocantins
Data de Nascimento: 19 de abril de 1920
Filiação: Pedro Antunes de Sousa e Inezila Antunes
Esposa: Eva Balbino Guimarães Neto

Formação Escolar

Primário: Colégio "Coração de Jesus" - Guiratinga - 1930/34
Secundário: Ginásio São Gonçalo - Cuiabá - 1937/41
Superior: Faculdade de Direito do Rio de Janeiro - 1944/48

Cargos e Funções no Magistério Secundário

Professor de Prática Jurídico-Comercial
Escola Técnica de Comércio - Cuiabá - 1949-1951
Diretor e Professor de História
Ginásio Estadual "Estêvão de Mendonça" - Guiratinga - 1954/58
Diretor e Professor de História
Ginásio Estadual de Rondonópolis - 1962-65
Professor-Fundador do Ginásio Estadual "Treze de Junho"
Rondonópolis - 1962-1965
Professor de Português
Ginásio "Coração de Jesus" - Aquidauana - 1966

Cargos e Funções no Magistério Superior

Professor Auxiliar de Direito Constitucional e Administrativo
Cursos Especiais do DASP - Cuiabá - 1949
Professor de Teoria Geral do Estado e Direito Civil
Faculdade de Direito de Cuiabá - 1967/70
Professor de Literatura Brasileira e Portuguesa
Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá - 1967/70

Professor Titular-Fundador da Universidade Federal de Mato

Grosso 1971/91, tendo lecionado as seguintes disciplinas: Direito Civil IV - Introdução ao Direito Civil - Perspectivas Contemporâneas - Estudos de Problemas Brasileiros - Instituições do Direito Público e Privado - Teoria do Estado - Direito Constitucional I e II - Introdução ao Estudo do Direito I e II - Direito Processual Civil IV - Filosofia do Direito e Cursos de Extensão de Ética e Retórica.

Coordenador do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Mato Grosso - 1973/76

Coordenador do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso - 1976/83

Professor de Português Instrumental da União das Escolas Superiores de Cuiabá - UNIC - 1989

Diretor-Fundador e Professor da Escola Superior da Magistratura do Estado de Mato Grosso, tendo lecionado Direito Constitucional - Retórica e Estilística - Lógica Jurídica - Filosofia do Direito - 1985/93

Professor de Retórica e Estilística da Escola Superior do Ministério Público de Mato Grosso - 1994

Funções e Atividades, Fora do Magistério

Advogado nos Auditórios de Cuiabá, Guiratinga, Alto Araguaia, Poxoréu, Alto Garças e Barra do Garças - 1951/58 - 1983/90

Procurador Fiscal do Estado de Mato Grosso - 1949

Consultor Geral do Estado de Mato Grosso - 1950/51

Juiz de Direito das Comarcas de Alto Araguaia, Rondonópolis, Aquidauana e Cuiabá - 1958/67

Desembargador do Tribunal de Justiça de Mato Grosso - 1967/73

Vice-Presidente do Tribunal de Justiça - 1970

Presidente da 1ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça - 1968/69 - 1971/73

Presidente das Câmaras Cíveis Reunidas do Tribunal de Justiça - 1968 - 1971 - 1973

Membro Permanente das Bancas Examinadoras, para concursos de Juizes Substitutos e de Direito - 1967/73

Juiz do Tribunal Regional Eleitoral do Estado de Mato Grosso - 1964

Diretor dos "Anais Forenses" do Estado de Mato Grosso - 1967/73

Compilador e Organizador das Revista, "Juriscível", "Jurisprenal" e "Trimestral de Jurisprudência dos Estados", do Estado de São Paulo - 1965/76

Conselheiro da Ordem dos Advogados do Brasil / MT - 1979/85

Assessor de Doutrina e Jurisprudência do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso - 1983/88

Assessor Técnico da Presidência do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso - 1988

Conferencista em Cuiabá, Rondonópolis, Poxoréu, Aquidauana, Guiratinga, Diamantino, Rosário Oeste, Nobres, Várzea Grande, Paranaíba, Três Lagoas e Campo Grande

Instituições de que Faz Parte:

- Academia Matogrossense de Letras - Cuiabá
- Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso - Cuiabá
- União Brasileira de Direito Criminal - Rio de Janeiro
- Associação dos Magistrados Brasileiros - Rio de Janeiro
- Associação Matogrossense dos Magistrados - Cuiabá
- Ordem dos Advogados do Brasil - Cuiabá
- Instituto dos Advogados Brasileiros - Cuiabá
- Academia de Direito e Ciências Políticas - Cuiabá
- Academia de Letras Maçônicas de Mato Grosso - Cuiabá

Atividades de Escritor:

Livros Publicados:

Vozes do Coração - Cuiabá / 1941

Três Gerações - Rio de Janeiro / 1949

Poliedro - Goiânia / 1970

Remanso - Cuiabá - 1982

História do Poder Judiciário de Mato Grosso - v.1 - Cuiabá / 1985

Silhuetas - Cuiabá / 1988

Ementas Exemplares do Tribunal de Justiça - v.1 - Cuiabá / 1990

Livros Inéditos:

História do Poder Judiciário de Mato Grosso - v.2

Judicatura Amável

Dicionário Biobibliográfico de Juristas Brasileiros

Ementas Exemplares - v.2

(In)significâncias

Ensaaios

- *O Homem de Letras e o Mundo Contemporâneo* - (Posse na Academia), 1963.
- *A Solidão do Juiz* - 1970.
- *Contraponto Camoneano* - 1972.
- *Reapresentação do Poeta. Sobre Otávio Cunha* - 1973.
- *O Modernismo em Mato Grosso* - 1973.
- *Poesia Brasileira Filosófica, de Reflexão ou Sentenciosa, Moral e Didática* - 1978.
- *Algumas singularidades do Direito* - 1978.
- *Implicações Ético-Jurídicas dos Transplantes de Órgãos* - 1978.
- *Notas sobre o Direito Indígena e o Direito Indigenista* - 1980.
- *Dom Aquino, o Orador* - 1981.
- *Direito Astronáutico e Questões da Era Espacial* - 1981.
- *Considerações sobre os Direitos Humanos* - 1983.
- *Difusão da Literatura Mato-Grossense. A História do Jornal e a História da Nossa Cultura* - 1984.
- *O Voto do Analfabeto* - 1985.
- *A Linguagem do Direito* - 1987.
- *O V Centenário e a Redescoberta de Colombo* - 1992.
- *O Advogado e a Construção do Brasil* - 1993.

Recepções na Academia Matogrossense de Letras:

- Poesia e Prosa na Academia* - Recepção de Agenor Ferreira Leão - 1974.
- Poesia e Ecologia* - Recepção de Sebastião Carlos Gomes de Carvalho - 1985.
- As Três Balizas* - Recepção de Benedito Pedro Dorileo - 1987.
- Poesia da Infinitude* - Recepção de Benedito S. S. Freire - 1992.
- O Múltiplo Eficaz* - Recepção de Leopoldino Marques do Amaral - 1994.
- Sob o Signo das Flores* - Recepção de Yasmin Jamil Nadaf - 1995.
- Sob o Signo da Justiça* - Recepção de Benedito Pereira do Nascimento - 1995.

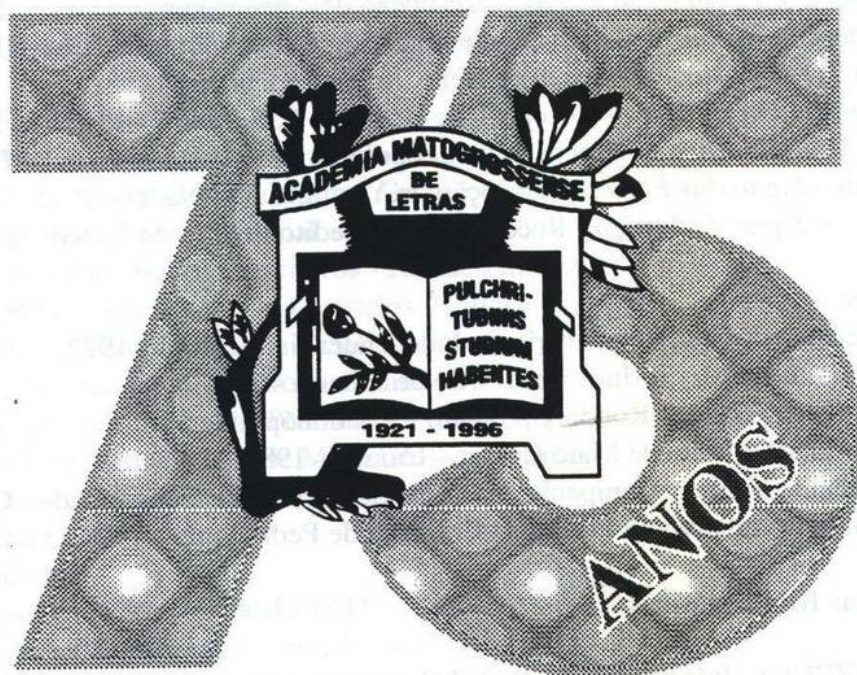
Distinções

- Medalha do Sesquicentenário da Independência - Cuiabá - 1972.
- Medalha do Mérito Judiciário - Rio de Janeiro - 1985.
- Título de Cidadão Rondonopolitano - Rondonópolis - 1985.
- Ordem do Mérito de Mato Grosso - Cuiabá - 1988.
- Medalha Mérito - Campanha Nacional de Escolas da Comunidade - Cuiabá - 1990.
- Nome Intitulativo do Forum da Comarca de Pedra Preta - 1990.

Referências Bibliográficas

- REZENDE, Edgard de - *Os mais belos sonetos brasileiros*. Freitas Bastos, Rio de Janeiro, 1956.
- MENDONÇA, Rubens de - *Poetas Matogrossenses*. 1958.
- MENDONÇA, Rubens de - *História da Literatura Matogrossense* - 1970.
- MENDONÇA, Rubens de - *Dicionário Biográfico Matogrossense* - 1971.
- MENDONÇA, Rubens de - *Bibliografia Matogrossense* - 1975.
- TELES, Gilberto de Mendonça - *A Poesia em Goiás*. 1964.
- SEREJO, Hélio - *Poesia Matogrossense*. 1960.
- COUTINHO, Afrânio - *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. 1990.
- Revista de Psiquiatria y Criminologia*. Buenos Aires, nº 75 - abril/junho 1950. p. 118.
- Revista da Academia Matogrossense de Letras* - Anos XXX, Tomos LVI, 1963, p. 58 e ss.

JUBILEU DE DIAMANTE



Cadeira nº 26

| | |
|---|---|
| Patrono: Joaquim Duarte Murtinho | Ocupantes: Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa Oscarino Ramos Benedito Pedro Dorileo |
|---|---|

Benedito Pedro Dorileo

O PATRONO

Joaquim Duarte Murtinho é o patrono da Cadeira de nº 26 desta Academia. Terceiro filho do casal José Antônio Murtinho e Dona Rosa Joaquina Pinheiro Murtinho, sendo o seu nome uma homenagem ao avô materno Joaquim Duarte Pinheiro.

Nascido em Cuiabá, em 7 de dezembro de 1848, foi levado à pia batismal da Catedral do Bom Jesus, em 28 de setembro de 1849.

Privilegiado de inteligência, realiza os seus estudos no Seminário da Conceição em Cuiabá, e conclui o curso secundário no Rio de Janeiro. Enquanto os seus irmãos José e Manuel encaminhavam-se para as Faculdades de Medicina e de Direito, respectivamente, Joaquim Murtinho prefere a Escola Central, que se destinava “ao ensino das matemáticas, das ciências físicas e naturais e das disciplinas próprias da Engenharia Civil”.

Entretanto, cursando as ciências exatas, a luz do seu espírito leva-o a matricular-se na Faculdade de Medicina, no Rio de Janeiro. Conclui a Escola Central, em março de 1870, com distinção em Economia Política, como bacharel em ciências físicas e naturais. A complexidade das ciências em campos diferentes não lhe turvou a mente. Bacharelou-se, também, em Medicina, em dezembro de 1873, defendendo a tese sobre o estudo patológico, em que sustentava os fundamentos da homeopatia.

Joaquim Murtinho dedicava-se intensamente às ciências médicas, interessando-se cada vez mais pela cura homeopática: a terapêutica de “similia similibus curantur”. E para os menos favorecidos, para os pobres empenhava o seu maior esforço. O médico ia progressivamente assumindo o lugar do engenheiro.

Os pendores para o magistério foram revelados desde cedo na Escola Central, como professor de química orgânica experimental, lecionando até 1891, ainda, as disciplinas meteorologia, biologia industrial e zoologia.

Dentre os que escreveram, destaco o grande biógrafo de Joaquim Murtinho, o historiador Virgílio Corrêa Filho, em obra editada por ocasião do seu centenário de nascimento, em 1948, que trouxe à lume a sua vida nas mais diversas facetas. E sobre o médico alude ao Jornal do Comércio que publicara: “No fazer um diagnóstico, a sua intuição médica revestia às vezes um caráter quase divinatório, definindo logo o mal por uma afirmação categórica, que os elementos de pesquisa no laboratório e a própria marcha da doença não faziam senão confirmar. Assim se explicam as curas assombrosas, que obteve em muitas ocasiões em que a escola alopatha desenganara”.

E a intelectualidade brotava-lhe na alma. Passa a escrever, produzir com intensidade para ~~defender suas convicções científicas, e uma série de trinta e quatro artigos refutam o parecer da~~ Faculdade de Medicina, contrário à criação de cadeiras para o ensino da homeopatia.

O vigor científico de Joaquim Murtinho dava-lhe destaque internacional. E assegurou-lhe a posição de Homem de Estado.

Em 1889, dá-se o advento da república e Joaquim Murtinho é o político de alta projeção no cenário nacional, participando como Senador por Mato Grosso da primeira Constituinte Republicana, que resultou na Constituição de 24 de fevereiro de 1891, substituindo a do Império de 1824.

Como médico particular do Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, exerce poderosa influência na política do seu Estado, como se observou na nomeação do primeiro governador General Antônio Maria Coelho, bem como na sua exoneração, em momentos difíceis de rearticulações partidárias.

Deodoro da Fonseca governara o País até novembro de 1891, quando entregou o Poder ao Vice-Presidente Marechal Floriano Vieira Peixoto, que governaria até novembro de 1894. Prudente José de Moraes Barros é o terceiro Presidente, governando até novembro de 1898. Enfermo, Prudente de Moraes afastou-se no período de novembro de 1896 até março de 1897, assumindo nesse lapso o Vice-Presidente Manuel Vitorino Pereira, que promoveu reforma ministerial. Joaquim Murtinho é lembrado e assume o Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, permanecendo até outubro de 1897, quando Prudente de Moraes já novamente governava o País.

Nesta pasta ministerial, Joaquim Murtinho deteve-se de maneira aguda a examinar a situação da indústria nacional, “anômala, irregular e profundamente viciosa”.

A Introdução do seu primeiro relatório era um programa de governo, abrangendo globalmente os problemas político, social e econômico do País.

Em novembro de 1898 assume a presidência da República Manuel Ferraz de Campos Sales, para governar até novembro de 1902.

A visão de estadista, demonstrada na pasta anterior, impressionou a Nação. Joaquim Murtinho torna-se o Ministro da Fazenda de Campos Sales, em hora da mais séria crise financeira e econômica do Brasil, dobrando o século para permanecer até setembro de 1901, quando retornou ao Senado.

Campos Sales fazia questão de sustentar que pertencia ao grupo dos homens “que servem à República e não dos que se servem da República”. Joaquim Murtinho estava incluído no grupo do Presidente.

O Ministro mato-grossense fez consistir na constituição econômica a base da regeneração financeira do País.

Quando, em novembro de 1902, assumiu o governo Francisco de Paula Rodrigues Alves, estavam as finanças brasileiras restauradas e estabilizadas.

Faleceu Joaquim Murtinho, com 63 anos de idade, em 19 de novembro de 1911, sendo sepultado no cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro.

Homem bom. Jamais lhe faltaram a humildade e a prudência. Em toda a vida pública ou no recolhimento privado, nunca desprezou a medicina, esforçava-se para curar sempre.

O ANTECESSOR

Ocupando, atualmente a cadeira de nº 26, tenho por antecessor o Acadêmico Desembargador Oscarino Ramos, que tomou posse, no Centro Mato-Grossense de Letras, em 7 de setembro de 1923, substituindo na época o Acadêmico Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa. Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Filho de Mariano Ramos e de dona Rosa Pereira Leite Ramos, nasceu em Cáceres, Mato Grosso, em 1º de novembro de 1891, vindo a falecer, em Cuiabá, em 6 de março de 1969, com 78 anos incompletos.

Muito moço, bacharelou-se em ciências jurídicas e sociais no Rio de Janeiro, para vir a exercer, depois, cargos no Ministério Público e na Magistratura de seu Estado.

Honrou sobremaneira a toga que vestiu, crendo na Justiça, como “Direito iluminado pela Moral, para facilitar o multifário desenvolvimento da vida social”. Atingiu a Presidência do Tribunal de Apelação e do Tribunal Eleitoral.

Nas Letras, Oscarino Ramos tinha, desde a juventude, presença constante em jornais e revistas do Estado, principalmente na Revista da Academia Mato-Grossense de Letras, com publicação de contos, crônicas e poesias.

Quando se tornara Acadêmico, disse o poeta com humildade: “Nunca, jamais tive alguma pretensão literária. É certo que, em tempos idos, produzi alguns versos, chegando a minha temeridade ao ponto de publicá-los. Desses pecados da minha juventude, não me penitencio. Eles são a ressonância de uma vida que ficou lá longe, o único perfume de uma idade florida, toda pontilhada de amores, sonhos e loucuras”.

Na Academia, compôs, com Dona Maria de Arruda Müller e Gervásio Leite, em 1948, a Comissão de Revista e Bibliografia.

De bom estilo, produzia peças oratórias admiráveis, como se lê no seu discurso de recepção ao Acadêmico Nicolau Fragelli, em 1947.

Entregue ao romantismo, cantou belamente a vida:

“Angelus

Pás de sombras no túmulo do Dia...

Horas de evocações ...choram trindades...

A voz do sino é o echo de agonia

De alguém que anda morrendo de saudades” (1ª estrofe)

Oscarino Ramos: na sua posse nesta Casa, José Raul Vila chamou-o de “suave artífice das musas”. Da minha parte, resta reverenciar o seu admirável talento criador.

O PRIMEIRO OCUPANTE

A correspondência numérica da Cadeira de nº 26, cujo patrono é Joaquim Duarte Murtinho, é a seguinte: no Centro Mato-Grossense de Letras, em sua fundação em 7 de setembro de 1921, era de nº 10; na Academia Mato-Grossense de Letras de 1940 a 1943, de nº 18; e em 1944 de nº 26. Assim foi, em virtude do aumento de vagas para membros efetivos, com tais alterações julgadas convenientes.

Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa foi o primeiro ocupante desta Cátedra, como sócio fundador do Centro.

Filho do Comendador Antônio Tomás de Aquino Corrêa e Dona Maria D’Aleluia Gaudie Ley de Aquino Corrêa, nasceu em Cuiabá no dia 30 de janeiro de 1878 e faleceu em 1º de outubro de 1947.

Engenheiro militar, teve breve mas destacada presença na vida política, como Deputado Estadual em Mato Grosso.

Irmão de Dom Francisco de Aquino Corrêa, desempenhou o cargo de Assistente Militar, quando este antístite exerceu a Presidência do nosso Estado, no quadriênio constitucional de 1918 a 1922.

As absorventes atribuições militares ainda lhe permitiram dedicar-se às letras, deixando crônicas e ensaios em jornais e revistas de algumas cidades brasileiras, por onde passou em serviço profissional, como Manaus, Teresina, e Porto Alegre e Bagé, no Rio Grande do Sul.

Conferencista de espírito percuciente, era admirado pela concisão dos seus textos, fluência do estilo e correção de formas.

O ATUAL OCUPANTE
BENEDITO PEDRO DORILEO (*síntese de Curriculum vitae*)

Nasceu em Cuiabá, Mato Grosso, em 10 de dezembro de 1934, filho de Pedro Gratidiano Dorileo e de D. Joaquina Maria de Almeida. Dedicou-se, desde cedo, ao Magistério como Professor do Curso de Formação de Oficiais - CFO - da Polícia Militar de Mato Grosso, nas disciplinas de Português e Introdução à Ciência do Direito. Patente de 1º Tenente. Depois, no Liceu Salesiano São Gonçalo, as disciplinas Língua Portuguesa e História do Brasil, após realizar curso e prestar exame na CADES, com Professores do Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro. No Ginásio Dom Aquino e na Escola Técnica Federal de Mato Grosso, a disciplina Língua Portuguesa, tendo ingressado nesta mediante concurso público.

Ensinar estava nos seus planos desde menino, quando em sua Casa Paterna, na Avenida Dom Aquino em Cuiabá, alfabetizava crianças e adultos, quase sempre com luz de lampião.

Chegou à docência superior no Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá como um dos professores fundadores em 1968, lecionando Língua Portuguesa, e onde exerceu os cargos de Chefe de Departamento de Letras e de Presidente da Instituição, eleito, respectivamente, pelo Colegiado de Departamento e Conselho Administrativo.

Com a criação da Universidade Federal de Mato Grosso, em 10 de dezembro de 1970, juntamente com outros docentes, torna-se Professor Fundador, atingindo a classe de Titular, na disciplina Direito de Família. Pertenceu aos primeiros titulares do Conselho Diretor, como seu Vice-Presidente. Na Fundação Universidade Federal exerceu os cargos de Vice-Presidente (de 1971 até 1982) e de Presidente até 1984. Vice-Reitor Acadêmico (de 1972 até 1978). Vice-Reitor até fevereiro de 1982. Reitor até setembro de 1984, como o primeiro dirigente universitário eleito pelo voto direto dos três segmentos da Universidade: Professores, Técnicos Administrativos e Estudantes.

ESCREVEU E PUBLICOU vários trabalhos sobre a Língua Portuguesa, Literatura, História e Direito (especialmente sobre o Menor), em Jornais e Revistas, inclusive para a Revista Universidade, que fundou. Escreve para o Diário Oficial - Cultura e para as Revistas do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras.

EDITOU OS SEGUINTE LIVROS: MIÇANGA, educação e questões sociais (1970). EGÉRIA CUIABANA (1976). UNIVERSIDADE, O FAZEJAMENTO (1977). PENSAR PARA FAZER (1984). CENTENÁRIO DA EGÉRIA CUIABANA (1995). NOMEAÇÃO DE REITOR (1996).

DO MINISTÉRIO PÚBLICO, em Mato Grosso, com ingresso mediante dois concursos públicos para Promotor de Justiça e para Defensor Público, classificado, respectivamente, em terceiro e primeiro lugar, em 1966. Atingiu o fim da carreira no cargo de Procurador de Justiça. Membro do Conselho Superior do Ministério Público.

ADVOGADO - Inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil - Seção de Mato Grosso, sob nº 378, desde 29 de Janeiro de 1963.

DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO, como membro efetivo, eleito em 19 de junho de 1976, tendo exercido a Vice-Presidência.

DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, eleito em 9 de março de 1974 e posse em 08 de dezembro de 1987, ocupando a Cadeira de nº 26, da qual é Patrono Joaquim Duarte Murinho.

DA ACADEMIA PAULISTANA DA HISTÓRIA - São Paulo - SP. Eleito em 1993 e Diplomado em 2 de março de 1994 (Correspondente).

DA ORDEM NACIONAL DOS BANDEIRANTES - São Paulo - SP. Eleito em 1993 e Diplomado em 2 de março de 1994.

VEREADOR ELEITO da Câmara Municipal da Capital do Estado, Cuiabá, em 7 de outubro de 1962, como o Edil mais jovem, para o período legislativo de 1963-66. Exerceu os cargos de Líder da Maioria, de Secretário, de Vice-Presidente e de Presidente da Edilidade.

Deixou a participação política eleitoral desde quando se deu a extinção dos Partidos Políticos, inclusive o Partido Social Democrático, em outubro de 1965.

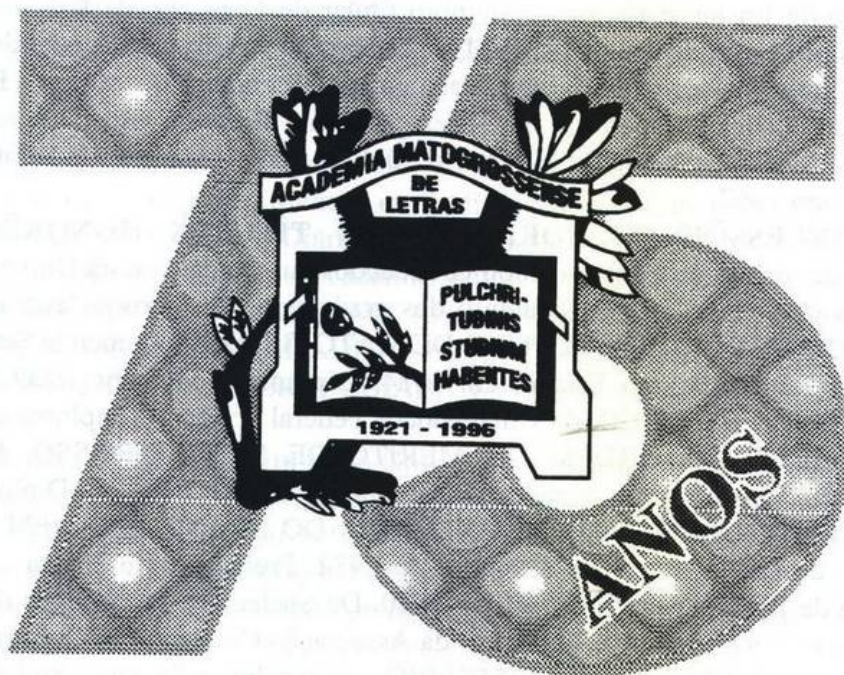
ATIVIDADES JORNALÍSTICAS, em Mato Grosso (Estado Indiviso) - Diretor-Redator do Jornal Tribuna Acadêmica. Diretor-Secretário do Jornal O Social Democrata. Colaborador dos Jornais: A CRUZ, MATO GROSSO EM REVISTA, FOLHA MATO-GROSSENSE e O ESTADO DE MATO GROSSO. Integrou grupos para Programas Acadêmicos nas Rádios Cultura, Difusora Bom Jesus e A Voz D'Oeste, da Capital do Estado. E outros na Televisão Centro América.

ESTUDOS PUBLICADOS: Raízes, história do ensino superior em Mato Grosso; Universidade na República até a Universidade de São Paulo - USP; Universidade e Sociedade; Monteiro Lobato e Mato Grosso; Universidade e Desenvolvimento; Ciência, Técnica e Amor; O *Locus* da Universidade Federal de Mato Grosso; Origem Exoprismática da Universidade Brasileira; Universidade e Pesquisa; Ensino de Graduação.

ATIVIDADES UNIVERSITÁRIAS E OUTRAS: Foi membro titular do Conselho de Ensino Superior do Estado e do Conselho Universitário da Universidade Estadual de Mato Grosso, em Campo Grande; hoje, UFMS. Na Universidade Federal de Mato Grosso, sede em Cuiabá, organizou cursos e dirigiu congressos, simpósios ou seminários. Proferiu conferências sobre as temáticas da Cultura, da Educação, da Administração Acadêmica e da História. Realizou curso de Especialização sobre Política Educacional e Legislação de Ensino, dentre outros. No curso da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra foi Relator e Dirigente de Grupo de Trabalho. Ainda na UFMT foi Presidente do Conselho Diretor, Conselho Universitário e Conselho de Ensino e Pesquisa. Membro titular do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, no cargo de Reitor da UFMT. Membro honorário permanente do mesmo Conselho - CRUB. Reitor honorário do Forum Nacional de Reitores Honorários - FONAREH. Juiz do Tribunal de Justiça Desportiva, da Federação Mato-Grossense de Desportos, em 1968. Da Associação Mato-Grossense do Ministério Público, como membro fundador, no cargo de seu 1º Secretário, em 1967.

CONCESSÕES HONORÍFICAS OU TÍTULOS HONORÍFICOS: Patrono e Paraninfo de turmas de Formandos ou Graduandos em Colégios e na Universidade Federal, por repetidas vezes. (Em 1973/1, Paraninfo dos graduandos de todos os cursos de graduação). Da ORDEM DO MÉRITO LEGISLATIVO DE MATO GROSSO, Comenda Senador Filinto Müller, pelo Poder Legislativo do Estado, em 1984, Diploma e Medalha (D.O. de 17/8/1984). DO MÉRITO UNIVERSITÁRIO, da Universidade Federal do Acre - Diploma e Medalha, em 1984. COMENDADOR DA ORDEM DO MÉRITO DE MATO GROSSO, Diploma e Medalha (Decreto do Governo do Estado de nº 2.313 de 23/2/1983). Diploma e Medalha do SESQUICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL, pela UFMT e Academia Mato-Grossense de Letras, em 7 de setembro de 1972. Presidente de Honra da Associação Mato-Grossense de Professores Primários, em 1970. Da Sociedade dos Amigos do Marechal Rondon, sócio efetivo - 1975. Membro honorário da Associação Cuiabana de Cultura MUXIRUM. Título e Medalha de MÉRITO UNIVERSITÁRIO, conferidos pela Universidade Federal de Mato Grosso, por ocasião dos seus 25 anos de criação, em 10 de dezembro de 1995.

JUBILEU DE DIAMANTE



| | |
|--|---|
| Patrono: José Barnabé de Mesquita (Sênior) | Ocupantes: Ana Luiza Prado Bastos Ubaldo Monteiro da Silva |
|--|---|

Ubaldo Monteiro da Silva

José Barnabé de Mesquita (Sênior)

Nasceu em Diamantino a 7 de março de 1855. Era filho do capitão Barnabé de Mesquita Muniz e de Maria Rita de Mesquita.

Entretanto, este capitão desapareceu relativamente cedo, deixando a viúva, três filhas pequenas, e o garoto José Barnabé de Mesquita (Sênior).

Sendo este o último filho varão, ainda garoto teve que enfrentar a vida e então acomodou-se num emprego em casa comercial, sustentando mãe e irmãs. Mais tarde consegue trabalhar por conta própria, acumulando pequena economia.

Diamantino, a rica região Mato-grossense, que o inesquecível professor e acadêmico Francisco Ferreira Mendes exaltou em suas crônicas, entrou em decadência e José de Mesquita, mãe e irmãs, transferiram-se para Cuiabá, onde o jovem foi guarda-livros e, a seguir, advogado provisionado, ocupando os auditórios da comarca da capital.

Nessa fase, tornou-se político liberal, abolicionista e republicano, professor de latim, inspetor escolar, auditor de guerra e procurador Fiscal do Tesouro. Em maio de 1891, desposou ele a senhorita Maria de Cerqueira Caldas e no ano seguinte, 10 de março, nasceu seu único filho, que recebeu o nome de José de Mesquita.

Cinco meses depois, com 37 anos de idade, falece este advogado diamantinense, que viria a ser, já neste século, o patrono da cadeira que, com muita honra, ocupo.

Seu filho recebeu esmerada educação, tornando-se uma das maiores expressões culturais de Mato Grosso, presidindo esta Academia durante vários anos.

Ana Luiza Prado Bastos

A primeira ocupante da Cadeira nº 27, a única até então, vinha sendo a professora Ana Luiza Prado Bastos, que, na década de vinte, foi tesoureira do ainda Centro Matogrossense de Letras. Mas, em 1932, a entidade cultural passou a denominar-se Academia Matogrossense de Letras, com 30 membros e em 1945, para padronizá-la, mais dez cadeiras foram criadas, consumando-se a posse de acadêmicos residindo no sul do Estado, a esse tempo de transferência difícil, de cidade para cidade.

A Acadêmica Ana Luiza Prado Bastos prestava seus serviços em Campo Grande, durante as décadas de trinta e de quarenta e só a 6 de setembro de 1946, pode vir à capital, quando reafirmou sua posse.

Nasceu ela em Cuiabá, no dia 24 de agosto de 1898, e diplomou-se pela escola Normal "Pedro Celestino" em 1917, passando a exercer o magistério aqui, em Três Lagoas e, a partir de 1932, em Campo Grande.

Filha de Egídio da Silva Prado e de Dona Regina Leverger Corrêa Prado, revelou-se estudiosa e responsável, desde menina. Inclinada às letras, dona de um estilo delicado, cedo passou a colaborar com revistas e jornais de Mato Grosso, participando dos encontros lítero-musicais e contribuindo, mormente nos espaços culturais, visando a educação no seio de uma sociedade, que também fora outrora sóbria e requintada. Foi ela com Maria Dimpina,

Marianinha Póvoas, Maria de Arruda Müller, Regina Prado e outras, as fundadoras do Grêmio Literário "Júlia Lopes", de elevado nível cultural das décadas de vinte e de trinta, bem divulgado no âmbito da sociedade Matogrossense. Com o pseudônimo de Zilá Donato, colaborou Ana Luiza nas colunas da famosa revista "A Violeta", que circulou nas décadas de 20, 30 e 40, quando suas tiragens esgotavam-se dada sua aceitação no âmbito das elites das principais cidades de Mato Grosso.

Em Campo Grande, como colunista da "Folha da Serra", usava o pseudônimo de Delorme Vaz. Nesse órgão da cidade Morena, divulgou ela trabalhos interessantes. Entre amigas e familiares fora muitíssimo conhecida como Professora GALEGA.

Na velhice fora a senhora austera, respeitada, de belos predicados, frutos da rígida educação de berço, a que a sociedade-elite da Cuiabá de outrora, se sujeitava.

Das palestras que proferiu, mormente em Campo Grande, onde ela viveu por muito tempo, destacamos um trecho de uma, programada para a "Semana da Criança", em 1934. Ali era ela esperada com interesse especial, pelas suas colegas campo-grandenses e convidados.

O tema proposto era "Carinhos Maternos", que a certa altura ela assim descreve:

"Carinhos maternos! revelação sublime do amor de mãe! desse amor imensurável, desse amor indizível, desse amor inquebrantável que nasce com as primeiras manifestações vitais do ser; cresce aos primeiros vagidos da criança, fortalece e se aprofunda com o suceder dos dias, sejam eles bonançosos, de céu azul e mar de rosas, ou procelosos, de vagas encapeladas, toldadas de chumbo, desse amor que sobrevive à mudez marmórea do sepulcro, impotente na sua obra destruidora, para só desaparecer com o cessar de bater rítmico do coração de mãe, dessa fonte inexaurível de bondade e ternura, de paciência e abnegação, de amor e de perdão! Amor materno! sentimento divino concedido, prodigamente pelo Criador à espécie animal e tanto mais forte, profundo e intenso, quanto mais perfeitos são os seres por ele ligados! Ora, se o amor tem o poder mágico de transformar em altas qualidades os defeitos e senões do objeto amado, como poder do amor materno que é o mais poderoso, o mais forte, o mais sincero, o mais sublime de todos os amores, fugir a essa lei geral da psicologia humana".

A professora GALEGA desapareceu, mas já aos 82 anos de idade, estando no Rio de Janeiro, ainda escreveu uma poesia sobre o centenário de falecimento do Barão de Melgaço (seu bisavô), sob o título: *AUGUSTO LEVERGER*.

Ubaldo Monteiro da Silva

Dados Pessoais

Ubaldo Monteiro da Silva

Nascimento: 16 de maio de 1916 - Várzea Grande - MT

Filiação: Alfredo Monteiro da Silva

Ana Emília da Silva

Formação Escolar

Primário: Grupo Escolar "Senador Azeredo"- Cuiabá

Secundário: Liceu Cuiabano

Superior: Curso de Formação de Oficiais da Polícia do Estado do Rio de Janeiro, diplomando-se em 1943.

Carreira Política

1955 - Eleito Deputado Estadual para o período legislativo de 1959-1963.

1964/66 - Voltou a ocupar a cadeira de Deputado Estadual

Depois da Revolução, extintos os Partidos Políticos, não quis mais continuar na militância política, embora por duas vezes, levassem seu nome como candidato a Prefeito de Várzea Grande, havendo declinado do convite.

1969 - Lançado candidato a prefeito pela terceira vez, cedeu a vaga a Ary Campos, dando seu integral apoio a esta candidatura.

Funções Públicas

Desempenhou várias funções públicas e muitas delas no município onde vive - sua Várzea Grande, onde tem colaborado com o município sempre que lhe cabe missões solicitadas pelos Prefeitos em exercício.

Durante quatro anos esteve no Departamento Penitenciário, tendo exercido o cargo de Diretor de Penitenciárias.

Militou no magistério num espaço igual a três lustros.

Na Polícia Militar fundou o Curso de Formação de Oficiais, dirigiu a Escola e foi Lente durante seis anos, na década de 50, formando diversos oficiais, muitos deles advogados em Cuiabá, atualmente.

Como Deputado deixou leis que criaram escolas em Várzea Grande e em outras comunas, sendo criado o primeiro ginásio da sua Cidade, graças a uma indicação sua.

Do Corpo Docente, deste, participou lecionando Matemática durante seis anos.

Tem sempre um filho ou esposa ocupando uma cadeira de Vereador no município.

Títulos recebidos

Comenda Senador "Filinto Müller" - pela Assembléia Legislativa de Mato Grosso

Várias Medalhas e Diplomas de outras Instituições

Instituições a que se filia

- Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso - sócio efetivo

- Academia Matogrossense de Letras - sócio efetivo

Produções

Publicados

- "*Meus Varzeanos*" - versos
- "*No Portal da Amazônia*" - História de Várzea Grande
- "*Cuiabaninhos*" - contos
- "*Flashes dos 250 anos de Cuiabá*"
- "*História da Polícia de Mato Grosso*"
- "*Flor de Pequi*" - romance
- "*Várzea Grande: passado e presente*"
- Colaborou em vários periódicos matogrossenses com artigos.

A Publicar

- "*Senzalas Matogrossenses*" - contos
- "*Meus Varzeanos*" - romance
- "*Um compêndio de História Atual das Administrações de Mato Grosso*" - História de Mato Grosso.

JUBILEU DE DIAMANTE



| | |
|--|--|
| Patrono: Caetano Manuel de Faria Albuquerque | Ocupantes: Severino Ramos de Queiroz Ulysses Serra Demosthenes Martins Gilmar Ferreira Mendes (eleito, a ser empossado) |
|--|--|

Caetano Manuel de Faria e Albuquerque

Cuiabano, nascido a 11 de janeiro de 1857, Caetano Manuel de Faria e Albuquerque era filho do Tenente-Coronel Caetano Manuel de Faria e Albuquerque e de Francelina da Silva Pereira.

Demóstenes Martins, em brilhante trabalho sobre esta personalidade, assim se expressou:

“Iniciando seus estudos no Rio de Janeiro, matriculou-se nas Escolas Militar e Politécnica, recebendo, no curso de ambas, aprovações continuadas, graças à inteligência cintilante e à dedicação aos estudos.

Concluídos esses currículos, ingressou no Exército, exercendo várias funções, tendo realizado viagem de missão militar à Inglaterra de cujo espírito liberal era fervoroso apologista.

À terra natal retornou ele já no posto de Capitão e de Ajudante de Ordens do Comandante das Armas.

A sua cultura, que se mostrava na oratória vibrante que empolgava e na defesa das teses que publicava nos jornais de Cuiabá, criou-lhe, prestes, um destaque manifesto entre os seus conterrâneos. Esses predicados, que davam relevo à sua personalidade na sua terra, ensejaram o seu envolvimento em ruidoso episódio, verificado em 7 de setembro de 1889, narrado pelo escritor desembargador José de Mesquita da seguinte forma: ‘Na celebração cívica de 7 de setembro de 1889, comemorativa da nossa independência, realizada no Teatro São João, presidida pelo Coronel Ernesto Augusto da Cunha Matos, presidente da Província, o Capitão Caetano de Albuquerque, orador oficial da solenidade, proferiu um brilhante discurso de fundo tipicamente republicano, embora expresso na elegância da frase pomposa, na fidalguia das apóstrofes cintilantes e de sutileza irônica que acutilavam com a leveza de um florete em que o patético e o sublime davam-se as mãos para produzir no ânimo da assistência a deslumbradora impressão de uma pirotécnica de palavras, cujo brilho ofuscava as próprias luzes do salão’.

Não se conformou, porém, com esse proceder do empolgante tribuno, o presidente da Província, promotor da cívica tertúlia que, autoridade monárquica, aplicou-lhe sanção punitiva a ser cumprida em adequado estabelecimento militar na Capital do Império para onde o enviou.

O roncoirismo da viagem, exclusivamente fluvial, demorou de sorte que o punido Capitão ao aportar em Montevideo, em 15 de novembro, foi surpreendido com a alvissareira notícia da proclamação da República, naquela data.

Autêntico republicano, os seus méritos levaram-no, logo, a promoção, ao posto de Major.

Eleita a Constituinte republicana que estruturaria as normas do novo regime, Caetano de Albuquerque dela participou como representante de Mato Grosso.

Concluído esse mandato, voltou ele ao Exército, tendo exercido, entre outras funções de sua especialidade de engenheiro, as de Diretor de Obras Militares do Paraná, Pará e Mato Grosso.

Na legislatura de 1912, voltou à Câmara dos Deputados, eleito pela sua terra, logo escolhido para Presidente do Estado pelo sufrágio popular dos seus coestaduanos, sendo empossado no cargo em 15 de agosto de 1915.

Antes de completar um ano de governo a que impunha sua marcante personalidade de independência, que não se casava à submissão das imposições da grei partidária a que pertencia, e de sua ressaltante probidade, não violentando direitos, fossem dos seus próprios

adversários, como se exigia, dentro do tacanho partidarismo dominante, entrou em divergência com a direção do seu partido político. Da divergência ao rompimento armado que teve como cabecilhas Henrique Paes de Barros, no Norte e no Sul do Estado, o Major Antônio Gomes Ferreira da Silva, comandante do Regimento de Cavalaria do Estado, forte agrupamento militar sediado em Bela Vista, na fronteira com o Paraguai. Confrontadas as forças mobilizadas, forma os insurgentes batidos em Piavoré, no Norte, e Água Amarela, no Sul, graças, sobretudo ao apoio dado pelo partido Republicano Mato-grossense, chefiado pelo ex-presidente do Estado, Coronel Pedro Celestino Corrêa da Costa, opositor ao Partido Republicano Conservador, a que pertencera o General Caetano de Albuquerque.

Enquanto os encontros das armas adversas derramavam sangue, no pretório máximo da Justiça - o Supremo Tribunal Federal - pelejavam as armas jurídicas, no patrocínio de sucessivos habeas-corpus, ora impetrados pelo Presidente Caetano de Albuquerque, contra o impeachment que a Assembléia Legislativa Estadual decretara para afastá-lo do governo, ora pelo 2º Vice-Presidente (o 1º havia falecido), Manoel Escolástico Virgínio para investir-se no cargo, em conseqüência daquela decisão. Singularmente, a decisão vinha no arresto, em favor do réu, em virtude da atitude intransigente dos julgadores que, divididos ao meio na apreciação do recurso, obrigavam o Presidente a desempatar a decisão em favor do réu, como expressamente dispunha norma legal.

Em face dessas obstinadas decisões judiciais, o Presidente da República, Wenceslaw Braz, buscou uma solução extra legal que, aceita pelos contendores, resultou na renúncia do Presidente Caetano, do Vice-Presidente Manoel Escolástico e dos deputados estaduais, procedendo-se novas eleições em que seria sufragado unanimemente, como Presidente, o Bispo D. Aquino Corrêa, eminente figura da Igreja e da cultura nacional a quem se acresceria mais um galardão de mérito - o de Pacificador da conturbada vida pública de sua terra. E, assim, aconteceu: D. Aquino desobrigou-se imparmente da tarefa que lhe atribuiu o povo mato-grossense.

Com esse desfecho, Caetano de Albuquerque retirou-se da vida partidária do Estado e, não tendo sido eleito no pleito de 1921, à Câmara dos Deputados, a que concorreu avulsamente, ou seja, desligado de qualquer organismo partidário, refugiou-se no seu desencanto político, fixando residência no Rio de Janeiro, onde faleceu em 10 de fevereiro de 1925.

Legou-nos, como verba testamentária, a sua varonil personalidade de repontantes predicados de estadista, militar, parlamentar e de homem de inteligência e cultura, consagrado pela Academia Mato-grossense de Letras na adjudicação que lhe fez de paraninfo de uma das suas cadeiras, a de número vinte e oito.”(Educação em Mato Grosso, nº 30, 1985)

Deixou-nos as seguintes obras:

- “Resumo Corográfico do Estado de Mato Grosso”
- “Dicionário Técnico militar de Terra”
- “Se eu relatasse Tarifas”
- “Mensagem”

Segundo José de Mesquita, a segunda constitui-se em obra “sem igual no gênero que denota a erudição, admirável capacidade de trabalho e a cultura polimorfa do pranteado autor”. (A Academia e a Cultura, p. 47)

Severino Ramos de Queiroz

Veio ele para Mato Grosso integrando a comitiva do interventor Gal. Carlos de Campos, ingressando, em seguida, nas fileiras da Polícia Militar.

Ulisses Serra ao discorrer sobre seu antecessor, assim se expressou:

“Em conseqüência direta ou indireta da carreira das armas milíciais, exerceu várias funções, apondo-lhe sempre o timbre de uma alta probidade. Na inativa, foi buscá-lo o Governador Arnaldo Estêvão de Figueiredo para confiar-lhe a Recebedoria de Rendas de Campo Grande, importante telônio da rede coletora do Estado.

Severino Ramos de Queiroz escreveu "Formulário Ortográfico: o que se deve saber" e "No Caminho do Saber" e colaborou freqüentemente em nossos jornais e revistas, ferindo sempre ou quase sempre a matéria da sua predileção e especialidade. Todavia, sua atuação ganhou relevo e tornou-o vulto de projeção estadual, precisamente no estudo quotidiano e apaixonado, eu diria quase obsessivo, do idioma pátrio, ensinando-o anos após anos, dando respostas a consultas sobre problemas vernaculares e pregando o dever cívico do seu cultivo. Foi no trato da flor do Lácio, que o filho de honrado vaqueiro da Paraíba e depois pequeno agricultor de terras cansadas de Pernambuco, se alteou e ganhou dimensões no Estado, e posteriormente penetrou neste cenáculo, com segurança e brilho. Estudava português não apenas por deleite espiritual, mas por dever.

(...)Severino Ramos de Queiroz, soldado e guardião da língua, estudou-a, de princípio, por prazer e por patriotismo; depois, para ensiná-la. Ministrou conhecimentos lingüísticos anos após anos e o seu nome nos prospectos dos educandários, outorgava-lhe foros de alta recomendação.

Impunha-se de tal forma pelo saber, dedicação ao magistério e probidade inquebrantável, que os seus discípulos o amavam até a veneração. Acatavam-no, amalgrado a inquietação dos moços e a imperante dissolução dos costumes da nossa época. Ao morrer, recebeu da juventude e da cidade a que dera o melhor do seu talento e das suas forças, as mais eloqüentes consagrações, ratificadas, logo mais tarde, ao lhe aporem o nome a uma das nossas ruas". (Ulisses Serra - Discurso de posse)

Dentre as produção literária e científica de Severiano de Queiroz, destacamos:

- Elogio a Caetano de Albuquerque - 1943
- Considerações sobre o estudo da língua - 1934/35/36
- Mistura inconveniente - 1928
- Necessidade de análise lógica - 1929
- Na semana de educação - 1937
- Conferência em homenagem a Couto de Magalhães - 1938
- Três sistemas ortográficos - 1939
- A ortografia oficial - 1044/45
- Perda irreparável - 1956
- Centenário de nascimento do general caetano Manuel de Faria e Albuquerque - 1957/58
- A sistematização ortográfica e os velhos - 1941/42

Ulysses Serra

José do Couto Vieira Pontes, em sua obra "Os vinte anos da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras", comemorativa ao aniversário da Instituição, reverencia a figura de Ulisses Serra, como um dos mentores e maior entusiasta da fundação da Academia. No capítulo intitulado "Um pouco de Ulisses Serra" (p.67), traça um elegante perfil da personalidade:

"O concretizador do sonho da Academia (Sul-Mato-Grossense de Letras) nasceu em Corumbá, no dia 1º de setembro de 1906, filho de Júlia Barbato de Almeida Serra e de Arnaldo Olavo de Almeida Serra (poeta de renome, autor do livro **Aromita**).

Pela linha paterna descendia do engenheiro-militar Ricardo Franco de Almeida Serra, português que se notabilizara na defesa do Forte de Coimbra, em 16 de setembro de 1801. Ante a intimação de rendição que lhe enviara D. Lázaro Ribera Y Espinoza, comandante da frota castelhana, respondeu com estas palavras ao ultimato:

"A desigualdade de força foi sempre um estímulo para os portugueses defenderem os seus postos de honra, repelindo os inimigos ou se sepultando debaixo dos fortes que lhes foram confiados. Assim, neste propósito, estamos todos nós defensores deste presídio".

Os invasores tentaram assaltar a fortaleza, mas foram bravamente repelidos, retornando a Assunção.

Formou-se Perito Contador, em São Paulo, cursou a Faculdade de Direito de Petrópolis até o terceiro ano.

Chegando a Campo Grande, após esses estudos, fundou o Sindicato dos Contadores. Mais tarde, foi deputado estadual classista, na Assembléia Legislativa de Mato Grosso.

Posteriormente, foi nomeado pelo Presidente Getúlio Vargas membro do Conselho Administrativo do Estado de Mato Grosso, cargo a que renunciou depois de um ano e meio de exercício, a fim de assumir as funções de Tabelião e Escrivão do 5º Ofício da Comarca de Campo Grande.

Com sede na Rua Dom Aquino, ...”o seu cartório passou a ser ponto obrigatório de advogados, e amigos que ali compareciam em busca de seus conselhos”, como escreveu o saudoso confrade Abel Freire de Aragão, no “**Esboço Biográfico de Ulysses Serra**”, publicado no “Correio do Estado”, edição de 26 de agosto de 1972.

Em 22 de maio de 1933, casou-se com a jovem Constança Correia (de Almeida Serra), de tradicional família de Cuiabá, filha do jornalista e professor Ovídio de Paula Correia. Do consórcio, nasceu Marly, de quem diz, no intróito de seu livro “**Camalotes e Guavirais**”: “...filha amorável, meu enlevo na sua meninice e meu afeto de sempre...”

Pertenceu à Associação Comercial de Campo Grande (sócio honorário, em 1939), ao Rotary Clube de Campo Grande (ingressou em 5.10.41), à Academia Mato-Grossense de Letras (posse em 8.04.63) e à Ordem dos Velhos Jornalistas, do Rio de Janeiro.

Foi presidente do Diretório Municipal do PSD (Partido Social Democrático), sendo, mais tarde, eleito Vereador à Câmara Municipal de Campo Grande.

A despeito de sua imensa cultura e de ser um orador eloqüente, não tinha pendor para a política, evitando-a sempre, não obstante os inúmeros convites e a insistência de amigos e correligionários para que aceitasse candidaturas.

A esse respeito, afirma seu irmão, o cronista Heliophar Serra, no livro “**A Fascinante Natureza Humana**”, pág. 34: “Apesar de tê-la exercido, a política jamais o seduziu. O seu espírito fino, leal, sincero, não se coadunava com os meandros, com as reticências, com a flexibilidade que, às vezes, a própria política exige”.

Evidentemente, se, na realidade, a política “é a arte de trair”, segundo o pensamento de Talleyrand, ela jamais poderia seduzir o espírito de Ulysses.

Traçando o perfil de Ulysses Serra, ainda comenta Heliophar, no livro acima citado: “De boa estatura, possuía uma fisionomia espantosamente simpática, risonha, olhos escuros como duas bolitas negras, de onde refulgia um brilho intenso e, no sorriso bondoso, um laivo de ironia, quando, às vezes, se defrontava com pessoas prosaicas, vaidosas e vazias”.

Em 13 de outubro de 1971, no saguão do Hotel Campo Grande, em memorável noite de autógrafos, Ulysses lança seu primeiro livro de crônicas: “**Camalotes e Guavirais**”, hoje já em segunda edição, patrocinada pela Série Historiográfica do Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, em junho de 1989, conservando a mesma capa, ilustrações e diagramação da primeira edição.

Nessa coletânea de crônicas, há peças como “**Ciladas da Vida**”, com sabor de Maupassant e O. Henry, e crônicas como “**Maria Bolacha e Josetti**”, da mesma estatura dos trabalhos de um Paulo Mendes Campos, de uma Raquel de Queirós ou de um Fernando Sabino.

“**Ciladas da Vida**” é um quase-conto, perdido numa coletânea de crônicas. Ao severo estruturalista que lhe quisesse apenas conferir a qualificação de crônica, responderia que a erudita narrativa se escola num crescendo que prende o leitor até atingir o apogeu, o ambiente físico está bem definido e, tecido em opiniões de terceiros e na metafísica da Poesia, o desfecho do racoconto é feliz (não o feliz do “Happy-end”, mas o feliz do estrutural). (“**História da Literatura Sul-Mato-Grossense**” de José Couto Pontes, pág. 107, Editora do Escritor, 1981, São Paulo, SP).

Nos primórdios da Academia, Ulysses, que constantemente viajava ao Rio de Janeiro e, no primeiro semestre de 1972, o fazia em tratamento de saúde, jamais se esquecia de seus confrades, escrevendo-lhe freqüentemente. Hoje, essas missivas são raras e poucas há, conservadas pelos companheiros de sodalício com muito carinho e saudade.

(...)Ulysses Serra era dotado de um espírito jocoso, exibia um ar de aguda observação, senso crítico, tudo repassado por uma camada de fina ironia”.

Demosthenes Martins

Nasceu em Goiana, Estado de Pernambuco, em 26 de outubro de 1894.

Bacharel em Direito, dedicou-se à vida pública, tendo sido Prefeito nas cidades de Nioac - 1922, Bela Vista - 1923 e Campo Grande - 1942-1945.

Em 1943, quando era Prefeito na cidade de Campo Grande, recebeu, em nome da municipalidade, o Presidente da República da época Getúlio D. Vargas.

Além desses cargos político-administrativos, exerceu ainda ele as funções de Secretário do Interior, Justiça e Finanças de Mato Grosso durante o período de 1951 a 1952; Secretário da Agricultura, Viação e Obras Públicas, no período 1952-1956; Secretário de Justiça, Interior e Finanças, de 1962 a 1966; dirigiu a CELUSA, entre 1961 a 1965.

Desde 1919 exerce a advocacia.

Escreveu:

- *Marechal Rondon* - 1962
- *Campo Grande: aspectos jurídicos e políticos do município* - 1972
- *História de Mato Grosso* - 1975
- *Um monarca* - 1978
- *A poeira da jornada: memórias* - 1980
- *Relembrando um Príncipe: D. Aquino* - 1985
- *In memoriam: Fernando Corrêa da Costa* - 1989
- *In memoriam: Fernando Corrêa da Costa* - 1989

Membro efetivo das Academia Matogrossense de Letras e da Sul-Matogrossense de Letras.

Faleceu no presente ano de 1996.

JUBILEU DE DIAMANTE



| | |
|--|--|
| Patrono: Antônio Corrêa da Costa | Ocupantes: Virgílio Alves Corrêa Filho Virgílio Alves Corrêa Neto Elizabeth Madureira Siqueira |
|--|--|

Elizabeth Madureira Siqueira

Antônio Corrêa da Costa

Antônio Corrêa da Costa descende de uma família de políticos mato-grossenses em cuja linhagem podemos destacar três homônimos: o primeiro deles, integrou as duas Juntas Governativas de Cuiabá, em 1821, momento em que esta cidade disputava a primazia de ser a sede governativa com a antiga capital de Mato Grosso, Vila Bela da Santíssima Trindade; o segundo, governou por cinco vezes a então Província de Mato Grosso, tendo desempenhado um importante papel como articulador político no momento da eclosão da Rusga, movimento armado deflagrado em Cuiabá, em 1934.

O Patrono de nossa Cadeira foi neto deste último e cuiabano como ele. Depois de ter estudado em sua terra natal e feito o curso preparatório junto ao Seminário da Conceição, formou-se engenheiro pela Escola Central de Engenharia, hoje Politécnica do Rio de Janeiro. De volta a Cuiabá, foi professor de Matemática junto ao Liceu Cuiabano, onde lecionava, igualmente, seu pai, nas cadeiras de História e Geografia. Após essa experiência, dirigiu nosso Patrono o Externato Matogrossense, estabelecimento de ensino que fundara ele em sociedade com Manuel Esperidião da Costa Marques e João Carlos Muniz.

Governou o Estado de Mato Grosso num período bastante conturbado politicamente, qual seja, aquele que sucedeu aos primeiros anos de vigência do regime republicano, momento de ferrenhas disputas, entre grupos oligárquicos, pelo comando político estadual. Antônio Corrêa da Costa foi o 2º Presidente constitucional de Mato Grosso, tomando posse a 15 de agosto de 1895. Seu governo foi marcado por importantes intervenções:

- Regulamentou a extração da erva-mate,
- Implementou uma importante reforma na Instrução Pública,
- Remodelou a Tipografia Oficial - hoje IOMAT e
- Estabeleceu normas precisas para julgamento dos processos de legitimação de posse de terras no Estado, dentre outras obras.

Sua saída do governo, em janeiro de 1898, deveu-se a um fato aparentemente pouco relevante, mas capaz de provocar sua renúncia: foi o famoso "Caso do Bonde". O transporte urbano de Cuiabá era feito por bondes, pequenos vagões que corriam sobre trilhos e eram puxados por animais, percorrendo o trajeto que ligava o 2º Distrito (do Porto) até o antigo Largo da Mandioca, antiga Praça "Conde de Azambuja", no 1º Distrito de Cuiabá. Devido ao mau estado de conservação do mesmo, o chefe de polícia determinara seu recolhimento à garagem. Nesse dia, Generoso Ponce, que havia ido ao Porto, dali regressava e, na altura da atual rua Treze de Junho, cruzamento com a Av. D. Bosco, resolveu o Chefe de Polícia ordenar ao condutor que recolhesse o veículo. Imediatamente, de dentro dele, uma voz retrucou: " *siga o bonde* ". Era a voz de Generoso Ponce. O maquinista, frente ao comando emanado de tão dignatária autoridade, pois Ponce ocupava uma cadeira no Senado da República, seguiu o bonde. No entretanto, o Chefe de Polícia, vendo sua ordem contrariada, pediu demissão do cargo, colocando Antônio Corrêa da Costa numa situação de impasse frente à sobreposição de poderes: decidiu também pela renúncia, mesmo sendo aliado político de Generoso Paes Leme da Silva Ponce.

Após ter deixado o governo, em 1898, a facção política a que se ligara, liderada por Ponce, entrou em confronto aberto com o grupo oligárquico comandado por Antônio Pais de Barros que, ascendendo ao governo do Estado, viu retirar do cenário político boa parcela de seus

opositores. Lideravam os dissidentes, Generoso Ponce, Antônio Cesário de Figueiredo, os Medeiros de Corumbá e Antônio Corrêa da Costa os quais, mediante o contexto político estabelecido, resolveram auto-exilar-se no Paraguai. De lá, não deixaram de fazer tenaz oposição ao governo "Totó Pais", através do jornal "A Reação". Esse periódico, criado em 1902, circulou por um ano e em seu frontispício lia-se "*Publicado no Paraguai por falta de garantias políticas no Estado de Mato Grosso*".

Além das lides político-administrativas, Corrêa da Costa deixou vários textos literários, dentre eles destacamos a obra "*Os predecessores dos Pires de Campos e Anhanguera*", publicada em 1918 e integrante do conjunto das obras editadas em homenagem ao bicentenário de fundação de Cuiabá (1919), marcado pela fundação do Instituto Histórico de Mato Grosso. Nesse livro, Antônio Corrêa da Costa traça um perfil histórico do processo de colonização da América Espanhola, afunilando sua análise na questão dos motivos que determinaram a paralisação do avanço espanhol para o Leste, fator que garantiu a permanência de portugueses além da linha demarcatória de Tordesilhas. Segundo as próprias palavras de Corrêa da Costa, ao se referir à atuação de Nuflo Chaves, considerou que se não fosse o desvio da rota via Peru, seguido do seu assassinato, "*por certo teria ele descoberto as minas de ouro de Cuiabá e este fato determinaria o êxodo dos espanhóis de Assunção e Santa Cruz para Mato Grosso*".

Virgílio Alves Corrêa Filho

O primeiro ocupante da cadeira nº 29, patrocinada por Corrêa da Costa, foi Virgílio Alves Corrêa Filho, historiador eminente que marcou, indelevelmente, a historiografia mato-grossense não só pelo seu rigor acadêmico, mas, sobretudo, pela intensa produção - mais de 200 títulos entre livros e periódicos de circulação regional e nacional.

Profundo conhecedor e investigador incansável da realidade mato-grossense, Virgílio Corrêa Filho discorreu sobre os mais variados aspectos da realidade: educação, economia, política, geografia, história, cultura, demografia, géo-política, enfim, o conjunto da produção de Virgílio tem servido de base para as pesquisas regionais e, sua leitura, torna-se pré-requisito para a elaboração de qualquer trabalho referente a Mato Grosso.

Virgílio Corrêa Filho, como ficou mais conhecido, nasceu em Cuiabá a 09 de janeiro de 1887. Formou-se em Engenharia pela Faculdade do Rio de Janeiro, tendo, espontânea e autodidaticamente, adquirido uma forte bagagem no campo das ciências sociais, ramo de conhecimento no qual muito colaborou. Numa breve volta a Cuiabá, em 1910, participou dos trabalhos de engenharia, na construção da estrada de rodagem Cuiabá-Chapada dos Guimarães. No ano seguinte, retornou ao Rio de Janeiro onde engajou-se nos trabalhos de construção ferroviária, o que lhe tomou três anos inteiros. Retornou a Cuiabá em 1915, e aqui permaneceu até 1926, período que ele próprio denominou, em suas memórias, de "*temporada fecunda*". Ao analisar essa fase da trajetória intelectual de seu pai, Samuel Augusto Alves Corrêa destaca que, após ter sido nomeado Professor do Liceu Cuiabano e, logo depois, da Escola Normal, Virgílio Corrêa Filho "*consolidou suas credenciais de cultura e caráter que muito contribuíram para que fosse incumbido por D. Francisco de Aquino Corrêa para elaborar a monografia intitulada 'Mato Grosso', obra comemorativa do centenário da Independência do Brasil*". Esse trabalho representou o marco na arrancada intelectual de Virgílio Corrêa Filho que, a partir de 1922, jamais deixou de escrever, ocasião em que vem a lume "*Raias de Mato Grosso*" (4 volumes), "*Notas à margem*", as preciosas "*Monografias Cuiabanas*", em 6 volumes: "*Questões de Ensino*", "*Evolução do Erário*", "*A cata do ouro e diamante*", "*À propósito do boi pantaneiro*", "*Indústrias matogrossenses*" e "*À sombra dos ervais matogrossenses*", culminando, em 1969, com a substancial "*História de Mato Grosso*".

Toda essa intensa atividade intelectual foi produzida ao lado de seus competentes trabalhos como engenheiro e administrador, reconhecidos publicamente pela sua inequívoca

competência, notadamente, quando ocupou os cargos de Secretário de Finanças e, depois, como Secretário Geral de Estado.

A partir de 1926, fixou-se, definitivamente, no Rio de Janeiro onde não só continuou a escrever sobre a realidade regional projetando Mato Grosso no universo intelectual da então Capital Federal, através de seu engajamento junto ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, instituição que secretariou. Virgílio Corrêa Filho representou o seu Estado natal em diversas ocasiões, em nome do Governo. Duas delas redundaram em ganhos geopolíticos para Mato Grosso: no caso da “Questão Antonina”, quando o governo mato-grossense reouve grande parte das terras que constituem hoje o Estado de Mato Grosso do Sul, reivindicadas pelos herdeiros do Barão de Antonina e, num segundo momento, no litígio fronteiro com Goiás. Em ambos os casos, as “*Raias de Mato Grosso*”, com seus dados e registros precisos, calçaram juridicamente a ação em favor de Mato Grosso.

Dessa forma, Virgílio Corrêa Filho representou um marco na historiografia mato-grossense, cujos trabalhos primaram pela seriedade e profundidade das pesquisas, assim como pela multiplicidade de aspectos abordados.

Virgílio Alves Corrêa Neto

O segundo ocupante da Cadeira nº 29 foi o Dr. Virgílio Alves Corrêa Neto, sobrinho do historiador. Nasceu em Cuiabá em 21 de janeiro de 1908. Formou-se Médico pela Faculdade do Rio de Janeiro e, em seu retorno a Mato Grosso, lecionou em Campo Grande e, mais tarde, em Cuiabá onde foi Professor de Física e Química junto ao Liceu Cuiabano, estabelecimento de ensino que, mais tarde, veio a dirigir.

Na área médica, Dr. Virgílio desenvolveu importantes teses e trabalhos de pesquisa, dos quais podemos destacar a Tese de Doutorado, “*Mola Hidatiforme*”, e as publicações “*Imortalidade por Tuberculose em Cuiabá, Corumbá e Campo Grande*”, elaborado em parceria com Dr. Hélio Ponce de Arruda; “*Inquérito Epidemiológico sobre a Malária*”, “*O Conselho Regional de Medicina e o seu Relacionamento com o Hospital*”, e ainda, um interessante trabalho sobre Hérnias Diafragmáticas e Dentição precoce. Dr. Virgílio esteve por muitos anos à frente do Conselho Regional de Medicina, tendo sido Conselheiro não somente deste como do Nacional.

Engajou-se na política pelos idos de 1940, tendo sido eleito Deputado Estadual. No período que se seguiu ao final do Estado Novo, conhecido como o da “Redemocratização” do país, aos Estados atribuiu-se a incumbência da redação de suas Constituições. Dessa forma, em dezembro de 1947, procedeu-se, em Mato Grosso, a eleição à Assembléia Legislativa Estadual, momento em que a ela concorreram a UDN, o PSD, o PTB, o PR e o PCB.

Dr. Virgílio Alves Corrêa Neto foi eleito Presidente dessa Assembléia. Sabedor da necessidade de dispor de muita habilidade política na condução dos trabalhos, em seu discurso de posse incitou os constituintes para uma união necessária no momento da elaboração da Carta Magna de Mato Grosso. Rubens de Mendonça, em sua importante obra “*História do Poder Legislativo de Mato Grosso*”, transcreveu um trecho do discurso pronunciado pelo Dr. Virgílio no momento de sua posse:

“É mister que nós, elementos integrantes do Poder Legislativo, conjuguemos nossos esforços numa consciente sinergia, deixando à margem ressentimentos pessoais e preocupações de oposicionismo e colaboremos com o Poder Executivo, de maneira franca e decisiva, patriótica e leal, nessa obra de soerguimento econômico-financeiro do Estado”.

Ao dirigir-se aos colegas constituintes, não deixou de atrelar a poética à política. Disse ele:

“Em tempos que já vão longe, como o poeta Augusto dos Anjos, penetrei em meu coração: E erguendo os gládios e quebrando as hastas. No desespero dos iconoclasta, quebrei a imagem de meus próprios sonhos. Da fase rósea da adolescência à idade em que as cãs

começam a branquear, teimosa e lividamente as têmporas, sem aspirações políticas, minha vida tem sido um incessante caminhar pela estrada pedregosa da Medicina. Permitiste-me agora, com a imerecida escolha do meu nome, que reconstituísse um sonho de meninice, ascendendo, como meu avô e meu pai, à Presidência desta Augusta Assembléia”.

Foi inspirado nessa experiência política, que o Dr. Virgílio Alves Corrêa Neto fez publicar, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, do qual era sócio efetivo, o artigo intitulado “*O Estado de Mato Grosso no período de Dutra*”.

Em 1951, elegeu-se Deputado Federal por Mato Grosso, cargo a que foi levado pela brilhante, paciente e criteriosa atuaçoão na política regional, tendo ainda deixado sua contribuiçoão junto ao Rotary Club, organismo que presidiu regionalmente.

Elizabeth Madureira Siqueira

Dados Pessoais

| | |
|-----------------|--|
| Data Nascimento | 16 de agosto de 1947 |
| Naturalidade | Franca / SP |
| Filiação | João Madureira - Norma Mussi Madureira |

Formação Escolar

Curso Universitário - Licenciatura em História (1966-1969)

Instituição: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Franca - UNESP

Título: Licenciatura plena em História

Período: 1966-1969

Pós-Graduação - Aperfeiçoamento

I - Curso: “**História do século XX: problemas sócio políticos econômicos que antecederam e se seguiram a primeira guerra mundial**”

Instituição: Faculdade de Mogi das Cruzes (SP)

Carga Horária: 180 hs aula e obteve o reconhecimento da CESESP através do processo nº 142/75

II - Curso: “**Preservação e Divulgação do Patrimônio Documental na região de Mato Grosso**”

Instituição: UFMT - NDIHR/UFMT,

Período: 1986,

Carga Horária: 315 horas-aula

ESPECIALIZAÇÃO

Curso: “**Especialização em Informação e Documentação Histórica**”.

Carga horária: 360 hs

Instituição: UFMT

MESTRADO

Dissertação: **A Rusga em Mato Grosso: edição crítica de documentos históricos**

Instituição: Universidade de São Paulo - USP

Data da defesa: 28/04/1992

Nota: 10 com distinção

DOCTORANDA

Instituição: UFMT - Instituto de Educação

Área: **Educação Pública - História da Educação**

Início: 1995/1

Orientador: Dr. Nicanor Palhares Sá

Tema da Tese: “**Modernidade e Educação Pública em MT (1870-1910)**”

Atividades de Ensino

I) ENSINO PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO - 1971-1976

Instituição: **Ginásio Estadual de Vila Califórnia "Brisabela de Almeida Nobre"**.

Período: 1971-1975

Níveis de ensino: 1º e 2º graus

II) ENSINO SUPERIOR - GRADUAÇÃO

Instituição: UFMT

Período: 1976-1992

Disciplinas lecionadas: Histórica Econômica geral, Formação Econômica do Brasil, História da Educação, História Antiga, História do Brasil I, História do Brasil II, Historiografias I e II, Orientação de Tese Final de Curso.

III) ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO

I) - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO "MATO GROSSO: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA"

Departamento de História - 1983

Disciplina: "**História de Mato Grosso colonial**".

Instituição: UFMT

II) CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO - "MATO GROSSO: CIDADE E TRABALHO" - 1992

Disciplina: "**Metodologia da Pesquisa em História**".

Instituição: UFMT

III) CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO - "A MULTIPLICIDADE LINGÜÍSTICA EM MATO GROSSO" - 1992

Disciplina: "**Mato Grosso: diferentes visões no/do processo histórico**".

Instituição: UFMT

IV) CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO - "história da educação em mato GROSSO" - 1993

Disciplina: "**Metodologia da pesquisa em História da Educação**"

Instituição: UFMT

Atividades de Pesquisa

TRABALHOS DESENVOLVIDOS JUNTO AO NDIHR/UFMT

I) Membro fundador do NDIHR/UFMT - 1976

II) Projeto de recuperação do acervo documental e bibliográfico do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT) - 1977-1978

III) Projeto de arranjo da documentação do Arquivo da Delegacia do Ministério da Fazenda de Mato Grosso (séc. XVIII ao XX) - 1979-1981

III) Projeto Guia do NDIHR - 1985-1986

Em 1985, em comemoração aos 10 anos de fundação do NDIHR.

IV) Guia geral de fontes da cidade de Cuiabá - 1986-1987

V) Projetos Agendas Cuiabanas 1988 e 1989

Trabalhos de pesquisa desenvolvidos junto ao departamento de história - UFMT

I) Projeto: As minas de Cuiabá: primeiros tempos - 1982

II) Elaboração de material instrucional de História de Mato Grosso para o ensino de 2º grau

TRABALHOS DESENVOLVIDOS JUNTO OUTROS GRUPOS DE PESQUISA

I - Instituição GERA/ICHS

Projeto: "Estudos Tecnológicos empregados no manejo dos recursos naturais para a formação de Roças Indígenas",

Título do trabalho: "**Os Haliti (Paresi): uma tentativa de recuperação histórica**"

Período: 1992

II - Instituição: UFMT - Dep. de Biologia

Título do Trabalho: "Estratégia de sobrevivência das comunidades

Período: 1993

Instituição: UFMT - Biblioteca Central - Vice-Reitoria

Título do Trabalho: Indexação e Informatização dos Acervos Especiais

Período: 1994-96

Instituição: UFMT - Instituto de Educação - IE

Título do Projeto - Educação em Mato Grosso: memória e história

Apoio: CNPq/UFMT

Período: 1996/1998

TRABALHO DE PESQUISA DESENVOLVIDO JUNTO À INICIATIVA PRIVADA

Trabalho: **Agenda Telefônica Pantanal,**

Firma Comercial: "**Pantanal, Comércio e Representação Ltda**",

Período: 1992

Atividades Administrativas

I) Orientação Pedagógica do Curso de História - 1981

Instituição: UFMT

II) Sub-chefia do departamento de história / UFMT - 1981-1983

Instituição: UFMT

III) Membro do Colegiado do Curso de História/UFMT - 1981-1983

Instituição: UFMT

IV) Membro da Comissão para teste de seleção de competência para admissão de professor auxiliar de ensino - área de História - 1982

Instituição: UFMT

V) Membro do Grupo-Tarefa na organização dos festejos do bicentenário de Rolim de Moura - 1982

Instituição: UFMT

VI) Coordenação de Área do 1º Ciclo de Estudos - Humanidades - 1982-1983

Instituição: UFMT

VII) Chefia do Departamento de História - CLCH - 1983-1985

Instituição: UFMT

VIII) Chefia da Divisão de Informação e Produção Científica/NDIHR - 1985-1986

Instituição: UFMT

IX) Supervisão do NDIHR/UFMT - 1987-1988

Instituição: UFMT

X) Executora do convênio firmado entre a UFMT e o APMT - 1987-1988

Instituição: UFMT

XI) Membro da Comissão de Descarte de Documentos junto ao APMT -1987-1994

Instituição: UFMT

XII) Membro do Colegiado de Pesquisa e Capacitação do Departamento de História/UFMT - 1988

Instituição: UFMT

XIII) Membro da Comissão Avaliadora da Biblioteca "Rubens de Mendonça" -1988

Instituição: UFMT

XIV) Membro da Comissão Especial de Avaliação para progressão profissional junto ao Departamento de Antropologia - 1992

Instituição: UFMT

XV) MEMBRO da comissão responsável pela elaboração do projeto "Memória Histórica da UFMT" - 1993

Instituição: UFMT

XVI) Responsável pelo arranjo, catalogação e informatização do acervo bibliográfico "Amidicis Diogo Tocantins" - 1994-1996

Instituição: UFMT

XVII) Curadora do Arquivo e Museu da Casa Barão de Melgaço - 1994 - 1995

Instituição: IHGMT - AML

XVIII) Vice-Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso - eleição 1996

Instituição: IHGMT

Filiação a Agremiações

I) SÓCIA EFETIVA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO - 1983

II) MEMBRO DA ANPUH/MT - 1988

III) MEMBRO EFETIVO DA ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS - 1995

Produção

AS MINAS DE CUIABÁ: PRIMEIROS TEMPOS - 1982

- *Revista Universidade*, H (1) - Cuiabá, 1982.

MÃO-DE-OBRA AO PÉ DA OBRA: A PRESENÇA DO ÍNDIO NO PROCESSO PRODUTIVO DO BRASIL COLÔNIA - 1983/1984

- *Revista Universidade*, IV(2) - Cuiabá, 1983

- *Revista Leopoldianum*, 9(31) - Santos, 1994.

A PRODUÇÃO AÇUCAREIRA EM MATO GROSSO - 1988

- *Diário Oficial do Estado de Mato Grosso - Suplemento Mensal* - 1(4). Cuiabá, 1988.

O SEGMENTO INDÍGENA: UMA TENTATIVA DE RECUPERAÇÃO HISTÓRICA -
1984/1985

- *Boletim Terra Indígena*, 3(27) - Araraquara (SP), 1984.
- *Revista Leopoldianum*, 12(33) - Santos (SP), 1985.

SANGUE INDÍGENA: seiva da terra - 1986

- *Diário Oficial do Estado de Mato Grosso - Suplemento Mensal* - Cuiabá, 1(1), 1986.

A DOCUMENTAÇÃO E A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA NACIONAL - 1986

- *Diário Oficial do Estado de Mato Grosso - Suplemento Mensal*, 1(2). Cuiabá, 1986.

OS QUILOMBOS EM MATO GROSSO - 1988

- *Revista do IHGMT*, 60(129/130) Cuiabá, 1988.

MORBECK X CARVALHINHO

- *Diário Oficial do Estado de Mato Grosso O Suplemento Mensal*, 1(10) - Cuiabá, 1988.

O PROCESSO HISTÓRICO DE MATO GROSSO - 1991

- Parceria: Lourença A. da Costa e Kátia M.C.Carvalho
- Cuiabá, 3ª ed. Guaicurus, 1991.

OS ÍNDIOS PARESI NA HISTÓRIA DE MATO GROSSO - 1993

- *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, 137/138(64). Cuiabá, 1993

A EXPLORAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS EM MT: ALGUNS PARÂMETROS PARA O
ESTUDO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

- Resumo apresentado no "Seminário Educação 94 - Paradigmas em Movimento"
- Cuiabá, UFMT, 1994

INSTITUTO MEMÓRIA DO PODER LEGISLATIVO DE MT: DOCUMENTAÇÃO

- Resumo apresentado no "Seminário Educação 95 - Globalização e Políticas Públicas"
- Cuiabá, UFMT, 1995

A EXPLORAÇÃO DE RECURSOS NATURAIS EM MATO GROSSO: alguns parâmetros para o estudo
da História da Educação

- *Revista "Educação Pública"*, v.4, nº5, jan/jun. Cuiabá, 1995

COORDENAÇÃO DA REVISTA DO IHGMT - Comemorativa aos 75 anos da entidade

- Cuiabá, IHGMT, 1994

RESUMO INFORMATIVO DAS ATAS DO IHGMT: 1919-1970

- *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, 141-142(173-200)
- Cuiabá, UFMT, 1994

ALGUNS PARÂMETROS PARA SE PENSAR A EDUCAÇÃO EM MATO GROSSO

- *Diário Oficial de Mato Grosso - Suplemento Mensal* - 31(10)
- Cuiabá, IOMAT, 1995

A IRMANDADE DO SENHOR BOM JESUS DE CUIABÁ: DEVOÇÃO, RESISTÊNCIA E PODER

- *Diário Oficial de Mato Grosso - Suplemento Mensal* - 45(6)
- Cuiabá, IOMAT, 1995

CHAPADA DOS GUIMARÃES

- *Diário Oficial de Mato Grosso - Suplemento Mensal* - 49(3)
- Cuiabá, IOMAT, 1995

RUBENS DE MENDONÇA E SUA MAGNÍFICA BIBLIOTECA

- Cuiabá / 1995, s.ed., s.d.

A IRMANDADE DO SENHOR BOM JESUS PADROEIRO DE CUIABÁ
Diário Oficial de Mato Grosso - Suplemento Mensal - 45(4) - 1995

ALGUNS PARÂMETROS PARA SE PENSAR A EDUCAÇÃO EM MATO GROSSO
Diário Oficial de Mato Grosso - Suplemento Mensal - 47(4) - 1995

CATÁLOGO TEMÁTICO COLEÇÃO "AMIDICIS DIOGO TOCANTINS" (org.) Cuiabá, UFMT,
maio/1996

UMA BIBLIOTECA RARA À DISPOSIÇÃO DOS PESQUISADORES
Diário Oficial de Mato Grosso - Suplemento Mensal - 50(4) - 1996

NO PRELO

MATO GROSSO - COLETÂNEA DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS - OS PRIMÓRDIOS DA
MINERAÇÃO EM CUIABÁ (1719-1747) - 4 VOL.
- Cuiabá, 1993

OS HALITI (PARESI): uma tentativa de recuperação histórica
- Cuiabá, 1993

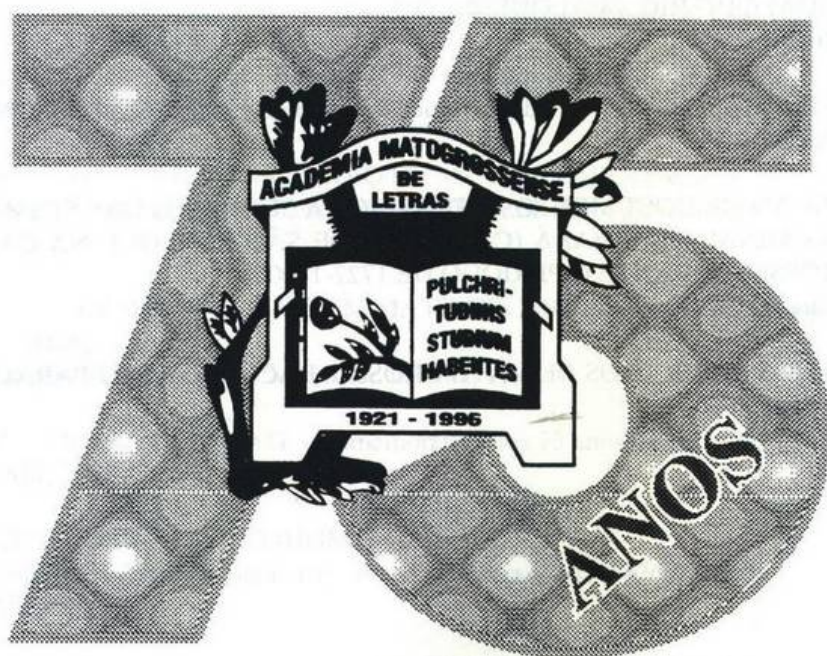
ESTUDO HISTÓRICO DAS BACIAS HIDROGRÁFICAS: DO RIO CUIABÁ, DO RIO
PARAGUAI E DO RIO SÃO LOURENÇO
- Cuiabá, 1994

A RUSGA EM MATO GROSSO: edição crítica de documentos históricos
- Cuiabá, 1992

TRANSCRIÇÃO DE DOCUMENTOS RELATIVOS À SITUAÇÃO DAS SESMARIAS EXISTENTES
NAS MINAS DE CUIABÁ (CAPITANIA DE SÃO PAULO) E NA CAPITANIA DE MATO
GROSSO, DURANTE O PERÍODO DE 1727-1800
- Cuiabá, 1994

HISTÓRIA DOS MUNICÍPIOS DE MATO GROSSO: BACIA DO ALTO-PARAGUAI
- Cuiabá, 1995

JUBILEU DE DIAMANTE



| | |
|---|---|
| Patrono: Manuel Esperidião da Costa Marques | Ocupantes: Otávio Cunha Cavalcanti Francisco Leal de Queiroz |
|---|---|

Francisco Leal de Queiroz

Manuel Esperidião da Costa Marques

Matogrossense de Poconé, Manuel Esperidião da Costa Marques nasceu no ano de 1859.

Formou-se engenheiro de Minas, pela Faculdade de Ouro Preto (MG) e exerceu vários cargos na política: Deputado Provincial e Deputado Geral. Faleceu na cidade de Mato Grosso (atual Vila Bela da Santíssima Trindade) a 18 de abril de 1906.

Comentando sua atuação política e de engenheiro, José de Mesquita assim se expressou:

“Político militante, a sua atuação ao lado de Generoso Ponce, Antônio Corrêa e outros, foi toda ela pontilhada pela altivez e pela energia de caráter, sempre disposto a engrandecer a terra que estremecera.

Explorador dos nossos sertões, chefiou Esperidião marques uma expedição científica, com o fim de observar e estudar as condições de navegabilidade do rio Jaurú, afluente do Paraguai. Verificou o ilustre engenheiro as condições de navegabilidade do rio Jaurú até o Registro, seguindo daí por terra à antiga cidade de Mato Grosso.”¹

Otávio Cunha, em elogio ao seu Patrono, assim se expressou:

“(...)e fostes tu, alma heróica e boa, e foste tu, Manuel Esperidião, o eleito do meu querer, o preferido pela minha vontade.

Alguma coisa eu havia lido de ti, da tua vida. Muitos louvores, de boca em boca, eram entoados ao filho de Poconé. E eu vejo a tua infância, e, lá, o teu berço nesse torrão de pedra,ilhado meio ano, nessa cidade que Antônio João florifica na consumação do heroísmo que enobrece um povo... e eu te vejo, na infância, como as garças brancas de tua terra hospitaleira, que voam em todas as direções de Norte a Sul, de Leste a Oeste percorrendo os mares doces e as campinas verdes. reluzentes do teu ninho natal, pousando nas codilheiras... e penso que a ansiedade de querer e de amar o bem crescia no teu espírito que é o que eu procuro: os estremecimentos de um sentir nobre, de um desejar constante, de uma aspiração elevada, de uma coragem espartana, de um civismo puro, de um perfeito amor à Pátria revelados mais tarde nos teus escritos, proclamados na tua ação! E aos quatorze anos de idade, em 1873, foste para o Rio estudar, recebendo o grau de Engenheiro em Minas pela Escola de Ouro Preto, em 1882. Indispensável, imprescindível condição de se arrancar do eu, esse bairrismo provinciano, aldeão, é esse jorro de luz que o espírito recebe num grande centro, ao convívio com filhos de todos os Estados que constituem a nossa cara Pátria.

Em Esperidião tudo é harmonia: Um pedaço da antiga Vila Bela é uma parte do Brasil que merece tanto carinho como a Capital da República porque é uma componente do tudo. Cada homem, dos nossos, é um elemento valioso que tem a responsabilidade da defesa da Pátria. Quando Esperidião chegou formado a Cuiabá, colaborou na fundação de um Externato, do qual foi professor, partilhando assim o seu saber com os seus jovens coestaduanos. Indo residir em Cáceres, onde a política o atraiu, foi eleito deputado geral no Ministério João Alfredo e na Câmara trabalhou na confecção da Lei de Treze de Maio, da Lei Áurea, na abolição da escravatura: a realização do sonho do sublime poeta das Espumas Flutuantes... a glorificação de Nabuco! E na sua vida política, onde por várias vezes foi eleito deputado provincial, novos horizontes se descortinavam a fim de premiar o seu valor se a sua vida se prolongasse mais... É

¹ MESQUITA, José B. de - A Academia e a cultura. p. 75.

que Esperidião, adiantado pela ilustração, avançado pelo critério sadio, grande pelo desprendimento de si mesmo, seria levado, a todas as posições, como o foi a algumas pela utilidade necessária de suas idéias, de seu valor moral, de sua fibramento heróica, de que todos precisam para o bem comum, e não pela vontade própria guiada por inconfessáveis interesses de mando, de predomínio, enfeitado de orgulho. A alma simples da gaivota poconeana vestia o manto branco da pureza ou a túnica alvinetente dos sonhadores... dos poetas: educa, observa, descreve, canta, se apieda, advinha, clama, suplica, pede e se atira à luta em prol da paz, e se arrija a morte em prol da vida... Educa os seus conterrâneos para que a Pátria tenha grandes homens.

(...)Esperidião, a tua viagem sobre o vale do Baixo Guaporé, desde a cidade de Mato Grosso ao forte do Príncipe da Beira, li-a, e parecia-me que eu ia contigo, ao teu lado, ouvindo-te, nesse frágil batelão, tripulado por intrépidos caboclos, aos quais a incerteza não intimidava, porque o chefe nunca se intimidava. Li-te na exploração do Alto Guaporé, na qual passaste 18 dias cada qual mais tenebroso, alguns havendo em que o céu irado despejava chuvas, ribombavam em cóleras os trovões e a treva não deixava os astros brilhar. Não pretendo seguir-te mais, e fico a contemplar-te o espírito.”²

Manuel Esperidião da Costa Marques deixou escrito:

- Projeto de Comunicação: exploração dos Rios Jaurú, Aguapeí, Guaporé, Alegre.

- Usina Ressaca.

- Região Ocidental de Mato Grosso e viagem e estudo sobre o vale do Baixo Guaporé, da cidade de Mato Grosso ao Forte do Príncipe da Beira.

Otávio Cunha Cavalcanti

Nasceu em Goiauna, ou Boiana, Estado de Pernambuco, a 18 de maio de 1882. Descendia de Feliciano da Cunha Cavalcanti e Rosa Amélia Cavalcanti de Arruda Câmara.

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade do Recife, em 1906, militou na imprensa, tendo sido redator do “Diário de Pernambuco”.

Nas lides jurídicas, foi Promotor de Justiça na comarca de Gurupá, Estado do Pará, Promotor de Justiça em Bragança e em 1912 chegou em Cuiabá, onde se casou. Em Mato Grosso exerceu o cargo de Procurador Fiscal da Fazenda Nacional, tendo ingressado na carreira da magistratura, ocasião em que foi Juiz de Direito nas comarcas de Poconé, Rosário Oeste e Cuiabá. Sua carreira culminou em 1930, quando foi promovido para o Tribunal.

Seu veio poético se manifestou cedo, tendo ele deixado inúmeras poesias, das quais podemos destacar as publicadas na Revista do Centro Matogrossense de Letras:

- Bem secreto / - Maldição / - Sonetos do poema *Ida* / - Mentira / - Túmulo esquecido / - Asas no céu cuiabano / - Terras do deslumbramento / - Fruto perdido / - Imagem branca / - Anima viva / - Solitude / Adeus-Recife / - Elo partido / - Coxipó / - Quadras do coração / - Aleluia dos pássaros / - A sombra / - Só / - Olhos mortos / - Pobre? / - Arrufo / - Quero mais / - Morada de bem / - A nossa casinha / - O homem / - O evangelho / - Esmola / - A vingança do amor / - Inveja / - Sonetos e noturnos, dentre outras.

Como jornalista, colaborou em diversos periódicos: “O Pernambuco”, “A Província”, “O Jornal do Recife”, “A Província do Pará”, “O Jornal” (PA), “O Caeté”(PA), “Revista da Academia do Recife”, “Rua do Ouvidor”(RJ), “A Nova Época”, “O Debate”, “O Mato Grosso”, “O Gladiador”, e na “Revista do Centro Matogrossense de Letras”.

Era, assim, nesta simplicidade nua, que Otávio Cunha - jurista consumado, o poeta inimitável, o jornalista desassombrado - desejava que se registrasse a história de sua vida. Ouvi-o muitas vezes: exaltava-me para os trabalhos na Assembléia Legislativa, nunca se furto a guiar-me nas primeiras lides do ôfro, quando solicitado dava-me a mão nos entes jornalísticos, a que me propunha.

² QUEIROZ, Francisco Leal - *Discurso de posse*. p. 56.

Mas, Otávio Cunha era, sempre, o poeta. Escutêmo-lo:

O Cuiabá

*Aqui - és largo e fundo, de águas claras,
Mas eu já fui à tua cabeceira...
és um riacho a tocar músicas raras,
entre pedras, correndo a vida inteira.*

*Estás sempre com pressa e, lá, disparas
de pequena em pequena cachoeira...
queres leite maior de pedras caras,
e ainda, estas a aluir serra e pedreira...*

*És tu, Cuiabá, um dos maiores rios,
e carregas no dorso, cor de prata,
ubás, vitórias-régias e navios...*

*Mas quem o faz glorioso quanto os Andes,
São veios de água, filhos bons da mata...
Sempre os pequenos a fazer os grandes!*

Um célebre poeta polaco, descrevendo em magníficos versos uma floresta encantada do seu legendário país, imaginou que as aves ali nascidas, se por acaso longe se achassem ao pressentir aproximar-se a hora fatal, voavam para expirar à sombra dos frondes do imenso bosque onde tinham nascido. Otávio Cunha chorou, nas cascatas magistras dos seus versos lapidares, ao pressentir que já lhe era impossível retornar ao seu heróico Pernambuco:

“A Esperança

*Verdes-mares beijando a asa-branca de sonho
Que vai na rota azul de uma enseada bendita!
Os desterrados suaviza... Ao cárcere medonho
Desce... e a alma eleva Deus para a crença infinita!*

*A esperança... (É a patena onde o afeto deponho)
O ermo povoa... a dor aplaca... o céu limita...
E a bênção que alivia o martírio trístico...
O lampejo da fé que a pátria ressuscita!*

*A água-santa que lava a cor negra das pragas...
A esmola que abre o céu da bemaventurança...
O naufrago a lutar pela vida entre as vagas!...*

*Mansuetude de Cristo - entre espinhos e lança!...
A paciência de Job - sob o fogo das chagas!...
(Ai de nós, meu amor, se não fosse a esperança!)”.*

Rubens de Mendonça, em sua “Antologia Bororo”, considera que Otávio Cunha “é um dos grandes poetas brasileiros, cujos versos podem sem favor ser comparados aos de Bilac ou de Emílio de Menezes. Rubens de Mendonça ilustra seu texto com três poesias, das quais escolhemos uma:

Êxtasis

*Ontem, pensando em ti, passei o dia,
o dia todo numa inquietude
de sabiá, que o ninho tece e fia,
antes que o tempo de repente mude.*

*Embora a crença em nosso amor se escude
numa esperança, que nos delicia...
longe de ti, tudo parece rude...
- galhos quebrados pela ventania...*

*Longe de ti... a vida é um mar bravio,
num fragor retumbante de escarcéus;
junto de ti! - é um leito alvo e macio.*

*Quando em êxtasis fico a te mirar,
- vejo a terra subindo para os céus...
- ou os céus descendo para nos levar!*

Francisco Leal de Queiroz

Dados Pessoais

Nascimento: Paranaíba/MS - 08/01/1927

Filiação: José Queiroz

Dolorita Leal Queiroz

Formação

- Primário: Escola "2 de Julho" - Três Lagoas - MS
- Secundário: Instituto Americano de Lins - SP
- Superior: Faculdade de Direito do Rio de Janeiro - RJ

Cargos Exercidos

- 1949 - Promotor de Justiça, na Comarca de Paranaíba - MS
- 1950 - Deputado Estadual à Assembléia Legislativa do Estado de MT.
- 1954 - Reeleito Deputado Estadual à Assembléia Legislativa do Estado de MT.
- 1958 - Eleito Prefeito Municipal de Três Lagoas - MS.
- 1962 - Eleito Deputado Estadual à Assembléia Legislativa do Estado de MT .
- 1971 a 1982 - Retira-se espontaneamente da Vida Pública.
- 1983 - Representante do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul em Brasília - DF, a nível de Secretário de Estado.
- 1986 - Secretário de Estado da Justiça de Mato Grosso do Sul.
- 1987 - Secretário de Estado de Segurança Pública de Mato Grosso do Sul.
- 1988 - Procurador Chefe do Ministério Público Especial junto ao Tribunal de Contas.
- 1990 - Assessor Especial do Governador do Estado/MS.
- 1995 - Assessor Especial do Governador do Estado/MS.

Outras Atividades

- Membro da Academia Matogrossense de Letras
- Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso
- Membro da Academia Sul-Matogrossense de Letras

| | |
|--|---|
| Patrono: José Delfino da Silva | Ocupantes: Lamartine Ferreira Mendes Adaauto Dias de Alencar |
|--|---|

Adaauto Dias de Alencar

José Delfino da Silva

Nasceu ele em Livramento no dia 20 de novembro de 1860, tendo sido seus pais Pedro Delfino da Silva e de Petronilha Teodora da Silva.

José de Mesquita, em artigo comemorativo ao Jubileu de Prata da Academia Matogrossense de Letras, assim se referiu à sua trajetória:

“Contava ainda poucos anos de idade, quando José Delfino vê morrer-lhe o pai. Era como a primeira estação na Via-Crucis que lhe estava preparada.

Após freqüentar várias Escolas, lutando sempre com adversidades da sorte que, a mais das vezes, eram superadas pelo grande desejo de saber, um dos mestres foi avisar sua mãe de que já se lhe haviam esgotado os conhecimentos, dando pelo conseguinte, como concluído o curso daquele dedicado aluno. Começou para ele uma fase nova de vida. Estudava em casa. O francês foi a primeira língua que lhe cativara o gosto. E prezou tanto o idioma da Chateaubriand que chegou a conhecê-la profundamente.

A sua vida era o estudo, e no trato contínuo dos modelos da vernaculidade ia formando essa reserva de conhecimento e delicadeza de estilo com que viria esmaltar a fantasia admirável de sua inspiração. Às pessoas íntimas dizia querer morrer estudando, talvez tivesse lido e invejado a morte de Petrarca.

O coração do poeta bem poderia chamar um “para-raio” das manifestações patéticas da natureza. Aí vêm concentrar-se todas as dores do coração humano, bem como ele folga e se alegra quando a satisfação empolga o espírito dos homens. E como já manifestou, admiravelmente, o ínclito escritor Tristão de Athayde, “a poesia é a síntese das vozes contraditórias do Universo, transfiguradas pelo banho lustral do silêncio e da solidão”. Porque, à semelhança daqueles santos varões que povoaram os primeiros séculos da Igreja e que iam às florestas longínquas e desertas falar com Deus e compreender-lhe a Beleza e Onipotência, também o poeta, “criatura que mais se aproxima dos anjos”, busca o silêncio para que nele possa expandir-se nos vãos sublimes da sua inspiração.

Padecia o nosso poeta e muito: o mal que tão cedo o acometera vai cada vez avançando. Os recursos médicos falham e não lhe resta outro meio senão deixar a sua terra em busca de melhoras. Vida toda de sofrimentos exclama ele:

*“Eu padeço, eu sofro tanto!
Esta vida é sopro, é nada...
Foi minha harpa vibrada
Só pra soltar um gemido!...”*

Era aos vinte e nove de março do ano de 1900. Com o século 19 extinguiu-se também uma das estrelas do Romantismo e das terras matogrossenses”.

Quando se fundou a Academia Matogrossense de Letras, foi atribuída à cadeira nº 31 como patrono José Delfino da Silva, poeta pertencente à escola romântica. De sua autoria encontramos na Revista “Mato Grosso” algumas produções que passamos a declinar:

“À memória de meu amigo Trajano Vieira

*Nessa idade do ideal, de aspirações,
Quando o ledor viver é grato assim,
Findos sonhos, desfeitas ilusões,
Extintas esperanças Vês por fim!*

*Por lei de fado eterno, inexorável,
Roubou-te a cruel morte a doce vida...
Fizeste à cara mãe inconsolável
A tua triste e extrema despedida!*

*Dorme em paz o teu sono derradeiro
Pois tua alma tem jus à luz celeste;
É uma nêmia este teu pobre forasteiro
Há de à sombra entoar o teu cipreste”.*

(Cuiabá, 15 de abril de 1890)

“PÁGINAS ÍNTIMAS

*Como é louco esse engano deplorável.
O daquele descrente que duvida
Da existência de Deus, da eterna vida,
Fazendo-se dest’arte condenável!*

*Para mim é bastante apreciável,
Pela voz da consciência é repetida,
Certa força que está ao corpo unida
Formando-o mais nobre e respeitável!*

*Deus é quem nos dá n’hora suprema,
Nessa hora de transe, de agonia,
Nessa hora solene, n’hora extrema.*

*Essa luz tão pura que qu’irradia
Em nossa alma e faz que este não trema
Ao ver outro mundo que não via.*

(Cuiabá, julho de 1890)

“ALTA NOITE

*Forte asilo que, digno e imutável,
Sem princípio nem fim, nunca perece,
Eterno templo, místico, insondável,
Onde se acolhe a fervorosa prece...*

*Ó tu, céu de estrelas recamado,
Que tranqüilo te banhas ao luar,
Doce alívio do triste desgraçado
Que te olha contrito a suplicar...*

*Teu aspecto sublime m’extrasia,
Suspende-me os sentidos, me seduz...
Quão suave percorre a fantasia
O teu leito de perlas e de luz!*

*Gosto da noite: acho no teu repouso
Certa cousa propícia à minha dor,
Quando absorta num estranho gozo
A minha alma se eleva ao criador”.*

(Cuiabá, 11 de agosto de 1890)

Lamartine Ferreira Mendes

Seu sucessor foi o poeta Lamartine Ferreira Mendes, nascido em Cuiabá a 7 de fevereiro de 1895 e faleceu em São Paulo. Formou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo. Em Cuiabá, foi professor da Escola Normal "Pedro Celestino".

Em São Paulo, foi auditor da Justiça Militar da Força Pública de São Paulo, cargo em que se apresentou. Foi antes, promotor de Justiça de Três Lagoas, hoje Mato Grosso do Sul. Colaborou em vários jornais, tais como "Correio do Estado", "A Cruz", "A Gazeta do Comércio" e a "Notícia", ambos de Três Lagoas. Colaborou ainda junto às revistas mato-grossenses "Mato Grosso" e "A Violeta", em São Paulo, na "Revista do Brasil".

Publicou livros de versos, tais como:

- "Serras e Pantanaís", em 1927

- "Águas Passadas".

De seus trabalhos poéticos, podemos apresentar pequena amostra, em sua forma parnasiana de bom quilate. Datado de outubro de 1911, um poema sem título, publicado na Revista "Mato Grosso":

*"Perece Virgem que sonha
ou chora, muda e tristonha,
Vênus mimosa e risonha,
No firmamento a luzir.
Como o seu pranto se sente
O orvalho frio e nitente
Do céu baixar docemente
De flor em flor a cair..."*

*Que panorama bonito
Este do espaço infinito
E da terra, que ora fito
Qual fantástica visão!
Rebrilham no alto mil lumes;
Embaixo mil vagalumes
Em multicores cardumes
Girando, bailando, vão..."*

*Da lua os raios de arminho
Que nas copas, de mansinho,
Coam, vão de ninho em ninho
Os pássaros acordar...
ou vão osculando as rosas,
As violetas medrosas,
Em mil flores olqrosas
Perfumes a trescalar*

*Que murmúrios suaves!...
Que sons musicais e graves...
Serão de fadas ou aves
Os cantos no taquaral?
São os queixumes do rio
Esse murmúrio,
Que passa lento e sombrio
Põe entre as relvas do val.*

*Que encantos e formosuras,
Nest'horas serena e pura,
Não inspira esta natura,
Tão amena e calma assim!...
Quanta poesia há nos ares,
No murmúrio dos palmares,
E nos cálidos olhares
Dessas estrelas sem fim!...*

*E a noite vai alta e bela...
Do firmamento na tela
Que de mil luzes se estrela,
Desliza, meigo, o luar...
Oh! como é bom neste instante,
A luz da lua radiante,
Da serenata cantante
A voz ouvindo, sonhar!...*

FANTASIANDO

*"Do lago curvo e tão lindo
Do céu, pela face nua,
Além, desmaia, sorrindo,
Qual cisne formoso, a lua.*

*E num céu que azul se ostenta,
Inda a rolar contínua
Deslizando, lenta, lenta,
Borboleta de ouro, - a lua...*

*Nas febris ondas de um rio
Que a praia beija e recua,
Bate em cheio o clarão frio,
O frio clarão da lua.*

*E sobre as águas do rio,
Um barco, gentil, flutua
Serenos, mudo, sombrio,
Aos frouxos raios da lua...*

*Oh!! como singra entre as belas
Espumas, essa falua,
À brisa soltas as velas,
Ao olhar brando da lua!*

*E do lago puro e infindo
Do céu, pela face nua,
Qual branco cisne, sorrindo,
Lá vaga, mimosa, a lua".
(Maio, 1912)*

"DESEJO

Para Catão das Neves

*À sombra dos palmares, com tristura
A sussurrar, chorosa e sossegada,
No meio da floresta abandonada,
Jaz a nascente cristalina e pura...*

*É sempre a mesma; quer surja a alvorada
Plena de luzes, toda formosura,
Quer, a envolver os quadros da natureza,
Desça a noite serena, enluarada...*

*E é sempre a mesma. No seu leito mudo,
Ela passa a rolar de noite e dia,
Sempre assim, Sossegada e entristecida...*

*Eu bem quisera, alma esquecida a tudo
Viver como esta fonte erma e sombria,
À sombra dos palmares escondida..."*

"A Uma Caveira

*Ei-la. Esquálida e rija, ei-la a caveira
A um canto escuro, ali, no cemitério,
Do sol sorrindo-se à luz derradeira
Que já some-se além, cário funéreo*

*E, qualum monge que do eremitério
Ao descobrir da tarde azul, fagueira
Fita o céu, da saudade sob o império,
Ela, o céu fita, a pálida caveira.*

*Apraz-me em horas como esta, a sós, espiar-
te
Dos pirilampos entre as frias velas,
Oh! tristonha caveira esbranquiçada!*

*E as minhas ilusões, ao contemplar-te,
Todas a se esfumarem Cuido vê-las
Ante o sarcasmo dessa tua risada!
(Cuiabá, 1912)*

Adauto Dias de Alencar

Dados Pessoais

Nasceu na Fazenda Lagoa da Pedra, a 10 de agosto de 1931, no Estado do Ceará. Filho legítimo de Francisco Dias de Alencar e de Gertrudes da Silva Pereira. Seu local de nascimento fora fundamental para a fundação de Assaré, pois foi a primeira fazenda montada por Alexandre da Silva Pereira.

Durante anos se andava 4 quilômetros para ir para a escola em Assaré e 4 quilômetros de volta.

Formação Escolar

Fez o primário em Assaré, o, então, exame de admissão no Rio de Janeiro, transferindo-se para Cuiabá, ali cursou até o 3º ano ginásial e o 4º ano e o curso clássico no Rio de Janeiro, na Moderna Associação Brasileira de Ensino.

Formou-se em Direito pela Faculdade Cândido Mendes, na Praça 15 de Novembro, no Rio de Janeiro, no velho prédio onde residiu D. João VI e onde faleceu sua mãe, D. Maria, Rainha de Portugal. Colou grau e, dezembro de 1964, retornando a Cuiabá no mês de fevereiro de 1965.

Atividades Profissionais

Em abril deste ano foi nomeado Diretor da Escola Normal Dr. Hermes Rodrigues de Alcântara, em Santo Antônio de Leverger e em maio foi nomeado Promotor de Justiça de Santo Antônio de Leverger. Por não ter nenhum respaldo político, foi exonerado do cargo. Mas, amigo do Prefeito, que necessitava de um procurador fiscal, foi nomeado para o cargo.

Advogou por muito tempo, sendo nomeado Consultor Jurídico da antiga Companhia Telefônica de Cuiabá e da Associação Comercial de Cuiabá.

Nomeado Delegado Regional, desistiu do cargo por falta de amparo do Estado de Mato Grosso para exercer esta função.

Prestou concurso, em janeiro de 1972, para o cargo de Defensor, órgão do Ministério Público de Mato Grosso. Aprovado, foi nomeado em maio de 1972 para assumir a comarca de Cáceres, distante 100 quilômetros da Bolívia, onde firmou boas amizades.

De Cáceres, foi promovido para a Comarca de Campo Grande, hoje capital do Estado de Mato Grosso do Sul e desta Comarca foi removido para Cuiabá, onde foi lotado na Auditoria Militar, sem se afastar de Defensoria Pública, assumindo toda defesa no Tribunal do Júri.

Aposentou-se nessa função.

Formado em Filosofia, na Cadeira de Letras. Foi Professor da Universidade Federal de Mato Grosso por um ano, nas cadeiras de Latim e Literatura Portuguesa.

Lecionou em alguns cursinhos para vestibular, na cadeira de História em todos os sentidos.

- Atualmente, ocupa o cargo de Secretário Geral da Academia Matogrossense de Letras.

Sociedades a que se filia

- Academia Matogrossense de Letras
- Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso
- Colégio Brasileiro de Genealogia
- Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia - ASBRAP
- Sócio Correspondente do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba - SP

Produção Intelectual

Pesquisador e investigador da História de Mato Grosso, especialmente da área Genealógica, nela se especializou, tendo produzido diversos trabalhos de importância para a recuperação das raízes das famílias matogrossenses:

- *Remanso* - poesia - 1959
- *Maria Amélia* - Romance - 1962
- *Movimentos Nativistas* - 1984
- *Roteiro Genealógico Matogrossense* - 1987

- **Roteiro Genealógico de Mato Grosso - Família Corrêa da Costa - 1990**
- **Coronel Antônio Paes de Barros - Roteiro genealógico e projeção política - 1991**
- **A família Azeredo em Mato Grosso - 1992**
- **Roteiro Genealógico de Mato Grosso - vols. 1, 2, 3 - 1993/94/95**

| | |
|--|--|
| Patrono: Francisco Catarino Teixeira de Brito | Ocupantes: Isác Póvoas José Ferreira de Freitas |
|--|--|

José Ferreira de Freitas

Francisco Catarino Teixeira de Brito

O Patrono nasceu a 25 de novembro de 1861, em Nioaque. Era filho do capitão do Exército João Teixeira de Brito, e D. Senhorinha Gaudie Nunes de Brito, sendo batizado na capela daquele destacamento militar, em 1862, pelo Capelão Benedito de Araújo Figueiras.

Faleceu no Rio de Janeiro a 14 de março de 1881, então uma das mais fulgurantes esperanças da terra mato-grossense, da qual viria a ser indiscutivelmente uma das glórias.

Viveu apenas 20 anos. 20 anos de lutas e sacrifícios ingentes. Suas vitórias foram alcançadas a custo de muita atividade, persistência e desejo de lutar e vencer.

Perdendo seu pai, quando contava 13 anos de idade, viu-se, por isso, a braços com dificuldades para continuar seus estudos, principalmente se considerarmos a época, e, mais, o fato de se ter tornado Chefe de Família, embora uma criança ainda.

Podemos bem avaliar a luta íntima travada entre o ímpeto de adolescente e o coração amadurecido pela virtude.

Luta entre razão e coração. De um lado, o impulso de estudar e alçar os degraus da ciência e da arte; de outro, o dever sagrado de assistir os seus. Por paradoxal que pareça, venceram razão e coração.

Passou a estudar sozinho, nas horas vagas, eis que se viu a contingência de solicitar um emprego, que obteve na Repartição Geral dos Telégrafos, onde serviu por espaço de dois anos, com zelo e inteligência, sem interromper os estudos. É o que nos revela a obra "Datas Mato-grossenses" de Estevão de Mendonça.

"Páginas esquecidas", publicadas em "A Província de MATO GROSSO", nos revelam que S.M. o Imperador, em uma visita que fizera a Estação Central dos Telégrafos, surpreendeu-se ao ver aquele menino trabalhando na Secretaria, ao lado de adultos companheiros.

Mas, convenceu-se da aptidão da criança.

Todavia, daí um pouco, - di-lo sua pequena biografia - "movido por um sentimento de dignidade", exonerou-se do cargo que exercia.

Por que teria saído? Sua biografia é resumida e a causa não foi esclarecida.

Reunindo-se ao Dr. José Custódio de Alvarenga Neto, criou na capital do império, o jornal "O FUTURO", no qual deixou patenteado o seu talento de escól, chegando a ser seu principal redator.

"Não constituía somente o elevado mérito desse jovem velho nas suas virtudes, - escrevia "O Futuro", noticiando o seu passamento - mas, na santidade da devoção com que amava a seus pais e irmãos, e na sua conduta sempre exemplar para com todos".

~~Exemplar filho, curvou-se ao peso árduo do trabalho para vencer os óbices que se antepuseram ao tratamento da longa enfermidade de sua mãe, até que ela se entregasse ao sono eterno.~~

Colosso de talento, possuía em elevado grau a rara união da robustez do raciocínio e da imaginação, merecendo aprovações plenas da Imperial academia de Belas Artes. Seus trabalhos de pintura e suas poesias inéditas comprovam esta verdade.

Foi sua presença na terra um rasgo da Bondade Divina. A humanidade precisava de mais um modelo de virtude. Francisco Catarino Teixeira de Brito foi escolhido para esse fim, e,

com efeito, mais bondade, mais qualidades distintas não podem reunir-se em um jovem, exemplo de ontem e de hoje. Exemplo para o futuro ...

Não nos é dado avaliar a grandeza da perda que a pátria sofreu com a morte prematura desse jovem, que se presenciava o mais possante gigante no futuro. Isto porque não podemos calcular até onde subir os gênios, quando se entregam a tão fervorosa aplicação, como Teixeira de Brito se dedicou até a antevéspera de sua morte. Isto porque não sabemos até onde podem se elevar aqueles em cuja frente ilumina o sol da glória, quando têm bastante tempo para percorrer o estádio das ciências, onde os modernos campeões do talento disputam das letras troféus valiosos.

Não deixou de estudar, nem mesmo durante os 15 meses de sua longa e dolorosa enfermidade, que começou em Dezembro de 1879 e terminou em Março de 1881. Marcada por sofrimentos os mais aflitivos e desesperadores, lentamente agravou-se até as 22 1/2 hs do dia 14 de março daquele ano, quando exalou o seu último suspiro. Morreu cercado de pessoas que o admiravam pela resignação, paciência e crença que sempre externou durante sua enfermidade e sublimemente no dia do combate de sua Agonia.

Morreu como um santo, revelando a mais sublime paciência, resignação e recolhimento, manifestando em tocantes palavras sua crença na imortalidade d'alma e nas mercês de Deus para os bons, sua gratidão para aqueles que o serviram na enfermidade e suas eternas saudades e cuidados de seus irmãos menores que estavam em Cuiabá.

Francisco Catharino Teixeira de Brito passou. Deixou magníficos exemplos, dignos de serem rememorados e vividos.

Ao lado de muitos, o que fez pela cultura não a deixará perecer.

Isác Póvoas

De fato, 5 anos após sua morte, nascia aquele a quem substituo hoje! PROF. ISÁC PÓVOAS.

Nascido em Cuiabá, a 4 de janeiro de 1886, faleceu a 1º de Outubro de 1970.

Filho de Pedro Fernandes Póvoas e D. Galdina Virgínia Póvoas.

Exemplar, sua vida foi marcada por trabalho ingente e construtivo, timbrada pelo zelo e responsabilidade próprios dos homens de refinada formação. Bacharel em Ciências e Letras, no Liceu Salesiano S. Gonçalo. Professor interino, e depois, Catêdrático de literatura e lógica do Liceu Cuiabano. Diretor do mesmo estabelecimento de 1916 a 1920 e 1925 e, depois, da Escola Normal. Secretário, e, após, Diretor de Instrução Pública do Estado. Dirigiu com dedicação e desvelo a Tipografia Oficial, sendo chamado a desempenhar, depois, a árdua missão de Chefe de Polícia, seguindo-se na de Secretário do Interior, Justiça e Finanças. (v. Dicionário Biográfico), de Rubens de Mendonça.

Foi Prefeito Municipal de Cuiabá, cargo em que se revelou um administrador modelar, prestando revelantes serviços à Capital do Estado, destacando-se os que se referem ao calçamento de várias ruas e embelezamento da cidade, não lhe passando despercebido, como não poderia deixar de ser, o amparo e estímulo à literatura e ao jornalismo. Fez por Cuiabá mais que possibilitava a minguada renda municipal de então. Outra função que exerceu, com inextinguível zelo e probidade, foi a de Presidente do Conselho Administrativo do Estado. Também, com a probidade que lhe era própria, foi Presidente da Caixa Econômica Federal em Mato Grosso.

Político, jornalista, poeta. Inúmeras foram suas contribuições ao Estado, nesses setores. Como escritor, colaborou nas revistas "Nova Época", "A Reação", "Revista da Academia Mato-grossense de Letras", e nos jornais "A Liça" "O Democrata", "O Município" "O Correio do Estado" "O Estado de Mato Grosso" e dirigiu "O Social Democrata".

Foi dos poucos escritores mato-grossenses que estudou nosso folclore.

Membro, e, depois, Presidente do Instituto Histórico de Mato Grosso, e da Academia Mato-grossense de Letras, onde ocupou com real destaque e brilho ímpar a Cadeira nº 32.

Tendo exercido tantos cargos importantes, era homem simples. Com muita sabedoria, soube ser grande na humildade e humilde na grandeza.

As demonstrações de amor filial, paternal e conjugal serão sempre sentimentos mais nobres do coração humano. Ele as pôs em relevo.

Seguindo o exemplo de Francisco Catharino Teixeira de Brito, o Prof. Isác Póvoas foi um homem admirável ; deixando exemplos edificantes a seus filhos, Enio, Lélia, e Evaldo, e a quantos o conheceram.

Demonstrou, sempre, saber viver com dignidade, elevação e grandeza.

De caráter altivo, de moral impecável, era leal e constante com os seus princípios mais elevados , ciente de que agindo assim, ainda que porventura viesse se colocar contra todos, contudo, estaria, sempre bem com sua própria consciência.

Suas virtudes cívicas, a lhaneza e retidão de seu caráter, sua calma e seu desprendimento, servirão de exemplo a quem , na vida pública e na vida particular, queira ser - como ele foi - probo, honesto, justo e bom.

Inclinado ao moderno, sem perder o contato com a natureza, foi o idealizador e um dos implantadores do 1º campo de aviação (próximo ao bairro Sta. Rosa) e do Horto Florestal, em Cuiabá.

Já ao apresentar relatório ao Exmo. Sr. Ministro da Justiça, na qualidade de Presidente em exercício do Departamento Administrativo do Estado, o Prof. Isác Póvoas, no período de 1939 a 1941, deixa retratado o quanto fez por Mato Grosso, como homem público consciente e zeloso pela causa comum. Sabia que a lei é quem dita o “modus vivendi”, ou seja, a conduta para a convivência social; sentia que o homem deve ser escravo da lei, sim, para não ser escravo de ninguém; que o mandamento legal estabelece o limite onde termina o direito de um e começa o de outrem; que a lei disciplina o funcionamento do organismo estatal, o relacionamento humano e limita o poder do próprio Governante; sempre esteve conscientizado de que a lei foi feita para o homem e seu objetivo é o bem comum.

São suas essas palavras : OS DECRETOS “são estudados cuidadosamente, à luz do mais sadio patriotismo e com o mesmo interesse que os ditaram de trazer benefícios à causa pública”.

E acrescentava :

“Constituem , ainda, outras tantas provas desse espírito de cooperação a que vimonos referindo, as recomendações constantes feitas às prefeituras, para a execução de serviços dentro desta ou daquela norma traçada pela lei; as remessas pontuais a todas elas, por meio de “circulares” das exigências novas ou modificações introduzidas no serviço público”.

E, no tocante a finanças :

“... Esta entidade - escreveu ao Sr. Ministro da Justiça, referindo-se ao Conselho Administrativo - passou a tomar conhecimento dos orçamentos estaduais e municipais e proferir sobre eles o seu veredito”.

Isác Póvoas era vertiginoso no trabalho, seguro na sua condução e alicerçava todo seu empenho com o desiderato do bem comum.

É ainda ele que nos fala, na seqüência do relatório ao Exmº. Sr. Ministro da Justiça de então.

“Trabalhamos devotadamente e timbramos de modo que os nossos trabalhos se caracterizassem principalmente pela rapidez, sem prejuízo embora da sua exatidão”.

E empregava todo o seu dinamismo no desempenho de suas atividades múltiplas, pois sabia que mais hoje ou mais amanhã, nosso desenvolvimento seria uma realidade.

Correto em seu trabalho, dedicado em corresponder à confiança que lhe fora depositada, punha em tudo a marca do zelo pelo cumprimento do dever.

E ao finalizar seu relatório ao Exmº. Sr. Ministro da Justiça, com satisfação arrematou; “Todos os serviços ... acham-se perfeitamente em dia”.

Educador - eis sua principal atividade - e dos mais prestimosos, cujos resultados palpáveis moldaram tantos caracteres que tiveram a rara oportunidade de receber seus judiciosos

ensinamentos. Disciplinador do espírito, da inteligência e do caráter, exercitou uma escola de bom exemplo, ensinando o civismo e a prática da vida.

Alma exuberante, foi acima de tudo, um homem que tinha fé em Deus, que para ele representava o Bem Supremo, a Plenitude das Maravilhas, o Criador do Universo e de tudo de bom que nele existe.

Humilde, foi alguém que a tudo renunciou - e não foi pouco - para dar de si mesmo a serviço do seu ideal de exemplar Chefe de Família, de homem público, de mestre consciente e dedicado, de comunicador tanto em prosa e verso, ao gosto da velha escola, em que se deve obediência à métrica, dentro de um ritmo subordinado à rima, tão agradável ao ouvido, como a música que encanta e enleva a alma.

Sempre quis transmitir o que recebeu de seus maiores.

Sabia que ensinar é arte que desperta, na mente, ecos prolongados e duradouros, ensejando o uso ideal dos dotes imensuráveis recebidos de Deus.

Sabia que toda a cultura é para o bem comum e que ela se mistura com o espírito do altruísta; identifica-se com o sentimento de fraternidade, é dádiva não sujeita à ação do tempo, antes, perpetua-se e se transmite de geração em geração, numa sucessão sem fim.

Cultura que imortaliza os feitos humanos, que nos mostra que o homem não apenas nasce para ser, mas para realizar, para dar de si, fortalecendo as condições essenciais da convivência humana; cultura que é alimento para o homem que tem sede espiritual de conhecer, de sentir, de amar o Criador, como criatura feita à Sua Imagem e Semelhança.

Com seu labor intelectual, através de mensagens a velhos, jovens e crianças, com o encanto da sua poesia e seus escritos, tão cheio de imaginação, símbolos e metáfora, o Prof. Isác Póvoas tanto fez, deixando um trabalho notável, oportuno e duradouro, com a produção dos melhores frutos até nossos dias.

Entre seu nascimento e seu derradeiro e eterno sono, teve tempo de manejar a ciência e a arte, alimentando o espírito humano com seus versos e escritos admiráveis.

Passam os homens. Todavia, ficam suas obras a desafiar a ação do tempo. Fica a sua memória, como marco imperecível de sua passagem por este mundo, rumo à eternidade.

“Que coisa admirável o homem - escreveu RENAN - que, num instante entre duas eternidades - a que precede o nascimento e a que se segue à morte - ainda tem tempo de descobrir a arte e a ciência”! Isác Póvoas aprendeu a arte de viver e sentir; de ser governado e de ser membro do Governo; viveu, sentiu e espargiu a ciência. E incentivou a cultura.

Assim fazem os homens retos. Passam, mas deixam os bons exemplos que nos cumpre seguir.

José Ferreira de Freitas

I- IDENTIFICAÇÃO :

JOSÉ FERREIRA DE FREITAS

Qualificação : Brasileiro, nascido a 09 de fevereiro de 1928, RG 000.027, CIC 001731851/34, eleitor, reservista, domiciliado em Cuiabá - MT.

Filiação : Lindolpho Ferreira da Silva e D^a. Adelaide Nanoni de Freitas.

Filhos: Maristella, Lúcia, João Bosco e Mirtes.

II - FORMAÇÃO PROFISSIONAL :

1. 1º grau- Seminário S. José (Uberaba) e Coração de Jesus (Belo Horizonte) - Colégio Estadual de Uberlândia.

2. 2º grau- Técnico em Contabilidade

3. Superior- Bel. em Ciências Jurídicas e Sociais . (Inscr. OAB-MT 417)

III - CURSOS :

1. de Extensão Universitária

- a) Didática de ensino superior (Inst. Superior de Pedagogia) - 1969.
- b) Participação na 1ª, 3ª, 4ª e XVII Semanas de Estudos Jurídicos - UFMT - Cuiabá 1971, 1972 e 1973. -1992
- c) Curso da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG) - Turma de 1975.
- d) Curso de Didática e Técnica Docente, promovido pela Universidade Federal de Mato Grosso (1983).

2. Diversos - Participação em Simpósios Nacionais

- a) Promovidos pela União Parlamentar Interestadual - Brasília (1964) - Rio de Janeiro (1966) e Pernambuco (1967).
- b) Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM) e Instituto de Direito Público e Ciência política da Fundação Getúlio Vargas, como Deputado Estadual - Rio (RJ)-1967.
- c) Realizado pelo VI Congresso Brasileiro de Assembléias Legislativas - Fortaleza (CE) - 1972.
- d) Idem dos Encontros Nacionais de Secretários de Administração dos Estados, D.Federal e Território, na qualidade de Secretário de Estado da Administração de Mato Grosso: - Recife (1975) - Teresina (1977) e Rio de Janeiro (1978).
- e) Idem de encontros de Professores de Dir. Constitucional, promovidos pelo INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO CONSTITUCIONAL (I.B.D.C) (Líbbero Badaró, 377 - 19º-S.Paulo)
- f) 5º Simpósio de Auditoria Financeira e Orçamentária - (Porto Alegre - 30.11.78)
- g) Idem, realizados por Conselheiros dos Tribunais de Contas do país, em Maceió (AL) 1978; Rio(1979) e Florianópolis (SC)- 1981 - Foz de Iguaçu (1982)/
- h) Relator da tese "Auditoria de amplo escopo, veículo e fortalecimento dos "TC"- XI Congr. Trib. Contas - Florianópolis (SC) - março 1981.
- i) Participação Congresso Brasileiro Direito Constitucional - S. Paulo , sobre revisão constitucional (1993).

3. Cursos Internacionais :

Representante dos Tribunais de Contas do BRASIL junto ao Instituto Latino Americano de Ciências Fiscalizadoras (ILACIF), com a participação do Tribunal de Cuentas da República da Colômbia, de Técnicos da CEPAL e da FADI (Fundacion Alemaña Desarrollo Internacional), realizado em Bogotá (Colômbia), em 1984, com as representações da ARGENTINA, BOLÍVIA, BRASIL, COSTA RICA, EQUADOR, GUATEMALA, PERU, REPÚBLICA DOMINICANA E VENEZUELA, sobre: controle fiscal na República Federativa Alemã; Participação do Estado nas Empresas de direito privado e nas econômicas; concessão de subvenções a empresas dedicadas a exploração de recursos naturais ; controle operacional de recursos naturais; estilos de desenvolvimento e meio ambiente.

IV - CARGOS EXERCIDOS

1. Privados

- a) 1º Oficial da Cúria Diocesana de Uberaba (M.G).
- b) Funcionário do Banco de Minas Gerais S.A. - Uberaba (MG)

2. Administração Federal Indireta

Funcionário do Banco do Brasil S.A. (Concurso 1952) até 1971.

3. Serviço Público Estadual - Poder Legislativo Estadual

- a) Consultor Técnico Jurídico da Assembléia Legislativa de MT (concurso 1971)
- b) Deputado Estadual - período 1963 a 1967
- c) Deputado Estadual - período 1967 a 1971
- d) Vice Presidente da Assembléia Legislativa de Mato Grosso

Poder Executivo Estadual

- a) Defensor Público "ad hoc", em Corumbá (Processo Cartório 3º Ofício)
- b) Secretário de Estado de Administração de Mato Grosso (de 15.3.75 a 9 de junho de 1978).

Tribunal de Contas do Estado de Mato Grosso

- a) Por aprovação da Assembléia Legislativa, nomeado vitaliciamente Conselheiro do Egrégio Tribunal de Contas do Estado de Mato Grosso, a 9.6. 1978.
- b) Vice-Presidente do Tribunal de Contas do Estado, eleito a 4.12. 78 e dez-82, para os períodos de 1979 e 1983.
- c) Presidente do Tribunal de Contas do Estado, eleito a 4.12.79, para o período de 1980.

V- ATIVIDADES:

1. Políticas

- a) Constituinte Estadual (1967)
- b) Vice-Líder e Líder da situação (1965/1966); da Bancada oposição (1964) e situação (1966).
- c) Líder de Governo na Assembléia Legislativa de Mato Grosso (1967).
- d) Membro de várias Comissões Técnicas no decorrer das duas Legislaturas.
- e) Presidente da Comissão Especial e Relator Geral do projeto (e emendas) da Constituição de Mato Grosso (1967).
- f) Presidente da Comissão Especial encarregada da adaptação da Constituição à Emenda Constitucional Federal nº 1 (1969).
- g) Membro da Comissão criada por Decreto do Governo de Mato Grosso, encarregada de preparar o ante-projeto da FUNDAÇÃO DO BEM ESTAR DO MENOR DE MATO GROSSO (Lei 3137 - D.O 15.12.71), com menção de serviço público relevante.
- h) Presidente do Diretório do PSD (Corumbá - MS)
- i) Membro do Diretório Regional da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) de Mato Grosso (1967 a 1978).
- j) Secretário Geral da Aliança Renovadora Nacional (Arena) de Mato Grosso (1972/1975).
- l) Vice-Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso.
- m) Vice-Presidente e Presidente em Exercício do Diretório Regional do Partido Político Aliança Renovadora Nacional (Arena) de Mato Grosso (1969/1972).
- n) Delegado à Convenção Nacional (Arena) para escolha do Presidente e Vice-Presidente da República.(1973)

2. Didáticas :

- a) Professor de matemática e português a candidatos ao Banco do Brasil S.A.
- b) Professor Catedrático da Escola Técnica de Comércio de Corumbá.
 - Contabilidade Pública e Direito Usual (1957/1959)
 - Contabilidade Geral (Concurso 1960), até 01.03.71.
- c) Professor Assistente da então Faculdade de Direito de Cuiabá-MT, e, após, da Universidade Federal de Mato Grosso, para as Cadeiras de Direito Internacional Privado, Estudos de Problemas Brasileiros (1967/1971).

- d) Coordenador da Comissão Examinadora de conhecimentos gerais do vestibular da U.F.M.T - 1972.
- e) Integrante da Programação e Execução da IV Semana de Estudos Jurídicos da U.F.M.T - 1972
- f) Integrante da Mesa redonda sobre a Amazônia , realizada pela Câmara dos Deputados, em 1975.
- g) Professor Assistente (e, após, Adjunto) da U.F.M.T, das Cadeiras de Constitucional I e II , a partir de 1971.
- h) Membro do Conselho da ORDEM DO MÉRITO DE MATO GROSSO (Dec. 2186, de 26.8.1974) (15.3.75/9.6.78).
- i) Membro do Instituto Brasileiro de Direito Constitucional , S.Paulo e co-autor de obras jurídicas publicadas em sua Revista dos Tribunais.
- j) Membro da Banca Examinadora de Direito Civil (concurso para Prof. Assistente da U.F.M.T - 1979
- k) Professor Titular das cadeiras de Direito Constitucional I e II da U.F.M.T -1984
- l) Membro do Conselho Universitário da U.F.M.T
- m) Professor de Direito Constitucional da Escola Superior de Magistratura de Mato Grosso, a partir de 1992.

3. Literárias:

Membro da Academia Mato-grossense de Letras, eleito em 1975, para a Cadeira n° 32, cujo Patrono é: Francisco Catarino Teixeira de Brito e Titular : Prof. Isác Póvoas.

4. Cívicas e Diversas:

- a) Presidente da Associação dos Bancários de Corumbá - (1961/1962).
- b) Presidente da Comissão pró-sede da entidade assistencial "Cidade Dom Bosco" - Município de Corumbá- MS
- c) Membro da Ordem dos Advogados do Brasil, inscrição n° 417 - Secção de Mato Grosso.
- d) Membro da Comissão de Programação e Execução dos Festejos da Semana da Pátria no Estado de Mato Grosso - 1976 (Dec. Estadual n° 602, de 29.6.76).
- e) Membro nato da Ordem do Mérito do Estado de Mato Grosso , como Secretário de Estado da Administração .
- f) Primeiro Secretário da Liga da Defesa Nacional - Secção de Mato Grosso.
- g) Co-autor do Regimento Interno da Liga de Defesa Nacional (Dir. Reg. MT) - 1972.
- h) Diretor do Jornal "O Social Democrata" - Cuiabá (1964).
- i) Presidente da Comissão Cívica da UFMT, ao ensejo das comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil (1972).
- j) Presidente da Comissão Executiva da Liga da Defesa Nacional - Secção de Mato Grosso (1975/1977).
- l) **Relator das contas do Governo de Mato Grosso (1981).**
- m) Presidente da Comissão pró convênio entre a Faculdade de Direito, Acad. Mato-grossense de Letras e Instituto Histórico Geogr. de Mato Grosso - Port. 1982.
- n) Membro da Comissão curricular da Fac. de Direito, pró- retorno ao seriado (1993).
- o) Presidente da Comissão de Avaliação para progressão de Docentes do Departamento de Direito - 1993.
- p) Membro da Associação Mato-grossense de Defesa da Cidadania- 1995.
- q) Membro da Comissão de celebração dos 25 anos da U.F.M.T - 1995.

VI- TESES DEFENDIDAS

- a) Relator da tese "A readaptação das Constituições Estaduais aos moldes da Federal (1967), no Congresso das Assembléias Legislativas (Recife - PE), em 1967, promovido pela União Parlamentar Inter-Estadual.
- b) "Pantanal"- Trabalho em grupo, do qual foi dirigente, apresentado à Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (1975).
- c) Relator da tese "Auditoria de amplo escopo, veículo de fortalecimento dos Tribunais de Contas do País (XI Congresso de Tribunais de Contas do Brasil - Florianópolis - 1981)
- d) Constitucionalidade (ou não ?) da lei Estadual 4566 (alt. pela de nº 5076 (s/ Estatuto do Magistério de M.T)

VII - CONFERÊNCIAS PROFERIDAS

- a) sobre a Independência do Brasil e seu reconhecimento pelas Nações do Mundo, como integrante do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso, no Sesquicentenário da Independência (1972).
- b) tema: Organização Social e Política, como conferencista participante do Ciclo Anual de Conferências da Assembléia Legislativa de Mato Grosso - (Criado pela Resolução 07/73 de 12.4.73) - dirigido a alunos da UFMT (1973).
- c) Idem na Assembléia Legislativa para alunos da UFMT sobre competência e funcionamento interno da Assembléia Legislativa - MT (11.6.1973)
- d) versando sobre Olavo Bilac e o Serviço Militar, perante a Liga da Defesa Nacional, reunida na Academia Matogrossense de Letras (16.12.73).
- e) Conferência sobre Poderes do Estado: seu inter-relacionamento e competência (Fac. Ciências Econ. e Cont. e Adm. - FUNCEAT - Campo Grande - MS).
- f) Idem, idem, sobre os 3 poderes do Estado, na União e Estados Membros, para alunos de várias áreas da fundação Universidade Católica de Mato Grosso - Campo Grande -MS (1975 e 1977).
- g) tema: Estudos Políticos , no I Simpósio da ala Jovem da então Arena (AJA) (22.5.1976).
- h) "A Constituição Federal do Brasil e as transformações políticas em quase 100 anos de República" (Comparativo das Constituições de 1891, 1934, 1937, 1946, 1967 e emendas (em 1982).
- i) Conferência sobre desenvolvimento de Mato Grosso em face da divisão do Estado, pronunciada na Universidade Católica de Mato Grosso - Campo Grande - 1978.
- j) perante o Seminário Nacional de Administração Pública Municipal - Cuiabá - (Assembléia Leg. 26.6.1979), versando sobre o Tribunal de Contas - bases e atribuições Constitucionais e sua competência - destinada a vereadores dos Municípios de Mato Grosso.
- l) Idem, junto ao Seminário de Administração Municipal - Cuiabá - 26.12.81, promovido pela Seplan - CODEMAT, versando sobre o Tribunal de Contas e sua função fiscalizadora em geral, notadamente seu papel relevante no exame das contas municipais - destinada aos 17 novos Administradores Municipais, (Novos Municípios), respectivos Assessores e Contadores.
- m) Idem, sobre Assembléia Nacional Constituinte e suas atribuições, a convite da Comissão pró-Constituinte, da Assembléia Legislativa (Pte. Dep. Benedito Pinheiro)
- n) A Constituição (norma geral) e as leis ordinárias (9.9.91).
- o) O Inquérito e julgamento de TIRADENTES, analisados 200 anos depois. Sessão da Academia Mato-grossense de Letras - 21.4. 1992.
- p) TIRADENTES : Líder cívico de intelectuais e militares. Enfoque 200 anos depois, na XVII Semana de Estudos Jurídicos - U.F.M.T - agosto 1992.
- q) Idem, com participação de Alunos da UFMT (jogral) no Plenarinho da Assembléia Legislativa - 19.4.1994.

- r) Revisão Constitucional : um erro de interpretação - Ciclo de Debates da Assoc. Diplomados Esc. Superior de Guerra - Assoc. dos Municípios - 26.9.94.
- s) A Constituição e as Leis Ordinárias.
- t) Da Inconfidência à Independência do Brasil - 1994.
- u) LEI para as leis. As leis mais antigas do mundo. A Constituição dos EE.UU. a da França e as do Brasil (Pub. in Revista dos Tribunais (do I.B.D.C - S.Paulo).
- v) A Missão Salesiana e seu Centenário - 1994.

VIII - AGRACIACOES - Comendas - Medalhas - Títulos e Diplomas

- a) Comenda do Centenário de José Plácido de Castro, criada pelo Dec. Presidencial 71.355, de 10.11.72, outorgada pelo Ministro de Educação e Cultura e Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
- b) Comenda da ORDEM DO MÉRITO DE MATO GROSSO, no grau de GRAN CRUZ (Dec. Estadual 1957) concedida em 1986, D.O. 16.4.86.
- c) Medalha de Honra ao Mérito - Seminário Coração de Jesus - BHT - 1944.
- d) Medalha do Troféu Bororo - Cuiabá - Parlamentar atuante - (1967)
- e) Medalhas outorgadas pela União Parlamentar Interestadual (UPI), ao ensejo dos Congressos no Rio (1966), Brasília (1964), Pernambuco (1967), Fortaleza (1972).
- f) Medalha comemorativa do Sesquicentenário da Independência do Brasil - criada pelo Decreto Presidencial 71.355, pelo Exmo. Sr. Ministro de Educação e Cultura (1972).
- g) Medalha do Ano I da UFMT (1972).
- h) Medalha do Mérito Público (Lei 561, 25.1.76 - Ponta Porã - MS)
- i) Título de Cidadão de Corumbá (MS)
- j) Título de Cidadão de Ladário (MS) - 1968
- l) Diploma de Professor do Ano - Comissão Sesquicentenário da Independência - Promoção Bayma (1972)
- m) Diploma da Liga de Defesa Nacional como Secretário de Diretório Regional de MT.
- n) Diploma de destaque de atividades no trabalho, expedido pela Câmara de Vereadores de Cuiabá e Bayma Promoções - 1975.
- o) Diploma da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra - Turma 1975.
- p) Diploma da Academia Matogrossense de Letras - 1976.
- q) Diploma de Constituinte de 1967, outorgado na Sessão de Promulgação da Constituição de Mato Grosso (1989).

OBRAS INTELECTUAIS PUBLICADAS E A PUBLICAR

OPÚSCULOS - CONFERÊNCIAS - DISCURSOS - DEBATES

Publicados os de nº 1 - 2 - 3 - 8 - 15 - 17 - 20 - 29 - 30 - 34 - 38 - 45 - 49 - 51 - 52-60 - 63 - 64 - 68 - 71.

1. Mãe , sois bendita (publ. em o "Momento"- Corumbá - MT)9.5.1955
2. A lei de Talião (sobre Karil Chesman) - publ. em "Tribuna".....5.5.1960
3. Mater et Magistra - uma Carta de Paz (Publ. em Fl. Tarde)5.1962
4. Ética na Política 1963
5. O Tesouro que encontrastes - apologia ao saber1963
6. O homem - do nomadismo à fixação1965
7. Constituição - alicerce da democracia (Disc. Parlamentar, ao ensejo da promulgação da Constituição 1967.....13.5.1967
8. Impeachment em Mato Grosso - Defesa do Governador, como Líder do Governo13.8.1967

9. A Missão Salesiana e a Cultura em Mato Grosso (75° aniv° da chegada dos Salesianos a M.T)
.....1969
10. Marechal Rondon : desbravador das selvas do Brasil. (Disc. parlamentar em seu 105° aniv.
nasc.....5.5.1970
11. Homenagem à FEB (Disc. Ass. Legislativa) 8.5.1970
12. Assim nasceu a telecomunicação (Rondon o telecomunicador).....5.1970
13. A guerra terminou. (Sessão solene Ass. Legislativa (Disc. ensejo 25° aniv. fim da
guerra).....8.5.1970
14. Da destruição à construção - comentários s/ a guerra..... 1970
15. As transformações constitucionais em 100 anos de República (publ. Rev. Trib. Contas 2 e 4
(1986)9.8.1970
16. Os pródromos da Independência do Brasil21.4.1971
17. Criação de Municípios: quais? quando? como? (publ. in. Revista Parlamentar).....12.1971
18. Lei Orgânica dos Municípios 12.1971
19. Vultos Nacionais - Tiradentes1971
20. Sudam - marcha para o Centro-Norte do Brasil (publ. in Rev.Parlamentar).....1971
21. Ontem... semente; hoje ... árvore (disc. como paraninfo da 1ª turma do 1º curso sup. de
Corumbá).....4.03.1972
22. O reconhecimento da Independência do Brasil pelas Nações do Mundo (Conf. UFMT -
Sesquic. Indep)30.05.1972
23. O Grito do Ipiranga 7. 09.1972
24. Ecoando pelas montanhas, o Grito desceu os vales, há 150 anos.....15.11. 1972
25. Palmares....InconfidênciaINDEPENDÊNCIA (Conferência na U.F.M.T.Sesq.
Independência)....15.12.1972
26. Assembléia Legislativa: seu mecanismo constitucional (legislador/fiscalizador).
(Conferência A Prof. Liberais e Universitários na Assemb. Legislativa).....12.04.1973
27. Olavo Bilac: o Serviço Militar (Conf. na Acad. Mato-grossense de Letras, como Secr. Geral
da Liga de Defesa Nacional).....16.12.1973
28. Santos Dumont: o Pai da Aviação (Conf. ensejo centenário nascimento ilustre
brasileiro).....12.1973
29. Ato Jurídico através dos tempos (publ. Revista Jurídica do I.A.A - Rio (RJ) Rev. nº 122
.....12.1973
30. Filinto Müller: um Líder (Homenagem póstuma publicada em "Social Democrata"-
Cuiabá).....11.07.1974
31. Justiça à Justiça: Homenagem ao TRE-MT (Disc. como Pte. Diretório Regional A.R.N
.....12.12.1974
32. Judiciário Matogrossense: 100 anos de atividades (Homenagem).....1974
33. O homem do pantanal : habitat e costumes1974
34. O funcionário público e a esfera administrativa (publicação feita pela Secretaria de Estado da
Admin. - e distribuída aos funcionários08.1975
35. A máquina administrativa (Pod. Executivo) Estadual em face da Const. (Conf. como
Secretário de Estado da Administração, a Prof/alunos -Fund. Univ. Católica de Campo
Grande).....10.10.1975
36. **Mais pela virtude do que pelo ouro.**(Disc. pronunciado quando posse Acad. Matogrossense de
Letras.....24.10.1975
37. O Pantanal . (Trabalho de grupo, na qualidade de dirigente, ensejo ciclo Adesg - Cuiabá -
MT.....1975
38. "Vencereis" : apologia ao saber. (Publ. em Asas Brasil sob resp. Pe. Oswaldo
Venturuzzo).....24.10.1975
39. A divisão do Estado de Mato Grosso: convém? - Co-participação20.06.1977

40. Um grito ... 155 anos depois ! - Alocução TV, como Membro da Liga de Defesa Nacional e Coord. Semana Pátria M.....02.09.1977
41. Mais uma etapa. (Disc. de posse como Conselheiro Vitalício do Tribunal de Contas do Estado.....20.06.1978
42. Co-partícipe do Simpósio Nacional de Classificação de Cargos, realizado pela Comissão do Serv^o Público da Câmara dos Deputados. - Convite do 1^o Secretário Câmara.....7/8.6.1978
43. Tribunal de Contas: bases constitucionais (Conf. como Vice-Pte. T.C. no Seminário Nacional de Adm. Pública Municipal..... 26.06.1979
44. Apologia do cumprimento do dever. Discurso de posse como Presidente do Tribunal de Contas do Estado04.01.1980
45. Competência dos Tribunais de Contas (Conf. ensejo Seminário Adm. Munic., promovido pela Sec. Planej. e Codemat.26.02.1981
46. Prest. de Contas - Discurso ao encerrar o mandato de Pte. do Tribunal de Contas do Estado.....05.01.1981
47. DIVISÃO que significou multiplicação para Mato Grosso - Discurso ensejo posse Cons. Afro Stefanini 18.05.1983
48. O Processo legislativo e a inconstitucionalidade da Lei..... nov.1984
49. O Advogado na sociedade contemporânea.....dez.1984
50. As contas do Governo. Relatório e voto. Publ. na Rev.Trib.Contas, n^o 110.04.1985
51. Teste vocacional deveria preceder o curso superior?25.05.1985
52. O vestibular e o ensino superior. (Estudos e sugestões, como membro Com. UFMT, para remessa à Ass. Nac. Constituinte.....25.05.1985
53. As deficiências do ensino de 2^o grau.(Estudos e sugestões, ut supra).... 25.05.1986
54. Aposentadoria : inadmissão de promoção ulterior. Processos n^o 364/81 e 1322/85 (publ. Rev. Trib.Contas)23.07.1985
55. As transformações políticas do Brasil em quase 100 anos de República. críticas e sugestões ao projeto da Const. Federal. Conferência e debates no plenarinho da Assembléia Legislativa, a convite da Com. Estadual Pró-Constituinte, sob a presidência do Dep. Benedito Pinheiro.....19.11.1985
56. Os Tribunais de Contas e suas bases constitucionais. (1967)(Publ. Rev. Trib.Contas n^o 6/1987.....jul/1987
57. Tribunais de Contas: competência na Const. 1988 (publicado na Rev. T.C. fev-1989 e Rev. dos Tribunais (S.Paulo)n^o 6 (3/94)..... out/1988
58. A.B.C do Processo Eleitoral (votação e apuração).....1989
59. Texto Legal de M.T: constitucional ou inconstitucional (Consulta - Parecer)....24.11.1990
60. Tiradentes: Líder da Revolução de 1789 (Conf. prof. na Acad.Mat. Letras e IV Semana Jurídica da UFMT) (13.8.92)..... 21.04.1992
61. Autos da Devassa: Julgamento dos Inconfidentes (parte em jogral). UFMT XV Sem. Est. Jurídica)..... 13.08.1992
62. A Cultura humanística em MT e a Missão Salesiana (publ. no D.O da Cultura)..30.09.1993
63. Constituição de 1988: como ficará após a revisão ? (Conf. no Inst. Norte - Matogrossense-Sinop). ...23.09.1993
64. Sistema Prisional Brasileiro : diagnóstico - idéias (ante-projeto de lei a ser enviado ao Congresso Nacional).....10.11.1993
65. Críticas científicas à REVISÃO CONSTITUCIONAL em 60 dias, sit. unicameral e maioria absoluta apenas (Adesg 1994 - Inst. Med. Araguaia 1995)....dez.1993
66. Revisão Constitucional: um erro de interpretação(publ. D.Of. Cultura 31.5.94).....jan.1994
67. A Const. Federal e as leis ordinárias recepcionadas (publ. na Rev. dos Tribunais (IBDC - S.Paulo), n^o 10, em 1995)..... 09.02.1994

68. Vultos da História Pátria - Homenagem . (Conf. proferida na Assembléia Legisl. de Mato Grosso, ao ensejo da criação Assoc. Trad. Est. MG - TREM).....19.04.1994
69. Lei para as leis. O constitucionalismo mundial. As Const. do Brasil. A revisão const.(Publ. D.O. da Cultura 31.10.94) e Rev. dos Tribunais - S.Paulo, nº 7/jun/94.....31.10.1994
70. A.B.C. do Processo Eleitoral. Opus publicada em 1989, revista em 1990 e em 1994 , impressa e distribuída a Fiscais/ Delegados de Partidos..... jul.1994
71. Revisão Constitucional e o Congresso Nacional- prospecção. Conferência no Ciclo de Estudos Políticos e Estratégicos da ADESG - Cuiabá-MT.....26.09.1994
72. Da Inconfidência à Independência do Brasil. História e Política no séc. XVIII: sementes da Independência do Brasil- (livro pronto para edição).....30.09.1994
73. O Centenário da chegada dos Salesianos a Mato-Grosso - homenagem.....dez.1994
74. A Constituição e as leis ordinárias. Nova Constituição, novas leis ordinárias? - publicado pela Rev. dos Tribunais - I.B.D.C - São Paulo- (nº 10)....1994
75. As 7 Const. do Brasil.Reforma da de 1988: (Conf.no Inst. Médio Araguaia - MT).....24.03.1995
76. TIRADENTES: seu tempo e sua vida. Uma semente. (Conferência (parte jogral com alunos da UFMT), a convite do Com. Geral da Polícia Militar/MT....20.04.1995
77. Partidos Políticos : sua importância na democracia (Conf. no Ciclo de Estudos Políticos e Estratégicos da ADESG- Cuiabá- maio-junho-julho/1995-publ. na Rev. dos Tribunais - I.B.D.C - S.Paulo, - (nº 12)13.06.1995
78. Controle de Constitucionalidade - ADIN e ADEC . Trabalho Jurídico aprovado pela Comissão Científica (Celso Ribeiro Bastos, Clemerson Clève e Maria Lourdes Seraphico) do IV FORUM NACIONAL DE DIREITO CONSTIT. promovido pelo I.B.D.C. e Universidade Federal do Paraná e apoio O.A.B./PR, realizado em Curitiba-PR, em 21, 22 e 23 jun/95 e apresentado nesse FORUM.....23.06.1995
79. O Poder Judiciário: competência , composição e seu mecanismo de ação. Conf. no Ciclo de Estudos Políticos e Estratégicos da ADESG- Cuiabá -MT, ut supra..... 18.07.1995
80. Direitos e Garantias Individuais - patrimônio social jul.1995
81. Um pequeno Grande Homem. Homenagem a Francisco Catarino Teixeira de Brito. Patrono da cad. 32 da Acad. Mat. de Letras..... 05.11.1995
82. Em Minas, a mais idosa do mundo (publ. em "O TREM").... dez.1995
83. Os Profissionais do Direito através os temposabr. 1996
84. A situação econômica de Mato Grosso (antes e depois da divisão do Estado) no contexto nacional..... 24.05.1996
85. 14 estrofes versantes sobre : lembranças da Faculdade, o erro e a desculpa, reuniões intermináveis, orelhão enguiçado, cobiça reinante, o torto e o direito, os vivaldinos, anglicismo insistente.....1973/1994.

Cadeira nº 33

| | |
|---|--|
| Patrono: Mariano Ramos | Ocupantes: Nicolau Fragelli Lenine de Campos Póvoas |
|---|--|

Lenine de Campos Póvoas

Mariano Ramos

Mariano Ramos nasceu a 17 de Junho de 1864 no município de Cáceres - Fazenda Flechas - , fundada por seu pai, Mariano Ramos.

Seus estudos foram feitos em Cuiabá, onde frequentou o Liceu Cuiabano e a Escola Normal.

Desde cedo manifestou ele pendor pelas letras, tendo fundado, em conjunto com Frederico Teixeira o jornal literário intitulado "O Argos".

Após o término dos estudos secundários, seguiu Mariano Ramos para a cidade de Cáceres, onde fundou o periódico "Atalaia" provisionando-se para o exercício da advocacia.

Sua colaboração revela-se, igualmente, na política, onde foi Deputado Constituinte (1891), tendo legado uma contribuição valiosa.

Filiou-se ao Partido Republicano, tendo sido eleito Deputado Federal.

Agraciado como patrono da Cadeira nº 33 da Academia Matogrossense de Letras, impingiu ele as características básicas que nortearão os demais ingressantes: Nicolau Fragelli e Lenine de Campos Póvoas.

Faleceu Mariano Ramos a 20 de abril de 1896 no Rio de Janeiro.

Nicolau Fragelli

Na bela e próspera Corumbá, onde se radicaram italianos de boa têmpera, veio Fragelli ao mundo, aos 13 de Novembro de 1884, do casal José Fragelli e D. Tereza Provenzano Fragelli.

As primeiras letras recebeu-as nos bancos escolares de sua cidade natal, fazendo, em Cuiabá, os estudos secundários. É ele próprio quem, na sua magnífica oração de posse na Academia, nos diz que aqui passou os "*Quatro melhores anos de sua meninice*".

Já em plena floração das dezenove primaveras, resolveu o pai mandá-lo cursar a tradicional Escola Militar de Porto Alegre. Chegando à Capital gaúcha, entretanto, o jovem Fragelli, que não sentia pendores pela carreira das armas, decidiu-se pela medicina.

Cursando a afamada escola do velho educador Nicácio Montanha, habilitou-se, em dois anos, a prestar exames vestibulares na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, na qual ingressou.

O Rio Grande vivia, ainda, nessa época, sob a inspiração dos ideais castilhistas. E a mocidade tem sido, em todos os tempos, a vanguarda heróica dos grandes movimentos pela liberdade. Com outros companheiros de escola, entre os quais Maurício Cardoso, Isaura Regueira, João Neves da Fontoura, fundou Fragelli, em Porto Alegre, a República "*Bento Gonçalves*" que, em 1907, se transferiu para o Rio de Janeiro, acompanhada de quase todos os seus integrantes.

Ao iniciar-se o ano de 1911, recebia o jovem corumbaense o diploma de médico, regressando, em junho, à sua cidade natal, onde se dedicou à clínica.

Manos de três anos depois, ou seja, a 18 de janeiro de 1914, unia-se pelos laços do matrimônio a D. Maria Fontanilhas, filha moça que havia pouco concluíra estudos em Montevidéo.

No mesmo dia das núpcias, realizava Fragelli outro grande sonho de sua existência: seguia para a Europa, com o objetivo de aperfeiçoar-se em cirurgia, em Paris.

Após um ano e meio de estudos da “Cidade Luz”, estudos que vieram familiarizá-lo ainda mais com o idioma francês, que tanto apreciava, e do qual se tornara, posteriormente, dedicado mestre, regressou a Corumbá, onde viveria feliz, até 1929.

Ali nasceram os três filhos do casal: José Manoel Fontanillas Fragelli, hoje ilustre Deputado à Assembléia Legislativa do Estado, Beatriz Fragelli de Figueiredo, esposa do Tenente-Coronel Crisanto de Figueiredo, e Cláudio Luiz Fragelli, conceituado médico na cidade de Campo Grande.

Mil novecentos e vinte e nove reservaria ao nosso ilustre antecessor emoções antagônicas: nesse ano seria eleito, pela primeira vez, Deputado à Assembléia Legislativa do Estado, motivo pelo qual se decidira a transferir residência para Campo Grande, já, então, em grande surto de progresso.

Em 1930 veio a Revolução de Outubro decretar-lhe a perda do mandato, devolvendo-o à clínica, ao magistério, ao jornalismo.

Retornando o país à legalidade democrática, em 1934, voltou à Assembléia Legislativa, eleito pelas hostes do Partido Evolucionista.

Mas... estava escrito que Fragelli não haveria de concluir nenhum dos seus mandatos... E o golpe de 10 de Novembro, dissolvendo o Poder Legislativo, levou-o, novamente, de volta a Campo Grande.

Têmpera de lutador, mal reiniciadas as atividades políticas, em 1945, ingressava Fragelli nas fileiras da União Democrática Nacional, tendo sido eleito, na pugna eleitoral de 2 de Dezembro, Suplente de Senador.

A 19 de Julho de 1947 tomava assento neste sodalício, na cadeira que ora ocupamos.

Por suas vezes teve assento no Parlamento Estadual. Da primeira, foi guindado à Assembléia Legislativa como representante do Partido Republicano Conservador, na Legislatura interrompida com a vitória da Revolução de 30.

Passada a fase do “Governo Provisório”, e chamado o povo a manifestar-se, novamente, pelas urnas, foi nosso predecessor elevado, sob a legenda do Partido Evolucionista, à segunda Constituinte Estadual.

Da tribuna parlamentar revelou os princípios que nortearam a sua existência, os ideais que encheram a sua alma, demonstrando a sua irresistível vocação política, e seu invejável talento, a sua aprimorada cultura.

Instalada a segunda Constituinte Estadual, logo numa das primeiras sessões pronunciava Fragelli seu discurso de estréia. Nele se percebe a preocupação de tornar o corpo legislativo mais profícuo, de mais aproximar o povo dos emissários de sua soberania, como natural resistência de sua formação genuinamente democrática contra o espírito dominante na época. Nessa oportunidade, declara:

“Há, pelo mundo das revistas, jornais e livros, muita coisa escrita sobre a inutilidade dos Parlamentos na solução dos prementes problemas que interessam à coletividade. Mas, espíritos eminentes defendem ainda a continuação do instrumento institucional a que ora servimos, dizendo, mesmo, como Ortega y Gasset, que não se confunda a possibilidade e a urgência de reformar profundamente as Assembléias Legislativas, para fazê-las, ainda mais eficazes, com declarar a sua inutilidade”.

Sentia Fragelli, como nós outros, que o problema, tão palpitante no Brasil daqueles dias, não era o de nos aventurarmos à procura de novas formas de Governo, senão o de nos aperfeiçoarmos na prática da democracia, inspirados na grande lição da América, onde se cultua o valor e a dignidade do homem e o valor e a dignidade do povo.

Sentia, como hoje a sentimos, a verdade proclamada por Jacques Maritain, quando adverte que a questão não está em encontrar-se um nome novo para a democracia, mas realizá-la na sua essência, saturada de hipocrisias e de vícios, para a democracia integral, humana; da democracia frustrada, para a democracia real.

Leva-nos a atualidade do tema às reflexões de Spinoza, quando proclama o filósofo judeu que apesar de ter a democracia, como defeito, a tendência de levar ao Poder a mediocridade, é

ela, ainda, a mais razoável das formas de Governo, porque nela os indivíduos submetem ao controle da autoridade apenas as suas ações, nunca, porém, o seu critério ou a sua razão.

Compulsando-se o Anais da Assembléia, descobrimos a intensa atividade de Nicolau Fragelli, através dos debates ali travados e da cooperação que emprestou à feitura da Segunda Carta Magna Estadual.

Médico, e, por isso mesmo, “*simples veranista do Direito Constitucional*”, como ele próprio costumava chamar-se, as emendas que apresentou ao projeto do nosso Estatuto Básico revelam, ainda uma vez, sua profunda convicção democrática e seu agudo senso de observação. Diversas delas visavam a corrigir lapsos e a preencher lacunas que haviam escapado aos argutos membros da Comissão encarregada de elaborar o projeto de Constituição. Uma, pelo menos, não me furtarei ao desejo de transcrevê-la, com sua breve justificação. Nela se percebe o professor, o amigo e orientador da mocidade. Trata-se da emenda oferecida ao artigo que estabelecia condições para a investidura de Deputado, assim redigida:

“Ao parágrafo 2º, do artigo 4º, onde se lê 25 anos, redija-se 21 anos. Justificação: A idade prescrita no projeto não se assenta em nenhuma razão de ordem científica ou moral. Um moço de 21 anos pode ser tão útil a esta como a qualquer outra Assembléia, pode cooperar com o seu esforço intelectual e idoneidade moral para a eficiência desta corporação como qualquer sexagenário ilustrado”.

Mestre que era, tinha o nosso ilustre antecessor, pela mocidade, aquele devotamento de Ruy, porque também acreditava que ela “*crescia ao contrato das coisas ilibadas e vibrava ao sopro das aspirações santas*”.

Vendida a sua emenda, Fragelli haveria de ver, entretanto, vitorioso o seu ponto de vista nos textos das atuais Constituições da República e do Estado que prescreveram a idade de 21 anos para a investidura de Deputado.

Outra feição do seu caráter haveria de revelar-se durante os debates travados em torno do projeto da Constituição Estadual: a sua formação religiosa.

Quando se discutia o preâmbulo da nossa Carta Constitucional, e entendiam alguns que a presença do nome de Deus, naquele prefácio significava um retrocesso na separação entre a Igreja e o Estado, interferia Fragelli nos debates, manifestando, claramente, o seu pensamento:

“Digam o que disserem, a humanidade encaminha-se cada vez mais para Deus. Taine e Renan escreveram páginas encantadoras, não obstante o espírito católico, sobretudo do último, nas quais reconhecem que sem Deus não pode haver a felicidade suprema. A religião é, ainda, o mais sólido cimento da ordem social e da coesão de um país civilizado”.

Assim se externando, sentia aquilo que hoje cada vez mais intensamente sentimos: que se a Igreja há de viver separada do Estado, por força de um dispositivo legal, nem por isso a Democracia há de viver afastada do Cristianismo. Pelo contrário, Democracia e Cristianismo são duas expressões que cada vez mais se confundem no panorama social do mundo moderno, unidas pelos mesmos princípios, enlaçadas pelos mesmos objetivos, irmanadas pelos mesmos ideais.

Participava Fragelli da opinião de Bergson, de que a Democracia, é de essência evangélica. Dir-se-ia que, naquela época, já interpretava ele o pensamento de Henry Wallace, quando naqueles dias angustiosos de 1942, proclamava que “*A Democracia é a única expressão política verdadeira do Cristianismo*”, pensamento também manifestado por Chateaubriand, no ocaso de sua luminosa existência.

Nada mais exato, nada mais perfeito que tal afirmação, pois como observa Berdiaeff, o Cristianismo não se conformará jamais com a extinção da consciência, da razão e da liberdade individual do homem.

Em toda a sua atividade política, dois traços sobressaem como marcantes de sua personalidade: a firmeza de atitudes e a lhanza no trato.

De sua independência e firmeza de atitudes posso, eu próprio, dar o meu depoimento pessoal. Encontramo-nos numa bela tarde de Março de 1945, na Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, ali na aprazível esquina da “Galeria Cruzeiro”. Começava a efervescência política com a famosa entrevista de José Américo ao “Correio da Manhã”. Muitos dos nossos antigos

políticos não haviam ainda, tomado partido, e observavam, cautelosamente, e direção do vento... Fragelli já havia tomado posição:

- Qualquer que seja a marcha dos acontecimentos, estarei ao lado do Brigadeiro”, disse-me ele, com segurança.

Nos duelos tribunícios da Assembléia, procurava situar-se dentro dos rigorosos limites da ética parlamentar:

“Faço timbre em tratar com a máxima urbanidade todos os colegas, não distinguindo, nesse propósito, os da minoria dos da maioria”.

De fato, suas referências aos demais Deputados, quaisquer que fossem as suas bancadas, eram sempre as mais respeitadas, corteses e elegantes. decorre daí que sempre colocava em nível elevado as discussões de que participava.

Tão áspera passou a ser a luta pela vida, nos dias que correm, que a atividade literária tem sido exercida por todos, ou quase todos, como mero diletantismo.

Embora assim a exercesse, nos momentos roubados à medicina e à política, sua produção literária foi intensa e brilhante, como no-lo atesta sua atividade jornalística.

Fragelli teve, sem dúvida, a paixão do jornalismo.

Durante os anos de residência em Corumbá, dedicara-se, já, ao magistério, entregando-se também à luta da imprensa, como colaborador assíduo de diversas folhas, sendo de notar-se a sua preferência pelas colunas de “A Cidade”.

Transferindo-se para Campo Grande, de cujo progresso sempre se mostrara um dos maiores entusiastas, e para o qual concorrera com grande parcela de sua atividade profissional, de sua inteligência e de sua aprimorada cultura, prosseguiu na sua dedicação ao jornalismo, tendo sido um dos fundadores do “Progressista”, em cuja redação militou até o último dia de sua existência.

Dos discursos que pronunciou, na Assembléia Legislativa, ficaram-no dois, impressos em folhetos: um, pronunciado a 26 de Agosto de 1926, a propósito do transcurso do aniversário da “cidade Morena”; outro, proferido a 9 de Agosto de 1937, a propósito do empréstimo de Campo Grande.

Em ambos, a par da sua admiração pelo estonteante progresso e risonho futuro da “Rosa de Maracajú”, sobressaem as belezas de um estilo simples, correntio e sedutor.

Ouçamo-lo, na sua oração de 26 de Agosto:

“Campo Grande é bem a cidade encantadora de Mato grosso, o cento econômico de todo o Sul, de cujas cidades, vilas, burgos, fazendas e herdades, recebe esse influxo vital que faz a grandeza do foco convergente. A natureza de Campo Grande empolga. Ela de ter si há constituído sempre um atrativo inelutável, pelas variadíssimas condições que apresenta. E que dizer dos seus campos, ondulados de outeiros e colunas e adornados, aqui e ali, com esse verde carregado de vegetação das cabeceiras, deixando perplexos todos os viajores que lhes podem contemplar a oceânica verdura das suas pastagens privilegiadas! Como nos sentimos pequenos, diante da magnificência da criação, que se ostentam nos campos do Sul.

Com o conhecimento que tinha da língua francesa e com a facilidade com que manejava o espanhol, adquiriu, sem favor, vasta cultura, sobretudo das literaturas francesa e espanhol.

Constante notável em seu estilo é a citação amiudada de autores estrangeiros, principalmente dos clássicos franceses, em cujo inesgotável manancial abeberou-se sua fina inteligência.

Tão profunda foi a sua admiração pela França e tão acentuada a sua inclinação pela língua e pela literatura francesas, que um cultor do idioma pátrio, certa feita, lhe fez uma observação, ao saber que iria pronunciar uma conferência sobre o idioma de Rousseau:

“Porque não fala sobre a nossa língua?”

A resposta veio na própria conferência pronunciada no Grêmio “Castro Alves”, da cidade de Campo Grande, a 14 de julho de 1943, sob o título: “A língua francesa ontem e hoje”, na qual declarava:

“E assegurar-vos podemos, senhores, o que o apego que temos pela França, a essa França que não pode morrer nunca, porque ela vive da seiva da imortalidade, essa dilação pela França não pode jamais enfraquecer o amor que a natureza nos ligou à língua de nossa Pátria, língua que desde os primeiros balbucios, si tanto fala ao coração, é, também, um dos mais caros inalienáveis atributos do espírito”.

Sua produção espiritual foi, sem dúvida, das mais apreciáveis. Contudo, em seu discurso de posse, falava Fragelli na *“floração outonal que ainda poderia vir”*, mas que infelizmente, não veio, porque a morte o surpreendeu, numa triste madrugada de 16 de fevereiro, menos de dois anos após o seu ingresso nessa Casa.

Recebeu a morte serenamente, de consciência tranqüila, na certeza de haver cumprido sua missão na terra.

A quem vive a vida que ele viveu, aplicam-se aqueles versos do poeta José de Mesquita, coração e alma da nossa Academia:

*Vivendo bem, nem mesmo a morte te apavora
Pois, ao justo, ela é como se a porta fosse,
Que se abre, após a noite, a uma eternal aurora.*

*A boa vida faz à morte boa amar,
A ver nela tal como um sono amigo e doce,
Após um dia de penoso labutar”.*

Lenine de Campos Póvoas

Nascido em Cuiabá a 4 de julho de 1921, filho dos Professores Rosa de Campos Póvoas e Nilo Póvoas.

Formação Escolar

Estudos primários e secundários em sua cidade natal. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, turma 1945.

Nos anos em que cursou a Universidade lecionava Geografia nos Colégios “Paula Freitas”, “Rei Barbosa”, “Anglo-Americano” e “Andrews” do Rio de Janeiro.

Cargos Públicos que exerceu

- Deputado Estadual em Mato Grosso em duas legislaturas 1947/1950 (Constituinte) e 1951/1954.
- Ministro (hoje Conselheiro) do Tribunal de Contas do Estado.
- Professor, por concurso, da cadeira de Geografia Humana da Escola Técnica de Comércio de Cuiabá.
- Professor Titular da cadeira de Direito Penal do Departamento de Direito da Universidade Federal de Mato Grosso.
- Vice-Governador do Estado, pelo voto direto, eleito a 3 de outubro de 1965.
- Diretor Superintendente da Cia Matogrossense de Mineração - METAMAT.
- Secretário de Administração do Estado no Governo José Fragelli, tendo sido o implantador da Secretaria.
- Presidente da Fundação Cultural de Mato Grosso no governo Garcia Neto, tendo sido o implantador da Fundação.
- Chefe da Casa Civil do Governo do Estado em 1990.
- Presidente da Academia Matogrossense de Letras por 10 anos.

Instituições a que pertence:

- Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.
- Membro efetivo da Academia Matogrossense de Letras.

- Membro efetivo da Academia Sul-Matogrossense de Letras.
- Membro efetivo da Academia de Letras, Cultura e Artes do Centro-Oeste.
- Membro correspondente da Academia Paulistana de História.
- Membro correspondente da Academia Maranhense de Letras.
- Membro correspondente da Academia Espiritossantense de Letras.
- Membro correspondente da Academia de Letras de Brasília.

Condecorações e diplomas

- Ordem do Mérito Mato Grosso - grau de Grande Oficial.
- Comenda Filinto Müller - da Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso.
- Medalha do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso.
- Medalha da Câmara Municipal de Cuiabá.
- Diploma de Benemérito dos Desportos Matogrossenses.
- Diploma pelos serviços prestados à Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e ao Advogado Matogrossense.
- Diploma de Benemérito Constituinte da Assembléia Legislativa do Estado de MT.
- *Medalha de Membro Honorário Especial da Federação das Academia de Letras do Brasil.*

Prêmio Internacional

- Detentor do prêmio internacional "Pero Vaz de Caminha", outorgado pelo Centro de Turismo de Portugal, órgão do Ministério do Interior de Portugal.

Prêmio Nacional

- Prêmio Clio de História, da Academia Paulistana de História, outorgado pelo livro "Os Italianos em Mato Grosso".

Atividades Jornalísticas

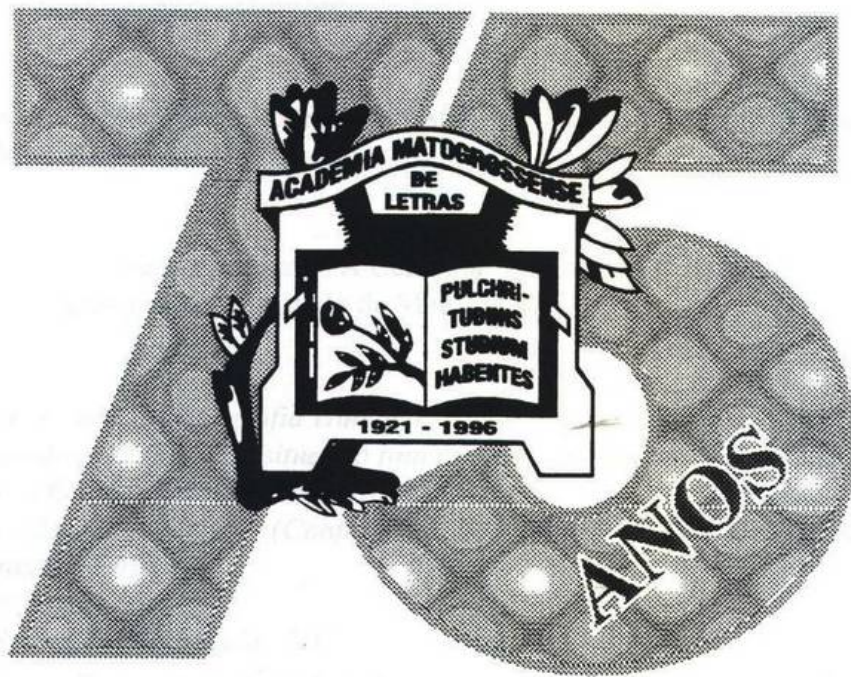
- Jornalista, fundou o órgão estudantil "A Centelha" e o jornal "A Batalha".
- Colaborou em vários jornais do Estado de Mato Grosso.

Publicações

- *Introdução ao estudo da Geografia Humana* - 1944.
- *Panorama sombrio (Análise da situação financeira do Estado de MT)* - 1950.
- *Síntese Geográfica dos Estados Unidos* - 1955.
- *Radiografia de Mato Grosso (Conferência aos estagiários da Escola Superior de Guerra do Brasil)* - 1967.
- *Viagem a Portugal* - 1970.
- *Uma nova Secretaria do Estado* - 1974.
- *Administração de Pessoal (Palestra aos servidores do SNI - Agência de Campo Grande/MT)* - 1975.
- *A Secretaria de Administração no ano de 1974 - 1975.*
- *Mato Grosso, um convite à fortuna* - 1977.
- *Sobrados e Casas senhoriais de Cuiabá* - 1980.
- *História da Cultura Matogrossense* - 1982.
- *Influência do Rio da Prata em Mato Grosso* - 1982.
- *Perspectivas Democráticas e Econômicas da Grande Cuiabá* 1983.
- *Cuiabá de Outrora* - 1983.
- *O Ciclo do Açúcar e a política de Mato Grosso* - 1983.
- *Roteiro Sul-Americano* - 1984.
- *Síntese de História de Mato Grosso* - 1985.
- *Viagem a Portugal - 2ª ed.* - 1986.

- *O Estado de Mato Grosso (Texto escrito para o livro "mato Grosso - Fronteiras", do fotógrafo David Drew Zingg, edição patrocinada por Esteve Irmãos) - 1985.*
- *História de Cuiabá - (Texto escrito para o livro "Páginas Amarelas - Guia da Grande Cuiabá", editado por Gilberto Hubber) - 1987.*
- *Cuiabanidade - Crônica sobre Cuiabá e sua gente - 1987.*
- *Na Tribuna da Imprensa - 1987.*
- *Cadeira nº 40 (Discurso de Posse na Academia Sul-Matogrossense de Letras) - 1987.*
- *O Cáo Brasileiro - 1988.*
- *Os Italianos em Mato Grosso - 1989.*
- *Nilo Póvoas, um mestre - 1991.*
- *O Barão de Melgaço - 1994.*
- *As raízes portuguesas de Cuiabá (Discurso na Academia Matogrossense de Letras) - 1988.*
- *História Geral de Mato Grosso (2 vol.) - 1996.*

JUBILEU DE DIAMANTE



| | |
|---|--|
| Patrono: José Thomaz de Almeida Serra | Ocupantes: Olegário Moreira de Barros João Moreira de Barros João Alberto Novis Gomes Monteiro |
|---|--|

João Alberto Novis Gomes Monteiro

Em 1945, para se enquadrar nas Normas da Federação das Academias de Letras do Brasil, o número de Cadeiras da Academia Matogrossense de Letras foi elevado para 40 . Nesta época, então, foi criada a Cadeira Nº 34, que trouxe, remanejados da Cadeira de Nº 16, o patrono - poeta José Thomaz de Almeida Serra - e o seu ocupante - acadêmico Olegário Moreira de Barros - que viria a ser sucedido pelo acadêmico João Moreira de Barros e, na seqüência pelo redator destas linhas.

José Thomaz de Almeida Serra

Sinto especial orgulho em ocupar a Cadeira patrocinada por este que foi, apesar de tão pouco ter vivido, um dos mais sensíveis e inspirados poetas que têm o nome ligado a esta Casa. E, como soube transmitir a sua sensibilidade e inspiração!

Vejam como ele canta a sua musa no soneto *Câmara de Virgem*:

*“Quando a luz do luar bate-lhe em cheio
nas formas de primor escultural,
julgo fitar a Vênus sensual,
num langue, voluptuoso devaneio...
No suave ondular do lindo seio,
julgo ouvir a música ideal,
que me transporta à plaga celestial
de uma aurora louçã ao bruxuleio.
Sinto, então, essa febre de desejos
que nos acende a fruta proibida,
no mais doce e propício dos ensejos...
E vendo-a semi-nua, adormecida,
cubro-a de um turbilhão de beijos:
“morte, morte de amor, melhor que a vida!”*

E era quase um garoto!...um menino que, como tantos outros grandes poetas de outrora, nos foi roubado pela, então incurável, tuberculose pulmonar.

José Thomaz de Almeida Serra nasceu em Cuiabá, a 7 de março de 1866, filho de Ricardo Franco de Almeida Serra - neto do heróico defensor do Forte de Coimbra - e d. Custódia Augusta de Almeida Serra. Fez seus estudos em nosso Seminário Episcopal, que freqüentou no intuito de seguir a carreira eclesiástica, da qual veio a desviar-se assentando praça no Exército. Depois de ter trocado a cruz pelas armas, deixou, também a farda e tornou-se um burocrata, vindo a falecer, no exercício do cargo de Escrivão dos Feitos da Fazenda, a 30 de março de 1.889; portanto, aos 23 anos.

Era um espírito educado e colaborou, com brilho, em diversos jornais desta Capital, principalmente no "A Situação".

Lenine Póvoas, em sua *História da Cultura Matogrossense*, cataloga José Thomaz de Almeida Serra como um dos nossos primeiros românticos e diz que "(...)a sua poesia mostrava-se impregnada do lirismo de Álvares de Azevedo".

Deixou, o jovem poeta, um livro de versos, inédito e, lamentavelmente, de paradeiro ignorado.

Já fazendo a transição da abordagem do Patrono para o Primeiro Titular da Cadeira 34, Olegário Moreira de Barros, vejamos um pouco do que este nos disse ao tomar posse, ainda na Cadeira 16 em 1930, sobre José Thomaz de Almeida Serra:

"Lírico de começo nos madrigais com que incensava a mulher, foi, aos poucos, descendo sobre a alvorada do seu amor, tarjas de melancolia, a gemer e a gemer..."

Ei-lo a florir em doce lirismo:

*Esquece esses idílicos inocentes
Balbuciados à luz d'ardente lua.
o meus lábios sôfregos, ardentes
Beijavam docemente a trança tua .*

O sopro lírico, tão leve e sutil sobe da ternura imensa do poeta e entramos a alma adentro.

Aqui, é a graça e a espontaneidade:

*Nesse retiro, morena,
corre-te a vida serena,
Passas a rir, a brincar...
Tu és a mágica fada,
Desse vivente palmar.*

*Entre infantis alegrias
Vão deslizando teus dias
Sem sombra de dissabor ...
No seio da Natureza,
Tu, alma é toda pureza
Toda-ilusão, toda-amor!*

*Ei-lo, afinal, quase em êxtase:
Meu desejo ? Era ser a luva branca
Que essa tua gentil mãozinha apertada
A camélia que murcha no teu selo
O anjo que, por te ver, do Céu desperta.
É o reinado maravilhoso do coração. Deixe-o falar."*

E, após esta pequena amostra da bela redação de **Olegário Moreira de Barros**, primeiro titular da Cadeira 34, ao referir-se ao nosso patrono, passo a seus dados biográficos.

Advogado, jornalista e orador, nasceu em Corumbá, a 6 de março de 1890 e faleceu, na mesma cidade, a 6 de janeiro de 1969. Foi bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Como advogado e como homem dedicado às coisas públicas de Mato Grosso exerceu os cargos de: Delegado e Chefe de Polícia do Estado, Consultor Jurídico, Procurador Geral, Juiz de Direito, Secretário Geral do Estado, Desembargador e presidente do Tribunal de Justiça, tendo sido, no exercício desta função, nomeado Interventor Federal no Estado. Permaneceu à frente do Governo estadual de 8 de novembro de 1945 a 8 de julho de 1946.

Como jornalista foi diretor da Imprensa Oficial e colaborador dos jornais : "O Debate", "O Cruzeiro", "O Republicano", "Correio do Estado", "O Democrata", "O Constitucionalista". "O Evolucionista" - todos de Cuiabá - e "Diário de Corumbá", "A Tribuna" e "A cidade de Corumbá", da sua terra natal. Sua colaboração também se fez nas revistas "Mato Grosso", da Academia Matogrossense de Letras, e "A Violeta" - ambas editadas em Cuiabá.

Figura humana simples, querida e respeitada por todos do seu convívio, o dr. Olegário, poderá ser citado, também como um dos maiores oradores matogrossenses da sua época e um grande incentivador das Letras.

João Moreira de Barros

Advogado, escritor, jornalista e Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, João Moreira de Barros, foi o segundo titular desta Cadeira - a igualdade de sobrenomes, destes meus antecessores, é pura coincidência assim como o é, todos, desde o patrono até este presente titular, terem nascido no mês de março.

João Moreira nasceu a 3 de março de 1914 em Cuiabá e faleceu, tragicamente, a 11 de abril de 1987 em uma rodovia de Mato Grosso do Sul. Deixou-nos as seguintes obras: *Ministério Público e a Justiça de Contas*, de 1965; *Orçamento - sua Execução e Fiscalização*, de 1970; *Tribunal de Contas e Fiscalização Orçamentárias e Financeiras dos Municípios*, de 1972; *O lado pitoresco das eleições*, de 1973; *Alguns aspectos da Revolução de 64 Vistos de um Canto de Jornal*, 1973; *Cuiabá e seu passado*, 1982 e *Cuiabá de hoje*, de 1984.

Dono de uma redação simples e agradável, sempre que possível bem humorada, suas obras literárias prendem e divertem os leitores.

Sinto, por, enorme a minha responsabilidade, pelo valor dos que me antecederam e pelo patrono que tem a Cadeira que ocupo e, deles, sempre espero luzes para que eu não venha a desmerecer uma seqüência tão ilustre.

João Alberto Novis Gomes Monteiro

Dados Pessoais

Filiação: Deodato Gomes Monteiro e Aracy Novis Gomes Monteiro
Naturalidade: Cuiabá / Mato Grosso
Data de Nascimento: 23 de março de 1931
Profissão: Médico
Estado Civil: Casado

Escolaridade

Curso Primário

- Escola Modelo Barão de Melgaço - Cuiabá / MT - de 1938 a 1941

Curso de Admissão ao Ginásio

- Curso das Professoras Ana Leite e Isabel de Campos - Cuiabá - 1942

Curso Ginásial

- Liceu Cuiabano (Colégio Estadual de Mato Grosso) - Cuiabá - 1943 a 1946

Curso Científico

- 1º e 2º anos: Liceu Cuiabano - 1947 e 1948

- 3º ano: 1º semestre: Instituto Lafayette - Rio de Janeiro / RJ

2º semestre: Colégio Rezende - Rio de Janeiro / RJ

Curso Superior - Medicina

- Faculdade de Ciências Médicas - Universidade do Distrito Federal atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Cursos de Extensão Universitária

- Curso de Cirurgia de Urgência - Prof. Júlio Sanderson de Queiroz Rio de Janeiro / DF - 1952

- Curso de Radiologia Clínica - Prof. Manoel de Abreu - Rio de Janeiro / DF - 1953

- Curso de Proctologia Clínica - Prof. Raul Pitanga Santos - Rio de Janeiro / DF - 1954

- Curso de Fisioterapia - Prof. Waldemar Bianchi - Rio de Janeiro / DF - 1955

- I Curso para Chefes de Agência do INPS - Corumbá / MT - 1967

- XX Curso de Aperfeiçoamento em Cirurgia de Varizes - Pro. Mário Degni - São Paulo / SP - 1970

- II Curso de Cirurgia Plástica Reparadora - Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica Rio de Janeiro / RJ - 1972

- Curso de Colpocitologia do IASERJ - Rio de Janeiro / RJ - 1977

- Curso de Oncologia Clínica do Hospital Nacional do Câncer - Rio de Janeiro / RJ - 1977

- Curso de Mastologia do Hospital Nacional do Câncer - Rio de Janeiro / RJ - 1977

Aprovações em Concursos

- Concurso para Acadêmico da Assistência Municipal da Prefeitura do Distrito Federal - Rio de Janeiro / DF - 1954

- Concurso para Acadêmico do SAMDU - Rio de Janeiro / DF - 1954

- Concurso para Interno da Maternidade do Instituto Fernandes Figueira (hoje Maternidade Clóvis Corrêa da Costa da Fundação Oswaldo Cruz) do Ministério da Saúde - Rio de Janeiro / DF - 1954

Cargos e Funções exercidos

- Interno dos Serviços de Cirurgia do IAPI - Rio de Janeiro - 1953 a 1955

- Estagiário da 7ª Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro / DF - 1954

- Estagiário da Maternidade Carmela Dutra, do SESC - Rio de Janeiro / DF - 1954 e 1955

- Médico do Instituto Fernandes Figueira - Ministério da Saúde Rio de Janeiro / DF - 1955 e 1956

- Médico-Assistente da Cadeira de Obstetrícia da Faculdade de Ciências Médicas - (Universidade do Distrito Federal) Rio de Janeiro - 1955 a 1956

- Médico da Prefeitura Municipal de Corumbá - Corumbá / MT - 1965 a 1967

- Médico do SAMDU - Corumbá / MT - 1960 a 1963

- Médico-Chefe do 8º Distrito Sanitário, Secretaria de Saúde do Estado de Mato Grosso - Corumbá / MT - 1960 a 1963

- Médico-Chefe do IPEMAT - Corumbá / MT - 1963 a 1968

- Coordenador Médico do INPS - Corumbá / MT - 1967 a 1967

- Revisor Técnico das Contas Médicas do INPS - Corumbá / MT - 1974 a 1976

- Membro do Corpo Clínico do Hospital de Caridade da Sociedade Beneficência Corumbaense - Corumbá / MT - 1957 a 1983

- Chefe do Serviço de Ginecologia do Hospital de Caridade - Corumbá / MT - 1975 a 1983

- Supervisor Hospitalar do INPS - Petrópolis / RJ - 1976
- Chefe-substituto do Serviço de Assistência Médica do INPS - Petrópolis / RJ - 1977
- Médico do Hospital de Oncologia do INPS - Rio de Janeiro / RJ - 1977
- Representante do INAMPS na implantação das Ações Integradas de Saúde - Cuiabá / MT - 1984
- Co-gestor do Hospital Adauto Botelho - como representante do INAMPS - Cuiabá / MT - 1984
- Chefe da Medicina Social Local do INAMPS - Cuiabá / MT - 1985 até a aposentadoria

Trabalhos Médicos Publicados

- Anomalia Congênita do Colo Uterino e Câncer "*In situ*" - Sinopse de Ginecologia e Obstetrícia - São Paulo/SP - nº II, outubro de 1979

Congressos e Jornadas Médicas

- Participação no "I Congresso Matogrossense de Educação e Saúde" - Cuiabá / MT - 1963 (que deu origem à Fundação de Saúde de Mato Grosso - FUSMAT)
- Apresentação de Trabalho do "XI Congresso Brasileiro de Patologia" - Brasília / DF - 1979
- Organizador da "1ª Jornada Médica do Pantanal" (Jormepan) - Corumbá / MT - 1973
- Participação em inúmeros outros Congressos e Jornadas Médicas

Cursos Não-Médicos

- Curso da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra - Organizado pelo Contra-Almirante Acir Dias de Carvalho Rocha em Corumbá / MT - 1964, tendo sido relator do grupo que apresentou o Trabalho "A influência do índice de natalidade no poder nacional", tema até então reservado e polêmico.

Como Proprietário e Produtor Rural

- Ex-associado do Sindicato Rural de Corumbá / MS
- Ex-associado da Cooperativa de Crédito do Pantanal - Corumbá / MS
- Ex-associado da Associação dos Criadores de Mato Grosso - Cuiabá / MT

Prêmios e destaques de Trabalhos Culturais

- Homenagem em *Rosas de Ternura para o berço de Rondon* - antologia publicada pelo poeta-acadêmico Newton Alfredo, referente aos "1ºs jogos Florais de Cuiabá" - 1969 p. 79
- 11º lugar no "Concurso de Trovas da Sociedade Brasileira de Trovadores" - Corumbá / MT - 31/10/1971
- 1º e 2º lugares no "I Festival de Músicas Carnavalescas da Rede Matogrossense de Televisão" - Corumbá / MS - 1983
- Semi-finalista no Ponteio - Concurso de Músicas Sertanejas - Cuiabá / MT - 1984

Alguns Discursos e Conferências

- Conferência sobre *Climatério* - Universidade da Terceira Idade - UFMT - Cuiabá / MT - 1995
- Discurso como representante dos agraciados com a Medalha *Amigos da Marinha* - Cuiabá / MT - 1995
- Participação no Painel sobre Divisão de Mato Grosso, para os oficiais-alunos da Escola de Comando e Estado Maior do Exército - 13ª Brigada de Infantaria Motorizada - Cuiabá / MT - 24/08/1995
- Discurso de posse como Presidente da Academia Matogrossense de Letras - Cuiabá - MT - 06/09/1995
- Discurso de recepção, na Academia Matogrossense de Letras, ao acadêmico Roberto de Oliveira Campos - Cuiabá / MT - 15/09/1995

Publicações Não Médicas

- Farta colaboração na Imprensa Local e nacional, em jornais e revistas: contos, crônicas, biografias e comentários

Livros Publicados

- *Ouvindo Cachoeiras* - Ed. do autor - Gráfica Genus - Cuiabá / MT
- *O Boateiro e sua janela mágica* - Ed. da Academia Matogrossense de Letras, sob o patrocínio das Telecomunicações de Mato Grosso/SA - TELEMAT - Cuiabá / MT

Edições no prelo

- **Histórias do velho Mato Grosso** - edição da Secretaria de Cultura / MT em colaboração com a Academia Matogrossense de Letras - Cuiabá / MT

Inéditos

- **Vida roubadas**: romance policial de ficção médico-científica
- **O Gênesis segundo um João**: conceitos sobre a origem do homem, face aos conhecimentos científicos atuais.

Participação em entidades sócio-culturais

- Sócio efetivo da Sociedade **Amigos de Rondon** - Cuiabá / MT
- Membro efetivo do **Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso** - Cuiabá / MT
- Membro titular da **Academia Matogrossense de Letras** - Cadeira 34 - Cuiabá / MT
- 1º Tesoureiro da **Academia Matogrossense de Letras** - 1991 e 1992
- Secretário Geral da **Academia Matogrossense de Letras** - 1993 e 1994
- Presidente da **Academia Matogrossense de Letras** - desde 06/09/1995
- Sócio da **Associação dos Amigos da Marinha de Mato Grosso** - SOAMAR/MT

Distinções

- Diploma de Sócio Benemérito da **Sociedade Beneficência Corumbaense**
- Medalha "Amigo da Marinha"

| | | |
|--------------------------------------|-----------------------------------|--|
| Patrono: Joaquim Mendes | Pereira Ferreira | Ocupantes: José Jayme Ferreira de Vasconcellos João Villasbôas Newton Alfredo de Aguiar Clóvis de Mello |
|--------------------------------------|-----------------------------------|--|

Clóvis de Mello

Joaquim Pereira Ferreira Mendes

Ao referir-se à personalidade do seu egrégio patrono, Jayme de Vasconcellos proferiu estas palavras imorredouras:

“Considero para mim, como um verdadeiro prêmio aos meus continuados esforços, como advogado e como jornalista, em prol do prestígio da Justiça e do irrestrito acatamento aos magistrados, a honra de vir a ocupar, nesta Academia, a cadeira que tem como Patrono o saudoso Desembargador Joaquim Ferreira Mendes, que durante 30 anos enobreceu a toga de Juiz, tendo durante vários anos dignificado a curul de presidente do Tribunal e Apelação de Mato Grosso.

Os meus trabalhos, na imprensa ou no livro, sempre e invariavelmente refletem o meu alto respeito por esses sacerdotes do Bem e da Equidade, que são os juízes, a cujo saber e integridade está confiada a nobre tarefa de fazer respeitar os direitos dos fracos e dos oprimidos, obrigando os fortes e os potentados a se curvarem ante a serena majestade da Lei, fazendo com que as normas abstratas do Direito se alteiem muito acima dos ódios personalistas e das ambições subalternas e interesseiras.

Assim, - já o disse algures - homenagear-se a Justiça, é render homenagem à própria Ordem, à própria Segurança, à própria Soberania Nacional, em uma palavra, à própria nacionalidade, que na Justiça tem a pedra angular em que se ergue o majestoso edifício social.

O patrono da nossa cadeira, esse ilustre matogrossense que foi o Desembargador Ferreira Mendes, representa, para a Justiça matogrossense, um verdadeiro expoente de alto critério, de sólida cultura, e inatacável probidade. E a sua vida privada foi igualmente um modelo de virtudes, que vêm sendo continuadas por seus dignos descendentes, notadamente os nossos confrades Dr. Lamartine Ferreira Mendes e Professor Francisco Ferreira Mendes.

A personalidade do Desembargador Ferreira Mendes, malgrado a sua modéstia, o seu retraimento, o seu quase horror à publicidade em torno do seu incessante e fecundo labor em prol dos interesses do Estado - já como Secretário da Justiça do Governo do saudoso Presidente Joaquim Augusto da Costa Marques, já como íntegro e culto magistrado, na primeira como na superior instância - destaca-se, na história dos primeiros anos da República em Mato Grosso, num relevo incisivo, a que o perpassar dos anos dá maior nitidez, como sucede com a pátina dos tempos nos velhos bronzes romanos.”

José Jayme Ferreira de Vasconcellos

Em nome desta Academia, em 20 de janeiro de 1945, dele disse o nosso confrade, o Historiador Francisco Alexandre Ferreira Mendes:

"Nasceu o Sr. Jayme de Vasconcellos, no Distrito Federal a 10 de Fevereiro de 1888, sendo seus pais o engenheiro português Dr. Antônio Ferreira de Vasconcellos e D. Maria Teresa de Mendonça Barreto Meneses de Vasconcellos. Formou-se em direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, em 1916, dedicando-se desde então à advocacia. A imprensa foi sempre a sua arma de ação, tendo colaborado em quase todos os jornais do Rio de Janeiro, destacando-se "O País", em que firmou sua carreira política.

Vindo para Mato Grosso a convite do Interventor Camilo Soares, fixou residência em Campo Grande para onde fora então, nomeado Promotor Público. Desde 1923 a 1926 e de 1929 a 1930, representou Mato Grosso na Assembléia Legislativa do Estado, marcando a sua atuação com caracteres cintilantes do seu talento e da sua cultura. A sua obra em prol da prosperidade pátria, está para sempre assinalada nas condecorações que ornamentam as suas brilhantes conquistas e que constituem por certo, verdadeiro padrão de glória e estímulo, tais as palmas acadêmicas e o título "Oficier de 1^a Instrution Publique", com que o agraciou o Governo da França; a Cruz de Cavaleiro da "ordem de Isabel, a Católica", concedida pela Espanha; a Cruz e Diploma de "Cav. Ufficiale" da "Real Ordem da Coroa d'Italia", a comenda de 1^o Oficial da "Ordem Nacional del Mérito", concedida pela República do Paraguai.

Quem assim credenciado transpõe os umbrais desta casa, há de prosseguir na obra glorificadora da imortalidade, dignificando os sublimes feitos pátrios e honrando a clâmide que a Academia Matogrossense de Letras deposita sobre seus ombros."

O Prof. Francisco Mendes, ilustre filho do nosso Patrono, Des. Ferreira Mendes, em outra passagem de sua saudação a Jayme de Vasconcellos, acrescentou:

"O gênio não define e a glória é recompensa aos serviços relevantes prestados à humanidade, à pátria, às ciências e às letras. A Academia Matogrossense de Letras já glorificou a justiça neste preito de alta magnitude. E sendo ela a força da inteligência, o ninho da cultura em cujo seio agasalhante o Estado deposita com fé, todas as esperanças do seu futuro, da sua grandeza, esta consagração basta para evidenciar a nobreza moral, a gratidão sublime dos homens do presente, que respeitam e cultuam a probidade e o caráter, a dignidade e o saber dos varões ilustres que a terra sublimaram".

O Acadêmico Jayme de Vasconcellos, autor de numerosas obras jurídicas, era Presidente da Associação Matogrossense de Imprensa, Membro dos Institutos Históricos de Mato Grosso, de Minas Gerais, do Ceará, do Maranhão e de São Paulo, bem como Professor da Faculdade de Direito de Mato Grosso.

João Villasbôas

Dr. Lenine de Campos Póvoas, na apresentação dos poemas, reunidos sob o título de "A Canção da Minha Dor", de autoria de João Villasbôas, traçou, em síntese lapidar, o perfil do ilustre homenageado:

"Inteligência brilhantíssima, cultura aprimorada, talento invulgar, João Villasbôas dedicou toda a sua vida à política e às lides do Direito, tendo exercido os mandatos de Deputado Estadual, Deputado Federal e Senador da República, além de muitos outros cargos de alto destaque nas administrações do Estado e do País.

No Senado, onde mais tempo permaneceu, representou, com brilho excepcional, o seu Estado Natal, tornando-se, pela cultura jurídica, pelo vasto conhecimento especializado de Direito Eleitoral e pelo seu devotamento aos interesses de Mato Grosso e do Brasil, figura expressiva da Câmara Alta da República, o que o levou a representar o Congresso Nacional, em inúmeras oportunidades, em memoráveis conclaves internacionais.

Orgulho dos juristas matogrossenses, com várias obras de Direito publicadas, João Villasbôas notabilizou-se também, mercê do seu talento literário, como um dos nossos mais inspirados poetas."

Da obra "A Canção da Minha Dor", 1979, Edição da Fundação Cultural de Mato Grosso, extraio estas magníficas estrofes:

III

*Tua ausência
meu amor,
foi a enxada brutal
com que o coveiro estúpido e boçal
da atroz fatalidade,
na frieza da sua inconsciência,
abriu dentro em meu peito a sepultura,
onde inhumou, envolto na amargura,
todo o meu sonho de felicidade.*

IV

*Eu oiço em toda parte os hinos da alegria
- e só dentro em meu peito os uivos da agonia.*

*A natureza canta a glória de viver
- e meu coração pede o gozo de morrer.
Amor anda aos casais beijando-se na rua
- e eu curto a solidão feroz da ausência tua.*

V

*Lá fora
o dia nasce ingrinaldado em rosas...
música de luz na palidez da aurora,
carícias de mulher na brisa perfumosa,
arruídos de beijos
no rugir do mar,
estuo de desejos
no alarido infernal das aves a cantar.*

.....
*E, assim, durante o dia,
a vida crepita
e a alegria
por toda parte altíssima palpita*

VI

*A noite desce...
No céu a lua cheia resplandece
em meio das estrelas cintilantes,
com a brancura de uma eucaristia
n'um obtensório feito de diamantes...
E no espelho polido da baía,
mirando satisfeita,
põe um lençol de prata liquefeita.*

*Uma orgia de luz invade as ruas...
Os auto-falantes gritam...
E os cinemas regorgitam
de melindrosas seminuas.*

.....
*E, por toda noite em fora,
o anseio do prazer sacode as vidas
na lascívia dos jazz febricitantes,
que, até o vir da aurora,
une os corpos suados dos amantes
na volúpia das danças repetidas.*

VII

*Só aqui reina a tristeza...
Nesta casa, hoje vazia
da tua beleza
e da tua mocidade,
o tédio fez a sua moradia
ao lado da saudade.*

João Villasbôas, ilustre filho da querida Cáceres, exerceu por mais de quatorze anos a liderança da bancada oposicionista no Senado da República. Parlamentar, de 1927 a 1963, exerceu duas vezes o mandato de Deputado Federal e, por três vezes, foi eleito Senador da República, numa longa e intensa vida parlamentar, durante a qual sempre defendeu as grandes causas de Mato Grosso e na comunidade nacional. Bacharel em Direito pela Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais, do então Distrito Federal, Turma de 1914, exerceu em nosso Estado diferentes funções públicas, tais como: Diretor da Imprensa Oficial, Delegado de Polícia da Capital, Chefe de Polícia do Estado e Procurador Geral do Estado. Jornalista de escol, colaborou em numerosos órgãos da imprensa e fundou seu próprio jornal, em cuja direção enfrentou as mais violentas lutas político-partidárias, indo até a Revolução Armada, o que lhe acarretou o exílio na República da Bolívia. Advogado dos mais brilhantes, conquistou João Villasbôas posição de destaque na cultura jurídica nacional, havendo publicado obra singular, única no gênero, sobre Hipoteca Naval. No âmbito da administração federal, exerceu altas funções, como a de membro do Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais. Jurista, parlamentar, jornalista, orador e poeta, foi membro da Academia Matogrossense de Letras e Presidente de Honra do Centro de Estudos e Atividades Artísticas.

João Villasbôas foi casado com a Exa. Sra. Dra. Isabel Santiago de Carvalho Villasbôas.

Newton Alfredo de Aguiar

Newton Alfredo de Aguiar nasceu em Cuiabá, a 18 de junho de 1923, e faleceu, nesta Capital, em 08/04/87. Filho do Dr. Júlio Ferreira de Aguiar e de D. Alice Vieira de Aguiar, era casado com a querida Profa. Stella Maria de Campos Aguiar. Seus estudos, primário e secundário, foram realizados no Rio de Janeiro, onde se diplomou, também em Taquiografia.

Publicou:

- *Sonata ao Luar* - radioteatro
- *Miosótis* - trovas
- *Rosas e Ternura para o Berço de Rondon* - Documentário dos I Jogos Florais de Cuiabá
- *Rua do Tempo* - poemas modernos
- *Os Maus Também Choram* - peça teatral encenada nesta Capital.

Taquógrafo e Redator de Debates da Câmara Municipal de Cuiabá, que lhe outorgou o Diploma da "Ordem do Mérito Legislativo". Pertenceu a várias Entidades Culturais do País e do Exterior; recebeu diversas condecorações, inclusive Diploma do Instituto de Cultura Americana, da República Argentina.

Amigo dileto, Newton Alfredo a todos tratava com distinção e fidalguia. Possuidor de rara sensibilidade artística, Newton Alfredo nasceu poeta.

De "Miosótis", edição de 1968, Gráfica Auriverde Ltda., destaco estas trovas:

48

*A saudade fere a gente
fere a gente, devagar...
E à medida que ela fere,
mais faz a gente sonhar!*

49

*Na vida, a minha fortuna
usa sala e é bem singela...
Tem olhos da côr da noite,
é santa e se chama Stella.*

54

*As trovas que eu te componho
são luzes pelo caminho...
pedaço deste meu sonho
e filhas do meu carinho.*

Em "PREVISÃO", poema dedicado a Pablo Neruda, constante de sua obra "Rua do Tempo", 1978, Edição da Fundação Cultural de Mato Grosso, pág. 49, assim versejou o poeta:

*Degolarei todos os ídolos de barro
e apontarei aos homens um novo caminho.
Novos mercadores se formarão
e novas caravanas renovarão a história dos séculos.*

*Os mares - que serão outros -
anularão divisas.
E os homens fortes, rígidos,
serão os donos de seus barcos,
numa Terra em que viverão como irmãos.
Um novo arco-íris marcará a gênese de uma nova aurora
depois do dilúvio.
Eu inventarei uma nova história para outros Reis magos
e um novo Sermão da Montanha
reconstruirá cérebro, corpo, alma e cidades.
Os meus dedos de aço dedilharão novas sinfonias
para os meninos-aprendizes.
Do coração da terra brotarão sorrisos
e novas luzes formarão uma outra Noite.*

Sempre tive a maior admiração pelos poetas e pelos sonhadores. São eles os visionários do futuro, os gênios que fazem como que a ligação entre "o que se vê e o que não se vê" e entre "o que se conhece hoje e aquilo que se conhecerá um dia".

Clóvis de Mello

Dados Pessoais

Clóvis de Mello

Nascimento: Cuiabá, a 18 de maio de 1933

Filiação: Virgílio Corrêa de Mello

Clotilde de Miranda Mello

Formação Escolar

Curso Superior: Bacharel em Direito

Faculdade de Direito - UERJ - 1955

Curso de Pós-Graduação: Doutorado em Direito Tributário

Universidade de São Paulo - USP - 1981

Experiência Profissional

- **Advogado militante no Estado de Mato Grosso desde 14 de março de 1956 até janeiro de 1961, tendo sua atividade principal na Comarca da Capital.**
- Em 12 de janeiro de 1964, retornou ao exercício da advocacia, até 25 de abril de 1967, quando tomou posse, em Brasília, no cargo de Juiz Federal Substituto.
- Como Advogado, representou a Ordem perante o Tribunal de Justiça, em várias oportunidades. Participou de Bancas Examinadoras de Tabeliães e de Promotor de Justiça. Inscrito OAB sob o nº 220.
- Auditor do Tribunal de Justiça Desportiva da F. M. D. no biênio 1958/1960.
- Chefe de Polícia do Estado de Mato Grosso, no período de 31 de janeiro de 1961 a 10 de janeiro de 1964.
- Chefe da Polinter e Presidente do Conselho Regional de Trânsito.
- Professor interino da Cadeira de Direito Judiciário Penal do 5º ano da Faculdade de Direito de Cuiabá, no período de 1961/1963.
- Professor da Cadeira de Direito Usual da Escola Técnica de Comércio de Cuiabá, no período de 1º de maio de 1965 a 24 de março de 1966.
- Professor Fundador da Cadeira de Prática Forense (Curso de Estágio Profissional) do Departamento de Direito da UFMT - 1971.
- Membro do Conselho da O.A.B. - MT (10 anos, aproximadamente).
- Presidente do Instituto de Previdência do Estado de Mato Grosso - IPEMAT, no período de 23 de janeiro de 1964 a 28 de janeiro de 1966.
- Membro do Conselho Penitenciário do Estado (Agosto/1965 a 30/03/1966).
- Consultor Jurídico do Centro Operário de Cuiabá, no período compreendido entre maio de 1956 a janeiro de 1961.
- Delegado da ARENA perante o Tribunal regional Eleitoral - 1966/1967.
- Procurador Municipal da Prefeitura de Várzea Grande - fevereiro a abril de 1967.
- Membro efetivo da Liga da Defesa Nacional - 1972.
- Vice-Presidente do Conselho de Representação do Projeto Rondon em Mato Grosso - 1972,
- Presidente da Região Escoteira de Mato Grosso da União dos Escoteiros do Brasil - 1971/1974.

- Membro do Conselho Departamental do Centro de Ciências Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso - 1975.

- Exerceu o cargo de Juiz Federal Substituto, no Estado de Mato Grosso, tendo tomado posse a 25 de abril de 1967, e Suplente do Juiz Federal no Egrégio Tribunal Regional Eleitoral de Mato Grosso.

- Juiz Federal Titular da 9ª Vara Federal em São Paulo desde 10/12/1976 até 10/03/1983, data de sua aposentadoria.

- Professor Assistente da Cadeira de Direito Civil do Departamento de Direito da Universidade Federal de Mato Grosso, desde agosto 1967. Professor de Direito Agrário - 1974/1976.

- Professor Adjunto da UFMT - Portaria nº GR 0230/81 - 01/09/81.

- Sub-Chefe da Casa Civil do Governo do Estado de Mato Grosso, no período de 15/03/83 a 04/06/86.

- Advogado militante, tendo retornado aos quadros da OAB/MT em 27/04/84.

Palestras e Conferências Pronunciadas ou Cursos Ministrados

- Aula de Sapiência, em 1962, na abertura dos Cursos Jurídicos da Faculdade de Direito de Mato Grosso, a 15 de março daquele ano.

- Paraninfo dos Bacharelados de 1970, da Turma "Integração Universitária" da Faculdade de Direito de Cuiabá, tendo proferido a "Oração de Paraninfo", no Campus da Cidade Universitária de Cuiabá, a 26 de dezembro de 1970.

- Paraninfo dos Bacharelados de 1971, da Turma "Professor Alcedino Pedroso da Silva", do Departamento de Direito da UFMT, tendo proferido a "Oração de Paraninfo", no Cine Tropical, nesta Capital, a 17 de dezembro de 1971.

- Paraninfo dos Bacharelados de 1975, da Turma "Des. João Antonio Neto", do Departamento de Direito da UFMT, tendo proferido a "Oração de Paraninfo" no Ginásio de Esportes da UFMT, a 17 de janeiro de 1976.

- proferiu numerosas conferências, discursos e palestras, na qualidade de Advogado, Professor, Político e Homem Público, destacando-se as palestras que tem proferido nas datas cívicas.

- "Fundamentos do Direito Agrário": Palestra proferida na VI Semana de Estudos Jurídicos da Universidade Federal de Mato Grosso - Departamento de Direito.

Produção Intelectual

* *Razões e Pareceres*, como Advogado e proferiu *Sentenças*, como Juiz Federal Substituto, em Mato Grosso, e como Juiz Titular em São Paulo.

* *As Estruturas Fundamentais do Constitucionalismo: histórico e evolução* - DIP Editores - S. Joaquim da Barra - SP, 1979 (Revista Trimestral de Jurisprudência dos Estados, v.12).

- Monografias:

* *Princípios Fundamentais do Direito Agrário* - Palestra proferida a 13/08/75, na UFMT - Publicados na R.T.J. dos Estados, v.3.

* *As Bases do Direito Tributário na Constituição* - Publicados na R.T.J. dos Estados, v.6.

* *O Poder Moderador* - Publicados na R.T.J. dos Estados, v.10.

Entidades a que Pertence

- Membro do Instituto brasileiro de Direito Tributário

- Membro da Associação Brasileira de Direito Financeiro

- Membro do Instituto Paulista de Direito Agrário

- Membro da "International Fiscal Association"

- Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso

- Membro efetivo do Instituto dos Advogados Mato-grossenses
- Conselheiro da OAB-MT - biênios 1957/1959 - 1959/1961 - 1965/1967 - 1987/1989 - 1989/1991.
- Membro efetivo da Academia Matogrossense de Letras, da qual foi Presidente.
- Vice-Presidente da OAB-MT

| | |
|--------------------------------|---|
| Patrono: Pedro Trouy | Ocupantes: Luís Feitosa Rodrigues José Couto Vieira Pontes |
|--------------------------------|---|

Pedro Trouy

Nasceu em Cáceres a 6 de junho de 1872.

De descendência francesa, teve uma importante participação na vida cultural e literária de Mato Grosso.

Ulisses Cuiabano, analisando o estilo literário de Pedro Trouy, assim considerou:

“Na obra manuscrita do vate cacerense tive a impressão de haver palmilhado nemorosas paragens inexploradas, onde, através de harmonias singelas e tiumos encantadores, ouvi os cânticos de um lirismo e genuinamente regionalista.

Encontrei, certo, nesse escrínio onde se ocultam jóias de subido valor e bom timbre, que são os seus poemas e baladas, muitos versos que escapam à rigorosa técnica da metrificação e às regras do versificar. O poeta, arrebatado pela espontaneidade da inspiração, não se preocupa demasiadamente com a forma de suas composições, que nem por isso deixam de ser magníficas e esplêndidas, e revelam a alta espiritualidade do artista, sempre impressionado pela natureza que o cerca e pelos fatos e coisas que empolgam a sua alma lhana e bondosa.

Tendo elaborado as suas poesias no decênio de 1889, já no ocaso, portanto, da fase romântica, não escapou Pedro Trouy à influência desta escola.

Admirador profundo de Casimiro de Abreu, com quem mantém manifesta e indiscutível afinidade espiritual, modula os seus melodiosos carmes de amor à feição das endechas do cantor das “Primaveras”.

‘...e na linguagem terna das endechas, cantei o meu amor!’

Não se tendo deixado enlevar pelos fulgores efêmeros das modas literárias, também não é dominado pelos excessos da escola. Procura sempre dar às suas cantinelas o cunho regionalista, talvez sob o poderoso influxo mesológico.

(...)Mas, sem estímulo e sem companheiros, deixou-se seduzir e arrastar pelo jornalismo e em seguida pela política, ‘a válvula de escapamento à intelectualidade patricia, o fio de Ariadne que, através das discussões intrincadas das manhãs partidárias, a conduzia às posições de destaque na sociedade de então’. como judiciosamente conceitua Franklin Cassiano, em seu interessante estudo sobre Ramiro de Carvalho.

Em Cáceres, foi responsável pela fundação do jornal “O Argos” e em Corumbá, participou e colaborou efetivamente junto aos periódicos “O Democrata” e “O Tiradentes”.

Sua profissão inicial foi a de guarda-livros, tendo trabalhado nesta função junto à Usina Itaici, de propriedade do usineiro e político mato-grossense, Antônio Pais de Barros (Totó Pais).

Participou ativamente do movimento armado de 1899, o qual culminou com a anulação das eleições de Presidente do Estado de Mato Grosso, na qual concorrera João Félix Peixoto de Azevedo - como Presidente -, tendo a seu lado, na categoria de 1º Vice-Presidente, Pedro Celestino Corrêa da Costa, como 2º Vice-Presidente, Francisco Alexandre Ferreira Mendes e como 3º Vice-Presidente, Pedro Antunes de Souza Ponce.

Após o término desse movimento, o qual redundou na eleição de Antônio Pais de Barros para a Presidência de Mato Grosso, Pedro Trouy foi a Deputado, onde teve uma marcante atuação junto à Assembléia Legislativa Estadual.

Faleceu ele em 1926, momento em que ocupava o cargo de Promotor Público de Santo Antônio do Rio Abaixo (Santo Antônio do Leverger).

Sempre cunhando à sua poética a ambiência regional, vejamos a poesia abaixo, exemplar nesse aspecto:

No Campo

*Fulge o sol de manhã. Pela chapada
Trina alegre a japira no arvoredo,
E de orvalho banhado, altivo e ledado,
Muge um touro, escarvando na quebrada.*

*Dos vaqueiros a turma, sobre a estrada,
De mando bem marchando, e o passaredo,
Que na alfombra brincava, vai com medo
Pousar do coqueiral na fronde alçada.*

*Cantarolando ao eco, mais adiante,
No cercado da estância, loiro infante
Encaminha o rebanho p'ra o curral*

*No Rui um pescador vaga indolente;
No entanto jorra o sol, indiferente,
Catadupas de luz no pantanal!*

Luís Feitosa Ribeiro

Nasceu na cidade de Corumbá, a 25 de agosto de 1889.

Dedicou-se às letras, tendo manifestado predileção pela poética.

Alceste de Castro, ao analisar o poeta assim se expressou:

"(...) é a poesia cinzelada, sutil, é o lírio num jarro antigo, um camafeu com silhuetas gregas. Ora panteísta, ora místico, seus versos têm a opalescência dos poentes outonais, róseos e plúmbeos, e asas de aves batendo compassadas e sinos plangentes em campanários de lírios".

Rubens de Mendonça, em sua obra "Antologia Bororo", oferece-nos um exemplo dessa poética:

Soneto

Vem, querida, vem ver o grande Estado

Do peito meu e a sua geografia:

Aqui, o mar da Dúvida, agitado;

Ali, repousa o lago da agonia.

As montanhas que vês deste outro lado,

São os montes da Dor que me a crucia;

O vulcão das Paixões está apagado

Na ilha do Abandono tão sombria.

Nos bosques dos Segredos, bem tristonho,

No solar em ruínas do meu Sonho,

Revoam da Saudade as pombas mansas...

Ah, meu bem, meu tesouro de ternura,

Vem plantar neste reino de Amargura

A mais rasteira flor das Esperanças!

José Couto Vieira Pontes

Nasceu em Três Lagoas, no atual Estado de Mato Grosso do Sul, tendo sua família transladado a residência para Campo Grande, quando José Couto Vieira Couto contava 10 anos de idade.

Bacharel em Direito, dedicou-se, além das lides jurídicas, às letras.

Na carreira jurídica, além da advocacia, foi ele o primeiro Procurador Geral de Mato Grosso do Sul, em 1979. Professor de Direito.

Na vida literária, foi agraciado com vários prêmios:

- "Monteiro Lobato" - São Paulo
- "Santos Vahlis de Literatura Panamericana" - Rio de Janeiro
- "Adelino Magalhães", de Contos - Rio de Janeiro
- "A Época", de Poesia - Rio de Janeiro

Filia-se a várias instituições:

- Membro do Conselho Estadual de Cultura
- Membro do Conselho da Ordem do Mérito de Mato Grosso do Sul
- Membro efetivo da Academia Matogrossense de Letras
- Membro efetivo da Academia Sul-Matogrossense de Letras
- Membro da Academia "José de Alencar" - Curitiba
- Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul
- Membro da União Brasileira de Escritores

Foi agraciado com a Medalha do Mérito "Santos Dumont", em 1979.

Obras publicadas:

- *Deste lado do horizonte* - contos
- *Jorge Luís Borges, a erudição e os espelhos* - ensaios
- *História da Literatura Sul-Matogrossense*

JUBILEU DE DIAMANTE



| | |
|---|--|
| Patrono: Antônio Vieira de Almeida | Ocupantes: Cesário Corrêa da Silva Prado Bernardo Elias Lahdo |
|---|--|

Antônio Vieira de Almeida

Nasceu em Cuiabá no ano de 1873, onde cursou o curso primário e o secundário no Liceu Cuiabano.

Desde cedo revelava ele fortes pendores literários. Fundou, em conjunto com alguns amigos, como Avelino de Siqueira e Pulquério Serra, "O Liceu" órgão literário dos estudantes.

Após estes estudos, seguiu para o Rio de Janeiro e depois para São Paulo, onde cursou a Faculdade de Direito, não tendo, no entretanto, conseguido concluir este estudo superior.

O seu percurso estudantil foi interrompido por ter ele sido aprovado por concurso junto à Fazenda Pública, ocasião em que foi nomeado para a cidade de Santos (SP) e atuado como funcionário da Alfândega daquela cidade portuária. Sua principal contribuição literária nessa cidade paulista foi junto ao jornal "Diário de Santos".

Trabalhou na função pública até 1903, ocasião em que abandonou-a regressando para Cuiabá, sua terra natal, onde se envolveu em várias atividades:

- exerceu diversas funções públicas;
- ingressou na vida pública em 1916, como Deputado;
- colaborou efetivamente em vários jornais cuiabanos: "O Estado", "A Voz do Povo" e "O Debate".

Faleceu no auge de sua atividade intelectual, no Rio de Janeiro, a 29 de fevereiro de 1916.

De um texto escrito por Cesário Prado, responsável pelo seu elogio, extraímos alguns trechos significativos:

"Antônio Vieira, mal despontou-lhe a inteligência, viu-se baldo de recursos para aperfeiçoá-la na medida ambicionada.

Hei-lo na Capital da República (RJ), vestido menos do que pobremente, em visita a um dos seus antigos lentes do Liceu, que pasmou vê-lo em calças de aniagem acreditando, porém, mais uma boemia do que falta de moeda.

Talvez fosse a razão desse traje aquela superioridade de espírito que tanto se apraz com o desprezo das imediatas necessidades materiais.

Seus amigos contam-nos que tempos fora costumava dizer aos que lhe exprobravam as abandonadas enchanças de se enriquecer: '(...)Mas eu faço dinheiro e o dinheiro não me faz'. Seja como for, a aurora do pobre moço era também a aurora difícil dos primeiros dias da República.

Foi combater, voluntário da legalidade, sob a bandeira de Floriano Peixoto e, consolidada a obra do excelso Marechal de Ferro, hei-lo sem concurso, no Ministério da Fazenda, partindo pouco depois, como secretário da Alfândega de Santos.

E hei-lo um vitorioso na imprensa santista, no convívio do seu escol intelectual, levando a grêmio de artes e letras, uma prova constante da inteligência vivaz da nossa gente. Vê-lo eis como, ao lado do nomeado Armando Erse, o popular João Luso, o pequeno apelo do folhetinista matogrossense nada fica a dever ao folhetinista do "O Jornal do Comércio", antes sobrepuja-lhe na sutileza da concepção, no arranjo do seu texto - Pelo Asilo."

Cesário Corrêa da Silva Prado

Nasceu Cesário Corrêa da Silva Prado em Cuiabá, no dia 26 de setembro de 1891. Filho de Egídio da Silva Prado e de Regina Corrêa da Silva Prado, cursou os primeiros estudos em sua cidade natal. Foi no Liceu Cuiabano, escola pública secundária de Cuiabá, que Cesário Prado se preparou para enfrentar sua vida profissional.

Exerceu várias atividades, dentre as quais destacamos:

- Escriturário da Delegacia Fiscal, de 1910 a 1922;
- Professor de Português junto ao Liceu Cuiabano, de 1921 a 1922;
- Escriturário do Tribunal de Contas do Estado de Mato Grosso.

Além dessas atividades, destacou-se ele nas lides jornalísticas. Dirigiu, entre os anos de 1910 e 1911, em Mato Grosso, o periódico "A Imprensa", assim como colaborou ativamente junto à "A Coligação", "O Mato Grosso" e "O Correio do Estado" e "A Cruz", em Cuiabá, e na cidade de Cáceres junto à "A Razão". No Rio de Janeiro, então capital federal, atuou junto aos periódicos "O Jornal" e na revista "Ilustração Brasileira".

Nesses periódicos apresentava-se sob diversos pseudônimos como Hugo Robisart, Edgar Muniz, Raul e J. Terra.

Foi membro do Instituto Histórico de Mato Grosso e um dos doze fundadores da Academia Matogrossense de Letras. Foi delegado da mesma Academia junto à Federação das Academias de Letras com sede no Rio de Janeiro.

Durante sua vida, deixou várias obras de valor, dentre as quais destacamos:

- *Nótulas sobre alguns serviços fiscalizados pelas delegações do Tribunal de Contas* - 1932

- *Na Revista do Centro Matogrossense de Letras:*

* *Um pouco de Machado de Assis*

* *A Estátua*

* *Pássaros soltos*

* *O Symbolo de Assis*

* *A Vaga da Academia*

* *Chromno de villa*

* *Tio Leandro*

* *Hontem-hoje-amanhã*

* *Nisus Excelsior*

* *Luz sobre as cinzas*

* *Lembrança do paraíso (A)*

* *Soror Martha*

* *De longe*

* *Os Pardaes*

* *A Verdadeira doutrina de Cristo*

* *Parábola da fraternidade*

* *O caso singular de Nassim*

* *Visões do destino*

* *Blaque ou no-sense de Papini*

* *José de Mesquita*

* *In memoriam*

* *A expressão da pintura de Presciliano*

* *O México*

Bernardo Elias Lahdo

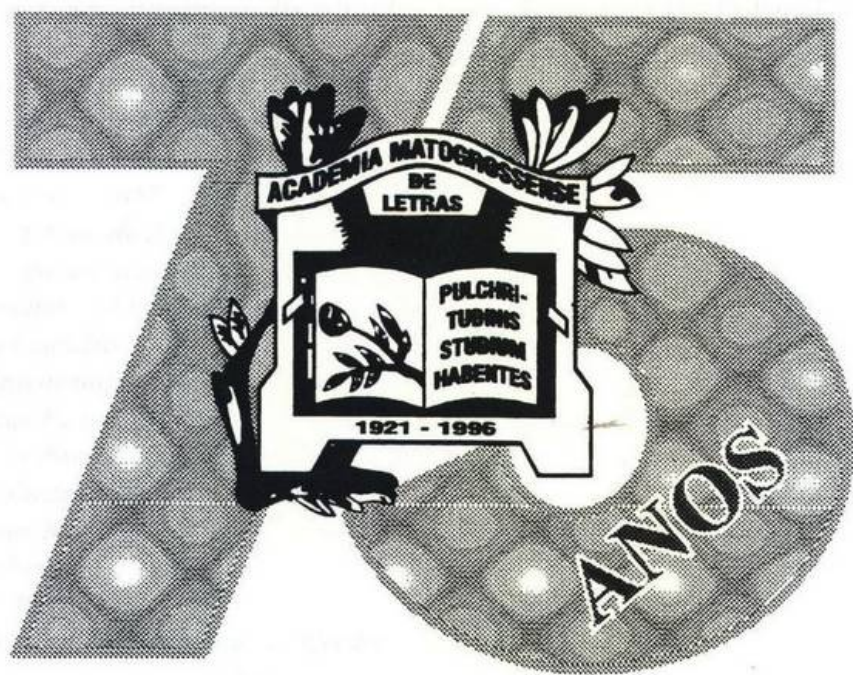
Bernardo Elias Lahdo nasceu em Campo Grande, a 29 de maio de 1945.

Formado em Direito, dedicou-se à carreira advocatícia, tendo se engajado nas lides artístico-literárias, com especial pendor para as áreas da literatura e do cinema.

Dentre seus escritos destacamos:

- *Paralelos Trágicos* - romance filmado, Linográfica Editora Ltda, São Paulo, 116 p.
- *Sexo em Delírio* - romance - São Paulo, Ed. Amádio, 1969, 190 p.
- *Vício, Tuberculose e Sexo* - romance - São Paulo, L. Oren, 190 p.
- *Sexo Impetuoso* - romance - São Paulo, L. Oren, 1969 - 222 p.
- *Dudah* - romance - São Paulo, L. Oren, 1970, 124 p.

JUBILEU DE DIAMANTE



Cadeira nº 38

| | |
|---|---|
| Patrono: Frederico Augusto Prado de Oliveira | Ocupantes: João Cunha Amarílio Novis Ciro Furtado Sodré Benedito Sant'Ana da Silva Freire Yasmin Jamil Nadaf |
|---|---|

Yasmin Jamil Nadaf

A Cadeira nº 38 desta Academia tem por Patrono FREDERICO AUGUSTO PRADO DE OLIVEIRA, e os ocupantes JOÃO CUNHA, AMARÍLIO NOVIS, CYRO FURTADO SODRÉ, BENEDITO SANT'ANA DA SILVA FREIRE e YASMIN JAMIL NADAF, esta última recentemente empossada a 27 de outubro de 1995.

Frederico Augusto Prado de Oliveira

Frederico Prado de Oliveira nasceu em Cuiabá, a 22 de janeiro de 1877, e faleceu no Rio de Janeiro, a 29 de agosto de 1911.

Poeta e jornalista, este Acadêmico colaborou em vários jornais e revistas de Mato Grosso, destacando-se dentre as demais a sua colaboração em **A Coligação**, periódico do Partido da Coligação Mato-Grossense, que surgiu em Cuiabá, no ano de 1905. Das suas obras deixou-nos um volume de versos satíricos, inédito; Relatórios oficiais, e esparsa e variada colaboração jornalística, sob o pseudônimo de “ZÉ CAPILÉ”.

Seus versos satíricos ridicularizavam o Governo do presidente Antonio Paes de Barros, e seus auxiliares vindos de outras regiões do País. Daí a criação, em uma de suas conhecidas produções, cujo trecho transcrevemos abaixo, da expressão “pau rodado” para designar os aventureiros que vinham outrora explorar a política do Estado:

*“Uma coisa mi bule n’ispinha
I mi dá um tremô na pacuéra;
É nun vê meus patricio nenhum
Qui mereça justiça - divéra!*

*Só si vê a canaia di báxo.
Pau rodado qui aqui incaião
Priquitada im redó du governo
à xupá todo nosso suô”.*

De outra feita, “Zé Capilé”, em ataque direto ao presidente Totó Paes por ocasião da apuração de uma eleição, assim escreveu:

APURAÇÃO

*“O governo não se apura
Por causa da apuração,
Pois se perdeu a eleição
A derrota não atura:
Diga lá, Zé Povo, hein,
Para que serve comblain?”*

*Do alto da sinagoga
Onde lhe queimam o incenso,
Seria falta de senso
Levar a sério essa droga:
Fazem fé, em qualquer parte,
Ata falsa e ... bacamarte!*

*Tolo de quem se incomoda
Por usar de violência,
Moralidade, decência,
São coisas fora da moda:
Respeito à lei? Uma figa!
Patriotismo - a barriga!*

*O que não pode o Direito
Pode o braço do capanga!
Demais, o povo sem tanga
Sempre há de ser suspeito:
A não ser esbofetado
Não puxa o carro do Estado*

*Adiante, portanto, siga
O carnaval do terror,
Ferva o samba engrossador,
Viva o reinado da intriga!
Mas, de tanto ir ... à bica,
Lá um dia, - o pote fica!"*

Frederico Prado atuou também em vários cargos de natureza política em sua região, tais como o de Vereador da Câmara Municipal de Cuiabá, da qual foi Presidente, e diretor da Imprensa Oficial.

João Cunha

João Cunha nasceu em Poconé, a 16 de junho de 1871, vindo a falecer em Cuiabá, a 13 de junho de 1933. O Acadêmico teve uma vida dedicada ao jornalismo e a política regional, onde exerceu os cargos de Procurador da República, interino, Deputado Estadual, Secretário do Interior, Justiça e Finanças, Diretor da Gazeta Oficial, Secretário da Agricultura, 1º. Vice-Presidente do Estado, e Secretário do Governo Revolucionário, (Revolução Constitucionalista de São Paulo em 1932). Pertenceu também ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Considerado pelos amigos como o “Príncipe do jornalismo”, este Acadêmico, no dizer do seu admirador e sucessor, nesta Academia, Amarílio Novis, apesar de vivenciar na imprensa períodos angustiosos da agitada política nacional, *“nunca permitiu que a sua pena fosse temida por peçonhenta ou irrefletida, pois que jamais baixou do campo das idéias, onde, então, enfrentava com elegância o mais destro adversário.*

Argumentava com arte, patriotismo e cultura, demonstrando sempre acentuada dedicação ao metier.

Não se limitava a tão só escrever os eruditos editoriais, muitos dos quais marcaram época no periodismo regional.

O jornal a que ele emprestasse o brilho e o vigor da sua solidariedade tinha em João Cunha além de um redator assíduo e deveras eficiente, quem lhe atendesse ainda às mil necessidades. Do artigo de fundo ao noticiário, com escala pela crônica ligeira e fascinante, era por ele acudido com solicitude e interesse. A revisão, a paginação, ele as assistia com carinho e em pessoa, o que fazia com que os amigos nunca deixassem deserta a redação, desejosos de sua companhia, de escutar-lhe a palavra sempre amiga, leal, sincera, além de brilhante, ponderada e culta”. (RAML, Ano II, 1934, p. 18-19).

À exemplo de João Cunha, o autor das palavras acima, Amarílio Novis, teve uma vida dedicada a imprensa. Colaborou em vários periódicos matogrossenses, entre eles **O Democrata**, **O Mato Grosso**, **O Correio da Semana**, **O Momento** e o **O Gladiador**, este último um jornal satírico que veio à luz nos derradeiros dias da administração do Presidente Costa Marques.

Jornalista, prosador e poeta, o Acadêmico Amarílio Novis, era dotado de um espírito jovial e sutil, semelhante ao do Patrono de sua Cadeira, Frederico Prado. No dizer de Nilo Póvoas, *“as produções deste autor, quer em prosa, quer em verso, caíam no goto da sociedade que os aplaudia, pois os seus assuntos eram, geralmente, pessoas e fatos conhecidos em nossa terra, a que ele emprestava, genialmente, a nota grotesca e as tintas de estilo elegante e chistoso”*. (**Galeria dos Varões Ilustres de Mato Grosso**, 1978, v. II, p.13).

De “Zé Paculândia”, pseudônimo em que se escondia o poeta Amarílio Novis, transcrevemos um trecho do “Carnaval Político”, escrito em 1924, e que ilustra a “fina verve satírica” e o “indefectível bom humor” deste autor, ao malhar e reverberar os costumes políticos da época:

*“Eu, Nho Fernando Campos (Lobisomem)
 Conhecido demais pelo cognome,
 Morador lá na rua Antônio João,
 (Condscendência e méra proteção)
 Bom professor de língua, e língua viva,
 Que das outras o mundo já se esquiva,
 Com poderes gerais constituído
 O intrigante maior do meu partido,
 Empunhando esta rutila trombeta,
 (O bombo vai tocado por Bondeta)
 Por ordem de quem manda nesta terra,
 Morubixaba nato lá na serra,
 Trago em público e raso este programa,
 Das festas todas que o govêrno trama
 Em honra a Momo, em honra da Folia ...
 Nunca vi por aqui, tanta alegria! ...
 Já se preparam carros pr'a o cortejo
 Iguais aos quais eu nunca vi nem vejo
 Nos catálogos vindos de encomenda ...*

*E tão bonitos são que há já contenda
Em tôrno ao "Grande prêmio" cubiçado ...
Êste prêmio, eu vos digo entusiasmado,
É um retrato do Dito, o belo mano.
- A inveja capital do cuiabano ...
E, não fôra o segrêdo da surprêsa,
Descreveria-o já, tenho certeza ...
Arrisco êste começo: Está de beca!
Que beleza, meu Deus! Uma boneca! ...*

*Os carros construídos a capricho
Sob as vistas do Mário, artista bicho,
Darão a nota d'arte ao Carnaval.
São dez mimos de graça sem igual ...
- Simbolizando o primeiro "A PROIBIDADE" ...
Nhô Pedro nesse vem todo a vontade,
Engraxando êle próprio suas botinas.
Exemplo das "virtudes peregrinas" ...
- No segundo vem Mário, o grande artista,
No carro "USURPAÇÃO" sempre na pista
Do Barão de Antonina que lhe foge ...
- Forma em terceiro a gondola de um Doge ...
É o carro "CATACUMBA", em que o Borrvalho,
Singrando rio-abaixo sem trabalho,
Entre flôres e sírios, tem sumiço ...
- Segue, agora, senhores, "O CORTIÇO" ...*

*Êste carro alegórico da intriga,
No qual figuro como mãe da briga,
Dos zum-zuns, disque-disque e boatos ...
- Como prêmio alcançado pelos fatos
Que sangraram Bondeta um valentaço,
Vai em quinto lugar, andando a passo,
O carro "TREME TERRA", em que são Dito,
Todo escorado em cordas, esquisito,
Lança murros terríveis às risotas.
Inclusive as que vêm das molecotas
- Gozando vem atraz o Filogônio.
Em rubras vestimentas de demônio
- No cavalo horroroso de Daydé,
O Jaime suarento, **faisandé**,
Traz Xulia jungido na garupa
Que o lenço do nariz não desocupa ...
- Num fraque balendráu, de calças brancas
O Novis da Higiene vai dar pancas;
Provará co'injeções "Medicamenta"
Que um boi pode ser pai de uma jumenta ..."*

A vida e a obra deste autor marcam uma luta contra o politiquismo, o nepotismo e a opressão, em sua região.

Além de escritor, Amarílio Novis assumiu vários cargos de projeção na administração estadual. Foi Promotor de Justiça, Delegado de Polícia, Diretor Geral da Instrução Pública, Diretor da Tipografia Oficial, Chefe de Polícia, Procurador Fiscal e Procurador Geral do Estado,

Professor da Escola Normal "Pedro Celestino", Consultor Jurídico, Juiz de Direito de Cuiabá, Desembargador, Secretário Geral do Estado, Professor da extinta Faculdade de Direito de Cuiabá e Presidente do Tribunal de Apelação e do Tribunal Regional Eleitoral.

Ary Novis, como era comumente tratado, nasceu em Cuiabá, a 13 de outubro de 1888, e faleceu no Rio de Janeiro, a 10 de abril de 1963. Com o seu falecimento, assume a Cadeira N.º 38 desta Academia, o escritor Cyro Furtado Sodré.

Cyro Sodré

Médico, militar, ex-combatente, professor, músico, poeta e prosador, Cyro Sodré nasceu em Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul, a 03 de junho de 1902, vindo a falecer em Cuiabá, na data de 31 de julho de 1980.

Detentor de um "curriculum vitae" pluridirecionado, este Acadêmico teve participação ativa na área médica, civil, militar e cultural, recebendo várias medalhas, distinções e diplomas, destacando-se entre elas as medalhas "bons serviços" do Exército, de Campanha da Itália, de Esforço de guerra, do Centenário de Ruy Barbosa, do Sesquicentenário da Independência do Brasil, do Centenário de Plácido de Castro, do 1.º Ano de Fundação da Universidade Federal de Mato Grosso; Título de Cidadão Cuiabano Honorário, outorgado pela Câmara Municipal; e Diploma de Honra ao Mérito da Escola Técnica Federal de Mato Grosso.

Cyro Sodré foi também Presidente da Associação Médica de Mato Grosso e do Conselho Regional de Medicina do Estado; um dos fundadores da rádio "A Voz do Oeste", de Cuiabá, e do jornal "O Estado de Mato Grosso", onde atuou como colaborador. Pertenceu ainda ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e ao Centro de Estudos do Pronto Socorro Municipal desta Capital.

Suas composições poéticas podem ser lidas na revista **A Violeta**, periódico da agremiação feminina de Mato Grosso, "Grêmio Literário Júlia Lopes". São poemas de teor romântico que ora confessam o "eu" lírico, apaixonado do poeta, ora valorizam a história de Mato Grosso, e ora relatam a miséria humana. Abaixo publicamos duas amostras dos poemas impressos pelo autor, no final dos anos 30 e início da década de 40:

O DRAMA DO SINO

I

*Do alto de esguia torre
De soberbo templo de beleza austera
O sino contempla através do tempo
A amplidão azul do céu infindo.
Em sua longa vida, em variadas épocas
Com badalar soturnos, repicar festivos
Pranteou a Morte, cantou a Vida
De devoto amigo da fé cristã.
E depois de encher o espaço intérmino
De diárias súplicas às orações
Como bom frade sereno repousa
De consciência limpa de mortal pecado.*

II

*Do sino ao apelo, pouco a pouco, vem
Os fiéis encher o evocativo adro
De orações súplicas de pedidos mil!
Ao criador Supremo da generosa Terra
O tempo passa e a experiência aumenta*

*Do bronze o sino que observações faz ...
E um dia desiludido e triste
Fende-se de dor numa pancada forte,
Ao compreender a miséria humana
Que dentro das almas secretamente mora.
O mundo avança e os séculos passam
E outros sinos voltarão a se fender também,
Pois tudo se transforma e só imutável é
Do homem a pérfida alma, de hipocrisia plena!"*

TU

I

*Tu és para mim a força do sentir,
Que ansiosa buscava a minha alma
A vida, um fardo, sempre me foi triste
Até o dia risonho, que alegre me surgiste.
Gosto de ti! Porque. A razão nem mesmo eu sei.
Sinto-te em toda parte acariciadora e meiga:
No espelho das águas a tua imagem eu vejo,
E do ar que respiro, só aspiro a ti.
Na harmonia musical da natureza viva
A tua voz pressinto, cristalina e pura
E que anseio sinto, por querer-te perto
Quando me deixas com saudades tuas!!! ...*

II

*Ontem era forte e do amor zombava,
Hoje um fraco e seu escravo sou.
Pois minha vida unida a tua sinto,
Porque minha vida se resume em ti!*

Cyro Sodré veio a Cuiabá no Comando do 16 B.C.. Tão grande foi o seu amor a esta terra que ao ser promovido General e não tendo oportunidade de ocupar a patente nesta Capital, devendo para tanto ser transferido para outro pólo do Estado, preferiu optar pela reserva e fixar definitivamente residência nesta cidade. Na data de 05 de maio de 1984, sucede este Acadêmico na "Casa de Leverger", o escritor e jurista Benedito Sant'Ana da Silva Freire.

Benedito Sant'Ana da Silva Freire

Silva Freire nasceu em Mimoso no dia da Revolução Farroupilha, a 20 de setembro de 1928, mas em virtude das revoltas da época foi levado para Cuiabá ainda com poucos meses de vida, lá obtendo o seu registro de nascimento. Faleceu na Capital matogrossense no dia 11 de agosto de 1991.

Desde a adolescência dedicou-se ao jornalismo cultural, iniciando-se em **O orientador trabalhista**, com o artigo "A educação é a arte de preparar o homem para a vida em sociedade". Este jornal, de pouca existência, circulou nos idos de 1949. No Rio de Janeiro, enquanto estudante universitário, em meio as atividades acadêmicas e de atuação cultural - teatro experimental e grupo afro-folclórico (ambos premiados no VI Festival Nacional de Teatro Universitário em Belo Horizonte), e política - trabalhista e estudantil (DCE, AME, UME, UNE), colaborou nos jornais **Correio da Manhã**, **Última Hora**, Suplemento de Cultura da **Tribuna da**

Imprensa, O Roteiro Matogrossense, O Semanário e O Estado de Mato Grosso. Nesse período, ao lado de Wladimir Dias Pino, dirigiu ainda a revista **Movimento** da UNE, premiada em duas conferências internacionais de imprensa universitária, em Ibadã, Nigéria e Oxford, Inglaterra. Também com Wladimir fez circular o jornal **Japa**, no Rio, em edição única, tendo sido prestigiada pela vanguarda que explodiu no concretismo e no poema processo.

Em Cuiabá, Freire seguiu a militância jornalística. Criou o **Arauto de Juvenília**, o primeiro jornal com xilogravura a circular em Mato Grosso, e que marcou guerra santa contra o academicismo reinante na literatura local, e **Vanguarda Matogrossense**, jornal semanário, com o mesmo espírito inovador do primeiro. Escreveu ainda nos seguintes jornais da região: **Tribuna Liberal, Ganga, Sarã, Folha Matogrossense, Equipe, O Social Democrata, O Estado de Mato Grosso, Diário da Serra, O Momento, Correio da Imprensa, Jornal do Dia, A Gazeta, Defesa**, da OAB e jornal do Conselho Federal da OAB, e revista **Esquema**.

Freire dividiu a sua dinâmica atuação na imprensa com o exercício profissional de advocacia, a cátedra universitária, na Faculdade de Direito de Cuiabá, as atividades políticas, a vida cultural, e a produção literária. A respeito desta última seguem-se resumidamente alguns comentários a seguir.

A produção literária de vanguarda marca a trajetória de Freire como escritor. Ela se faz presente nos referidos jornais de vanguarda que o escritor fez circular; nos movimentos culturais por ele coordenados - **Festa dos Novos**, no salão nobre da Academia Matogrossense de Letras, e **Alguma Poesia Dentro da Noite**, no Centro Artístico de Cuiabá; na prática do Poema Processo com **Explosão Tipográfica, O Homem e o Consumo da Liberdade e Conflitos**; e na publicação dos seus blocos poemáticos.

No artefato dos blocos poemáticos, Freire define a palavra-tema e segue a trabalhá-la em múltiplas direções de leituras. Nessa linha iniciou publicando os chamados **Cadernos de Cultura**, que totalizaram em número de 13. São eles: 1°. **Meu Chão, Pássaro Implume**, - 2°. **Canção do Amor que te Quero**, - 3°. **Rio-Equilíbrio e A Estrada**, - 4°. **Chão-Terra e Pasto**, 5°. **Campus de Universidade**, e **Canto: Crespo-Olho-Alho**, - 6°. **Gool, Círculo Azul ao Sul do Azul**, - 7°. **Os Oleiros**, - 8°. **As Redes**, - 9°. **Giro do Couro Cru**, - 10°. **Os Meninos de São Benedito**, - 11°. **Os Boêmios**, - **encicloPEDRAS**, 12°. e 13°. que foi o 2°: **Rondon: Silêncio Orgânico de Flores**. Posteriormente, publicou **Águas de Visitação** (Cuiabá: Edições do Meio, 1979), onde estão presentes três poemas dos citados Cadernos, que se somam a outros novos poemas totalizando em onze planos dos cantos gerais da temática telúrica de Mato Grosso, cuja abordagem, segundo o próprio Freire em entrevista, "*vem do sub-solo, com Garimpo da Infinitude, à superfície, com Os Oleiros, depois, os frutos da superfície: o Canavial, O Seringueiro, Os Cavalos, Giro do Couro Cru (pecuária), Os pássaros, Cerrado/Raízes, O Carvoeiro, As Redes, e, por final, Campus de Universidade, o vôo mais alto*". (Silva Freire - Social, Criativo, Didático, 1986, p. 179).

Ilustração:

- o oleiro

escre VI
VE

(a/e) cri/a/tiv/idade

da casa que amacia

- o ombro
o lombo

o escombro da cacunda

/ reparte o passo no espaço/

repassa de sol

a queimação do tijolo

- o forno/fogão
 adelgaça
 a alça
 da fôrma
 na graça
 da forma

(Os Oleiros. Caderno 8 de Cultura)

- a rede cochila
 no esbarro do esteio
 na crina leve da corda
 na lixa moida do gancho

- a redespreguiça
 o leve do leque
 o longo da linha
 o longo que se enc(olhe)

- a rede arranha
 o silêncio
 amacia
 a semente
 no ventre
 no ente
 no quente.

(As redes. Caderno 9 de Cultura).

campus
 onde a enciclopédia faz prova de ensinar
 do campus
 o partir do amanhecer
 /o campus agride o sorriso medíocre/

 nas manhãs do campus
 - a ascese inaugura a juventude
 pelos cantos
 do campus
 o canto
 sublima os campos
 / canto: crêspo-ôlho-alho/

(Campus de Universidade. Caderno 6 de Cultura).

A respeito da poética de Silva Freire muitos estudos críticos foram traçados dentro e fora de Mato Grosso. Enumeremos: “Uma escritura telúrica”, de Carlos Gomes de Carvalho (**O Popular**, Goiânia, 1975); “Águas de Visitação”, de Gilberto Mendonça Teles (**Jornal de Letras**, Rio, 1981); “O Sentido da Obra (mesmo aberta) Já Era”, de Wladimir Dias Pino, “Social, Criativo, Didático”, de Célio da Cunha, e “Silva Freire, Um poeta Ecológico”, de João Vieira, (**Águas de Visitação**); “Uma poesia de resistência”, de Maria da Glória Albuês (**Caderno 11 de Cultura**); Águas de Visitação, de José Couto Vieira Pontes (**Correio do Estado**, Campo Grande, 1981), entre outros. Cada qual apresentando uma nova possibilidade de leitura a poética do autor.

Alguns destes estudos foram citados pelo escritor João Antônio Neto em seu Discurso de recepção a esse escritor na Academia Matogrossense de Letras, que assim registrou: “Wladimir Dias Pino falou das oportunidades criativas que essa poesia oferece ao leitor, aspecto também acentuado pelo professor Célio da Cunha; Gervásio Leite considerou sua reinterpretação da palavra; João Vieira, examinou o poeta ecológico e o trabalho de desdobramento semântico que o poeta realiza, através de palavras-matrizes. Maria da Glória Albuês, entre inúmeros e felizes enfoques, deu certa ênfase àquela dialética que o poeta exerce e exercita na sua cosmovisão poética: o homem e seu habitat - cerrado, seringal, garimpo, canavial. Yasmin Nadaf, num trabalho muito bem elaborado, estabeleceu várias linhas de exame, como o caso do espaço e da própria composição tipográfica que procuram seguir a temática literária ...”. (RAML, 1985, p. 88-89). Aliás, o referido Discurso é outra rica fonte de referência para a leitura da obra de Freire e centra o seu enfoque nos aspectos de “Vitalização”(introjeção de vida, incorporação de características e valores conscientes, na criação) e “Infinitude” (construção aberta dos poemas para qualquer transfusão possível, e imaginável), ambos presentes na poética do autor.

Tais abordagens críticas encontram-se reunidas na obra **Silva Freire - Social, Criativo, Didático** (Imprensa Universitária/UFMT, 1986), juntamente com fragmentos de poemas e de uma prosa - contos e crônicas - também inovadora, deste escritor.

Mais recentemente foram lançados pela Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, dois dos três volumes da **Trilogia Cuiabana** de Silva Freire - “Presença na audiência do tempo”- 1º. volume e “Na moldura da lembrança”- 2º. volume. O 3º. volume, em fase de editoração, deverá ser lançado ainda neste ano de 1996.

O escritor Wladimir Dias Pinto, organizador da **Trilogia Cuiabana**, grafa, nesta obra, uma poética apresentação a respeito deste trabalho de Freire:

Este livro-irmão, o Silva Freire de sempre, em sociedade com sua época, documenta, de forma bastante clara, a relação de bem querer entre o poeta e sua vinculada comunidade: sua maior obsessão.

Aqui, nesta original auto-biografia (alta sinceridade), o autor se confunde em sira com a comunidade. Aparecem, avivando a idéia, um a um, os habitantes, agora, chamados pela forte presença domingueira do nome de nascença, e, principalmente, os tipos populares - há! essa gente de calcanhar sujo - com seus côncavos apelidos, para em grande ciranda irem cantando, até descobrirem, depois de bater os pés no chão até levantar poeira, coisas lendárias que vem puras do Lugar dos Guimarães, impregnadas de mistério.

O que, na verdade, resulta é um grande livro de fé por uma raça que caminha em direção ao seu destino histórico.

Abaixo, um pequeno trecho desta monumental saga literária.

- ROSA-DAS-RUGAS-DO-TEMPO:

*- o memorial de presença na audiência do tempo,
ali, quebrando a esquina,
foi re-rascunhado-de-limpo num tempo
sem-saída-quase ...*

*quase quando a cidade
(antes da curra do progresso obsessivo)
era unicidade ... e se limitava
às próprias cracas centenárias,
enquanto o autor*

*premia a bateadeira nos
beques-de-botões-de-osso-remontados, intuindo
os rumos da vida na rosa-dos-ventos-cuiabanos:*

- ao NORTE

*com notícias velhas d'Europa
e saraus lítero-musicais-de-"thic" ...*

*- Alexandre Dumas, Anatole France, Eça de Queiroz,
Victor Hugo, Balzac, Alfred d'Musset cirandavam com
Castro Alves, Bilac, Machado de Assis, Cassimiro de
Abreu, Varela ..., e Dom Aquino Corrêa e Barnabé de
Mesquita fazendo as honras clássicas da casa ...*

*(Sá-Carneiro, Murilo Mendes, Fernando Pessoa, Jorge
de Lima, Bandeira*

*G. Rosa, Auden, G. Ramos
Oswald e Mário de Andrade*

*William C. Williams
François Villon*

(Eliot

Ezra Pound

) c.c. cummings

... e a C.L.T. nem

beijavam ainda a soleira da porta//

(pedradas verdes

(catilogências ...

- ao NORmangaDESTE

*com tranca-de-aroieira atrás da porta-da-rua, em
posição de guarda, porém, descanso, pois ...*

*- Mãe, dêchá porta só cerradinha,
vô tchegá tardinho-da-noite ...!*

- a OESTE

com grito no corredor-de-enfia, enfiando apuros:

*- Mãeee, engrossa o revirado ...,
faz revicaldo dêle,
tchegô mais **uns** prô almoço!*

- ao SUcajúDESTE

com o mando da precisão:

*- Faísca, vai na venda buscá tempêro
e mais farinha ... Toma \$ 200, vai violento,
um pé lá, ôtro aqui, j'uviu! avuano!*

- ao SUL

*com aroma de jasmineiro trepando ..., espiando
a mornidão na rua, se fosse platibanda das casas
trancadas na hora do quilo ..., jasmineiro debruço na
téipa-de-barro-socado ...,*

*socado de bostinhas de
lagartixas-de-era-e-qüera ...*

(os soquinhos da cabeça güerando ruindades:

- é ...
o mundo tá ruim ...
tá ruim
tá ruim mêmo ...

- ao SUPiquíLESTE

com o esperado de semprinho:
- de dia farta água na pena-d'água,
de noite farta luz ..., "fiat" EFLA!
ah, o tremeluz da lamparina-de-azeite-mamona!
(supitação da palpitação)
no pavio de algodão torcido, birrugos acessas
são carvãozinhos ...
(pererecas do sono!)
na balbúcia da taboada:

- vem hum ...
vez ci ... nn-cooo
vem ôôô-ziii-mooo
- sapo!, engana-Cristo, né! vô dá parte prá mamãe!

- a LESTE

com o cuia-cuiabano-de-escama por demás de conhecido abão!
- pacu-solteiro papo-amarelo
temperado na gamela-de-espera ...,
esperando gula ...
palitação, arrôto e sesta ...

- ao NOROpitombaESTE

com a tradição que tonifica:
- grosa de guaraná relando
as remelas do de-manhã-cedinho, e
seu sendo, na crequência pardacenta
dos muros barreiros de pedra-canga ..

É também da autoria de Silva Freire as obras **Depois da lição de abstração** (discurso literário, 1985); **A violência urbana, Mecanismos de regularização** (edição do Conselho Federal da OAB, 1982); e **Barroco branco** (poema, edição da Fundação Cultural de Mato Grosso, 1989).

Yamin Jamil Nadaf

Esta Acadêmica nasceu em Cuiabá, a 22 de maio de 1961, e tem uma vida dedicada aos estudos literários. Graduou-se em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso, especializou-se em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Paraná, obteve o Título de Mestre em Letras na área de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista, e participou, ainda, de uma série de Cursos de Literatura, coordenado por Universidade de vários Estados brasileiros.

A publicação de Yasmin Nadaf centra-se em estudos crítico-literários. Na década de 80, a escritora publicou alguns dos seus ensaios no **Suplemento Literário do Minas Gerais**, **Revista Educação em Mato Grosso** e jornal **O Estado de Mato Grosso**. As análises norteiam obras de autores diversos, como Graciliano Ramos, Dalton Trevisan, Nelson Rodrigues, Silva Freire, entre outros.

Seguidamente, Yasmin Nadaf publicou **Sob o Signo de Uma Flor** (Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993, 527p.). A obra é resultado da Tese de Mestrado apresentada à Universidade Estadual Paulista, e apresenta um perfil da revista **A Violeta**, que circulou na primeira metade deste século e representa o maior veículo de expressão do imaginário feminino em Mato Grosso.

Posterior a publicação da referida obra, a Acadêmica vem centrando seus estudos na escrita matogrossense de autoria feminina, no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da Universidade Federal de Mato Grosso. O resultado destas pesquisas estão sendo apresentadas em forma de Comunicações em Congressos regionais e nacionais de Literatura, e de artigos publicados em revistas científicas da área, tais como **Revista Miscelânea** (Universidade Estadual Paulista), **Revista de Educação Pública** (Universidade Federal de Mato Grosso), **Revista do VI Seminário Nacional "Mulher e Literatura"** (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e **Boletim do GT "A Mulher na Literatura"**(ANPOLL/Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

Yasmin Nadaf integra também o Grupo de Trabalho "A Mulher na Literatura", da ANPOLL - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística.

Prêmios recebidos:

- Prêmio Estadual na **II Maratona Escolar - Érico Veríssimo** (1978);
- Na **III Maratona Escolar - José de Alencar** - (1979), Promovidas pela Bloch Educação - MEC/SEC.
- Prêmio **Ganza** de Cultura (1994), instituído pela Prefeitura Municipal de Cuiabá.

| | |
|--|---|
| Patrono: Antônio Tolentino de Almeida | Ocupantes: Antônio Cesário de Figueiredo Neto Maria Benedita Deschamps Rodrigues |
|--|---|

Maria Benedita Deschamps Rodrigues

Antônio Tolentino de Almeida

Antônio Tolentino de Almeida, poeta e jornalista, nascido no dia 24 de janeiro de 1876, em Rosário Oeste e falecido em Santo Antônio do Rio Abaixo, hoje Santo Antônio de Leverger, coincidentemente no dia 24 de janeiro de 1938, quando completava 62 anos; Promotor Público nesta última cidade, Santo Antônio do Rio Abaixo, onde passou a maior parte da sua vida.

O professor e acadêmico Ulisses Cuiabano, cognominou-o de “*O Bardo da Ilusão*”.

Antônio Tolentino publicou:

- *Ilusões Douradas* - poesia (1910)
- *A Índia Rosa* - poesia - 1910
- *Retirada da Laguna* (1930)
- *Romeiros do Ideal* (1937)¹

Ele mereceu do escritor Monteiro Lobato, uma louvável crítica, quando este escritor visitou o nosso Estado. Ele é considerado o bardo mais espontâneo de Mato Grosso. Suas poesias contém muito lirismo, simplicidade e harmonia.

Um patriotismo invulgar resume em poesias de louvor à bravura dos nossos heróis, nos lances belicosos da história da nossa terra.

Os heróis: Antônio João, Camisão, mereceram o seu canto épico e meritório, num jogo de palavras metrificadas da época, espargindo em ressonância patriótica, ordenada em ritmos.

Elas, as palavras, por assim dizer, nos trazem o tropel daqueles bravos que marcharam de peito inflado de patriotismo, para defenderem o próprio solo que pisavam, pelas invasões de alheias gentes. Soam-nos como tropel daqueles que marcharam em Coimbra, na fronteira paraguaia, em passadas movidas pelo desejo intenso de rechaçar o invasor:

*“Quinze bravos somente não temeram
Três centenas de vândalos sem alma,
Pela pátria querida pereceram,
Conquistando de mártires a palma.”*

Em retribuição aos louvores que recebeu do escritor Monteiro Lobato, de viva voz, quando da visita deste escritor a Mato Grosso, dedicou-lhe um poema que assim termina:

*“Temos aqui o que desejas e amas;
um povo que se esforça, em cujas veias
corre o teu sangue com as mesmas chamas,
contempla a nossa natureza e pensa...
Depois leva de flores as mãos cheias
No ouvido, a voz da gratidão.”*

Antônio Tolentino, poeta e jornalista, freqüentou a Faculdade de Direito do Estado de São Paulo, mas não completou o curso, regressando à terra. Exerceu também a função de Advogado provisionado.

¹ Em “*Romeiros do Ideal*” tem-se uma coletânea de sextilhas épicas, sonetos e outros versos, que apelidou de “*Ilusões Fanadas*”, prefaciado pelo Desembargador e também poeta Olegário de Barros.

Foi casado com D. Rosalina, musa que fora buscar no município de Poconé, tendo um filho único, Dalmácio, que foi casado com Ana Catarina Serra Mendes de Almeida, falecida prematuramente ao dar a luz ao que seria o seu primeiro neto.

O poeta cantou em versos esta perda, chamando-a “*minha nora, por brilhantes sendas, tendo por guia o teu filhinho*”.

Hoje, ainda no túmulo de ambos, há velas e flores votivas.

Antônio Cesário de Figueiredo Neto

Primeiro ocupante da Cadeira nº 39 e meu antecessor. Sobre mim, pesa toda inteligência e cultura de um sábio, ao lado ou em substituição de quem, sinto-me tão distante para enaltecer-lhe a cultura de nível tão elevado e de âmbito muito dilatado.

Antônio Cesário de Figueiredo Neto nasceu em Cuiabá, no dia 30 de outubro de 1902.

Seus pais: João Lourenço de Figueiredo e D. Francisca Isabel de Figueiredo.

Era casado com a minha amiga Célia Nunes de Barros Figueiredo, pais de Ana Lúcia Figueiredo Dal’ Orto.

Estudou o ginásio no Liceu Cuiabano, onde o professor de Latim, Januário Rondon, fez a seguinte lisonjeira observação: “*Agora posso dizer que tenho um professor para me substituir à altura.*”

Cursou a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, mas abandonou-a no 2º ano para se dedicar ao estudo de línguas, como autodidata.

Nos tópicos de sua vida profissional, destacamos a sua atuação como:

- Catedrático de Psicologia Educacional, na Escola Normal Pedro Celestino;
- Catedrático de Língua Portuguesa, no Liceu Cuiabano;
- Professor de Latim no Liceu Cuiabano;
- Professor de Literatura Portuguesa e de Literatura Brasileira, na Faculdade de Ciências de Campinas e na Universidade Católica de São Paulo;
- Professor de Língua Portuguesa, Francês e Latim, no Ginásio Brasil;
- Professor de Espanhol, no Liceu Cuiabano;
- Professor de Lingüística, na Universidade Federal de Mato Grosso;
- Lecionou particularmente a Língua Alemã, que falava de modo fluente, conhecendo profundamente todos os meandros do dialeto germânico.

Lecionou, pois, durante 53 anos.

Além dessas atividades, foi Oficial de Gabinete do Interventor Júlio Strubing Müller, e foi Membro Correspondente da Associação de Estudos Filológicos de São Paulo.

Membro de Academia Matogrossense de Letras e Membro do Colegiado do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso.

Tomou parte, como enviado especial da Universidade Federal de Mato Grosso no Primeiro Encontro de Professores de Comunicação e Expressão em Língua Nacional, na cidade do Rio de Janeiro.

Na Universidade Federal de Mato Grosso proferiu a Conferência Inaugural de uma série, promovida pelo Departamento de Artes. E na mesma Universidade, na Semana Camoniana, proferiu brilhante conferência sobre Luís de Camões.

Entre os seus trabalhos publicados citamos:

- *O Étimo do Preto* - Lingüística;
- *Uma Etimologia Incerta - O Verbo Deixar*²

² Sobre este trabalho, em 1936, no Jornal do Comércio, Serafim Silva Neto, considerado o maior filólogo brasileiro, dedicou-lhe estas palavras: “*O Étimo da Palavra Deixar, já está escrito por mim, quando no Jornal do Comércio de 19 de julho de 1936, publicou o Sr. Cesário Neto de Cuiabá, erudito artigo, em que chega às mesmas conclusões que eu. No suculento artigo,*

O professor Cesário Neto publicou ainda:

- *O Infinito Pessoal e Impessoal* - 1919 (aos 17 anos de idade)
- *Na Pista do Rocinante* - crítica literária onde rebate, com veemência e invulgar talento, as invectivas de Luís Murat, contra o inatacável Machado de Assis.
- *Do Cruzamento Sintático na Língua Portuguesa* - Filologia
- *O Topônimo: "Barra do Bugres (uma nótula filológica)"*
- *Formação de Palavras* - Filologia
- *O Sentido Lingüístico e Social de Camões* - Lingüística.

Publicou outros vários trabalhos em revistas brasileiras e estrangeiras, principalmente na Alemanha, com as quais mantinha correspondência.

Recebeu as seguintes agraciações:

- Adoção, pela PUC do Rio Grande do Sul, da obra "*O Sentido Lingüístico e Social de Camões*" como texto de estudo do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras.

- Recebeu o título de "Grande Educador", conferido pelos Licenciados no Curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso.

E ao apresentar a sua Tese à Cadeira de Português, no nosso magistério, ao grande filólogo Mario Barreto, ouviu dele a seguinte apreciação: "*Esta é uma tese de Professor, e não para Professor.*"

Com isto, cessa "*tudo quanto a antiga musa conta*".

Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga Rodrigues)

Ocupante da Cadeira nº 39, da qual é Patrono Antônio Tolentino de Almeida.

Nasceu em Cuiabá, no dia 15 de julho de 1908. Seus pais: Maria Rita Deschamps Rodrigues e Firmo José Rodrigues.

Fez os seus estudos primários no Asilo Santa Rita, e na Escola Modelo Barão de Melgaço. E o ginásio fê-lo no Liceu Cuiabano.

Diplomada em piano e harmonia pelo Conservatório Musical de Mato Grosso e pelo Conservatório Brasileiro de Música, no Rio de Janeiro, obtendo após o Registro no Instituto Villa-Lobos.

Diplomou-se contadora pela Escola Técnica de Comércio de Cuiabá. Fez cursos de Extensão das Línguas: Francês, Português, Latim e Lingüística, com o professor Antônio Cesário de Figueiredo Neto, num período de quatro anos.

Fez cursos de extensão em História da Arte, Metodologia do Ensino, Sociologia Educacional e fez os Cursos da ADESG e do CADES de português e Francês. Lecionou, com licença especial, Português e Francês no Liceu Cuiabano, no Ginásio Brasil, na Escola Técnica Federal de Mato Grosso.

Lecionou piano no Conservatório Mato-grossense de Música e no Conservatório Musical de Mato Grosso.

Atualmente, leciona piano no Conservatório "Dunga Rodrigues".

Aposentada como Agente Didático na Universidade Federal de Mato Grosso.

Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Matogrossense de Letras.

Obras publicadas:

- *Reminiscências de Cuiabá* - Comemoração dos 250 anos da cidade;
- *Marphysa* - romance sobre o folclore cuiabano do dia-a-dia;
- *Os vizinhos* - Cadernos Cuiabanos, nº 3, 1977;
- *Cuiabá: roteiro de lendas* - UFMT, 1984;

mostrou o Sr. Cesário Neto que em Gil Vicente, já se emparelhavam as duas vozes: Deixar e Leixar, é preciso lembrar como o fez o Sr. Cesário Neto, a influência do grego." Só essa apreciação vale por uma consagração.

- *Memória Musical de Cuiabá* - 1º, 2º, 3º e 4º Cadernos;
- *Cuiabá, ao longo de Cem anos* - em parceria com D. Maria de Arruda Müller,

Publicações em Periódicos:

- *Discurso de Posse* - RAML, 1985;
- *Os presépios do Natal cuiabano* - DOMT, 1986;
- *A magia da Serra dos Martírios* - RIHGMT, 1986
- *D. Francisco de Aquino Corrêa* - RIHGMT, 1985;
- *A função social da música de Simarinho* - Revista "Monções", 1987;

| | |
|---|--|
| Patrono: Padre Armindo Maria de Oliveira | Ocupantes: Rosário Congro Hugo Pereira do Vale Sebastião Carlos Gomes de Carvalho |
|---|--|

Sebastião Carlos Gomes de Carvalho

“ Ela faz algum bem e mal nenhum. É conhecida, pelo menos de nome, do último dos camponeses e dos operários. É a prova antiga e sempre viva aos olhos deles, de que existem em nosso país outros poderes além do dinheiro e da política. E isso não é pouco.”.

Pierre Mille, referindo-se à Academia Francesa de Letras

Pode-se dizer, sem se estar equivocado, que a Academia Matogrossense de Letras é legítima sucessora de uma série de sociedades literárias e culturais que nos últimos cem anos reuniram os homens mais expressivos e as figuras de proa do meio político, social e cultural em nosso Estado. Neste sentido, um primeiro marco tenha sido talvez o Gabinete de Leitura, de 1874; ao depois, a Associação Literária Cuiabana, de 1884 e a original Sociedade Internacional de Estudos Científicos, criada em 1899. Nas primeiras décadas deste século, já com as características de um agrupamento literário, é criado o Centro Matogrossense de Letras com 24 cadeiras. Só com a transformação do CML, em 15 de agosto de 1932, na atual Academia Matogrossense de Letras é que foi instituída a cadeira 40, para seguir os mesmos moldes da Academia de Letras de França, tida com a mater das Academias de Letras contemporâneas.

Armindo Maria de Oliveira

Esta tem sido uma cadeira de poetas. O Patrono é Armindo Libânio Capistrano de Oliveira, padre.

Filho do alferes João Capistrano de Oliveira e de Umbelina Pereira Mendes, nasceu em Cuiabá aos seis de setembro de 1.882.

Fêz os primeiros estudos, até o primeiro ano ginásial, no Colégio Salesiano de Cuiabá, transferindo-se depois, a fim de concluir o secundário, para o Liceu Cuiabano, onde foi colega de Eurico Gaspar Dutra.

Uma vocação

Desde muito cedo mostrou-se vocacionado para a vida religiosa, não obstante a férrea oposição paterna. D. Aquino Corrêa, que foi seu colega de juventude, e que, anos depois, faria o seu panegírico no livro “Uma flôr do clero cuiabano”, assegurou que a melhor fonte de que dispunha para realizar a sua biografia era o coração. Descrevendo as condições em que aflorou essa vocação, num quadro que igualmente retrata a Cuiabá da época, escrevia o arcebispo em 1933:

“O ambiente, em que dentro e fora da família, cresceu o jovem Armindo, não era absolutamente propício ao desabrochar da vocação eclesiástica. O regalismo do Império adulterara, entre nós, os mais santos ideais do presbiterado. A profissão clerical atraía menos pelo seu espírito de sacrifício e renúncia ao mundo, do que pelo destaque social e prestígio

político de que gozava. A preocupação mundana invadia facilmente os santuários. Daqui não sei que atmosfera de escândalo, pervertendo insensivelmente, até nas consciências mais sadias, a noção divina do sacerdócio. A Igreja clamava pela voz dos seus legítimos órgãos; sentia-se, porém, tolhida em sua liberdade pelos poderes temporais, a cuja sombra vivem os ministros do culto.

Veio a República e varreu em boa hora essas ambições seculares. Alargou-se então, em torno ao clero, um profundo desprezo, que oscilava entre a indiferença e o sarcasmo. Desapareceram as ervas daninhas das vocações falsas e falhas mas sobreveio a secura e a esterilidade. Fêz-se o deserto.

Uma verdadeira vocação sacerdotal, que aí desabotoasse nessas condições, lembrar-nos-ia aquelas 'flores de fogo', de que fala o poeta, aqueles cactus gloriosos, que à orla da cratera extinta e calcinada, brotam através das rochas decompostas, para de repente, na pulverização de ouro do pólen que salta, fazer rebentar, como um trovão no silêncio, a sua flôr de brasa: tal foi a vocação do Armindo."

E Armindo de Oliveira manteve-se tenaz em seu desiderato. Com a determinação de quem "soube colocar a razão e a fé acima de todas as recalcitrações dos instintos alarmados", no dizer de D. Aquino, por três vezes fugiu da casa paterna para o seminário. A forçada aceitação pela família dessa determinada vocação, dá ao sacerdócio um homem de rara e profunda fé. É um de seus superiores no seminário que, posteriormente, diria: "dentre todos os jovens, destacava-se pela suavidade ascética da modéstia, um moço de vinte anos."

É no noviciado que adota o nome com que viria a se tornar conhecido: ARMINDO MARIA DE OLIVEIRA.

Muito embora fosse um homem marcado por profunda vocação, Armindo não teve qualquer ascensão na hierarquia. Colega de noviciado de D. Aquino, seria este que, anos depois, em 31 de dezembro de 1916, num caso singular na vida clerical, viria a ordená-lo sacerdote. E é, como seu biógrafo, que asseveraria: "*nenhum de nós, entretanto, tinha tido vocação tão decidida, tão dramática e tão edificante como a sua, nem correspondera melhor aos encargos da vida religiosa.*". E se assim fora, e não há porque duvidar diante de tal depoimento, que explicação pode haver então para tantos óbices que lhe foram criados para a sua ordenação? Por certo algum motivo de ordem social ou familiar ou mesmo pessoal? enfim, que tipo de preconceitos ou indisposições lhe opuseram tais obstáculos? Fica no entanto difícil saber que fortes razões foram estas, já que nem o pe. Armindo nem o seu biógrafo a elas jamais se referiram.

Da produção poética

Toda a produção poética do patrono da Cadeira 40 é sacra. Às margens desse histórico Coxipó, aonde outrora se ouvia o mavioso cantar dos pássaros e as riquezas auríferas explodiam à flor da terra, é que o pe. Armindo Maria de Oliveira, contemplando o céu anil e movido por uma profunda ascese, elegia os santos de sua predileção num cântico modesto mas arrebatado.

Efetivamente, não se preocupava ele em criar uma obra literária; seus trabalhos foram muito esparsos, publicados aqui e acolá. D. Aquino mesmo, homem afeito à literatura e exímio manejador do idioma que era, diz-nos que, em balde chamou-lhe a atenção para melhor trabalhar seus sonetos. O amigo porém em raras ocasiões deu-lhe ouvidos; certamente porque achava que valia o que a inspiração tinha produzido no momento, não tendo sentido alterá-la posteriormente. Apesar disso havia elegido uma divisa que deveria norteá-lo na vida cotidiana: "**Quod aeternum non est, nihil est**". (O que eterno não é, nada é).

D. Aquino Corrêa, na biografia que escreveu, incluiu apenas algumas poucas poesias, o que nos levar a concluir que a sua produção literária não era de porte significativo, da mesma forma que nos é permitido deduzir, pelas afirmações a seguir transcritas, que mesmo o pouco produzido não tinha qualidade literária substantiva.

“É-nos lícito, pois, asseverar que o amor a Maria Santíssima foi o seu primeiro e o seu último cântico, o seu hino de matinas e o seu hino de completas, o seu canto de cotovia nas manhãs em flôr da juventude, e o seu canto de cisne, ao lhe caírem, céleres e intempestivas, as sombras da grande noite.”.

Uma vida breve

Em 1918 era D. Francisco de Aquino Corrêa Presidente do Estado quando convocou o pe. Armindo de Oliveira para seu secretário particular. Nada afeito contudo às atividades políticas e pouco à vontade na vida palaciana, logo desligar-se-ia do governo, recolhendo-se ao Colégio Salesiano. Naquele ano porém, teria início em Cuiabá um surto da chamada “epidemia espanhola” e pe. Armindo tendo se dedicado com denodo a cuidar de doentes veio a contrair a peste. E, com o físico já combalido por um início de tuberculose, não resistiu ao ataque, vindo a falecer, aos 36 anos, no dia 22 de dezembro de 1.918. Dele diria D. Aquino que tivera uma *“vida breve, mas cheia de muito tempo.”*

Rosário Congro

O primeiro ocupante da cadeira foi o poeta, advogado e político Rosário Congro.

Paulista de nascimento (11/09/ 1884), chegou a Mato Grosso em 1906 e tempos depois provisionou-se como advogado. Exerceu esse mister com brilho e, como era de se esperar, engolfou-se na atividade política. Foi vereador em Corumbá, onde ajudou a fundar a Biblioteca Pública e o Gabinete de Leitura; posteriormente, em 1918, foi nomeado pelo presidente do Estado, D. Aquino Corrêa, intendente-interventor de Campo Grande, sendo logo a seguir designado prefeito de Três Lagoas, onde fixou residência definitiva. Em 1935 e em 1950, foi deputado estadual, tendo exercido a presidência do Poder. Foi ainda secretário de Estado e, por fim, ministro do Tribunal de Contas do Estado.

A Poesia

Em sua poesia, Congro canta as belezas da terra e faz a defesa dos indígenas. O seu poema “As Garças” tornou-se muito conhecido nas tertúlias literárias de então e nos grupos escolares.

*Morre a tarde de rosas na planura,
No pantanal desce a tristeza agora,
brancas, tão brancas como a neve*

*pura,
ao pouso as garças voltam,
céu em fora.*

Já no poema “Índia” celebra, na mesma linha de Gonçalves Dias, a beleza sensual da feminil habitante

*Tostada pelo sol do novo mundo
Flôr animada das brasílias selvas,
mais bela que Moema é Inaiá,
arde-lhe o sangue em larva,
De esquisito sabor os lábios tem
- mais doce que o polpudo sapoti -
e os olhos, negros, quais profundos
lagos,
mostram, boiando, o lótus do
pecado*

Rosário Congro faleceu em Três Lagoas (MS) no dia 11 de outubro de 1963. Publicou os livros de poesia Inaiá, Sombras do Ocaso, Colunas Partidas, Outras Ruínas e Últimos Caminhos.

Hugo Pereira do Vale

O ocupante seguinte foi ensaísta e poeta. Nasceu em Campo Grande em 11 de janeiro de 1918, filho de Saturnino Silvério Pereira e Maria do Vale Pereira.

Após fazer os estudos primários e secundários em sua terra natal, concluindo-os em 1935 no Colégio Osvaldo Cruz com o título de bacharel em Ciências e Letras, dirigiu-se ao Rio de Janeiro para cursar medicina. Estava no segundo ano da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro quando se apresenta como voluntário à Força Expedicionária Brasileira. É então enviado aos campos conflagrados da Europa de lá retornando com a patente de 1º tenente. Recebeu a “Medalha de Campanha da FEB” e a “Medalha de Guerra”. Posteriormente, receberia ainda a “Medalha da Sovrani Georgi Ex Corinthia” da Áustria, e a “Medalha de Medicina da Aeronáutica”. Em 1951 Hugo do Vale concluiu o curso de Medicina e retornou ao Estado natal, onde passa a clinicar e, anos depois, se tornando professor na Faculdade de Medicina da Universidade de Mato Grosso. Mais tarde, não satisfeito com os conhecimentos específicos já adquiridos e desejando alargar e aprofundar sua visão dos problemas sociais e humanos, entrou para a Faculdade de Direito de Campo Grande, concluindo o curso em 1970.

Médico e advogado, professor e militar, é no entanto como poeta e ensaísta que este acadêmico deixa uma herança a ser lembrada. Esta, aliás, venha a ser talvez a única e maior glória daqueles que se sentem vocacionados razão é para as letras, para o pensamento. Bem ou mal, algo sempre permanecerá para a evocação dos pósteros.

O ensaísta

Hugo Pereira do Vale como poeta e como ensaísta mostrou-se fundamentalmente vocacionado para o Homem. Sua poética e o seu ensaio “Atrás das muralhas da razão” bem demonstram a preocupação voltada para o aprimoramento do ser humano, ao mostrar a sua grande destinação sobre a face da Terra. Diz ele, num oportuno esclarecimento, “*a nossa meta ‘Atrás das muralhas da razão’ é tão somente o Homem. Não temos seita religiosa para o estudo que estamos fazendo neste livro, não pertencemos à grei política e nem tampouco pretendemos ser os portadores exclusivos da verdade. Estamos colaborando, contribuindo para uma orientação mais sadia para o nosso companheiro de jornada. Não temos pressa, também, de um imediato resultado, pois o que semeia terá de esperar o tempo oportuno para a colheita.*”.

A preocupação com a sementeira mostra a grandeza d’alma do biografado. O filósofo e membro da Academia Brasileira de Letras Ivan Lins, embora dele discordasse em suas idéias basilares, positivista que era, não se negou a dizer, na apresentação do citado ensaio, que aqueles escritos eram “*inspirados pelo mais puro idealismo, revelando a um tempo enorme generosidade de sentimentos e notável lastro de cultura.*”. Com efeito, cultura e humanismo, saber e sentimento eram, afinal, irmãos gêmeos na personalidade multifacetada desse médico e advogado, um poliglota que versejava com igual facilidade em espanhol, italiano, inglês e francês. Aliás, sobre estas características marcantes bem o expressou o acadêmico Gervásio Leite ao recebe-lo na Academia. “*Estas meditações - dizia, referindo-se a ‘Atrás das muralhas da razão’ - revelam a poderosa estrutura mental do pensador que sois; manifestam a imensidão da vossa cultura; a pureza da vossa filosofia e, sobretudo, a certeza de que sois um eleito para uma missão por certo árdua, pesada, fatigante, mas que estais cumprindo com desembaraço e superioridade.*”.

A amargura e o desencanto

O homem sensível que era, Hugo do Vale deixaria transparecer na sua poesia a funda tristeza do ideal não alcançado. Expressando com sensibilidade e beleza:

*O destino galopou
o dia todo no seu cavalo
de crina de ouro,
e a noite veio bater
à porta da minha tenda
armada na quietude do deserto.
A alegria era a minha companheira
Ao vir da aurora
ela havia desaparecido ...
porque a alegria
não mora com o destino.*

(Destino e Alegria)

Discordo do historiador da literatura sul-matogrossense José Vieira Pontes, quando disse que a sua poesia sofria a influência daquele que é talvez o primeiro e mais marcante poeta social de Mato Grosso, Lobivar de Matos, pois eu a vejo, ao contrário, como uma poesia que se dirige mais ao transcendente que ao social, mais ao que existe de subjetivo e espiritual que à face terrena do homem; entendo assim que a poesia de Hugo do Vale contém mais de metafísica que de materialidade, porquanto que fala mais ao homem enquanto perspectiva de Deus, que ao homem produto do homem. E, neste sentido, a sua ensaística encontra e justifica seus versos. Se não, vejamos. Preocupado com o estado do homem, em erro e em pecado, segundo a sua visão idealista, indagava amargamente no já citado ensaio.

“Por que mais se erra do que se acerta ?”

para então, desoladamente, responder:

“Tão sómente pelo estado em que se encontra a grande massa da humanidade. Todas as conquistas do gênero humano são diminutas, por sua própria culpa. O homem procura vencer todas as batalhas e se esquece de seu maior inimigo - o seu orgulho. Derrotado interiormente, vai caminhando sem entranhas como um fantoche movido por longos fios do capricho dos semelhantes. O homem é o criador obstinado do seu grande infortúnio. E no silêncio das suas indagações inferiores ele vai tecendo a viscosa teia da vingança.”.

O autor mostrava-se então cético quanto à saída para o homem, e escrevia ele:

“É muito difícil ao habitante da terra fugir à regra geral, uma vez que ele está mergulhado ao máximo no lodaçal do vício, perdido na mesquinhez do seu caráter primitivo. Há exceções, é bem verdade, disto sabemos; mas são poucas.”.

Moralista, sem o ser à semelhança de Schopenhauer, o poeta transmitia também à sua imagística, o pessimismo, o sentimento de desencanto e desilusão, a melancólica tristeza, ao indagar com perplexidade:

*Recolho-me
na insignificância do meu “Ser”
sou Ser ou coisa ?
Eis a questão,
a amarga questão.
Então, por que viver ?*

*se tudo é nada
se a vida é leve brisa
no calendário das tormentas infindáveis ?
A placidez de uma cova rasa
é o melhor lugar
é o tudo.
O deserto é o grão de areia
em átomo.
A morte no poema
é o sagrado lugar do poeta.
A vida
é a folha morta,
caída
no vendaval.
Eis a amarga questão.*

(Eis a amarga questão)

O poeta e ensaísta parecia ser um eterno cético, um homem amargo por natureza, um constante ofendido e desiludido da vida, perplexo e profundamente pessimista. Este o retrato que fica para quem apenas o lê. Procurou porém ele mesmo retirar essa impressão: “*Muitos a lerem estas linhas - escrevia ele em “Atrás das muralhas da razão” - julgarão o autor um enveredado pelas trilhas da traição, desiludido pela derrota, abandonado pela incompreensão. Mas não se trata disto ...*” - disse, mas no soneto “Prudência”, só fortaleceu o seu convicto amargor :

*Porque esta vida inglória é sempre
assim
desde que Sócrates bebeu cicuta.
desde que Abel foi morto por Caim*

Não obstante, essa imagem de amargura e de permanente perplexidade, que tão bem se mostra em seus escritos, era desmentida, por aqueles que com ele conviveram, no dia-a-dia do profissional da medicina, no cotidiano do pai e do amigo. A sua generosidade e grandeza d’alma foi bem retratada por um seu velho amigo. No necrológico que publicou, dias após a sua morte no suplemento literário do “Correio do Estado”, de Campo Grande, sob o título “Há um sol do outro lado”, Otávio Gonçalves Gomes, seu confrade na Academia Sul-matogrossense de Letras, escrevia: “*Hugo era capaz de se atirar contra uma arma engatilhada para defender um amigo ou um injustiçado; e igualmente, capaz de se comover até às lágrimas quando falava à bandeira da Pátria ou acariciava uma criança*”.

A compreensão dessa aparente ambivalência de comportamentos - o do poeta desolado em sua solidão íntima, do ensaísta amargo e desesperançado com o do cotidiano do homem generoso e lhano, do médico atencioso, do amigo correto que foi - dá-la o mesmo necrólogo: “*Hugo realmente era um temperamento contraditório. Um temperamental.*” - e, justificando-o, completa: “*Mas os poetas, os artistas, os sábios não são temperamentais ?*”.

Hugo Pereira do Vale publicou, em 1975, uma coletânea de poesias, a que deu o título de “Areias do deserto”. Um ano antes havia saído o ensaio “Atrás das muralhas da razão” e, em 1973, a biografia de Santos Dumont, “Glória dos cem anos”. Deixou inéditos os livros de poemas “Sapo Lua” e “Serenata”. Figura igualmente na coletânea “Poesia Matogrossense” de Hélio Serejo, publicada em 1960; na “História da Literatura Matogrossense” de Rubens de Mendonça (1970); na “História da Literatura Sul-matogrossense”, de José do Couto Vieira Pontes (1981) e n’ “A Poesia de Mato Grosso do Sul”, de Otávio Gonçalves Gomes.

É no poema, que possivelmente tenha sido o seu canto de cisne, que Hugo, quase que como numa espécie de testamento, realiza a sua autobiografia, define o seu destino enquanto poeta, desenvolve a sua funda crença religiosa e traça a elipse da esperança norteadora de sua vida terrena. Eis aqui o que julgo ser a expressão poética de seu epitáfio:

Os longos caminhos da morte

Andei pelos caminhos da morte.

Interessante

lá disseram-me

*que não eram caminhos da morte
mas sim caminhos da vida.*

Era uma longa estrada,

envolta tranqüilamente,

em a neblina da manhã

os campos estavam cobertos de

flores

a primavera orquestrava as horas

no canto dos pássaros.

Tudo era paz

os que ali encontrei

trabalhava na seara imensa

da grande colheita.

Os grãos eram de ouro

e a prata das águas

brilhava no fundo dos regatos

correndo sobre os seixos.

Informaram-me

que os homens não morrem

que a vida é um eterno renascer

para todos os mundos.

Não existem caminhos da morte

são caminhos da vida

que terminam jamais,

os caminhos que encontrei

conduziram-me

para a eternidade.

Ah! esta sim

tem todos os caminhos

que seguimos

onde quer que estejamos

Lá no fim da estrada

a vida e a eternidade

se encontram

e se confundem

na imensidão

do infinito azul.

Após “dois anos de sofrimento atroz, a doença venceu seu corpo”, escreveu Otávio Gomes, e no dia 20 de janeiro de 1.982 partia Hugo Pereira do Vale.

Sebastião Carlos Gomes de Carvalho

n.: Barra do Garças - MT. 20/05/1948

f.: Antônio Matias de Carvalho e Esmeralda Gomes de Carvalho

Advogado, Professor universitário e diplomado em História.

I - Membro das seguintes instituições:

Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso
Instituto Brasileiro de Direito Constitucional
Instituto dos Advogados Matogrossenses
Sociedade Brasileira de Direito do Meio Ambiente
Clube de Poesia - SP. (Sócio correspondente).

II - Atividade Profissional :

Advogado
Professor de Direito Ambiental (ex-Prof. de Direito Penal) na
União das Escolas Superiores de Cuiabá - UNIC.
Procurador da Assembléia Legislativa (ex-Procurador Geral e
ex-Consultor Jurídico da Presidência).

III - Alguns Cursos de Especialização Universitária:

1. Environmental Impact Assessment Program
- State University of New York / U.S. Environmental Protection Agency
Washington - USA
2. Especialización en Modernos Métodos Pedagógicos
(Micro Enseñanza)
- Ministério de Educación y Ciencia
Madrid - Espanha

A) LIVROS PUBLICADOS:

1. Dicionário Jurídico do Ambiente - Ed. Letras & Letras, São Paulo, 1991, 359 págs.
2. Introdução ao Direito Ambiental - 2ª edição - Ed. Letras & Letras, São Paulo, 1991, 329 págs.
3. Natureza - Ed. Letras & Letras, São Paulo, 1992, 123 págs.
4. A Natureza pede Socorro - 2ª edição - Edições Verdepantanal, Cuiabá, 1989, 197 págs.
5. Convergência - I (Estudos de Direito Ambiental, Filosofia da História e Literatura) - Ed. Amazônida, Cuiabá, 1988, 273 págs.
6. Hematopoemas - edição da Fundação Cultural de Mato Grosso, 1989, 70 págs.
7. A Arquitetura do Homem - Edições Matogrossenses, Cuiabá, 1980, 134 págs.

B) Organizador dos textos, seleção e notas dos seguintes livros:

8. Constituição do Estado de Mato Grosso, Leis Complementares e Legislação de Interesse dos Municípios - Edições CEJUP, Belém, Pa., 1993, 189 págs.
9. Legislação Agrária do Estado de Mato Grosso - Edições CEJUP, Belém, Pa., 1993, 128 págs.

C) Algumas Publicações Avulsas:

10. Congresso das Raças: Um manifesto por uma estética ecológica - opúsculo reproduzindo discurso de posse na Cadeira 40 da Academia Matogrossense de Letras, 1895
11. Direito do Ambiente e Sociedade - in: Revista do Curso de Direito da Universidade Federal de Uberlândia, MG, vol. 17, dez/1988
12. Fauna e Flora: Um Enfoque Ecológico - monografia premiada em primeiro lugar em concurso regional (GO. e DF.) promovido pelo Banco do Estado de Goiás, em 1973 - Publicada seqüencialmente em jornais do Estado de Goiás, 1973 e 1974.
13. A Missão dos novos bacharéis - opúsculo reproduzindo o discurso como orador oficial de sua turma de formando em Direito, 1978
14. História: Como e Para quê ? - Um aporte filosófico - ensaio publicado no Caderno Cultural do jornal "O Popular", Goiânia, 1973
15. Por uma nova Política Cultural - opúsculo reproduzindo discurso de posse na presidência da Fundação Cultural de Mato Grosso, 1987

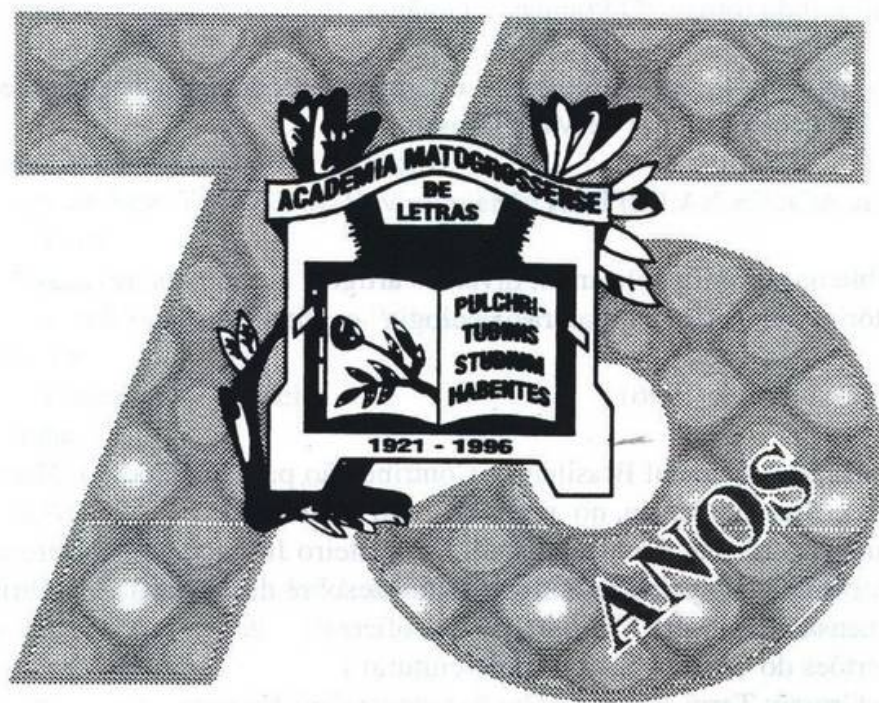
D) PUBLICAÇÕES NA IMPRENSA:

Publicou, e vem publicando, diversos artigos em jornais, revistas e publicações diversas sobre História, Filosofia, Literatura, Ecologia e Direito.

E) INÉDITOS - (maio/1996)

- * Legislação Ambiental Brasileira - Contribuição para um Código Nacional do Ambiente - (Leis e Jurisprudência, no prelo da Ed. Vozes, RJ.
- * Manual do Cidadão Ambientalista - Um Roteiro Jurídico para a Defesa do Ambiente
- * O Ambiente visto pelos Tribunais (Estudos sobre duas décadas de jurisprudências)
- * A Dimensão Ecológica (Ensaio jus-filosófico)
- * Os Sertões do Oeste (Ensaio sócio-cultural)
- * Mato Grosso: Terra e Gente - Um Estudo de Geo-História
- * Silva Freire: Uma Escritura Telúrica (Ensaio sobre o poeta matogrossense preparado para a revista da UNIC)
- * Cantares da Terra (poemas)
- * A Conspiração dos Poetas (poemas)

JUBILEU DE DIAMANTE





CASA BARÃO DE MELGAÇO